Historia do Café no Brasil

AFFONSO DE E. TAUNAY
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL

VOLUME SEGUNDO

NO BRASIL COLONIAL

1727—1822

(TOMO II)

Edição do
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ
Rio de Janeiro 1939

CAPITULO IX

Depoimentos coloniaes sobre a cafeicultura na Amazonia — O Padre João Daniel — O ouvidor Ribeiro de Sampaio — Considerações de Ferreira Reis. Depoimentos de Alexandre Rodrigues Ferreira

Vejamos, porém, alguns depoimentos antigos sobre a cafeicultura na Amazonia.

A Francisco Adolpho de Varnhagen se deveu a iniciativa de se encetar a publicidade de volumoso codice da nossa Bibliotheca Nacional o *Thesouro Descoberto no Maximo Rio Amazonas,* por elle feito inserir no tomo II da *Revista do Instituto Historico Brasileiro.*

Preciosissimo, delle dizia o futuro Visconde de Porto Seguro "obra gigantesca", Já uma parte, a quinta fora impressa na *Imprensa Regia* do Rio de Janeiro em 1820.

Relatava Varnhagen que os originaes ao seu dispor se compunham das quatro primeiras partes sabendo-se da existencia em Evora, da sexta, por informação do douto Joaquim Heleodoro da Cunha Rivara, bibliothecario da rica livraria eboracense.

A autoria de tal manuscripto é do jesuita João Daniel, durante dezoito annos missionario na Amazonia. Dalli partira preso para ser encerrado na fortaleza de São Julião da Barra de Lisboa, onde compuzera o manuscripto.

Em 1767, remettera-o a seu irmão, pae do bibliothecario Fr. Gregorio, franciscano. Este delle herdando, offereceu-o ao celebre arcebispo de Evora, Dom Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas.

Dahi a existencia naquella cidade, da sexta parte do *Thesouro. A Revista do Instituto Brasileiro* em vez de publicar a obra na integra, só inseriu a parte segunda nos tomos 2 e 3, em 1840 e 1841. E em 1878 (!) a sexta parte. Até hoje não sabemos se as demais partes foram impressas, mas pensamos que não.

A quinta, a que se imprimiu em 1820 constitue verdadeira raridade bibliographica. Cuida sobretudo dos meios necessarios á povoação e augmento do Rio Amazonas ("Amazonia").

"Depois de tratar dos cereaes e do incremento da cultura da mandioca, occupa-se, no capitulo II "de huma nova praxe para a cultura da maniba".

Aconselha ahi, aos apaixonados da farinha de pau, que dispuzessem de gente e arvores para a plantação da euphorbiacea a tratar de cacauaes e cafesaes "e mais plantamentos dos mais preciosos generos do Amazonas, porque só assim poderiam as colheitas annuaes pagar o insano trabalho dos roçados".

Documentando o caso, lembrava o Padre João Daniel que numa chacara da Companhia, onde se plantava mandioca, apesar de ter olarias, engenhos de aguardente, officinas de ferreiro, de tecelagem e fabricação de canoas, a exploração do cacaual e do cafesal apenas dava para as despesas. Annos houvera em que o saldo da fazenda apenas attingira um cruzado novo (480 réis).

"Se não tivesse o cacau, o café, e as officinas e só cultivasse a mandioca, onde ficaria a receita?"

Grande apologista da cultura do cacau, dizia o jesuita: "Será para todos hum bom thesouro e se não vejam: dado que cada anno façam do roçado duzentas braças para os plantamentos que se costumam da mandioca, arroz, milho, tabaco, convertidos os seus terrenos depois em plantamento de cacau disposto como costumava de dez em dez palmos, fazem o numero de quarenta mil pés e já nestas quarenta mil ficam quarenta mil cruzados."

Em dez annos, só em cacau, teria o agricultor quatrocentos mil cruzados de fundo. Mas o *theobroma* queria terras humidas e alagadiças, e as que tinham por baixo o barro tabatinga. Assim, nas demais fossem plantadas plantas preciosas como café, cravo, salsaparrilha puxeri, guaraná, canella. O melhor era ter lavoura variada como, por exemplo, cacau, café, cravo e salsa.

"Verbigratia," dizia nosso autor, dispondo em duzentas braças (em quadra) quarenta mil craveiros em áreas iguaes se disporiam outros tantos cafeeiros, canelleiros, fazendo assim hortenses aos mais preciosos haveres do sertão".

Recommendava João Daniel, e muito, tambem, a cultura do algodão. E reiterava as recommendações sobre o aproveitamento dos terrenos dos mandiocaes, respondendo ás obje-

cções dos que allegavam os fortes dispendios de custeio do cacaual.

"O trabalho dos roçados e da preparação do terreno é o mesmo que costumam fazer para as roçadas da maniba; está só a ponto na conservação do dito terreno, he o mesmo que costumão fazer para as roçadas; e fazem no terreno os plantamentos.

E assim não necessitão de mais gente e de mais operarios que os acostumados. A razão he que dão mais trabalho que lucro he tão futil como se dissessem que lucro de humana quantia he menos do que o trabalho que nella tem o quinteiro.

Porque demos que hum cacaual v. g. de mil pés só dá no anno cem arrobas de cacáo (ha annos em que dará para cima de seiscentas) he pouco lucro, para hum morador que com elle não gasta nada? He pouco sim, não a respeito do trabalho, mas a respeito da ambição com que logo os habitantes do Amazonas querem ser ricos no primeiro anno, embora que na Europa pedissem huma esmola para viver!".

O cafesal este era muito menos dispendioso, no dizer do jesuita. "As plantas do café ainda têm menos trabalho a se plantarem, e se conservarem, porque, a principio, basta se fazer a sua semeadura ou plantamento e sem precisão de pacoveiras nem vigilancia para diante do lagartão ou hervas de passarinho porque não tem esses inimigos.

Só si tem alguma impertinencia as suas colheitas em razão de ser mais miuda a sua fruta, e por ser necessario descascal-a o que costumão fazer em pilões.

Mas tão bem é trabalhado de pouca monta, que ninguem regista pelo custo, especialmente attendendo ao muito que fructifica, pois sempre está com fructo, hum já maduro, outro em botão, outro em flôr; emfim tudo vae da boa ou má semeadura".

No capitulo IV "De modo mais facil de se augmentarem as preciosas riquezas do Amazonas, com grande conveniencia não só dos particulares como de todo o Estado", trata o Padre João Daniel da questão dos transportes, capital, naquella immensa região lacustre.

Se os governantes da Amazonia quizessem ver em poucos annos augmentado o seu imperio, usassem de melhor economia: desterrassem de vez as canoas do sertão fazendo applicação dos Indios em quaesquer outros operarios para augmentar seus sitios e quintas e tornarem-nos em grandes fazendas.

Fizessem hortenses as riquezas das mattas e veriam como em seis annos seriam tantos os fructos e haveres do

Amazonas, que lhes não poderiam dar transporte os maiores barcos.

Incutissem aos moradores da região, seus jurisdicionados, boas idéas, e logo se veria aquella riqueza apontada e fatal, acompanhada de quietação, paz e socego com augmento dos brancos e dos indios do Estado .Não se empenhariam as casas dos particulares, não se arriscariam os seus gastos, não padeceriam os Indios e não se despovoariam as Missões: o empenhamento no cultivo da mandioca era absolutamente deploravel, clamava o bom jesuita.

Prohibidas as montarias ao sertão, medida essencial, deveriam os indios da repartição serem distribuidos pelos moradores, que não tinham escravos sufficientes, de accordo com as leis.

Mas bastaria que assim se procedesse até que houvesse um numero de braços sufficiente para se fazer em cada sitio, grande roçado, comprehendendo lavouras de milho, arroz, algodão, fumo e tambem alguma mandioca. Para isto, bastariam quatrocentas braças em quadra, o que tomaria sessenta dias mais ou menos.

E esperando a secca das madeiras derrubadas, os Indios machadeiros voltassem ás suas aldeias ou a prestar serviços a algum outro agricultor. Ou o primeiro fazendeiro os occupasse em trabalho para os ter promptos na occasião das coivaras, no caso em que as mattas não andassem bem, as quaes feitas e acabadas tambem as aldeias, o que tomaria quatro mezes. Emquanto estas cresciam, se faziam as searas, semeassem os brancos em grandes canteiros, ou por entre as searas, cacau, café, canella ou cravo.

Ao cabo de tres mezes, em que já taes searas estivessem de vez, procedessem a colheita. Para esta operação era sufficiente o morador e sua familia, se acaso não conseguissem adjutorio, ao passo que com a cultura do aipim tornava-se necessario ter sempre bastante gente. O algodão com a sua sombra, protegia os pequeninos cacaueiros, sem necessidade das bananeiras.

No anno seguinte, nova área de quatrocentos braças em quadra, seria preparada para os serviços dos cereaes, deixando-se ás primeiras para o cacaual plantado regularmente e já agora em condições de vicejar.

Com delirante optimismo, prophetisava o Padre João Daniel:

"Com esta industria podem continuar nos mais annos, emquanto tiverem terras; mas dou-lhes que só o façam nos

primeiros tres annos, sendo tudo cacau, e que reservem mais terras para sementeiras e sustento preciso: "Nos tres annos, sendo tudo cacau, fazem uma fazenda, que já dá cinco contos de réis, ou mais, de cacau, e já no quarto ou no terceiro para o quarto, hão de principiar a pagar as primeiras plantas e cultivar no sexto. Já todas as plantas dos primeiros tres annos hão de fructificar. Façam isto todos os brancos do Rio Amazonas, que eu lhes seguro riscos e inconvenientes das canoas do sertão e que já no sexto anno avultarão tanto as suas riquezas, que só lhes poderão dar transporte numerosas frotas.

Porém, para melhor seguirem essas riquezas, não seja só o seu cuidado para a cultura do cacau, mas tambem se estenda aos mais generos do Amazonas, v. g., occupando as primeiras quatrocentas braças do primeiro só cacau, no segundo roçado do segundo anno, café, no terceiro, cravo, no quarto, canella, no quinto, salsa, e assim pouco a pouco, e mais riquezas do sertão".

Nova serie de ponderações criteriosas expende o ignacino, sob fórma de advertencia ás autoridades. Assim, lhes suggere, além da prohibição das montarias ao Sertão, que se repartissem terras sob a promessa formal de sua utilização, fossem concedidos indios trabalhadores por prazo jámais excedido de seis annos, e isto mesmo pelo lapso maximo de tres mezes em cada um destes annos.

Fosse nomeado um superintendente geral desta repartição, exercendo-se severa fiscalização e concitando-se a observancia das leis agrarias.

Premios incentivadores dos esforços dos agricultores se concedessem, como, por exemplo, a esperança do alargamento das concessões territoriaes. Afinal, que se obrigasse os maus lavradores a renunciar ás terras se, ao cabo de seis annos, as deixassem incultas, dando-se as a quem as poudessem cultivar. Assim, se reprimiria a singular ambição dos individuos que pretendiam ter latifundios por mera vaidade, deixando enormes tratos de terra inteiramente desaproveitados.

A experiencia da longa estada no Amazonas levava o Padre João Daniel a ultimar os seus considerandos por um conselho aos lavradores.

Fossem as terras firmes e altas, reservadas ao cravo, a salsa, a canella, as mais humidas ao cacau; as alagadiças aos cereaes, embora optimas tambem para a theobroma. Mas, muito mais adequadas ao arroz, como se comprovava da existencia de enormes arrozaes nativos nos lagos da Amazonia.

Tratando do café, expendia o jesuita:

"A planta do café foge dos alagadiços, e quer terra secca, e he huma das mais estimadas plantas pelo muito que carrega, e fructifica logo no segundo ou terceiro anno, e, por isso, deve levar huma das primeiras attenções aos lavradores do Amazonas; nem para se colher he necessario apanhal-o das arvores. Basta conservar-lhe limpo o terreno e de quando em quando varrer, alimpar do chão os fructos cahidos e, deste modo, se fazem com mais facilidade as suas colheitas".

Como vemos, era o custeio do cafesal recommendado sob a fórma dos mais rudimentares processos.

Ultimando as suas instrucções, lembrava o loyolista aos confrades, e a todos os missionarios em geral, que elles proprios tratassem de fazer plantações desses generos coloniaes, procurando, por exemplo, logo encetar as lavouras numa área de mil braças quadradas.

Não tivessem o minimo receio de que, ao cabo de tres ou quatro annos, lhe faltassem haveres com que poudessem fazer seus provimentos e acudir ás necessidades dos indios. Com os recursos da nova industria, muito mais vantagens teriam do que com as montarias do sertão, cujos productos sahiam muito caros aos pobres autochtonos e eram muito contingentes.

Embora só incidentemente cuida o Padre João Daniel da cultura cafeeira na Amazonia, não deixa de ser documento de notavel importancia para o estudo da propagação da rubiacea no Brasil este opusculo da quinta parte do *Thesoureiro descoberto no rio Amazonas,* escripto, sobretudo, com o fito de se fazer a propaganda da lavoura do cacau e combater a da mandioca, que devia ser desterrada do Amazonas como mais perniciosa que util aos seus habitantes.

Contra essa, lançava o nosso autor sete argumentos, ao seu ver, capitaes.

Curiosas as restricções do missionario, inimigo acerrimo da farinha de pau.

Terminando as objecções dictadas por tal antagonismo e certo de que eram convincentissimas, irrespondiveis, exclamava: "Vejam se não merece a farinha de pau huma total deixação para sustento ordinario!"

"Bastava que de tão perniciosa lavoura ficasse o pouco necessario para amostra de alguns escaldados e alguns outros usos extraordinarios."

Pouco se tem publicado sobre o café no territorio do immenso Amazonas, quer quando dependencia do Pará, quer depois de constituida a Capitania de São José do Rio Negro.

Na excellente *Historia do Amazonas,* por Arthur Cesar

Ferreira Reis, obra realmente digna de apreço, colhemos alguns dados, dos que foram colligidos, com o maior afinco, pelo erudito autor, em differentes pontos.

A agricultura, nos tres primeiros decennios da capitania, continuação da que os carmelitas iniciaram, teve regular desenvolvimento devido, principalmente, ao incitamento do ouvidor Sampaio e do general Pereira Caldas. Constava de anil, café, tabaco, algodão, cacau, arroz, milho, feijão, canna de assucar e maniba. Dava para o consumo interno. Do café, anil, cacau e tabaco, os colonos faziam alguma exportação para Belém. Em 1785, seguiram para Lisboa 13 arrobas e 9 libras de anil; em 1786, 80 arrobas; em 1787, 180. Em 1785, foram exportados, para Belem, 1.200 arrobas de café e 1.600 arrobas de tabaco, cultivado em Serpa, Borba e povoações do Rio Negro.

O ouvidor Ribeiro de Sampaio recenseou, em 1775, a producção da Capitania, encontrando estes algarismos: — 12.086 ½ arrobas de cacau, 470 de café, 295 ½ de salsa. Havia 220.920 pés de café, 90.350 de cacau, 47.700 de tabaco, 870 de algodão. Alexandre Rodrigues Ferreiras, só em cinco pontos do Rio Negro, em 1787, verificou 810 arrobas de café, 295 de cacau, 29 de algodão e 176 de tabaco. A cultura da terra, assim emprehendida, lutava, no emtanto, com varios embaraços, que, na observação do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, eram a resultante da indolencia dos nativos, de hostilidade do gentio, da falta de braços, da preoccupação constante de colher os productos naturaes, mais conhecidos por drogas do sertão, da prosapia dos portuguezes, que se não baixavam a taes mistéres, da ignorancia dos bons methodos e de outras de menor importancia.

Optimo quadro, e o mais suggestivo, dá-nos o escriptor amazonense tão versado nas cousas da sua terra, das condições do commercio e da industria do Amazonas, no ultimo quartel do seculo XVIII:

"A industria, de lado o fabrico de tecidos de algodão, que o general Pereira Caldas criou, era toda manufactureira. Reduzia-se ao preparo da manteiga, das banhas e dos ovos de tartaruga, occupação da gente do Solimões, porque prohibida, terminantemente, com as especies da Rio, Branco, de accordo com o bando de Tinoco Valente, em 1778, á salga do pirarucú; a objectos de louça, confeccionados nas quatro olarias que funccionavam no Logar da Barra, em Moura, Barcellos e Poiares; a pães de guaraná, trabalhos dos Maués; á aguardente de canna e mel, obtidos em toscos engenhos; a rêdes de algodão o de folhas de Miriti; a cujas, chapéos de palhinha,

ralos, tintas de carajurú e caápiranga, farinhas, feculas de anil, produzidas em varios estabelecimentos montados no Rio Negro.

O commercio operava-se em larga escala. A Capitania importava de Belém pannos de algodão, arroz sabão, azeite de andiroba, aguardente comestiveis. Fazendas e utensilios domesticos vinham do reino. Exportava os productos de sua lavoura e industria e as taes drogas do sertão — breu colhido em Ayrão, salsa dos affluentes do Rio Negro, piassava do Mariá, Ixié e Curicuriaá, muirapinima, murapiranga, páo roxo, páo amarello, puxuri, balsamo de umeri.

O breu chegou a valer $640 a arroba, depois de purificado; a salsa 6$000; o puxuri, 6$400; o pote de manteiga de tartaruga, 1$000 em Barcellos e 3$000 em Belém; as manqueiras, quando enfeitadas, até 8$000; os ralos, $160 cada um; os pães de guaraná, 1$000 por libra; o tabaco, 4$000 a arroba; o café, 2$600 a arroba.

Esses productos eram levados a Belém em botes de meia coberta, gastando na viagem entre trinta a quarenta dias. Empregavam-se outros typos de embarcação, mas para o transporte de passageiros. Com Matto Grosso, o commercio não tinha grande animação, porque Cuyabá mantinha relações directas com Belém. Restringia-se, por isso, ao guaraná.

O caminho continuava sendo o Madeira. As difficuldades apresentavam-se innumeras no trecho das cachoeiras; os negociantes gastavam-se cerca de quatro mezes para transpol-as. A carga das canôas lá eram alliviadas em varios pontos e transportada por terra.

Tambem naquelles immensos territorios não .havia senão um minimo esboço de povoamento.

A população da Capitania constava de indios, a maioria, portuguezes, paraenses, maranhenses, africanos e mamelucos. Os portugezes, porção pouco elevada, do Minho, Algarves, Traz os Montes, Alentejo e Entre Douro, tinham chegado nas commissões de limites: paraenses e maranhenses, eram commerciantes e sertanistas; os africanos constituiam a porção mais insignificante; os mamelucos resultavam do cruzamento entre brancos e indios, protegidos pelo alvará de 4 de abril de 1758. Ribeiro de Sampaio, em 1775 especificava assim a população: 936 brancos, 193 africanos, 10.620 indios aldeiados. Barcellos contava 161 moradores brancos, 56 africanos e 725 indios.

Essa gente toda alimentava-se da caça, da pesca e dos productos naturaes, que os indios ensinavam a aproveitar em

vinhos saborosos. A cozinha européa desprestigiava-se dia a dia.

A vida da capitania concentrava-se, por assim dizer, no rio Negro, mormente em Barcellos. As villas dos outros rios prosperavam lentamente. No valle do rio Negro, em 1725, contavam-se 6.934 almas; no baixo Amazonas, 909; no Solimões, 3.532; no Madeira, 365. O Logar da Barra sahia da obscuridade, crescendo desde a sexta decada do seculo XVIII, com o contingente trazido do Ixié, pelo principal Mathias da Costa, e o do criminoso Manoel Dias Cardoso, que, uma vez perdoado por D. José I, alli se veio estabelecer, em companhia de duzentos indios obedientes á sua palavra.

Nome de grande prestigio entre os dos antigos viajantes portuguezes da Amazonia, é o do ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que fez dilatadas viagens pelos grandes rios da immensa bacia do Rio Mar, e deixou-nos preciosas notas sobre estas jornadas.

Irrita-se Pinheiro Chagas porque o Instituto Historico Brasileiro fez incluir Ribeiro de Sampaio entre os nossos compatricios illustres. Assim sendo, observa, Alexandre de Gusmão não deve ser tido á conta de brasileiro e sim de portuguez, visto como sempre viveu em Portugal, onde tanto se salientou.

Deixemos de lado, porém, estas trivialidades e vejamos quem era o illustre magistrado itinerante.

Nasceu Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em Miranda do Douro, a 12 de agosto de 1741, sendo filho do capitão de ordenanças Luiz Ribeiro de Sampaio. Seguiu o curso da universidade de 1757 a 1762, anno em que se formou na faculdade de leis. Leu no desembargo do Paço, em 1764 e em 1767 foi despachado juiz de fóra e provedor da fazenda real da capitania do Pará, logar que exerceu até 1772 anno em que foi despachado ouvidor, provedor da fazenda real e intendente de agricultura da comarca do Rio Negro, onde esteve até 1779, voltando á Europa, no principio de 1780. Obteve, então, ser despachado provedor da comarca de Miranda do Douro, criando ahi a conservatoria da fabrica de sedas de Bragança e formulando o seu primeiro regulamento.

Em 1749, foi despachado desembargador da Relação do Porto, e, em 1800, entrou para desembargador da Casa da Supplicação. Elegeu-o seu socio a Academia Real de Sciencias de Lisboa. Morreu entre os annos de 1812 e 1814.

A unica obra que publicou foi em 1780, uma memoria sobre as ruinas do Mosteiro de Castro d'Avelans.

Deixou grande numero de obras manuscriptas. Destas publicaram-se posthumas as seguintes, que nos interessam especialmente:

Diario da viagem que, em visita e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro, fez sendo ouvidor e intendente geral da mesma capitania nos annos de 1774 e 1775 (Impressa em 1825).

Appendice ao mesmo diario:

Extracto da segunda viagem em visita é correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro, fez como Ouvidor e Intendente geral da mesma capitania nos annos de 1772 e 1774. (Sahiu na Revista do Instituto Historico Brasileiro, tomoI).

Relação Geographica e historica do Rio Branco da America Portugueza, que compoz, sendo Ouvidor da Capitania de S. José do Rio Negro (no tomo 13º da mesma revista).

Mostra em todas estas obras, grande erudição, principalmente em jurisprudencia e nos *Diarios* das viagens conhecimento exacto das terras brasileiras.

A 3 de Agosto de 1774, sahiu Ribeiro de Sampaio Barcellos, Rio Negro abaixo, passando por Poiares, Carvoeiro e Moura.

A 13 de Setembro, seguinte, setava em Silves, no formoso lago de Saracá, acerca do qual escreve:

"Pelo lago estão semeadas muitas ilhas de terra firme, e elevadas, por cuja causa fazem elegante perspectiva. Em huma dellas, á raiz de huma collina, está situada a villa, olhando para o oriente. Estende-se por toda a sua elevação, e quasi rodeada de agua. Superior lhe fica outra collina mais elevada, que por estar estofada de altos e espessos bosques, lhe fórma agradavel corôa. São estas ilhas fertilissimas para todo o genero de plantações. A que mais se dedicão os seus habitantes he o tabaco, que passa por excellente. O algodão lhe finissimo. As margens dos seus canaes serião proprias para o cacao e café, plantações até aqui desprezadas, mas que agora principião a cultivar; porto que não terão grande augmento, até que se não extingua o gentio Mura, que costuma assaltar as rossas das visinhanças. Tem sómente hum desconto a terra que he a formiga, que costuma destruir as lavouras feitas nas capoeiras, isto he, nas terras, em que já se cortou mato tem novamente crescido."

De Silves foi a Serpa, subindo pelo Madeira até Borba.

Do grande affluente meridional do Amazonas diz que seu verdadeiro descobrimento fôra feito por Palheta em 1725.

Voltando ao Solimões, attingiu a foz do Purús, vendo muitos caucauaes sylvestres pelo percurso.

Navegou Ribeiro de Sampaio até Tabatinga e suas paginas estão apinhadas de informes preciosos e pitorescos.

Quando esteve entre os cambebas aldeidos em torno de S. Paulo de Oliveira, annotava:

"Dos Cambébas aprenderão as mais nações, e igualmente os do Pará, a fabricarem a celebre gomma, ou resina elastica, chamada vulgarmente leite de seringa, porque daquella gomma se fazem; e tambem outras obras, como botas, sapatos, chapéos, vestidos, etc., que tudo he impenetravel á agua.

Chegado á Fortaleza da Barra do Rio Negro, cellula mater da cidade de Manáos, seguiu o ouvidor para Moura, da qual diz:

"Compõe-se esta villa das nações Manáos, Carayás, Coeuana e Juma, e de varios moradores brancos, que se applicão á cultura do café e cacáo, sendo ella huma das mais bem povoadas desta capitania. Destas nações he muito famosa a Carayás, antigamente guerreira, antagonista da nação Manôa."

Do Rio Negro passou Sampaio ao Rio Branco, e, a tal proposito, escreve umas paginas sensatas e interessantes sobre o El Dorado, da qual acaba affirmando:

"Em fim, o lago Dourado, se existe me persuado, que lhe somente, nas imaginações dos hespanhoes, que tenho noticia certa ainda actualmente fazem diligencia pelo achar; mas, na verdade, esta materia só deve ser tratada pelo modo allegorico e ironico, com que della escreveo hum author famoso Mr. de Voltair (sic): *Candide ou l'Optimisme.*

Voltando a Barcellos, que então era a capital da Capitania, cruzou por Moreira, á margem do Negro. A tal proposito escreve:

"A' uma das tarde de 17 de fevereiro (de 1765) chegámos ás terras firmes que principião a elevar-se pela sua margem meridional, e na verdade são muito agradaveis por todas estarem cheias de rossas, que continuão até o lugar de *Moreira,* ao qual chegamos pelas oito horas da noute.

Occupa este logar huma bellissima situação na mesma margem austral o Rio Negro. Concorre para a fazer vistoza a largura do rio despido de ilhas.

He habitado de muitos moradores brancos, que se aplicão á cultura do café e cacao, de que já tem bem estabelecidas fazendas. A's nações de indios que o habitão, são Manáos e Baré. As terras das suas vizinhanças são tambem muito proprias para a mandioca; posto que presentemente huma incrivel

multidão de porcos do matto destruisse quasi inteiramente as rossas sem se lhes poder atalhar."

Pelas oito da manhã de 19 diz Sampaio: "Sahimos deste lugar, e continuamos a viagem seguindo a dita margem austral, tambem muito vistosa, por se achar, cheia de fazendas de café, e cacáo; depois de meio dia deixamos a margem, e entramos a navegar por hum canal de rapidissima correnteza.

Tinhamos deixado a mesma margem o rio Uarirá, que tem as suas fontes proximas ao rio Japurá, e he composto de muitos e extensos lagos. Foi antigamente habitado da nação Manáo, e daqui principiava a estender-se por huma e outra margem do rio até á ilha de Timoni.

Com feliz viagem, continuada ainda por entre ilhas, chegamos ao meio dia á villa de *Thomar*.

Em Thomar muitos moradores brancos se applicavam a "lucrosas culturas de café e cacáo."

Da grande figura de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) muito já se tem dito, mas ainda não ha obra publicada que, realmente, traduza a altura exacta dos meritos no naturalista illustre para quem tão madrasta foi a sorte. Tornou-o o Destino victima de clamoroso caso de *sic vos non vobis,* como é demais sabido, em virtude do que lhe trouxe a invasão franceza em Portugal, no anno de 1807, e a falta de consciencia de Geoffroy Saint Hilaire.

Da valor deste scientista largamente se occupou Gœldi e ha magnifica synthese na noticia que o douto Rodolpho Garcia lhe consagrou em sua *Historia das Explorações scientificas no Brasil.*

Referindo-se á demarcação das fronteiras hispano-americanas da America do Sul, escreve:

"Ao expor summariamente os memoráveis serviços que os demarcadores prestaram ás Sciencias em fins do seculo XVIII, somos levados a relatar, de igual modo, trabalhos da outra expedição scientifica, que, coetaneamente operou na bacia amazonica.

Referimo-nos ás explorações que o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira levou a effeito de 1783 a 1792, "em continuas e perigosas viagens pelas dilatadas capitanias do Pará, Rio Negro e Cuyabá, conforme reza a portaria de 8 de Julho de 1794, em que D. Maria I lhe fez donativo do habito de Christo com 60$000 de tença.

Era o primeiro vassallo portuguez, salienta a mesma portaria, que exercitava a empresa de naturalista, encarregado de observar, acondicionar e remeter para o Real Museu da

Ajuda os productos dos tres reinos, animal, vegetal e mineral, sendo igualmente incumbido de todo o genero de observações philosophicas e politicas sobre as differentes repartições e dependencias da população, agricultura, navegação, commercio e manufacturas."

No *Diario da Viagem Philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro com a informação do estado presente,* da autoria do emerito bahiano encontramos diversas referencias ao café, algumas de alta importancia.

Escrevendo de Barcellos, sobre o Rio Negro, a 17 de janeiro de 1786, dizia:

"A agricultura dos indios consiste em maniba e algum café; assim esta gente não é tão falta, como se pensa, das idéas de interesse.

O ponto está além da nossa parte sabermos fomental-as.

Vêm que o café é genero lucrativo para os brancos, e elles, que já hoje estimam a camisa de bretanha com punhos, o calção de tafetá encarnado, o chapéo á nossa moda, sob pena de não irem á missa nos dias do preceito, quando se envergonham de não terem a tal farça, elles digo eu, não deixam de trabalhar o que podem, e o que se lhes permitte, para a adquirirem.

Fallo dos indios aldeiados nas povoações aonde nasceram, e observaram desde pequenos a policia portugueza. Os moradores brancos avançam a algum cacáo, arroz algodão, milho, feijão, etc., o consumo, porém, de suas lavouras consiste igualmente na maniba e no café.

Nas terras da costa frontiera é, que cultivam o cacáo, porque nellas tambem é, que se dá melhor.

Comtudo, passados dois annos, sobrevem o lagartão que o mata; a maniba, o arroz, e o milho dão-se bem e o café nasce, cresce, e fructifica, mas não tanto como em outras partes esta qualidade de terra é de sua natureza alagadiça; as aguas das chuvas ficam nella estagnadas, e conservando-se alli, tanto pela natureza da argila, como pela posição do terreno, vão apodrecer as raizes da planta.

Donde se seguio, que não só o café, mas tambem a maniba do anno passado, foram colheitas menos vantajosas; porque João do Rosario, que no outro anno havia colhido 52 arrobas de café, no anno que findou apenas colheu 10, Joseph Estevam de Brito, que havia colhido 20, então colheu 10, Custodio Maximo, que tinha colhido 16, então colheu 9.

Ora, ainda que a chuva, demasiada e intempestiva, não obrasse immediatamente sobre as raizes das plantas como deve

obrar nas terras alagadiças, e como provam que obrara as poucas raizes de maniba, de outros modos diminue a fructificação; apodrecendo os rudimentos dos fructos minados quebrando os pedunculos das flores, e levando o polen que vivifica o fructo.

A mesma terra, que no inverno é alagadiça, com o sol do verão esgreta, e se atorroa, e só á força de braços ou de instrumentos, que não ha, se esboroa e se mobiliza. Para evitarem o demasiado calor, costumam abrigar os cafezeiros á sombra dos ingazeiros.

O arroz por outra parte padece o inconveniente de ser devorado pelas araúnas, que são certos passaros como os melros do reino.

O expediente, que lá tomam os lavradores, nem se pratica nesta colonia, nem ha forças nem autoridade prudencial bastante para obrigar aos brancos misturados com os indios, a que obrem como brancos e não como indios. Occasiões tem havido, em que as mesmas roças de maniba tem sido destruidas afinal por uma innumeravel multidão de porcos, que alli chamam taiaçús.

A somma total da colheita do anno passado, consta do segundo mappa junto; nem ha homens nem animaes para as lavouras; pela primeira vez que estive na povoação, haviam apenas duas vaccas, um garrote e um carneiro, que bem perseguidos eram das onças; o mato está longe da povoação, e as onças tão pouco atrevidas, que não ha muito tempo que os rapazes deram fé de uma, que estava de noite á porta do director. Já agora em Janeiro ficavam recolhidas onze cabeças que eram dos moradores, e estavam na villa de Thomar.

O meu juizo a respeito da agricultura do logar é, que o que a terra póde produzir de maniba, arroz, feijão, e milho, e ainda de algodão e café, é sem conta, mas o que de facto, produz é muito pouco, porque o trabalho a fazer é muito, e a preguiça muito mais; porque os esforços dos que não são preguiçosos encontram a falta de braços do que necessitam; porque dos pretos, que entram no Estado não se fiam alguns aos lavradores capazes de os pagar, como Vossa Excellencia fez, fiar, para esta capitania, durante o seu governo, no intuito de promover a cultura e manufactura do anil; porque os poucos indios, que ha são incessantemente distrahidos para o serviço das expedições regias; porque os que nellas andam empregados, e nellas dezertam ou morrem, não são substituidos por outros novamente descidos."

Pensavam aliás os moradores que lhes valia muito mais

a pena a cultura do arroz, do café e do algodão do que a do anil.

Aliás a grande lavoura da zona era a da mandioca. Em Thomar, cultivava-se café, pouco cacau, poucos cereaes. O café produzia bem e os cacaueiros, quando chegavam á altura de seis palmos (1m,32) o lagartão os destruia.

O café carregava bem quando a estação lhe era favoravel. Em 1784 correra mal. Em Larnalonga um Domingos Vaz Nogueira possuia soffrivel cafesal, os indios dispunham de um ou outro cafeeiro, os cereaes eram "mera curiosidade dos moradores."

Officiando de Barcellos, a 19 de fevereiro de 1786, relatava Ferreira que o director da aldeia india de S. Isabel a que visitava "chorava não ter gente para empregar na extracção e na cultura do cacau."

"Nenhum chora portanto por não ter plantado na sua povoação o arroz, o anil, o algodão, e o café, que forçosamente havia de recolher, nenhum diz, que, si mais gente tivera, mais augmentada estaria a agricultura deste ou daquelle genero e todos reclamam a uma voz, que quanto mais houvesse toda era pouca para a empregarem no negocio do sertão. Ora, a este respeito eu me não posso conter, que não desabafe com Vossa Excellencia, dizendo o que sinto."

Curiosas as razões do desejo do homem de espirito superior que era o naturalista:

"Digo, pois, que as drogas do sertão são para o Estado do Pará o mesmo que as minas têm sido para Portugal."

"Em um reino como era o nosso, antes dos gloriosissimos reinados, passado e presente, pode-se dizer, que, quasi todo repartido em claustros para celibatarios de ambos os sexos, dos quaes não se esperavam, nem se deviam esperar progressos na povoação.

Em um reino, em que o desprezo da arte de viver, cada um pelo suor do seu rosto e pelo trabalho das suas mãos, particularmente nas manufacturas, não só difficultava a subsistencia de muitas familias estabelecidas, mas passava a fazer odiar o estado do matrimonio como onerozo, pela obrigação de sustentar os filhos; dando-se por felizes, e mil vezes afortunados, os que eram casados, e não os tinham.

Em um reino, que sim, tinha lido e concebido os planos que dictaram a caridade e o patriotismo das outras nações, para cada uma em si vigiar, quanto pudesse, sobre a conservação das vidas confiadas á roda dos enjeitados, mas que

ainda não tinham esgotado todas as providencias para salvar das garras da pobreza e da necessidade.

Em um reino, que, anualmente, se estava esvaindo da substancia mais preciosa que devia aproveitar, suspendendo a emigração dos vassallos, que deixava expatriarem-se desamparando a metropole e suas provincias, para povoarem as conquistas de ambas as Indias; e da Africa; e em um reino finalmente, que, desde o reinado do Senhor Dom Manoel, tinha feito quanto podia por debilitar as suas forças, transportando cada anno mais e menos numero de gente, que comprehendia, ora os que iam alistados para servirem na guerra, e ora os degredados por delitos; neste reino digo eu, que pelas causas ponderadas já hoje se acha tão despovoado quanto é facil de se ver no reino dos Algarves e no Alemtejo, e em boa parte da Beira, se mania alguma existia, e existe mais universalmente recebida, era, e é a virem todos, si possivel fosse, cavar o ouro ao Brasil."

A industria extractiva pela qual os habitantes da Amazonia sentiam o mais vivo pendor atrophiava a lavoura.

O cacau baixara immenso de preço. Já se vendera a 4$800 por arroba e decahira, lenta e acentuadamente, para 4$000, 2$500, 1$000 e agora a 960 réis e em 1783! a Companhia Geral do Commercio entendera valorizar o producto pagando 1$500 por arroba.

Provera a Deus que assim tivesse feito em relação ao café e ao anil!

"Que não é por falta de ordens, e de instancias da parte de Vossa Excellencia a este respeito, evidentemente o mostra a carta de 9 de Setembro de 1733, dirigida ao Dr. Ouvidor intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, a quem Vossa Excellencia, depois de lhe significar o quanto era precioso o café da capitania, recommendou:

"Que pois era fructo, que se não produzia incultamente no matto do sertão, deveria cuidar de o fazer plantar, e cultivar, regulando as plantações pela propriedade das terras, não só para a cultura do café, mas tambem para a do anil, porque do abuso desta lei da agricultura succedia todos os dias, que, não correspondendo as terras ao desvelo e trabalho dos lavradores, as abandonavam por inutil, vendo que não pagavam as suas fadigas, ao mesmo tempo que se lhe proporcionassem as sementes ás suas qualidades, ficariam abundantemente recompensados os agricultores; donde collijo, que aos incorrigiveis directores, devem as povoações do Estado uma grande parte

do seu atrazo; assim como das suas absolutas procede o desgosto, a deserção, e diminuição dos indios das povoações."

No final da carta ha a preciosa versão nova sobre o introductor e o modo da introducção do café no Pará, que jamais vimos citada e já o leitor conhece.

Prosseguindo em seu relatorio, dizia Alexandre R. Ferreira que em S. Gabriel, no Alto Rio Negro, recommendara ao Tenente Marcellino Joseph Cordeiro que plantasse café e algodão em abundancia. As terras para tal pareciam alli muito propicias.

A 31 de outubro de 1786 e ainda de Barcellos, a partir para o Rio Branco, ainda allegava Alexandre R. Ferreira ao Capitão General João Pereira Caldas, quanto a seu ver devia a capitania do Rio Negro esforçar-se sobretudo, por produzir anil, café e fumo. Ao cacau não se mostrava muito favoravel o clima, ao passo que o "café era prestante e o anil bom" generos ricos a serem acoroçoados, mas methodicamente, afim de se lhes impedir a super-producção.

A cultura do café era a mais irracionalmente feita:

"Cultivam, como disse, o Café, a Canna, e o Tabaco, e nem a este, nem aos outros Lavradores, renderia o Café coisa alguma (attendida a pratica de o disporem, e recolherem), a não ser tão fecundo o terreno.

Os cafezaes do costume são uns intrinçados labyrinthos de ramos de uns entrelaçados com os de outros.

Plantados muito juntos e quando muito arruados, nenhum os separa quanto deve, e muito menos os decota até os deixar na altura somente de a mão se colherem os fructos maduros sem desperdicio dos verdes; as indias convellem os arbustos, para lhes sacudirem os *fructos; das acções que lhes dão procede cahirem os verdes e os maduros."*

CAPITULO X

A cultura do café no Maranhão — Insignificancia desta lavoura — O café no Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas e Sergipe

No Maranhão, jámais se desenvolveu a cultura do café. São escassos, aliás, os dados que sobre tal assumpto existem referentes á época colonial.

O que de mais extenso se conhece insere-se na obra, sobremodo rara, de Gayoso, livro do primeiro quartel do seculo XIX, hoje se não verdadeira raridade bibliographica, pelo menos livro muito escassamente encontrado em casa de livreiros antiquarios. Chamou-nos Rodolpho Garcia a attenção para tão preciosa fonte.

E' curta a biographia de Raymundo José de Souza Gayoso, ou pelos menos poucos dados pôde Sacramento Blake conseguir a seu respeito.

Dil-o nascido em Buenos Aires em 1747, filho de João Henrique de Souza, nome a nós desconhecido, cavalleiro professo na Ordem de Christo, ajudante do thesoureiro-mór do real erario em Lisboa.

Educado em França e na Inglaterra, foi homem de conhecimentos variados. Viveu assaz longamente no Maranhão, em Caxias, de cujo regimento de milicias era tenente-coronel, e falleceu naquella capitania em 1813 e na villa do Rosario.

Publicou-se de Gayoso o *Compendio historico politico dos principios da lavoura do Maranhão. Suas producções e progressos, que tem sido até ao presente, entraves que a vão deteriorando e meios que tem lembrado para desvanecel-os me augmento da mesma lavoura e sem prejuizo do real patrimonio. Consagrado á saudosa Memoria do Muito Alto e muito poderozo Senhor Rey de Portugal Dom José Primeiro, Verdadeiro creador da lavoura e do commercio desta capitania.*

Paris. Na Officina de P. N. Rougeron, Impressor, rue de l'Hirondelle n. 22. MDCCCXVIII.

Publicação posthuma foi este livro impresso pela viuva do autor, D. Anna Rita de Souza Gayoso.

Começa a obra por grande panegyrico de D. José I, a que se segue uma parte geral com um bosquejo da historia maranhense. Quadro estatistico interessante é este:

Mappa comparativo das Producções da Ribeira de Itapicurú, de 1801 a 1805:

	Algodão (*fardos*)	*Arroz* (*alqueires*)	*Farinha* (*alqueires*)
1801	50.266	32.106	22.549
1802	50.579	41.447	18.447
1803	48.430	50.974	19.621
1804	48.228	24.740	17.403
1805	50.193	60.197	19.540

Ao lado destes numeros avultados, os da producção de café vem a ser, por assim dizer, inexistentes.

	Producção (*arrobas*)	*Exportação* (*arrobas*)
1801	15	1,3 !
1802	2	2,3 !
1803	8	!
1804	4	4,2 !
1805	—	

A população do districto era de 13.672 almas, das quaes 11.775 escravos.

Produzia elle ainda fumo, goma, atanados, couros, madeiras e outros artigos de menor importancia. Interessante este quadro da exportação de São Luiz para Lisboa:

ANNOS	*Nav.*	*Alg.*	*Cacau*	*Arroz*	*Gengibre*
1760	3	651	—		3.202
1761	4	1.928	66		4.743
1762	4	2.181	147	·	5.969
1763	5	3.659	88		4.668
1764	5	3.549	144		
1765	8	7.521	54		446
1766	7	11.225	36		
1767	8	12.705	201	2.817	538
1768	9	23.810	153	285	495
1769	10	25.473	182	225	403
1770	7	15.576	72	554	23
1771	1	4.055	262	523	594

Exportavam-se ainda: sola, atanados, cravo, fumo, tapioca, ambar, anil, sebo, cera, lona de algodão, copahyba, madeiras, tartaruga. De café apenas em doze exercicios 7 arrobas e 4 arrateis!

Fizera-se a exportação de São Luiz, em 1782, por meio de 22 navios, transportando:

Algodão	49.756 fardos
Arroz	164.510 saccos
Gengibre	2.355 arrobas
Cacau	312 arrobas
Goma	482 arrobas
Atanados	10.797 peças
Couros	21.003 peças
Vaquetas	4.550 peças
Café	14 arrobas
Assucar	0 arrobas

Fôra o valor da importação 511:280$691.

Em 1788 attingira o total da exportação a 687:746$788, dos quaes pertenciam:

Ao algodão	481:577$341
Ao arroz	176:939$207
Ao café, 30 arrobas	150$000

De 1805 a 1812 continuou enorme a predominancia do algodão e do arroz.

Em 1783 entraram no Maranhão 1.602 africanos, vendidos de 200$000 a 40$000, num total de 175:738$000.

Escrevia nosso autor:

"O café he presentemente hum objecto de tanto consumo que julgo interessar a curiosidade dos meus leitores, dando-lhes algumas noticias sobre a introducção desta planta, particularmente podendo ser este genero hum objecto de nova cultura para esta capitania.

Não havia dois seculos quando a Europa mal o conhecia. Era originario da Arabia Feliz, propagara-se pela Ethiopia e a Persia. Relatando a lenda do cabreiro observava Gayozo que era ella.

"Conto mais proprio para adormecer crianças do que para interessar hum filosofo."

As plantações de Batavia davam máo producto e no emtanto dellas provinham os primeiros cafés da America.

"He de admirar que se ignorasse tanto tempo o uzo que fazemos do café, ao mesmo tempo que vemos tantas nações grosseiras fazer uzo de mil differentes bebidas torrando as favas, o milho porque se desprezariam semelhantes experiencias como o caffé, o qual ainda mesmo cozido, quando se colhe, faz huma bebida que não he totalmente desagradavel."

"Não acho arestos que me dem a introducção nos nossos estabelecimentos desta planta.

O Pará he a capitania onde ha maior esta producção, e julgo com algum fundamento que as sementes viriam de Cayana, porquanto consta da historia de França que hum encarregado dos negocios desta côrte, em Amsterdam, tivera a arte de adquirir de hum jardim particular algumas sementes que mandou para Paris, onde não produziu. Porém escapando hum pé no jardim de Mrs. Reston, cujo gosto pela botanica a fazia cultivar com desvelo, esta producção foi tal que da nova plantação se tirarão os primeiros pés que foram para a Martinica.

Esta ilha ainda fornece primeiro a sua plantação, que foi em 1722, de onde infiro que esta será pouco mais ou menos a época da introducção dos cafeeiros (sic) no Pará de onde se informa tambem passarão para esta capitania. Como não vejo motivo algum para que esta cultura seja tão insignificante como he no Maranhão, particularmente induvitavel por experiencia a que assisti em Lisboa de que o nosso café he mais gostoso e balsamico do que o vulgarmente chamado Moca, e sendo igualmente certo que plantados estes arbustos huma vez, não fica outro trabalho ao cultivador senão a limpeza do terreno e colhe-lo darei algumas noçõens sobre o modo de plantalo, e suas propriedades extrahidas dos melhores autores que tem escripto sobre esta materia pelo desejo que tenho de que se augmentem as producções de huma capitania que se acha somente reduzida a dous generos: arroz e algodão."

Passa Gayozo depois a rebater as velhas suspeitas de que arabes e hollandezes torravam o grão do café para lhes tirar as virtudes germinativas, verdadeira ballela a seu ver. Aconselhava plantar as cerejas com as suas cascas dentro de um anno de colhidas sem terem sido seccas ao sol. Deviam ser postas de molho em agua durante 24 horas, enterradas com dois dedos de fundo, ter a terra mexida coberta com sua ramada molhando-se o terreno á noite.

O melhor era planta-lo em tempo de chuva. Melhor ainda plantar café quasi maduro, logo depois de colhido.

Sobre o café era impossivel conciliar as opiniões medicas. "Affirmavam huns que o café he hum principio de vida e que tem todas as virtudes contra todas as molestias."

"Dizem outros que embebeda, corrompe a massa do sangue e destroe os principios da geração. Cada hum dos dous partidos se tem esforçado de provar a sua opinião com exemplos. Os medicos Arabes em razão do odio que tem a esta bebida são os que mais tem clamado contra ella.

Porém he hoje opinião commum que o café põem o sangue em movimento, ajuda a digestão, desperta do somno, precipita os alimentos, que por tanto o seu uzo será saudavel ás pessoas gordas, fleumaticos pelo contrario as pessoas magras, seccas de hum temperamento ardente e biloso, só devem uzar delle com muita reserva.

Assim será, porém sempre direi que a experiencia me tem mostrado que o caffé puro continuado ataca muito os nervos e precipita os que uzão muito delle em hum tremor continuado em todos os membros.

Mas como eu trato só do augmento da riqueza desta capitania, digo que esta cultura se deve promover e que seria huma grande providencia do ministerio dar premios a quem se distinguisse nella."

Na obra de Ms. Graham *Journal of a voyage to Brasil*, occorrem no final do livro uma série de tabellas sobre a economia do Maranhão entre 1812 e 1821. A dois quadros sobre o total das importações e das exportações segue-se um terceiro sobre o estado da industria. Após este vem um *Statment of produce* que não está datado. Provavelmente se refere ao ultimo anno do regimen colonial. Aqui o transcrevemos. Refere-se á producção total da provincia, ao consumo interno e ao preço medio por unidade.

Algodão (arrobas)	225.518	3$900
Assucar (arrobas)	417	3$200
Gengibre (arrobas)	28	2$400
Peixe salgado (arrobas)	15.254	1$000
Arroz (alqueires)	570.079	$570
Feijão (alqueires)	3.128	1$400
Farinha de Mandioca (alqueires)	207.899	1$900
Milho (alqueires)	77.172	1$700
Aguardente (pipas)	385	60$000
Azeite (canadas)	68.386	$600

Batatas (arrobas)	2.420	1$200
Café (arrobas)	1.020	3$200
Carne secca (arrobas).	48.924	2$000
Cera (arrobas)	37	3$200
Currie (arrobas)	83	2$500
Melado (barris)	6.988	$170
Frutas (?!)	36	variavel
Couros	28.876	1$800

Assim vemos que a producção cafeeira maranhense em 1821 era muito mediocre e a sua exportação (880 arrobaas) quasi nulla.

No Maranhão notou Henry Koster, em 1816, quanto este ponto do Brasil era muito mais atrazado do que Pernambuco.

A exportação do algodão crescia comtudo rapidamente; já andava rivalizando com a do porto do Recife; annos houvera em que a batera. Ia quasi tudo para a Inglaterra.

Fôra em

1809 de 76.841 fardos de cerca de 90 ks.
1810 de 52.477
1811 de 54.758
1812 de 40.370
1813 de 60.173
1814 de 55.641
1815 de 50.745

O arroz tambem prosperava muito, enriquecera e enriquecia os agricultores dos quaes eram alguns opulentos.

A cultura da canna achava-se em grande decadencia. Vinha até muito assucar do Rio de Janeiro para o consumo da capitania.

De café nem signal.

Quanto ao Piauhy parece que na época colonial, pelo menos, jámais se cogitou de introduzir a lavoura da rubiacea na capitania.

Terminando em maio de 1855 a sua excellente *Memoria Chronologica Historica e Corographica da Provincia do Piauhy* lembrava José Martins Pereira d'Alencastre, quanto era atrazada a agricultura naquella circumscripção e affirmava:

"O café nunca se plantou na provincia, nem mesmo para seu consumo e a canna só depois de 1780 e tão pouco desenvolvimento tem tido que o assucar, a rapadura e as aguas

ardentes são importadas o que é para admirar porque reputando-se por tão alto preço estes generos, não tem servido isto de incentivo a que deem maior desenvolvimento á lavoura da canna."

A pecuaria era o assumpto unico que aos piauhyenses interessava.

Para assumptos historicos cearenses a quem melhor recorrer do que á grande autoridade de Studart?

Assim para narrarmos o que foram os primordios da lavoura cafeeira no Ceará deixaremos que o fale o Ilustre erudito e incomparavel sabedor das cousas de sua terra natal:

"José de Xerez Furna Uchôa, juiz da ribeira de Acaracú, cargo em que foi empossado a 17 de agosto de 1758, capitão-mór do Acaracú, capitão-mór de Sobral por nomeação de 30 de julho de 1782, nasceu em Goiana, Pernambuco, sendo seus pais Francisco de Xerez Furna e D. Ignez de Vasconcellos Uchôa.

Por doente, transportara-se daquela capitania para a ribeira do Acaracú e dahi para a villa de Sobral, após o falecimento de sua genitora.

Abastado, cioso dos fóros de fidalgo, mais de uma vez foi ao reino, onde viviam parentes seus, pelo lado paterno, e em uma dessas viagens á Europa, empreendida em 1743, visitando Paris, obteve duas mudas de café das existentes no Jardim das Plantas por oferta de marinheiros Holandezes ao rei Luix XV, o *bem amado*.

Serviu-lhe de padrinho para essa aquisição o duque de Choiseul. Uma das plantas morreu na travessia e a outra foi por elle proprio plantada no sitio "Santa Ursula", serra da Meruoca, sua residencia predilecta. Foi isso em 1747. Do primeiro pé de café plantado em "Santa Ursula" falavam contemporaneos como ainda existente em 1861.

Furna Uchôa foi, pois, o introdutor do café no Ceará, como foi igualmente da tamareira e da parreira. A elle precedera de vinte anos, Palheta, que trouxe de Caiena para o Pará cinco cafeeiros (27 de maio de 1727).

Pouco enthusiasmo, entretanto, despertou no Ceará a cultura da util rubiacea, limitando-se á plantação aos quintais e pequenas quadras de terreno e sómente para uso particular.

Assim foi até os principios do seculo XIX. O mesmo não sucedera no Maranhão e Pará donde em 1731 e 1748 chegavam navios ao Reino com carregamentos de café."

Levanta o douto autor a este proposito uma duvida curiosa:

"A noticia da entrada do café no porto de Lisboa em

1731 é tirada da "Gazéta de Lisboa Occidental", que o diz de melhor qualidade que o do Levante e informa que no sitio em que fôra colhido havia carga para 20 navios.

Se assim é, a celebração do bicentenario da entrada do café no Brasil devera recair em data anterior a 1927. E é facil a explicação: se o cafeeiro requer nas terras ricas cinco anos para sua frutificação, o café introduzido no Brasil em 1727 não poderia dar entrada no porto de Lisboa a 25 de janeiro de 1731."

Quer-nos parecer que a vista dos esclarecimentos cabaes ultimamente obtidos acerca da introducção do café no Pará por Palheta só se pode attribuir á noticia jornalistica formidavel exagero.

Continua Studart:

"Em 1824 entrou o café em Baturité por mão de Antonio Pereira de Queiroz que o plantou no sitio Mucaipe ou Mungaipe. Provinha de cafeeiros do Cariri, os quaes por sua vez eram originarios de Pernambuco. No mesmo ano, 1824, Felipe Castelo Branco trouxe mudas ou sementes do Pará e plantou no sitio Bagaço, hoje Correntes, de Pedro Pires da Rocha.

Das informações que colhi, julgo era café da variedade "Bourbon". Aos nomes de Queiroz e Castelo Branco manda a justiça juntar os de José Hollanda, Timóteo Ferreira Lima, Manoel Figueiredo e as familias Queiroz Holanda, Linhares e Caracas, como pioneiros da lavoura cafeeira em Baturité.

De Baturité foram conduzidas as primeiras sementes para as serras de Aratanha e Pacatuba, cabendo a Domingos da Costa sua introducção ali. Os canteiros por elle plantados, na Serrinha, passaram para o irmão João da Costa, que os mudou em 1826 para o seu sitio Imboassú. Deve-se, assim, á familia Albano e mórmente a um dos seus membros, José Antonio da Costa e Silva, pae de Juvenal Galeno, o mui conhecido bardo cearense, o desenvolvimento da cultura do café nesta parte do Estado. O cigano José Antonio da Costa e Silva foi a primeira pessoa no Ceará a explorar o commercio do café."

Escrevendo sobre a "Serra da Meruoca, berço dos cafezaes do Nordeste", na edição d'"O Jornal" commemorativa do bicentenario do café no Brasil, corrobora Sr. Maximo Linhares descendente de Furna Uchôa, as asserções de Studart com documentos do archivo de sua familia.

Pensa porém que a introducção do cafeeiro ocorreu mais tarde do que affirma Studart.

Traz interessantes informes sobre o fundador da lavoura cafeeira na terra de Iracema.

"Data de 1760 a introducção do caféeiro no Ceará.

Documentam essa gênese da nossa lavoura caféeira as memorias genealogicas dos descendentes de Arnaud de Holanda e de sua mulher, D. Brites Mendes de Góes e Vasconcellos, compreendendo um periodo de perto de 400 annos, escriptas até o anno de 1759 pelo capitão-mór José de Xerez Furna Uchôa, e continuadas, posteriormente, pelos seus netos em segundo e terceiro gráos Vicente e Manoel Linhares, os quaes são conservados com carinho por minha familia. Tirei dai a noticia que singelamente reproduzo do primeiro pé de café plantado no sólo cearense.

O capitão-mór José de Xerez Uchôa, da Familia dos Góes e Vasconcellos, descende da nobilissima Familia dos Albuquerques. Dona Joana de Góes e Vasconcellos era filha de Francisco de Albuquerque e Vasconcellos.

Tendo fallecido o Pae de José de Xerez Furna Uchôa, em Goíana, Provincia de Pernambuco de onde era natural retirou-se este para o Ceará, em busca de melhor clima para o restabelecimento da precaria saúde de sua mãe.

Dirigiu-se, então, João de Xerez, para o Norte do Ceará, estabelecendo-se a 2 leguas da barra do Acaraú, onde veio a fallecer aquella matrona.

Por esse motivo, José de Xerez mudou a sua residencia para a antiga Villa de Sobral, passando, porém, os meses calmosos no seu famoso sitio "Santa Ursula", na Serra da Meruóca, Cordilheira da Ibiapaba.

O capitão-mór, José Xerez era homem muito adiantado e empreendedor; tanto assim que, na sua já referida fazenda, instalou, naquelle tempo, um bom engenho de moer canna, maquinismos completos para a preparação de farinha de mandioca, coisas até então desconhecidas pois o que havia no genero era muito rudimentar e absolutamente primitivo.

Tendo ido a Portugal, passou-se dali á França e, munido de apresentações das mais importantes pessoas de Lisboa, teve a honra de ser acolhido na côrte de Versailles, fazendo ahi relações de alta valia.

Graças ao duque de Choiseul, cuja benevolencia conquistou, conseguiu obter duas plantinhas de café, das existentes no Jardim de Plantas de Paris, oriundas de outras mudas

trazidas de Moka, por marinheiros da Hollanda e por esta nação offerecidas a Luiz XV.

Dos dois pés de café que conseguiu Xerez, pequenos e mesquinhos, um morreu na longa e custosa travessia, feita em barco a vela, e o outro, após trabalhos e cuidados sem conta, levou-o para o Ceará, plantando-o no seu sitio "Santa Ursula", da Serra da Meruóca, num ligeiro declive do terreno atrás da casa de sua residencia. Ahi foi essa planta vista em 1861 ainda fructificando extraordinariamente, em certas épocas, apesar de lá contar, naquelle tempo, uns bons cem annos, pouco mais ou menos, graças aos cuidados do genro de Xerez, sargento-mór Francisco Antonio Linhares e do genro e sobrinho deste, tenente-coronel Joaquim José Alves Linhares, que lhe succederam no dominio do sitio ("Santa Ursula").

Foi este pé de café o pae de todos os cafezaes do Ceará, como muitos testemunhos affirmam e como parece provar o facto de ser o café do Ceará, de qualidade Moka, com toda certeza o mais antigo, o primeiro que foi alli plantado. E dali é bem possivel se tenha irradiado toda a plantação de café no Nordeste do paiz. Assim é que, com quanto os Estados daquella zona, não sejam, propriamente caféeiros, comtudo existem, em todos elles, sitios e fazendas em que se explora a lavoura do café, mais ou menos intensamente.

No meu Estado, o Ceará, cultiva-se principalmente na Serra de Baturité, a explendida qualidade de café dessa origem. E, apesar de serem os grãos menores do que os do café de S. Paulo, Minas e Espirito Santo, o sabor e aroma do café do Ceará, são por todos reconhecidos superiores aos dos cafés do sul. Isso nos faz crer tratar-se de qualidade seleccionada, oriunda como ficou dito, de Moka.

Nos cafezaes de meu fallecido pae, Francisco Alves Linhares, porventura o maior plantador do Estado, Serra de Baturité, foi sempre essa qualidade preferida, por ser a mais reputada nos mercados.

A tradição corrente acerca das origens da lavoura cafeeira, no Ceará, é perfeitamente conforme a versão autorizada pelos documentos do archivo de familia, aos quaes acabo de me reputar, para traçar estas ligeiras notas de contribuição á interessante e proveitosa iniciativa de "O Jornal", commemorando o segundo centenario do café no Brasil".

A estes relatos só oppomos uma objecção que nos parece razoavel: uma confusão relativa á origem dos cafeeiros transplantados ao Ceará mudas de outros offerecidas a Luiz XV por marinheiros hollandezes. Ha ahi manifesta collisão com o

facto dos cafeeiros enviados a Luiz XIV para as estufas do castello de Marly, pelo Jardim Botanico de Amsterdam.

No Rio Grande do Norte parece que nunca se tentou a cultura cafeeira. Pelo menos jamais vimos nada que documente o contrario desta supposição.

Nem mesmo a superveniencia das commemorações bicentenarias de 1927 provocou na edição especial d'"O Jornal" qualquer communicado relativo a este assumpto.

Sobre a Parahyba colonial e o café muito pouco parece haver.

No artigo de Alpheu Domingues inserto no volume do segundo centenario apenas se encontra esta referencia escassa:

"Em 1798 o governador da capitania, Fernando Delgado Freire de Castilho, dirigiu a D. Rodrigo de Souza Coutinho, com a data de 4 de novembro, uma exposição minuciosa, descrevendo o estado das culturas do algodão e canna e referindo-se muito perfunctoriamente á cultura do café ainda pouco conhecido na capitania nada podia, por este motivo, dizer sobre elle."

Na nossa xenobibliographia de principios do seculo XIX ha um livro que da agricultura do norte do Brasil ministra preciosos informes: as *Travels in Brazil* de Henry Koster. Percorreu o autor as provincias septentrionaes de 1809 a 1815, de Pernambuco ao Maranhão. Em Pernambuco, onde mais se demorou, diz-nos Garcia, administrou dois engenhos de assucar.

Foi a sua obra traduzida para o francez e annotada por um Sr. Jay, que lhe appoz bastantes observações por vezes deploraveis como, por exemplo, a affirmativa da existencia em Santa Catharina, em 1809, de *immensas* plantações de mandioca, arroz, café, etc. Isto além de inculcar muitos toponymos nossos pavorosamente estropeados, como sejam *Camapecan* por Camapuan e *Teché* por Tieté.

Capitulos especiaes consagrou Koster á agricultura, sobretudo, como era natural, a da canna de assucar. Tratou tambem dilatadamente da do algodão.

Começa observando que no Rio de Janeiro, e na Bahia, os processos agricolas eram "indubitavelmente mais aperfeiçoados do que os de Pernambuco e do littoral, até o Maranhão."

Depois de explicar quanto era penoso o trabalho dos engenhos assucareiros, estafante dos escravos, affirma que a producção do assucar exportado de Pernambuco fôra a seguinte no periodo de 1808-1813:

1808 — 4.271 caixas
1809 — 12.801 "
1810 — 9.840 "
1811 — 7.749 "
1812 — 8.577 "
1813 — 9.022 "

Após o assucar o algodão, cuja producção se computava em:

1808 — 26.877 fardos de cerca de 80 kilos
1809 — 47.512 "
1810 — 50.103 "
1811 — 28.245 "
1812 — 58.824 "
1813 — 65.327 "

Ahi se comprehendia o que provinha do Ceará e da Parahyba.

Trata Koster largamente da mandioca, dos cereaes, do fumo. "O café e o cacau, escreve Koster, até agora só foram plantados como cultura experimental. Sua introducção em Pernambuco é muito recente."

Concordam estas affirmações de Henry Koster com as de L. F. de Tollenare em suas tão preciosas *Notas dominicaes*, um dos mais valiosos depoimentos sobre a vida de Pernambuco em principios do seculo XIX, como geralmente se sabe.

Escrevendo a 1 de dezembro de 1816, e no Recife, sobre as producções dos arredores da capital pernambucana, dizia Tollenare depois de se referir a mandiocaes e bananaes:

"Não posso deixar de mencionar o prazer que experimentei ao ver, pela primeira vez, no jardim do Sr. Director da Alfandega, uma plantação de cafeeiros. Infelizmente não estavam floridos nem fructificavam ainda.

O café não é aqui um genero de commercio, cada qual planta, em seu sitio, alguns pés para o consumo domestico. O resto vem do Rio de Janeiro.

Vi depois muitos cafeeiros carregados. Não se sabe ainda por cá seccar o fructo para pol-o em condições de ser transportado. No Rio de Janeiro já o conseguem muito bem."

Mrs. Graham em 1821, enganou-se alludindo ao café como a um dos principaes artigos da economia pernambucana.

Sobre o café em Alagôas, na éra colonial, nada encontra-

mos. Pensamos que a sua apparição no territorio desta circumscripção seja posterior á proclamação da Independencia.

Redigindo a sua *Informação sobre a Provincia de Sergipe em* 1821, dizia José Antonio Fernandes que ella então exportava assucar, mel, algodão, farinha de mandioca, milho, feijão, sal, courama, não mencionando o café nesta lista.

Affirmam F. Denis e H. Taunay, em seu *Le Brésil* (1821) — não sabemos aliás com que fundamento — que o café de Sergipe passava por ser de má qualidade.

CAPITULO XI

A introducção do café na Bahia — Depoimentos diversos — A memoria de Sampaio Vianna — Informes de Cayrú e de Balthazar da Silva Lisbôa

Para o Sr. Ervidio de Souza Velho appareceram os primeiros cafeeiros, em territorio bahiano em 1778, trazidos que foram para Caravellas pelos jesuitas, frei Pedro e frei Marcello (sic).

Objecção a se lhe fazer a tal proposito seria allegar a falta de um "ex" antes da palavra jesuita, afim de se dar concerto a tão estapafurdia explicação. Sim, porque em 1778 e desde muitos annos não existia mais a Companhia de Jesus.

Outra incongruencia a designação dos suppostos jesuitas pelo "frei", privativo de outras Ordens e não da sua.

Mas, como veremos, as affirmações do Sr. S. Velho são erroneas.

Em seu *O Café e o historico de sua cultura na Bahia*, expende o Dr. Gonçalo de Athayde Pereira:

"São vagas as noticias da introducção do café, neste Estado; no entretanto, como já fiz sentir algures, em artigo sobre a agricultura colonial até a Republica, está verificada a historia do café brasileiro, vindo de Caiena, Guyana Franceza, trazendo mudas e sementes para o Pará, de onde se foram disseminando por outras provincias, firmando-se em quasi todas ellas a sua cultura.

A distribuição geographica do café no Brasil passou para o Maranhão donde foi levado para o Rio, por um desembargador e alli ensiado o plantio no quintal do Convento da Ajuda. Do Rio passou a ser plantado em São Paulo, donde vieram asprimeiras sementes para Maragogipe, irradiando-se dalli a cultura para outros pontos do Estado.

Ha tambem a versão de terem levado a semente para

Viçosa, sul da provincia, procedendo dalli os primeiros cafeeiros. (Relatorio do Dr. Dionisio Martins, 1875).

De quanto hei conseguido com respeito á cultura do café na Bahia, ressaltam sua antiguidade em varios pontos do Estado. Em Morro do Fogo, antiga freguezia da comarca de Minas do Rio das Contas (Paramirim), residencia dos meus avós paternos, logar em que a mineração do ouro teve sua efficiencia em algum tempo, encontrei na chacara de residencia da familia cafeeiros collossaes, accusando a existencia de muitos annos. A chacara era bem regular e toda ella fôra plantada pelo portuguez Manoel José Pereira, meu avô, que minerava ouro e negociava na mesma freguezia, onde existiam outros compatriotas tambem negociantes e proprietarios, que se entregavam á mineração e a culturas diversas.

Esses portuguezes não escaparam ás perseguições das luctas de 1822 que até lá chegaram, pelo que, para se porem a salvo, se refugiaram na comarca de Caetité e nas circumvizinhanças.

Em 1881, alli estive com meu pae, que desta capital me levou para curar-me do paludismo da Areia Preta, nesta capital, e alli tomei conhecimento de todos esses factos que muito me impressionaram, aos 16 annos de idade; entretanto, já meu pae era homem maior de 60 annos e se referia á cultura do café, alli exuberante e prospera, como coisa antiga.

Outro tanto posso dizer de uma importante cultura de propriedade da familia de Joaquim do Vao, logar agricola do municipio de Bom Jesus do Rio de Contas, onde tambem existiam cafeeiros antigos, ouvindo eu alli referencias do proprietario, homem septuagenario, sobre os sabios allemães Spix e Martius, quando por lá transitaram.

Nos tempos coloniaes, a cana, o fumo, o algodão e a mandioca constituiam aqui a riqueza da antiga metropole: depois foi-se incrementando a cultura do café, que teve assombroso desenvolvimento, após os effeitos da secca de 1859 a 1860, e as lições da guerra entre o Brasil e o Paraguay, bem como os reflexos da franco-prussiana, em 1870-1871, pois que entre sertanejos essas lições são sempre mais proveitosas do que as de quantos compendios sobre o assumpto possam existir nas livrarias.

E' a lição da experiencia e do soffrimento, pois que o mal é para todos e não se esquecem elles das agruras porque passaram."

Como vemos, é muito pouco o que estes dous autores nos contam sobre o historico do café em seu estado. A fonte ge-

ralmente invocada para os estudos dos primordios da entrada da rubiacea em terras bahianas é a *Breve noticia da primeira planta de café que houve na Comarca de Caravellas, ao Sul da Provincia da Bahia, escripta segundo dados authenticos, por João Antonio de Sampaio Vianna, juiz de direito da mesma comarca, em Junho de* 1842.

Publicou-a a "Revista do Instituto Historico Brasileiro" em seu tomo V. Foi este magistrado um dos primeiros membros da associação a qual se incorporou já a 19 de janeiro de 1839, vindo a fallecer a 22 de outubro de 1856.

Era tio do Conselheiro Dr. Carlos Americo de Sampaio Vianna, barão de Sampaio Vianna (1835-1906) de nome prestigioso nos fastos de nossa alta administração em que exerceu elevados cargos, entre os quaes o de Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro.

Escrevendo ao Instituto, de Villa Viçosa, a 20 de junho de 1842, dizia o magistrado:

"Conversando eu muitas vezes com o Capitão Manoel da Silva Chaves Senior, natural e morador de Villa Viçosa, Comarca de Caravellas, de idade de 68 annos, e muito versado na agricultura do paiz, *por ser nesse officio que lhe nasceram os dentes,* como elle mesmo se explicava; fallou-me em certa occasião do grande uso que hoje aqui se fazia da bebida do café, cousa totalmente desconhecida na sua mocidade, sendo uns Missionarios Italianos que primeiro alli appareceram com similhante bebida.

Movido pela curiosidade de saber destas noticias, para dellas colher alguma utilidade, perguntei mais por miudo algumas cousas ao dito Capitão Chaves, e elle me contou o seguinte:

— que tendo de idade 12 ou 13 annos, pouco mais ou menos, appareceram em Villa Viçosa e se hospedaram em casa de seu pai, dois Missionarios Barbadinhos Italianos, um por nome Fr. Marcello e outro Fr. Pedro, os quaes vieram do Sul, e por terra, afim de pregarem a Missão nesta Comarca.

Traziam elles comsigo um preto, que duas vezes por dia torrava uns grãos, e moendo-os depois em um pequeno moinho de pau, preparava a bebida, que, com assombro de todos os moradores de Viçosa, bebiam os ditos Frades; e elle Capitão, então bem moço, pediu até alguns tragos da dita bebida, que provou pela primeira vez.

Manoel Fernandes Norinho, tio paterno do Capitão Chaves, informado pelos ditos Missionarios de ser o café producto do Brasil, onde prosperava summamente, obteve meia duzia

de grãos, e por curiosidade os plantou no seu sitio do Sacco uma legua distante desta Villa Viçosa.

Os Missionarios, depois de pregarem a palavra evangelica, seguiram por terra para Porto Seguro; e, anno depois, colheu o dito Norinho, para mais de meia arroba dos poucos pés de café, que cresceram espantosamente, e alli se conservaram produzindo outros muitos até hoje, que sendo o dito sitio do Sacco propriedade do Capitão Chaves, eu a elle fui muitas vezes, e alli vi, no meio de capoeiras, muitos troncos de velhos cafezeiros já abandonados de todo. A principio só teve aqui essa planta o mencionado Norinho; poucos annos depois da retirada dos Missionarios, e introduzido o uso do café por algumas pessoas, que da Bahia e Rio vieram estabelecer-se aqui com plantações de mandioca, foram mui procuradas essas plantas do café, e o citado Norinho, unico que as possuia então, as vendia por 20$000 o milheiro dos pequenos arbustos.

Annos depois cessou a venda, e gratuitamente obtiveram todos quantos se deram a esse cultivo a planta do café, que prodigiosamente produziu aqui sem grande amanho.

Os primeiros colonos que vieram fundar a Colonia Leopoldina, sita nas margens do rio Peruipe, desta Comarca, já encontraram abundancia de cafeeiros, e finalmente obtiveram muitos mil pés dessa preciosa planta para formarem seus estabelecimentos agricolas, e hoje em dia a Colonia Leopoldina, por si só, em anno de boa colheita, exporta para o Rio e Villa Viçosa cerca de 40 mil arrobas de café, mui procurado, e preferido mesmo, segundo dizem, ao melhor do Rio de Janeiro.

Nesta comarca o uso desta bebida do café está tão generalizado, que ricos e pobres, pretos e indios, todos o tomam muitas vezes no dia, e a Comarca de Caravellas promette para o futuro tornar-se assás importante pela grande exportação de café, visto que hoje muitos lavradores de mandioca abandonaram esta, e plantam o café.

Aos Missionarios Italianos devem pois a Comarca de Caravellas e a Provincia da Bahia o plantio do café, que hoje constitue o principal ramo da riqueza desta Comarca; á curiosidade do velho Manoel Fernandes Norinho, tio do Capitão Manoel da Silva Chaves Senior em cuja casa escrevo eu esta breve noticia, se deve tambem os beneficios que a Provincia e o Estado colhem de tão util producção.

Tomei estes apontamentos para offertalos ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, associação respeitavel, e para cuja gloria muito se devem interessar todos os patriotas

brasileiros e em geral os homens scientificos de todas as nações. Infelizmente para mim, exilado em um paiz totalmente baldo de tudo, não posso eu satisfazer ao ardente e incessante anhelo que nutro de corresponder á honrosa confiança de tão sabia associação, o que aliás procurarei fazer, se o terreno em que habito me proporcionasse meios de poder colher noticias interessantes á historia, á geographia e á agricultura do paiz."

Assim está rectificado o erro do Sr. Souza Velho; não se tratava de jesuitas que estes em 1778 não existiam e sim de capuchinhos.

Na excellente obra dos Padres Fr. Modesto Rezende de Taubaté, e Fr. Fidelis Motta de Primerio: *Os missionarios capuchinhos no Brasil,* livro que tivemos a honra de prefaciar e contem, digamol-o sem favor, subsidios excellentes para a nossa historia geral, procuremos ver quem seriam estes dois missionarios benemeritos da catechese e da agricultura.

No appendice deste prestante livro: *Elenco dos missionarios capuchinhos,* encontramos um unico Frei Marcello, era elle *Frei Marcello de Gradisca* (Graetz) austriaco, styriano, chegado ao Brasil em 1780 e aqui residente até 1788, anno em que o mandaram servir na missão franceza de Pondichery.

A seu respeito escrevem ou doutos autores:

"Foi o Padre Frei Marcello de Gradisca o companheiro preferido pelo P. Frei Fernando de Placencia, nas missões pregadas em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

E' possivel que este padre tivesse notado nelle optimas qualidades de missionario, porquanto, tendo elle chegado ao Rio aos 2 de julho de 1780, já em maio do anno seguinte o tomou por companheiro nas longas e penosas viagens do sul do paiz.

Em junho de 1785, o P. Frei Marcello foi com o P. Frei Pedro de Veneza, o insujeitavel e insubmisso, pregar missões em Campos e nas parochias da provincia do Espirito Santo,

Terminadas essas missões, o P. Frei Pedro de Veneza, seguiu para a Bahia, e para a Europa, e elle voltou sózinho para o Rio de Janeiro.

Terminado o seu septennio pediu e alcançou licença para voltar para a Europa, e assim, aos 12 de abril de 1788 seguiu para Lisboa. Alli resolveu não ir para a provincia a que pertencia mas a incorporar-se aos missionarios francezes que partiram para o Oriente e foi para Pondichery.

Nunca mais se teve noticia delle."

Está pois descoberto quem era o Fr. Pedro seu companheiro. A não ser assim difficil se tornaria este achado, ha-

vendo diversos capuchinhos com este nome como por exemplo Fr. Pedro Lourenço de Coazzolo ou Borgolesia. Esclarecem os dois autores:

"Chegou ao Rio, precisamente, no dia em que falleceu o P. Frei Jacintho de Foligno, isto é, a 2 de agosto de 1778.

Poucos dias depois que chegou, já fez uma pratica em portuguez na egreja da Ordem, e em presença do Sr. Bispo, D. José Joaquim de Mascarenhas.

Deprehende-se deste facto que era muito intelligente e arrojado, porque, tendo vindo da sua Provincia, onde só falava a lingua italiana, e já se arriscar a falar em publico, em lingua estrangeira, sem ter tido mais do que poucos dias para se preparar, é muita cousa!

Poucos mezes depois, sahiu em missões pelas freguezias juntamente com o P. Frei Fernando de Placencia.

Antes disso, pregou uma missão na Cathedral do Rio, com o velho P. Frei João Baptista de Gubbio, P. Frei Fernando de Placencia e o P. Frei Salvador de Vercelli.

Quer-nos parecer que fosse de um temperamento altivo e quasi insubmisso, porque, certa vez, estando em missão pelo litoral da capitania do Espirito Santo, revoltou-se contra o seu companheiro de missão P. Frei Marcello de Gradisca, e contra expresso prohibição do P. Prefeito, foi á Bahia, e de lá partiu para Lisboa, sem dar satisfação a quem quer que fosse."

Ampliando, posteriormente, nos *Annaes Franciscanos do Brasil,* esta informação (n. 317 da série), diz Frei Fidelis Motta que Fr. Pedro voltou a Portugal em 1785, esteve nas Ilhas Jonias de 1793 à 1795 e falleceu em 1811.

Como vemos, Fr. Pedro se desaveio com Fr. Marcello no Espirito Santo. Isto, com certeza, se deu depois que deixaram Caravellas, vindos do Sul. Como haja voltado a Portugal em 1785, segue-se que passou por Caravellas neste anno ou no anterior.

Ora, o Capitão Chaves, nascido em 1774, relatou ao magistrado que os capuchinhos haviam apparecido em sua casa paterna, quando elle contava 12 ou 13 annos, mais ou menos. Isto, portanto, seria em 1786 ou 1787, o que está em desacordo com os dados positivos dos fastos capuchinhos.

Houve, portanto, um lapso de memoria do informante, que, aliás, declarou não saber bem precisar a data, não conseguindo dizer se, então, teria 12 ou 13 annos.

Assim, contaria 10 ou 11 annos e não 12 ou 13 e o cafeeiro teria sido implantado em Caravellas em 1784 ou 1785.

Commentando estes factos, escreve Hildebrando de Magalhães:

"Poder-se-á acreditar, porém, que, antes de 1786, existia o arbusto na terra do côco, a revestir-se de exactidão o asserto, devido ao sr. Henrique Silva, (in "A Informação Goyana"), ns. 10 e 11, de maio e junho de 1927, de terem ido dalli para o sitio do "Raicho", no municipio de Santa Luzia, em 1774, as primeiras sementes de café que chegaram ao sólo goyano — onde, comtudo, não seria de extranhar houvesse o vegetal penetrado do Pará, ou do Maranhão, pois parece que já em 1778, segundo estatistica mandada organizar em 1804, pelo capitão-general D. Francisco de Assis Mascarenhas, Goyaz exportava café para a primeira daquellas duas capitanias do extremo-norte, pela via fluvial do Tecantins-Araguaya.

Examinaremos este assumpto opportunamente.

Recorramos, porém, a documentos diversos relativos á introducção do café na Bahia, pelos annos setecentistas, para tanto invocando papeis que nos parecem ineditos, pelo menos entre os monographistas do café.

A 23 de agosto de 1783, officiavam os Governadores interinos da capitania da Bahia a Martinho de Mello Castro.

A D. Affonso Miguel de Portugal e Castro, undecimo conde de Vimioso e quarto marquez de Valença, que governava desde 13 de novembro de 1779, succedera, a 31 de julho de 1783, o governo interino presidido pelo arcebispo Dom Frei Antonio Correia, a quem serviam de vogaes o Chanceller José Ignacio de Brito Bocarro e Castanheda e o Coronel José Clarque Lobo.

A 6 de janeiro de 1784, seria esta junta substituida pelo capitão general Dom Rodrigo José de Menezes e Castro.

Por este officio de 23 de agosto se vê que já pelos annos de 1780 se plantava café no sul da Bahia.

Diziam os governadores interinos que o Governador D. Manuel da Cunha Menezes, conde de Lumiar, cujo periodo fôra de 1774 a 1779, se impressionara com a riqueza da comarca de Ilhéus, "huma das mais ferteis situações deste continente."

E, no emtanto, não eram correspondentes as suas producções. Indagando desta falta de correlação, dahi viera a Junta a saber que se a devia aos jesuitas! Fôra o primeiro obstaculo "a especie de martyrisação com que os ex-jesuitas conservavão as melhores 12 leguas de terra de que erão proprietarios, desde a Barra de Boipeba até o Rio das Contas, mal cultivadas pelos seus colonos rendeiros ou antes escravos

adventicios, aos quaes não permittião que adeantassem, a cultura, além da maniba, nem que fizessem bemfeitorias, que excedessem o valor de 30$000, vivião a maior parte destes moradores, de pescaria e caça, á maneira dos Indios.

Com o sequestro e venda das referidas 12 leguas de terra por parte da Real Fazenda, mudou de figura a sorte dos moradores e o territorio, passando huns a serem senhores dos sitios de que antes erão quasi servos e outros a adeantarem a sua cultura, com mais liberdade e louvavel ambição.

Faltavão, porém, os gados para o beneficio da agricultura e não era cousa facil introduzilos pela mesma situação da comarca, que, sendo toda alagada pelos grandes rios e reconcavos do Morro, Boipeba e Camamú, se lhe não podia introduzir dos que vem do Piauhy e Rio de S. Francisco para esta cidade, onde, aliás, nunca sobrão."

Restava, unicamente, o meio da abertura de huma estrada de communicação entre as villas da comarca, situada á beira mar, com os sertões das suas cabeceiras e especialmente com o da *Ressaca,* justamente situada no sertão fronteiro ás villas do Camamú e Rio das Contas.

Para tal empresa se offerecera certo João Gonçalves da Costa, portuguez, natural de Chaves e povoador do sertão de Ressaca. Acerca deste homem davam os governadores um depoimento muito pittoresco, comparando o seu feitio aos dos bandeirantes de S. Paulo: "tinha o valor e o espirito dos antigos paulistas, sem a sua ambição."

Correspondera Costa ás esperanças do Conde de Lumiar, quanto a este grande e trabalhoso projecto.

"Foi o que teve a paciencia e a constancia de se metter pelas asperas mattas, serras alagadiças, que, pelo espaço de 80 ou mais legoas, se interpõem entre as ditas villas da beira mar e o referido sertão da Ressaca.

Demarcou e abriu a estrada, que discorre á margem do Rio das Contas, donde a fez partir para as villas da foz do mesmo rio, para Camamú e desta para todo o territorio das outras villas, fazendo logo descer num lote de gado, que foi o primeiro que aquelles moradores virão e tambem o primeiro que parte se destribuiu pelos lavradores e parte se talhou nos açougues publicos, o que nunca se tinha visto desde a descoberta e povoação daquella comarca.

Neste tempo, terminou o governo do Exmo. Manuel da Cunha Menezes e conhecendo o seu sucessor o Exmo. Marquez de Valença a importancia deste projecto, a satisfação com que os povos receberão a primeira descida dos gados, a

utilidade do commercio, da agricultura e da Fazenda Real, continuou em expedir novas ordens a beneficio do adeantamento e conservação da mesma estrada, mandando, outrosim, *situar huma nova* povoação na beirada do Rio das Contas, para servir como repouso aos que commerciassem pela dita estrada e para melhor se aproveitarem das suas excellentes e ricas mattas, antes desconhecidas e inuteis."

Como Gonçalves da Costa lembrasse a conveniencia de se reduzir e conquistar o gentio Mongoyo, que infestava o sertão da Ressaca, ordenara o Marquez de Valença que o Desembargador Francisco Nunes da Costa, com jurisdicção na comarca de Ilhéus lhe confiasse setenta armas de fogo, varios barris de polvora, pondo á sua disposição cincoenta indios civilizados.

Em discreto euphemismo, dizia a junta dos resultados desta dada deante da qual se havia reduzido o gentio Mongoyo.

"Nos 2 annos que se seguirão a estas ultimas ordens e durante o Governo do Exmo. Marquez de Valença, mudou consideravelmente o estado daquella comarca, pela actividade com que o dito Ministro animou a agricultura de todo o territorio, principalmente a do *arroz,* já hoje tão abundantemente, que só na Villa do *Cairú* tocou ao dizimo no anno precedente de 1882 a quantia de 4.200 alqueires; promovendo igualmente a cultura do *cacáo* e *café,* antes desconhecidos, a qual fica com o excellente principio de mais de 400.000 pés de que se começa já a ver fructo, o que tudo nos fez certo o mesmo Ministro, pelas certidões da Comarca e do registo, que remettemos a V. Ex."

Assim, ao desembargador Francisco Nunes da Costa se deve a introducção do café e do cacau em Ilhéus. Terminando o officio, dizia a Junta que a campanha de Gonçalves da Costa prosseguia, merecendo todo o applauso das autoridades. Outrossim, fazia os maiores gabos ao Desembargador Nunes da Costa, que agia como se fosse o verdadeiro civilizador da comarca.

"O referido João Gonçalves da Costa, já honrado com a patente de capitão-mór, participa presentemente os progressos ou rezultas da conquista de que foi encarregado, na carta que dirigiu ao dito desembargador e que elle nos fez patente, acompanhando-a com a sua conta, que, igualmente, remettemos a V. Ex. para, por ellas, fazer conceito do valor e espirito deste honrado transmontano, que póde concluir hum tão importante serviço, como reputamos, a reducção de hum gentio, docil e laborioso, em quem se descobre qualidades, que o distinguem de todos os Indios deste continente, tão indolen-

tes como barbaros; o gentio destes se conhece pelo seu modo de viver em sociedade, pelo gosto da cultura e até pelas manufacturas que remettemos a V. Ex. com a relação demonstrada, com os seus respectivos numeros."

Assim, pois, antes de Caravellas, existia café em Ilhéus e em certa abundancia.

No longo periodo do governador D. Fernando José de Portugal e Castro (1778-1801), mais tarde Vice-Rei, houve tentativas para a acclimação do canhamo ás terras bahianas.

Escrevendo a Martinho de Mello Castro, a 10 de junho de 1788, dizia-lhe Dom Fernando: "Em lugar desta plantação se continuará a promover a do arroz, cacau, café e algodão, que o terreno produz abundantemente, esperando que esta ultima venha a ser para o futuro um ramo de commercio consideravel desta capitania."

Dez annos mais tarde, por um officio do mesmo D. Fernando, datado da Bahia, e de 25 de agosto de 1798, parece poder deduzir-se que todo o café bahiano sahia da comarca de Ilhéus, sendo exportado para o Reino.

"He S. Mag. servida ordenar-me por carta de V. Ex., de 24 de julho do anno passado, que procure augmentar nesta Capitania, quanto fôr possivel, o uso e consumo de todas as producções naturaes e manufacturadas no Reino, trastes de luxo, trabalhados em Lisboa ou no Porto, usando de todos os meios para conseguir este fim, favorecendo muito particularmente os que introduzirem ou consumirem nesta Capitania maior quantidade, e recommendando-os na Real presença da mesma Senhora, promovendo igualmente a exportação para o Reino dos generos e productos desta mesma Capitania.

He bem constante que cada vez se augmenta mais neste Continente o consumo das producções naturaes do Reino, por ter crescido a povoação e augmentado o luxo e com especialidade as fazendas das fabricas, em razão de serem isentas de pagar os direitos de sahida do consulado e os de entrada nesta Alfandega e que os commerciantes desta praça se não descuidão de as mandar vir, posto que algumas vezes se lhes não remetta a quantidade de *pannos e droguetes* que pedem, talvez por não poderem os fabricantes apromptar todos quantos se carecem, os quaes tem melhor venda, que os inglezes, por sahirem mais baratos.

Não he diminuta tambem a extracção que se dá aos *vinhos* de Portugal neste paiz, e nas 11 embarcações que proximamente chegarão de Lisboa, se embarcarão 957 pipas, porém as do Porto só são remettidas pela Companhia Geral do Alto

Douro, que goza do privilegio exclusivo de mandar para aqui o preço de 50$000 a pipa, e que annualmente não remette toda aquella porção que se consumiria, supprindo-se esta falta com outros vinhos do Reino, que se vendem por preço maior.

A respeito do *sal,* em que V. Ex. tambem me fala, occorre-me dizer que os commerciantes desta praça o não podem introduzir, porque ha um contractador que tem essa obrigação e que tudo quanto se remette se consome e não chega, supposta a quantidade que necessita o Rio Grande de S. Pedro do Sul, para a negociação das *carnes seccas,* de que tanto depende a subsistencia, destes povos e de outras Capitanias do Brasil como seja Rio de Janeiro e Pernambuco.

He, igualmente, certo ter crescido extraordinariamente a lavoura do *assucar* e *tabaco,* sendo infinitos os engenhos, que durante o meu governo se tem construido de novo e actualmente se constroem, de se tambem ter augmentado a plantação do *algodão,* objecto já consideravel do commercio, além do *café* e *arroz,* produzido na comarca dos Ilhéos, generos que, annualmente, se exportão todos para o Reino, como, igualmente, couramas, vaquetas, sollas, vermelhas e outras drogas, á excepção da quantidade que aqui se consome, servindo de prova do augmento da lavoura, o excessivo preço porque presentemente se vendem os escravos.

Ainda que a regra que regula a importação e exportação seja o maior ou menor consumo que os generos importados ou exportados tem, e huma e outra se tenha augmentado insensivelmente, para satisfazer, comtudo, á recommendação de S. M., mandei chamar á minha presença alguns negociantes desta praça, para lhes fazer saber as Reaes intenções, lembrando-lhes que a mesma Senhora attenderia com graças e favores aos que se distinguissem nesta tão importante materia, os quaes fizerão todas aquellas reflexões que ficão ponderadas.

Como houvesse o governo expedido a ordem regia de 4 de janeiro de 1798, exigindo uma "Descripção da Cultura da Capitania da Bahia", de tal prebenda se incumbiu o deputado e secretario da Mesa da Inspecção da Bahia; o mais tarde tão celebre José da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cayrú.

Queria o Principe Regente saber tudo quanto havia sobre a cultura e manipulação dos generos exportados pela Bahia, quaes os diversos processos e machinismos usados para limpar e descascar o algodão, o arroz e o café e os que se empregavam nas fabricas de tabaco e de assucar."

Fala, pois, Silva Lisboa da cultura de mandioca, algodão, arroz, tabaco, canna e, referindo-se ao café, accrescenta:

O *café* cultiva-se de poucos annos a esta parte, nos arredores da cidade, porém só na comarca dos Ilheos ha plantação consideravel; de sorte que a exportação delle ahi faz, annualmente, artigo de importancia de mais de 40 mil cruzados, segundo informações que se houverão. Aquella planta prospera nos mesmos terrenos que a mandioca, e resiste aos ardores da atmosphera, ainda nos lugares seccos, propagando-se com facilidade pela transplantação dos muitos pés que alastrão o lugar de cada cafeteiro, nascidos das sementes ou fructo, que descahe, estando sazonado e fresco.

Para se descascar o café, depois da colheita, não se usa de machina alguma, tendo-se unicamente a precaução de expor ao sol o fructo, depois de sahido expontaneamente em duas metades da capsula que o envolve; e, quando está sufficientemente secca a casca que cobre cada grão, se pilão com rolos de pau, que, pela trituração, vae separando a do mesmo grão"

Documento de alta valia para o estudo da historia da agricultura no nosso paiz é a informação que ao ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho (conde de Linhares) deu em 1799 o irmão do illustre Cayrú, Balthazar da Silva Lisboa, sobre a agricultura, commercio e população da comarca de Ilheus, onde servia como Ouvidor.

Ahi incluiu um historico da antiga capitania de Jorge de Figueiredo Corrêa e um estudo sobre a riqueza florestal da região. Pittoresco o que nos conta da miseria existente no sul da Bahia, pela indolencia das populações que só queriam o que lhes dava o mar e a matta, "vivendo quasi nús apenas embrulhados em hum timão de baeta, sobre a terra dura, deitados em huma esteira de palha ou sobre huma rede de algodão assim passão e vivem contentes com o misero estado em que por sua vontade querem permanecer, pois que os bellos terrenos que occupão os desafião sem cessar para que na sua cultura encontrem huma vida commoda e feliz."

"He difficultoso persuadir a homens tão grosseiros e insensiveis ao bem da sua propria existencia, para que hajão de se levantar da inercia em que estão, excitando-lhes os mais vivos estimulos para os forçar a largarem a vida selvagem e detestavel em que vivem, se elles achão o maior prazer na propria nudez e na simplicidade e pelos mais delicados guizados o camarão, o marisco com os quiabos, cancruz e muitas outras plantas, que a natureza expontaneamente lhes produz e para se saborearem do peixe lhe he do mais particular gosto, o limão e a pimenta que nenhum outro adubo europeu."

"As camaras não são assaz instrumentos efficazes, dos

quaes se devão servir os magistrados para cultivar os povos, e introduzir-lhes meios para se fazerem ricos e afortunados porque ellas são compostas de homens pela maior parte da mesma educação, sem conhecimentos e sem virtuosos estimulos do bem publico.

São elevados e altivos sobre a grandeza dos seus nascimentos, e exercitando ao mesmo tempo officios que são effeitos da sua ultima miseria, daqui vem a inobservancia dos provimentos que lhes deixei na primeira correição ainda aquelles que tem vantajosos meios e fundos para subsistir ainda que appareção no publico cobertos de galões e os pés de grossas chapas de fivellas de oiro e armados de espadim igualmente de oiro, mobilia que constitue toda a sua riqueza externa; no interior de suas casas vivem quasi nús em fraldas de camisa sem terem huma cama em que repousem, da mesma forma suas mulheres e filhas, que se não póde olhar para as mesmas muitas vezes pela indecencia com que apparecem.

Estes são os ricos, os quaes huma vez que os seus escravos a quem não sustentão, nem vestem, lhes tragão o marisco, o peixe e algumas hervas da roça, a mandioca, provendo para fornecimento da sua dispensa a carne do sertão, não invejão aos mais ricos e poderosos do mundo, muito principalmente se os governadores da Bahia se facilitão em armalos de bastões, capitães móres e menores, que só em Cairú se contão 5 capitães móres entre aggregados e effectivos.

Então por tal maneira se enfatuão que ficão orgulhosos e desobedientes, vivendo em continua intriga de humas com outras familias, sucitada pelos mesmos galões, faltando aos deveres de cidadão e de reis de familias.

Elles se não embaração tambem em terem huma habitação honesta em que possão viver, suas casas são taes que os grandes e santos penitentes dos passados seculos as trocarião sem duvida pelas suas expantosas ermidas e cavernas, que respiravão a mais dura penitencia e mortificação."

A introducção do arroz em Cayrú, Camamú, Marahú e Rio das Contas parecia trazer algum alento, sobretudo devido á influencia energica e inspiradamente prepotente de seu antecessor o desembargador Nunes da Costa, verdadeiro benemerito.

"He verdade que ha vinte annos a esta parte a agricultura tomou alguns alentos principalmente em Cayrú, Camamú, Marahú e Rio das Contas começarão os povos a plantar o arroz de Veneza e da terra, genero que só Cayrú chegou a fazer uma exportação para a cidade de 80.000 cruzados, os

de Camamú propagarão a da mandioca; porem o meu antecessor, surdo aos clamores de hum povo grosseiro, os constrangeu a fazer plantação de café de que o terreno era propríssimo e hoje Camamú exporta 5.000 arrobas de café; e espero continuará em augmentar a exportação daquelle genero, que tem augmentado as familias, daquelle lugar, sepultando a miseria em que muitos perecião.

Foi tambem de muito conveniencia a Cayrú a exploração do café, os córtes de madeira, porem derão ruma summa vantagem á sua agricultura, pois que entrarão a empregar nos córtes seus escravos, a comprar bois para os arrastos os dinheiros, que entrarão de S. M. para pagamento dos serviços dos córtes lhes facilitarão os meios de adquirir e lhes grangearão huma superioridade de agricultura, de commercio e de riqueza ás outras villas, como testificão os mappas da sua exportação."

Marahú e Rio das Contas vegetavam com a sua mandioca e aguardente. A villa de Ilhéus vivia em verdadeira miseria apesar de suas terras admiraveis. João Gonçalves da Costa, o tão gabado domesticador dos Mongoyos, convertera-se no mais atroz dos tyrannos e maltratava horrivelmente os descendentes dos selvicolas.

Prova evidente de que em 1780 a Bahia não exportava café é o quadro que aqui annexamos, procedente de um documento do Archivo Historico e Colonial de Lisboa, onde o capitão Sombra o descobriu recentemente (I. D. B. — 11 — 10718), publicando-o no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro (29 de setembro de 1935).

— "Mappa de todos os navios que durante o anno de 1780 sahiram do porto da Bahia para o de Lisboa, Porto e Ilhas, com a indicação dos generos que transportaram e da sua importancia:

Caixas de assucar	11.052
Feixos de assucar	772
Caras de assucar	287
Rolos de tabaco	11.415
Fardos de tabaco	1.339
Coiros em cabello	33.906
Atanados	455
Meios de sóla	65.239
Vaquetas	137.589
Pipas de Aguardente	27

Barris de mel	251
Barris de farinha	165
Barris de arroz	1.057
Caixas de arroz	52
Barris de gomma	10
Caixas de gomma	17
Saccas de algodão	463
Barris de tiquim	26
Barris de gengibre	15
Barris de ipecacuanha	2
Pontas de marfim	290
Coquilho em milheiros	135.778
Paus de construcção de naus	542
Paus de construcção de casas	884
Taboado em duzias	186
Coisoeiras	197
Pranchões	181
Toros de jacarandá	1.221
Toros de sob. am. de arruda	5.599
Varas de parreira	4.400
Achas de lenha	2.000

— Valor total da exportação: — réis 1.022:789$840.

CAPITULO XII

Depoimentos de Ferreira da Camara e de Santos Vilhena — A producção cafeeira da Bahia em fins do seculo XVIII. Informes diversos, estatisticos — O café no Espirito Santo

Em 1789 publicou Manuel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá — brasileiro illustre, cuja vida e serviços podem hoje ser avaliados, sob seu justo valor, mercê do minudente e soberbo estudo de Marcos Carneiro de Mendonça — publicou Ferreira da Camara o seu *Ensaio de descripção fizica e economica da Comarca de Ilheus na America.*

Nelle tece grande louvor ás vantagens da lavoura de cacau que calorosamente preconisa para as terras sul bahianas.

Poderia ser riquissima fonte de rendas ao passo que a canna deixava, desde muito, aos agricultores, irrisorios lucros quando os dava, aliás.

A proposito da canella expende uma série de considerações analysando a famosa correspondencia entre Antonio Vieira e Duarte Ribeiro de Macedo. Della já o leitor tem sciencai. Mostra Ferreira da Camara levar a sério aquellas noticias estapafurdias das ordens de Dom Manuel sobre as plantas orientaes no Brasil e exalta sobremaneira os meritos de Ribeiro de Macedo e a sua argucia diplomatica, a proposito da memoria de que o leitor já tem conhecimento. Falando do café em Ilhéos escreve o nosso autor:

"Provar a necessidade destes quatro generos (café, açafrão, anil e tamarindo) seria superfluo; o uso quotidiano que se tem feito do primeiro e qualidade do terreno desta comarca, que produz com igualdade ao cacau, assegurou a abundancia e o consumo.

A sua bondade nesta comarca, senão excede ao menos iguala a todo o cultivado no Brasil. O do Rio de Janeiro, que parece ser o melhor, é menos pesado, tendo sobre todos a preferencia de ser mais chumbado que nenhum outro."

Tratando de Ilheus, escreve Ayres do Casal que em seu

solo coberto de humus "quasi não havia sitio onde não prosperasse ou a mandioca ou o cafezeiro, ou o arroz, ou o milho ou a canna de assucar ou o algodoeiro. Da vila de S. Jorge dos Ilheus, antiga capital da capitania de Jorge de Figueiredo Corrêa e então em decadencia, affirma o nosso autor que "abastada de pescado e dos viveres do paiz, exportava farinha, arroz, café, aguardente, madeira e algum cacau."

Era o que tambem produzia Camamú.

"Na comarca da Bahia já hera consideravel a colheita do café". Entretanto, descrevendo as diversas villas, aldeias, freguezias e citando-lhes as producções em parte alguma se refere Casal ao café, até mesmo quando menciona Maragogipe.

Da biographia de Luiz dos Santos Vilhena muito pouco se sabe. E o que de melhor sobre ella se escreveu é devido a Braz do Amaral, a lhe prefaciar a edição posthuma e primeira aliás da *Recapitulação de noticias soteropolitanas e brasilicas.*

Suppôe que haja sido portuguez. Sacramento Blacke, que delle declara nada saber, pensava que fosse maranhense.

De 1787 a 1804 (?) residiu na Bahia, onde era professor da cadeira de grego, depois de ter sido militar em Portugal e professor de latim em Alvito. Sã.o sobremodo preciosas as suas cartas constantes da *Recopilação* e o Governo bahiano mandou imprimil-as em 1921.

Na quinta, occupa-se das culturas da Bahia. Como era de esperar, trata largamente da canna de assucar, para depois cuidar da do fumo, tambem com extensão de pormenores.

Passa depois a occupar-se com a da mandioca e o do anil, não consagrando uma só linha ao café. E no emtanto escrevia em 1802.

Na primeira carta refere que havia 400 engenhos de assucar tributarios do porto da cidade d'O Salvador, 260 no Reconcavo e 140 em Sergipe.

O commercio com Minas Geraes e Goyaz era por assim dizer nullo. Fôra outróra consideravel com a Parahyba e o Ceará em carnes salgadas, seccas, courama e algodão, mas a secca aniquilara o rebanho do nordeste e assim passara tal trafico a ser feito com o Rio Grande do Sul.

Das relações com S. Paulo diz:

O commercio com o porto de Santos, ou Capitania de São Paulo he nenhum, á excepção de alguma farinha de trigo, milho, legumes e toucinho que aqui se vem vender de tarde em tarde.

Sergipe fornecia muito assucar, fumo, algodão, cereaes, gado, aves etc.

Continuando, escreve o mestre de grego:

"O commercio da Bahia com as suas comarcas da costa, consiste na importação de Madeiras da comarca de Ilheos, farinha, arroz caffé, e algum cacau; os dois primeiros generos porem estão impedidos, hum de se cortar e vender e outro de se plantar onde possa conduzir-se comodamente para a cidade que em extremo o vae sentindo, e poderá talvez ser cauza deque aquella pobrissima, quando das mais ricas comarcas, venha a augmentar muito os seus dezertos."

Interessante é o quadro da exportação da Bahia, para Portugal em 1798.

Assim só exportara a Bahia em fins do seculo XVIII a insignificancia de 254 saccas de café. Por pequenos lotes em 17 navios em 1798 sahiram. Nas suas eruditas notas a Accioly discorda Braz do Amaral dos dados acima, attribuidos ao valor do café, que diz ter sido de 2:338$000.

A importação de Portugal equivalera a 2.064:012$430 rs., dando assim um saldo favoravel superior a 600 contos de réis.

Neste anno haviam entrado 4.903 escravos da costa da Mina e 2.151 de Angola, no valor de 662:380$000, o que dava uma media de 93 mil e poucos réis por cabeça.

Descrevendo as producções dos diversos districtos, só de longe em longe faz Vilhena alguma referencia geralmente insignificante á plantação do café.

Assim por exemplo, ao tratar da fazenda que os benedictinos tinham em Porto Seguro e onde um religioso, com onze escravos, plantava cacau, canna, café, algodão, mandioca e cereaes.

Este minusculo pessoal dá-nos ideia de quanto deviam ser resumidas as lavouras, pequenas roças quando muito.

	Quantidades	*Importancia*
Assucar, caixas, 17.826, feixos 709, arrobas	746.545	1.645:576$640
Aguardente de Mel, pipas	7	280$000
Algodão, sacas	6.051	148:427$400
Arroz sacas	379	1:508$000
Cacao sacas	6	44$800
Café sacas	254	1:758$600
Couros em cabello	32.314	47:258$000
Cordas de Piassaba		32$000
Drogas diversas do paiz		10:000$000
Estopa da terra		33$600
Farinha de Mandioca		80$000
Goma, caixas 18, barris 19		11:112$800

Grude sacas	6	62$060
Ipecacuanha	15	580$800
Madeiras diversas		776$320
Mel, barris	56	280$000
Moeda corrente	54.166	100:000$000
Solla branca e vermelha Meios	54.166	58:742$000
Tabaco, fardos 826 rollos 23.448, arrobas	380.053	668:863$750
Taboados de diversas qualidades		1:838$000
Varas para parreiras		39$000
		2.688:354$000

Terminando as suas *Cartas*, verberava Vilhena o atrazo dos processos commerciaes portuguezes.

"Os generos que Portugal offerece do seu proprio superfluo para a exportação, que o estrangeiro lhe paga por necessidade, ou por manter o seu commercio, consiste em lans, vinhos, sal, alguns azeites, a laranja e limão.

Os que porem recebe exportados das Colonias do Brasil são assucar, Algodão, Tabaco, courama curtida, e em cabello, Anil, arroz, para seu gasto, Madeiras, Cacao, Café, Baonilha, Ouro, diamantes, pedras finas de differentes qualidades, ipecacuanha, salsa parrilha, Julapa, Cravo de casca ou do Maranhão, aguardente de canna, e mais alguns outros de pouca consideração.

As nações que com vantajoso avanço tem parte neste commercio das producções de Portugal e suas colonias do Brasil são gradualmente de mais para menos, Inglaterra, Italia, Hollanda, Hamburgo, França, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Russia.

Os generos que os estrangeiros introduzem em Portugal são inutilmente mais que os que delle exportam. Reexportão os portuguezes para o Brasil aquelles generos dos estrangeiros a quem não só pagam a industria e despesas, que com commissão e avanços carregam aos correspondentes no Brsail.

E este he o motivo porque a Metropole jamais pode contar com a riqueza das suas Colonias, que podendo ser o seu Potosi, o he dos estrangeiros, nas mãos dos quaes vae parar a riqueza toda das mesmas colonias não só por este modo permittido mas pelo hostil com que nellas estão actualmente introduzindo capiciosamente innumeraveis navios carregados de contrabandos, levando assim o dinheiro que devera ser remettido para Portugal, que já o sente mais que muito e o conhece na falta dos rendimentos nas alfandegas, fiadores das despezas daquelle Estado no que devera tomar-se as medidas da mais prompta precaução."

Cerca de trinta annos mais tarde escrevia Mrs. Graham no seu tão conhecido entre nós *Journal of a voyage to Brasil* que o commercio de café bahiano era muito restricto em relação ao assucar, rhum, fumo, algodão e melado.

Spix e Martius em 1817 avaliavam o total da exportação bahiana entre 10 a 12.000 arrobas.

Thomaz Lindley, que esteve preso na Bahia por mais de um anno e por motivo de contrabando, deixou sobre as suas aventuras, um livro cheio de pormenores relativos á vida bahiana no limiar do seculo XIX.

Escrevendo em janeiro de 1803 sobre o commercio da Bahia, referia-se, incidentemente, ao café como um dos artigos de exportação local, sem nenhum commentario mais.

De muito maior interesse, porém, é o que narra dos cafés publicos da cidade d'O Salvador.

"Acha-se a Bahia miseravelmente dotada de meios para a acommodação de forasteiros. Hospedaria é cousa que alli se não conhece e aquelles que pretendem fixar na cidade uma residencia temporaria vem-se na contingencia de alugar uma casa ou parte della e mobiliada, o que é aliás, facil, por meio de umas poucas cadeiras, malas e uma mesa, complemento sufficiente e de accordo com o estylo da terra.

A's casas de pasto assignalam bandeiras tricolores á porta da entrada; são, inconcebivelmente sujas e sua cozinha tão horrivel que uma adega de Saint Giles de longe lhes leva vantagem.

Em todas as ruas abundam os cafés, se assim entenderdes dignificar por meio deste appellido um botequim sujo onde umas tantas mesas e uns tantos bancos se acham arrumados, com uma especie de balcão, no fundo da sala, de onde um liquido immundo, a que chamam café, é distribuido e tanto mais nauseante quanto servido em copos.

Estes lugares estão, desde pela manhã, apinhados de pessoas de differentes classes, de trato e do vulgacho a quem, a troco de uma paga de quatro vintens, é servido um almoço constituido por um copo de café e um pão amanteigado, com manteiga rançosa irlandeza, refugo do mercado de Lisboa."

Pelo que diz o acrimonioso contrabandista *manqué* devia em todo caso ser assaz consideravel, já em 1803, o consumo do café em terras bahianas, pelo menos em sua cidade capital.

A 23 de junho de 1811, dava Francisco Manuel da Cunha a Antonio de Araujo Azevedo, ministro de Estado, futuro e celebre Conde da Barca, uma informação sobre a Capitania do Espirito Santo.

Falando da Victoria e sua pobreza, escreve:

"Nove igrejas e dois conventos de religiosos apparecem no meio desta villa, que se estende sobre uma collina, á maneira de um amphitheatro: as casas não são bellas; alli não ha divertimentos, porque a pobreza da terra assim não o permitte.

O commercio, que consiste em pequenas quantidades de assucar, aguardentes, café, milho, feijão, arroz e algodão, não é bastante para animar os seus habitantes, e as suas pequenas embarcações só navegam ao longo das costas limitrophes do Rio de Janeiro e Bahia, e raras vezes se atrevem a viajarem para Pernambuco ou Rio Grande do Sul.

A maior parte das mulheres, só seu exercicio diario é fiarem o algodão, percebendo deste trabalho unicamente tres ou quatro vintens; a agricultura está como esquecida; não ha um só negociante capaz de animar alli os diversos generos do commercio, ou seja em artigos europeus, asiaticos, ou africanos, donde nasce a desgraça e comiseração, daquelle paiz, de tal sorte que, mesmo arruinando-se qualquer predio, jámais o reedificam."

Guarapary, Benevente, tinham os mesmos generos que a Victoria, sendo, porém, mais ricas em madeiras.

Não ha menção alguma particularisada de lavouras de café. Mencionando diversas freguezias, onde depois a rubiacea immenso se desenvolveu, nada a taî respeito diz o nosso geographo. Mesmo quando se refere a Itapemirim, a que augurava crescimento consideravel. "Havia alli plantações de cannas, algodoeiros, milho e arroz e outros mantimentos, além da extracção de madeiras."

Havia uma excepção, porém, a se fazer quanto a S. Matheus, que então não era espiritosantense e sim pertencia á capitania do Porto Seguro. Em seu districto cultivavam-se os mantimentos, o algodão, a canna e o café. "E, sobretudo, a mandioca, de cuja farinha se exportava grandissima quantidade", "naquelle abençoado districto, cuja fertilidade he talvez sem igual, onde as formigas são poucas."

Na *"Memoria estatistica da provincia do Espirito Santo, no anno de* 1817, que o Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira fez imprimir, obra da lavra de Francisco Alberto Rubim, governador da capitania, mencionam-se muitos engenhos e engenhocas, de assucar, e não se fala em café senão muito por alto.

Atravessava a antiga donataria de Vasco Fernandes Coutinho um periodo fortemente depressivo, como se deprehende

do officio que Francisco Manuel da Cunha expediu ao Conde de Linhares, a 26 de fevereiro de 1811.

Pretendia Cunha por este papel inculcar a Dom Rodrigo de Souza Coutinho o que haveria de pratico para se promover a prosperidade espiritosantense, sobretudo por intermedio da navegação do Rio Doce.

"A capitania do Espirito Santo, antigamente tão florescente pelo commercio directo com a Europa e Africa, perdeu o seu brilhantismo. A agricultura está alli como paralysada, que consiste em algodão, milho, arroz, feijão, assucar, café, aguardente, e tudo em pequena quantidade e de pouca consideração.

Algumas vezes as embarcações daquella capitania vão a Pernambuco e Rio Grande do Sul, mas a sua navegação ordinaria é sempre ao longo das costas limitrophes do Rio de Janeiro e Bahia: um só negociante capaz de animar os diversos generos do commercio, ou sejam em artigos europeus, asiaticos, ou africanos, não apparece na villa da Victoria; daqui nasce a desgraça e commiseração daquelle paiz, de tal sorte que, arruinando-se qualquer predio, jámais o reedificam.

Um dos ramos principaes da negociação daquelles povos era o córte, venda e exportação das madeiras, que tanto animava aquella provincia, este córte foi prohibido pelo actual governador, sendo sómente permittido a aquelles que ou cortavam madeiras para o mesmo governador, ou impetravam delle esta especial graça, tal é o estado presente da capitania do Espirito Santo."

E por mal de peccados, gemiam os espiritosantenses, desde 1804, sob o guante de pavoroso tyranno, o governador Manuel Vieira da Silva Thovar de Albuquerque, de quem relatava o missivista horriveis arbitrariedades, não o intimidando sequer a proximidade a partir de 1808, "do nosso augusto soberano, o pae da patria."

SYNOPSE DOS MAIS IMPORTANTES ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO DA BAHIA EM 1817, SEGUNDO SPIX E MARTIUS

Artigos	Quantidades	Preços Correntes	Valor total	Direitos de exportação por unidade	Total dos direitos de exportação
Açucar	1.200.000 arobas ou 27.300 caixas	a 2$000	R. 2.400.000	45 réis por arroba e 520 por caixa	15.600.000 R. 54.000.000 R.
				Soma	69.600.000 R.
Algodão	28.928 sacos a 177 ½ £ 160.460 arrobas	a 8$000	1.283.680.000 3.567.560	Por arroba 600 réis e por saco 100 réis	96.276.000 R. 2.892.800 R.
				Soma	99.168.800 R.
Tabaco	Aprovado 240.000 arr.	a 1$500	R. 360.000.000	por arroba de 40 réis	9.600.000 R.
	Refugo	a $700	R. 238.000.000	Idem	13.600.000 R.
	340.000 arr. folhas 80.000	a 0$000	R. 112.000.000	Idem	3.200.000 R.
Peles	30.000 peças	a 2$200	R. 66.000.000	2 % do valor	1.320.000 R.
Arroz	80.000 arrobas	a $400	1|3 R. 32.000.000	2 % do valor	640.000 R.
Café	10.000 arrobas	a 5$500	R. 55.000.000	2 % do valor	1.100.000 R.

Valor total: 4.546.680.000 réis, ou 12.635.981 fl. 3 kr.
Soma dos direitos pagos: 198.228.800 réis — 550.910 fl. 522 5 kr.

CAPITULO XIII

Primeiros depoimentos sobre o café no Rio de Janeiro — O "abbé" de La Caille — Introducção do cafeeiro pelo chanceller Castello Branco — Depoimentos numerosos e valiosos — Documentos ineditos

Quer nos parecer que a mais antiga referencia á presença do café no Rio de Janeiro provenha dos escriptos do *abbé* Nicolau Luiz de La Caille (1713-1762), um dos mais illustres astronomos e geodetas francezes do seculo XVIII, discipulo querido de Cassini e autor de grandes trabalhos de triangulação em França. Acabou director do Observatorio do Collegio Mazarin em Paris.

Em 1750, tendo obtido do seu governo licença para ir ao Cabo da Boa Esperança, observar as estrellas do hemispherio austral, tocou no Rio de Janeiro, sobre o qual escreveu diversas paginas curiosas.

Voltou á patria em 1754, tendo conseguido grande parte de seu *desideratum*, e vencer mil obstaculos. E distinguiu-se pelo desinteresse absoluto com que sempre se houve. Sobre o seu relato de estada na cidade fluminense escreveu o douto Vieira Fazenda considerações muito agradaveis subordinadas ao titulo *Um sabio no Rio de Janeiro* (1751), capitulo das preciosas *Antiqualhas e memorias do Rio de Janeiro*.

Trata-se de um commentario ao *Journal historique du voyage fait au Cap de Bonne Espérance par Feu Mr. l'abbé de La Caille*, livro posthumo, pois data de 1763.

Neste diario occorre a referencia a que nos reportamos. Depois de escrever diversas impressões, geralmente nada favoraveis, de seu contacto com os fluminenses, diz o sabio astronomo:

"O Governador, a quem aqui chamam o General, deu-nos um jantar ao Sr. Deprés e a mim.

O cardapio quasi só trazia peixes. Deram-nos guardana-

pos muito pequenos, quadrados e sujos ou que, pelo menos, já haviam servido.

E' entretanto um fidalgo muito rico e que muito pretende conhecer a pragmatica.

Em outro dia jantei com quasi todos os officiaes e passageiros do navio em casa de um particular chamado Sr. Paulo Vincent, de origem hollandeza, que reside a uns seiscentos passos fóra do recinto da cidade.

Deram-nos guardanapos limpos e o jantar foi magnifico. Serviram-nos uma porção de peixes diversos.

No fim da refeição teve o Sr. Vincent a gentileza de nos apresentar sua mulher para servir o café; estava vestida de tafetá cor de rosa e trazia a cabeça descoberta e raspada.

Era o facto insolito porque as mulheres nesta terra nunca apparecem numa refeição em que se ache algum amigo da casa, a menos que não seja algum parente proximo. Mas o Sr. Vincent, que muito estima os francezes, desprezou este costume por nossa causa. Sua mulher chegou mesmo a nos acompanhar num passeio, carregada em rede."

Commentando esse relato do sabio, escreve Vieira Fazenda:

"Esta ultima parte da *Redação Historica* suggere-nos algumas reflexões.

Pelo que diz La Caille, tomou elle café em casa desse hollandez, que era muito amigo dos francezes. Ou esse café tomado teria vindo por importação e, nesse caso, nada diremos, ou elle era o resultado da cultura já então feita aqui da famosa *Rubiacea*.

Nesta hypothese cabe pôr termo a tudo quanto se tem escripto sobre a introducção dessa planta no Rio de Janeiro.

Si em 1751 se *tomava café*, não foi, pois, o introductor delle o desembargador João Alberto Castello Branco, que só mais tarde, salvo erro, aqui chegou do Pará.

Seu nome não consta da primeira lista de magistrados, que fizeram parte, em 1752, da primeira Relação. Ora, eis ahi um ponto a estudar e digno da attenção dos sabedores da materia.

Em todo caso devemos ao grande sabio francez essa revelação, e só com isso damo-nos por bem pagos de havel-a descoberto em um livro raro e desconhecido entre nós."

As duvidas de Vieira Fazenda sobre a procedencia do café então encontrado no Rio de Janeiro estão dissipadas pelas palavras de Cook, o grande circumnavegador inglez, que em 1768 verberava a desidia dos cariocas pelo facto de im-

portarem de Portugal todo o café e chocolate que em sua cidade se consumia, prova de que nos arredores da nova capital do Brasil não havia cultivo algum da rubiacea.

Parece absolutamente incontestavel que o introductor do cafeeiro no Rio de Janeiro foi o desembargador João Alberto Castello Branco.

Monsenhor Pizarro a tal respeito escrevendo em 1820, dizia em suas famosas *Memorias Historicas* (VII, 110):

"O café, cujo fructo arabico em forma de fava amarga, e oleosa, ou como uma cereja, cobre uma capa grossa de côr encarnada, e quando mais sazonado, da côr de violeta, que depois de torrado se moe, e do pó se extrahe a tintura, do mesmo nome, que se bebe; apezar de ter sido transplantado da India para o Brasil, onde principiou a prosperar, foi comtudo mandado arrancar por El-Rei D. Manoel, para conservar o commercio com a Asia, impondo a pena de morte aos que tratassem da sua cultura, e progresso.

Conhecida, porém, com o andar dos tempos, a necessidade de augmentar os generos commerciaes do Brasil, cujo territorio assaz prodigo em producções não se nega de criar os que são proprios da Asia, bem como de qualquer outro paiz, pouco a pouco se foi introduzindo a planta do café pelo Pará, e Maranhão, onde se tem propagado notavelmente, depois que o decreto de 4 de Maio de 1761 o isentou de direitos nas Conquistas Portuguezas."

Esta historia da lei manuelina, absurda fabula, já vimos de onde procede e como Padberg a pulverisou brilhante e completamente. Passando a tratar da entrada da cafeicultura no Rio de Janeiro prossegue Pizarro, que nos parece ser o primeiro a se referir a Castello Branco.

"Não excede muito aos annos de 1770 o principio de sua cultura neste paiz, devida ao zelo, e diligencias de João Alberto Castello Branco, Chanceller, que era, da Relação desta cidade, mandando vir do Maranhão ou Pará, onde nascera, ou havia sido Magistrado, as plantas primeiras, que se dispuzeram na Cerca do Hospicio (em outro tempo) dos Padres Barbadinhos Italianos e na Quinta de João Hopman, além do arraial de Mataporcos."

E' de se notar porém que já em 1817 escrevera Ayres do Casal sobre o caso, sem mencionar comtudo o nome de Castello Branco.

"O cafezeiro naturalisado (no Rio de Janeiro) no tempo do conde de Bobadella, por diligencia dum magistrado, tem-se *multiplicado prodigiosamente* e enriquecido muita gente."

Mais tarde appareceram depoimentos, valiosos pela autoridade e alicerçados na tradição oral, contestadores da primazia que parece dever ser attribuida a João Alberto de Castello Branco.

Resumiu-os Freire Allemão, em 1850, ao historiar a introducção do cafeeiro na região fluminense, "onde esta planta parecia que melhor se dera do que alhures, pelo menos era a primeira do Universo, onde mais largamente se cultivava."

Menos pensadamente disse Balthazar da Silva Lisboa, nos seus "Annaes do Rio de Janeiro", que os capuchinhos francezes foram os primeiros que no Rio de Janeiro cultivaram o café que espontaneamente encontraram produzindo nas vizinhanças da cidade.

Em um artigo impresso em 1813, no *Patriota,* primeiro periodico que no Rio de Janeiro, senão em todo o Brasil, se publicou consagrado ás letras, e ás sciencias, diz o autor que conserva o anonymo mas que se sabe ter sido Domingos Borges de Barros, futuro Visconde da Pedra Branca, "quando indaguei donde nos veio o café, pude apenas colligir que no Pará nos veio por Cayena; e que o primeiro cafezeiro que appareceu no Rio de Janeiro, o devemos a Hopman, hollandez de nação, que se estabeleceu nesta cidade; noticia que devo á amizade do nosso illustre botanico José Corrêa da Serra."

O fallecido José Silvestre Rabello, homem instruido e trabalhador, em sua memoria sobre o café, lida na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, diz: "o certo é que um hollandez, por nome Hopman, que se achava estabelecido aqui na côrte, no tempo do vice-reinado do Marquez de Lavradio, plantou arvores de café."

A tal respeito, comentava Pizarro, em 1820: "*O Patriota,* do Rio de Janeiro referiu, no n. 5 da 1.ª subscripção, pag. 12, instruido pelo seu amigo Botanico José Correia da Serra, que se devia a Hopman o primeiro cafeeiro apparecido no Rio de Janeiro.

Devo affirmar que Serra, ignorando a origem dessa planta café, attribuiu a Hopman a primazia de transplantador, só pela circumstancia de criar na sua Jacra as primeiras plantas, donde e da Cerca dos Barbadinhos, Italianos, sahiram as que depois se foram cultivando noutros lugares da Provincia, Santa Catharina, etc."

Ao escrever a sua optima monographia ignorava Freire Allemão porém outro documento da lavra de José Silvestre Rebello, datada de 20 de abril de 1839, o manuscripto n. 912,

pertencente ao archivo do Instituto Historico Brasileiro, de onde o exhumou Moura Brasil, em sua excellente memoria *A Lavoura, riquezas vegetaes* (Livro do Centenario, volume IV, Rio de Janeiro, 1910).

"O Caffé passou de Cayena ao Pará e Maranhão, mas eu ignoro o anno, e como, e por quem. He certo que pelo Dec. de 4 de Maio de 1761, foi o mesmo isento de direitos vindo das conquistas Portuguezas, e antes, em 1743, se prohibia a sua importação, como não viesse do Maranhão e em Navios Portuguezes.

Dez annos depois, pouco mais ou menos, João Alberto Castello Branco, chanceller da Relação desta cidade, que ou nasceu no Maranhão, ou servira lá de Magistrado, mandou vir dalli as plantas, que se plantaram humas na cerca dos Padres Barbadinhos, e outras na chacara do João Hopman. Devo porém repetir aqui que o Sr. Antonio Caetano da Silva, morador na Rua dos Barbonos sustenta, que hum Navio Francez, entrado neste Porto, e vindo da India, trouxera sementes de Caffé e que as dera ao Marquez de Lavradio, então Vice-Rei; que este dividira por varias pessoas; e que elle se lembra que sua Avó, as plantara em um vaso, aonde as vio nascer, e viver por algum tempo.

Confesso que não sei dizer o que devemos acreditar a este respeito; o Sr. Antonio Caetano da Silva he homem de verdade; he certo comtudo que pode equivocar-se, e tambem he possivel, que as plantas do Maranhão, e as sementes do barco Francez chegassem ao Rio com pouca differença de tempo. He digno tambem de notar-se que nas instrucções deixadas ao seu successor Luiz de Vasconcellos, o Marquez de Lavradio não lhe fale na então começada cultura do Caffé, quando lhe recommenda, e com muito empenho, as do Arroz, Cochonilha, Annil, Linho, Canhamo, Bicho de Seda, e Amoreiras, e a manufactura de Cabos da nossa Guaxima; qualquer que fosse a razão deste esquecimento, ella causa quasi pasmo."

Assim em 1839 contradizia o proprio José Silvestre Rebello, a opinião por elle anteriormente emittida attribuindo a primazia da iniciativa a Hopman.

Já em 1834, porém, declarara Januario da Cunha Barbosa, o illustre procer de nossa Independencia Nacional e um dos tres benemeritos, co-fundadores do Instituto Historico Brasileiro, pelas columnas d'*O Auxiliador da Industria Nacional*.

"Bate-me o coração quando me lembro que ainda vi nos

primeiros annos da minha vida (isto em 1782, segundo refere o Dr. Freire Allemão) as duas primeiras arvores de café que haviam sido trazidas em tenras plantinhas da cidade do Maranhão pelo desembargador João Alberto Castello Branco, nomeado chanceller da Relação desta cidade e acolhidas como peregrinas estrangeiras na horta dos Barbadinhos Italianos junto á entrada de sua Capella, onde é hoje hospital de municipaes remontistas."

Lucidamente commenta Freire Allemão:

"Eis a tradição passada de bocca em bocca com suas usuaes alterações.

O conego Cunha Barbosa no seu discurso sobre algumas producções do Brasil (Auxiliador da Industria Nacional, Tomo 3) diz que o Dezembargador Castello Branco trouxe do Maranhão em 1752 as duas primeiras plantas, que alli aportaram de Cayena. No que julgo eu ha mais de um engano".

Analysando estes embates de opiniões expende Hildebrando de Magalhães.

O que não admitte contestação é que á actividade de João Alberto de Castello Branco se deveu a iniciativa do transporte do cafeeiro do Pará ao Rio, — facto esse que tem sido geralmente aceito e confirmado.

Se o cohonestou, além de muitos outros, o esclarecido Theodoro Peckolt, — não deixou de haver, comtudo quem se equivocasse, qual, por exemplo, Mello Moraes, na sua "Phytographia" e José Carlos de Carvalho, no seu livro "O Café" (Rio de Janeiro, 1900) avançando que o citado desembargador trouxe o café de Gôa.

Talvez hajam sido estes autores e mais provavelmente Peckolt quem tenha levado Ukers a uma affirmação categorica.

Gaba-se o autor yankee aliás de ter collectado tudo quanto até 1922 havia sobre o café, e no emtanto nem menciona o nome de Francisco de Mello Palheta! Escreveu em suas ephemerides da cafeicultura "1760: — João Alberto Castello Branco plantou no Rio de Janeiro "the first cofee tree brought to Brazil from Goa, Portuguese India."

Vejamos agora alguma cousa sobre o benemerito chanceller, introductor, no Brasil meridional, do café que vivia tão escassamente propagado na Amazonia, e, ao que parece fóra de duvida, não descera ainda do Maranhão para o Sul.

O que até hoje se tem divulgado sobre a personalidade de João Alberto de Castello Branco não passa de alinhavos de biographia. Não temos elementos para completar tal tentamen

mas com algumas achegas valiosas que nos vieram de archivos portuguezes e brasileiros podemos augmentar a somma de conhecimentos até hoje reunidos sobre a vida e os feitos do celebrado introductor do café no Rio de Janeiro valendo-nos de noticias ineditas relativamente abundantes.

Entre os autores que do magistrado trataram, ha serias divergencias quanto a diversos pontos de sua carreira e particularidades de vida. Assim ninguem sabe ao certo dizer se era brasileiro ou portuguez. Ha quem o diga filho do Pará, e quem lhe dê a qualidade de maranhense.

Em 1927, escrevia Hildebrando de Magalhães em sua excellente contribuição a *Historia do Café*:

"Por 1760 (sob o reinado, portanto, de Dom José I) foi que o desembargador João Alberto de Castello Branco fez vir para o Rio de Janeiro — do rincão do norte do paiz onde inicialmente se aclimara o arbusto do café.

A ascendencia daquele magistrado vinculava-se, com certeza, á terra paraense. Pelo nome — parece ter tido como ancestral não só ao proprio fundador de Belém (em 1615), Francisco Caldeira de Castello Branco, mas tambem um dos governadores do Pará. João de Abreu Castello Branco (nomeado por decreto de 9 de maio de 1737 e fallecido a 1.º de março de 1748 em Lisboa).

Consanguineo proximo do ultimo seria, talvez, o inolvidavel introductor da planta na capital brasileira."

Teria sido brasileiro como ainda agora aventa Hildebrando de Magalhães, suggestionado pela homonymia, a ponto de o suppôr da familia do fundador de Belém e do Capitão General Governador do Estado do Maranhão?

E' bem verdade que para lançar tal hypothese pôde valer-se das supposições de Pizarro, que, por sua vez talvez haja influenciado a José Silvestre Rebello .

Isto de argumentar com a homonymia de nada vale aos olhos dos que têm trabalhado na seara aridissima da genealogia brasileira e portugueza.

Individuos de nomes identicos a cada passo se apresentam, sem ter o menor parentesco. E a cada passo vemos, na mesma irmandade, membros com appellidos totalmente diversos uns dos outros.

Caso frisante é o que occorria na irmandade do maior genealogista do Brasil, Pedro Taques. Chamava-se Pedro Taques de Almeida Paes Leme e seus irmãos Bento Paes Leme da Silva e Antonio Paes da Silva Lara e Abreu.

Nada sabemos da naturalidade de João Alberto Castel

Branco (como elle se assignava). Na larga minudente e tão conscienciosa genealogia da familia maranhense dos Castello Branco, de autoria de Raul Castello Branco Barreto e Antonio Leoncio Pereira Ferraz não encontramos referencia alguma ao chanceller fluminense.

E sabem todos os que conhecem a genealogia brasileira quanto foi e é proeminente a familia dos Castello Branco no Maranhão e Piauhy, de onde se ramificou pelas capitanias vizinhas.

Affirma Theodoro Braga, aliás paraense e sem o documentar porém, que o chanceller era natural do Pará.

Quer nos parecer que fosse João Alberto parente dos Castello Branco brasileiros, mas reinol.

Estudemos agora, á luz de documentos ineditos, este caso de sua ligação com a India Portugueza allegada por Peckolt, informado não sabemos por quem. E vejamos se é possivel que em 1760 haja elle trazido de Gôa para o Rio os primeiros cafeeiros do nosso sul.

Nada sabemos dos primeiros annos de João Alberto Castello Branco, nascido em 1708 como mais tarde veremos. Quando terá ingressado na magistratura?

O que podemos affirmar é que, já em 1756, era Desembargador servindo na India Portugueza, permanentemente ou em commissão.

Estribemos porém a nossa affirmativa na documentação de Marinha e Ultramar.

"Da Bahia, e a 17 de maio de 1757, escrevia D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, aos ministros de Estado Sebastião José de Carvalho, o futuro Pombal, e Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, a mesma carta noticiando-lhes a chegada ao porto da cidade d'O Salvador da Nau de Viagem *Santo Antonio e Justiça* que se destinava a Lisboa.

Partira de Gôa, a 31 de janeiro anterior e, após cento e quatro dias, fundeara na Bahia de Todos os Santos, com prospera e feliz travessia, sem tempestade nem maus encontros.

Commandava-a o Capitão-tenente Isidoro de Moura e sua guarnição era de 177 homens. Vinha repleta de passageiros; só officiaes da marinha de guerra, de duas naus de transporte, 38 e mais 13 officiaes do exercito de diversas graduações, desde tenente-coronel até alferes, além de dois inferiores e treze soldados.

Haviam sido apanhados dous soldados mais, como passa-

geiros clandestinos "os quaes ficaram recolhidos na cadeia na forma das ordens de Sua Magestade."

Vinha ainda um fidalgo prisioneiro de Estado, "certo D. Antonio Henriques, com sentinella á vista. Recolheram-no immediatamente ao Forte de S. Pedro com as mesmas cautelas". Alli ficava, tambem guardado a vista, esperando ordens directas do Governo de Sua Magestade.

"Da causa de sua prisão advertia o Conde dos Arcos não tenho noticia alguma, razão porque a não participo a V. Excia.".

Talvez se relacionasse com os ultimos e gravissimos successos da India Portugueza onde reinava a maior desolação.

Explicava-o Dom Marcos de Noronha:

"A carga que trouxe esta Náo he correspondente ao deploravel estado, em que ficava Goa quando ella partio, que não podia experimentar golpe mais sensivel, nem mais penetrante do que a da morte do Vice-Rei Conde d'Alva; porque determinando se a ir atacar a Fortaleza de Pondá, teve a infelicidade de ficar morto no Campo, e com elle alguns cavalheiros, e alguma parte das Tropas que o acompanharão a esta infeliz expedição, em que se perderam totalmente as bagagens e Artilharia, que se havia conduzido, mas como Deus assim o permittio.

Não temos mais que humiliar os nossos sentimentos, e os novos discursos ás suas altas e incomprehensiveis disposições, esperando da sua infinita Misericordia, que não ha de permittir, que se extinga, e acabe a christandade no Oriente, e que ha de dar muita vida e saude a Sua Magestade em premio do generoso animo e Catholico Zelo, com que procura com tantos gastos e expedições a sua conservação.

Com este accidente tomaram posse do Governo daquelle Estado o Arcebispo Primaz, o Chanceller que acabou, João de Mesquita Mattos Teixeira, e o Coronel Felippe de Valadares, Sotto Mayor, e como elles hão de render conta a S. Magestade nas vias, que remetto, de tudo o que tiver occorrido, não só me parece superfluo, e desnecessario mas passaria á imprudencia se entrasse a discorrer sobre semelhantes materiaes."

Devia a nau *Santo Antonio e Justiça* depois dos reparos indispensaveis exigidos pela longa travessia partir para o Reino. Mas como estes demorariam expedia o Conde dos Arcos a correspondencia official por uma nau, que estava de verga dalto, attendendo assim ao pedido instante dos governadores da India. Além dos militares trazia a nau de Goa mais

passageiros de alta categoria: os desembargadores João Alberto Castello Branco e Francisco Raymundo de Moraes Pereira, um religioso barbadinho, francez de nação, um jesuita procurador da provincia de Goa e com destino a Roma e um franciscano.

Durante a travessia haviam morrido sete pessoas, entre as quaes um official do exercito e um piloto.

Demorou-se a nau goense no porto da Bahia nada menos de quatro mezes exactos (de 14 de maio a 14 de setembro de 1757) conforme ao Secretario de Estado noticiava Manuel de Mattos Pegado Serpa (Achivo Historico e Colonial de Lisboa, 2898).

Já nesta occasião se aprestava em Portugal uma esquadrilha de soccorro á India sob o commando do capitão de mar e guerra das fragatas da Armada Real, Antonio de Brito Freire, o qual devia deter-se na Bahia apenas o tempo necessario para embarcar as tropas do Brasil que tambem seguiriam neste comboio.

Bastante maltratado aliás se mostrava a *Santo Antonio* no dizer do commandante a seu mniistro. Apesar do excellente tempo, que tivera sempre, "abrira-se-lhe o beque de prôa notando-se além disto alguma corrução no mastro grande."

O tal prisioneiro de estado, Dom Antonio Henriques embarcara a ultima hora da madrugada e mysteriosamente, preso á ordem da Junta dos Governadores da India, e acompanhado por um official. A unica instrucção a seu respeito era que o entregassem ao Vice Rei do Brasil.

A *Santo Antonio e Justiça,* barco armado em guerra, trazia muita pimenta e enorme quantidade de louça de que parte se desembaraçou na Bahia.

No seu manifesto (Documentos 2901 e 2902 da Bahia, no Archivo Colonial de Lisboa) não occorre a menor referencia a mudas de café dentre o que desembarcou na Bahia, cestos e amarrados de louça em grande profusão, saccos de pimenta, caixas, caixotes e fardos de miudezas, caixões, taboleiros, anchões (boiões de Macau), trouxas, frasqueiras, rotas e rottins (hastes de junco), fardos e barricas de livros, caixinhas, jarras, peças de procolós (?) armações de moveis, encapados de bambús, etc.

No momento de partir, a 12 de setembro de 1757, assignava Manuel de Carvalho Lima Passos a relação de tudo quanto sahira da *Nau da India Santo Antonio e Justiça* e fora entregue á "Alfandega desta cidade (da Bahia) a pagar direitos a Sua Magestade a quem Deus guardasse."

Não é crivel que João Alberto, que prosseguiu em sua jornada oceanica, houvesse deixado na Bahia os cafeeiros goenses, acaso trazidos comsigo. Se o tivesse feito algum echo nos teria ficado desta transplantação prefluminense.

Nem nos consta aliás que Goa jamais haja sido região cafeeira. Quando terá João Alberto regressado ao Brasil é que de todo não sabemos.

Em 1760 era chanceller da Relação do Rio de Janeiro. Teria antes servido na do Estado do Maranhão? E' o que não podemos ainda elucidar.

Pizarro em 1822 não affirmou de todo que alli tenha funccionado como desembargador "nascera no Maranhão ou Pará ou alli fora magistrado."

Januario da Cunha Barbosa é quem, em 1834, escrevia que as duas primeiras mudas aclimadas no Rio de Janeiro "haviam sido trazidas em tenras plantinhas da cidade do Maranhão pelo desembargador Castello Branco, nomeado chanceller da Relação desta cidade (Rio de Janeiro).

Affirma Moura Brasil, apoiado pela autoridade de Vieira Fazenda:

"O desembargador Castello Branco não trouxe do Maranhão as primeiras sementes de café e sim as mandara vir quando aqui era chanceller de Relação desta cidade (Rio de Janeiro)."

Para destruir semelhante duvida é omissa a documentação de que até hoje poudemos lançar mão.

Naturalmente interpretando algum escriptor, dos muitos, dos innumeros que atulham em nosso paiz a bibliographia da Historia do Brasil... pelo methodo confuso, compoz Alfredo Norfini um quadro: o desembargador Castello Branco regando as suas mudas de café durante a travessia do Pará ao Rio de Janeiro e para ellas sacrificando parte de sua ração de agua.

Houve ahi certamente adaptação do "cuento" do caso de De Clieu ao Brasil. Documento algum, pelo menos de sciencia nossa, abona tal historieta, digna de figurar no lendario nacional a titulo exotico ainda.

Se nem hoje sabemos ao certo se as mudas vieram trazidas pelo proprio desembargador ou a mandado seu apenas!

CAPITULO XIV

Informes inéditos sobre o Chanceller Castello Branco — Um incidente invulgar — A carreira do Chanceller

Serviu João Alberto bastante annos na Relação do Rio de Janeiro. Teve notavel destaque no scenario brasileiro como membro da junta trinna governadora empossada na suprema direção do governo fluminense com o fallecimento, a 1.º de janeiro de 1763, de Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella. Ha quem diga, como se sabe, que Gomes Freire, nomeado Vice-Rei, ainda não se empossara deste altissimo cargo.

Teve o chanceller, como collegas de governo, o Bispo Dom Fr. Antonio de Desterro e o Brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoym, o autor dos famosos *Exames de Artilheiros* e o *Exame de bombeiros*, celebradissimos nos fastos de nossa bibliographia e de nossa imprensa, sobretudo depois da sabia e exhaustiva exegese de Felix Pacheco nas suas magnificas *Duas charadas bibliographicas*.

Estava-se á espera do primeiro Vice-Rei que iria governar o Brasil, na sua nova capital, o Rio de Janeiro. E assim, a 8 de janeiro de 1763, participava a Junta aos governadores interinos da Bahia e do Estado do Brasil:

"No primeiro de Janeiro deste anno, pelas dez horas da manhã, falleceu nesta cidade o Illmo. e Exmo. Conde de Bobadella, General destas capitanias, com quinze dias de doença.

No segundo dia, depois de se dar á sepultura o seu corpo na Igreja do Convento das Therezas, no sitio chamado do Desterro, se abriu na tarde do mesmo dia a via de Sucessão que Sua Magestade havia mandado depositar no Convento do Carmo, aonde foram convocadas todas as pessoas que pareceram convenientes deviam assistir á abertura della; e na presença das mesmas, com a formalidade devida, se abriu, na qual nos achamos nomeados na governanças desta Capitania, e na de Minas Geraes, com o mesmo poder, e alçada, que o

dito Senhor havia conferido ao mesmo Conde General, como se vê do Alvará, que incluso remettemos á presença de V. Excia. por copia."

A perda da Praça de Colonia concorrera muito para a total ruina da saude de S. Excia. até chegar a perder a vida, sensivelmente magoado em considerar que o Brigadeiro Vicente da Sylva da Fonseca, seu Governador, houvesse de a entregar por capitulação, depois de participar que dispunha de abundantes elementos de resistencia.

Era, aliás, João Alberto de Castello Branco amigo particular de Gomes Freire e foi seu executor testamenteiro.

Refutando aos que affirmam ter o cafeeiro entrado no Rio de Janeiro em 1770, escreve Moura Brasil os seguintes e judiciosos commentarios:

"Si com effeito foi o desembargador Castello Branco quem trouxe do Pará ou Maranhão os dous pés de café, quando de lá veio para o Rio de Janeiro, isto se deu em época anterior a 1771, porque fallecendo em 1.º de Março de 1763 o Conde de Bobadella, e abertas as vias de successão, tomaram conta do governo, interinamente, o Bispo D. Antonio do Desterro, o Desembargador Castello Branco e o Brigadeiro Alpoim."

Demais, o desembargador Castello Branco foi testamenteiro do conde de Bobadella, o que prova que entre os dois havia relações amistosas e de confiança antes de 1763; ou então aquelle desembargador voltou ao Maranhão, depois de estar no Rio de Janeiro, do que não rezam as chronicas.

A 16 de outubro de 1763 passavam João Alberto de Castello Branco e seus dois collegas da Junta o poder a D. Antonio Alvares da Cunha, conde da Cunha, primeiro vice-rei que teve o Rio de Janeiro.

Em 1766 ainda alli estava o chanceller pois sabemos que funccionou como arbitro escolhido por ambas as partes, o Visconde de Asseca e o illustre abbade benedictino Frei Gaspar da Madre de Deus, numa pendencia judiciaria relativa ás terras de Campos dos Goytacazes.

Interferira o Chanceller contemporaneamente em outra questão dos benedictinos, o que lhe valera o apreço dos monges, sobremodo perseguidos pelas exigencias do fisco, quando da famosa devassa promovida pelo corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, Dr. Alexandre Nunes Leal, homem intratavel e inflexivel no papel de procurador do erario régio.

De suas exigencias extorsivas ficaria sinistra lembrança, compendiada nas palavras do vice-rei Marquez de Lavradio

que, em 1779, verberava o procedimento de um delegado cuja tyrannia reduzira á ruina os vassallos sem que de tal descalabro nem sequer "ficasse Sua Magestade inteirado do que se lhe devia."

Durante a sua estada no Rio de Janeiro como chanceller da Relação, tomou João Alberto de Castel Branco (como elle se assignava, e não Castello Branco) notavel parte no governo fluminense.

Assim vemol-o funccionar no "Assento que se tomou em Junta desta Cidade do Rio de Janeiro, sobre a divisão das Minas Geraes e de S. Paulo, mandado tomar por rezolução de Sua Magestade Fidelissima", a 2 de outubro de 1765.

Neste conselho, presidido pelo Vice-Rei (Conde da Cunha) opinou-se que S. Paulo soffrera positivo e clamoroso esbulho "achando-se tão limitado de Paiz pelo que se lhe tinha usurpado". "E recommendava-se ao Rei que marcasse o curso do Sapucahy como limite das duas circumscripções, visto como a usurpação feita pelo governo de Minas se realizara durante os dezesete annos em que São Paulo deixára de ser capitania autonoma ficando subordinado ao governo do Rio de Janeiro. E isto quando sempre se respeitára o Sapucahy como linha das duas capitanias."

Já foi aliás este documento importante arrolado na busca que Derby e Toledo Piza fizeram relativamente á questão de limites inter-estaduaes mineiro-paulistas em defesa dos direitos de S. Paulo.

Conhecemos um documento em que figura o nome de Castel Branco como conselheiro do Conselho Ultramarino.

E' uma provisão pela qual D. Maria I nomeia por um anno Hermogenes Raphael da Costa Borges e Azevedo, Guarda-Mór da Alfandega da cidade d'O Salvador. Data de 14 de julho de 1786.

Graças a uma descoberta do bom amigo Rodolpho Garcia, fonte de infindaveis informes doutos, temos notas muito valiosas a ministrar sobre a biographia de João Alberto de Castello Branco. Provêm de um artigo da "Gazeta de Lisboa", de 4 de janeiro de 1782, referente a um caso prodigioso occorrido na velhice avançada do introductor do cafeeiro no Rio de Janeiro.

Teve elle terceira dentição! e este facto fez com que a "Gazeta", geralmente tão sobria, tão secca mesmo, lhe consagrasse uma série de linhas para nós preciosas. Digamos o que é tal noticia, transcrevendo-a na integra.

"Nesta Cidade se admira actualmente hum fenomeno ra-

ras vezes observado na natureza humana. João Alberto Castello Branco, que tem servido S. M. em Desembargador no Estado da India, 8 annos Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, e ha 14 Conselheiro no Conselho Ultramarino, de idade de 74 para 75 annos, havendo perdido todos os seus dentes, presentemente, sem fazer remedio algum, lhe nascem outros novos, dos quaes já 15 são palpaveis e visiveis, 10 no queixo superior, e 5 no inferior, continuando este esforço extraordinario da natureza a prometter-lhe huma completa dentição, que prova a sua commum robustez em tão avançada idade."

Assim, pois, graças a esta noticia da imprensa podemos ifxar o millesimo do nascimento do chanceller: 1708 e delimitar o prazo de sua estada no Rio de Janeiro, de 1760 a 1768.

Promovido neste millesimo ao alto posto de Conselheiro Ultramarino, um dos mais eminentes da monarchia, longamente serviu neste cargo, conforme verificamos pela inspecção da série dos *Almanacks de Lisboa.*

Figura o seu nome na lista do membro do conselho até 1793. O almanack de 1792 ainda o menciona.

Assim morreu em 1791, ou no anno seguinte, aos 83 ou 84 annos de idade.

E quiçá haja conservado até os ultimos dias essa dentição extranumeraria que aos bons povos de Portugal certamente assombrou como das mais raras coisas occorriveis aos entes de nossa especie.

CAPITULO XV

A supposta intervenção do Marquez do Lavradio e de Frei Velloso na cultura cafeeira fluminense — Curiosa novella apoiada em lenda

Em 1847 publicou o fluminense Luiz da Silva d'Azambuja Susano um romance intitulado *"O Capitão Silvestre e Frei Velloso ou A Plantação do café no Rio de Janeiro.*

E' resumida a biographia deste autor, cuja principal fonte informativa vem a ser a noticia dada por Francisco Prisco, em 1927, na edição d'"O Jornal", sob a epigraphe: *Um romance historico sobre o café.*

"Editado no Rio de Janeiro, pela casa Eduardo e Henrique Laemmert, publicou Luiz da Silva Alves d'Azambuja Susano, em 1857, um romance denominado *"O Capitão Silvestre e Frei Velloso ou a Plantação do Café no Rio de Janeiro."*

Declarou João Ribeiro, que conseguira certo dia "fazer pequena descoberta, achando entre as pilhas esquecidas de um alfarrabista o primeiro romance brasileiro."

"A chronologia e a prioridade, coisas tão estimaveis na bibliographia e na literatura, vão dar-lhe o primeiro logar entre os romancistas.

O Sr. L. da Silva d'Azambuja Susano... escreveu o nosso primeiro romance brasileiro, assim lhe chama, com o titulo de *O Capitão Silvestre e Fr. Velloso ou a Plantação do Café no Rio de Janeiro."*

O nosso eminente e sabio compatriota esqueceu-se, de certo, da verificação do anno em que sahiu o livro em apreço. No fim da pagina 58, que é a ultima, está a data de 1847.

E, em 1841, seis annos antes, portanto, já havia Joaquim Noberto dado a lume *As duas Orphãs.* Em 1843, publicou Teixeira de Souza *O Filho do Pescador,* que José Verissimo con-

sidera, pelo desenvolvimento e volume, o primeiro romance brasileiro. (*)

E não é só. O proprio autor do *Capitão Silvestre e Fr. Velloso,* em 1843, publicara outro romance de assumpto brasileiro, como indica o proprio titulo. *Um roubo na Pavuna.*

O pequeno livro de Azambuja Susano é porém, o primeiro romance brasileiro sobre café. Já é prioridade, já é uma distincção e constitue uma reliquia.

Feita esta rectificação, continúa o distincto critico:

"Vejamos agora quem era esse escriptor. Alves Susano era carioca: nasceu no Rio de Janeiro a 20 de Agosto de 1785 e falleceu na provincia do Espirito Santo, a 16 de Agosto de 1873, com quasi 88 annos de idade.

Quiz a principio ser padre, mas, mudando de resolução, foi professor, funccionario publico, advogado e literato.

Quando se proclamou a Independencia, Alves Susano, que era escripturario da contadoria da Fazenda, foi convidado para fazer parte do Governo Provisorio do Espirito Santo. Mais tarde foi nomeado inspector da Thesouraria, onde teve aposentadoria em 1856.

Sacramento Blake informa no *Diccionario Bio-bibliographico* que Susano "prestou importantes serviços á causa da Independencia, já correspondendo-se com os mais decididos patriotas do Rio de Janeiro, já se esforçando para que, com toda a calma, se prestasse o juramento á mesma Constituição quando os animos se achavam na provincia exaltados e a tropa insubordinada."

Advogado provisionado, escreveu obras de Direito, commentou as *Ordenações,* fez repertorios de leis; professor, escreveu compendios de orthographia, grammatica portugueza, arithmetica e historia; sabedor de varios idiomas, poz em linguagem portugueza Anacreonte, Ariosto, Homero e Tertuliano.

Ainda mais. Tambem romancista, escreveu: *Um roubo na Pavuna; O Capitão Silvestre e Fr. Velloso e A Baixa do Mathias, ordenança do Conde dos Arcos,* sendo este ultimo livro de 1859.

O que ora nos importa é, porém, o segundo destes volumes, o que diz respeito á plantação do café no Rio de Janeiro.

(*) Engana-se aliás o critico paraense. O primeiro romance brasileiro vem a ser as *Aventuras de Diófanes* cujo autor é a paulista Tereza Margarida da Silva e Orta, irmã de Mathias Ayres, cuja primeira edição é de 1752.

Trata-se duma satyra aos fazendeiros da época, escripta sem brilho, é certo, mas com tamanha habilidade, que se lê sem enfado."

Desta opinião dissentimos.

Difficilmente se encontrará sensaboria maior quanto esta novella que, na realidade, poder-se-á intitular romance historico... pelo methodo confuso.

O proprio Francisco Prisco — depois de resumir o entrecho da novella, no seu entender "livrinho precioso com paginas de historia e ensinamentos varios" — assim conclue o seu juizo:

"Como romance, propriamente, sem fabulação, sem uma unica figura de mulher e sem que em suas paginas se fale sequer em amor — thema eterno — em verdade nada vale. E' despiciendo e mediocre. Mas tem a recommendal-o o facto de constituir a nossa primeira producção literaria sobre o café.

Ademais disso, para os bibliophilos é uma preciosidade, parece-me que é, em sua linguagem, o que se chama de cimelio.

Que o digam os entendidos.

E ahi está como tem valor a obrinha esquecida do não menos esquecido Luiz da Silva Alves d'Azambuja Susano.

Veremos, per summa capita, o que representam taes "paginas de historia e ensinamentos varios."

Analysando a novella de Susano expende Basilio de Magalhães em *As lendas em torno da lavoura da café* que se trata de obra de pouco valor literario cujo enredo não se vincula a nenhuma ficção oriunda do nosso populario ou capaz de fixar-se nelle."

Acha-a, com Affonso Claudio, uma satyra ao atrazo dos fazendeiros da época. Exagera porém a boçalidade dos nossos compatricios daquella éra, chegando ao ponto de insinuar que não concebiam como de uma semente pudesse surgir um arbusto ou uma arvore!"

Em todo o caso reconhece-lhe algum fundo historico, real benevolencia do douto historiador mineiro!

Não passa de fantasiosa mixordia, sob ponto de vista historico o tal *Capitão Sylvestre,* na integra ultimamente reproduzido num volume de procedencia official, *Minas e o bicentenario do cafeeiro no Brasil,* (Bello Horizonte, Imprensa Official, 1929).

O peior é que tal trapalhada vae induzindo autores contemporaneos a erronias, por vezes graves, como succedeu a

um dos collaboradores dessa publicação commemorativa organizada e editada pela Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Geraes.

Ahi vemos reproduzidas as invenções de Susano como se documentos historicos fossem de acatavel autoridade.

Coisa que, aliás, o romancista jamais pretendeu para as suas lucubrações, notemol-o entre parentheses.

Assaz immodestamente, enceta Susano o romance por uma advertencia ao leitor a quem promette "amena leitura no quarto de hora empregado em deletrear o romance."

Enceta-se com a entrada em scena de Frei José Mariano da Conceição Velloso, o nosso lilustre botanico a incitar, em 1774, o vice-rei, Marquez de Lavradio, a fazer *por la razon ó la fuerza*, plantar café, pelos lavradores do districto fluminense.

Facto aliás sobremodo contestavel pois nesta época não cogitava ainda Frei Velloso, de tal assumpto. Viria delle a occupar-se, vinte annos mais tarde, quando a residir em Lisboa, dirigia as edições da typographia regia do Arco do Cego.

E mais: o exame da correspondencia de Lavradio, com a Côrte, veio destruir a balela, outrora corrente, de que este Vice Rei se haja interessado pela cultura da rubiacea, mais do que muito mediocremente.

Cem vezes mais cogitou de incrementar a lavoura do anil e de realizar experiencias com a fibra da guaxuma.

Já ha aliás quasi um seculo que diversos autores nossos, de real autoridade, deixaram tal caso esclarecido.

Acompanhemos, porém, o texto de Susano:

Acceitando a suggestão do franciscano convoca o Marquez a palacio *le ban et l'arrière-ban* dos fazendeiros fluminenses e a cada qual em tom intimativo, entrega certo numero de grãos de café recommendando que os façam plantar immediatamente.

Com grande repugnancia aceitaram os matutos o "conselho" do Vice Rei.

Escreve o romancista:

"Um destes miseraveis rusticos, senhor de engenho, capitão dos (sic) ordenanças, amigo do padre Velloso, apresentou-se-lhe na sua cella no convento de Santo Antonio.

"Sua estatura ordinaria, carão avermelhado, nariz grosso, cabelleira enrisada e fardão escarlate com calção azul-claro, abotoado com espiguilha de ouro, era, por diante e por traz, o Capitão Silvestre Ferraz de Barros."

Começa o official por contar que as solemnidades do Espirito Santo, de que acabava de ser festeiro, lhe haviam trazido os maiores dissabores. Fizera enorme despeza, pois correra tudo por sua conta e sua mulher esfalfára-se preparando a comezaina para as verdadeiras bodas de Camacho, offerecidas ao povoleu dos fieis, da redondeza, devotos do Divino.

Pois bem, o vigario, que com elle andava de candeia ás avessas, aproveitára o ensejo para o desfeitear, e á esposa, em publico e raso, perante enorme concurso de todo o povo das cercanias do Sangú.

Relata o capitão o atricto com o parocho, o que dá ao nosso romancista ensanchas de revelar habilidades de humorista e trocadilhista.

"Quando o vigario apanhou a igreja cheia e ella sentada lá em cima na capella-mór, e eu do lado da porta da sacristia, com mais alguns amigos, todos de joelhos, começou, como quem cantava, dizendo:

— Dei adjuctorio para a festa, bem se entende — e os musicos responderam tambem em cantiga — Dona Joanna fez uma festinha.

Ficou a minha dona pelos ares, impando de vergonha! E eu, que não botava sentido na cousa, quando a vi tão afflicta, e o musico de voz grossa gritando bem e dando com a cabeça festinha, festinha, festinha —; então cahi na ratoeira do vigario, tirei a dona da igreja, e levei-a para casa, com mocambame e tudo, e muita gente, que tambem sahiu e deixou a igreja vasia.

No outro dia não fui, nem quiz que ninguem fosse á festa.

Quasi estalando de riso, diz o padre Velloso — não disseram isto, Sr. Capitão; antes foi muito pelo contrario o que cantavam o vigario e os musicos.

Bem sabe que na igreja tudo que os padres rezam é em latim.

— Isso que cantaram é uma oração que se reza a Nosso Senhor, quando se começa a vespera.

Olhe, aqui está no breviario (e apresenta-lhe um rico breviario com lettras pretas e vermelhas) póde ler — "Deus in adjuctorium meum intende". Isto foi o que disse o vigario, e quer dizer: — Deus vem em meu adjuctorio." Os musicos responderam — "Domini, ad juvandum me festina" — Senhor apressa-te em meu soccorro.

— Vossas mercês entenderam mal e suppuzeram no vigario uma coisa que certamente elle não é capaz de fazer.

— Pois, padre, todos perceberam mui claramente, que como elle é que tinha inventado aquella vespera e accendido a sua cêra: (porque ainda não se tinha botado a que eu levei d'aqui da cidade) por isso dizia que tinha dado adjuctorio para a festa; e os musicos? esses então rasgadamente gritavam por caçoada — dona Joanna fez uma festinha, festinha!

Agora se é outra coisa, se é ahi do breviario e do latim entendido, todos tomaram a coisa bem em grosso.

Depois de muito rir do quiproquo calembouristico, pergunta Frei Velloso ao suspicaz tabaréu, porque desabara lá do seu Sangú ao Rio de Janeiro. Acaso para conhecer as novidades da cidade? as recentes bellezas do Passeio Publico? os jacarés e o "sou util inda brincando" do mestre Valentim?

Responde-lhe o Capitão Silvestre que não acudira a um chamamento expresso de Sua Excellencia, o Sr. Marquez Vice-Rei, que a palacio convocara a fazendeirada de Irajá e Saquarema, Suruhy e Campo Grande.

— Que seria, indagavam todos, meio assarapantados. Alguma finta nova? alguma recruta? Mas não havia no momento guerra com os csatelhanos! Provavelmente ia casar algum Senhor Infante, ou alguma Senhora Infanta e Sua Magestade, a quem Deus guardasse, solicitava, de seus bons povos, um donativo para os chapins da Alteza noiva.

Totalmente outro, porém, fôra o motivo da inesperada convocação:

— "Fomos á sala, cuidando que era alguma coisa, e sahe-se de lá o homem com um assafatinho de fructas vermelhas, pequenas e entra a dar uma meia duzia a cada um, para que as fossemos plantar, que era coisa muito bôa, muita riqueza para mandarmos para o Reino.

Ora vamos plantar fructinhas! doudice da cabeça do Vice-Rei."

Tambem soubera o nosso tapiocano dar a devida resposta ao impertinente conselho intimativo do Sr. Marquez do Lavradio.

— "Eu logo, lá embaixo do palacio mesmo, botei as minhas fructinhas fóra. Tomara eu plantar canna! Que me importa cá de café!

— Fez mal, senhor capitão, de botar fóra essas fructas!

— E todos fizeram o mesmo. Se algum não botou por ahi, foi botar á mais longe.

Todos se agoniaram de serem chamados lá de suas casas.

Encommodaram-se para virem buscar uma asneira para plantarem, uma coisa que não presta para nada!

Se o Vice-Rei gosta de café, elle que o plante! Não diz que plantou tanta coisa no Passeio Publico?

Pois plante lá o café, e quando fôr para Lisboa carregue-o. Não precisa cá delle; o que nos faz conta é o assucar.

No meu engenho, então, que dá canna que nem tenho tempo de moer! Não quero outra coisa. Nem mandioca! Com assucar se compra farinha!

Ao caiçara Silvestre rebate o sabio franciscano as arraigadas idéias falsas de misoneista.

— "O café ha de dar mais lucro que a canna; depois de plantado, dura muito mais tempo do que o pé de canna; dispensa moendas, carros de bois, e caldeiras, dispensa muitas despesas, que se fazem com o cosimento do assucar.

O vice-rei manda plantar, porque se conhece bem, que o café ha de ser mais a riqueza dos fazendeiros do Brasil, do que as outras coisas que se cultivam; além de que bom é ter de tudo; quando uma coisa não dá, dá outra.

Todos não têm posse para terem engenhos; mas para café, para anil, para mandioca, para muitas outras coisas, que bem trabalhadas e governadas, dão em proporção um lucro, que bem calculado é igual, senão maior, de umas coisas do que de outras.

Só o plantar a mamona e fazer azeite, cuida vossa mercê que fará pouca conveniencia? Veja o Michella, sósinho com sua mulher, e tão pobre, como já tem hoje sua meia duzia de escravos, só com a mamona!"

Continuou o botanico:

— "Fez mal (permitta-me que lhe diga) em botar fóra as sementes que o vice-rei lhe deu: não lhe custa a plantar, não lhe toma tempo, nem terra, que tem muita; logo veria o proveito que lhe dava, pelo menos o regalo de tomar uma chicara de café de manhã, ou depois do jantar...

— E d'onde vem agora esse café? quem inventou isso no mundo?

— Olhe, aqui tem este livro: vá lendo daqui por diante, emquanto eu venho: que eu vou para o côro, que está tocando. Verá que merecidamente tem o café por todo o mundo, e por toda a gente fina e delicada.

Entrega Velloso, o livro ao Capitão, deixa-o lendo, e retira-se dizendo comsigo pelo corredor: "E' bem silvestre este Capitão Silvestre, por mais que me amoldei á sua capacidade, não sei se pude persuadil-o, é difficil, e mui difficil tirar do seu rameram estes homens, e fazel-os comprehender o seu mesmo interesse e melhoramento."

O que se segue a este dialogo é verdadeiro conjuncto de infantibilidades e anachronismos, uma mixordia de coisas orientaes e reminiscencias francezas, salgalhada de noticias sobre os primordios da propagação do café no Oriente e no Occidente.

Apontemos porém algumas destas incongruencias entre as mais frisantes.

Relata o nosso autor que, entre os francezes a quem obsequiara Solimão Aga — o famoso embaixador que em 1669 servia junto á côrte de Luiz XIV — estava a grande erudita Madame Dacier, cujos dotes linguisticos exalta.

Em lingua arabica fizera, certo dia, a sábia, ao pachá, uma prelecção, aliás desfructabilissima e repassada de pedantismo sandeu. Della tomemos conhecimento.

Enlevado com a sabedoria da christã pergunta-lhe o turco onde aprendera a lingua sagrada do Corão "se em um berço de Alexandria ou entre as flores de Aleppo."

Responde-lhe a interpellada: "Não nasci em Aleppo nem sobre o elevado berço das Pyramides."

E desfecha-lhe segunda e interminavel discurseira não menos ridicula do que a primeira.

Verbera aos de sua gente o sequestro das mulheres, convidando-o a admirar as bellezas da civilização franceza e a liberdade do sexo feminino nos Estados do Rei Sol.

Assombrado, objecta-lhe o turco:

— E' a primeira vez, madame, que ouço tanta sabedoria, tão sublime capacidade em uma mulher! Nunca pensei que a gente de vosso sexo fosse capaz de comprehender as sublimes lições, que só o nosso grande propheta entrevia no seio de Allah!

Ao que a *femme savante* lhe retruca:

— As mulheres, senhor, têm tanta alma, tanta capacidade e comprehensão quanto os homens.

Nova tirada de grande sabença por parte da precursora do feminismo, em que, a cada passo, surgem nomes altissonantes taes como os de Pentesiléa, Zenobia, Semiramis, Artemisia, etc.

Deixa a sábia franceza ao pobre Solimão Agá absolutamente estarrecido, assim como, á roda dos ouvintes, entre os quaes se contavam o proprio Luiz XIV! a celebre Maria Francisca de Saboia Nemours, a mulher do pobre Affonso VI de Portugal, etc.

Mas era o pachá homem cortez e arguto. Não o agastara a lição.

Apenas chegado ás suas terras mandou duas mudas de cafeeiro á sabia contendora.

Mas houve extravio de conhecimento e foram as plantas parar em Amsterdam, cujo burgo mestre as remetteu a Luiz XIV.

Agora vejamos a chronologia deste caso:

Esteve Solimão Agá em Paris no anno de 1669 e dalli partiu em principio de 1670.

Madame Dacier, Anna Tanneguy-Lefévre, do seu nome de solteira, nascida em 1651, tinha 19 annos de idade quando o turco seguiu para as suas terras.

Morava com seu pae, o erudito Tanneguy-Lefévre, em Saumur, onde estava para se casar com o livreiro João Lesnier. Só em 1675 appareceu em Paris e só em 1688 desposou o sábio Dacier.

Entretanto, em 1669 discutia Madame Dacier com Salomão Agá, conta-nos o nosso Azambuja Suzano! E o pachá logo depois lhe mandava cafeeiros!

Outro anachronismo, este então clamoroso: a chegada de dois pés de café vindos da Hollanda, como presente a Luiz XIV, em 1670, quando sabemos que tal facto se deu em 1714!

Apresenta Azambuja Suzano a celebre humanista como se ao mesmo tempo fôra uma *Philaminte* ou uma *Javotte*, capaz dos mais desfructaveis palanfrorios.

Ora, era Madame Dacier, exactamente, uma sábia legitima, e não uma *femme savante* do genero molieresco.

Após esta série de trivialidades pseudo-philosophicas, passa o nosso Azambuja a explicar a transplantação do cafeeiro ás terras americanas.

E continua com os processos methodo-confusicos a dizer incongruencias.

Ao director do Jardim das Plantas, Mr. de Chirac, transforma em Monsieur Tourne-sol (sic!).

E' a este Tourne-sol a quem implora Gabriel de Clieu a licença de levar á Martinica mudas de café porque com isto satisfará as instigações de apaixonado da bella Gelin, filha de um dos maiores fazendeiros da ilha!

Apaixonado e arranjador da vida, ao que parece...

Tourne-sol, para poder despachar a muda, obtem a permissão real por intermedio do "ministro" Turgot (que por signal não era ministro e sim preboste dos mercadores de Paris).

A travessia accidentada de De Clieu e da sua muda é descripta de modo condigno pelo nosso novellista.

Quando o cafeeirosinho está a morrer por falta d'agua, declama o pobre De Clieu, novo Ajax, filho de Oileu, a apostrophar rudemente o Destino perverso:

— Ah! perfido! é mais poderosa a divindade que me inspira, do que as furias que te movem! Jurei por amor, e hei de levar á bella Gelin as flores, que produzir este rico arbusto.

Decanta-se toda a agua da barrica. Para supprir a falta do humus que ella dissolveu, cobre o nosso apaixonado as raizes das plantas com carvão e bolacha triturada.

Chegado á Martinica, pula De Clieu em terra, armado de sua muda, á feição do Pére Nonancourt, a carregar o vaso com a murta, da immortal criação labicheana.

Leiamos esse pedacinho delicioso:

"Saltando em terra, leva Desclieux com gosto o precioso Cackeiro (sic) de sua planta: offerenda lisongeira, que jamais algum turibulo offertou em Gnido á sua Deusa, desde que Solon (??) estabeleceu na Grecia o culto do amor.

"E' jasmim da Arabia (diz elle, apresentando a Mademoiselle Gelin) o saboroso *Caheu* dos Orientaes, que faz hoje as delicias da Côrte.

— Ah! meu amigo, responde-lhe a mimosa criatura, é este o café com que dizem que um embaixador da Turquia mimoseava os senhores de Paris? E como se faz uso delle? Custa muito a crescer? Dá muita flor? Meu pae, mande-o plantar numa leira do jardim!

A vivacidade destas interrogações, multiplicadas, sem esperarem resposta, mostra bem o alvoroço do contentamento da joven Gelin e suas irmãs, cada uma das quaes fez ao mesmo tempo uma e outra dessas perguntas."

"Não sei que tempo tem já de nascido, responde Desclieux, ás gentis interpellantes.

Alcancei-o com muito empenho de um amigo no Jardim real. E muito custou-me trazel-o salvo dos perigos que soffreu na viagem.

Em tres annos, pouco mais ou menos, começa a deitar flor, que é um jasmim, como de Hespanha, porém um pouco mais pequeno, mui cheiroso e suave. Vem depois um baguinho verde que vae se tornando em vermelho, cor de purpura reluzente quando fica maduro. Dentro tem uma mucilagem doce e duas sementes cobertas de um pergaminho branco, chatas de um lado e ovaes do outro. Dentro do pergaminho é que está a fava saborosa, chamada propriamente café."

Passa depois o official a explicar as diversas manipula-

ções, graças ás quaes se obtem o beneficio do grão e afinal a preciosa bebida."

Acabara o Capitão Silvestre de se inteirar destas novidades, pela leitura do livrinho que Frei Velloso lhe dera, quando volta o nosso illustre botanico á cella onde o amigo o esperava.

Mostra-se o fazendeiro irreductivel. E ahi occorre um dialogo *di primo cartello.*

"O capitão fecha o livro e entrega-lhe-o dizendo: — Isto é um livro de turcos e hereges, padre: gente christã não anda lendo isto.

Eu goso de ler a *Magalona, o Imperador Clarimundo.* Sim! e tambem *Carlos Magno* é bom.

— Mas não viu aqui, retruca-lhe o autor da *Flora Fluminense* mostrando-lhe o livro que recebera, como o café é estimado por todas as nações do mundo, e a diligencia que todos fazem de o plantarem, o trabalho de o irem buscar lá na Arabia e na India?

Não é bom que o tenhamos aqui no Rio de Janeiro? e em vez de ir para os turcos e para os hereges o dinheiro com que elle se compra, ficarmos por aqui nós com elle?

Homem, tome o meu conselho: plante o café, beneficie, seque bem a colheita e verá que dinheirão não lhe ha de dar!

— Eu já deitei fóra as sementes; seja bom, seja ruim, não me importa. A canna, correndo bem o tempo, dá dinheiro, e sempre um homem goza da nobreza, e privilegio de senhor de engenho, que não ouço falar, que o café tenha, nem o algodão, nem o anil, que são lavouras de gente de somenos.

Adeus, vim só visital-o e de noite o luar é bom, retiro-me para o engenho.

— Pois adeus, muito obrigado pela sua visita; Deus o acompanhe.

Retira-se o bronco fazendeiro e o botanico monologa:

— Se o vice-rei não obrigar estes homens, tarde teremos café no Rio de Janeiro. Têm commumente os lavradores insufficiente instrucção e, aferrados ao instincto dos seus maiores, não se arredam do seu rude usual: cuidam que não ha no mundo nada melhor do que o que elles fazem, e quando se lhes quer ensinar outra coisa, amuam-se e nem com a mesma experiencia ás vezes se convencem.

Deus nos dê paciencia com estes araras (sic!!), que ainda que se lhes ensine a falar, não lhes entra nenhum raciocinio; não fazem senão da materia e feitio que seus trisavós fizeram."

Assim se decide o franciscano ao recurso da segunda parte do dilemma inscripto no escudo nacional chileno.

Mas receioso de alguma applicação, por demais rude, da exteriorisação da vontade governamental, naquelles annos do "quero, posso e mando", resolve esperar momento mais propicio.

Logo que dos cafeeiros da horta de seu convento brota certa quantidade, consideravel, de sementes, vae ter com o Marquez do Lavradio e expõe-lhe o seu projecto que vê immediatamente acceito.

Ordena o vice-rei que os capitães das companhias de ordenações dos districtos ruraes informem o que sabem dos resultados da distribuição das sementes de café.

E á vista das respostas intima novamente a fazendeirada a que venha á sua presença.

Verdadeiro panico provoca a decisão do satrapa.

Indaga dos obstinados lavradores que cumprimento deram ás suas ordens formaes de representante immediato de Sua Magestade nas terras do Estado do Brasil.

Foram as respostas unanimes: filhas da intimidação e da mentira: não nascera um só cafeeiro! Haviam as sementes perdido a virtude germinativa!

Troveja Sua Excellencia, enfurecido contra tão maus vassalos.

Leiamos, porém, ao novellista em sua scena capital:

": Que venham todos á sala (ordena o Vice Rei), quero saber porque não nasceram as sementes.

Vieram, e com os mais o Capitão Silvestre, de quem o Vice Rei já estava informado que logo no saguão do palacio botara fóra as sementes.

— Porque não plantastes o café que vos dei?

— Plantamos, porém não nasceu.

— Duplicadamente sois criminosos: 1.º porque dizeis que plantastes e não nasceu, quando um de vós lançou fóra os bagos que lhe dei, e apanhados por um soldado que os veio tornar a trazer-me, mandei-os plantar no Passeio Publico e lá estão vegetando. 2.º porque quebrantastes a ordenança do Reino, e as leis do nosso soberano, que mandando que as camaras e autoridades façam plantar arvores e sementes uteis aos povos, não plantastes estas que vos dei para beneficio mesmo vosso, tanto como do Estado. Recolhei-vos á cadeia.

Cabisbaixos sahiram os pobres lavradores para a cadeia, maldizendo-se do desensoffrido Silvestre, que não esperou sahir do palacio para atirar fóra os bagos do café.

— Maldito seja o padre Velloso (dizia um) e mais quem lhe trouxe lá do inferno semelhante grumixama.

— Eu tenho que comer na minha casa (dizia outro) tenho minha fazenda, e não careço que me ensinem o que hei de plantar.

— Eu quando venho á cidade trago meus pagens a cavallo com arreios de prata; não é agora o café, que ainda daqui a tres ou quatro annos é que se ha de colher de grão em grão.

—E' uma coisa ruim que não presta para nada: deram-me aqui na rua Direita um papeliço cheio, que veio da India, mandei cozinhar com toucinho e linguiça, amargava, que nem os meus cachorros quizeram comer.

— Isto cada Vice-Rei vem com sua doudice, e a Magestade lá em Lisboa não sabe o que cá se passa."

Taes os commentarios irados e sentidos dos pobres hospedes da Cadeia Velha, ali, precursores dos Inconfidentes.

"Com estas e outras queixas zangadas passaram tres dias na cadeia.

Causou a sua prisão sussurro na cidade e desse e daquelle soube-se geralmente que a causa era não terem plantado café, como lhes fôra ensinado pelo vice-rei.

Isto fez com que alguns industriosos se informassem a respeito dessa cultura, e houve quem, discorrendo, declarasse que o café era uma droga de tanta estima, que, em 1709, durante a guerra de Seccessão, os Francezes Malocrios (? Maluinos?) armaram dois navios, e foram buscal-o directamente a Moka, donde voltaram carregados e de 1732 até 1734 vendeu a companhia das Indias 750.000 libras.

Que em França, os medicos tinham escripto e sustentado muitas theses contra esta nova bebida; e que lá no Oriente fôra objecto de discussões ridiculas e severamente prohibido pelo Muphti supremo interprete do alcorão, declarando ser um dos licores, que elle não consente; mas que de tudo se zombou, e prevaleceu em geral o uso e gosto de o beber."

Na capital brasileira notavel alvoroço causara a decisão vice-real. De outra coisa não se falou dias a fio.

Passadas setenta e duas horas, mandou o Marquez chamar novamente á sua presença os presos. Cada qual recebeu uma dezena de sementes e o bando todo ouviu as energicas exhortações, paternas mas peremptorias, de quem no Brasil era o delegado supremo da Majestade Fidelissima, do Sr. Dom José I de Bragança (e Carvalho e Mello, accrescentariam os maliciosos).

— Que se fossem! estaria elle Marquez vigilante: "mandaria visitar as plantas, se estavam nascidas e cultivadas.

O resultado das reminiscencias da estada na Cadeia Velha veio a ser benefico. No fim do anno ostentava cada qual dos ex-encarcerados seus quinze a vinte cafeeiros "nascidos e vegetantes."

Mas, raça de protestantes esses fazendeirões fluminenses! Tanta birra tinham ao cafeeiro que os haviam plantado do modo mais esdruxulo.

"Um os tinha em uma moita, no oitão da casa, outro á beira do terreiro, distante só de palmo, outros, do mesmo modo, no aceiro do cannavial entre os moirões da cerca, etc.

Nenhum em terreno e espaço conveniente a lhes dar seu natural desenvolvimento."

Magnifico e magnanimo, conscio de seu papel de civilisador, entendeu Lavradio applicar a clemencia a esta caterva de rebeldes misoneistas.

"Não importa, declarou, como elles o têm á mão, quando lhe conhecerem a utilidade farão por aproveital-o e cultival-o.

Termina a novella philosophica do nosso Azambuja pela apresentação de um quadro comparativo entre as desgraças oriundas da mineração aurifera e as vantagens immensas da cafeicultura.

Como amostra do valor das lucubrações que inspiraram esta objurgatoria, transcrevamos este pedaço:

"O ouro, este pae da inercia e da indolencia dos que o possuem, que eleva e abate imperios, que abateu Hespanha e Portugal que outr'ora brilharam nas artes, no commercio, na industria, nas conquistas, nos homens, em Albuquerques, em Castros; emquanto não lhes foi da America em pesados galeões dourar as carruagens em que estupida inercia ostentava nas ruas de Madrid e de Lisboa um balofo avoengo. este metal arisco e lubrico illude e perde agora os brasileiros, que contentes, como vimos, acima, de trazerem seus pagens em cavallos arreados de prata, despresando as artes, a industria, os melhoramentos agricolas, deixam ir ao estrangeiro até esses mesmos signaes da sua ufania."

"Coalham de repente a vasta bahia de Nictheroy, as nações estrangeiras e demandam desta Ophir americana ouro e diamantes."

O Brasil, que pudera no Rio de Janeiro (como outr'ora em Lima os Hespanhóes na entrada do Duque de la Plata) calçar de prata e ouro as suas ruas ao seu soberano, sempre com este metal pagam todas as mercadorias necessarias. Mas

o commercio era todo estrangeiro e em troca só quasi de ouro exgota-lhe os cofres e as minas: decahe logo a opulencia, as necessidades urgem, o descontentamento revolta-se, clama a antiga metropole, e o rei sem recursos quer ao menos acudir-lhes com a sua presença, tornando á sua séde. Mas como se deixa o Brasil!"

De repente, porém, "volvem-se os fados da Terra de Santa Cruz." Um "choque de electricidade politica" abala todos os thronos da carunchosa Europa. Resvala D. João VI do seu, apparecendo no Rio em 1808!

"Começavam agora a girar em vasto mostrador, sobre o dedo do Destino, as horas da capital, novo assento da Monarchia."

Verbera o romancista ao Bragança bonacheirão a abertura dos portos brasileiros ás bandeiras amigas de todo o Globo, "erro fatal que franquia ao commercio o luxo sem limites de todas as nações, não estando a sua para isto preparada."

Nada podia vender, tudo precisava comprar, perdia sem resarcimento.

Tudo no Brasil ia fenecendo, quando D. Pedro bradára que ficava e depois clamára: Independencia ou Morte!

Mas em que condições deploraveis de exhaustão de recursos!

— "Um emprestimo, aconselhavam-lhe cortezãos egoistas e ambiciosos, a Inglaterra tem ouro e abrirá seus cofres á usura.

— Mas não se irá outra vez como antes nosso ouro? Ephemero recurso! observava o avisado principe.

Fôra ahi que a Providencia interviera, indicando ao jovem e ardoroso dynasta a salvação de seu povo nobre e brioso.

Lembra-se da grita dos estrangeiros, pressurosos de seus saldos:

— "Queremos café, mais café! café ou ouro! trocaremos por café as nossas mercadorias!"

"Males ha que vêm para bem", "da necessidade gera-se a industria", expende o nosso romancista, sábia e profundamente.

Assim se alçara a grita da salvação nacional.

— Eia! Café é synonimo de ouro! (sussurram os filhos e netos de Silvestre), plantemos, plantemos!

Oh! abençoado Velloso! Abençoado Lavradio! Que nos metteram á porta de casa esta rica semente! Deus vos tenha com os anjos da bemaventurança!

Já coroadas de cafezeiros, ostentavam, aqui e lá, o rubro

entre o verde algumas collinas plantadas de outro tempo. Cahe o grosso jequitibá, cahe o ipê, a peroba, e arrebata em seu logar o jasmim da Arabia, a preciosa fava de Moka; tudo desde a margem do Tietê, ás beiras do Tocantins, floresce com esse arbusto da Abyssinia e do Yemen; por toda parte se produz e multiplica o cafezeiro. E que de cabases os cercam recolhendo o brilhante fructo purpurino!

Que bulicio! rodam rangendo pelas ruas carros e carroças, bulham carregados os loquazes cargueiros, e atopeta-se de imensa saccaria a praça que debalde se afana por desbastar as bojudas urcas, e os grossos galeões do commercio.

A barra é defendida por um forte castello sobre rocha, guarnecido de trovões; e em frente delle repimpa-se em pedregosa atalaia, vigiando de sentinella, um sizudo granadeiro: o Pão de Assucar, e elle ufano e generoso se arreda e deixa passar levando a portos longinquos essa riqueza inesgotavel do seu vasto e fertilissimo paiz! Bôa Viagem! é o seu grito de alerta."

Termina o romancista com uma invocação patriota, depois de lembrar a presença dos attributos do cafeeiro no brazão do imperio americano.

"Nem mais de ouro se cura, diamantes se desprezam! Café, tabaco, assucar e algodão a potencia que move, alenta, vivifica o genero industrial, que repete desde o Prata ao Amazonas a voz celeste — Independencia do Brasil."

"Um só viva, uma só hosana de alegria não deixaram os brasileiros guardados em seus peitos quando viram arvorado no pavilhão do seu proprio imperador este emblema symbolico da sua grandeza: abraçaram-se em tripudios os dois gigantes de agua, Prata e Amazonas, e retumba de uma e outra de suas bocas o grito inaugural — *Viva o Imperio e a Independencia do Brasil!*"

Findo este dithyrambo, exclama o nosso panegyrista do café:

"E que dirão agora, no outro mundo, o Silvestre e Velloso?" (sic).

A' interpellação pensamos responder lembrando que ambos ou pelo menos o ultimo, certamente, se admirariam bastante vendo a historieta do seu romancista elevada á categoria de documentação historica no citado volume da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Geraes.

CAPITULO XVI

A actuação do Marquez do Lavradio como propulsionador da lavoura cafeeira no Rio de Janeiro

Examinemos porém o caso da actuação do Marquez de Lavradio, respondendo ao commentario de Freire Allemão.

Alguma cousa fez o Vice Rei em materia de cafeicultura mas deve ter sido muito pouca, á vista dos documentos officiaes e de sua propria correspondencia com a Côrte.

Referindo-se ao governo deste D. Luiz de Almeida Portugal, marquez de Lavradio, cujo nome todo ainda comportava a ladainha fidalga do Soares Alarcão Eça Mello Silva e Mascarenhas, escreveu o bom tenente de bombeiros Antonio Duarte Nunes, do regimento de artilharia da praça do Rio de Janeiro, em seu preciosissimo *Almanac Historico da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, para o anno de* 1799.

"Ao seu ardente zelo e ao laborioso desvelo com que se interessou na cultura do café, anil, arroz, etc. se deve o augmento em que hoje se achão estes generos, que á excepção do assucar, são os que fazem uma grande parte das cargas dos navios que desta cidade os conduzem para Lisbôa, Porto, etc."

Luiz de Vasconcellos, seu successor, votou toda a attenção para o canhamo, sem se preoccupar com a rubiacea.

Espalhou-se porém a crença de que o Marquez de Lavradio foi dos grandes incitadores da cultura cafeeira no Brasil. E os autores a porfia, um atraz dos outros, a se repetir, provocaram o nascimento de verdadeira lenda.

O avolumamento dessa atoarda foi o que levou Azambuja Suzano a escrever a mixordia historico-literaria do romance que analysámos. Encarregou-se o proprio Marquez, perante os posteros, de destruir os boatos de sua benemerencia como propugnador da cultura cafeeira.

Parece que o seu maximo empenho foi a industria da cordoalha por meio da fibra da guaxuma.

De quanto o café pouco o preoccupou temos sobejas provas na documentação official. Diversos productos a cultivar foram alvo da attenção do Vice Rei durante largo periodo em que não ha documentos sobre a rubiacea.

Jamais, ao que nos parece, lançou acto algum sobre tal assumpto, ao passo que bastante se occupou com o anil, por exemplo (docs. de 25 de fevereiro, 2 e 11 de agosto de 1774, 25 de abril, 11 de maio, 26 de agosto, 28 de novmebro de 1776, 27 de outubro de 1777) o assucar — 10 de fevereiro de 1772, 3 de junho de 1775 e 14 de fevereiro de 1778.

Nunca vimos tambem referencia alguma, a documentar qualquer interferencia de Fr. Velloso junto a este Vice Rei para que se interessasse pela cultura da ribiacea.

Empolgado pela idéia do aproveitamento da guaxuma, officiava Lavradio a Martinho de Mello Castro, a 12 de janeiro de 1778.

Este officio é importantissimo pelos pormenores que traz sobre Hoppman que assim ficamos sabendo ter emigrado para o Rio de Janeiro, pelas vizinhanças de 1740, tendo sido o primeiro cafeicultor e sericultor fluminense. Tinha como que uma chacarinha, aliás, onde a lavoura da rubiacea era pequena.

"Illmo. e Exmo. Snr.

Em consequencia das repetidas diligencias que continuamente estou praticando, a respeito de se poderem descobrir alguns effeitos dos infinitos que tem o Brasil sem que delles até agora tenhamos tirado nenhuma utilidade, por falta de se darem os meios precizos para se animarem os homens a estas utilissimas descobertas; em consequencia digo destas minhas recommendações de que se tem seguido algumas utilidades que a V. Ex. já tenho feito prezentes, se me aprezenta novamente uma planta que venho de examinar, que quanto a mim póde ser de grandissima utilidade.

Esta se chama Guaxima, produz em todas as terras como praga, é preciso andar continuamente mondando as terras, para que esta planta não embarace o crescimento das outras que foram semeadas, e ainda com todo este cuidado e lá não basta para a extinguir conservando sempre as terras tanta quantidade, que com ella se aquece muita parte dos fornos, se fazem as fogueiras para se queimarem as formigas, e se emprega em outros serviços desta natureza; na excepção de alguma que é muito pouca, que aproveitam os indios e os negros das Fazendas, fazendo della umas pequenas cordas com que

prendem as bestas no campo, dizendo acharem a mais forte que nenhuma das outras que se servem.

Esta planta é uma especie de arbusto, cresce desde quinze até dezoito palmos, e alguma mais; ha tres qualidades dellas que eu determino remetter a V. Ex. em caixotes; de toda ella se faz linho porém o de duas qualidades é mais inferior, e da Guaxima branca é o melhor, isto mesmo não tinham observado os indios, e só agora se observou depois que eu tenho com bastante efficacia feito trabalhar sobre esta materia.

Mandei apanhar este arbusto, deitou-se nagua a cortir-se como linho, fez-se-lhe o mesmo beneficio que se costuma praticar com o sobredito linho, de primeira e segunda sorte, quanto ao parecer de todos os que o tem visto tão bom como o canhamo, com a singularidade de pegar menos e de não ter arestas.

Esta descoberta foi feita no tempo em que não era o mais proprio de cortar esta planta, e que já a maior parte della estava secca, porém mandei logo por algumas terras mais baixas, onde ella não tivesse tão depressa seccado cortar toda a que se achasse, ainda pude conseguir uma porção com que fizesse dous cabos muito mal fabricados, por serem feitos por gentes empiricas; os quaes entreguei ao Chefe da Esquadra, para que elle mandasse fazer todas as experiencias, para se examinar a sua boa ou má qualidade; antes de se examinarem foram examinados estes cabos pelos Mestres das Náos, e pela maior parte dos Officiaes da Marinha e todos os acharam excellentes.

Passou-se a fazer as experiencias, sem embargo do Chefe lhe fazer algumas que nunca se praticaram, e de serem aquelles os primeiros que se fizeram, e pelas mãos de muitos máos cordeiros; ainda assim corresponderam muito bem, assentando todos, que feitos estes cabos por pessoas peritas, podem ser pelo menos tão bons como os que vem de Hollanda; mandei logo fazer mais dous que remetto a V. Ex., um da primeira sorte e outro da segunda, isto é, das duas qualidades de linha que dá a Guaxima branca, porque a que é boa não dá estopa; além disto mandei fazer um fardo de uma arroba do mesmo linho cedado, que é toda a porção que tenho por ora podido ter para que não só se hajam de examinar aquelles cabos mas que se possa fazer algum por mão de pessoa mais habil, afim de V. Ex. melhor poder fazer todos os exames para se assentar, se será conveniente ao Serviço da Rainha Minha Senhora e continuar-se neste trabalho e aproveitar-se uma planta que parece tão util.

Eu julgo que della tambem se pódem fazer muito boas lonas, e estou tambem trabalhando nesta experiencia.

Se esta descoberta for tão util e boa como eu imagino, querendo Sua Magestade animar a pessoa que eu tenho encarregado della, e que se tem dado todo o trabalho nesta experiencia que mandei fazer, poderá isto animar a muitos outros por sahirem da preguiça em que se acham, e trabalharem em descobrir algumas outras cousas uteis, na esperança de serem recompensados.

Este homem que eu empreguei nesta diligencia, é um hollandez casado nesta capital aonde vive ha perto de quarenta annos, foi homem de negocios teve seus infortunios, e ainda que não quebrou já não continua que com um pequeno negocio pelos poucos meios com que se acha. Este homem tem um genio e uma inclinação muito forte para todas estas qualidades de cousas; elle foi o primeiro que plantou o café e que ensinou o modo de o cultivar e de se lhe fazer todo o outro beneficio que elle precisa, tambem foi o primeiro que criou amoreiras e fez seda plantou tambem o linho canhamo e o beneficiou depois, mostrando a facilidade com que elle cá pode produzir, querendo-se encarregar de se pôr á testa de qualquer destes estabelecimentos.

Porém como as suas forças lhe não permittiam sem algum outro soccorro o adiantar cousa nenhuma destas e não houve quem o animasse, recolheo-se á sua quinta onde ficou conservando só a cultura do café, naquelle pequeno terreno que comprehende a mesma quinta, por não lhe permittir maiores esforços a falta de sua possibilidade.

Este homem se chama João Hopopman (sic) todos o conhecem excellente, e em Lisboa achará V. Ex. infinitas pessoas que o poderão informar do seu merecimento.

Se a Rainha minha Senhora quizer animar este homem dando-lhe um privilegio exclusivo, ou qualquer outro por tempo de oito ou dez annos para que só elle possa fabricar este linho, que elle possa mandalo cortar em toda a parte aonde o houver por um preço que se estabeleça, e aquelle que parecer mais competente para os donos da fazenda onde se achar a dita Guaxima, sem embargo delles não tirarem della até agora nenhuma utilidade; e outro sim se haverem de dar a este homem as porções de terra que elle pedir para semear e cultivar esta planta, ou seja das que estiverem devolutas ou daquellas sesmarias que estiverem dadas, que os seus possuidores não tiverem cultivadas como são obrigados, já seja por falta de meios ou de preguiça; determinando outrosim a

Rainha minha Senhora, que no primeiro e segundo anno se assista pela sua Real Fazenda a este homem, com o que lhe fôr preciso para pôr em pratica este estabelecimento, indo entretanto pagando a mesma Real Fazenda com o linho que for entregando na Fazenda Real, para o que se arbitrará primeiro os preços porque se deve vender, ficando ao cargo da Junta da Fazenda o vigiar sobre o augmento deste estabelecimento, e que não tenha descaminho a assistencia que se lhe tiver feito, obrigando-se ao mesmo tempo os bens que tiver este homem para satisfazer a Fazenda Real no caso delle faltar antes de ter satisfeito, ou de não deixar por sua morte pessoa que seja capaz de continuar este estabelecimento: pareceme que o fazendo-lhe Sua Magestade estes beneficios, não só este homem adiantará muito este importantissimo negocio, mas este meio será o mais efficaz para animar a muitos outros a trabalhar sobre objectos tão importantes, e igualmente por esta forma á Fazenda Real não resultará prejuizo algum no dezembolço que tiver feito; serem os cabos e as lonas feitas lá, ou ir só o linho em rama para a Europa, ordenará a Rainha minha Senhora a este respeito, o que lhe parecer mais conveniente.

O meu parecer não se póde conformar com fabricas nas Conquistas, porém é certo que esta regra não deve ser tão geral, que algumas vezes não tenha a sua excepção.

A America produz infinita gente, producção esta tão necessaria para um paiz tão extenso que neccessita de cultura a qual, se não pode fazer sem muitos povoadores, porém a maior parte destas gentes que nascem, pouco ou nenhum aproveitamento se tira delles, a preguiça, a falta de providencia para fazerem trabalhar a gente branca, e inda a parda, recahindo todo o trabalho sobre os escravos negros, faz com que poı falta de meios se não possam criar as crianças que nascem e outros com a ociosidade destroem as suas saudes nos primeiros annos da sua mocidade.

As mulheres por se não empregarem, e por falta de meios para se sustentarem se prostituem, desta prostituição procedem os infinitos achaques com que vem ao mundo os que nascem; na facilidade que os homens tem em o trato das mulheres se segue tambem os poucos que buscam o estado de casados, e tudo isto concorre para que sem embargo de serem muitos os que nascem ou porque uns morrem nos seus primeiros annos, ou porque outros se impossibilitam logo que principiam a estar em estado em que podiam ser uteis a estas conquistas vem a ser inuteis todos aquelles individuos, e tem deixado

este estado de ter tirado as grandes utilidades que lhe offerece um paiz tão precioso, e para se evitar algumas destas desordens pode ser que fossem uteis algumas destas fabricas, obrigando-se as gentes occiosas a trabalhar nellas, evitando-lhe por este modo aquelles desconcertos e indigencia a que os conduz a mesma occiosidade, reduzindo-os a uma vida não só mais conforme aos interesses particulares de cada um, mas tambem a todo o Estado.

Em o anno de 1769 quando vim governar esta capital, recebi uma carta regia para estabelecer uma casa de correção, onde separadamente se podessem recolher homens e mulheres, estabelecimento este, summamente util para a America, sem o qual esta immensidade de gentes se não poderão corrigir, nem obrigalos a viver como devem e cada vez serão mais prejudiciaes ao Estado; porem esta ordem me veio sem me determinar donde eu havia de sustentar estas gentes, e o em que os devia empregar e o modo de vida que depois se devia dar a estes individuos; fiz differentes representações sobre esta materia, a nenhuma se me respondeo até agora, e por esta causa ficou sem nenhum effeito a execução daquella ordem; parece justo participar a V. Ex. isto, para que pondo na Real presença da Rainha minha Senhora, se me determine a este respeito o que a mesma Senhora julgar mais util ao seu real serviço.

Deus Guarde a V. Exa.

Rio de Janeiro a 12 de Janeiro de 1778.

Marquez do Lavradio — Senhor Martinho de Mello e Castro."

Pouco depois passava Lavradio o governo do Brasil a Luiz de Vasconcellos e Souza.

A 19 de junho de 1779, e no Rio de Janeiro, concluia o seu relatorio entregando o poder ao novo vice-rei.

E' extenso e minucioso. Larga copia de paginas se consagra ás cousas militares, ás questões fronteiriças á colonização do Sul, á distribuição da justiça, ao trafico africano, á circulação monetaria, etc.

Falando da industria e agricultura trata, largamente, das experiencias de João Hoppman sobre a resistencia da fibra da guaxima, negocio que entende de summa importancia e recommenda muito ao successor que delle não abrisse mão.

Cogitara e fizera o possivel para incrementar a cultura da cochonilha, do canhamo, do trigo, da amoreira, cereaes e sobretudo do arroz e anil.

Assim se exprime: "Pelo que respeita ao socego e obedi-

encia dos povos, pude conseguilo, pelos meios de que me servi, como V.. Ex. terá visto neste papel.

Tambem lhe promovi as utilidades, mas não pude fazelo de modo que elles tivessem todas as que podem ter; obriguei-os á força a que plantassem os generos que são mais principaes e precisos para o sustento dos povos, como são farinha, legumes, e outros generos semelhantes: ameaçei-os de lhes tirar as terras, e repartilas por outros, se cada um com cuidado não cultivasse as que lhe pertenciam; e como obriguei aos Mestres de Campo de cada districto a remetterem-me mappas exactos sobre esta materia, consegui haver grande augmento, assim naquelles generos, como no assucar.

Promovi do modo que pude, a lavoura do arroz, e como eu não tinha com que ajudar aos lavradores, nem aos fabricantes, interessei-me com alguns negociantes, fazendo-lhes muitas festas e distincções, para que elles quizessem auxiliar aos que tinhão fabricas, afim de que elles podessem animar aos lavradores; assim se praticou, não com pequeno trabalho meu, porém consegui por este modo que aquelle importante genero, que sendo aqui de excellente producção, estava tão abandonado, que era preciso comprar-mos o arroz que vinha da Europa, o que ha hoje em tanta abundancia que se carrega muito para fóra. Obriguei á força a que plantassem alguma porção de anil, que era muito e que ninguem fazia algum caso; e ao mesmo tempo que os obriguei a cultivalo, fiz que alguns o fabricassem mesmo o agreste, fazendo com este não só as primeiras experiencias, mas ao mesmo tempo fazendo que aquelle se pagasse aos que o fabricavam".

Nem uma só palavra de café! Assim o genero que Suzano declarou ter provocado a attitude violenta do Marquez para com os lavradores rebeldes, não foi o café e sim o anil e o arroz.

Com toda a razão commenta Silvestre Rebello que tal esquecimento quasi causa pasmo.

Pensa Moura Brasil que a ausencia de informes sobre o café tenha sido propositada visto como, em outros papeis, o Marquez se referiu largamente a João Hoppman.

Curioso, porém, como este caso da guaxima continuou a preoccupar o successor ou antes os successores de Lavradio.

Sobre João Hoppman, dois outros documentos conhecemos do Archivo Nacional: actos de Luiz de Vasconcellos e Souza, os de 22 de junho e 2 de agosto de 1782. Pelo primeiro foi nomeado fiscal das Casas da Inspecção, apenas terminasse o

prazo dos serventuarios então em exercicio. Dava-lhe o Vice-Rei como collega Jeronymo Vidal de Abreu.

A 2 de agosto requesitava Luiz de Vasconcellos amostras de valor fabricadas com a guaxima, ou linho guaxima como diz o documento, assim como informações sobre a qualidade, o processo da fabricação e experiencias que o intelligente batavo realizara sobre esta fibra nacional cujo futuro se dizia brilhante.

Onze annos mais tarde, a 9 de junho de 1790 era D. José de Castro, conde de Rezende, quem substituia a Luiz de Vasconcellos e Souza.

E no relatorio de 2 de agosto de 1789, com o qual lhe passava o governo, fala Vasconcellos bastante em anil e coxonilha, muito no canhamo plantado em S. Catharina. E do café não se occupa. Continuava o governo a manter a pequena cordoaria de guaxima de João Hoppman no sitio de Mata Porcos, junto á chacara do hollandez, fallecido Inspector da Mesa de Inspecção.

Começou a apparecer bibliographia portugueza sobre o caso. Na *Memoria sobre a Guaxima* por José Henrique Ferreira, primeira da série das *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa* lê-se que o seu autor se impressionara com a resistencia das fibras dessa malvacea utilisada pelos caipiras das vizinhanças do Rio que, de sua casca, faziam cordas e cabrestos.

Soubera então que um curioso, desfibrando a casca, mandara fiar as fibras e com ellas fazer meias. E outro até tecer panno. Assim procurara o Marquez de Lavradio e este vice-rei se interessara vivamente pelo caso.

João Hoppman (sic) homem activo e curioso e de genio cultivador promptificara-se a fazer cabos de guaxima. E realizara-o auxiliado por marinheiros e curiosos. Estes cabos remettidos á Cordoaria Real alli haviam sido experimentados vindo o parecer de que a fibra da *Urena* era inferior á do canhamo e ainda portanto á do linho.

"O dito Hoppman não desistia de continuar a fazer os cabos, e o Senhor Marquez de o promover, não só para poder se aperfeiçoar a obra mas tambem pela necessidade que havia dellas pela falta deste canhamo, passando tambem a fazer depois experiencias de calcular a sua força e comparala com as do canhamo que se fizeram na Cordoaria Real."

Examinando o quadro dos resultados das experiencias chegava o autor á conclusão de que o canhamo de Riga era mais robusto do que a guaxima mas que esta fôra grosseira-

mente manipulada. Se o fosse convenientemente igualaria ao linho. E neste sentido pedia novas experiencias. Adduzindo novos argumentos dava Ferreira as maiores demonstrações de quanto confiava no futuro da guaxima como materia prima de cordoaria.

Em 1791 Joaquim de Amorim Castro na sua *Memoria sobre o malvaisco da Villa da Cachoeira* corroborava taes palavras lembrando quanto seria util ao Brasil cultivar a planta textil abundantissima no districto cachoeirano. Poderia supprir qualquer outra fibra servindo de materia prima ás 3.735.000 varas de panno que o Brasil importaria em 1787.

Em 1901 voltaria a guaxima a se tornar muito notada no Brasil, em S. Paulo, mercê dos estudos, tão pertinaz quanto intelligentemente feitos por um homem do mais alto valor profissional e notaveis instigações patrioticas: o Dr. Augusto C. da Silva Telles (1851-1923).

Este notavel professor da Escola Polytechnica de São Paulo onde regia as cadeiras de Chimica Analytica e Chimica Indusrtial realizou extensas experiencias com a fibra da *Urena lobata*, a que baptisara *aramina*, chegando a della obter productos surprehendentemente robustos em cordoalha, e aniagens, tendo montado uma fabrica de saccos que funccionou bastante tempo.

Foi o ensaio brilhante sob o ponto de vista technico mas pouco rendoso, economicamente falando, pois a cultura e o desfibramento da *urena* exigiram então gastos que não compensavam a concurrencia da juta indiana, produzida por operarios vencendo infimos salarios.

Muito combatida pela inveja de uns e o receio de competição de outros, deu então a *aramina* muito que falar de si pela imprensa e nesta occasião veio a ser diversas vezes lembrado o nome de João Hoppman, imperecivelmente ligado á historia do café no Brasil.

Os successores do Marquez de Lavradio occuparam-se muito com a coxonilha, a baunilha, a exportação de carnes, farinha de mandioca, aguardente, fumo, e linho (como Luiz de Vasconcellos) couro e madeiras, sal e até do trigo. E assim fizeram todos os sete vice-reis, desde o Conde da Cunha até ao dos Arcos.

No relatorio com o qual Luiz de Vasconcellos passou o governo ao conde de Castro, nenhuma noticia do café occorre a não ser uma vaga referencia ao contar que na Ilha de Santa Catharina se ensaiava a cultura da rubiacea.

Verdade é que Luiz de Vasconcellos immenso se interes-

sou por Santa Catharina e seus progressos, sobretudo por lhe parecer que podia, assim como o Rio Grande do Sul produzir canhamo em abundancia.

Jamais vemos qualquer providencia expendida sobre o café. Por sua vez, neste mesmo periodo, não encontramos, por parte dos Reis, interesse pela lavoura cafeeira. Escrevem aos seus delegados sobre aguardente, algodão, muito sobre anil, arroz, assucar, farinha de mandioca, canhamo, carnes, canhamo ahi largamente, fumo (tambem muito), pescado, balea, azeite de peixe, cochonilha (abundantemente) sal, etc.

A guaxima continua a occupar a Côrte cem vezes mais do que o café! Sobre este genero os primeiros actos emanados da Corôa parecem ser os de 4 de janeiro de 1798 e 2 de março de 1800.

No primeiro solicitava o Principe Regente uma descripção minuciosa dos processos adoptados na cultura e beneficiamento do algodão e café ao mesmo tempo que ordenava se promovessem o emprego de bois e arados, no Brasil, e o aproveitamento do bagaço da canna a substituir a lenha.

A 2 de março de 1800 requisitava-se do Vice-Rei a remessa annual de dez arrobas do melhor café para a ucharia do Principe Regente. Assim o futuro Dom João VI dava mostras de que apreciava a infusão arabica nova demonstração de paladar que pouco lhe é conhecida.

Com a sua habitual falta de methodo e despreoccupação pelo abono das fontes escreveu Henrique Raffard em sua aliás tão prestante obra *Pessoas e cousas do Brasil,* cheia de preciosos e atabalhoados informes.

"Temos lembrança de certa Memoria onde lemos que o Vice-Rei Marquez do Lavradio distribuiu em 1772 sementes aos colonos e dispensava do serviço militar os que tinham plantado certo numero de cafeeiros."

Seria provavelmente esta *Memoria* o famoso romance do *Capitão Silvestre.*

CAPITULO XVII

Desinteresse dos portuguezes pela propagação da lavoura do café no Brasil, já em fins do seculo XVIII — Depoimentos varios de agronomos e economistas salientes dessa época

A inspecção da bibliografia agronomica portugueza de fins do seculo XVIII é sufficiente para nos convencer de quanto á porfia os agronomos e economistas lusitanos desse tempo, nascidos aquém e além Atlantico, não enxergaram vantagens no incremento da industria cafeeira no Brasil.

Senão vejamos alguns depoimentos relevantes.

Em 1790, escrevendo Joaquim de Amorim Castro sobre a cochonilha do Brasil nas *Memorias Economicas da Academia Real de Sciencias de Lisboa,* aconselhava aos lavradores do nosso paiz, sobretudo aos de canna e fumo, que se occupassem da creação do hemiptero corante que Linneu baptisara *Coccus cactus.* Nem uma unica allusão se encontra em suas paginas de que soubesse da existencia de lavradores de café no Brasil.

De Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1743-1821) o campista illustre, bispo de Pernambuco, de Beja e de Elvas, deputado ás Côrtes, etc., etc., quem, dentre os brasileiros cultos ignora os appellidos e os meritos, se acaso tem algum conhecimento das cousas de seu paiz?

Muito escreveu sobre assuntos religiosos, politico-sociais, economia politica, agricultura, commercio e jurisprudencia.

Em 1791, nas *Memorias Economicas da Academia Real de Sciencias de Lisboa,* tomo III, publicou uma *Memoria sobre o preço do assucar,* a proposito de enorme alta do genero provocada pelos acontecimentos da Revolução Franceza e a perturbação do commercio mundial. Em Paris a libra de assucar estava custando 400 réis, ao passo que em Lisboa valia de 140 a 160 réis.

Havia enorme falta de "stocks" assucareiros.

A descoberta das minas de ouro havia causado incalcula-

vel damno á lavoura, os portuguezes, mestres dos demais povos em materia de industria saccharifera, estavam agora distanciadissimos de francezes, inglezes e hollandezes.

Perdera Portugal a antiga superioridade de sua agricultura. Aventava o bispo alguns remedios para a melhoria da crise, entre outros o fomento da cultura do café, cacau, canella e baunilha.

"Todos estes generos dão a mão entre si quanto mais se augmentar o gosto destes tanto mais necessario se fará huma maior abundancia daquelle."

"Todos elles nascem e produzem muito no Brasil; o café, principalmente do Rio de Janeiro, he superior ao melhor vinho de Moca; repetidas experiencias feitas pelos bons conhecedores lhe têm dado toda a preferencia."

Assim, como que incidentemente, cuidava o prelado de aventar um succedaneo á cultura da canna, que declinava rapida e continuamente de importancia.

O seu *Ensaio economico,* publicado em 1794, reeditado com grande augmento, em 1816, pela annexação da *Memoria sobre o preço do assucar,* traduzido em francez (1803), inglez (1807), allemão (1808), etc., demonstra quanto o café ainda não pesava na balança commercial brasileira.

Delle não cuida, com effeito, o sábio autor a quem Varnhagen deu subida demonstração de apreço, inserindo-lhe a effigie em sua *Historia Geral.*

Jamais, ao que sabemos, cogitou Azeredo Coutinho de consagrar algumas paginas, elle que tão facilmente escrevia ao café. Campista, era aliás natural que sua grande preoccupação fosse o assucar.

Mas se reflectisse o consenso geral da opinião de seu tempo e se esta se interessasse pela cultura da rubiacea, facilmente tal impressão se teria reflectido nas paginas de tão abundante e correntio escriptor. Vejamos agora mais um caso em abono dos nossos pontos de vista. Trata-se dos escriptos de um homem muito intelligente e com grande fama de sciencia. Domingos Vandelli, o naturalista, genro de José Bonifacio de Andrada e Silva.

Muito embora haja o desabusado José Agostinho de Macedo, em seu escatologico e pornographico poema d'*Os Burros* injuriado o genro e o sôgro, a lembrar que ao alto da escadaria do Palacio da Estupidez havia as estatuas do "sandeu Vandelli e Bonifacio Andrada", ninguem pode negar o valor consideravel do erudito professor de Coimbra.

Na *Memoria sobre a agricultura destes reinos e das suas*

conquistas, inserta nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa* e datada de 1799, diz Vandelli que "nas vizinhanças das costas do Brasil e em alguns pontos se cultivavam as cannas de assucar, e anil, e agora se cogitava tambem da multiplicação da cochonilha, além do milho, mandioca, algodão e tabaco."

Trigo só no Rio Grande.

Commentava o naturalista:

"O trabalho de toda a agricultura he encarregado aos escravos pretos, não havendo branco algum, que se digne ser lavrador, principal cauza porque no Brasil nunca poderá ter grande augmento a Agricultura."

Na *Memoria sobre algumas producções naturaes das conquistas, as quaes ou são pouco conhecidas ou não se aproveitão,* lembra Vandelli quanto o Brasil podia fornecer ao Reino, trigo, milho, grãos e legumes. O arroz, planta propria do paiz, graças ao acoroçoamento do sábio ministro Martinho de Mello Castro, "a cuja efficacia e zelo tambem se devia o incremento do anil", era genero de grande futuro.

Sobre café nem uma só palavra! isto em 1799.

Como director da officina e typographia régia do Arco do Cego, fez Frei Velloso, como já dissemos, imprimir numerosas obras sobre a agricultura, a agronomia e a chimica industrial todas tendentes a promover o progresso do Brasil. E, sob este ponto de vista, merece o patriarchado da nossa bibliographia que trata da *Res rustica.*

Muita cousa de lavra, que não da sua, imprimiu e se quasi sempre se mostrou bem inspirado na escolha destes trabalhos, por vezes o seu veredicto não foi dos mais felizes.

Na sua collecção occorrem numeros de real fraqueza, como sejam dissertações interminas, ôcas e ás vezes insupportaveis, sobre assumptos tratados por individuos que postergavam o *ne sutor.*

Verdade é que nesse tempo não havia especialização e dahi a circumstancia da existencia desses escriptores, que a proposito de factos a elles desconhecidos enfileiravam paginas e paginas de declaramações massadoras e inuteis.

Nestas condições está um *Discurso sobre a economia rustica do Brasil, pela introducção do arado, reforma de fornalhas e conservação de suas mattas,* impresso por ordem do sábio franciscano em 1799 e da autoria de José Gregorio de Moraes Navarro, "bacharel formado em Direito Civil, Juiz de Fóra, creador da nova Villa de Paracatú do Principe, por Sua Magestade."

Se nos occupamos de semelhante opusculo é apenas porque elle nos fornece mais uma demonstração optima de quanto ao limiar do seculo XIX era o café assumpto de que quasi não cogitavam os portuguezes ilustrados, em geral.

No Brasil não enxergavam campo proprio á extensão de cultura de tamanha importancia.

Entendeu o grato magistrado e vassallo dedicar o seu discurso a "Sua Alteza Real o Principe do Brasil Nosso Senhor, como prova mais decisiva da ternura e cordialidade", demonstração esta que se expandiu num soneto laudatario e ultra mediocre dedicado ao "Principe Clemente".

Nos seus primeiros quartettos augurava ao Brasil, o mais prospero futuro e immediato graças ao cultivo do trigo, e da vide!

Levanta as mãos ao Céo, Brasil ditoso,
Que, já tornou a vir a idade de ouro,
Verás colher sem custo o Trigo louro,
O doce Mel, e o Balsamo cheiroso.

De branco, Leite, e Nectar saboroso,
Rios verás maiores do que o Douro,
Verás tirar das Minas hum Thesouro,
Capaz de encher o Erario Majestoso (*sic*).

Depois de umas considerações de rançosa rhetorica verbera o nosso bacharel os destruidores das florestas que vinham devastando o Brasil desde o descobrimento reduzindo-as a enormes tratos de terra cobertas de sapezaes e samambaias "especie de grama (sic) e de pequenos fetos, que não serviam nem sequer para lume."

Aconselhava o juiz de fóra de Paracatú do Principe um remedio facilimo para obviar a estes males, facilimo, ao alcance de qualquer.

"Assim se remediaria o mal presente, acautelando-se o mal futuro, fazendo-se ver aos lavradores do Brasil os seus verdadeiros interesses. Tornassem outra vez ás suas taperas, e ali achariam muitos thesouros escondidos sob as raizes do sapê, e da samambaya." Tal resurreição se realizaria pela charrua.

"O ferro do arado só he capaz de descobrir estes thesouros, e de extinguir aquellas raizes venenosas, e inuteis, que tem chupado toda a substancia da terra, com tanto prejuizo dos seus habitadores. Só elle he capaz de preparar com perfeição

a terra para cannaviaes, feijoaes, arrozaes, e para todo o genero de grãos, e de sementes, com tanta vantagem, que hum só preto com huma junta de bois, póde lavrar tanta terra como vinte pretos com o uso da enxada, o que se póde provar todos os dias com a experiencia.

Aquellas terras assim lavradas, não tornam mais a criar as raizes que a faziam infructuosa, e ficão sendo capazes das melhores producções. Ahi temos já as grandes povoações cercadas de grandes fazendas para lhes fornecer os generos de primeira necessidade por muito menor preço; ahi temos lavradores, com 40 escravos, e algumas juntas de bois, fazendo o mesmo serviço, e conveniencia que outros, sem o uso do arado, com quatrocentos escravos.

Ahi temos os escravos mais contentes, mais sadios, mais duraveis, porque o trabalho he muito mais suave. Ahi temos finalmente, a terra prodigalizando outra vez as suas riquezas."

As objecções dos espiritos discolos que já antevia surgirem com aquella ferinidade dos individuos que tudo criticam e nada produzem previa o Dr. Navarro quaes seriam.

"Dirão que o uso do arado he sempre inutil, e desnecessario em aquelle paiz; porque se a terra he nova, não admitte o uso do arado por causa das grossas raizes que o embaraçam, e se he tão antiga que já não tem essas raizes, tambem não tem conta lavrar-se por dois principios. Primeiro porque a experiencia tem mostrado, que a terra assim cansada não produz senão çapé e çamambaya. Segundo porque a plantação da Cana de Assucar que deixa maiores interesses, não teria alli lugar, porque a sua lavoura, e fabrica exige abundancia de lenhas, que a terra não tem, nem he capaz já de produzir."

Tambem a resposta era fulminante a estes negativistas empedernidos. Ao primeiro item: com a grande área das fazendas do Brasil em qualquer dellas sempre haveria algum canto susceptivel de aração.

E quanto á falta de lenha para a industria assucareira podia esta ser supprimida pela utilização do bagaço da canna e a sivicultura de especies apropriadas á queima. E aliás com as fornalhas de invenção recente tornava-se consideravel a economia de lenha.

Mas o *achilles* do nosso bacharel agronomo como no tempo ainda se dizia, o argumento decisivo, irrespondivel e esmagador consistia no seguinte: porque se obstinariam os lavradores em plantar canna de assucar?

Não seria sempre muito util o uso do arado para todos

os outros generos que não pediam tanta lenha para a sua grangearia?

Não estava ahi ao seu alcance uma série de generos os mais variados que mercê do emprego do arado lhe dariam vastos lucros? os cereaes como o arroz o feijão e o trigo, o centeio e a cevada? E a mandioca? E o anil? idem, idem!

A industria da papilionacea preparadora da indigotina vegetava só por falta de aração.

E a do café? idem, idem! No emprego do arado residia o futuro da lavoura da rubiacea!

Explicava-o o douto discipulo de Columella e de Varrão: "A terra, que naturalmente he fecunda, nunca mais deixará de o ser, apezar da sua antiguidade, como temos demonstrado. O uso do arado cortando e extinguindo as raizes do çapé, e da çamambaya, que são os maiores inimigos da terra, fará vigorar a sua antiga substancia. Onde a terra for mais dura ou tiver mais grossas raizes, se póde usar de charruas puxadas por mais juntas de bois, como se pratica na Provincia do Além-Tejo!

Prevendo novas aggressões malignas e ferinas daquelles mesmos e indesarmaveis discolos brilhantemente rebatia-lhes a malignidade o nosso magistrado agronomo.

"Dirão finalmente: que em todas as partes do Brasil ha muitos lavradores que forão deste Reino, e que tem as idéas mais claras do uso do arado e das suas vantagens, para a agricultura, e que se elles vissem que alli resultara as utilidades, que suppomos, não deixarão de o adoptar."

Respondemos, que os lavradores que forão deste Reino para o Brasil, "não serião aqui os mais intelligentes da lavoura, e he provavel que lá tomassem outro genero de vida, e que não sendo proprietarios de terras, não tem occasião de fazer as suas experiencias; que os proprietarios de terras, não têm se resolvido a mandalas lavrar pelo erro, e prejuizo em que estão da inutilidade do arado nas terras novas, por causa das muitas raizes que fazem o seu uso impraticavel, e nas terras velhas por causa da falta de substancia para as suas ordinarias producções; mas nós já lhes mostramos evidentemente a falsidade destes dois principios."

Terminando, affirmava o Dr. Moraes Navarro:

"Temos mostrado que só com a introducção do arado, e das fornalhas de nova invenção, se podem reparar todos os erros da lavoura do Brasil, e vivificar huma grande porção de terras, proxima ás grandes Povoações, que está como amortecida, e abandonada com prejuizo geral dos habitantes."

Queria, porém, ainda dar alguns conselhos proveitosos que a experiencia lhe suggeria; deviam as camaras municipaes zelar pela conservação dos bosques junto ás cidades. E os lavradores não deixar derrubar as arvores fructiferas e os palmitos, "que podiam fazer parte do alimento quotidiano e tão medicinaes, especialmente o guarirova, que curava e preservava de varias enfermidades."

Cousa de grande alcance para o Brasil a plantação da oliveira, do castanheiro e do sobreiro e a creação do gado lanisco.

Deslumbrado com a antevisão do panorama grandioso do futuro brasileiro clamava o Dr. José Gregorio de Moraes Navarro:

"Que poucas cousas ha preciso introduzir-se, e praticar-se para fazer o Brasil o Paiz mais rico, e mais afortunado de todo o mundo! A introducção, e uso do arado, e das fornalhas de nova invenção; a conservação das arvores uteis, e necessarias, a plantação das que forem destes Reinos, a creação do gado lanisco. Eis aqui, segundo me parece, todo o plano do melhoramento e da reforma da agricultura do Brasil."

Para o fecho do seu sábio discurso reservara o Dr. Navarro o indefectivel louvor do bom vassallo ao dynasta que o mandara como juiz de fóra da nova villa de Piracatú do Principe, por elle, magistrado, creada por Sua Alteza.

Antevia nova idade de ouro para os Brasis que a das minas passara.

"Parece que he chegada a época da sua maior felicidade, porque o Principe Nosso Senhor, que tem por titulo o seu Nome, se lembra delle, e dos seus naturaes, e habitadores com paternal cuidado."

Louvar o amo e deixar em esquecimento o ministro, exaltar o rei e não ao official real era cousa que o arguto juiz de fóra nunca faria. Assim se derramou em louvaminhas ao eleito da amizade e da confiança do monarcha.

"E o sábio Ministro que do Céo lhe foi mandado, para promover a causa dos moradores das tres partes do mundo, não socega nem descansa para satisfazer perfeitamente as virtuosas intenções de hum Principe tão bom, que já principia a reinar nos corações dos seus fieis vassalos."

Arado, senhores lavradores, arado no cafesal! Tão pratico o emprego da charrua! naquelles terrenos bem feitos de declives de quarenta a cincoenta por cento, por vezes, por onde a rubiacea começava a se alastrar nos districtos proximos da zona guanabarina! Os conselhos do douto agronomo magis-

trado seriam dignos de se tomarem em consideração como o daquelle sabedor das coisas de nossa agricultura que se revoltava immenso contra o barbaro processo de se cortarem as bananeiras que haviam dado cacho.

CAPITULO XVIII

Frei Velloso e a propagação do café — A publicação do "Fazendeiro do Brasil"

Para quem conhece as cousas do Brasil, um pouco mais do que pela rama, o nome de Frei José Marianno da Conceição Velloso é dos mais notaveis nos fastos culturaes do paiz. Poucos serão sempre os elogios a se lhe fazer á memoria.

Immenso escreveu sobre assumptos scientificos variados e a seu espolio pertence a obra notavel que é a *Flora fluminensis,* primeiro tentamen scientifico, de largo tomo realizado em nossa terra.

Optimo estudo, de sua vida e obra, realizou outro e valoroso botanico brasileiro, José de Saldanha da Gama, verdadeiro glorificador do sábio franciscano.

Muito *per summa capita* acompanhemos os delineamentos da biographia do notabilissimo brasileiro.

Noscido em S. José d'El Rey, em 1742, tomou José Velloso Xavier o habito franciscano, a 11 de abril de 1761, no convento de São Boaventura de Macacú.

Recebendo ordens, foi em 1768 eleito pregador e professor dos clerigos do convento de S. Paulo, em 1771. Nesta cidade viveu diversos annos, herborisando muito em seus arredores e nos de Taubaté, assim como na Serra do Mar, entre Paraty e Cunha.

Apaixonado pela botanica, vivia a colleccionar, fazendo-lhe a iconographia da obra o habil pintor e desenhista, seu irmão de habito, Fr. Francisco Solano. Entremeiava aos estudos scientificos os trabalhos do magisterio e da cathechese dos indios da Capitania do Rio de Janeiro, ribeirinhos do Parahyba. Numa destas viagens de missionario contrahiu uma ophtalmia, que quasi o cegou.

Tambem se entregou, embora com menos paixão, ao estudo da chimica, sciencia que então, como é desnecessario lembrar, vivia os seus primeiros dias, e ao da zoologia, de que

deu bellas provas em trabalhos sobre os alcalis (1789) e no *Aviario brasilico,* primeira obra de ornithologia devida a uma penna brasileira. Teve constantemente o favor e a protecção de um homem illustrado, qual o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos. Passando a Lisboa, meio muito mais adeantado do que o fluminense, foi Fr. Velloso sobremaneira favorecido pelo Principe Regente e numerosos homens de saber. Publicou muitos trabalhos, a que imprimiu a Typographia chalcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego, estabelecimento creado em 1800 pelo futuro D. João VI. Delle foi nomeado director, tendo então muitos collaboradores valiosos, entre os quaes dois brasileiros, sobremodo illustres, Antonio Carlos de Andrada e José Feliciano Fernandes Pinheiro, futuro Visconde de S. Leopoldo.

Concedeu-lhe o Principe uma pensão annual de quinhentos mil réis, fel-o elevar-se á categoria de padre-mestre de sua provincia, incumbindo-o de numerosos trabalhos scientificos.

Voltando ao Brasil com D. João VI, em 1807, falleceu, no Rio de aJneiro, a 13 de julho de 1811, quasi ao completar setenta annos de idade.

Foi, certamente, o mais illustrado brasileiro de seu tempo, pois ainda não alcançara José Bonifacio a reputação que com os annos angariou.

Deve-se-lhe a incorporação á Sciencia de centenas de fórmas novas, vegetaes.

Prende-se, notavelmente, o nome de Frei Velloso á história primeva do café no Brasil.

Attribuiu-se-lhe até uma actuação que nos parece sobremodo exagerada. Assim, ha autores, verdade é que modernos, que chegam ao ponto de o indicar como o verdadeiro promotor da disseminação da cultura da rubiacea em terra brasileira.

Isto graças á instigação por elle exercida sobre o Vice-Rei Marquez do Lavradio.

Nem a documentação nem os echos da tradição oral autorisam, comtudo, semelhante versão. Parece-nos ella nascida das extravagancias do imaginativo Luiz Alves de Azambuja Suzano, o autor do romance pseudo-historico, o *Capitão Sylvestre,* publicado em 1847 e cujas incongruencias analisámos.

Quem tem, notavelmente, dado curso a esta inaceitavel tradição vem a ser diversos autores mineiros. Reproduzem todos o que lhes insinua a publicação official do governo de seu Estado, realizada pela respectiva Secretaria da Agricultura, em 1929, onde occorre o absurdo de se pretender tomar como

documento inicial, basico, o romancete historico pelo methodo confuso, gongorico, anachronico de Alves de Azambuja Suzano.

Na documentação historica jámais, até hoje, se nos deparou o nome de Frei Velloso como mentor do Marquez do Lavradio, em materia de cafeicultura.

Nem ao sábio botanico jámais neste sentido se referiram os mais antigos e abalisados depoimentos individuaes. Nestas condições Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, Ayres do Casal, Antonio Duarte Nunes, Monsenhor Pizarro, Januario da Cunha Barbosa, Silvestre Rebello, Freire Allemão, etc.

Nenhum destes depoimentos, dignos do maior credito jámais fez, ao que sabemos, uma unica allusão a esta supposta intervenção de Frei Velloso, cujo apregoamento de muito parece-nos o fructo exclusivo de um regionalismo contemporaneo, exuberante e mal inspirado.

Uma grande prioridade cabe a Frei Velloso nos fastos do café no Brasil, o de ser o primeiro brasileiro ou mesmo lusitano que haja publicado e em portuguez, uma obra sobre a cultura da fava arabica.

Argumento que nos parece sobremodo robusto e portanto contra a pretensão actual dos hyper-elogiadores do sábio botanico vem a ser o seguinte: nessa obra, que lhe deu a prioridade a que nos referimos, obra aliás volumosa, em dois tomos, não se lê uma unica referencia ao plantio do café no Brasil.

E no emtanto quando se imprimiu ja havia algumas pequenas lavouras no Brasil. Data de 1798 e já em 1779, dezenove annos antes portanto, exportara o porto do Rio de Janeiro, 57 arrobas de café para Lisboa e Porto.

Em 1796 haviam sahido da Guanabara para o Reino nada menos de 8495 arrobas de café no valor de 27:901$500 contanos Balbi em sua preciosa obra. Em 1797 partiram de Santos para os portos de Portugal 924 arrobas.

E no emtanto nem uma só palavra consagra. Frei Velloso á extensão notavel que ia tomando a lavoura da rubiacea.

Habitante do Rio de Janeiro era natural que estivesse inteirado do valor desse movimento agricola tão fructuoso que se traduzia pelas seguintes e tão expressivas cifras da exportação fluminense.

Em 1779 57 arrobos.
Em 1796 8495 arrobas.

Vejamos porém o que é esta obra do nosso grande botanico.

Em 1798 começou elle a publicar o *Fazendeiro do Brasil melhorado na economia rural dos generos já cultivados e de outros que se podem introduzir e nas fabricas que lhes são proprias, segundo o melhor que se tem escripto d'este assumpto, colligidos de memorias estrangeiras.*

Constitue uma especie de encyclopedia rural de que foram impressos onze volumes em cinco tomos de pequeno formato.

Versam os dois primeiros sobre a canna de assucar, trata o terceiro dos lacticinios; dois outros de tinturaria (sobretudo do anil e do urucú), o sexto cuidado cacteiro e da cochonilha, os tres ultimos do cacau e chocolate, das especiarias e da industria de fiação e tecelagem.

O setimo e o oitavo consagram-se ao café, trazendo a primeira e segunda partes das *Bebidas alimentosas.*

E' o primeiro tomo (Lisboa 1800, pags. 271 in 16) uma collectanea de traducções de monographiasinhas maiores e menores, menos e mais valiosas, sobre a cultura da rubiacea como a *The history of Coffee* de John Ellis (1774) o *Examen de la question médico politique sur l'usage habituel du café* de Nicolau F. J. Eloy, um extracto da *History of the West Indias* de Bryan Edwards, as *Observações pertencentes á cultura do café na ilha de S. Domingos* por Samuel Vaughan. *Tratado sobre a cultura do café* de Monereau, as *Memorias* de Fusée Aublet, Alleon Dulac, Philipp Miller, do Dr. Fothergill, Préfontaine, do Abbade Rosier, extractos das viagens de J. de la Roque, Niebuhr, etc.

Original, da lavra de Velloso só o prefacio em que não se lê uma só palavra referente ao Brasil!

Este silencio leva-nos a observar: accaso houvesse o prefaciador cogitado da cultura da fava arabica em sua patria, teria silenciado este caso? Accaso houvesse o Marquez de Lavradio tomado a peito o plantio do café teria o illustre botanico deixado de lembrar esta circumstancia enaltecedora da obra administrativa de um Vice Rei?

E nem se diga que com a sua grande intelligencia e avidez de saber, fosse peregrino em materia de bibliographia contemporanea sobre o assumpto. Neste mesmo prefacio prova a saciedade quanto estava corrente em tal materia a ponto de conhecer muitas particularidades curiosas da literatura cafeeira.

Assim abre o seu volume com allusões aos contactos do

café com a Biblia e o *nepenthes* homerico! Transcreve numerosos trechos de poetas latinos sobre a fava de Moka, etc.

O proprio tom da obra nos mostra quanto andava Frei Velloso extranho aos factos brasileiros da cultura do cafeeiro. Se elle lhe ligasse real importancia não iria publicar o seu tratado após o que consagrou aos lacticinios! Ao urucú! A cochonilha!

Se cogitava do café tinha em vista "melhorar a cultura da preciosa planta do café do seu perfeito preparativo para passar á Europa, e iguala-se não exceder, ao cultivador nas possessões africanas e americanas estrangeiras e ainda como se julgava possivel ao que se transportava de Moca ou Betelphageri da Arabia, de cuja perfeição parecia estar distante o nosso."

Para tanto se organizara tal collectanea de excerptos dos mais abalizados autores.

Não havia duvida que era immenso o futuro do café, cujo consumo se annunciava auspiciosissimo. Só a pequena cidade de Mons consumia anualmente cem mil arrateis (45.900 kilos o que parece exagerado, 765 saccas de hoje para uma população de 20.000 habitantes o que daria mais de dois kilos por cabeça).

Tres grandes povos se havia empenhado, immenso, no cultivo do café; o hollandez, o francez e o inglez. Este em 1797 esperava das lavouras de suas colonias, onde trabalhavam 20 mil escravos, 122.000 saccas (das nossas). Sua producção em quatorze annos se multiplicara de dezoito e meia vezes. Quanto aos francezes, antes da rebellião dos seus escravos, já colhiam mais de quatro vezes tanto: 535.500 saccas, em 1792.

Seja como fôr extranhissimo que o nosso botanico não haja dito uma unica palavra sobre a incipiente lavoura fluminense que elle conhecia bem. E não tenha trazido em seu prefacio um unico esclarecimento sobre a introducção do cafeeiro no Rio de Janeiro a que presenciara, por assim dizer.

Seria tal relato documento de inestimavel valia.

A segunda parte do *Fazendeiro do Brasil,* tomo IV, é constituida pela traducção de *The Cofee planter of Saint Domingo* de P. J. Laborie. L. L. feita por Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada, bacharel em leis e philosophia. Saiu em 1798 da famosa officina de Simão Thadeu Ferreira a quem se deve a impressão da estampa da *Passarola* com a data falsificada para 1774 quando foi feita em 1784, lembremol-o entre parenthesis.

A epigraphe traz... *Arabus felicibus oris*
Nascitur arbor olens...
merito hac una Satis arvore felix.
Dicendo est regio, sparsa nam hinc omnibus oris orbis spes trahit ad esse do poema de Knowles.

"Genuflexo perante o Augusto Throno de S. A. Real" apresentava-lhe Frei Velloso a segunda parte do terceiro tomo do *Fazendeiro do Brasil* que "sómente tratava do rico grangeio ou cultura da preciosa semente vinda de Betelfagui na Arabia com o alliciativo nome de Restaurante ou Refocilante que tanto valia ou queria dizer na sua primitiva linguagem, a palavra asiatica *cahove* que os dialectos europeus haviam torcido em *café*".

No primeiro tomo das *Bebidas alimentosas* os autores traduzidos falavam da cultura da fava arabica nas Ilhas Bourbon e de França, na Jamaica, Caiena e Martinica.

Agora esta segunda parte cuidava da cultura na Ilha de S. Domingos e procedia da mais conspicua autoridade, o Sr. de Labourie, celebre fazendeiro daquella grande ilha. Escripto originalmente em inglez fôra traduzida em serviço de S. A. pelo bacharel Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. Em parte alguma do globo se vira a cultura do café tomar impulso identico ao de S. Domingos, onde as colheitas de 1787, 1788 e 1789 haviam sido immensas.

Era o tratado do Sr. de Labourie simplesmente sábio.

Formidavel o criterio deste "illustre grangeiro que abria os alicerces a uma nova granja cahoetica e com os olhos unicamente fitos neste objecto, sem perder de vista a policia e a economia, inseparaveis companheiros que lhe deviam ser discorria com muito acerto por todas as outras circumstancias que lhe eram relativas e se macommunavam como o seu objecto principal."

"Descrevia as machinas que tornavam genero commerciavel, assim as de mão ou de manivela, como as de animaes e dagua certamente novas para o Brasil".

As estampas de fim do livro eram a reproducção exacta das do autor francez. Graças a ellas "podiam os olhos ajudar ao entendimento na sua mais cabal e completa intelligencia."

Viviam as lavouras brasileiras desprovidas de machinario; dahi a inferioridade de seus productos. Fossem os meios mecanicos introduzidos e "não só se veria exterminada a grosseria e estragado gosto com que até agora se tinha cultivado como seriam optimos os fructos, ricas as colheitas e transformados os nossos planos, lombas e encostas de montes em uteis

florestas apresentando vergeis cahoeticos mais deliciosos talvez do que os das Theas dos chins e os do Café do Yemen."

Com os progressos da plantação, da colheita e do beneficiamento do producto que grandioso futuro! enlaçando-se o util do rendimento ao deleitavel da perspectiva.

E dando largas á mais arroubada exaggeração, já antevia o bom franciscano d'*O Fazendeiro do Brasil,* cafesaes com duas colheitas annuaes!

Isto prova quanto estava alheio ás condições da lavoura cafeeira, que só dava uma safra ou então fornecia fructos verdes e maduros simultaneos.

"Flora e Pomona se gloriarão, aquella de vêr os seus vergeis duas vezes ao anno trocar a verdura sempre nova pela alvura do jasmim e esta trocar a nivea flôr no acerejado fructo."

Entretanto, continuava o nosso illustre botanico, "o grangeiro calculará vinte e quarenta annos de usuras em galardão do trabalho de huma safra annual de duas colheitas de café."

"A nação erguerá, sem duvida, a sua cabeça, sobranceira, entre as outras, fixando-os nelles os olhos com firmeza. Saldará as suas contas, prophetisava Frei Velloso. Eram as columnas de Portugal o café, a cochonilha, o anil e o fumo."

Mas tornava-se necessario melhorar o apparelhamento dos engenhos assucareiros, introduzir o linho canhamo, cultivar as arvores de especiarias e aproveitar as cinzas vegetaes para a soda e a potassa.

"Assim se emendarão os erros economicos commettidos ha cem annos, pela extracção do ouro do Brasil."

"Pasma o vêr-se, dizia Montesquieu, as Nações proprietarias das Minas do Ouro da America, enriquecerem as extranhas e reduzirem-se ellas, a si proprias, á maior pobreza."

E o abbade Goyer accrescentava: "Não tenhamos sentimento de não possuirmos minas de ouro, pois os que as mostravam no Perú e La Condamine, andam descalços."

Portugal deve olhar, concluia Frei Velloso, como fonte unica, e permanente do seu poder, e das suas riquezas, à cultura das terras de suas colonias, o melhoramento dos seus estabelecimentos, em Africa e nas duas Indias, a sua navegação e commercio de economia, como se escrevera no *Journal du Commerce,* em dezembro de 1759.

A obra do Sr. de Labourie consta de tres capitulos: no primeiro, se trata da escolha do terreno, seu preparo pela queimada, plantio dos cafeeiros, combate ás plantas nocivas, etc.

Na segunda parte, occupa-se o autor com a construcção das bemfeitorias, senzalas, curraes, cocheiras, etc.

Descrevem-se os processos de preparação do café em grão, as machinas beneficiadoras, a lavagem e enxugo do café, a disposição do engenho e das tulhas, da casa grande, seus jardins e pomar, senzalas, addução de agua, enfermaria. E' emfim uma monographia verdadeira e minudentissima.

Extensa ainda a parte que trata da cultura dos viveiros. Tivesse o sábio franciscano verdadeiro interesse pela extensão da cultura cafeeira e certamente já em 1798 não commetteria o erro de recommendar a do canhamo e das arvores de especiaria, quando o café remunerava tanto e tanto.

Voltando em 1808 ao Rio de Janeiro, onde ainda viveria tres annos, encontraria o eminente botanico a lavoura da rubiacea em enorme prosperidade.

Se em 1796, pela barra de Guanabara haviam sahido 8.495 arrobas de café, despachadas para a Europa, dez annos mais tarde esta exportação havia quase decuplicado, attingindo 82.245 arrobas, no valor de 328:990$000, doze vezes o valor da safra exportada em 1796, pois as cotações haviam subido de quasi 25 por cento.

Nestes ultimos annos de vida, de 1808-1811, não nos consta que Frei Velloso haja um unico dia cogitado de café.

Assim parece-nos satisfactoriamente demonstrado quanto não tem cabimento o papel assignalado que alguns autores, instigados por circumstancias de ordem bairrista, querem attribuir-lhe como pioneiro maximo da cafeicultura em nosso paiz.

Nem precisa Frei Velloso, de tal adminuculo á sua reputação, para que deixe de ser um dos mais importantes vultos da historia scientifica do Brasil e da botanica universal.

CAPITULO XIX

Depoimentos de Freire Allemão sobre os primordios da lavoura cafeeira no Brasil

A 16 de maio de 1856 terminava o nosso sábio botanico Freire Allemão a sua memoria destinada a ser lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro e perante a augusta pessoa de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro II — *Quaes são as principais plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil.*

Imprimiu-se este trabalho realmente valioso do illustre scientista nesse mesmo anno de 1856 e no tomo XIX da *Revista do Instituto.*

Tratou Freire Allemão da canna de assucar, do café e do chá apenas.

No segundo destes capitulos ha preciosos informes sobre a propagação do cafeeiro na zona fluminense.

Depois de um introito realmente criterioso, em que extranha o alheiamento dos portuguezes ao commercio da rubiacea, trata Freire Allemão da entrada do cafeeiro no Brasil. Mostra ahi desconhecer o episodio de Palheta, cujo nome, no emtanto, já nesta occasião, se achava divulgado pela propria *Revista do Instituto,* e isto desde annos, desde que nella se imprimira a relação da jornada do bispo D. Fr. João de S. José Queiroz, em 1847.

Assim, admitte o primeiro plantio de café no Pará, entre 1723 e 1728, o que é exacto.

Depois de refutar o absurdo da ballela da prohibição do plantio do café no Brasil por D. Manuel, examina os diversos depoimentos que estavam ao seu alcance, na época.

Orgulhando-se, como fluminense, do enorme surto da cafeicultura, em sua região, escrevia:

"Com isto, tenho satisfeito, conforme coube em minhas forças a obrigação que me foi imposta. Creio, porém, que se ha de desculpar a um filho do Rio de Janeiro, onde esta planta

parece que melhor se deu, mais largamente se cultiva, e constitue um dos primeiros ramos de riqueza dessa provincia, o gastar ainda alguns momentos com a historia da sua introducção ahi."

A Balthazar da Silva Lisboa, contesta a asserção nos "Annaes do Rio de Janeiro" de que "os capuchinhos francezes foram os primeiros que no Rio de Janeiro cultivaram o café."

Provavelmente, fôra Lisboa induzido em erro por Borges de Barros em seu artigo d'*O Patriota* em 1813.

"Em um artigo impresso em 1813, no *Patriota,* primeiro periodico que, no Rio de Janeiro, senão em todo o Brasil, se publicou consagrado ás lettras e ás sciencias, diz o autor que conserva o anonymo: "quando indaguei donde nos veio o café pude apenas colligir que ao Pará nos veio por Cayena; e que o primeiro cafezeiro que appareceu no Rio de Janeiro, o devemos a Hoppman, Hollandez de nação, que se estabeleceu nesta cidade; noticia que devo á amizade do nosso illustre botanico José Corrêa da Serra".

Monsenhor Pizarro, neste particular, lhe merecia muito mais credito, embora não fosse de todo satisfactorio.

"Monsenhor Pizarro, em suas *Memorias do Rio de Janeiro,* para as quaes levou muitos annos em ajuntar documentos, e tradições, é mais circumstanciado a este respeito, bem que ainda não de todo satisfactorio, elle diz "pouco a pouco se foi introduzindo a planta do café pelo Pará e Maranhão, onde tem prosperado notavelmente, depois que o decreto de 4 de maio de 1761 o isentou dos direitos nas conquistas portuguezas. Não excede muito aos annos de 1770 o principio dessa cultura neste paiz (Rio de Janeiro), devida ao zelo, e diligencias de João Alberto Castello Branco", chanceller que era na relação desta cidade, mandando vir do Maranhão ou do Pará, onde nascera, ou havia sido magistrado, as plantas primeiras que se dispuzeram na cerca do hospicio dos padres Barbadinhos italianos, e na quinta de João Hoppman, além do arraial de Mata-porcos".

Seria talvez este depoimento influenciado por outro, anterior de alguns annos, o de Ayres do Casal que, em 1817, imprimiu a sua *Corographia Brasilica,* tres annos antes da vinda á luz das *Memorias* de Pizarro.

'Ayres do Casal, na sua *Corographia Brasilica* diz: "O cafezeiro naturalizado (no Rio de Janeiro), no tempo do conde de Bobadella, por diligencia dum magistrado, tem-se" multiplicado prodigiosamente e enriquecido muita gente."

Não se comprehendia porque deixara o presbyterio do Priorado do Crato de dar o nome do magistrado.

Estava-se, porém, em frente de um depoimento positivo.

José Silvestre Rebello, este certamente se influenciara pelas palavras de Borges de Barros.

O fallecido José Silvestre Rebello, homem instruido e trabalhador, em sua memoria sobre o café, lida na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, diz: "O certo é que um hollandez de nome Hoppman, que se achava estabelecido aqui na Côrte, no tempo do vice-reinado do marquez do Lavradio, plantou arvores de café."

O illustre Januario da Cunha Barbosa, este tambem se referira aos primeiros cafeeiros de Castello Branco, mas a commetter um anachronismo.

"O Conego Cunha Barbosa, no seu discurso sobre algumas producções do Brasil (Auxiliador da Industria Nacional, Tomo 3.º), diz que o Desembargador Castello Branco trouxe do Maranhão, em 1752, as duas primeiras plantas que alli aportaram em Cayena. No que julgo eu ha mais de um engano."

A presumpção do erro do nosso autor era a mais acertada como veremos daqui a pouco.

Em 1752 estava João Alberto de Castello Branco longe de pensar em ir ter ao Rio de Janeiro.

Não ventilou Januario Barbosa o assumpto, como poderia ter feito; tratou de outras particularidades da historia da propagação do café.

Continua Freire Allemão falando de D. José J. Justiniano:

"Este Bispo promoveu a cultura e manipulação do anil, que alguns progressos teve nesse tempo, e que seria ainda hoje um rico producto de exportação fluminense, se os seus cultores não cahissem em desanimo por falta de pagamento ao anil de suas fabricas, comprado pelo Governo, e remettido para Lisboa, donde nunca voltou o producto de sua venda, deixando por isso o Vice-Rei de o comprar aos lavradores, como o fazia por conta da Real Fazenda só para animar essa plantação.

Tambem concorreu elle á propagação da cultura do café, recebendo sementes da horta dos Barbadinhos Italianos, e fazendo-as distribuir com muita recommendação pelos Padres Couto e João Lopes, aquelle no caminho de Rezende, e este no districto de São Gonçalo. Estas sementes tiveram o progresso que hoje sabemos, pois que da Fazenda do Padre Couto se derramaram por todas as de serra acima, onde prosperam espantosamente."

Há, aliás um depoimento pessoal e importantissimo: o de Januario da Cunha Barbosa em favor da prioridade de João Alberto; publicou-o em 1834, n'*O Auxiliador da Industria Nacional*.

"Bate-me o coração quando me lembro que ainda vi, nos primeiros annos de minha vida, as duas primeiras arvores de café que haviam sido trazidas em tenras plantinhas da cidade do Maranhão pelo desembargador João Alberto Castello Branco, nomeado chanceller da Relação desta cidade e acolhidas como peregrinas estrangeiras na horta dos Barbadinhos Italianos junto á entrada de sua Capella, onde é hoje hospital de Municipaes Permanentes."

Num discurso pronunciado em sessão de 12 de julho de 1835 da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional disse ainda Januario Barbosa que Castello-Branco conduzira do Maranhão para esta cidade as duas plantinhas em 1752.

Na biographia do bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, escripta pelo mesmo conego, procer da Independencia e brasileiro que tanto illustrou as nossas letras, encontra-se o seguinte:

"Tambem concorreu elle para a propagação da cultura do café, recebendo sementes da horta dos Barbadinhos Italianos.

Devo porém repetir aqui, que o sr. Antonio Caetano da Silva, morador na Rua dos Barbonos sustenta, que hum Navio Francez, entrado neste Porto, e vindo da India trouxera sementes de Café e que as dera ao Marquez de Lavradio, então Vice-Rei; que este dividira por varias pessoas; e que elle se lembra que sua avó as plantara em hum vaso, aonde as vio nascer, e viver por algum tempo.

Confesso que não sei dizer o que devemos acreditar a este respeito; o Sr. Antonio Caetano da Silva he homem de verdade; he certo comtudo que pode equivocar-se, e tambem he possivel, que as plantas do Maranhão, e as sementes do barco Francez chegassem ao Rio com pouca differença de tempo."

Este trecho de Januario Barbosa é a reproducção de documento já por nós invocado no capitulo XIII, o mesmo de José Silvestre Rebello, *ipsis verbis*. De qual dos dois escriptores será sua autoria?

Interpretando estes factos segundo criterio proprio expenderam Moreira de Azevedo, em seu "O Rio de Janeiro", publicado em 1877, e o Dr. Nicolau Joaquim Moreira, em 1874, que os cafeeiros do Norte entraram em 1771 e 1774, respectivamente.

Falando da introducção do café no Rio de Janeiro, escrevia Castelnau em 1843 uma série de informes obtidos de Januario da Cunha Barbosa, corroboradores daquillo que este brasileiro illustre deixou narrado sobre este assumpto, em outros lugares:

"Le café, suivant Pizarro, a été transporté des Indes au Brésil, sous le régne du roi Don Manoel; mais peu aprés il fut arraché par ordre du gouvernement, sous prétexte de centraliser sa culture en Asie, et on la défendit en Amerique, sous peine de mort."

Depois de repetir esta verdadeira historia da carochinha quinhentista relata o celebre viajante e naturalista:

"Depuis lors le plant de café s'est introduit au Pará et au Maranhão, de la colonie française de Cayenne; enfin, deux pousses furent portées à Rio Janeiro, sous le gouvernement de Gomes Freire d'Andrade, par João Alberto le chancelier de la Relação; Il les confia aux capucins italiens, qui les cultivérent dans un petit jardin autour de leur chapelle, ou elles réussirent bien; c'est dans cet endroit que se trouve aujord'hui l'hopital du corps des "Permanentes".

Lorsque le vice-roi, marquis de Lavradio, vint à Rio de Janeiro, il entendit parler de ces plants et voulut les voir; il alla un soir ches les pères accompagné de ses officiers et du négociant Hoppman, qui s'occupait beaucoup de culture; ce dernier en obtint quelques pousses qu'il planta dans son jardin, à Mataporcos."

"L'évêque de Rio, Don José Joaquim Justiniano, qui déjá faisait de grands efforts pour introduire sur sa fazenda de Capão la culture de l'indigo, chercha aussi à établir celle du caféyer et en distribua des plants à divers ecclésiastiques de son diocèse; mais les premiers qui le cultivérent en grand furent le P. Couto, sur le chemin de Rio à Saint-Paul, et le P. João Lopes, dans le district de San Gonçalo.

Interessante é o pormenor aqui relatado:

"Le chanoine Barboza, qui m'a donné ces détails, a vu les deux plants venus de Cayenne, en 1782. Soixante ans après, en 1842, la récolte était, à Rio, de cinq millions quatre cent vingt-trois mille arrobas, estimés à 18,002:288,350 réis.

Synthetizando os resultados de suas pesquisas, escreve Freire Allemão:

"Eis a tradição passada de bocca em bocca com suas usuaes alterações; e della o que, como mais provavel se pode deduzir o seguinte:

Para o Rio de Janeiro veio a planta do café do Pará, ou do Maranhão, por intervenção e cuidado do chanceller João Alberto Castello Branco, que exerceu as suas funcções em tempo do governo do Conde de Bobadela, e por morte deste, fez parte do governo interino por alguns mezes.

E como Ayres do Casal e Cunha Barbosa asseveram que aquella planta chegou aqui, governando Gomes Freire de Andrade, isso não pôde ser depois de 1762; pois aquelle governador expirou e mdia de anno bom de 1763. Já então eram decorridos cerca de trinta e cinco annos depois que o café começára a cultivar-se nas mencionadas duas provincias do Norte.

Na correspondencia do triumvirato de que João Alberto Castello Branco fez parte com o bispo D. Fr. Antonio do Desterro e o brigadeiro João Fernandes Pinto Alpoym, no periodo que vae de 1 de janeiro de 1763, data do fallecimento do Conde de Bobadella, até 16 de outubro do mesmo anno, dia em que tomou posse o Conde de Cunha, primeiro Vice Rei nomeado para o Brasil depois que a capital se transferira para o Rio de Janeiro nada se encontra sobre café.

E ainda em 1768 se falava tam pouco no Rio de Janeiro em cultivo do café, que o celebre viajante inglez Cook, que aqui esteve nesse anno, referindo-se a Banks, botanico inglez que o acompanhava, escreve o seguinte: "todas as producções das nossas ilhas da America prosperariam nesta parte do Brasil, e, no emtanto, os habitantes daqui tiram o seu café e chocolate de Lisboa."

Admitte Freire Allemão que o primeiro propulsor do plantio do café no Rio de Janeiro haja sido o Marquez de Lavradio, realmente.

"Parece que se foram creando sem suscitar grande attenção, até a chegada do vice-rei, o Marquez de Lavradio, que foi em fins de 1769; isto é, sete, ou mais alguns annos, depois que as sementes tinham vindo. E é natural que fosse o interesse, que o vice-rei mostrou por essa planta, que movesse Hoppman a cultivá-la em sua chacara de Mata-porcos; e o Bispo na sua fazenda do Capão.

Entretanto é um facto, para mim inexplicavel, que o Marquez de Lavradio, no relatorio com que passou o governo a seu successor, tam minucioso a respeito do canhamo, cochenilha, anil, e guaxima, nada diga sobre o café; e isto era em 1769.

Cresce-me ainda mais a admiração, que em documento semelhante com que Vasconcellos entregou o governo ao conde de Rezende, felicitando-se da cultura do café em Santa Ca-

tharina, se calasse a do Rio de Janeiro: quando nesse tempo (1790) já bastante se havia ella desenvolvido nas proximidades desta cidade; pois consta dos fragmentos dum almanak do Rio de Janeiro, que existe manuscripto na Bibliotheca Publica, que, no anno de 1792, entraram nesta cidade, tanto de fóra, como do reconcavo, cento e sessenta arrobas de café."

Merece este caso a nossa attenção, detidamente.

Terá realmente Lavradio sido um dos propulsores da cafeicultura no Brasil? Parece-nos que não; pois a sua actuação muito mediocre se revela até. E este facto não escapou á perspicacia de um espirito lucido como o de Freire Allemão, muito embora não tivesse o botanico conhecido a intimidade dos archivos.

Parece-nos que estas loas a Lavradio, provêm de um trecho de Januario Barbosa no alludido volume d'*O auxiliador da Industria Nacional,* que Geremario Dantas transcreve em seu bom estudo da edição bicentenaria d'O Café d'*O Jornal.*

"Honra, eterna recordação a esse magistrado que assim fez passar de um solo, não muito prospero, essas abençoadas plantas que tem dado immenso milhões pela boa hospedagem que lhes déra o sólo do Rio de Janeiro.

Foram essas duas plantas, crescidas extraordinariamente por se não conhecer ainda o meio de sua verdadeira cultura, as progenitoras de infinitas e magestosas plantações que ainda hoje cobrem grande parte das encostas de nossas collinas.

Honra e eterno reconhecimento á memoria ao Exmo. Vice-rei, marquez de Lavradio que, apenas empossado no governo desta provincia e sabendo que viviam duas plantas de café, arbustos tão preciosos em outros paizes, se deliberou logo a visita-las e as suas vistas cahindo sobre ellas foram os primeiros orvalhos que as fizeram promptamente vicejar e propagar-se.

"O estrangeiro João Oppman (sic), colhendo alli mesmo algumas bagas de café, as lançou na terra, em seu jardim da estrada de Mata-Porcos a S. Christovão."

A este açodamento do Vice Rei em visitar os dois cafeeirosinhos não correspondeu de todo a sua actuação de longos annos de governo em prol do progresso da cafeicultura.

Vejamos, porém, onde se deu a plantação das mudas de Castello Branco.

Escreve Geremario Dantas:

"Vieira Fazenda, com aquelle esmero de pesquisa que punha nas suas chronicas, conta-nos nas "Antiqualhas e Memorias do Rio de Janeiro", como os barbadinhos se installa-

ram nos Barbonos. Andavam elles de Herodes para Pilatos. A antiga hermida da Conceição de Nossa Senhora da Ajuda esteve a pique de ser pousada dos Capuchinhos italianos em 1753, mas, em virtude do protesto da Camara, obtiveram elles, no anno seguinte, hospicio proprio na rua Evaristo da Veiga, por isso chamada dos Barbonos, "no local em que está hoje o quartel de Policia."

"Dizem, escreve o grande chronista carioca, no vol. 140 da "Revista do Instituto Historico", que, na chacara dos Barbonos foram plantados os dois primeiros pés de café, trazidos do Pará pelo desembargador João Alberto Castello Branco."

Aqui e acolá, cheguei eu tambem a convicção de que as primeiras mudas de café foram realmente plantadas na chacara dos Barbonos e depois em Mata-Porcos por Hoppman, no Convento de Santa Thereza, inaugurado em 24 de junho de 1751 e em cuja igreja se encontra sepultado seu fundador, o conde de Bobadela e ainda numa chacara da Gávea.

A plantação de Hoppman parece haver sido no lado impar da actual rua Haddock Lobo, que, por signal, segundo refere Noronha Santos, constituia um extenso atoleiro, desde o largo de Mata-Porcos até encontrar o Rio Comprido, só aterrado em 1850, com o dispendio de avultadas quantias por parte da Camara; mas, escreviamos, ao lado impar da actual rua Haddock Lobo, talvez ao alto e logo após a Igreja do Espirito Santo, no largo do Estacio, abrangendo possivelmente, as fraldas do morro de Santos Rodrigues, primitivamente conhecido como do Castelano e depois do Barro Vermelho (Rev. do Arch., Maio-Junho de 1894).

O local ora chamado de Mata-Porcos, por haver existido alli um matadouro desses animaes, para o mercado da cidade, conforme ainda Noronha Santos, emquanto á rua de Matacavallos, hoje do Riachuelo, correndo na encosta do morro de Santa Thereza, tirou sua designação do facto de constituir, sobretudo em tempo de chuvas, uma travessia perigosa, com atoleiros profundos, de onde os animaes, se não perdiam a vida, saiam estropiados, mas cuja passagem se tornava obrigada para fugir da lagoa da Sentinella e para alcançar as mattas da Tijuca, a fazenda dos padres jezuitas no Engenho Velho ou a dos padres do Rio Comprido, de vez que os mangues da cidade formavam aguadas e atoleiros que se estendiam até os areais que emprestaram o nome á rua do Areal, possivelmente até o Campo de Sant'Anna, pouco mais ou menos onde está hoje o Hospital de Prompto Soccorro.

"Na fazenda de Mata-Porcos, Hoppman fez a sua referida plantação de café, tendo sido nas ditas terras construida mais tarde a Igreja do Espirito Santo, inaugurada em janeiro de 1866, demolida em fins de 89 e reconstruida em 1900, sem esquecer a antiga capella levantada por provisão de 20 de janeiro de 1746, perto da Bica dos Marinheiros."

Na obra do Padre José Pedro de Araujo Marcondes, occorre um trecho curioso de que se valeu Hildebrando de Magalhães.

"Segundo o padre A. Marcondes ("o café, sua história, effeitos, usos dieteticos, etc.") (1896), o citado desembargador João Alberto de Castello Branco trouxe do extremo norte varias mudas, porém só quatro conseguiram medrar: uma, na propria casa delle, sita á ladeira de Santo Antonio, mais ou menos onde se encontra hoje a Imprensa Nacional; outra, — confiada aos carinhos das freiras de Santa Thereza; a terceira, — com os frades barbadinhos italianos, do Hospicio de Jerusalem, á rua outróra dos Barbonos, e actualmente Evaristo da Veiga; quarta e derradeira, — entregue ao hollandez João Hoppman."

Documentou-se o Padre Araujo Marcondes para esta citação na obra de Mello Moraes: "Phytographia Brasileira ou Botanica Medica vulgar brasileira applicada á Medicina, ás Artes e á Industria" (Rio de Janeiro 1881).

Ouçamos os proprios dizeres do autor da baralhada "Chronica Geral do Brasil":

"Pelos annos de 1760 o chanceller João Alberto Castello Branco, vindo de Gôa para o Rio de Janeiro trouxe umas poucas de plantas de café de que só chegaram quatro capazes de vegetar."

Como vemos a transcripção do Pe. Marcondes falseou o texto de M. Moraes que aliás commetteu um erro affirmando que os cafeeiros de João Alberto vieram de Gôa.

"Uma destas mudas conservou-se no quintal da casa onde foi assistir; outra a deu para a cerca das freiras de Santa Thereza, outra para a cerca dos frades barbadinhos italianos estabelecidos na rua dos Barbonos e a quarta deu de presente a Mr. (sic) Hoffman (sic) que residia no predio oitavado da chacara da rua de S. Christovam á rua do Aterro, hoje de Miguel de Frias."

Conta depois Mello Moraes um pormenor curioso sobre a procedencia destes informes minuciosos:

"Conforme um manuscripto que possuo, da lettra do chanceller depois ministro do Estado, Thomaz Antonio de Vil-

lanova Portugal, de todos os pés de café offerecidos a particulares o unico que pegou, floresceu e fructificou foi o plantado na cerca da S. Thereza, que foi o progenitor de todo o café das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas.

Não ha muitos annos que ainda vivia esta planta preciosa ali abandonada, como são abandonadas entre nós as cousas de merecimento real.

Em outra parte onde se estuda e se aprecia as antiguidades nacionaes que apreço se não daria ao "cidadão das selvas" que produziu um dos principaes ramos da riqueza publica! Alli viveu ignorado e alli morreu sem que ninguem lhe fosse assistir, por gratidão, os ultimos dias da vida."

A tal respeito e a proposito da ingratidão visceral do homem escreve Mello Moraes os seguintes e pittorescos commentarios: "Não se admire o leitor disto! o desembargador, depois capitão mór dr. Antonio de Moraes e Silva, autor do melhor diccionario da lingua portugueza que temos, que nasceu na rua do Ouvidor, no sobrado de dous andares, pouco acima e defronte do "Jornal do Commercio"; o Padre Dr. Antonio de Souza Caldas, o famoso poeta lyrico e grande orador sagrado, que nasceu na rua dos Pescadores e falleceu na do Sabão, e outros, vieram ao mundo, para, com os seus trabalhos ennobrecerem ao seu paiz comquanto que se tem apagado nomes historicos e tradicionaes, para se inscrever a perpetuidade de crimes e nomes irrisorios".

Esta approximação entre o caso do olvido do café e o descaso incrivel desses grandes fluminenses é realmente pittoresco. Ameaçava o nosso chronista verberar acremente este injustissimo proceder de seus patricios na chronica geral minuciosa do Imperio que estava a imprimir, devendo attingir o anno de 1829.

Sobre os capuchinhos e o café, escreveu Balthazar da Silva Lisboa, em 1835, uns topicos muito discutiveis quanto ao que se refere a espontaneidade do cafeeiro na zona fluminense.

"Aos capuchinhos francezes succederam os italianos, que, pela provisão de 16 de abril de 1738, se ordenou se lhes mandasse dar a capella de N. S. da Ajuda.

Tendo havido duvidas sobre a posse, expediu D. João V "Ordem ao ouvidor da Camara, que, precedendo-lhe os termos e prevenções necessarias, fizesse empossar na referida Ermida aquelles Padres, sob a condição de sahirem da ermida (da Conceição), promptamente, logo que El-Rei determinasse, para a residencia, que fosse servido."

A estas razões corroborou o Governador, exaltando o grande zelo daquelles Padres, pela salvação das Almas e da utilidade que resultava aos habitantes de seus trabalhos apostolicos em serviço de Deus, dentro e fóra da cidade, e de seu zelo pela prosperidade do paiz, sendo os primeiros que cultivarão o café que espontaneamente o encontrarão produzido nas vizinhanças da cidade."

Numerosos autores brasileiros foram induzidos em erro pela chronologia de Ukers em seu *All about coffee*. E a seu turno influenciou o autor yankee, o seu compatriota Thurber.

Dahi as referencias a um tal "Molke", "a belgian monk", que introduziu "the coffee plant from Surinam into the garden of the capuchin monastery at Rio de Janeiro."

Peior é o caso do bispo fluminense "Joachim Bruno" (!), que nunca existiu e deve ter sido talvez D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco, quiçá parente do chanceller João Alberto, homem que fez plantar café "in Rio, Minas (sic), Espirito Santo and São Paulo"!

Fez esta balella claudicar Henrique Silva e outros autores. Com toda a razão não lhe deu acolhida Hildebrando de Magalhães. Moura Brasil, em 1900, examinou perfeitamente esta questão.

"Em varios autores brasileiros e muitos estrangeiros, que têm tratado da origem do café no Brasil, lemos que fôra introduzido de Caiena pelo Pará, em 1723.

Para citar um só exemplo, do criterio com que, geralmente, os escriptores estrangeiros falam das nossas cousas, basta ver-se o que se lê em uma obra volumosa do sr. Francisco B. Thurber e que o leitor permittirá a sua transcripção.

Diz o escriptor americano:

"A planta do café foi trazida em 1722 da colonia franceza de Caiena, para o Pará, na região amazonica, onde a cultura, entretanto, foi sómente desenvolvida depois de 1761, eximindo o novo producto agricola de direitos de exportação. Da Amazonia, a cultura extendeu-se ao Maranhão, de onde, em 1774, duas pequenas arvores foram levadas para o Rio e plantadas em jardim particular perto do convento da Ajuda. As arvores floresceram e, subsequentemente, um belga emprehendedor, chamado Molke, iniciou uma regular plantação de café nos extensos campos da canna de assucar e cereaes, que então constituiam a principal riqueza da provincia."

Equivocou-se o escriptor trocando o convento de Barbadinhos Italianos com o convento da Ajuda, que era de monjas.

Molke, que suppomos não haja sido religioso, teve, effectivamente, uma fazenda na Tijuca, onde cultivou o café, mas isto em época muito posterior ás plantações já existente no Rio de Janeiro, em principios do seculo passado." (XIXº).

CAPITULO XX

A disseminação da lavoura cafeeira na região fluminense — Palavras de Freire Allemão e de Monsenhor Pizarro

Falando da propagação da cultura cafeeira na região fluminense, escreve Freire Allemão:

"Da fazenda do Capão sahiram plantas para a do padre João Lopes, em São Gonçalo, da qual se propagou o café pelos logares circumvizinhos, e para a do Mendanha, em Campo Grande, onde, pelo que eu pude alcançar, essa cultura começou pouco antes de 1780.

Do sitio se fez a primeira plantação em Mendanha, era proprietario, e pouco tempo depois o foi tambem da fazenda, o padre Antonio do Coito da Fonseca.

Foi meu padrinho de baptismo, e criou-me em sua casa até o dia do seu fallecimento, acontecido em 11 de fevereiro de 1810, cidadão prestante, e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tudo o que a gratidão e o dever me ordenariam que dissesse a seu respeito; limitar-me-hei, pois a memorar sómente de sua vida, aquillo que for concernente á materia, que me occupa.

Lavrador intelligente, excogitava, experimentava e adoptava os melhores methodos e apparelhos, que nesses tempos aqui se podiam conhecer; de modo que os productos da sua lavoura que foram, primeiro o anil, depois o café, e ultimamente o assucar, eram, entre os melhores que appareciam no mercado.

Não era só pechoso na grande cultura, seu pomar, sua horta, seu jardim encerravam quanto então se conhecia de mais raro no Rio de Janeiro; e de algumas plantas foi elle o primeiro cultor; como ainda espero ter occasião de mostrar.

Uma certa vivacidade de genio o tornava pouco estavel em seus propositos. Para o anil havia feito fabricas custosas, e que talvez não tivessem irmãs em todo o Brasil; adoptando, porém, a cultura do café, desprezou aquella inteiramente.

Nesta se esmerava de igual modo, e por meio de machinas espremia o café, lavava, seccava e o preparava até o ponto de beber-se; com a compra, porém, do engenho do Mendanha, substituiu as grandes plantações de café por cannaviaes, deixando apenas quanto lhes désse para o gasto, e para presentear aos amigos.

Desses primitivos cafezaes, ainda alguns alcancei; e vive ainda hoje uma preta, que contando mais de 90 annos, e conservando ilesas lembranças de sua mocidade, refere que fazia parte dos escravos que se occuparam no primeiro plantio de cafés que fez o padre Coito."

"Desta fazenda sahiram *mudas* para serracima, onde esta planta tam bellamente se tem naturalisado.

Do que se passou em San Gonçalo, quanto á propagação do café, nada pude saber."

A proposito do progresso do café, escrevia Monsenhor Pizarro em 1820:

"Sendo o paiz análogo a sua nutrição, e aquelles lugares aptos, em pouco tempo, tanto prosperou a planta, que della se propagou por todos os sitios deste Continente, onde não ha chacara, ou Fazenda, que deixe de cultivar tão precioso genero, e de tanta extracção.

Dos lugares mais fartos dessa planta, e melhor cultivados, até o anno de 1800, eram superiores o da Tijuca, e toda sua circumferencia em volta da Gavia para a Lagoa de Rodrigo de Freitas; o da Fazenda chamada do Mendanha, na Freguezia de Campo Grande, donde se extrahiu toda planta, ou a maior parte della que principiou a povoar as terras mais distantes além da Serra, como as de S. João Marcos, e de Campo Alegre, de cujos sitios assaz prodigos, e pela sua frescura mui proprias á sustentação do arbusto, se exportam hoje as porçõens mais consideraveis desse grão; e, finalmente, a Fazenda que foi de Ignacio Xavier Salgado, sita na Freguezia de N. S. da Guia de Pacobaiba, onde as arvores sustentadas em lugares altos, eram corpolentas pela boa cultura que tinham.

Os fructos criados mais ao Sol, que á sombra, sam de melhor qualidade, e as arvores tambem prosperam na mesma igualdade, quando o terreno fresco alimenta as suas fibras naturalmente secas."

Falando, em 1792, do Rio de Janeiro e seu governo, escreveu Reynal:

"As lavouras por muito tempo se não desenvolveram

nesta bella e vasta provincia. Diariamente, agora, adquirem maior importancia."

O fumo continua a ser o que era ha dez annos, mas a canna se multiplicava, principalmente nas planicies de Guatacazes.

Havia doze plantações modernas de optimo anil e os ultimos navios haviam trazido café em assaz grande abundancia.

Tratando da exportação brasileira, declara o autor que lhe faltavam dados estatisticos desde 1775, e ajunta:

"O que sabemos de fonte limpa é que a metropole recebeu todo sos annos do Rio de Janeiro um pouco mais de café, mil quintaes de assucar a mais do que anteriormente.

Cento e sessenta arrobas de café entraram no Rio de Janeiro em 1792 tanto de fóra como do reconcavo da cidade.

Muito mais completas as informaãções de Moura Brasil, abeberado em Vieira Fazenda.

Em 1779 haviam sahido do Rio 8 arrobas de café para Lisboa e 49 para o Porto.

Em 1797 seguiram para Lisboa, Porto e Faial 8.302 ½ arrobas. As cento e sessenta arrobas, a que se refere Freire Allemão, eram a colheita do Bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco (1773-18).

Interessantes as estatisticas que acompanham o *Almanac* de Duarte Nunes para 1799 e referentes ao anno de 1798.

Neste millesimo entraram no porto do Rio de Janeiro 346 embarcações portuguezas, das quaes quatro de geurra, 55 mercantes vindas de Portugal e Madeira, 22 da Africa e 265 de cabotagem, a saber: de Campos 91, Rio Grande do Sul 79, Santos 23, Bahia, 19, S. Catharina, 16, Laguna, 12, Pernambuco, 11, etc. Estrangeiras ,27; hespanholas, 16; Inglezas, 8, dinamarquezas, 2, sueca, 1. Os principaes generos de exportação entrados a barra do Rio de Janeiro haviam sido:

Assucar 715.667 arrobas, arroz 35.945 alqueires, carne do Rio Grande 143.425 arrobas, trigo do Rio Grande do Sul 69.313 alqueires, café 1.118 arrobas.

Foi em 1820 a importação de africanos de 7.431 cabeças, vindas de Angola e Benguela, informava Pizarro em 1820.

Commenta Persio Pacheco e Silva, a proposito das primeiras exportações do café fluminense.

"O cafeeiro permaneceu por muito tempo nos jardins do Rio de Janeiro como planta de ornamneto. Appareceram, então, em certos jornaes da côrte, artigos a respeito do café em Cuba, onde a rubiacea prosperava. Lendo-os alguns lavradores, animaram-se a emprehender a cultura em maior escala."

"Bem mesquinhas foram as primeiras colheitas de café, porque se ignoravam o preparo do producto, o valor das machinas de beneficiamento, etc. Os lucros deixaram de corresponder aos trabalhos. Vendia-se a 800 réis a arroba. Tornou-se geral o desanimo. Fazendeiros houve que incendiaram seus cafezaes. Alguns, porém, perseveraram e tiveram o prazer de encontrar bom acolhimento para remessas posteriores, pagando-se 7$000 a arroba na praça do Rio."

A primeira exportação regular de café pelo porto do Rio, em 1808, attingiu somente 160 arrobas. A provincia do Rio, ainda em 1812, não exportava mais de 50 arrobas, enviadas para Londres. Oito annos depois, em 1820, conseguia remetter para fóra nada menos de 539.000 arrobas."

Referindo-se á exportação fluminense, escrevia Pizarro em 1820, fazendo ver como ella rapidamente avultara.

"Em 1800 se exportaram apenas desta Provincia (do Rio de Janeiro) 50 arrobas de Café; no anno de 1817 sahiram 318.932 arrobas; no anno de 1818, 371.345 arrobas, e no de 1819, apezar da grande secca, que houve, 269.574 arrobas, montando em tres annos o total de 959.851 arrobas. A proporção do progresso de cultura deste genero tem sido a sua colheita no anno de 1820: pois que só de Paratii, Ilha Grande, e Mangaratyba tem sahido mais de 50.000 arrobas, e de Cantagallo mais de 11.000 excedendo a exportação total do Rio de Janeiro além de 539.000 arrobas, que vendida cada uma a 6$000 réis (e por vezes a 7$000) tem produzido mui grande cabedal, não só a beneficio dos que cultivam essa planta abençoada, mas do Dizimo a 8 por 100."

Vejamos, porém, algumas cotações do café colonial.

Foram estes os preços:

Em 1797 — 3$200
" 1798 — 3$200
" 1801 — 3$000
" 1802 — 2$400
" 1803 — 2$400
" 1804 — 3$000
" 1805 — 3$000
" 1806 — 3$000
" 1807 — 3$000

Houve baixa com a promulgação do Bloqueio Continental segundo o quadro de Horacio Say em suas *Relações commerciaes entre a França e o Brasil.*

Assim em 1808 cahiu o preço de 50 por cento. Variou entre 1$400 e 1$700. Mas já em 1809 reagia.

Oscillou então o preço entre 2$000 e 2$900.

Em 1810 subia a cotação a 3$300 para cahir no fim do anno a 3$000 Em 1811 foi a depressão notavel. Veio o preço de 3$000 a 2$000. Em 1812 muito peior ainda: cahiram os preços de 2$000 a 1$200 para, no fim do anno, se manterem a 1$400.

Em 1813, as noticias do desbarato napoleonico animaram as cotações que oscillaram entre 1$200 e 2$300. Em 1814 a alta continuou de 2$300 a 2$600.

Em 1815 nova baixa, ahi explicavel. E' que os stocks acumulados, e agora livres com a derrocada do poderio bonapartico pouderam escoar-se livremente.

O mundo, privado do café e por elle sequioso, reclamava dos productores novas e novas quantidades. E' o que explica a notavel alta occorrida entre 1815 e 1821, de onde proviria enorme alargamento do cafesal brasileiro.

Foram estes os preços maximos, aliás muito influenciados pelas taxas cambiaes provenientes da má politica financeira de D. João VI.

Em 1816 — 2$600
" 1817 — 4$000
" 1818 — 5$700
" 1819 — 4$800
" 1820 — 6$400
" 1821 — 6$800

Houve ahi desequilibrio, cahindo os preços a 5$300 em 1822 e a 3$800 em 1823.

CAPITULO XXI

Documentos sobre os primeiros annos da propagação cafeeira na região fluminense — Dados de 1779 — Informações de Barrow e do "Almanac" de Duarte Nunes — O café em Santa Cruz

Nas Memorias publicas e economicas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, para uso do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, que abrangem o periodo de 1779 a 1789, ha alguns informes sobre a exportação do café.

Escriptas sob anonymato e por "observação curiosa", nella se incluem dados estatisticos valiosos, como sejam o recenseamento ou "mappa geral das cidades, villas e freguezias que formão o corpo interior da Capitania do Rio de Janeiro, com declaração do numero de seus templos, fogos etc.". "Mappa de toda a tropa paga", uma resenha dos oratorios das esquinas das ruas, das casas terreas e de sobrado da cidade, conventos, hospitaes, fortalezas, fontes publicas, propinas e vencimentos, rendas de alfandegas e thesouraria geral, etc.

Interessante a demonstração das qualidades e quantidades de differentes ramos de mercancia, mecanismo, etc., que estabelecem as vantagens da sociedade do paiz."

Termina a preciosa informação por um mappa particular das qualidades e quantidades de generos que passaram do Rio de Janeiro para o reino e ilhas, de 17 de abril a 31 de dezembro de 1779, com a importancia das mesmas reguladas por preços medios," a que se segue o mappa dos effeitos de um anno completo."

Tomava a exportação fluminense quatro rumos principaes: Lisboa, Porto, Vianna e Ilhas. O principal genero era sempre o assucar[a] fino ou mascavo, que dera 248 contos em numeros redondos, os couros com 120, o anil com 112. O azeite de peixe e outros productos de pesca, renderam uns 80, a aguardente cerca de 35, etc.

O total da exportação fôra:

Para Lisboa..	540:051$160
Para o Porto	173:484$900
Para Vianna	10:743$600
Para as Ilhas	4:975$520
Total	729:255$680

O café assim se computava, nesta exportação:

Para Lisboa, 8 arrobas, a rs. 4$400 ..	35$200
Para o Porto, 49 arrobas, a rs. 4$400.	215$600
Total, 57 arrobas ou	250$800!

Assim, dezenove annos após o apparecimento do cafeeiro no Rio, não havia ainda a exportação de 125 saccas annuaes. Pareciam os portuenses apreciar mais a infusão do que os lisboetas.

Certo é que o café estava muito abaixo do algodão: 5:580$, assim como da cera 2:356$, da poaia 912$400, do canhamo 854$400 e até do mel! 572$, e da coxonilha 280$000. Mas se a exportação attingira 57 arrobas quer isto dizer que o consumo interno fôra muito maior. Não temos, porém, dados de especie alguma sobre o caso.

Passando pela Guanabara em 1792 de rota para o Extremo Oriente, deixou-nos Sir John Barrow alguns informes valiosos sobre o que de mais notavel viu na capital brasileira. Há muita cousa interessante a respigar em suas paginas, mas só nos valeremos daquillo que directamente se prende ao nosso escopo.

Visitando o Passeio Publico carioca, "trabalho util, visando a saude e divertimento do povo", relata o navegante inglez: "Este jardim é formado por pequenos bosques, massiços de folhagem, alamedas e canteiros. Encontram-se, aqui e acolá, bellos arcos, em torno dos quaes o jasmim, a bryonia e outros arbustos perfumosos entrelaçam os galhos flexiveis. Alli, notamos varios arbustos proprios do paiz e de grande belleza; mas parece que os portuguezes apreciam muito mais os provenientes da Europa, cultivando-os de preferencia, apezar da apparencia fraca e mirrada que lhes dá um clima tão diverso daquelle que os viu nascer.

O que de mais miseravel vi nesse parque foi um mamo-

eiro artificial, feito de couro, pintado de verde e de tamanho natural, quando, bem perto delle, crescia outra arvore verdadeira e da mesma especie, com todo o viço da vegetação dos tropicos. Parecia contemplar com um sorriso de escarneo a apparencia rigida de seu pseudo irmão."

Este mamoeiro a sorrir corresponde a arrojada imagem, força é convir.

Descreve o navegante, com muitos pormenores, o famoso terraço do Passeio Publico, onde, durante tantos annos, vinham os cariocas contemplar o maravilhoso panorama marinho que lhe ficava fronteiro. Está hoje, como todos sabem, contiguo á Avenida Beira-Mar. Descreve-o o viajante, como o grande terraço, na parte baixa do jardim, a dominar o porto, offerece encantadora vista sobre as praias, que, ao se elevarem, gradualmente, mostravam-se cobertas de matta.

Nas duas extremidades dessa plataforma celebre, achavam-se pavilhões quadrados, muito bem construidos, a cujas paredes internas recobriam pinturas.

Mesquinha a arte desses decoradores, annota o navegante, mas curiosos os assumptos por elles tratados. Quanto seria desejavel que não se houvessem perdido estas telas ingenuas!

"Consideradas sob o ponto de vista do talento, taes quadros não merecem grandes elogios, os assumptos que representam longe estão, porém, de serem desprovidos de interesse.

Os paineis de um dos pavilhões só representam vistas isoladas de alguns pontos do porto. Acha-se o tecto ornado de divisas feitas de conchas e a volta da cornija vêm-se peixes proprios destas costas, feitos tambem de pequenas conchas.

O tecto do outro pavilhão é decorado da mesma maneira, com mas executadas em material de pennas.

A' volta de toda a cornija figura grande parte das aves do paiz, cada qual com as suas pennas naturaes."

Deviam ser excellentes specimens de nossa velha e desapparecida arte plumaria.

"Nas paredes deste ultimo pavilhão, vêm-se oito paineis descriptivos de assumptos então considerados como do máximo interesse para o Brasil.

Assim representavam:

Vista das minas de ouro e diamantes.

Descobertas pelos principios do seculo XVIII, a mais consideravel é: Villa Rica, a cerca de 200 milhas do Rio de Janeiro, no interior das terras.

Vista duma plantação de canna de assucar e de um engenho.

A canna é pouco cultivada nos arredores do Rio de Janeiro, porque se acredita que renda muito mais nas partes do paiz mais proximas do equador.

As moendas aliás em pequeno numero, que alli vimos, eram muito mal feitas, e bastante commumente movimentadas por parelhas de cavallinhos. A canna passava entre tres cylindros de madeira; tal como os representados no painel.

Vista de uma cultura e preparação do anil.

Apesar dessa planta crsecer e augmentar sem exigir muito trato e o preparo da tinta seja muito simples, não exigindo grande trabalho, pequena extensão não permitte que seja considerada como genero importante do commercio do Brasil.

Vista de uma plantação de cactus opuntia e do modo de se extrahir a cochonilha do verme.

Não ha duvida que esse artigo de grande utilidade para as partes e manufacturas póde ser produzido em quantidade tão consideravel quanto no Mexico. O que se exporta, actualmente, é muito pouco.

Vista dos differentes processos de preparação da mandioca.

Cultiva-se esta planta para a alimentação dos escravos. O pão *cassava,* tão commum nas Indias Occidentaes, e substancia vendida nas mercearias de Londres, sob o nome de *tapioca,* não passa da farinha dessas compridas raizes, tuberosas, com as quaes tambem se prepara um pó de empoar, branco como a neve.

Esta planta se espalha e suas raizes reduzem-se a farinha por meio de rodas cobertas de laminas metallicas e cheias de dentes.

Vista de uma plantação de café.

A lavoura deste genero parecia augmentar, então, e, nesse particular, é certo que a França, perdendo S. Domingos, contribuirá e não pouco para o seu incremento no Brasil.

Vista de uma plantação de arroz.

Como de todos os grãos é o arroz o que mais produz, cultivam-no abundantemente em todas as provincias do Norte.

Vista de uma plantação de canhamo e fabricação de cordas.

Cultiva-se tal planta, principalmente, nos districtos meridionaes, perto da ilha de Santa Catharina; mas, até hoje, tem tido pouco incitamento.

Existe em S. Sebastião outro jardim pertencente ao governo, destinado á cultura das differentes especies de cactus, sobre os quaes se alimenta o verme productor da cochonilha.

Deve cultivar, além disso, todas as plantas uteis e curiosas originarias do paiz; encontramol-o, porém, extremamente abandonado e com material muito pouco avultado. Contava apenas com plantas já cultivadas em estufas na Inglaterra.

O director não tinha o menor conhecimento de botanica. As arvores fructiferas, mais communs no Brasil, alli se encontravam em grande numero, misturadas tumultuariamente com outros arbustos, entre os quaes yuccas, agaves, cacaueiros, canelleiras e pimenteiras."

Depoimento muito valioso é o do Almanac historico da cidade de São Sebastião, da lavra do bom Antonio Duarte Nunes, official de bombeiros. E' o mais antigo dos almanacks cariocas e encerra grande massa de informes variados e utilissimos.

Já em 1799 havia, entre as lojas de varejo, da cidade, nada menos de 40 "casas de café", sendo 334 as tavernas e as casas de pasto apenas 17.

Numero realmente notavel como vemos.

A unica estatistica commercial que o prestantissimo *Almanack* traz é a do final do volume, sob o titulo:

"Mantimentos que entrarão nesta cidade, vindos de barra fóra, no anno proximo passado, além dos que se não podem averiguar, vindos de terra firme, e em barcos das roças para as differentes praias da cidade."

Por ella se vê que o Rio recebera nos seus armazens de entreposto do sul do Brasil 822 arrobas de café e mais 74 saccos. O que nada era quando armazenara 714.583 arrobas de assucar e 143.425 de carnes do Rio Grande.

A importação de escravos fôra de 7.431, vindos de Angola e Benguela.

Havia na capitania fluminense 616 engenhos de assucar, dos quaes mais da metade em Campos, e 253 de aguardente.

No seu porto, em 1798, tinham ancorado 346 embarcações navegando sob pavilhão portuguez, 16 hespanholas, 8 inglezas, uma sueca e duas dinamarquezas.

Falando do Rio de Janeiro e seu governo em 1792, escreveu Raynal:

"As lavouras por muito tempo não se desenvolveram nesta bella e vasta provincia. Diariamente, agora, adquirem maior importancia."

O fumo continuava a ser o que era, dez annos antes, mas a canna se multiplicava, principalmente nas planicies de Guatacazes (sic).

Havia doze plantações modernas de optimo anil e os ultimos navios haviam trazido café em assaz grande abundancia.

Tratando da exportação brasileira, declara o autor que lhe faltavam dados estatisticos, desde 1775, e ajunta:

"O que sabemos de fonte limpa é que a metropole recebeu todos os annos do Rio de Janeiro um pouco mais de café e anil, mil quintaes de assucar a mais do que anteriormente."

De quanto o café, ao findar o seculo XVIII, quase não entrava nas cogitações das altas autoridades da colonia e da Metropole, ahi está mais um documento official, sobremodo interessante, referente ao estado da grande fazenda real de Santa Cruz o enorme latifundio incorporado á Corôa e proveniente do confisco dos bens da Companhia de Jesus.

Escrevendo ao futuro Conde de Linhares, do Rio de Janeiro, a 27 de setembro de 1799, mandava-lhe José Caetano de Lima umas *Memorias de Santa Cruz, seu estabelecimento, e economia primitiva; seus successos mais notaveis, continuadosdo tempo da extincção dos denominados Jesuitas, seus fundadores, até o anno corrente de mil setecentos noventa e nove.*

Eram da lavra do Tenente-Coronel Inspector fallecido em 1826, Tenente-General Manuel Martins do Couto Reys, paulista, santista, com larga folha de serviços, quer no sinistro presidio de Iguatemy, quer nas campanhas do Rio Grande do Sul, Deputado por S. Paulo á Constituinte em 1823, deixou bella memoria dos serviços prestados ao Brasil.

Nestas memorias, principia por analisar a decadencia da fazenda real, proveniente do confisco sobre os jesuitas, quando outróra sob o dominio da Companhia, era tão notavel

a sua prosperidade, sobretudo pelo cuidado com que sabiam os seus administradores governar os escravos.

Devemos, entre parentheses, lembrar que Couto Reys estava, então, exercendo uma commissão do Vice-Rei Conde de Rezende.

A boa conducta da escravatura era attendida como um principio do maior interesse e felicidade. Haviam os Jesuitas inventado novos processos de premiar os escravos que se distinguiam pela fidelidade e a applicação ao serviço, adoçando desta sorte as amarguras de uma sujeição tão violenta e repugnante ás Leis da natureza."

Com tão bella ordem, escrevia, que não admira já que um só Padre (independente de auxilios e soccorros de fóra) pudesse manejar tão grande corpo, em que se envolviam importantissimos artigos, pois bem se vê que, contada por segura a obediencia, toda germanada com a innocencia de uma vontade grata, brilharia o zelo e o amor para a execução dos preceitos."

Nos primeiros seis ou oito annos, desde 1759, ainda a inercia decorrente do regimen antigo mantivera a fazenda em bom estado. Viera um periodo pessimo, em que só se cuidara de fumo e mandioca; as vallas haviam ficado entupidas, o gado se alçara ou degenerara e numerosas malversações haviam occorrido.

Desfeito o equilibrio, ou de todo apagada a lembrança da economia dos Padres, "todos os negocios haviam ficado abysmados e confundidos nas estravagancias da sorte.

Nada mais restava que os desgraçados escravos, viciosos por necessidade, frouxos por miseria, ociosos e fugitivos por desgosto e por costume, elles, inteiramente apartados da bella doutrina dos velhos, se submergiram em um mar de absurdos.

Por outra parte já vimos que um punhado, ou restos dos gados existentes, por indomaveis, se tornaram ferozes, habitando os bosques, cujas sombras protegiam e facilitavam os latrocinios, repetidos sem medida. A boa raça de todo perdida, as bravissimas crias, se achavam aniquiladas.

Muito poucas havia, mansas, em dois curraes, resto dos vinte e dois do primeiro tempo.

Propondo-se a fundação dos dous engenhos de assucar em Itajuhy e Piahy, além destas fabricas referidas, se fundaram outras feitorias menores, em sitios accomodados, e proprios para a cultura de outros generos de primeira necessidade, taes como a da mandioca, do arroz, do feijão, do milho, não esquecendo a do algodão, do café e indispensaveis para o cus-

teio da Fazenda, cujas sobras passam em remessa para a Provedoria, a augmentar os seus lucros."

Conviria tambem restabelecer cortume e serraria. A administração actual era excellente, esforçava-se immenso pela melhoria dos proventos da fazenda.

"De junho de noventa e um até dezembro de noventa e oito, em que vão sete annos e meio, se venceu, felizmente, e com moderada despeza, quanto foi possivel, e que os desfructos só devem apparecer mais vantajosos daqui por diante. Por isso não indicarei as resultas de vinte mil pés de café, que, estando plantificados ha annos, neste de noventa e nove é que entraram alguns a fructificar."

Infelizmente, engloba Couto Reys o valor da producção de café na de outros generos, quaes são, arroz, milho, feijão, farinha, algum café, algodão em rama, couros e cortidos, madeiras para o trem, valendo sete contos novecentos vinte e quatro mil oitocentos e oitenta e cinco réis.

Já ia havendo grande valorisação de terras e poderia a Real Fazenda de Santa Cruz render immenso.

Voltando ao café, dizia Couto Reys:

"O sitio da Serra é o mais análogo ao café, seus vinte mil pés promettem grande utilidade. Este anno é o primeiro em que alguns principiaram a fructificar."

Outro depoimento valioso e anterior ao seculo XIX trazem-nos as palavras de William Bourke, que esteve no Rio de Janeiro, nos primeiros dias de dezembro de 1792, e a quem lembra Raffard em suas *Pessoas e cousas do Brasil,* ao referir topicos da *Authentic account of an Ambassy from the King of Great Britain to the Emperor of China,* escripta por Sir George Staunton.

Esta embaixada era a de Lord Macartney e provocou diversos relatos muito interessantes para a nossa xenobibliographia, como o do cirurgião-mór John White, que resumimos em nossa obra *Rio de Janeiro de antanho.*

Observou William Bourke, conta-nos Raffard, "que as plantações existentes em 1792, na Serra da Tijuca, pareciam exigir pouco trabalho. Não era raro ver tratar-se de anil, mandioca, café, cacau, canna de assucar, laranjeiras e outras arvores, desenvolvendo-se promissoramente e algumas espontaneamente, num terreno de vinte jardas quadradas."

CAPITULO XXII

As primeiras plantações de Rezende

Foi Rezende um dos pontos de mais antiga producção cafeeira no Brasil. Em seu territorio haviam, por volta de 1740, vindo estabelecer-se, procedentes de Ayuruoca, o coronel Simão da Cunha Gago, paulista, o padre Felipe Teixeira Pinto, Maximo Barbosa e outros.

Em 1747 erigia-se a capella de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, numa vasta região, onde havia muitos indios purys e a que se deu o nome de Parahyba Nova, contraposto ao de Parahyba do Sul, attribuido ao ponto onde Garcia Rodrigues Paes, desde fins do seculo XVII se afazendara.

Dizimados os purys, sobretudo depois da terrivel campanha de Joaquim Xavier Curado, começou a haver grandes distribuições das terras ferteis do districto campo-alegrense.

Na esplendida monographia do Dr. João de Azevedo Carneiro Maia, *Noticias historicas e estatisticas do municipio de Rezende, desde a sua fundação* (Rio de Janeiro, 1891), livro a ser imitado em cada circumscripção municipal do Brasil, digamol-o entre parentheses, ha excellentes informes sobre os primeiros annos da cultura cafeeira em Rezende.

"Os primeiros ensaios da agricultura, desenvolvida ao depois no districto de Campo Alegre, foram feitos com sementes de cereaes, legumes e fructos, que os novos moradores mandaram vir dos proximos districtos de Minas Geraes. Onde fizeram as primeiras derrubadas, e levantaram as suas choças cobertas de uricana ou de bicas de palmito, o milho, o feijão e a mandioca, que acudiram primeiro ás necessidades do sustento, surgiam da terra com profusão admiravel; dando as colheitas, por cada alqueire de planta o triplo e as vezes mais do que produzem nos nossos dias. O arroz veiu do Rio de Janeiro e de S. João Marcos, assim como as primeiras sementes de café."

De 1785 em deante foram numerosas as sesmarias concedidas pelos vice-reis Luiz de Vasconcellos, Conde de Rezende, Conde dos Arcos; povoou-se rapidamente o territorio que não tardaria em cobrir-se de cafesaes sendo o districto de Campo Alegre um dos primeiros da Serra acima que se deram ao cultivo da rubiacea, observa Carneiro Maia.

Ouçamol-o ainda:

"Não ha duvida, que no começo deste seculo já se tinha vulgarisado em Rezende a cultura do café; e a prova disto encontramol-a nos documentos, ou contractos de venda constantes do 1.º livro de notas desta cidade.

A 7 de maio de 1802: escriptura de venda de terras e cafesaes do Ribeirão Raso, passada pelo alferes João Leite da Silva e sua mulher Anna Pereira de Mello, a Antonio Pereira Leite.

Em 11 de dezembro do mesmo anno: venda de posses e cafesal por Manoel José da Costa e sua mulher Francisca Joaquina de Almeida, a Felippe Alves Vieira, na paragem denominada da Boa Vista, ribeirão da Sesmaria.

Em 8 de janeiro de 1803: terras, *cafesaes* e engenho de canna vendidos por Antonio Moreira dos Santos e sua mulher Maria Francisca ao alferes Antonio Fernandes de Brito, além do rio Parahyba.

A 2 de maio de 1803: venda de terras e *dous cafesaes* pelo capitão Miguel Pedroso Barreto e sua mulher Francisca Pereira da Conceição, ao capitão mor Manuel Valente de Almeida, nas cabeceiras do ribeirão *Taquaral*."

Pensa Carneiro Maia que datavam já de 1775 as primeiras sementeiras da rubiacea.

Caberia a funcção de seu disseminador activo ao padre Antonio do Couto da Fonseca que mandara distribuir sementes pelo caminho de Rezende.

Escreve o autor rezendense:

"'Feita a sementeira em 1775, antes de 1785 já deviam existir alguns cafesaes em effectiva producção. Corrobora-se isto com uma informação que ministrou-nos um morador antigo do municipio do Bananal, provincia de S. Paulo, homem de mais de cem annos de idade, mas dotado ainda de boa reminiscencia (Joaquim Pinto), o qual affirmara que a primeira plantação de café naquelle municipio fora feita em 1782 na fazenda de um tal Bahia, morador em Rezende, o qual

remetteu d'aqui as sementes, de onde se evidencia que naquelle anno já os cafesaes de Rezende davam fructo.

"Consta igualmente que os primeiros cafesaes de Rezende se formaram em torno da sede da freguezia, e nos sitios proximos, conhecidos hoje por Barreiro de Baixo, Taquaral, Morro Redondo, Ponte Alta, etc., donde successivamente foram sendo transportadas muitas mudas para o já dito municipio do Bananal, com os quaes Luiz de Almeida, capitão Hilario Braz Arruda e outros mais antigos lavradores daquelle districto, deram principio a essa cultura, que veio a tomar alli proporções colossaes attenta a especialidade das suas terras.

CAPITULO XXIII

Depoimentos sobre a cultura cafeeira na zona fluminense em principios do seculo XIX — Tuckey, Mawe e Malte Brun

Da nossa tão extensa xenobibliographia de viagens faz parte a obra de J. H. Tuckey, esq. primeiro tenente da Marinha Real britannica servindo a bordo do O. H. M. S. *Calcutta.*

Imprimiu este official em Londres e em 1805: *An account of a voyage to establish a colony at Port Phillipp in Bass's Strait on the South Coast of New Wales in the years* 1802-3-4.

Fazia parte o *Calcuitá* da esquadra do almirante Collin. De Tuckey é a biographia assaz obscura.

Sabe-se que voltando á Europa, em 1805, foi o *Calcuttá,* que executava uma viagem circumnavegatoria, capturado por uma esquadra franceza. Assim Tuckey esteve durante nove annos prisioneiro de guerra em França.

Levando uma batelada de presidiarios e convictos para a Australia, aportou o *Calcuttá* no Rio de Janeiro, de que dá Tuckey descripção onde ha muita cousa interessante.

Nada benevolas as suas oitenta paginas para com o Rio colonial joanino, e ainda menos para com os brasileiros.

Referindo-se ás producções fluminenses escreve o autor britannico que os principaes productos agricolas do districto do Rio de Janeiro eram assucar, café, algodão, cacau, fumo e anil. Das plantas que os produziam só a canna era autochtona já tendo sido encontrada a vicejar, em estado selvagem, pelos primeiros colonos. O anil estava sendo desleixado ante a concurrencia da producção das Indias Orientaes.

Immensa a exuberancia do solo revelada pela pujança com que as hervas silvestres invadiam as lavouras, obrigando os agricultores a trabalho insano para com ellas luctar.

Os processos do commercio no Rio e no Brasil eram os mais atrazados. E uma das causas de tal inferioridade residia na falta de bancos. Outro grande motivo de atrophia provinha

dos entraves postos pela metropole ao livre desenvolvimento do trafico que concentrava obrigatoriamente nos portos do Reino.

Cerca de cincoenta navios de 300 e 800 toneladas sahiam do Rio para a Europa, annualmente. Quasi todos de construcção brasileira e feitos de optimas madeiras tão boas quanto o carvalho.

O trafico africano valia-se de 25 navios, de 150 a 400 toneladas.

Para os portos do Sul até o Rio Grande navegava uma flotilha de cabotagem de 130 barcos de 50 a 100 toneladas.

A importação européa consistia em sedas, algodão estampado, ferragens, vinhos, quincalharia, etc. A exportação para a Africa era de rhum, polvora, armas, pannos grosseiros e bugigangas.

Trigo e farinha vinham do Sul. Reinava, avultado, o contrabando, burlando-se a prohibição das corôas quanto á interpenetração commercial entre os dominios das duas magestades Catholica e Fidelissima.

Direitos alfandegarios elevados, dez por cento *ad valorem,* e funccionarios muito diligentes em servir os interesses do fisco, e dos malversadores, affirma o nosso inglez maliciosamente, era o que se via no Rio.

"Os funccionarios da Alfandega e officiaes dos barcos de vigilancia policial que constantemente attendem aos navios mercantes estrangeiros praticam este commercio "com grande ingenuidade e geito."

Os negros importados dizia-se serem de 10 a 12.000 annualmente. Um escravo adulto valia até 40 libras, uma escrava 32; um moleque 20. Se já haviam tido bexigas ficavam muito valorisados.

Iam muitos para Minas onde a mineração causava numerosos obitos mas era a lavoura ainda a que mais reclamava braços.

Depois de explicar que em 1794 a exportação do café só tinha sido de 40.000 libras (312,5 saccas modernas) dá o nosso Tuckey o seguinte quadro da exportação fluminense em 1802.

GENEROS	QUANTIDADES	PREÇOS NO RIO	TOTAL
Assucar . .	13.000 caixas de 15.000 (762 k.)	4 pence por libra de peso	£ 325.000
Café . . .	800.000 lb. (6250 sacas de 60 kg.)	6 pence por libra de peso	£ 40.000
Rhum . . .	5.000 pipas de 156 gallões (675 litros)	15 pence por gallão 2 £ cada	£ 46.875
Ouro . . .	400.000 *half joes*	50 cada	£ 800.000
Prata . . .	700.000 dollares hespanhes		£ 175.000
Couros crús	3.000 toneladas		£ 90.000
Arroz . . .	500 toneladas	25 lb. por tonelada	£ 7.400
Algodão . .	800 "	1 s por lb. de peso	£ 89.600
Anil . . .			£ 10.000

Coxonilha
Cacau } variavel, talvez dando tudo cerca de £ 30.000
Drogas medicinaes
Madeiras para tinturaria   Total £ 1.613.975

Assim por este quadro vemos que, em 1802, a exportação do café, em preço, era ainda menos de um oitavo da do assucar, quasi duas vezes e meia menos do que a do algodão e dos couros e inferior á da aguardente.

Concorria com menos de dois e meio por cento da exportação total carioca, porcentagem muito significativa.

A prata se exportava, sobretudo, para o Extremo Oriente, India e China. Vinha da America hespanhola e era recunhada no Rio.

Parte da exportação da cachaça se enviava á Africa. Os couros procediam do Rio Grande do Sul sendo o mercado do Rio da Prata grande freguez da coxonilha.

De John Mawe, nos capitulos referentes aos primordios da propagação cafeeira em terras de S. Paulo, diremos quem era.

Chegando a Sepitiba em 1809, vindo de Santos, encontrou o geologo-malacologo, e scientista semi-negociante, enfastiado de oito dias de ichtyophagia exclusiva, optimo almoço em casa de seu hospedeiro, "excellente ceia de gallinha e peixe com doces e café."

Gente gentillissima a daquella casa!

Zapitiva (sic) se compunha de casebres rodeados de plantações do anil, canna e cereaes.

Dahi foi o mineralogista á Fazenda Real de Santa Cruz e ao Rio de Janeiro atravez de uma planicie semi-deserta, pobrissima, onde "miseraveis cabanas e pifias tabernas apresentavam os tristes estygmas da preguiça e da miseria."

A noute o pouso foi numa estalagem, sordida espelunca, rodeada de pequeno laranjal e cafesal. Felizmente apresentou-se a ceia boa.

Mais para perto do Rio já se notavam mais casas e plantações. Mas a maioria de taes casas eram compostas de sordidas cabanas onde se vendiam milho, alcool e presunto (?).

Passavam tropas sobre tropas. Por vezes enormes. Dias havia de se encontrarem oitocentos e até mesmo mais de mil cargueiros vindos de distancias enormes, de S. Paulo, Curityba, Goyaz e Cuyabá.

No Rio de Janeiro recebeu Mawe optimo acolhimento do futuro Dom João VI que tanto se interessou por elle que o nomeou administrador da fazenda de Santa Cruz. Pretende o nosso inglez que recusou obstinadamente tal emprego vendo-se afinal forçado a aceital-o. Pouco nelle permaneceu pois notou que lhe não davam autonomia e tinha fiscal na pessoa de um figurão da Côrte.

Mil e qiunhentos negros trabalhavam em Santa Cruz onde a desordem era immensa. Na enorme área da fazenda real não se via senão um ou outro pequeno pasto cercado. O gado apresentava-se pessimo. "Não havia um só cavallo digno de ser, offerecido até a um mendigo."

Os cafesaes simplesmente innominaveis "pareciam verdadeiras moitas florestaes onde os arbustos selvagens dominavam as arvores cultivadas."

As demais lavouras viviam no meio de virentes hervas damninhas.

Tambem demittiu-se logo o nosso Mawe valendo-se dos bons officios de illustre patricio, o almirante Sir Sidney Smith, o comboiador de Dom João VI ao Brasil, para que o Principe Regente não se magoasse com a sua retirada.

Era este porém de boa composição e não guardou rancor ao viajante.

Realizou John Mawe duas viagens interessantes, uma, curta, ao districto de Cantagallo onde pretendia visitar uma mina de prata que se dizia alli existir e outra a Minas Geraes nas regiões aurifera e diamantifera.

Para Cantagallo, partiu, a 10 de abril de 1809, com o seu compatriota Dr. Gardner, professor de Chimica no Collegio de São Joaquim.

Desembarcando no *Porto-dos Caxhes* (sic!) foi dormir em casa do *escrivano* de Macacú.

Partindo para a Serra atravessou a bella fazenda assucareira de um capitão, Ferreira, homem opulento e bom, e subiu em direcção a Fazenda do Morro Queimado, futuro Nova Friburgo atravez de um scenario que o deslumbrou. Alli sentiu muito frio pois fazia 7.º apenas. Era o lugar improprio ao café, algodão e bananas, por causa das geadas.

Havia innumeras onças naquella mattaria virgem. Vegetava a Fazenda quando podia render muito, affirma o nosso inglez. O administrador era verdadeiro Nemrod e pouco zelava pelos progressos da propriedade. Descendo a encosta da vertente do Parahyba chegou Mawe á fazenda de um açoriano, Manuel José Pereira, homem energico, trabalhador notavel. Adquirira-a haver cinco annos e trabalhava ajudado pelos filhos e seis negros. Tinha magnifico milharal, grande porcada e um cafesal de cinco mil pés, muito productivo, além de outras culturas.

Minimas as despesas de custeio. A unica difficuldade a vencer era a do transporte. Mas esta...

Abysmou-se Mawe do tamanho das arvores da matta cantagallense. Mediu um madeiro derrubado, de mais de 28 metros de comprido e cinco de diametro.

"Jamais vira tão grande lenho"!

Já estava o antigo districto do Mão de Luva habitado por agricultores e ainda contava bastantes indios em suas terras. As suas fazendolas eram ainda miseraveis por falta de capital dos donos, que os habilitasse a comprar africanos pois os indios se mostravam absolutamente imprestaveis a qualquer serviço.

Pelo que diz o itinerante inglez muito pouco café se produzia por alli. O assucar tambem era muito pouco. As mattas forneciam bastante poaya.

Descendo pelo valle do Macacú pôde Mawe visitar a fazenda do Machado, propriedade de um açoriano, homem civilizado que lhe apresentou a mulher e as filhas, bellas raparigas muito habilitadas e trabalhadeiras.

De Machado foi o inglez á fazenda Santo Antonio de uma Dona Anna, celebre pelas suas habilidades de queijeira.

Mas que processos rudimentares os de sua fabricação! Para fazer manteiga esbofava-se agitando o leite numa jarra.

Atravessando o Rio Grande foi Mawe ter á fazendola de um padre chamado Thomaz de Nossa Senhora da Conceição, homem muito hospitaleiro que aos dois inglezes acolheu com a maior cordialidade. Tinha uma casa nova de quatro commodos e assoalhada "cousa rarissima naquelles lugares."

Homem intelligente começara, havia quatro annos, com um capitalsinho de oito libras esterlinas apenas e um escravo. Já tinha pequeno cafesal, grande milharal e uma vacca, porcos e uma besta. E avaliava os seus bens em 400 libras esterlinas (1:600$000). A hora que quizesse obteria este preço.

Commenta o mineralogista:

"Eram dados positivos para se avaliar o lucro de uma fazenda administrada por um homem intelligente e activo. Eis alguem que começou com tão pouco e ao cabo de quatro annos tem dez mil francos, somma avultada naquelle recanto do Brasil. Aliás de todos os habitantes do districto cantagalense pareceu-me o Padre Thomaz ser o que vivia mais confortavelmente. Econômico mas não parcimonioso, franco, communicativo, cortez e recommendavel pelos sentimentos elevados."

A' sua casa vieram buscar Mawe os que diziam ter visto a mina de prata. Pobres diabos meio velhacos, ignorantissimos que levaram os dois inglezes, após estafante caminhada, a um deposito insignificante de pyritas.

Os processos agricolas de Cantagallo vinham a ser os mesmos de S. Paulo, a queima da matta, a carpa por enxada, o nomadismo das plantações que não deviam ser feitas mais de dois annos no mesmo lugar.

Era o café plantado de garfo; começava a dar em dois annos e attingia plena producção em cinco ou seis.

No districto viu o mineralogista duas machinas apenas: uma roda horizontal, hydraulica, que movia uma mó fixada em sua mesa superior, podendo fazer cincoenta a sessenta revoluções por minuto e o monjolo "invenção de extrema simplicidade e excellente para os lugares onde havia agua a desperdiçar sem inconveniente."

Deixando Cantagallo, onde fôra tratado com mil e uma demonstrações de estima, voltou Mawe ao Morro Queimado e á fazenda do capitão Ferreira.

Por toda a parte, inclusive ahi, reinava pavoroso atrazo; quer na fabricação do assucar e do alcool, quer no armazenamento dos cereaes, do assucar, do café e no trato dos animaes.

Ainda o que havia de melhor era a creação de porcos. Nos paioes o caruncho devorava os mantimentos e a humidade estragava o café.

Gente excellente, mas rotineira em extremo e ignorantissima. Quando a um fazendeiro apertava o viajante com perguntas, o pobre matuto mandava chamar um feitor preto para responder a este interrogatorio indiscreto. Em summa, de taes lavradores expende o nosso scientista-negociante: "Deixam as cousas seguir a velha rotina, confiando-as aos cuidados de individuos a quem apavora a idéia do acrescimo de trabalho, embora lhes proporcione vantagens duradouras."

Traduzindo em 1809 a viagem á Cochinchina de Sir John Barrow, enxertou-lhe o illustre Conrado Malte Brun assaz longa memoria sobre o Brasil, com o fito de esclarecer os leitores francezes, a quem o navegante inglez induzia em erro graças a apreciações falsas e sobretudo malevolas para com portuguezes e francezes.

Faz uma descripção summaria da nossa geographia, nota quanto até então era a geologia do Brasil um enigma e dá um apanhado muito mediocremente feito da historia do paiz.

Refere-se ás nossas producções, notando que a cultura do café, do algodão e do anil augmentavam consideravelmente, o fumo era apenas plantado na Cachoeira, Bahia. Mas o districto de suas lavouras vinha a ser muito vasto.

A cultura, embora muito lucrativa, não se comparava á do algodão.

"O desenvolvimento da agricultura brasileira, escreveu Malte Brun, exige uma importação annual de 20.000 negros, embora sejam, no Brasil, facilitados os casamentos de escravos.

São comprados á razão de 480 ou 500 francos (80$000), por cabeça, o que faz subir o total desse ramo de importação a cerca de 10.000.000 de francos.

Os escravos do Brasil procedem principalmente de Angola e Benguela; são robustos, muito doceis, muito activos e alegres, principalmente os de Benguela; essas boas qualidades perdem-se, porém, pelo habito da familiaridade e preguiça contrahida após a chegada. O ultimo rei de Portugal lançou um decreto pelo qual os escravos só permaneceriam captivos pelo prazo de 10 annos, devendo ser instruidos na religião catholica immediatamente após a chegada.

A primeira parte dessa lei soffreu grande opposição por parte dos lavradores, que endereçaram representações e petições para fazel-a revogar.

Não obtiveram, porém, resposta alguma, assim se desobedeceu a tal lei e o Governo fecha os olhos, isto ã dar-se credito aos viajantes, que podem enganar-se em suas rapidas observações."

As prudentes restricções que o Marquez de Pombal fez ao commercio do Brasil com o estrangeiro, lograram os mais felizes resultados para a prosperidade da colonia e interesse da metropole. A principio os productos de manufactura estrangeira, sobretudo inglezes, foram embargados e graças á salutar severidade com que se observou tal prohibição, os brasileiros agora compram pannos e tecidos em Portugal, pelo menos em grande parte.

A cultura do arroz, instigada pelo Governo do Pará, fez com que, não só cessasse a importação que a Carolina e a Georgia faziam para Portugal, como poz este ultimo paiz em condições de exportar para o outro.

Exportam-se mais de 1.500.000 quintaes de assucar, dos quaes a propria Inglaterra compra parte, verdade é que pouco consideravel.

Transforma-se em alcool quantidade bem grande do melado ou xarope.

Foi para não prejudicar este ramo da industria, que não houve incitamento áquelles dentre os brasileiros que experimentaram começar o fabrico do vinho, operação a que se oppõe o clima muito quente, mas absolutamente não prohibida como imaginou Sir John Barrow.

"O algodão, o fumo, o café e o anil, são productos muito mais apropriados e rendosos. Tem tomado incremento continuo, de meio seculo para cá. Acredita-se que o Brasil exporte anualmente perto de 500.000 quintaes de algodão. Figura na exportação, consideravel quantidade de couros, que graças aos ingredientes fornecidos pelo paiz para o cortume, são de qualidade superior aos da Europa.

O valor total das exportações brasileiras, não poderá ser calculado em menos de 120 a 130 milhões de francos. Portugal não podendo saldar os encontros de contas torna-se dia a dia, maior devedor do Brasil."

Como vemos, á parte referente ao café vem a ser por assim dizer insignificante.

CAPITULO XXIV

Os depoimentos de João Luccock sobre a lavoura fluminense e o trafico africano de 1810 a 1818.

Livro precioso, não! preciosissimo, constituem as *Notes no Rio de Janeiro and the southern parts of Brasil,* de John Luccock, grosso volume, in-4, de 640 paginas, impresso em Londres e em 1820.

Não é muito o que se sabe de seu autor, de quem diz Rodolpho Garcia, em suas *Explorações Scientificas*:

"John Luccock residiu no Brasil, durante 10 annos, de 1808 a 1818, em actividade commercial. Suas *Notes on Rio de Janeiro,* são estimaveis como documentação historica do periodo a que se referiu, porque nellas se encontra, para repetir as palavras de Varnhagen, "a mais fiel pintura do verdadeiro estado material, moral e intellectual em que estava a Capital do Brasil á chegada da Familia Real e dos progressos que fez nesses poucos annos."

Das viagens ao Rio Grande do Sul, a Minas Geraes e aos arredores da capital, existem descripções e scenas de costumes tão bem traçadas quanto interessantes. Além das *Notes,* Luccock deixou estudos sobre a lingua tupy.

Apesar da longa permanencia em nosso paiz, não conseguiu aprender o portuguez como lhe seria possivel, se tivesse reaes aptidões linguisticas.

Assim o vemos graphar mal os nossos nomes, escrevendo rua *De-Qui-Tandi* (sic!), *Santo Francisco do Paulo, rua do Santo Pedro,* etc., ao falar dos logradouros publicos cariocas, *Jacarepuá* diz ainda por Jacarépaguá.

Mas isto não impede que tenha conhecido muito bem e observado, com grande argucia, as cousas e as pessoas do Brasil.

Falando da alfandega e trapiches do Rio de Janeiro, em 1808, e dos generos que nelles embarcavam e desembarcavam, refere-se ao *Trapiche da Cidade,* onde se armazenavam o as-

sucar e os couros e pelles, o do *Sal,* num "bairro immundo", onde, além do chloreto, tambem se recebiam pequenas partidas de assucar, o do *Colhete,* muito sujo, que recebia assucar, substancias tintoriaes, pelles e sebo.

Ao seu lado, estava o *Trapiche do Ordem* (sic), an excellent store house and quay" de que muito gaba a segurança e o asseio. Meia milha mais longe, a *Trapiche de Sande* (sic), (que nada justificava o nome), tambem servia para couros e assucar. O da Gamboa tinha em seus depositos courama e chifres, mas era muito longe.

Em parte alguma ha referencia a embarque de café, prova da pequenez desta exportação naquella época.

Continuando a descripção do Rio de Janeiro, dá-nos Luccock noticia das preciosas pinturas hoje perdidas que decoravam os dois pavilhões do antigo Passeio Publico. Cousa curiosa! nosso autor, escrevendo de cór, provavelmente, ao falar do tão conhecido menino de bronze do *Sou util inda brincando,* conta que a inscripção dessa estatua, famosa na tradição carioca, era *Ainda brincando sou utile* (sic).

Sir George Staunton, em sua relação de passagem pelo Rio, em 1792, de viagem para a China, enumera, como já vimos, estas pinturas do Passeio Publico. Representavam a pesca da baleia, a mineração do ouro, dos diamantes, a colheita da canna e a fabricação de assucar, a colheita e a preparação da cochonilha e a cultura do café, do arroz, da mandioca e do anil.

Dellas deu Sir John Barrow pormenorisada noticia que o leitor já conhece.

Referindo-se a estes quadros, omitte Luccock o que se refere ao café. Em um dos pavilhões estão representados os productos e manufacturas locaes, plantações de anil, algodão (não mencionados por Staunton), assucar, mandioca e milho, e as colheitas respectivas, assim como os varios modos e machinas de seu beneficiamento.

Preciosas taes pinturas; que fim levaram?

Refere-se ainda Luccock á antiga pesca da baleia na Guanabara , á vista do Rio, da entrada da barra e do local onde depois se formou o Passeio Publico e scenas historicas do mais alto valor, embora de algumas pense o nosso inglez que se filiavam ao systema hsitorico do methodo confuso, como certa batalha naval com hollandezes nas aguas guanabarinas, cousa que poderia ter occorrido na Bahia, mas não no Rio.

Narrando os costumes dos fluminenses, á chegada do fu-

turo D. João VI, com mil e um pormenores, da mais alta importancia para a historia dos nossos costumes, descreve Luccock como elles jantavam, descrevendo-lhes a falta de ordem e de asseio dos repastos, a deficiencia da louça e dos talheres, o que levava até a gente rica a comer com a mão, habito generalizado.

E a tal proposito recorda que, "'findo o jantar, todos tomavam uma chicara de café, como sedativo, mas uma só."

Em 1813, começando a narrar as suas viagens pelo Rio e Minas Geraes, refere Luccock que, nas vizinhanças do *Quintal* (sic) *da Quinta da Boa Vista,* residencia do Soberano do Brasil, havia cafesal, laranjal e bananal, além de grande variedade de flores.

"Nada se diga do bom gosto do parque, mas ao menos que se lembre que ha alguns annos aquelle lugar era ou pantano ou mattagal", recorda o justiceiro britannico.

Indo pela costa a Angra dos Reis, gaba Luccock, e muito, a belleza das paisagens avistadas. Passada a foz do Itaguahy, conta-nos que viu, na planicie, innumeros comoros plantados de canna e café, onde se destacavam casas caiadas de branco.

Em cima da serra, que servia de moldura ao littoral, "havia uma região extremamente montanhosa, terra rica, cujas colheitas de café eram abundantes e escassamente povoada por uma raça energica e industriosa, que só pedia estradas para levar os seus productos á costa ou a um mercado, desejo que, verosimilmente, não seria tão cedo attendido."

De Angra dos Reis foi Luccock a Paraty, subiu ao planalto, passou por São João Marcos, aldeia consideravel e centro de um districto cafeeiro, regressando a Itaguahy e a Sepetiba.

Em outra occasião, foi o nosso negociante caçar na Pavuna, cujas mattas escondiam muita caça. Atravessou a Penha e Irajá, encontrando muitos cannaviaes, milharaes e mandiocaes.

Foi depois á propriedade de um compatriota "numa região sublimemente grandiosa."

Este inglez, seu amigo aliás, comprara mattas e as derrubara. Por dois mil acres de terra, cerca de 850 hectares, pagara 700 libras esterlinas, preço alto, aliás. Era quasi tudo em meias laranjas e avizinhava-se de Santo Antonio de Joatinga, onde havia muitas plantações novas. A's duas casas da fazenda rodeavam pomar e cafesal.

O nosso britannico adquirira escravos, derrubara bastante matta, plantara cafesal, fizera muitas cercas e casinhas para

os seus captivos. Enchera de mandioca os solos arenosos, de milho a greda, de café a terra argilosa e de arroz os brejos.

Era de uma actividade enorme o fazendeiro. Exportava muita lenha para o Rio, á razão de 1,½ pence por 30 libras, tinha olaria com muitissimas encommendas e já pensava numa ceramica para louça commum. Passado algum tempo, porém, vira o inglez que infelizmente não diz Luccock quem fosse, que a cultura da canna seria muito mais lucrativa e assim fizera engenho montando alambique para utilizar as colheitas da graminea.

O apparelho distilatorio, porém, installado segundo os mais adeantados principios, não tardara em se desmantelar em uma de suas ausencias, devido á estupidez do seu pessoal.

Dá-nos Luccock valioso quadro da vida do fazendeiro de canna e café, dos arredores do Rio de Janeiro, pelas vizinhanças de 1810.

Depois de lembrar que as terras lavradias se obtinham ou por concessão do governo ou por compra, adverte que havia a maior imprecisão de limites entre aquellas propriedades, distribuidas com a maxima negligencia, quanto á sua localização, donde surgiam grandes, inevitaveis e continuas questões entre vizinhos.

Os latifundiarios costumavam collocar, em suas divisas, pequenos loteiros a quem se chamavam *moradores*, como sentinelas de seus patrões. Eram geralmente gente branca, que tinha familia. Dispondo, até, ás vezes, de um ou dois escravos, viviam sobretudo de suas roças. Estes moradores vigiavam os movimentos dos vizinhos invasores e, geralmente, como amassem viver á larga, despediam-se das grandes fazendas desde que estas ficavam com os limites respeitados ou entregues á lavoura.

Destes *moradores* affirma Luccock que contribuiam muito para o povoamento do paiz, embora prodigiosamente ignorantes, imprevidentes e broncos.

Vivendo na mata, ou á ourela da floresta, incultissimos como eram, não conheciam peias ás paixões. Acostumados á chacina dos animaes selvagens, sua furia não tinha limites. Assim estavam sempre promptos para quando e quanto taes sentimentos delles reclamassem.

Seus olhos constantemente accesos, tornavam-se arregalados, e penetrantes a um ponto impressionador e os musculos faciaes davam-lhes feitio torvo.

Apaixonados do nomadismo, nada tendo que os sedentarisasse, achando por toda a parte motivos de satisfação ás suas

necessidades, sem predilecção alguma, por lugar algum, a unica cousa que os movia era evitar o incommodo e as pendencias do avizinhamento.

Civilizando-se, relativamente, o districto, appareciam, no lugar destes moradores selvaticos, individuos possuidores de pequeno capital, senhores de pequena escravatura. Surgiam como meeiros, terceiros, quarteiros, etc., pagando o aluguel da terra por elles cultivada, em dinheiro ou por meio dos productos das colheitas.

A canna era geralmente o objecto de contractos de meiação. E os proprietarios de terras que não dispunham de grande capital apreciavam muito o systema que lhes valorizava as propriedades, permittindo a diversos angariarem recursos para a montagem de engenhos. As leis prestigiavam os rendeiros de terras. Se por qualquer motivo tinham de abandonar os lotes, devia o proprietario indemnisar-lhes as bemfeitorias, após peritagem, comtudo.

Eram estas leis tão beneficas ao publico quanto aos individuos que ficavam libertos da oppressão eventual e espalhados pelo paiz, onde começavam a adquirir propriedades. E como os landlords não apreciassem meieiros abastados, processava-se a dispersão destes.

Nos arredores immediatos do Rio poucas hortas havia e bastantes capinzaes. Isto até quatro milhas do perimetro urbano. Entre quatro (6 kms, 336) e doze milhas (19 kms, 308), existiam algumas granjas leiteiras e tambem, já muitos cannaviaes que forneciam sustento para o gado e alimento muito apreciado pelos negros.

Passado o rocio de 12 milhas, uns quasi 20 kilometros, appareciam então as fazendas de culturas mixtas, com cafesaes, cannaviaes, arrozaes, mandiocaes, mliharaes, predominando o que melhor podia produzir o districto. Fazia-se assucar e tambem aguardente e farinha. Os cereaes vinham, assim como o café, sem maior preparo para o mercado fluminense.

Destas remessas originara-se florescente industria de transportes terrestres e maritimo-fluviaes.

Notou o nosso inglez que, nos estabelecimentos agricolas fluminenses, brancos só eram os proprietarios, ou feitores e as familias destes.

Um compatriota, seu amigo, quizera estabelecer em sua fazenda da Marambaia o trabalho livre. Chegara em sua philanthropia a arrebanhar inglezes e americanos pobres, existentes no Rio, mas sahira-lhe a experiencia pessima, pois estes typos, apenas chegados, portaram-se tão mal que tivera

de os expellir. "A maioria fugiu até, preferindo em seu amor á vagabundagem os lucros da fraude aos do trabalho."

Como unico instrumento agricola empregava-se a enxada e o nosso Luccock admirou-se do extraordinario serviço com ella realizado.

Tentativas se haviam feito e varias, para a introdução do arado nas fazendas. Elle proprio, Luccock, realizara uma com pessimos resultados. Era materialmente impossivel acostumar os pretos á charrua.

"E os brasileiros são quasi tão apoucados quanto inteiramente dominados pelos preconceitos," commenta a tal proposito o nosso autor, cheio de acrimonia.

Os utensilios communs na Europa, e utilissimos, como a foice e o podão, eram quasi desconhecidos no Rio. A primeira começava a entrar, para o córte dos capinzaes, substituindo o facão de matto ou mesmo, como frequentemente se via, um simples pedaço de ferro velho aguçado e encabado numa haste de madeira.

Para o córte da canna usava-se o facão, e, para o do arroz, a faca. Cortava-se, de haste em haste, perdendo-se, assim, enorme tempo.

As raizes da mandioca eram arrancadas a mão.

Continuando a tratar das propriedades agricolas vizinhas do Rio, conta-nos Luccock que ellas, raramente, tinham área superior a dois ou tres mil acres (approximadamente de 800 a 1200 hectares ou sejam perto de 320 a 480 alqueires paulistas ou de 160 a 240 alqueires geometricos.

Estas vinham a ser as fazendas de serra-abaixo, que, a seu ver, provinham todas de sesmarias. As de serra-acima, abrindo sobre o sertão, admittiam dimensões enormes de 10 e 20 e até 30 milhas de comprido sobre tres de largo (um pouco mais de 16,32 e 48 kilometros sobre cerca de 5 kilometros de largura), o que equivale a 80, 160 e 240 kilometros quadrados ou sejam, *grosso modo,* 1600, 3200 e 4800 alqueires geometricos.

Naturalmente, havia enormes divergencias quanto ao valor destas terras, que se não calculava, exclusivamente, pela area. Muitos factos tornavam complexa a avaliação das propriedades: a deficiencia dos capitaes, a falta de população, de estradas e mercados.

A prate nellas cultivada constituia fracção minima relativamente ao resto, e as colheitas alli frequentemente apodreciam sobre o solo.

Achou Luccock o cardapio das mesas agricolas diverso

do urbano. Nelle predominavam, sobretudo, o xarque do Rio Grande, a farinha de mandioca, o feijão e os legumes. Gallinha, ovos e sopa eram cousas de luxo. Como bebida e unica, quasi a agua natural. Por vezes, apparecia tambem a aguardente. Mas, vinho era cousa só para fazendeiros ricos.

Havia, ainda, grande abundancia de caça. Assim se viam nas mesas fazendeiras, frequentemente, carnes de paca, veado, tatú, macaco. Apreciava-se muito a carne do lagarto e o inglez observou com repugnancia o gosto pela do gambá.

Immensa a fauna dos batrachios que, no escuro, davam os mais ruidosos concertos. Quem andasse, á noite, pela estrada, a apalpar o terreno, com uma bengala aguçada, mataria sapos a cada passo. Tambem eram muito numerosos os carrapatos e as cobras. Mas muito mais rica, ainda, a fauna entomologica de formigas, vespas, pulgas, mosquitos. Admirava-se o nosso Luccock da laboriosidade das formigas, que não tinham descanso.

Verdade é que, ás vezes, pareciam maniacas. Viu-as esforçando-se por transportar grãos de areia por cima de monticulos, e, uma vez realizado este trabalho, executarem-no em sentido inverso!

Mas, que exemplo davam aos brasileiros de amor ao trabalho! Ainda havia nas vizinhanças do Rio muitas onças. Assim, em casa do inglez da Marambaia, estava o fazendeiro certa vez a jantar, com outras pessoas, quando se deu a mais impressionante scena. Um cavallo precipitou-se pela sala a dentro, derrubando a mesa!

— Onça! gritou logo um dos convivas, pulando sobre a espingarda e correndo para fóra. Mas, o tigre, desapontado com a presença de espirito do solipede esperto, já fugia a bom fugir, escapando á carga de chumbo grosso.

Tambem nos rios da baixada, frequentes se viam os grandes jacarés. Na Marambaia, dois meninos desapparecidos, passavam por ter sido devorados pelos saurios. Um terceiro quasi perdera a mão cortada por um jacaré. Vivia a declarar que se vingaria da mutilação, pois conhecia o animal que lha inflingira.

Entre os fazendeiros havia o habito das visitas. As familias frequentavam-se em reuniões ruidosas, que, ás vezes, iam até noite alta.

Entretanto, notou o nosso reparador, entre vizinhos, muita cerimonia, inveja e dissimulação.

Assistiu a um desses encontros.

Uma tarde appareceu na casa em que se achava um mo-

leque, annunciando a vinda, da fazenda onde vivia, de uma caravana de senhoras e senhores, marchando vagarosamente.

Os visitados foram recebel-os fóra e sentaram-se todos, homens e mulheres, a sombra de frondosas arvores. Fructas foram servidas e copos d'agua, e, após uma conversa trivial de cerca de hora e meia, retiraram-se os visitantes.

Pareciam gente da mais alta posição social. Estavam bem vestidos, com muito asseio, e vistosamente, embora as roupas, em seu corte, differissem, um pouco, das modas das cidades. O que impressionava mal era o aspecto physico das pessoas: feições abrutalhadas, tez macillenta, revelando os desarranjos biliosos, e o impaludismo dominante na baixada.

Conta Luccock um facto interessante de sua estada na fazenda da Marambaia.

Quiz o seu amigo construir nova casa grande. E fixou o novo local no alto de uma collina, onde, uns vinte escravos começaram a derrubar a matta. De repente, cahiu colossal arvore, sob os golpes dos machadeiros, como se fosse cortina que se abaixasse, deixando ver admiravel panorama sobre a Guanabara. Ficaram os proprios escravos assombrados, "o silencio e o clamor que áquelle facto succedeu, foram os mais expressivos das varias linguas usadas por filhos de tres continentes diversos do Globo."

Unanime o sentimento expresso. "Certamente, este mundo que habitamos é magnifico! Da Marambaia seguia a estrada á raiz da serra do Mar, vencida por meio de asperrima vereda e caminho das boiadas que de Minas desciam para o córte no Rio de Janeiro.

Do alto da Serra á margem do Parahyba, medeiavam sessenta milhas, um pouco menos de cem kilometros, e os pontos de maior importancia, atravessados eram Pau Grande e Ubá.

A região, muito accidentada, estava sendo povoada e suas mattas escondiam ainda indios ferozes. Haviam dois sujeitos do Rio obtido uma sesmaria e alli ido estabelecer-se. Fôra um delles, certo dia, atirado por um indio, e conseguira fugir, ferido num pulso. Tratara-se no Rio, e, voltando á faina, perecera. Novamente atirado e derrubado do cavallo, quando em companhia de um pagem, vira este sahirem da matta dois indios, que acabaram a pauladas o sesmeiro prostrado, cuja cabeça esborracharam.

Em 1813, pensou Luccock tornar-se agricultor, lá para os lados mais civilizados de São Gonçalo, a que chama *São Gonzales de Praia Grandé* (sic). Foi á Ponta Negra, onde

um fazendeiro quiz lograI-o, procurando vender-lhe a sua propriedade por 360 libras esterlinas, metade em areial e pantano eo resto em terra fresca. E passava ainda o lugar por muito insalubre.

O cavallo de batalha, do sugeito é que nella havia bastante poaia. Fugindo á proposta do tal espertalhão, visitou o nosso inglez Saquarema onde um semaphoro funccionava. Admirou-lhe o admiravel panorama marinho e alli encontrou muitissima gente em casa de um hespanhol cuja filha, moça risonha, pareceu assombrada de ver estrangeiros.

Prosseguindo pela baixada, pôde Luccock notar o enorme atrazo daquella zona onde os fazendeiros-farinheiros empregavam processos os mais rudimentares em sua industria; por vezes mais atrazados do que o relatado dos proprios indios. Ninguem comprehendia as vantagens dos processos mecanicos. Café não viu o nosso inglez por aquellas paragens.

Em 1817 resolveu Luccok visitar Minas Geraes, antes de partir do Brasil definitivamente, como pretendia fazel-o no anno seguinte.

Seguiu pela vereda do valle do Piabanha. Passou pela Mandioca, a celebre fazenda de Langsdorff, o famoso naturalista diplomata. Infelizmente nada nos conta do que viu nesta propriedade de que tanto dentro em pouco se occuparia Saint Hilaire. Apenas se refere ás collecções entomologicas do Barão e ao facto delle haver domesticado uma anta.

A subida da serra extasiou o nosso viajante, que, dentro em breve, passava pela fazenda do Corgo-Seco (sic), nucleo da futura Petropolis, "miseravel venda onde havia gente moça, cortez, ignorante e ingenua". Do Corrego Seco foi a Itamaraty, onde existia rancho e dahi seguiu pelo valle do Piabanha, a que chama *Payabuna*, palavra que a seu ver significa "a familia dos padres negros" (sic). Que se não faz e se não póde fazer com etymologias? E tinha-se o nosso Luccock na conta de versado em lingua geral de que publicou grammatica e diccionario.

Do Itamaraty foi ter á fazenda do Padre Luiz, que explorava ferraria e moinho movido por uma roda hydraulica. Passava o padre por muito rico, comprava, e sempre, mais escravos a quem tratava rudemente.

Dahi foi ter á grande propriedade do Padre Correia, possuidor de grande pomar de fructas europeias e bello jardim. Diziam-no ambicioso e parece que desejava immenso a visita do Rei á sua casa.

Prosseguindo pelas montanhas, em direcção á varzea do

Parahyba, viu o nosso viajante varias fazendolas, onde os escravos pareciam bem vestidos e alimentados. Diziam que, apesar de pouco habitado, não tinha o districto terras devolutas. Em muitos pontos se derrubava o matto para a plantação do milho. Que arvores por alli viviam! gigantescas! de vinte e vinte e cinco metros de altura e corpulentissimas.

Passando por Pampulha e Pedro Moreira attingiu o nosso Luccock um valle onde encontrou enormes tropas, uma dellas com trezentas e cincoentas bestas de cangalha!

Afinal chegou a grande fazenda, bella propriedade de uma legua em quadra com excellentes casa grande e bemfeitorias. Entre estas um grande engenho de assucar movido por possante roda hydraulica de poder extraordinario.

Os principaes productos da fazenda, cujo nome infelizmente não declara, eram duas mil arrobas de assucar, duzentas pipas de cachaça, colhendo-se ainda muito algodão, café, milho e fructas. Os escravos, muito numerosos, pareciam muito bem tratados.

Cousa que impressionou o viajante foi a selvatica devastação da floresta praticada nos arredores da fazenda.

Da garapa deste engenho a que chama garupa, e suas virtudes therapeuticas, conta-nos Luccock maravilhas.

Falando do commercio fluminense e das relações internacionaes brasileiras, no fim do seu livro, verbera Luccock os processos administrativos lusitanos que taxavam, de modo mais pesado os generos coloniaes. E facto curioso, mencionando os primeiros producos do Brasil, omitte o café, enumerando o assucar, algodão, ouro, pedras preciosas, rhum, anil, farinha, banha, crystaes, productos animaes e até o salitre.

Em suas ultimas paginas, trata o nosso autor da questão do trafico africano, depois de lembrar que as colonias portuguezas do continente negro eram muito pobres e viviam principalmente do abominavel commercio humano.

Nelle haviam sido invertidos capitaes correspondente a meio milhão esterlino. Não se sabia de contribuição ingleza neste sentido desde alguns annos, mas, clandestinamente, podia haver negreiros, agindo com dinheiro britannico.

O desembarque de africanos no porto do Rio regulava ser de dez mil anualmente. Quasi sempre só vinham homens entre sete e trinta annos de idade, sendo a média de doze a quinze! A média por navio era de 200 a 400 captivos.

Parecia o governo de Dom João VI, desde 1813, empenhado em promulgar leis attenuadoras da crueldade empre-

gada neste commercio detestavel. Algumas de suas decisões eram excellentes e humanitarias.

Entre as medidas tomadas pelo governo do Bragança emigrado ao Brasil, algumas se contavam que não podiam ser senão letra morta como aquella que permittia aos escravos requererem a mudança de dono quando muito maltratados por senhores crueis. Quem se metteria nos negocios dos vizinhos, promovendo inimizades por causa de um misero africano?

Outra providencia illusoria: a que mandava entregar aos vergastadores officiaes os escravos passiveis de castigo. Eram estes geralmente tão ferozes que os senhores preferiam surrar pessoalmente os seus negros, embora isto lhes fosse prohibido por lei.

Outro dispositivo legal muito louvavel: o que mandava considerar livre a escrava que cohabitasse com o senhor. Mas como poderiam as pobres captivas arranjar o testemunho de taes relações?

E' interessante, como indice de mentalidade, o que diz Luccock sobre o panorama da escravidão no nosso paiz.

"Que a servidão nem sempre é no Brasil pesado jugo, póde-se deduzir de varios argumentos.

Já nas cousas do proprio trafico, encontramol-os. Bom numero de marujos dos navios negreiros, provem de escravos, nascidos na propria Africa, onde, contudo, não se lembram de desertar, ao voltarem á costa natal.

No emtanto, no Rio de Janeiro, quando descontentes, fogem e, ás vezes, por motivos insignificantes.

Isto como que nos demonstra quanto a condição servil no Brasil é superior á da Africa."

"Nem jamais vi escravo algum, africano, de boa indole, para cá transportado aos dezoito annos, e aqui adquirindo habitos mais civilizados, sociaes e domesticos, que tenha jamais preferido regressar ao seu Continente, após uma permanencia no Brasil de dois ou tres annos.

Conheci o filho de um soba recusar a volta e ouvi de innumeros a declaração de que se sentiriam felizes permanecendo em poder do mesmo senhor.

A uns, de minha propria familia, que eu julgava capazes de subsistirem por si, e de se governarem, quando eu tivesse de regressar á minha patria, vi recusar a volta á Africa ou mesmo alcançar a liberdade no Brasil.

Duas raparigas recusaram acompanhal-o á Inglaterra; "E' terra por demais fria e della não gostaremos! E que vamos fazer da liberdade, aqui? Temos tudo quanto precisamos;

o senhor da-nos ainda medico. Se ficarmos forros, ninguem terá cuidado comnosco." Copiei-lhes exactamente as palavras, affirma o nosso autor.

A unica cousa que desejavam era serem mandadas para junto de suas mães ou então que se lhes arranjassem senhores inglezes."

Passa depois Mr. John Luccock a fazer perante os compatriotas, seus leitores, a atenuaçãodestes sentimentos escravistas que, provavelmente, os escandalisariam naquelles tempos de já intensa campanha wilberforciana.

"Devo declarar, comtudo, que lastimo, immenso, precisar presenciar o periodo em que venham a cessar as communicações entre o Brasil e as colonias africanas quando, por intermedio da immigração voluntaria. Desta creio, e espero, virá o trafico escravo a ser definitivamente extincto.

Nem posso approvar os artificios empregados para ennegrecer um trafico já por si bastante negro, tornando mais desagradavel um estado social, que mau grado todas as atenuantes, é de contemplação sufficientemente dolorosa.

Homens crueis, bem posso avalial-o, darão senhores perversos. E quando os negros barbaros e selvagens, cujas paixões desenfreiadas nascidas da natureza e avantajadas pelo habito promovem actos de violencia, transportam-se a novos ambientes e vêm-se compellidos a novo estado de trabalho, embora moderado, hão de se transformar em descontentes perigosos. E assim exigirão que uma mão resoluta e severa os governe.

Nem posso ainda ter como boa uma interferencia como esta do Parlamento Britannico mandando pagar trezentos mil libras esterlinas pela captura problematica de seus navios negreiros, dest'arte confessando publicamente que não fomos nem honestos nem prudentes e vimo-nos finalmente compellidos a ser justos.

Não quero saber que destino se deu aos navios capturados, tambem não quero indagar de quem recebeu a capitação de sua condemnação, nem a quanto subiu esta.

Em todo o caso precisa o publico britannico conhecer bem quanto a Inglaterra deve prestar o maior cuidado ao facto de que em suas reclamações ao Brasil, e á America do Sul toda, nem a violencia nem a falsidade hão de a tornar respeitavel.

O trafico africano pode ser da mais vasta importancia para o Brasil, principalmente porque é elle que á cultura brasileira fornece braços."

Assim o nosso homem "malhava no cravo e na ferradura", como quer o conhecido proverbio caracterizador da dubieza. A permanencia no Brasil, em contacto com o regimen servil, não era de natureza a tornal-o muito partidario do abolicionismo.

Nem isolado se mostrava o seu caso. Nas mesmas condições evoluira o famoso naturalista a quem visitara, o Barão de Langsdorff. Na sua primeira estada no Brasil, de passagem por Santa Catharina, verberara vehementemente as cousas do trafico e a instituição servil.

Annos mais tarde, representante do czar de todas as Russias, na côrte de D. João VI, e senhor da grande fazenda da Mandioca comprava escravos e os fazia trabalhar. E ha suspeitas de que, em suas terras, não era lá muito brando o regimen do philantropo de alguns annos atraz.

Tempora mutantur... conforme as instigações financeiras. O commercio brasileo-africano, no dizer de Luccock, baseava-se na cera (que tinha enorme consummo, dada a infinidade de igrejas e capellas das casas particulares) o marfim, o rapé, urzella e pau de tinta. Valia sobretudo por causa do trafico maritimo, a melhor das escolas para a maruja dos portos brasileiros.

A' obra de Luccock conclue uma série de quadros commerciaes mostrando o movimento maritimo do Rio de Janeiro para o Sul, até o Rio Grande. E para o Norte até o Pará, importação e exportação. A estes quadros se annexam outros, sob as mesmas rubricas, para a Africa Oriental Occidental, o Prata e Valparaiso, a Hespanha, Inglaterra, França, India, Macau, etc.

Valor diminuto têm estes mappas que abrangem um periodo de quatro annos (1814-1817). Por elles vemos que o Porto do Rio recebia café dos districtos maritimos da Ilha Grande, Santos, Santa Catharina, Cabo Frio (que comprehendia Barra de São João e Macahé) mas não do Espirito Santo nem dahi para o Norte.

Exportava café para Pernambuco, Portugal e Ilhas, Rio da Prata, Chile, Norte da Europa, Cuba e Estados Unidos.

Infelizmente não se discriminam as quantidades despachadas para estes diversos portos.

São aliás os quadros de Luccock confusos pelo emprego de abreviaturas e a disposição pouco explicita dos dados que nelles se comprehendem.

CAPITULO XXV

Novos documentos da xenobibliographia brasileira — Freyreiss — O principe de Wied — Gendrin — De Freycinet — Caldcleugh — Spix e Martius

Muito curta é a biographia de Jorge Freyreiss, zoologo allemão, e, sobretudo, ornithologo, que aliás desappareceu na flor da idade, tendo vivido de 1789 a 1825. Morreu no sul da Bahia, em Villa Viçosa, quando alli procurava estabelecer uma colonia de compatriotas.

Chegado ao Brasil, em 1813, tornou-se collaborador do illustre Eschwege. Em 1915 passou a acompanhar outro eminente naturalista, o principe Maximiliano de Wied, a quem tambem seguia o botanico Frederico Sellow, tragicamente desapparecido, alguns annos mais tarde, nas aguas do Mucury.

Antes de partir com o Principe, emprehendeu Freyreiss, em 1814, e 1815, uma viagem ao interior de Minas Geraes, subsidiada por Lourenço Westin, então consul geral da Suecia e Noruega no Rio de Janeiro.

Seu relatorio original jámais se imprimiu e os originaes existiam na bibliotheca particular de Oscar II, rei da Suecia, quando Alberto Lofgren mandou copial-os. Traduziu-os para o portuguez e publicou-os na *Revista do Instituto Historico de São Paulo*.

Deixando o Rio, a 29 de junho de 1814, passou Freyreiss por Estrella e a fazenda do Corrego Secco, futuro Petropolis, local onde havia abundancia de antas. Dahi foi á fazenda do Padre Correia, que plantava milho, algodão, marmelleiros, pecegueiros, macieiras. Despachava o Padre, annualmente, nada menos de cinco milhões de pecegos para o Rio de Janeiro, com isto fazendo alto negocio.

O café não se dava bem nestas terras altas, queimado pelas geadas de junho.

Descendo para o Parahyba, espantou-o a abundancia da caça de pelle e penna. No Sumidouro, onde se demorou um

mez, via diariamente passar tropas e mais tropas, e nisto consistia sua unica distracção quando as tempestades não lhe permittiam fazer explorações.

"Todos os dias desfilavam 220 a 250 mulas que, em lotes, vinham de Minas Geraes, carregadas de toucinho, algodão, queijos, café e assucar; outras vindas do porto de Estrella para o Interior, carregavam sal, ferro e mercadorias inglezas de toda a especie.

Sem as mulas, este commercio seria impossivel, porque os cavallos não resistiriam. A carga de cada animal costuma ser de 250 a 300 libras e é arrumada dos dois lados, sobre uma cangalha formada com capim. Com este peso, o animal aguenta uma marcha de 5 a 8 horas."

No Sumidouro, foi Freyreiss a Cebolas, grande fazenda onde se encontrou com Eschwege, e, dahi, a Encruzilhada e ao registro do Parahyba. Seguindo para o norte notou o territorio semi-deserto e muito mais inculto do que ao Sul do Parahyba, encontrando pequenas lavouras de cereaes, algodão, canna e mandioca. Não menciona o café entre estes generos. Havia pelas redondezas muitas onças ainda.

Da fazenda da *Farinha,* foi ao Registro do Parahybuna, lugarejo miseravel. Passou depois pela *"fazenda de Juiz de Fóra"* e Barbacena, indo a Villa Rica.

De Ouro Preto, partiu Freyreiss para as lavras diamantinas de Abaeté. Voltou á capital mineira e visitou os aldeiamentos dos botocudos no valle do Rio Doce, onde se encontrou com o philantropo Guido Thomaz Marlière. Não consta que haja avistado cafesaes. Mas, referindo-se á lavoura dos mineiros (que em 1803, declara, eram apenas 407.000, dos quaes 340.000 escravos! cifra exaggeradissima e absurda) relata que a difficuldade e a carestia dos transportes a limitavam asphyxiantemente.

A tal proposito, escreve: "Os principaes artigos que os mineiros exportam para o Rio de Janeiro são o café, o assucar e o algodão. Milho, feijão e arroz não vale a pena plantar mais do que para o gasto. Se os rios de Minas Geraes fossem navegaveis, a agricultura podia então florescer, o que as grandes riquezas até agora extrahidas da terra não puderam occasionar.

O terreno do Brasil é geralmente muito fertil e sómente algumas poucas baixadas arenosas á beira mar fazem a isto excepção. As hortaliças, que em nosso paiz se colhem uma vez por anno, plantam-se e colhem-se aqui pelo menos 4 e 6 vezes, como couve, feijão, alface, etc.

Porém, o seguinte prova mais ainda quanto é fertil a terra deste paiz: o café, que hoje é um dos mais importantes artigos de exportação, era ainda importado ha 40 annos. Sómente em 1773, o Vice-Rei de então, recebeu 2 arvoresinhas, que foram plantadas no Rio de Janeiro, e estas foram a origem dos milhões de cafeeiros que constituem a maior parte das plantações daqui."

Quando, em 1817, estiveram Spix e Martius no Rio de Janeiro, ainda não preponderava o café na exportação fluminense.

O assucar sahido pelo porto do Rio de Janeiro, em 1817, subiu a 17.000 caixas, ou approximadamente 680.000 arrobas.

"Ha sómente poucos annos que o café tem sido extensivamente cultivado na capitania do Rio, escreveram os dois grandes sabios, observando-se que tem as mesmas qualidades que o da Martinica e S. Domingos, desde que se tomem os devidos cuidados na colheita.

O café no Rio não era outróra apreciado na Europa, porque geralmente se colhiam as cerejas ainda não amadurecidas e pelo facto de se separarem as sementes na capsula externa, o que induzia a se reflectir se isto não lhe prejudicaria o gosto e não daria á cereja côr branca e desagradavel apparencia.

Dentro destes poucos annos ultimos a cultura do cafeeiro e a colheita melhoraram, sobretudo desde que o Dr. Lassene, lavrador experiente de S. Domingos, expulso desta ilha durante as revoluções, formou grande plantação na vizinhança do Rio e instruiu os lavradores do modo mais vantajoso de tratar as plantas.

Este exemplo e a procura crescente do genero, foi a causa de que as lavouras se tenham consideravelmente desenvolvido. Neste momento, o Rio fornece, entre todos os portos do Brasil, a maior quantidade de café e aquelle que é o mais solicitado.

Durante os ultimos annos, a exportação montou em 1817, a 9.567.960 lbs., e em 1818, a 11.140.350; em 1819, a 8.087.220, e por causa da grande secca em 1820, a .... 14.733.540 lbs."

Assim fôra a exportação fluminense:

	Arrobas
Em 1817	298.998
Em 1818	348.135
Em 1819	252.725
Em 1820	460.423

Descendo do Corcovado para Jacarépaguá, Spix e Martius encontraram "a plantação de café do Dr. Lessene, que arrendára grande terreno e plantára sessenta mil cafeeiros. Explicou o medico francez aos dois naturalistas os seus processos agricolas.

Entre outras fazendolas de café dos arredores do Rio de Janeiro, refere-se Martius a uma lavoura de Chamberlain, o famoso autor da album de vistas fluminenses, tão raro e tão caro.

E' interessante o quadro de Spix e Martius, sobre a exportação fluminense em 1817.

Assucar — 680.000 arrobas em 12.000 caixas a 200 rs. por a. preço medio entre o branco e o mascavo num total de 1360 contos de réis.

Café — 298.999 arrobas a 2400 rs. por a. num total de 687:597$600 rs.

Algodão — 320.000 arrobas em 4000 fardos e a 800 rs. por arroba num total de 2.560 contos.

Couros — 512.000 a 1200 num total de 614 contos.

Fumo — Cerca de 30000 arrobas com 18.000 arrobas a 6.000 por arr. ou sejam 180 contos. O total da exportação fluminense attingira pois 5.401:597$600.

Os direitos de exportação eram os seguintes: para o assucar rs. 60 por caixa e 2 por cento ad valorem; para o café 80 rs. por arroba e 2 por cento ad valorem; para o algodão 100 rs. por fardo e 2 por cento ad valorem; para os couros 20 rs. por couro e 2 por cento ad valorem; para o fumo, 20 rs. por 1 rolo e 2 por cento ad valorem. Assim, haviam rendido estes generos á alfandega fluminense:

Assucar	29.920$000
Café	37.671$872
Algodão	55.200$000
Couros	22.528$000
Fumo	3.960$000
Total	149:279$872

Assim, seriam já alguns milhões os cafeeiros em 1815, mas ahi certamente se computa sobretudo o cafesal fluminense. Indice, porém, de que a cultura cafeeira augmentara era o facto da capitania importar annualmente mais de quatro mil escravos e fundarem-se muitas freguezias novas. Aliás mais adeante ha contradicção de informes, quando Frey-

reiss diz que vinte mil escravos africanos estavam entrando, annualmente, no Rio de Janeiro.

Do Principe Maximiliano de Wied quem ignora o nome e o valor desde que esteja, por pouco que seja, inteirado das cousas brasileiras?

E' certamente uma das mais illustres figuras scientificas desta pleiade de naturalistas do maior realce, que, a partir de 1815, começaram a estudar o Brasil. Pertence á plana de Spix e Martius, Saint Hilaire e Pohl, para só citarmos alguns destes nomes inesqueciveis de grandes benemeritos, estrangeiros, do Brasil e da Sciencia.

Chegando ao Rio de Janeiro, a 15 de julho de 1815, não tardou o Principe de Wied em encetar sua longuissima jornada, vencida a custo de muita privação e desconforto e a que dava alento verdadeira paixão pelo estudo da Natureza.

Começou por percorrer os arredores da capital brasileira e depois, seguindo pela baixada fluminense, por Maricá, Cabo Frio e Campos, visitou os purys de São Fidelis, para depois prosseguir pelo Espirito Santo, em demanda dos botocudos e afinal ir ter ao Sul da Bahia.

Ao longo de seu itinerario, de observador intelligentissimo, foi annotando mil e um pormenores, numa série de paginas da mais agradavel leitura.

Assim lhe devemos diversas informações sobre as occurrencias, aqui e acolá, de cafesaes, realmente preciosas, como marcos da propagação da cultura em época em que era incipiente no paiz.

Informaram-no de que a canna de assucar crescia naturalmente no Brasil, sobretudo nos arredores do Rio de Janeiro, noção que registrou scepticamente. Atravessando a Guanabara viu, no districto de Maricá, muitas pontas volumosas de gado magnifico, bois gordissimos, grande quantidade de porcos tambem alentados e uns maus cavallos, mas não café.

Por toda a parte mostravam-se as construcções ruraes muito pobres; casinholas terreas e sem vidraças.

Eram as lavouras fartas e vigorosas: mandiocaes, feijoaes, milhares em abundancia, muitos cannaviaes, viçosissimos e apenas alguns cafeeiros plantados esparsamente.

Em Ponta Negra visitou o engenho de Guarapina, pertencente a um alferes Cunha Vieira, que fazia seiscentas arrobas de assucar annualmente, pequena producção, como vemos.

Em Saquarema soube o Principe que, outróra, o districto produzira muita cochonilha. O governo real comprava-a a 6.400 rs. a libra. Mas esta industria desapparecera. Os pro-

ductores falsificavam o producto, misturando-lhe farinha de mandioca. Assim havia a mercadoria perdido todo o valor e estes intelligentes espertalhões conseguido matar a gallinha dos ovos de ouro.

Em Pitanga, adeante de Saquarema, viu o Principe grandes cannaviaes, assim como pelos arredores do Cabo Frio, de onde sahia muita farinha, além do assucar. Em Barra de São João produzia-se arroz e mandioca. Em Itapebussú, na fazenda de um alferes de milicias, cultivavam-se a mandioca, o arroz e um pouco de café.

Em Macahé versava o commercio sobre o feijão, farinha, milho, arroz e assucar. Chegando ao pequeno mosteiro benedictino, de São Bento, já nos arredores de Campos, recebeu o grande naturalista generosa hospitalidade do monge que o regia, Frei José Ignacio de Santa Mafalda. Caminhando para Campos, ficou encantado com o panorama.

A' estrada emmolduravam sebes vivas, ora de agaveaceas, ora de mimosaceas. Atraz desta cercadura existiam magnificos laranjaes floridos, bananaes vigorosos e, junto ás casas dos cultivadores, pequenos cafesaes que então floresciam.

Campos, lugar de que teve Wied a melhor impressão, praça de grande commercio, exportava muito assucar, algodão, cereaes e bastante café.

De Gendrin, Victor Athanasio, cidadão parisiense, nascido em 1793, e versalhez honorario, pode-se dizer que encarna um typo daquella galeria extensa da burguezia franceza, immortalizada no theatro do genial Labiche.

E' um specimen acabado, magnifico, daquelle feitio *perrichonesco* que o mestre theatrologo cobriu de justo e inapagavel ridiculo.

Aos 63 annos de idade resolveu, este viajante do Brasil, em 1816, figurar na bibliographia geral de sua nação. E assim, como "proprietario, autor e editor", perpetrou uma obra cuja folha de rosto já documenta o que acabamos de affirmar: *Recit historique, exact et sincère, par mer et par terre, de quatre voyages faits au Brèsil, au Chili dans les Cordillères des Andes, et à Buenos Aires.*

A este titulo seguem-se notas biographicas, pelas quaes ficamos sabendo que Gendrin, Victor Athanasio, nascido em Paris, a 2 de maio de 1793, e antigo commerciante nos mares do Sul, sahiu de França em 1816 e á sua patria regressou a 25 de dezembro de 1823.

Mas o mais curioso é que abaixo destes pormenores preciosos, vem a seguinte e deliciosa epigraphe: "*Un auteur a*

dit (sic), *La critique est aisée et l'art est difficile*". Pobre Destouches! de que vale ter sido alguem para passar a ser um "auteur" apenas!

Quanto tal epigraphe se nos afigura a evocação de uma sangria em saúde!

E se nos é permittida uma perpetração de *calembourg*, aliás de duvidoso gosto, não diremos em relação a Gendrin que *La critique est Thésée et l'art est Hippolyte*, porque derrancal-o jamais será injustiça nem cousa difficil. O prefacio do mestre Gendrin está em perfeita systematização com a folha de rosto: começa explicando porque escreveu o seu livro de lembranças.

E recorda que muitos de seus patricios contemporaneos, agora opulentos e muito considerados, tiveram principios tão modestos quanto os seus, como por exemplo os irmãos A. V., banqueiros, em magnifica situação, a rodarem carruagem com trintanarios; G., que tinha palacete e dava cincoenta mil francos de dote ás flihas, etc., etc.

Fôra heroico sahindo de França para se atirar á vida. Luctara e vencera. Assim, quem o lesse aprenderia a dominar, quando preciso fosse, os sentimentos mais enraizados no coração humano, afim de levar uma empreza a feliz cabo.

Assim queria contar á Nação Franceza que elle, Victor, Athanasio, Gendrin, ousara supportar durante annos a passagem de mais de quarenta graus da região tropical aos gelos da cercadura do Polo Arctico (sic). Vira, e sem empallidecer! as catastrophes da Natureza com o terrivel terremoto chileno de 1822!

Queria que os francezes soubessem que ascendera aos Andes selvagens, quasi a sete mil metros de altura! E no meio das neves eternas, sob as vistas de jovem e valente guerreiro peruano, entoara o hymno immortal da "Marselheza"! Descendo os declives da Cordilheira passara sob abobadas infernaes ladeadas de precipicios, atravessara as planicies incaicas, cobertas de indios e de selvagens, cortara o deserto, quadro o mais impressionante!

Após este exordio precioso vem a transcripção de numerosas cartas de *Maires*, Deputados e Senadores, a quem offerecera volumes da sua obra, tudo isto em estylo de agradecimentos da formulistica official, secca e insignificativa, que o nosso homem se apressou de annexar as suas lucubrações e impressões.

Partindo para o Rio de Janeiro, em 1816, foi Gendrin, que então tinha 23 annos de idade, servir em casa de um tal

Lefranc, tapeceiro de luxo, que tambem pensava em estabelecer uma confeitaria na capital brasileira.

Foi-lhe a travessia agitada, nas aguas dos Açores quasi foi a pique o seu navio, alguns dias depois viu-se detido em alto mar por um corsario que o deixou em paz, pois só atacava as embarcações sob a bandeira hespanhola.

Foi a demora de Gendrin na capital do Brasil curta e as suas observações decorrentes dessa estada bem pouco valem, toleironas como geralmente são.

Querendo dar aos leitores francezes a impressão de que aprendera bem o portuguez, inculca-nos cousas pittorescas. Assim, escreve *Ile de Scobres* (des couleuvres), *place de Russie* (sic!), Largo do Rocio.

Era um antecipador daquella nossa patricia que em Paris chamava á rue de Richelieu, rua do Riachuelo.

Trabalhou Gendrin, no Rio, algum tempo, com Lefranc, que ganhara dinheiro. Resolveu estabelecer-se, depois por conta propria, abrindo tabacaria e armarinho com quinquilharia.

Prosperou bastante, teve excellente clientela e entre ella um homem celebre em nossos fastos, Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, a quem chama *le père Saint Paillo* (sic), "o homem mais sabio do Brasil e chefe superior de todos os mosteiros do Reino, com honras de arcebispo, com quatro monges caudatarios" (sic!).

Passou Gendrin alguns annos no Rio, pois conta que assistiu ao casamento do futuro D. Pedro I e á partida de D. João VI (1821).

Pretende ter tido a clientela da Côrte e haver ganho dinheiro.

Passado algum tempo veio um francez propor-lhe que a elle se associasse numa fazenda de café. Ficaria rico logo.

— "Venda toda a sua mercadoria e vamos plantar café e algodão que faremos frotuna", assegurava-lhe insistente.

Durante seis mezes atormentou-o com estas propostas. Assim resolveu Gendrin visitar a fazenda do patricio antes de se decidir. Eram cinco a seis leguas a vencer.

Num domingo partiu tendo de atravessar mattas e subir e descer morros "passeio muito pouco divertido para quem não gostava dos campos". O caminho me pareceu tres vezes mais comprido do que era, pelo tédio que me causavam aquellas veredas solitarias no meio das mattas."

De tempos a tempos indagava dos negros a que altura se

achava. Está no caminho, Senhor, veja bem é atraz daquelle morro que o senhor deve ir a legua e meia daqui."

Depois de a vencer, era outra, estava esperando sempre chegar e nunca chegava já não podia mais de cansaço.

Tambem afinal quando attingiu a casa do futuro provavel socio, estava de muito mau humor.

— Segundo o que o Sr. me dizia era perto e pelo contrario tive de vencer uma morraria interminavel.

Esperançoso de arranjar associado não retrucou o fazendeiro que lhe deu botinas mais commodas pois trazia os pés em pessimo estado de tão inchados.

E offereceu-lhe depois grande jantar: "gallinha e mais tres pratos, salada de laranjas, abacaxi, bananas e outras guloseimas". O homem fizera despesas...

— "Bem pretendia que eu mordesse no anzol; estava no seu direito"!

Acabado o jantar fez chamar todos os seus negros e mulatos que desfilaram deante de mim como guarda que vae render outra.

Fomos depois ao cafesal que me appareceu bello embora não estivesse eu em condições de o avaliar.

Meu hospedeiro fez me visitar toda a propriedade mas cada vez menos tentado me achava pelo futuro officio de fazendeiro de café. Via bem que elle tinha o desejo manifestado de me seduzir. — Está bem está bem! respondia-lhe eu. Mas emquanto isto, ia reflectindo e o dia que avançava não contribuiu para me alegrar. Parecia-me comprido o tempo e comtudo nada manifestava ao Sr...

Quando a noite cahiu senti-me feliz porque ia cessar o constrangimento. Mas qual! tive de ouvir a longa pormenorisação de todas as vantagens da fazenda e depois as minucias relativas aos lucros que ella dava."

Durante quatro horas tentou o francez catechizar o seu patricio. Mas este lembrou-se do corvo da fabula e ficou irreductivel.

Foi afinal dormir mas com o colchão de algodão veio-lhe horrivel calor e irreductivel insomnia.

A's tres da madrugada accordou o hospedeiro e declarou-lhe que ia partir. Este, ainda esperançoso de o convencer, ofereceu-lhe almoço que recusou.

— E' muito de madrugada ainda.

— Então beba um copo de vinho ou de *gordiente* (sic) (*boisson du pays,* explica-o o nosso Gendrin).

— Como quizer e vamos tocando.

— Passo em sua casa daqui a quinze dias, annunciou o sempre esperançado vendedor.

— Está muito bem! espero-o"!

Diz Gendrin que a volta ainda foi muito peor. Mal enxergava o caminho. Os sapatos causavam-lhe incommodo enorme. Os galhos das arvores fustigavam-lhe o rosto e o receio do encontro com quilombólas era enorme.

Como em certo ponto deixasse cahir o lenço e abaixasse para o apanhar segurou um sapo enorme!

E chegando a casa, furioso da aventura, ainda appareceu no momento exacto em que uma preta ia fugindo com objectos furtados.

Tambem desta irritação toda lhe sahe este resultado inscripto no diario:

"Quanto á resposta que o meu fazendeiro espera, não me tomará grandes reflexões; já está dada."!

A esta viagem annexou o nosso Gendrin a descripção dos vehiculos agricolas que encontrara pelo caminho. Fala dos nossos carros de bois "de barulho insupportavel" e de seus candieiros "pretos de transpiração fetida" das liteiras e carroças. Tudo isto porém muito desinteressante. Assim pouco valiosos são os informes que sobre a cultura cafeeira existente nos arredores do Rio de Janeiro Vitor Athanasio Gendrin nos fornece com uma inopia de dados tal que nem sequer localisa o ponto onde o patricio tinha a rendosa fazenda. Provavelmente para os lados de Jacarepaguá, então ainda assaz florestados.

E nem sequer nos conta quem seria este compatriota que a seu ver queria fazer o papel de raposa da fabula e tão pouco êxito tivera na pretenção em transformar um tapeceiro armarinheiro em plantador de café.

Tendo feito a viagem toda a pé não é crivel que a distancia da fazendola visitada, á cidade fosse realmente as seis ou oito leguas de que nos fala o nosso Gendrin. Provavelmente terá andado no maximo uns 15 ou 20 kilometros, quando muito.

Em todo o caso não deixa de ser pittoresco o depoimento desse convidado exotico a fazendeiro de café, tipo perfeitamente enquadravel na extensa galeria dos tipos do immortal Eugenio Labiche, benemerito da Humanidade. E galeria em que culmina a gigantesca figura de Monsieur Perrichon, o homem da *mère de glace*.

Outro francez, homem de quilate inteiramente diverso do do mestre Gendrin era este marujo illustre que, em 1817,

passou pelo Rio de Janeiro, de rota para o Oceano Pacifico e os mares da India, Luiz Claudio de Saulses de Freycinet (1779-1842).

Digamos algumas palavras sobre a esta expedição oceanica que infelizmente redundou em notavel fracasso.

Depois de brilhante série de provas de capacidade e de bravura, em numerosos combates com inglezes e hespanhoes, em companhia de seu irmão mais velho, Luiz Henrique, esteve de Freycinet occupado em levantamento hydrographico nas costas australianas de 1800 a 1804.

Em 1817 incumbiu-o o governo de Luiz XVIII de grande expedição circumnavegatoria, na corveta *Urania*, em que embarcaram varios naturalistas.

Passando pelo Rio de Janeiro, arrolou entre os seus desenhistas Adriano Amado Taunay. Depois de longa e proficua viagem nos mares da Polynesia, e da Malasia, voltou a *Urania* ao Atlantico, pelo cabo Horn, onde em virtude de maus mappas maritimos, encalhou e perdeu-se nas Malvinas, em fevereiro de 1820. Pode Freycinet salvar as preciosas cargas e collecções da sua corveta e voltar á França neste mesmo anno.

Da sua viagem traçou notavel relato, onde a parte referente ao Brasil, especialmente ao Rio de Janeiro constitue precioso depoimento.

Veio de Freycinet, em 1817 surprehender o Rio de Janeiro num verdadeiro *fervet opus* cafeeiro.

No capitulo V de seu precioso relatorio: *Industria agricola e manufactureira,* occorrem excellentes apanhados que tem a dupla valia da intelligencia e da autoridade da observação. São os reparos do navegador geralmente muito depreciativos para os brasileiros cujo atrazo, indolencia e misoneismo verbera. Ignoravam os principios racionaes da agricultura, tinham grande aversão a quanto desse trabalho reclamasse cuidados ou apenas solicitasse a fiscalização assidua.

Não lhes causava o menor interesse o mau estado das estradas que por vezes até deixavam de existir. D'ahi lhes provinha a maior difficuldade para a circulação dos productos.

Os trabalhos do campo deixavam-nos abandonados a negros indolentes e ainda menos esclarecidos que os seus patrões. E a existencia de immensos latifundios era outro entrave ao progresso e dos mais sérios.

Estes latifundios, nascidos de concessões régias, e que seus proprietarios se recusavam a subdividir, obrigavam os cultivadores recentes a se afastar, e cada vez mais, do littoral.

Immensa a área de terras incultas nos arredores do Rio de Janeiro. E no interior, em superficies de leguas e leguas quadradas, apenas se encontrariam alguns alqueires de terra aproveitados. Isto alli nas immediações da capital.

A ferramenta e machinario agricolas tambem vinham a ser, as mais rudimentares. A' enchada, quasi que exclusivamente recorriam os agricultores do Brasil. Para as derrubadas ao machado e á foice. Era o arado, excepcionalmente, utilisado. Quanto a viaturas: o carro de boi, e uma ou outra carretela. A besta de cangalha constituia o grande vehiculador da exportação e da importação brasileiras.

De estercamento quasi se não cogitava; quando muito lançavam os senhores de engenho mão do bagaço da cana que deixava apodrecer. E um ou outro lavrador valia-se do esterco animal. Raros os fazendeiros que mandavam fazer cama para os animaes de cocheira.

A' derrubada e a queimada seguia-se uma especie de raspagem summaria do solo pela enxada. Semeiava-se logo depois, fazia a natureza o resto. Geralmente após duas colheitas ficava o terreno em alqueive muito tempo.

"As plantações de café se fazem em terreno montanhoso, conta-nos Freycinet, os cafeeiros prosperam muito dando fructos de boa qualidade, no emtanto na Europa pouco apreciados, por causa do modo vicioso pelo qual é colhido o café e beneficiado.

Perde elle a cor, por falta de cuidados, muitos grãos são quebrados porque o emprego do machinario adequado é por assim dizer desconhecido no Brasil. E' por meio do pilão, e do monjolo que se descasca o café e se lhe tira a polpa. Esta operação se realiza com tanta intelligencia que o grão acaba reduzido a pasta."

As colheitas de milho e do feijão, da mandioca, canna e café, as mais importantes do paiz não offereciam particularidade notavel alguma; tudo se fazia do modo mais rudimentar.

A arte da fabricação do assucar ainda se achava na infancia no Rio de Janeiro. Em 1818 só havia na capital brasileira uma distillação de alcool digna de referencia. O algodão, além de ser de má qualidade, era muito mal beneficiado.

Fazendo uma summula da producção dos diversos districtos fluminenses contava Freycinet que, em 1817, os grandes productores de café eram sobretudo Parahyba Nova (região do oéste fluminense) São Gonçalo, Guapy, Itaborahy, Ilha Grande, havendo plantações pequenas em Maricá, Suruhy (onde existiam grandes bananaes) e Magé.

O districto da cidade produzia bastante café, assucar, farinha de mandioca, arroz e outros cereaes, aguardente.

Em 1809 o da Ilha Grande (Angra dos Reis) dera 10.720 arrobas de café das quaes 4.680 exportadas. Mas só attingira o gênero o preço insignificante de mil réis por arroba!

Em 1817 o preço de um negro adulto vinha a ser em média de 128.000 réis, de um moleque de seus dez annos 104.000 réis, de um molequequinho 64.000. O das negras era mais ou menos o mesmo do que o dos africanos.

O frete de um burro de carga, segundo Eschwege, cobrava-se a razão de 1.000 rs. por arroba pelo percurso do Rio a Ouro Preto (80 leguas) e 800 pelo mesmo caminho de volta.

O que nas considerações de Freycinet tem real curiosidade vem a ser os seus conselhos aos francezes que por acaso pensassem em estabelecer-se no Brasil como agricultores.

Pretende ter ouvido, com muita attenção, os conselhos do consul geral de França, conde de Gestas, homem intelligente, com longa permanencia no paiz, fructicultor esclarecido e tambem fazendeiro de café. Aliás na Tijuca e na vizinhança de outros francezes, tambem cafeicultores , como os Taunay, a condessa de Roquefeuil, o principe de Scey-Monbéliard, a baroneza Rouan, etc.

Assim aconselhava que o candidato viesse trazendo mercadorias de facil venda. Mas chegado ao Rio não se apressasse em liquidar o seu stock pois aquillo alli era terra onde tudo se fazia muito de vagar."

Era preciso não se açodar em vender as mercadorias, sob pena de prejuizo.

E depois podia succeder que o candidato tivesse de gastar mezes antes de encontrar lugar conveniente para a sua fazenda e reunir os escravos de que precisaria.

Se o recem-immigrado pudesse dispor de sessenta mil francos (9:600$000) devia reservar dez mil (1:600$000), para a acquisição de uma gleba. Mas não o fizesse muito longe da cidade do Rio, "pois os vexames e picuinhas das autoridades subalternas do interior do Brasil, em relação ás pessoas sem nomeação de emprego civil ou patente militar eram innumeras." Tornava-se indispensavel achar-se o emigrante bastante perto para que pudesse receber a assistencia da Côrte, quando preciso.

Mais 1:600$000 para bemfeitorias e ferramenta; ...... 3:200$000 para a acquisição de negros, novos, convindo, tambem, comprar alguns velhos sabendo officios, sobretudo os de pedreiro e carpinteiro.

Convinha muito reservar 1:600$000 á espera da época do rendimento das primeiras colheitas, sustento dos negros, etc. e ainda os ultimos 1:600$000 para aleatorios causados pela morte de escravos e animaes domesticos, etc.

Os melhores escravos eram os do Congo e Cabinda, vindos em algum lote cuja travessia oceanica não fosse assignalada por epidemia, negros gordos, vacinados, bem tratados e enroupados ao chegar.

Assim estariam em condições de não morrer de molestia contagiosa. Num raio de tres ou quatro leguas do Rio os melhores artigos a explorar eram o capim, legumes, fructas, carvão de madeira, leite. Entre quatro e dez leguas, carvão, cereaes e café.

Além de dez leguas só em lugares excepcionalmente dotados de boas estradas.

Podia ser a terra superior e barata mas os obices muito sérios. Contar com o achado de bom administrador vinha a ser cousa muito aleatoria. Raros, muito raros seriam os encontraveis. O melhor ainda era ensinar algum escravo fiel. Mas este não deixava de ser verdadeira *avis rara*.

Nada do proprietario deixar de visitar muito a miudo a sua fazenda, se não queria ver a sua ruina completa. O melhor era lá permanecer. Os capinzaes quando distantes da cidade, de menos de meio dia de viagem, davam optimo rendimento. Os cereaes só rendiam em larga escala e em terras superiores, raras nos arredores do Rio.

Para o café as das vizinhanças da capital eram superiores. Com cinco a seis annos de espera podia se ter um cafesal em pleno e prospero rendimento.

Era a cultura que parecia mais futurosa. "A exploração assaz desenvolvida deste ramo de economia agricola promette lucros tanto mais seguros quanto neste momento só ha a temer quasi insignificante concurrencia."

Não havia em 1818 fazendeiro algum que dispuzesse de cafesal contando mais de 20.000 arvores, affirma-nos o Senhor de Freycinet, dando-nos informação de grande valor.

Completando estas notas dizia o Conde de Gestas que um negro robusto já adestrado para a agricultura do café valia de 44$000 a 160$000 e quando carpinteiro ou pedreiro cerca de 250$000.

Uma besta de primeira ordem custava 25$600 e um boi de carro 19$200. O jornal de um negro de enxada avaliava-se entre 32 e 40 reis. Em termo medio podia-se dizer que um

escravo custava ao senhor, de sustento, de 28$000 a 32$000 por anno.

Consistia a alimentação dos captivos em farinha de mandioca, carne, peixe secco, laranjas, bananas. Dava-se-lhes em materia de vestimenta duas camisas e duas calças de lã grosseira e um cobertor.

Como vemos, ha deficiencia de informes nesta lista de que estão ausentes elementos essenciaes quaes sejam o feijão e o fubá de milho.

Algumas outras noticias interessantes para o nosso escopo ministra-nos o illustre navegador. Assim conta que nos cardapios das pessoas reaes, dos fidalgos aposentados pelo Rei, dos Officiaes da Côrte, etc., figurava um tanto para café.

Quanto aos impostos de exportação eram elles variaveis conforme os portos de embarque. Em Pernambuco pagava o algodão 600 rs. por arroba, o assucar branco 660, o que correspondia a uma taxa oscillante entre 6 e 10 por cento.

No Rio de Janeiro vinha o imposto a ser de 2 por cento apenas! Isto no tempo de John Mawe (1808).

Segundo o mesmo autor o café, porém, pagava 80 réis por arroba até 2.000, ou sejam 4 por cento. Havia comtudo um addiccional de 2 % sobre o preço que ultrapassasse aquelle primeiro limite.

Em 1819 estando a arroba a 4.200 réis era a taxa cobrada de 130 réis ou seja um pouco mais de tres por cento. "O fisco assim cria encontrar nesta taxação a vantagem de não soffrer perda alguma quando o preço do café vinha abaixo de 2.000 réis."

Em 1808 criara-se novo imposto sobre vinhos, cerveja, escravos, aguardente e café. Infelizmente não se sabia a quanto montava a arrecadação sobre o café que em 1820, attingira 38:688$891 rs.

A receita do Brasil que em 1808 se orçara em .... 2.258:172$499, chegara em 1813 a 4.891:884$932, em 1818 a 7.949:415$607 e em 1820 a rs. 9.672:891$116.

Assim, pois, neste ultimo exercicio, o imposto sobre o café não correspondia senão a menos de meio por cento do orçamento do Reino, recentemente fundado, em 1816.

De Alexandre Caldcleugh, diplomata britannico com laivos de geologo e mineralogista não há muito o que dizer.

Em nossa xenobibliographia occorre uma obra sua: o relato de suas viagens do Rio de Janeiro a Minas Geraes, assaz interessante.

Não é grande figura dentre os estrangeiros que frequen-

taram o Brasil no primeiro quartel do seculo XIX, mas não deixam de ser interessantes os seus depoimentos.

Eram os methodos da agricultura no Brasil, tanto quanto tivera a opportunidade de os observar, escreve Caldcleugh, rudimentares quanto possivel.

A' derrubada seguia-se a queimada, esperando-se para a sua realização uma occasião de vento favoravel. Espectaculo curioso constituia então a fuga desabalada da fauna ante a invasão das chammas.

E' muito interessante observar-se o cuidado com que as seriemas ficavam attentas, á orla do incendio, para apanharem os ophidios. Havia-as em enormes bandos, então, de milhares até, em certos pontos.

Desolador o aspecto da matta devastada pelo fogo.

Escrevia o nosso viajante:

"Este passa, rapidamente demais, para poder consumir os troncos das arvores maiores, que ficam esparsas e erectas, tristes monumentos da grandeza vegetal há pouco ainda dominante alli."

"Ninguem trata de as remover; basta mais uma estação para que, despidas de folhas e casca, misturem-se com a terra."

Por estas palavras se avalia quanto suppunha o nosso autor serem as nossas arvores, até as perobeiras, de lenho deliquescente. Um anno para a desapparição de um lenho de cabreuva!

O solo, que se tornara então muito árido, ou como a gente da terra dizia, bravo, só convinha á plantação do milho semeado com as primeiras chuvas.

A quantidade da graminea cultivada nas immediações do Rio de Janeiro vinha a ser relativamente pequena, a mandioca tomava-lhe frequentemente o logar como primeira colheita.

A farinha de milho consistia o principal artigo de subsistencia no interior, onde, devido a elevação das terras, a euphorbiacea pouco produzia. Cultivava-se, muito, a especie chamada brava, que servia para a farinha, deixando-se de lado a mansa, para fins comestiveis immediatos.

A farinha de pau, indemne de qualquer gorgulho, o que representava não pequena recommendação, servia de alimento das classes mais baixas. Antes da chegada da Côrte, em 1808, e da consequente introducção de certo luxo, figurava á mesa até das classes mais altas.

Desde os tempos mais remotos servira de alimento aos indigenas.

A tal proposito faz Caldcleugh, os seguintes commentarios:

"Indica isto talvez, melhor do que qualquer outro argumento que os meios de subsistencia dos autochtonos do Brasil eram extremamente limitados, pois de outro modo, uma raiz que a principio se mostra fatal em seu producto (o summo) teria sido rapidamente abandonada."

A canna de assucar tambem constituia uma das primeiras lavouras. A variedade mais espalhada era a caiana.

Alternavam-se ás vezes a plantação da mandioca e a da cana, conservando-se assim o solo, em excellentes condições, sem o auxilio da irrigação ou estercamento.

O apparelhamento dos engenhos fluminenses vinha a ser humilde. Não se encontrava entre elles nenhuma dessas grandes machinas que embellezavam as ilhas das Indias Occidentaes pertencentes á corôa britannica. Trabalhava-se só de dia, não existindo o interesse notado nas colonias inglezas para a melhoria do producto.

A maior parte do assucar era branqueado com barro.

A lavoura do café, passava como a mais lucrativa, e alguns estrangeiros a ella se dedicavam com consideravel êxito.

Os cereaes no Brasil não remuneravam quasi. Tornava-se mais barata a importação do que o seu cultivo. Assim cada lavrador os plantava para uso local sem pensar numa exportação que não compensava de todo.

Após umas noticias desvaliosas sobre a importação da farinha de trigo e da carne secca, da producção de queijos, toucinho, de Minas Geraes, fazia o nosso autor ver quanto era a industria brasileira de seu tempo como que inexistente.

"O sistema colonial estrictamente observado até a vinda da Côrte, conservou o paiz num estado de completa ignorancia, de muitos desses bellos artigos de manufactura ingleza, agora tão avidamente comprados por todos. O commercio brasileiro, pode-se considerar, como inteiramente em mãos dos inglezes, como se existisse monopolio exclusivo em seu favor. Pelo tratado de commercio de 1810, tratado aliás violado por ambos os contractantes e consequentemente supposto muito equitativo, as mercadorias inglezas entram no paiz pagando o imposto de 15 % *ad valorem* ao passo que as de outros paizes tem de pagar 24."

A 9 de junho de 1820 sahiu de Freycinet de Montevideu, rumando *La Physicienne* para o Rio de Janeiro, onde a 17 de julho de 1820 annotava que fora visitar Mr. de Gestas "á

sa campagne de Tijouka". Descrevendo as impressões da sua estada em terras do conde diplomata, escreve:

"Com prazer tornei a ver esta morada campestre para mim tão cheia de recordações commovedoras.

Pareceu-me muito embellezada e consideravelmente melhorada sob os pontos de vista os mais interessantes e os mais uteis.

Grandes derrubadas haviam diminuido o numero daquelles immensos madeiros que, tão antigos quanto o mundo haviam resistido, durante tantos seculos, á presença destruidora do homem.

Uma plantação de 20.000 pés de café, das quaes parte em plena producção annunciava a laboriosa solicitude do lavrador e seus triumphos.

Jardins cuidadosamente cultivados e nos quaes havia aclimadas algumas de nossas fructas de França e das mais saborosas, denunciavam a abundancia, a riqueza e o bem estar.

Caminhos mais multiplicados e em melhor estado, pontes lançadas sobre o rio Tijuca, bemfeitorias em maior numero e melhor conservadas, a elegancia reunida ao conforto, tudo dava a idéia de uma morada de paz e felicidade. Emfim, o ar de saude e de satisfação dos negros pertencentes a esta habitação encantadora, anunciavam ao mesmo tempo a justiça e a doçura do regimen a que estavam submettidos."

Na viagem do Dr. Quoy, medico da expedição a Nova Friburgo, foi este scientista costeando a Guanabara, em direcção a Porto das Caixas. "A' nossa direita, escreve, erguiam-se numerosas collinas todas assaz cultivadas. Casas, jardins, plantações diversas de café, mandioca, palmachristi e laranjeiras carregadas, nos acompanharam durante quatro leguas tornando esta estrada uma das mais agradaveis que jámais percorri.

Nas margens do Macacú encontrou o engenho do coronel Ferreira, uma das melhores usinas do Brasil. Tambem plantava café e tinha outras lavouras.

Adeante attingiu a fazenda de um tal Lorenzo, homem distinctissimo, assim como todos os seus. Possuia linda lavoura no meio de montanhas e plantações caprichosissimas, sobretudo de café, de magnifico aspecto.

Aos colonos de Friburgo o governo dera bois, cavallos, vaccas, ovelhas, porcos, trigo, feijão, favas, arroz, batatas, ricino, linho, canhamo.

Os suissos se queixavam muito das cerrações que lhes impediam a cultura do café e do algodão.

CAPITULO XXVI

Horacio Say e os seus notaveis estudos econômicos sobre o Brasil e as relações commerciaes franco-brasileiras.

Nos fastos da Economia Politica, um dos mais célebres nomes é o dos Say, illustrado, como todos sabem, por diversos sociólogos dos séculos XVIII e XIX.

O primeiro destes pensadores é o famoso João Baptista (1767-1832), cuja influencia sobre os espiritos de seu tempo foi enorme, escusado é lembral-o. Facto curioso, tinha na familia um contradictor ferrenho e perenne na pessoa do irmão Luiz Augusto (1774-1840).

O filho de João Baptista, Horacio Emilio (1794-1860) tem o nome estreitamente ligado á historia da Economia Politica e da Sciencia das Finanças no Brasil.

Depois de estudar em Genebra, para onde o pai o enviara, pois a familia era calvinista rigida, foi aos Estados Unidos conhecer a industria manufactureira de tecidos de algodão. Pretendia o pai entregar-lhe a direcção de sua importante fabrica.

Da America do Norte resolveu o joven e futuro economista passar ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro nos primeiros dias de 1815.

Era, então, empregado de seu primo Miguel Delaroche, deputado, presidente do Tribunal de Commercio do Havre e rico armador.

Munido da procuração deste parente, partiu, pois, para o nosso paiz, em um de seus navios, com o fito de estudar as vantagens que offereceria a praça do Rio de Janeiro ao estabelecimento de uma grande firma.

Cahira o Imperio e a occasião parecia muito azada para a realização de tal empresa, no momento em que se iam restabelecer as relações commerciaes entre a França e Portugal.

Homem de larga e culta intelligencia, estudou Horacio Say, com afinco, as condições financeiras e commerciaes da

grande colonia portugueza. Voltando á França, após longa estada em nosso paiz, casou-se com Mlle. Chevreux-Aubertot, filha de riquissimo industrial, e abriu grande casa de commercio, tendo em vista, sobretudo, as transacções com o Brasil.

Assim documentado, pôde, em 1839, publicar excellente estudo, *Histoire des Rélations Commerciales entre la France et le Brésil,* onde muito se trata do commercio do café nos annos do Reino, do Primeiro Imperio e das Regencias.

Conselheiro Geral do Sena, Deputado á Assembléa Nacional, Juiz e Presidente da Camara do Commercio, Conselheiro Geral de Estado, autor de diversas obras apreciadas de economia politica e estatistica, emprehendeu, em 1848, grande inquerito sobre as condições da existencia da industria parisiense. Tal encargo tomou-lhe tres annos e valeu-lhe os maiores elogios.

Foi em 1857 eleito membro do Instituto de França.

Seu filho Léon Say (1826-1896) muito mais celebridade angariaria do que elle, como economista, parlamentar e homem de governo. E' tido á conta de um dos maiores valores intellectuaes de que pôde a terceira republica franceza dispor entre os seus estadistas da primeira plana.

Analisando a situação politica sul-americana de 1808, escreveu Horacio Say valiosas considerações, verberando a politica imperialista de Dom João VI, por Napoleão enxotado para o Brasil.

Aqui chegado, procurara, logo que poudera, aproveitar-se das difficuldades dos vizinhos para conseguir os fins tradicionaes da politica portugueza, incansavel reclamadora da posse da margem septentrional platina.

"Apesar da difficuldade das comunicações com a Europa, ainda seguiam as colonias hespanholas os impulsos da mãe patria; Buenos Aires defendia-se dos ataques dos inglezes.

Mas lá surgiam os mesmos germens de dissidio que na Hespanha. Um partido legitimista bourbonico combatia os partidarios do rei francez, e depois, tornando-se republicano, devia um dia conquistar a independencia do Prata.

Como era penoso para estes paizes verem-se estraçalhados pela guerra civil, antes ainda mesmo de pugnar pela propria liberdade! E quanto mais feliz o Brasil, que, sem guerra nem abalos, chegara a possuir governo proprio, residente em sua capital, o que o tornava independente da Europa!

Era comprehender bem mal as vantagens de tal situação, lançar-se como fizera o Principe Regente, numa guerra impolitica contra as provincias do Prata. Guerra esta que, du-

rante doze annos, de duração, só tivera como resultados arruinar as finanças brasileiras."

E, naturalmente, com estas, o commercio da colonia.

Uma guerra emprehendida pelo Brasil, no momento em que o paiz conseguia ter vida propria, só podia ser comparada á colera de uma criança que pela primeira vez sahia da andadeira.

Tivera este erro longas e deploraveis consequencias para a sua economia. Longe de poder sustentar exercitos, difficilmente encontrara a côrte de Lisboa, recem-transplantada ao Rio de Janeiro, meios para viver dos proprios recursos do Brasil, cuja receita ainda era muito restricta.

A renda alfandegaria constituia quase a unica fonte real de recursos. Não havia commercio externo senão com a Inglaterra, e, apesar do rapido desenvolvimento, mostrava-se bastante limitado.

Haviam os mercados ficado promptamente abarrotados de artigos manufacturados, e o Brasil não produzia ainda bastantes mercadorias para as offerecer em troca. Assim, as exportações européas tiveram de se espaçar.

A propria Inglaterra soffria, então, as consequencias dos sacrificios enormes feitos para sustentar a guerra européa e, com isto, seu credito se abalara.

O governo inglez, depois de ter feito emprestimos aos bancos, não podendo reembolsal-os, fôra obrigado a autorizar a estes a suspensão dos pagamentos em moeda.

Tornara-se forçada a circulação do papel. Este dinheiro, logo, se depreciara e a crise commercial, consequencia desta situação embaraçosa, não podia deixar de se fazer sentir em todos os paizes com que a Inglaterra mantinha relações animadas.

Por outro lado, o Principe Regente do Brasil via-se ás voltas com as maiores difficuldades financeiras. Esgotara os escassos recursos para mandar alguns subsidios aos exercitos que, na Europa, lutavam para lhe reconquistar o reino de Portugal.

Não sabia, ao mesmo tempo, como satisfazer ás exigencias dos cortezões emigrados que o rodeavam. Prodigalizava, é bem verdade, titulos, commendas e fitões; mas, era isto méro engodo, "caldo de pedra", para gente esfaimada. Assim, vira-se logo forçado a recorrer a todos os expedientes para obter recursos.

Monarcha absoluto, e de velha raça dynastica, lembrara-

se então das antigas tradições e começara recorrendo á alteração das moedas effectivas.

No interior do Brasil, faziam-se as transacções geralmente por meio da moeda de ouro.

Em 1811, corriam ainda muitas das de 6.400 réis, conhecidas na Europa pelo nome de portuguezas. Mas, o grosso da circulação residia nas peças de 20 patacas de valor intrinseco proporcionalmente menor. Era este dinheiro colonial.

O dinheiro de prata, muito mais raro, pagava-se com agio, que ia algumas vezes até cinco ou dez por cento, quando se queria trocar ouro por prata.

Não havendo minas de prata no Brasil, recebia-se este metal do Perú, sob a forma de pesos cunhados na casa da moeda de Lima. Valia o peso de 750 a 800 réis portuguezes. O governo do Rio de Janeiro imaginara comprar quantidades consideraveis destes pesos, fazel-os passar novamente pela prensa, dando-lhes, por meio desta operação, um recunho nominal de 960 réis.

Ao peso metamorphoseado, chamara tres patacas. Pagando, assim, as dividas com esta moeda adulterada, tivera o governo um lucro que se poderia adjectivar sob o mais severo epitheto. Elevara-se a 160 réis, mais ou menos, por peso, ou vinte por cento do conjuncto da fabricação.

Calculavam-se em quarenta milhões de pesos as quantidades compradas pelo Principe Regente durante os sete ou oito annos que durara tal operação, o que equivalia a mais de duzentos e dez milhões de francos, sobre os quaes os lucros realizados montaram de quarenta a cincoenta milhões.

Podia ser, porém, que esta avaliação fosse exaggerada.

Sendo licito aos particulares, pois, a exemplo do governo, pagar as dividas em prata de valor intrinseco, inferior ao da antiga moeda corrente do paiz, deixaram de satisfazer os compromissos em ouro.

As moedas de 6$400 e 4$000 réis tornaram-se mercadorias e desappareceram rapidamente do paiz. O dinheiro corrente do Brasil perdeu gradualmente o valor real. Precisou-se, portanto, dar maior quantia para se adquirir a mesma mercadoria, e pareceu ter havido alta em todos os artigos, quando só occorrera a depreciação do agente intermediario das transacções, o *circulating medium* dos inglezes.

Na mesma occasião, os mesmos phenomenos se manifestaram na Inglaterra, embora em circumstancias diversas. Não havia mais fixidez entre os valores intrinseco e relativo das duas moedas. Dahi, a incerteza na execução dos contractos a

prazo, perturbação nas transacções, variações subitas no curso dos cambios.

As circumstancias financeiras e monetarias deviam, pelo contrario, ser cada vez mais perturbadas. Por um lado, continuava o dinheiro brasileiro a se depreciar cada vez mais, emquanto, na Europa, pelo contrario, a libra esterlina ia se levantando, em virtude do reencetamento dos pagamentos em especie, por parte do Banco da Ingleterra.

Se as transações fossem, em todos os paizes, regulamentares e as estatisticas expressas por certa quantidade de metal, ouro ou prata, sob um titulo de determinada firmeza, a paridade das transacções em dois paizes differentes seria, naturalmente, o mesmo peso de metal, do mesmo titulo num logar e noutro. Não quer isto dizer que se poudesse comprar, em logares diversos, a mesmo mercadoria pelo mesmo preço.

Apenas sendo o transporte dos metaes preciosos facil e geralmente dispendioso, o mesmo metal poderia servir de intermediario para se compararem com alguma precisão, as valores entre paizes diversos.

Assim, uma compra feita no Brasil, no total de um kilogramma de ouro a 9|10 de titulo, poderia ser considerado o equivalente da compra realizada na Inglaterra pelo mesmo peso em ouro, sob o mesmo titulo.

"Mas, quando alguem quer comparar o valor de duas mercadorias, em logares diversos, servindo de intermediario de comparação das unidades abstractas, chamadas libras esterlinas, libras tornezas, piastras ou réis; e que estes mesmos nomes podem, em virtude de difficuldades financeiras, applicar-se a valores intrinsecos muito diversos, dahi, só decorrem incerteza e erro, observa H. Say.

O que se convencionou chamar o *par* de cada cambio, nunca passou, as mais das vezes, de idéia illusoria, e as variações monetarias foram sempre fataes ao commercio regular."

Assim, a velha politica financeira medieval dos réis moedeiros-falsos, mais uma vez, se applicara na monarchia lusitana.

E o seu campo de experiencia fôra o Brasil, com os resultados desastrados que Horacio Say assignala.

Após a abdicação de Fontainebleau, e dahi a pouco, passado Waterloo, reencetaram-se as transacções commerciaes entre a França e o Brasil, e os francezes foram muito bem acolhidos nos nossos portos, tanto mais quanto no paiz reinava, desde alguns annos, o pesado monopolio do commercio britannico.

Previdente como é, a Inglaterra, já desde 1809, se preparara para a eventualidade da concurrencia.

Os direitos alfandegarios haviam sido reduzidos de 24 a 16 por cento para as mercadorias vindas do Reino, mas os inglezes obtiveram, por via de um tratado de commercio, que as suas apenas pagassem 15.

Só em 1818 é que houve equivalencia entre mercadorias reinóes e britannicas.

Os francezes continuaram a pagar 24 apesar da embaixada do Duque de Luxembourg, com quem veio Saint Hilaire, em 1816.

Relata Say, com pormenores, quanto foram difficeis, hesitantes, perigosos, para os exportadores francezes os primeiros contactos com o commercio brasileiro.

Artigos de primeira ordem causaram grandes prejuizos, ao passo que os de pacotilha deixaram lucros por vezes fabulosos de quatrocentos e quinhentos por cento.

"E este commercio de pacotilha era a infancia do commercio maritimo."

Tornava-se preciso accrescentar-se que o governo francez, mal inspirado e algo retrogrado, não favorecera com medidas liberaes e modernas o tentame dos que viam no Brasil excellentes praças para a collocação dos seus productos nacionaes.

O Governo da Restauração (1815-1830), diz, severamente, o illustre economista, vivia a sonhar com o passado e mostrava-se cego em relação ao futuro. Pretendia o restabelecimento, puro e simples, do sistema colonial restrictivo, em sua essencia, tal qual existira antes da Grande Revolução.

E, no emtanto, que transformação immensa occorrera naquelle ultimo quarto de seculo!

O poderio commercial hespanhol e portuguez desapparecera, por completo, com a ruina da Peninsula, deixando immenso mercado vago na America do Sul.

Mas, a França obstinara-se em manter as taxas de privilegio para as producções insignificantes de suas colonias, semi-arruinadas pelas longas guerras, quando o que deveria ter feito era pensar no fomento do seu commercio proprio, metropolitano.

Para o café brasileiro, esta politica trouxera grande estorvo, subtrahindo-lhe um mercado enorme e rico, onde era tão reclamado, quando, na Inglaterra, e cada vez menos, se bebia a infusão da rubiacea.

Commenta Say:

"Não foi inhabilidade, senão loucura, por parte da França, repudiar a mais bella parte desta herança luso-hespanhola, para conservar relações exclusivistas com algumas ilhas francezas, que um sistema mais liberal teria tornado mais florescentes?

Era, com effeito, contentar-se com o direito de abastecer uma população de duzentos ou trezentas mil almas, renunciando á mais bella parte do commercio offerecido á Europa, pelos habitantes de um continente immenso. Era, emfim, restringir o monopolio do mercado de assucar e café, senhor de apenas algumas leguas quadradas de terreno, repudiando as producções de areas incomparavelmente maiores."

Este sistema colonial, mesquinho, prejudicou especialmente o commercio entre a França e o Brasil, perturbando os meios de se realizarem as trocas.

A venda não é senão a metade de uma troca, cuja compra e vem a ser complemento.

Cada nação só pode pagar o que lhe trazem, dando em retorno os productos de seu solo ou de sua industria.

Viam-se as mercadorias francezas vivamente reclamadas no Rio de Janeiro e a França recusava-se, no entanto, a receber o assucar e o café que o Brasil lhe offerecia. Só havia alli elementos para a metade de um commercio regular entre os dois paizes. Sem duvida, os negociantes se arranjavam, e do melhor modo, para attenuar taes inconvenientes.

E os pagamentos acabavam voltando á França; mas, constantemente, por vias mais longas e muito mais complicadas do que os proprios commerciantes nellas interessados jámais haviam imaginado.

Assim, por exemplo, um vendedor de productos manufacturados francezes, não podendo carregar nem assucar nem café para a França, tomava no Rio de Janeiro, como retorno, uma letra de cambio, pagavel em Londres. Era esta enviada por correspondencia a Paris, onde a negociava, a saber: vendia-a na praça.

Esta letra de cambio podia ser, então, comprada por um negociante de metaes, parisiense, que devia fazer a entrega a um banqueiro de Londres para cobrir um credito aberto a um negociante de S. Petersburgo, encarregado, por sua vez, de expedir barras de cobre.

E, neste caso, o cobre, chegando da Russia, fechava, para a França, a volta verdadeira de sua pacotilha, levada, dezoito mezes antes para o Brasil.

Os processos do commercio, o uso precioso das letras de

cambio, permittiam vencer, assim, muitos obstaculos, mas isto no fundo não impedia que os transtornos de uma má administração commercial se fizessem sentir, detendo o surto notavel que o intercambio poderia ter.

Um dos principaes effeitos de regime colonial restrictivo sobre o commercio com o Brasil fôra encarecer os transportes e elevar a taxa dos fretes.

"Os gastos da expedição de um navio devem ser pagos pelas mercadorias que elle transporta; a operação só acaba para o armador depois da volta ao porto de partida. Então, o commercio forneceu um carregamento para a viagem de ida, e fica impossibilitado de obter o carregamento de volta, e o navio é obrigado a regressar vasio. Torna-se evidente que a carga de ida deve reembolsar todos os gastos do armamento, e os preços de transporte das mercadorias são naturalmente dobrados."

Fôra o que acontecera até certo ponto com o commercio do Rio de Janeiro. Para lá se expediam mercadorias francezas, não se podendo trazer de volta, para o consumo da França, os artigos que as tarifas, proteccionistas das colonias francezas, repelliam.

Era devido á difficuldade dos navios acharem carga de volta para a França que se viam os productos nacionaes francezes transportados pelas marinhas estrangeiras. Muitas mercadorias francezas se encaminhavam, annualmente, para Londres e Liverpool, afim de serem carregadas, por navios inglezes para o Brasil, o Chile, o Perú ou a India.

Producto francez muito adequado para lastro principal dos carregamentos era o vinho dos departamentos meridionaes. Estava sendo transportado para o Brasil por navios estrangeiros, vindo ao porto de Cette para trazerem, na volta á Italia, ou alhures, o assucar e o café do Rio de Janeiro.

O commercio da França com a America Meridional fornecia dois exemplos notaveis de influencia dos meios de carga e volta sobre os preços dos transportes de ida. As taxas de frete das mercadorias manufacturadas do Havre para o Rio de Janeiro mantiveram-se muito tempo entre 80 a 100 fr. por tonelada maritima. Afinal, os armadores procuraram aproveitar a volta dos navios para embarcar algumas toras de jacarandá.

Fôra o ensaio feliz, empregando-se a essencia brasileira na marcenaria. A moda pegara para os mobiliarios.

Assim, fôra possivel despachar numerosos carregamentos desta madeira ao mesmo tempo pesada e atravancante, conse-

guindo-se um meio de tirar mais vantajoso partido das voltas dos navios enviados ao Rio de Janeiro.

Dahi proviera uma baixa de mais ou menos quarenta por cento sobre o frete de partida. E não se pagara mais de 50 a 60 francos por tonelada para o transporte das mercadorias do Havre ao Brasil.

Referindo-se ás fluctuações cambiaes do Brasil, annunciára Horacio Say, a verberar a má politica financeira do paiz:

"A depreciação da moeda de um paiz reconhece-se pelo encarecimento nominal de cada artigo, e tambem pelas variações do cambio com as outras nações; o cambio só é com effeito a constatação do valor relativo das differentes moedas correntes nas diversas praças.

Quando, num paiz qualquer o salario encarece, e ao mesmo tempo o trabalhador é obrigado, por outro lado, a pagar mais caro em proporção igual, tudo quanto precisa, se no fim de contas, com o mesmo gasto de forças e intelligencia no trabalho, não se acha nem melhor nem peor, torna-se evidente que nada encareceu realmente, apesar do augmento dos preços nominaes.

Sómente a moeda, neste caso, perdeu o valor. Como vale menos, é-se obrigado a dar maior quantidade de dinheiro, do que antes ao operario para pagar as cousas necessarias á vida."

Apontava Say aos seus leitores a predominancia enorme da finança ingleza sobre as transacções brasileiras.

A grande maioria das operações de cambio entre o Brasil e a França passava por Londres.

Causava especie não haver letras de cambio sacadas de Paris e Londres, sobre o Brasil, quando ellas abundavam neste paiz sobre aquellas praças.

A' primeira vista, parecia que no encontro de contas as operações se saldariam pelas sommas de que a Europa ficaria devendo ao Brasil. Mas, na realidade, não havia absolutamente transporte de numerario para compensar a chamada balança do commercio."

Assim por exemplo, frizava o economista:

"Um fabricante de Manchester manda mercadorias para o Rio de Janeiro. A unica operação que tinha em vista era obter o melhor preço para a sua mercadoria e reembolsar-se sem precisar especular sobre o assucar ao café, produzidos pelo Brasil.

Por outro lado, o commerciante de Londres, que tinha necessidade de receber café para alimentar o seu commercio com a Belgica ou Allemanha, não poderia conhecer ao mesmo

tempo os artigos de Birmingham ou de Manchester que conviriam aos brasileiros.

Preferia então dirigir-se a um corretor do Rio de Janeiro, pedindo-lhe direito de tomar, como reembolso da despesa, uma letra de cambio sobre elle sacada e pagavel em Londres.

Assim, o consignatario que vendera ao Rio de Janeiro as mercadorias enviadas pelo fabricante de Manchester, empregava o producto de venda para obter a letra que o comprador de café estava encarregado de sacar para o negociante de Londres, e, dest'arte, mandava esta letra de cambio ao fabricante.

O café tornava-se, portanto, o recibo fornecido pelo Brasil para a mercadoria fabricada e recebida da Europa.

Não havia, nesta operação, nenhuma troca de dinheiro de um paiz para o outro; a letra de cambio apenas servira, primeiro no Rio de Janeiro, para fazer passar o valor produzido pelos artigos manufacturados ás mãos do comprador de café e depois, na Europa, a fazer passar o valor do café ás mãos do fabricante que fôra o primeiro a applicar capitaes, fóra.

Ahi estava ao mesmo tempo um exemplo da divisão do trabalho felizmente applicado ao commercio internacional.

Explica Horacio Say aos seus leitores:

"Durante os primeiros annos do commercio entre a Inglaterra e o Brasil, as oscillações de cambio foram devidas á mobilidade do valor da libra esterlina; mais tarde ellas se deveram ás mudanças do valor da mesma moeda, brasileira.

Em 1808, por 1.000 réis do Brasil, obtinha-se uma letra de Londres de 70 dinheiros, fosse qual fosse a somma, era esta a base do calculo: em 1814, os mesmos 1.000 réis valiam 96 dinheiros, no anno seguinte o cambio voltou á base de 70; mais tarde, em 1826, só alcançava 46 e, afinal, em 1829, apenas vinte pence.

Durante o primeiro periodo destas variações, a alta do cambio fora devida á depreciação da libra. As finanças da Inglaterra andavam exhaustas pelas guerras continentaes, forçado fôra o governo inglez á suspensão dos pagamentos em ouro; tinha o papel curso forçado e o ouro alcançava grande agio.

Prova evidente de quanto a oscillação do cambio, no Rio de Janeiro, não procedia da variação do valor da moeda brasileira, é que nessa época o preço das mercadorias no Brasil não soffrera alta.

O assucar, o café, o peso hespanhol, a barra de ouro,

tudo mantinha os antigos preços, emquanto na mesma época o preço de todos os artigos haviam subido, pelo menos nominalmente, na Inglaterra. Nas operações de cambio entre Paris e Londres, a libra esterlina só valia 17 francos.

O curso dos cambios, no emtanto, só se põe ao par dos valores das moedas depreciadas após bastante tempo, e quando o commercio já soffreu perdas avultadas.

A libra esterlina attingira a maxima depreciação na Europa, em 1811 e o effeito desta não repercutira integral no Brasil antes de maio de 1814, época em que a taxa cambial subira a 96 dinheiros por 1.000 réis.

A paz não tardara a chegar, as finanças inglezas se restabeleceram, a libra esterlina retomara o antigo valor e o cambio com o estrangeiro o antigo nivel. A baixa que tivera o do Rio de Janeiro em 1815, nada mais fora do que o symptoma da volta da moeda ingleza ao estado normal.

Depois desta época, todas as variações de cambio entre o Brasil e a Europa se deveram a instabilidade da moeda brasileira.

A principio, pouco sensivel, o abuso das emissões de papel moeda, os emprestimos do governo, a suspensão do pagamento eu ouro, provocaram a depreciação gradual do valor da moeda do Brasil, crescente até 1829."

Em 1815, por 1.000 réis, obtinham-se 72 dinheiros. Por um franco bastava dar, então no Rio de Janeiro 150 ou 160 réis; mas em 1829, por 1.000 réis só se obtinham 20 pence; para um franco tornara-se preciso pagar 475 réis. A moeda do Brasil decahira assim do primitivo valor de mais de dois terços.

Era preciso dar muito mais dinheiro do que antes para comprar as mesmas cousas. Tudo encarecera ao mesmo tempo.

Assim, o peso da prata valia 830 réis em 1815 e 2.600 réis em 1829.

A arroba de assucar passára de 3.200 a 4.400 réis e a de café de 2.500 a 4.800.

Isto acontecia com todas as outras mercadorias. Assim é evidente que a depreciação attingira fortemente a moeda brasileira.

Infelizmente, as variações cambiaes impedem de se ter idéia exacta da dos preços particulares de qualquer coisa. Os commerciantes, os consumidores ficam constantemente preoccupados com o preço nominal das mercadorias.

Tudo então se mede por escala, que varia constantemente e a ruina é muitas vezes a consequencia de erros assim

accumulados. A arroba de assucar, que caira a 3.200 em 1815, subira, em 1829 a 4.400 réis; e no emtanto passára de 20 francos, em 1815, a 9 francos em 1829.

Houvera enorme baixa no preço dessa mercadoria, de uma época para outra; e, ao mesmo tempo, baixa ainda mais consideravel na moeda corrente no paiz.

Dahi a alta apparente do preço.

Que maleficio causavam taes oscillações ao commercio!

Commentava o illustre economista severa e justamente:

"Sejam quaes forem as luzes e a experiencia de um commerciante, é impossivel que consiga por-se a coberto de todas as eventualidades desfavoraveis, a que pode estar exposto, pelas crises financeiras como as que houve no Brasil.

Muito mais tarde, olhando-se para o passado, percebe-se a causa das crises atravessadas. Ha sempre por parte dos governos dissimulação nas medidas que tomam, sobretudo quando não existe a fiscalização da imprensa livre. Esta faltava ao Brasil sob o governo de D. João VI.

Além disto, os que dirigem os negocios publicos são quasi sempre incapazes de prever o effeito de seus actos impostos pela simples necessidade do momento.

Os governos dos fracos e ignorantes vivem na precariedade do dia a dia, compromettendo constantemente o futuro.

CAPITULO XXVII

A acuidade de vistas de Horacio Say — As estatisticas preciosas de Balbi — Commentarios brilhantes de Victor Vianna.

Com exacto descortino, percebeu Horacio Say quanto a prosperidade do Brasil não se processava homogeneamente, nas diversas zonas do paiz. Na Amazonia, immensa e deserta, mal havia a raça européa tomado posse do territorio.

Do Maranhão até a Bahia, depois do surto da industria assucareira na Europa, o unico producto exportavel, valioso, era, então, o algodão de bella e boa qualidade, produzido caramente, o que lhe entravava o commercio para maior gaudio dos productores norte americanos.

Tomára o Rio de Janeiro enorme desenvolvimento e este era devido ao café. A tal proposito publica o economista interessante e valioso quadro.

"Emquanto a Bahia e Pernambuco penosamente mantinham o seu nivel commercial, o Rio, de anno para anno, crescia em importancia e actividade. Augmentava a sua população rapidamente e o seu porto era cada vez mais procurado pelos navios de todos os pavilhões."

Na renda da alfandega fluminense encontrava o governo do paiz os principais recursos. O assucar vira as suas cotações declinar gradualmente; o algodão de Pernambuco, outrora tão procurado na Europa, perdera a antiga reputação, graças aos maus processos de sua producção e preparo.

O assucar mascavo valia, em 1816, réis 1.700 por arroba e 1.900, em 1826; mas a alta apparente correspondia a um poder acquisitivo menor; estes preços equivaliam a 79 fr. 10 por 100 kgs., em 1816, e a 66 fr. 40, em 1826, devido ao estado precario das finanças brasileiras.

A café, cotado a 2.400 réis, em 1816, attingia 6.800 em 1826, o que correspondia, em moeda franceza, a uma alta de 112 a 254 francos por cem kilos. Verdade é que baixára o

preço a 2.800 em 1826 mas houvera um lapso favorabilissimo a um verdadeiro *rush* de plantação da rubiacea a que se seguira uma depressão methodica.

Em 1821, cahira a cotação de 6.800 a 5.800.

Haviam sido os preços maximos por arroba:

Em 1822 — 5.700.
Em 1823 — 5.400.

Este anno fôra todo de baixa contínua.

Em 1824, estava a arroba a 3$800 e, no fim do anno, a 3$100! Em 1825, reagia o mercado, subindo os preços a 3$500. Mas já no fim do anno, cahiam a 3$000, chegando a 2$800, em principios de 1826.

A tal proposito, commentava Horacio Say, em 1837:

"Em 1820, era geral a alta do preço do café no mundo commercial. Proviera do facto de que a producção não pudera acompanhar as exigencias do consumo.

Com a paz geral de 1815, augmentára o consumo do café no continente europeu, em rapidas proporções.

Pedidos de suprimento provinham de todos os lados. E, ao mesmo tempo, a producção não conseguira, com identica velocidade, avantajar-se. O café não dá, como a canna, colheita no mesmo anno. Ao cabo de tres annos, a sua producção, mesmo nas terras mais ferteis do Brasil, é assás fraca.

A alta de 1820 foi poderoso incitamento á cultura. Nesta época, numerosas lavouras se abriram nos arredores do Rio de Janeiro.

O solo das montanhas que circundam a cidade é muito favoravel á cultura. A canna é plantada nas varzeas, ao passo que o cafeeiro, assim como a vide, dá-se muito bem nas collinas.

Todo o trabalho consiste em conservar limpo o terreno do cafesal e fazer a colheita em época opportuna.

A totalidade das empresas de plantações deste genero deram bons resultados.

Exprobravam ao café fluminense ligeiro sabor terroso, adquirido pelo facto de o seccarem em terreiros de chão argilloso. Com um pouco de cuidado, seria facil remediar este inconveniente ligeiro.

Sobre cerca de 60 milhões de kilogrammos de café, annualmente exportados do Brasil, 55 provinham da provincia do Rio de Janeiro.

Em vinte annos, esta producção decuplicára, tendo contribuido muito para a prosperidade desta parte do Imperio."

De Adriano Balbi, veneziano, fidalgo da Republica Serenissima e sábio geógrapho (1782-1848) fazem os biógraphos elevado conceito.

Distinguira-se pela originalidade das idéias já ao publicar, em 1805, o seu primeiro trabalho geográphico, descrevendo as terras segundo as bacias hydrographicas.

Muito considerado por um dos principaes pontifices da geographia de seu tempo, Malte Brun, delle se tornara grande amigo. Terminou a vida coberto de justo prestigio, graças á intelligencia e á probidade dos seus trabalhos.

Negocios de familia o levaram a Portugal, onde se demorou bastante tempo collectando volumosos e valiosos elementos com os quaes redigiu o seu *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve comparé aux autres états d'Europe*, a que se seguia o *Coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les portugais des deux hémisphéres* (1882).

Nada até então se vira tão completo e tão exacto sobre a monarchia lusa. Vejamos o que neste tratado se contem que interesse o nosso escopo. Entende o geógrapho que o intercambio commercial luso-brasileiro summamente vantajoso ao Reino, melhorara sempre com as sábias medidas do reinado de D. Maria I.

Os productos principaes do Brasil, importados por Lisboa, Porto, Figueira da Foz, Vianna, Setubal e Villa do Conde eram sobretudo assucar (a grande distancia do resto): algodão, pelles e couros; cacau, ouro, fumo, café, arroz e anil. Vinham depois distanciados a quina, a salsaparrilha, a poaya, as madeiras tinturiaes e de construcção, diamantes e pedras, aguardente, canella, côcos oleos, gengibre, copahyba. O pau brasil, os diamantes e o ouro, o fumo, sal, oleo de baleia e barbatanas eram monopolios reaes.

As exportações portuguezas consistiam em vinhos, azeite, drogas, productos chimicos, metaes, papel, livros, vidraria. Os principaes portos brasileiros vinham a ser Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Um quadro do commercio luso-brasileiro, de 1796 a 1819, mostra o que, apesar de tudo, pouco variou o intercambio luso-brasileiro neste periodo assaz longo de vinte e cinco exercicios financeiros.

No lapso de 1796 a 1800 foram as importações do Brasil equivalentes a 131.560.000 cruzados e as exportações

128.521.000, donde um saldo a favor do Brasil de 3.039.000 cruzados, ou sejam rs. 1.215:600$000. No heptennio de 1801 a 1807 subiram as importações a 224.217.000 cruzados e as exportações para o Brasil a 167.260.000 cruzados, ou sejam a favor da balança brasileira 56.949.000 cruzados equivalentes a réis 27.079:600$000.

Impressionante o quadro do periodo da fuga de D. João VI e da invasão de Portugal pelos exercitos napoleonicos.

Annos	*Exportação brasileira*
1808	1.367.000
1809	12.048.000
1810	9.208.000
1811	9.083.000
1812	9.969.000
1813	11.991.000
Total	53.666.000

	Importação brasileira	
1808	3.777.000	Cruzados
1809	8.594.000	"
1810	7.331.000	"
1811	6.981.000	"
1812	6.159.000	"
1813	8.968.000	"
	41.810.000	"

Assim ainda houvera um saldo credor do Brasil no valor de 11.756.000 cruzados, ou 14.702:400$000.

São eloquentissimas estas cifras, mostrando quanto se arruinara o commercio do Brasil em 1808, reduzidas as exportações de 34.819.000 cruzados em 1807 a 1.367.000 no anno seguinte, diminuidas as importações da Europa de 17.038.200 cruzados a 3.777.000!

Impuzera-se a abertura de portos ao commercio universal e a prova de tal é que de 1808 a 1809 as exportações e im-

portações brasileiras passaram respectivamente a 12.048.000 e a 8.594.000.

Voltando a paz, verificara-se a subida gradativa das cifras. Se o assucar baqueara com a introducção da beterraba, o café era a nova escora do commercio brasileiro como se vê do seguinte quadro:

Annos	*Exportação brasileira*
1814	17.514.000
1815	22.648.000
1816	24.159.000
1817	20.772.000
1818	24.115.000
1819	18.792.000
Total	128.000.000

	Importação brasileira	
1814	14.228.000	Cruzados
1815	20.584.000	"
1816	25.760.000	"
1817	21.419.000	"
1818	19.849.000	"
1819	16.336.000	"
	118.176.000	"

ou seja um saldo em nosso favor de 9.824.000 cruzados equivalentes a réis 3.929:600$000. Longe estavam os dias prosperos de fins do seculo XVIII até 1808, mas é que agora o Brasil commerciava com todos os portos do Universo. Insere Balbi uns quadros geraes do commercio luso-brasileiro em 1796, 1806, e 1819. Mas infelizmente pouco pormenorizados; assim, sob a rubrica viveres, resume: assucar, cereaes, café, cacau, etc.

Para o Brasil os principaes portos deram para as importações portuguezas:

	1796	1806	1819
Rio de Janeiro	3.702.181$721	4.670:310$810	1.356:815$956
Bahia	3.960:500$062	3.284:648$868	2.010:594$280
Pernambuco	2.250:368$335	3.817:755$682	2.230:694$190
Maranhão	1.055:355$510	1.527:719$040	1.245:810$650
Pará	297:429$127	785:928$941	452:715$633
Parahyba	153:387$722	—	—
Santos	55:641$458	—	—
Ceará	—	67:362$650	226:453$360

O quadro das exportações portuguezas para os mesmos portos foi sempre segundo Balbi:

	1796	1806	1819
Rio de Janeiro	2.474:170$036	3.015:506$966	2.533:962$566
Bahia	2.069:637$404	2.110:468$965	1.520:543$485
Pernambuco	1.383:924$447	1.788:795$289	1.486:830$800
Maranhão	634:599$945	851:600$767	602:745$730
Pará	330:464$055	652:559$302	299:103$013
Parahyba	42:279$822	—	—
Santos	47:280$536	—	—
Ceará	——	27:166$610	103:553$560

Adverte o geógrapho que nos quadros de 1806 a 1819 incluira nas cifras do commercio fluminense as de S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Tambem, no quadro de 1796, englobara o commercio do Ceará no de Pernambuco.

Assim, para os principaes portos do Brasil havia o commercio total sido o seguinte em numeros redondos:

	1796
Rio de Janeiro	6.177 contos
Bahia	6.030 "
Pernambuco	3.634 "
Maranhão	1.690 "
Pará	628 "

1806	1819
7.686 contos	3.890 contos
5.395 "	3.531 "
5.606 "	3.711 "
2.379 "	1.848 "
1.438 "	752 "

Mostra este quadro quanto perdera o commercio portuguez com a abertura dos portos a todos os pavilhões.

Fôra o valor das transacções com os cinco principaes portos brasileiros de

Em 1796	18.159:000$000
" 1806	22.504:000$000
" 1819	13.732:000$000

O café que, cada vez, avultava mais, ia directamente para os portos do norte da Europa e para os Estados Unidos.

As nações haviam adquirido mercadorias brasileiras nas praças portuguezas.

	No valor de
Em 1796	9.883:946$717
" 1806	14.506:024$046
" 1819	4.469:111$971

Mas não eram só as invasões francezas no Reino, dizia Balbi, e sim sobretudo o funestissimo tratado commercial luso-britannico de 1810 a causa da ruina não apenas do commercio como da pequena industria portugueza, como indicava o quadro dos productos manufacturados recebidos no Brasil e de procedencia reinol:

Em 1796	1.753:670$407
" 1806	1.919:765$767
" 1819	1.242:762$416

Ao sr. de Freycinet, communicou Balbi numerosos dados de que o navegador se utilizou no relato de sua viagem circumnavegatoria como por exemplo o seguinte:

Quadro do assucar e do café exportados do Rio de Janeiro em 1775, 1796 *e* 1806

Annos	*Portos*	*Generos*	*Arrobas*	*Valor*
1775	Lisboa	— Assucar	125.000 (assucar)	125:000$000
	Porto	— Id.	13.000 (assucar)	13:000$000
1796	Lisboa	— Id.	285.000 (assucar)	527:250$000
	Porto	— Id.	305.000 (assucar)	564:250$000
	Lisboa	— Café	5.998 ½ (café)	19:795$050
	Porto	— Id.	2.496 ½ (café)	8:106$450
1806	Lisboa	— Assucar	382.000 (assucar)	725:800$000
	Porto	— Id.	62.245 ½ (café)	248:990$000
	Lisboa	— Café	20.000 (café)	80:000$000
	Porto	— Id.		

Os preços médios haviam sido por arroba:

Em	1775	assucar branco	1.200
"	"	Id. mascavo	800
"	1796	assucar branco	2.450
"	"	Id. mascavo	1.250
"	7806	assucar branco.	2.200
"	"	Id. mascavo	1.600

E para o café:

Em	1796	3.300
"	1806	4.000

De 1818 em deante avultara a exportação cafeeira para Lisboa. Cifrava-se pelos seguintes dados:

Em 1818:

5.643 saccas ou .. .. 22.572 arrobas

Em 1819:

9.432 saccas ou .. .. 37.728 arrobas

Em 1820:

22.435 saccas ou .. .. 89.740 arrobas

Quadruplicara, pois, quasi, em dois annos.

O commercio crescia immenso no Rio de Janeiro, de accordo com o quadro:

Annos	*Navios portuguezes*	*Estrangeiros*
1805	810	—
1806	642	—
1807	777	1
1808	765	90
1809	822	83
1810	1.214	422

Faltavam os dados positivos de 1811 a 1818, mas a mé-

dia do quinquennio de 1810 a 1815 fôra tanto para os barcos navegando sob a bandeira portugueza como sob os pavilhões estrangeiros.

Em 1819 e 1820 estes numeros haviam sido:

Em	1819	1.313	340
"	1820	1.311	354

Enorme a predominancia dos navios inglezes: 188 em 1819 e 180 em 1820, dos quaes já a vapor 13 e 11 respectivamente. Vinham depois os americanos, quasi que só occupados com o transporte do café: 80 em 1819 e 63 em 1820. Seguiam-se os francezes: 35 e 46, tambem grandes transportadores de café para o Havre.

Dos navios brasileiros 1.043 eram de cabotagem num total de 1.250 em 1819, e 1.092 sobre 1287 em 1820. A navegação mais activa demandava Campos, Rio Grande, Santos. Mais de metade desses navios provinha de portos fluminenses Campos, Paraty, Angra, Cabo Frio, Macahé, Barra de S. João.

Não havia um só barco a vapor na frota mercante brasileira.

Com todo o acerto escreve Victor Vianna em sua *Historia do Banco do Brasil.*

"Os grandes portos do Brasil soffreram durante o periodo colonial as restricções impostas pelo regimen de monopolio, mas, por outro lado, muito ganharam com as condições da navegação do tempo."

E realmente as naus da carreira das Indias fazendo escalas sobretudo na Bahia e em Pernambuco determinavam movimento intenso de commercio e a introducção de productos orientaes como tecidos e louças principalmente. Dahi a abundancia de riquissima porcellana de procedencia chineza outróra existente sobretudo na Bahia, de onde em época contemporanea os judeus antiquarios transportaram para a Europa e geralmente por infimo preço valiosissimos especimens numerosos de arte do Extremo Oriente.

Nada mais real do que estes conceitos do nosso distinctissimo sociologo.

"Em dois seculos e meio de colonização o Brasil já exercia uma influencia economica no mundo: — Exportador de madeiras e de ouro; primeiro produtor de assucar que tinha sido no seculo XVII, já começando outras culturas tropicaes

como o café e o algodão, elle, no principio do seculo XIX possuia commercio relativamente importante e que só era estorvado pelo regimen de monopolio que se tornara nos fins do seculo XVIII mais rigoroso do que nos primeiros tempos da colonização.

A exportação de 1796 até 1806, no periodo colonial, foi mais ou menos a seguinte: 1796, 11.475 contos; 1797, 4.258; 1798, 10.816; 1799, 12.584; 1800, 12.528; 1801, 14.776; 1802, 10.353; 1805, 13.948; 1806, 14.157.

A importação do mesmo periodo foi assim calculada: 1796, 6.982; 1797, 8.525; 1798; 10.668; 1799, 15.800; 1800, 9.432; 1801, 10.808; 1805, 8.505; 1806, 8.415.

Exportavamos na média de 23.100 toneladas de assucar; 5.600 de algodão; 3.600 de couros; 1.500 de café, 1.500 de arroz e 1.200 de cacáu."

Depois de se referir ao nosso meio circulante colonial commenta Victor Vianna tratando dos primeiros annos oitocentistas:

"A prosperidade economica acentuava-se apesar do regimen colonial e a mentalidade do povo reagia, protestando contra o systema de oppressão, reinante no paiz quando os economistas na Europa pregavam a liberdade commercial que os governos iam mais ou menos applicando.

A trasladação da Côrte de D. João VI, para o Rio de Janeiro, modificou e precipitou a situação.

No fim do regimen colonial havia terrivel despotismo economico.

O governo metropolitano monopolizava as vendas de uma porção de productos, de quasi tudo que o Brasil importava em grande quantidade, monopolizava a navegação, centralizava quasi tudo em Lisboa, regularizava a exportação, cujas remessas dependiam de fiscos draconianos.

Aos demais, concessões absurdas davam direito de passagem a uma porção de particulares. Para caracterizar a situação, basta dizer que, nas proximidades da capital da Bahia, ainda no principio do seculo XIX, havia vias para cuja passagem era preciso pagar uma taxa a concessionarios da corôa...

Havia relativa facilidade de exportação, e o Rio era o entreposto para o Oriente e para os contrabandos e, depois, para o commercio livre do Prata, mas varios monopolios como o do Páo Brasil, varias restricções como as de algodão, prejudicavam e, ás vezes, arruinavam os exportadores.

Para obter varias licenças precisavam os colonos ir a Por-

tugal ou a outra colonia africana que por ostentação de força a metropole estabelecia como séde de jurisdicções.

Tudo isto encarecia a vida, impedia a installação de fabricas, difficultava o commercio.

Varias culturas e todas as manufacturas, a não ser a de tecidos de algodão, para escravos, eram extremamente prohibidas.

O regimen era oppressor, lesivo, e aberrava de todas as idéias que iam dominando na Europa e iam sendo applicadas nos Estados Unidos.

Emquanto se extinguiam barreiras, nas grandes nações, da Europa, aqui, de capitania a capitania, havia uma porção de impostos vexantes, taxa de passagem, que impossibilitavam em muitos casos a livre circulação de mercadorias.

Não podiam os brasileiros plantar oliveira, cultivar o trigo, fazer vinho, fiar e tecer o seu proprio algodão, para que se enriquecessem com as peças de monopolio os productores portuguezes e os intermediarios de Lisboa, que iam comprar em Londres, por um, para os vender por mil.

E' facil imaginar que impressão causariam, em brasileiros cultos, vivendo num paiz sujeito a tão violento regimen de prohibição e monopolio, as idéias libertadoras de Adam Smith e Jean Baptiste Say.

De facto, todos os documentos que há sobre o Brasil, no começo do seculo XIX, demonstram a acção benefica do liberalismo. O parlamentarismo inglez, a independencia norte-americana, a revolução franceza, mostravam então como se devia fazer para applicar as idéias liberaes.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú, antes da vinda de D. João, paraphraseando Gournay, formulou no seu tratado de economia politica, o novo ideal: — deixae fazer, deixae passar, deixae vender."

Era um grito revolucionario.

Em 1807, o Conde da Ponte, o mesmo que recebeu e promoveu tambem a carta régia, abrindo as portas do Brasil ás nações amigas, apresentou a diversas notabilidades da Bahia quesitos sobre a situação economica e financeira.

Todas as repostas, depois impressas em Lisboa, em 1821, clamam pela liberdade commercial, incompativel, no tempo, com a sujeição colonial.

Todos os documentos da época revelam a mesma mentalidade.

A abertura dos portos em 1808 foi a consequencia do desapparecimento momentaneo da vida economica de Portu-

gal e da exigencia formal da Inglaterra, no tratado secreto de Londres, sobre a trasladação da Côrte de Lisboa para o Rio de Janeiro; mas, se era impossivel conservar em Lisboa o entreposto forçado da importação do Brasil, quando Portugal estava em poder dos inimigos do regente; se era impossivel fugir aos compromissos com a Inglaterra, não era possivel tambem olvidar a nova mentalidade brasileira, da qual José da Silva Lisboa era a maior expressão.

O Conde da Ponte e o Conde de Linhares, eram enthusiastas de Adam Smith, e dahi a ligação official de José da Silva Lisboa á carta régia da abertura dos portos."

Um tanto forçadas, parecem-nos as conclusões do douto economista.

"O que não resta duvida é que, se a vinda de D. João para o Brasil não apressasse a abolição do regimen colonial, se não extinguisse monopolios e as prohibições e restricções, se não estabelecesse a liberdade commercial e industrial, os brasileiros, ávidos de maior progresso, influenciados pelas novas idéias, sob o impulso de um economista do valor do Visconde de Cayrú, teria feito a revolução da independencia em 1808 a 1809, antes da separação das colonias hespanholas."

Mais exactos se nos apresentam estes conceitos.

"A vinda da Côrte aboliu o regimen colonial; deixámos de ser colonia e esta situação retardou de facto a independencia, porque independencia já tinhamos e o que era preciso, para livre expansão do paiz, era a separação."

Expondo os seus modos de ver acerca da influencia dos economistas sobre os acontecimentos que determinaram o nascimento do Brasil nação, affirma Victor Vianna:

"O Conde de Linhares, enthusiasta dos novos principios economicos, cobriu de honra a José da Silva Lisboa, a quem deu uma cadeira de economia politica no Rio de Janeiro.

Depois os economistas continuaram a dirigir o movimento da independencia.

No jornal de Silva Lisboa, no *Correio Brasiliense,* que Hyppolito tinha em Londres, no *Reverbéro,* de Joaquim Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barbosa, e as idéias dos novos mestres da economia politica refulgiam e as revisões dos impostos, os protestos contra as tentativas portuguezas de recolonização, as indicações para os emprestimos da independencia, para as proprias reformas politicas, estão impregnados dos então novos principios economicos, e em todas as exposições e demonstrações apparecem citações dos economistas, principalmente de Adam Smith e João Baptista Say.

José Bonifacio, Martim Francisco eram tambem discipulos dos grandes economistas que reformavam as idéias na Europa, e o ultimo foi, de facto, como Cayrú, um technico de alta cultura.

Assim, o preparo da mentalidade liberal que exigiu a independencia e separação de Portugal foi, em grande parte, principalmente obra de economista. Foram os economistas os verdadeiros *leaders* da independencia nacional."

Há talvez ahi alguma generalização excessiva, mas, incontestavelmente, grande dóse de verdade existe nesta affirmação categorica. Parece-nos, comtudo, que tambem se deve attribuir parte precipua e tão notavel quanto á outra, no complexo dos determinantes da Independencia, á intensidade dos sentimentos americanistas, reflectidos numa consciencia brasileira separatista, que Lord Macartney já em 1792 tão vehemente surprehendera no Rio de Janeiro.

CAPITULO XXVIII

O primeiro lavrador illustre de café no Brasil. O conde Theodoro van Hogendorp, o "Carvoeiro Solitario" do Corcovado.

Entre os estrangeiros notaveis que viveram em nosso paiz, figura, na primeira plana, o neerlandez Conde Theodoro van Hogendorp, sobre quem já muito se tem escripto.

Ainda recentemente, empenhou-se, e com o maior afinco, o ministro plenipotenciario da Hollanda, dr. Pleytte, em identificar a casa onde o illustre exilado voluntario, seu compatriota, passou os annos melancolicos e derradeiros de sua existencia.

Afinal, após arduas pesquisas e poderosamente auxiliado por Baptista Pereira, pôde ver a moradia do primeiro alienigena de renome que, em nosso paiz, se occupou do plantio da rubiacea, obtendo uma lavoura que, em seu tempo, teve o maior renome.

Notavel trabalho coube então a Goulart de Andrade, para descobrir os restos da casa de Hogendorp, e conseguir sua identificação. Incumbido de tal pesquisa por parte da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, desempenhou-se de tal commissão com superior argucia e extraordinaria consciencia, de tudo fazendo minucioso e longo relatorio, estampado na imprensa carioca. Depoimento este que causou a mais viva curiosidade, vendo-se frequentemente citado.

Oriundo de familia patricia da Hollanda, nasceu Theodoro van Hogendorp em Rotterdam, a 13 de outubro de 1761. Muito jovem, ainda, entrou para o exercito prussiano, tendo sido brilhante alumno da famosa Escola de Cadetes de Berlim, criada por Frederico o Grande.

Capitão de granadeiros, aos vinte e um annos de idade, voltou para a Hollanda. Mandaram-no para Java, onde, durante assaz largo prazo, exerceu importantes cargos, civis e

militares. De regresso á Europa, serviu com distincção em diversas missões diplomaticas.

Ministro da Guerra de Luiz Bonaparte, passou após a abdicação do ephemero rei, mais amigo dos subditos eventuaes do que do irmão e protector, ao serviço da França, como ajudante de campo de Napoleão I, a quem prestou relevantes serviços na organização de tropas.

Promovido a general e feito conde, distinguiu-se como governador da Lithuania, no decurso da terrivel campanha na Russia, pelas providencias com que procurou proteger a retirada dos destroços do Grande Exercito.

Em 1813, nomeou-o Napeloão para o commando da praça forte de Hamburgo, como lugar tenente de Davoust, na defesa daquella importante cidadela, onde serviu até á capitulação final.

Durante os Cem Dias, conservou-se sempre ao lado do Côrso. Bateu-se com bravura em Ligny e Waterloo, e, após a quéda do imperial e admiradissimo amo, quiz acompanha-lo a Santa Helena. Como não oconseguisse, exilou-se voluntariamente, vindo terminar no Brasil a agitada existencia.

Chegando ao Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1817, recusou alto posto militar que lhe offereceu D. João VI, recolhendo-se á solidão pittoresca da Tijuca, — "longe dos homens, dos acontecimentos e das vicissitudes deste miseravel mundo, para só se occupar do cultivo da terra e do estudo da natureza, que era ali mais bella do que em qualquer outra parte do mundo, onde tinha estado" — escrevia, pouco depois, ao irmão, Guilherme.

"Tenho horror aos homens e não posso mais viver senão com os macacos e papagaios que abundam nas mattas deste paiz e são geralmente muito gentis e bonitos" — explicava, no dizer de seu biographo J. A. Silom de quem Alfredo de Carvalho se valeu para o seu estudo sobre o nosso exilado.

Tendo adquirido a chicara *Nova Sião,* á sombra majestosa do Corcovado, dedicou-se inteiramente á vida agricola.

Em companhia dum veterano prussiano, seu ordenança em varias campanhas, e de alguns pretos, a quem déra a liberdade, logo que os comprára, cultivava a sua propriedade com esta paixão pela agricultura tão caracteristica dos hollandezes", informa o eminente pernambucano.

"Se bem que a existencia dos habitantes de Nova Sião fosse bastante solitaria, diz seu biographo — "é falsa a supposição de que Hogendorp vivesse como misanthropo. Na realidade, encontrára ali o que tantas vezes procurára durante

os ultimos mezes da angustiada permanencia em França; um retiro num bello clima, onde, com moderada actividade, sem tédio e sem cuidados cruciantes, poudesse aguardar a hora extrema da vida accidentada."

Esta é a impressão que deriva da leitura de todas as cartas escriptas por elle nos seus cinco derradeiros annos."

Construindo singela habitação puzera-se a derrubar largo trecho da matta, afim de fabricar carvão, que mandava vender no Rio de Janeiro.

Elle proprio apreciava muito intitular-se o *Carvoeiro do Corcovado*.

Aos poucos foi substituindo a floresta por uma lavoura de café, consideravel para a época, pois chegou a contar 30.000 pés, cifra bem avultada até 1820, para uma fazenda.

No quarto anno de permanencia no Rio de Janeiro, enviou á Hollanda amostras do producto da primeira safra e seus irmãos puderam attestar a boa qualidade e a grande procura do café da Nova Sião. Em outros pontos da chacara plantou laranjas que chegaram a dar 80.000 fructos num anno.

Encetou Hogendorp o fabrico de vinho de fructas e, depois de estudar, attentamente, um manual francez e realizar varios ensaios infelizes, conseguiu preparar uma bebida acceitavel.

Contava dahi auferir algum lucro devido aos elevados impostos de importação sobre os vinhos europeus. Distillava ao mesmo tempo um licor extrahido das grumixamas, abundantissimas no logar. Dispondo de algumas vaccas tambem fabricava manteiga que gabava poder rivalizar com a de Delft e era muito apreciada pelos seus amigos brasileiros.

Estas occupações tomavam-lhe a maior parte do tempo. "Das suas cartas transpira a mesma animosa disposição de espirito que, vinte cinco annos antes, o impellira, em Java, a tão numerosos emprehendimentos."

A's vezes descia á cidade, distrahindo-se em visitar pessoas amigas que muito lhe presavam a conversação erudita. Apreciava dissertar sobre a politica, o presente e o futuro economico do Brasil. Tambem discorria muito sobre os factos de que fôra comparticipe, ou testemunha, daquella epoca agitadissima e sobremodo illustre em que actuara.

Visitantes numerosos, attrahidos pela fama de suas aventuras, e o respeito pela nobre fidelidade ao seu soberano deposto, iam procural-o. A todos acolhia com a maior cordealidade entretendo captivante palestra.

Escreve Alfredo de Carvalho:

"Nenhum navio hollandez, mercante ou de guerra, aportava ao Rio de Janeiro, sem que o commandante e officiaes deixassem de levar as suas homenagens ao exilado, cuja nomeada era tão ruidosa na patria; delles recebia a reconfortante certeza de haver ainda alli gente sensata e respeitavel que o considerava injustamente malsinado."

O viajante prussiano Theodoro von Leithold, que visitou Hogendorp em 1818, teve frases de sincero enternecimento ao registrar a tranquilla resignação do illustre exilado, absorvido no piedoso culto do semi-deus, cuja fortuna acompanhara lealmente até á catastrophe final.

Depois de breve, mas muito substanciosa conversa (cujo conteúdo reproduziu em resumo), Leithold quiz voltar á cidade; o general, porém, insistiu que ficasse para jantar; não tinha portador para mandar avisar o cunhado do visitante de que este estava em boas mãos; mas, no dia seguinte iria em pessoa assumir a responsabilidade do acto.

Finalmente Leithold cedeu, com o que Hogendorp mostrou-se tão alegre como uma criança. Entraram em casa. Aos lados de pequena sala de frente jaziam almofadas turcas e da parede fronteira á porta pendia um retrato, que o prussiano attribuiu ao pincel de David. Uma alcova contigua estava cheia de viveres e garrafas de vinho, e numa secretária havia pequena colecção de livros. Vinha depois o quarto de dormir do general, cujo leito, em forma de esquife, estava pintado de preto e provido de gavetas e dum mosquiteiro.

"Aqui desejo morrer, se Deus não determinar o contrario" — disse o ancião, emquanto conduzia o hospede a uma casinha ainda menor, habitada por um casal de pretos e um filho destes, de oito annos — "Este é o meu unico creado e jardineiro" e esta a minha cozinheira", disse apontando a mulher.

A casinha constava apenas de um quarto, a leiteria e a cozinha. Sob telheiros proximos viam-se um cavallo, quatro vaccas e alguns porcos.

Percorreram em seguida o jardim, a adéga, escavada na rocha, onde o general fazia fermentar o seu vinho de laranjas e, por fim, o cafesal.

A refeição foi copiosa e succulenta, faltando apenas pão, e á mesa, o general mostrou-se muito expansivo e verboso. Ao despedir-se, quiz Leithold comparar-lhe a vida a dum ermita; mas, Hogendorp o interrompeu dizendo:

— "Já sei o que quereis dizer; pretendeis comparar-me

a Robinson Crusoe; assim me denominam todos os que aqui me visitam."

— Conheci o general Hogendorp, termina o viajante a sua narrativa, em Homberg, na Prussia, quando seguia para Wilna a assumir o governo da Lithuania, cercado de tropas brilhantes, e agora vinha encontral-o num outro continente, recolhido á solidão duma chacara perdida em meio da floresta, tendo renunciado definitivamente ás magnificencias mundanas.

"Oh! esplendor e grandeza! O lado sóbrio da vida é frequentemente o mais feliz, porque está mais proximo do supremo porto do descanso."

Outro visitante de Hogendorp cujo nome é celebrado em nossa xenobibliographia, foi Maria Graham.

Em 1822, poucas semanas antes da morte do general, procurou-o em seu retiro.

Mostrava-se ainda o bello homem que fôra; alto, mas não esguio, conservava altivo porte marcial. Nos olhos pardos lhe rebrilhava a intelligencia ainda vivaz. Era-lhe a voz sonora, exprimia-se com grande pureza de linguagem e vigor de expressão.

Conduziu a distancia visitante e seus companheiros á espaçosa varanda, onde passava a maior parte do dia, e alli lhes offereceu café, leite e manteiga fresca, productos da chacara.

Mostrou-lhes depois a sua casinha, tres quartos sómente; no gabinete havia alguns livros, dois ou tres moldes de baixo relevos antigos e varios mappas e gravuras. Em outro aposento havia um deposito de barris de vinho de laranja e de licôr de grumixama.

A Mrs. Graham impressionou o aspecto do quarto de dormir do amigo de Napoleão, a quem chama espirito excentrico. Pelas paredes da camara, pintadas de negro, surgiam esqueletos humanos de tamanho natural, em todas as attitudes imaginaveis. Recordaram á viajante ingleza a famosa Dansa Macabra de Holbein.

Percorrida a casa levou o general os hospedes ao viçoso jardim que a circumdava.

"Ahi demorou-se amavelmente, elogiando o brilho, o aroma e a variedade das flores, gabando o delicado sabor das fructas e louvando o ameno clima do paiz; lamentou apenas a incuria e a indolencia dos habitantes, deixando desaproveitadas tantas dadivas magnificas com que o Criador os cumulara."

Curioso encontro teve Mrs. Graham notando a presença de uma das pretas libertas que trazia no nariz um argolão, á

moda de Java, terra da qual o solitario parecia recordar-se com especial prazer.

A sua maxima preoccupação era naquelles ultimos annos de vida o desejo de justificar-se das accusações numerosas e acerbas, por vezes, de que continuava a ser victima na Europa. Para tal fim redigia as suas memorias. Dellas leu a Mrs. Graham largas paginas.

"Não tenho duvida que sejam fidedignas, commentou a viajante, e certo fornecerão um capitulo interessante para a historia de Napoleão."

Vinha Hogendorp de ha muito, desde a chegada ao Brasil, coordenando os elementos de sua defesa; já a 10 de agosto de 1819 escrevia ao irmão Guilherme:

"Redijo as minhas memorias para o meu filho; a posteridade me julgará e não quero que o meus descendentes córem por minha causa."

Não pôde porém concluir este livro, de reminiscencias, victima que foi mais da saúde precaria do que da idade avançada.

A 29 de outubro de 1822 fallecia. Com solicitude acompanhou-lhe D. Pedro I os ultimos dias, enviando-lhe medicos e recursos de toda a especie e ordenando fosse o seu funeral feito com toda a pompa.

Como se tratasse de protestante, foi Hogendorp sepultado no cemiterio inglez da Praia da Gambôa.

"Particularidade curiosa annota Alfredo de Carvalho, documentado por Maria Graham: ao ser amortalhado o cadaver, verificou-se que o tronco estava coberto de tatuagens, certamente executadas durante a permanencia do Conde no Oriente."

Sempre tivera Hogendorp aliás as melhores relações com o primeiro Imperador do Brasil. Logo que elle assumira a regencia, apressara-se em cumprimental-o.

Descendo então a cavallo a ingreme e escorregadia vereda de *Nova Sião,* cahira sob o animal, o que lhe causara a dolorosa luxação duma perna. Isto o retivera no leito durante muitas semanas. Informado do accidente não se demorara o Principe em visital-o.

"Não tomo parte em coisa alguma, escrevia Hogendorp a 5 de junho de 1821; entretanto, posso dizer-vos, mas, muito entre nós, que o principe regente veio ver-me no meu eremiterio, só e por varias vezes, afim de conversar confidencialmente commigo sobre a sua situação e indagar da minha opinião sobre o assumpto.

"Não pude escusar-me á amenidade e á graça com que deu este passo; parece-me extraordinariamente satisfeito e dedica-me a mais viva sympathia."

Commenta o autor dos *Estudos Pernambucanos*:

"No intuito talvez, de ainda mais enaltecer os meritos de seu heroe, o biographo Silem refere que, em principios de 1822, Dom Pedro cogitou em confiar a Hogendorp a pasta dos negocios estrangeiros.

A tal proposito cita duas cartas do celebre major von Schaeffer. Na primeira é o solitario felicitado, em nome da princeza Leopoldina, pela nomeação para aquelle cargo, e, na segunda urgentemente convidado a uma conferencia em que devia ser apresentado ao presidente do conselho José Bonifacio; mas, estas declarações do pouco fidedigno aventureiro allemão bastam para autorizar semelhante facto."

Nada mais exacto, para quem conhece de quanto era capaz o pavoroso intrujão teuto, alliciador de mercenarios.

Do alto apreço em que Napoleão sempre teve o seu ajudante de campo, testemunha a seguinte verba de seu testamento, dictado em Santa Helena: Ao general Hogendorp, hollandez, meu ajudante de campo, refugiado no Brasil, lego cem mil francos."

Lembra Mrs. Graham que infelizmente não consentiu a Morte que o solitario do Corcovado tomasse conhecimento deste legado honrosissimo. Perverso capricho do Destino! Avalie-se o abalo e a alegria immensa que o fiel amigo, legatario do *Homem dos Seculos,* teria ao receber a noticia de tão extraordinaria prova de apreço!

O manuscripto das memorias do *Solitario do Corcovado,* escripto em francez e copiado por Theodoro Taunay, mais tarde Consul Geral de França no Brasil, termina com a sua nomeação para governador de Hamburgo; remettido á familia, só em 1887 foi publicado em Haya, por iniciativa dum seu neto e sob a direcção de F. A. G. Campbel...

Em 1890, porém, J. A. Sillem deu á luz, na mesma capital, excellente biographia do conde de Hogendorp, baseada principalmente em documentos ineditos e que alcança até a sua morte.

Causou este passamento grande pezar aos irmãos Taunay que constantemente lhe frequentavam a casa, sobretudo a Theodoro que em seus *Idyllios Brasileiros,* (1830) no carme intitulado *Britannorum tumuli in urbe fluminense,* descripção de uma visita ao cemiterio protestante da Gambôa, dedicava

sentidas palavras ao glorioso amigo, ao lhe apontar o sepulcro:

Heu! procul patria, natoque et frate, Batavus
Fulgurei socius Ducis, Hoguendorpis hic est
Fractusque ante annos, envenit denique pacens.

A estes versos traduziu o irmão do poeta, Felix Emilio Taunay, por meio dos seguintes alexandrinos.

Ah! dans ce même exil, loin d'un fils et d'un frère,
Je vois un lieutenant du vainqueur téméraire;
C'est Hogendorp: heureux de livrer au repos
Un corps, avant le temps, courbé par les travaux!

Em 1842 publicava o Dr. Luiz Vicente de Simoni, medico italiano de grande nomeada, que no Rio de Janeiro viveu longamente, os seus *Gemidos poeticos sobre os tumulos*, traducções de Foscolo, Piedemonti e Tosti, série de carmes epistolares a que juntou peças de sua lavra como *Sobre a religião dos tumulos* e *Sobre os tumulos do Rio de Janeiro.*

Nesta ultima inseriu uma traducção do *Britamorum tumuli* de Theodoro Taunay, em que se refere:

.... *ao valoroso Hogendorp esse Batavo que aos lados Do grande vencedor correra os campos E de trabalhos mil emfim descansa.*

Interessante é porém o depoimento que de Hogendorp e de sua fazendinha de café, nos deixou Jacques Arago em seus *Souvenirs d'un aveugle.*

De Jacques Arago (1790-1855) a biographia não tem, por sombra sequer, o relevo da de seu irmão o famoso Domingos Francisco Arago, o mathematico, astronomo, politico, homem de estado cujo nome é dos maiores nos fastos da Sciencia no seculo XIX, como de sobra se sabe.

Romancista, theatrologo, viajante, acompanhou Jacques Arago, a expedição de Freycinet na viagem circumnavegatoria da *Urania* em 1817 e por este motivo seu nome se prende valiosamente á xenobibliographia brasileira.

A sua *Viagem ao redor do mundo* teve calorosa acolhida do publico e diversas reedições. Ao Brasil voltaria muito mais tarde, em 1851, pouco antes de ser victima de completa cegueira, desgraça que jámais contudo lhe alterou a constancia do animo e o bom humor.

São muito citadas as impressões que Arago teve de sua estada no Brasil, embora por vezes assás fantasiosas.

Vamos nos limitar ás que se referem ao nosso escopo.

Em geral bem pouco, ou antes nada lisongeiras as impressões que do Rio de Janeiro nos relata o viajante. Verdade é que tinha então, a capital brasileira tão pouco civilizado facies que não poderia ter deixado de mal impressionar o filho de uma civilização *raffnée* como o illustre viajante.

Em um dos dilatados passeios pelos suburbios fluminenses, chegou Arago a chacara de Hogendorp.

Deixemol-o porém contar o que foi a sua visita ao antigo *aide-camp* de Napoleão I:

"Ia o dia alto, e, em vez de me afundar na massa compacta e informe da vegetação, que me dominava, decidi deixar para o dia seguinte a excursão instructiva que projectara, e, descendo ladeiras, retomei a direcção da cidade através de campos e plantações de café, cabanas e laranjeiras. Já disse que o Brasil é um immenso jardim.

Caminhara quando muito meia hora, quando me achei num recinto de verdura no meio do qual fôra construida uma casinha pintada de verde, e cercada por uma grade coberta de flores dos mais deslumbrantes matizes. Estava com sêde; cheguei-me á porta e chamei; como ninguem me respondesse suppuz que o dono da casa seria assás benevolo para me perdoar a indiscreção; puz o dedo ao trinco e abri-o.

Qual não foi o meu espanto ao avistar magnifico retrato a oleo bellamente emmoldurado. Era o de um general francez, cujo uniforme se achava cravejado de veneras, as da Legião de Honra e de muitas ordens estrangeiras.

Tinha á mão direita uma carta lacrada, e sobre uma mesa, a seu lado via-se a planta de uma praça forte portuaria.

A physionomia do veterano projectava-se, orgulhosa e calma, sobre grande reposteiro de seda verde. O olhar interrogava, a testa meditava e a ligeira contracção que abaixava a commissuras dos labios denunciavam um mixto de desprezo e colera. Ao longe despontavam os topes esbatidos de alguns mastros empavezados.

Ia chamar mais uma vez, quando um velho apoiado numa enxada chegou de fóra e bateu-me no hombro.

— Que quer o Senhor?

— Que? fala-me em francez?!

— Ainda bem! o senhor tambem é francez.

— A' França pertenço de cerebro, braço e coração.

— De quem este retrato?

— O de um general infamemente calumniado; ajudante de campo do Imperador e governador nos dois hemispherios...

Foi o probo defensor de opulenta cidade confiada á guarda de sua honra e de sua espada fiel, que o senhor alli vê, enferrujada e inutil. Este retrato, penhor da amizade de Napoleão, é o de um homem que quer viver para proteger a memoria do Imperador; é o do general Hogendorp, é o meu!

Apertei fortemente a mão do soldado e perto delle sentei-me num sofá de vime.

Meu Deus! como o exilio muda os homens! Os olhos do defensor de Hamburgo estavam semi-apagados; profundas rugas vincavam-lhe a testa, e as faces emagrecidas; eram-lhe os cabellos raros, tinha a pelle queimada e macilenta. A adversidade nada poupara, nem a alma nem o corpo; havia miseria nessa habitação de quem se enrijecera contra tantas tempestades, mas miseria nobre e dignamente supportada. Era Hogendorp dessas ruinas graves e solennes diante das quaes todos permanecem descobertos...

Mudos nos detivemos alguns instantes; elle, para saber quem era eu, esperando alguma nova confidencia.

No emtanto, afim de lhe afujentar da memoria as dolorosas idéas que pareciam perseguil-o, disse-lhe meu nome, a missão de que estava encarregado, exaltando o feliz acaso que me conduzia á sua casa. E pedi-lhe um copo dagua.

— E de vinho tambem, se quizer! sou agora commerciante de vinhos de laranja e carvoeiro. Disseram na Europa que eu assaltara um banco, e no emtanto apenas tive com que pagar a passagem até o Brasil. Proclamaram que eu possuia neste paiz immensas plantações e trezentos negros. Entretanto Zinga é o meu unico empregado. Se o senhor andar cincoenta passos ao redor desta casa, por mim construida, terá percorrido toda a minha propriedade.

Se visto uma camisa mais ou menos nova, é que a comprei com o producto do vinho de laranja que fabrico; se calço estes sapatos, é porque transporto carvão para a cidade e o commercio é a troca do superfluo pelo necessario... Peça-me pois, senhor, meu vinho, laranjas, bananas, mas não me peça pão. O general francez não tem mais pão hoje.

O pobre exilado lera os meus olhos todo o interesse que me inspirava e agradeceu-mo como uma caridade.

— Ainda o tornarei a ver?

— Sim.

— Consentiria o senhor em passar os olhos nas memorias que escrevo?

— De todo o coração.

— Eu lh'as confiarei; seu nome é uma garantia de probidade. De volta á França, o senhor as publicará se assim julgar conveniente.

Quero que saibam, antes de tudo, que sou pobre, infeliz, exilado, proximo da morte; mas que renascerei forte e jovem se meu paiz ainda de mim precisar. Adeus, cavalheiro!

— Não general, até mais ver!

— Até mais ver então; não se esqueça da sua promessa, assim o espero. Cahe a noite, aqui está o meu negro, o bom Zinga, unico companheiro da minha vida solitaria. Não lhe posso offerecer uma rêde; siga depressa este caminho, dobre o passo, porque os quilombolas poderão detel-o se o encontrarem longe da cidade."

Assim aconselhado apressou-se Arago em afastar-se da fazendola onde o ajudante de ordens do *Homem dos Seculos*, tratava do pequeno cafesal e fabricava vinho de laranjas.

"No dia seguinte, continua, fui procurar diversas pessoas para quem tinha cartas de recommendação e falei-lhes no general Hogendorp.

— Nobre coração! Valente soldado. Quanta coragem e resignação no infortunio! diziam todos os francezes.

— E' um louco e um toleirão — accrescentou um nobre brasileiro.

— Como assim?

— Imagine o senhor! Offereceram-lhe optimo posto nos exercitos do nosso amado rei, e elle recusou-o sob o ridiculo pretexto de que os dois reinos podendo um dia achar-se em guerra, elle se veria obrigado a faltar aos deveres do reconhecimento ou ter de desembainhar a espada contra a patria!

— Com effeito respondi, levantando os hombros; é um tolo; e um louco a quem o senhor jámais poderá comprehender."

Sobremodo interessado por novo encontro do veterano, voltou Arago á fazendola da Nova Sião.

"Encontrei o general Hogendorp doente, acamado; ardente febre o requeimava e só tinha o fiel Zinga para o tratar.

— Está bem, disse-me. Pensou o senhor no pobre exilado, trouxe-lhe uma dose de consolo da amizade; Deus lhe pague!

— Prometto-lhe nova visita, general! hoje vim como ave de arribação. O Corcovado domina as nossas cabeças, e pretendo realizar-lhe a ascenção para lhe conhecer as florestas virgens que tão imponentes dizem ser.

— E' um espectaculo magnifico, affirmou-me o general, que se contempla, examina, admira e não se descreve.

— E' o que vou fazer.

— A proposito! tome cuidado com os negros fugidos; são numerosos no Corcovado, e audazes sobretudo. Mas o senhor traz com certeza boas pistolas, faça com que elles as vejam; têm pavor das armas de fogo; cujo barulho os assusta mais do que a morte.

Se eu tivesse um pouco mais de forças o acompanharia; mergulhariamos os olhares nesse horizonte oriental atraz do qual está uma patria ausente. E talvez, alguma doce emanação do paiz natal, me reanimasse a energia prestes a extinguir-se. Vá sózinho então meu amigo, que o esperarei na volta."

E' provavel que o estado de penuria em que Arago encontrou o legatario de Napoleão se haja transmutado para o de uma abstança relativa, a vista dos depoimentos de outros de seus visitantes.

Exactamente se Hogendorp chegou a ter vinte e talvez até trinta mil cafeeiros, os rendimentos deste cafesal lhe deram com certeza recursos fartos, um milheiro de arrobas annuaes, que valeriam quiçá umas 1.200 libras esterlinas ao cambio de 4.000 réis por soberano, que então vigorava.

Ora, com o padrão singelo da vida do Brasil, aquella época, era isto uma bella renda.

"Disse adeus ao general Hogendorp, que encontrei só em casa com o fiel servidor. Trouxe-lhe ainda pão, pois elle não tem; ouvi tres vezes na mesma noite a historia de suas bellas campanhas, sem ficar fatigado; fallei das injustiças e adversidades passadas e quando quiz fallar no futuro, fazel-o entrever a possibilidade da volta á patria ingrata:

— Cale-se, disse-me dando-me a mão, esse nobre destroço de um dos mais valentes exercitos do mundo; cale-se, não ha mais uma patria para mim, ou antes, minha patria é esta casa de madeira onde estamos apertados, esses poucos pés de café, essas laranjeiras e esse negro. Os homens, meu caro Arago, não gostam de reparar uma injustiça, porque é confessar que estavam errados. E depois, terei eu servido meu grande imperador com dedicação e fidelidade? Sim, com certeza, pois o juro sobre minha velha espada de soldado. O que fariam de mim esses que agora governam a França? E ainda mais não quero saber delles como elles não querem saber de mim. Assim, não ha mais terra natal para o veterano proscripto; o que espero do senhor, é a publicação das memorias justificativas, que lhe confio. Promette-mo?

— General, contem bem graves accusações contra poderosos adversarios.

— Que façam como eu, que se defendam e provem sua innocencia. Sahi de Hamburgo, como entrára, pobre e probo; compete-lhes dizer deante de mim e em alta voz, o que não temo fallar na sua presença. Se precisar responderei ás perguntas; mas conheço-os, calar-se-ão.

— E se fallarem?

— Apresentar-me-ei então, disse o leal Hogendorp, levantando-se num impeto viril. Eu os verei face a face, e a França então saberá quem mentiu, se fui eu, se elles.

—Muito bem! general, publicarei suas memorias, mas com uma condição.

— Qual?

— E' que o alto personagem a quem mais o senhor accusa possa defender-se.

— Isso é justo.

— E se estiver morto,

— Queime então os papeis, que as cinzas dos calumniadores, não sejam revolvidas.

Não publiquei as memorias do general Hogendorp.

Que lastima! o pobre exilado pouco sobreviveu a seus inimigos. Repousa elle, lá longe, perto de sua casa deserta, ao pé do Corcovado, onde sempre vou, em pensamento, dar um adeus de amigo, no seu tumulo isolado.

Disse tambem adeus aos Srs. Taunay, essa familia de artistas cheios de talento, que não se póde ver sem amar, e que se ama assim que se os conhece."

Apesar da affirmação de Mrs. Graham, quer nos parecer que Hogendorp deve ter tido conhecimento do legado de Napoleão. Como se sabe falleceu o Imperador a 5 de maio de 1821 e o seu fidelissimo servidor a 29 de outubro de 1822, portanto quasi dezoito mezes mais tarde. Máu grado as enormes distancias de Santa Helena a França e deste paiz ao Rio de Janeiro é de crêr que com tamanho prazo haja chegado a Hogendorp a noticia da lembrança de seu soberano.

CAPITULO XXIX

Depoimentos varios — Leithold — Mrs. Graham — Von Weech — Brackenridge — As "Pessoas e cousas do Brasil", de H. Raffard.

As *pessoas e cousas do Brasil,* de Henrique Raffard, são como a *Chronica Geral do Brasil,* de Mello Moraes, uma colcha de retalhos onde occorrem excellentes, profusas e desordenadas informações.

Falta a esta prestante obra qualquer espirito de methodização. Chega a ser por vezes verdadeira mistura de grelos, tratando de alhos e bugalhos. Mas representa um repositorio precioso, a cada passo consultado por quem precisa de taes e quaes informações sobre os muitos assumptos que nella se tratam.

Livro absolutamente despretencioso, tem caracteristicas de fidedignidade notavel, o que augmenta a estima em que é tido e deve ser tido.

A proposito da fundação da chacara do Engenho Novo, pela familia Werna Magalhães, escreve uma série de informes sobre os primordios da lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, onde ha muito apontamento util e valioso.

Para estas paginas chamou-nos a attenção o distincto amigo Dr. Alberto Carlos de Araujo Guimarães, pertencente a uma das mais tradicionaes familias, do patriciado fluminense, apaixonado estudioso de nosso passado, do qual, apesar da mocidade, já angariou solido e largo cabedal.

Sigamos porém a Raffard.

Tratando do Engenho Velho e Engenho Novo, nomes tradicionaes da velha toponimia carioca diz o nosso autor:

"Sabe-se que em 1580 a 1583 os Padres Jesuitas levantaram um engenho que não tardou a ser rodeado de plantadores de cannas de assucar e que em 1700, prevendo que a cidade acabaria por estender-se até o local do dito engenho, os Reverendos construiram outro mais longe, ficando este denomi-

nado Engenho Novo e aquelle Engenho Velho, bem como as respectivas localidades."

Nas suas "Memorias Historicas do Rio de Janeiro, etc." (Rio de Janeiro, na Imprensa Régia — 1820) José de Souza Azevedo Pizarro de Araujo, occupando-se da freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, abrangendo Andarahy, que fazia parte do districto miliciano de Inhauma, trata do sertão da Fazenda intitulada Engenho Novo, cujo territorio foi assás cultivado depois de 1808 e pondera que:

"Na sobredita Fazenda do Engenho Novo existia uma fabrica de assucar, que os Padres haviam estabelecido poucos annos antes do seu exterminio e os arrematantes da propriedade (1780), Manoel de Araujo Gomes e seu sobrinho Manoel Joaquim da Silva e Castro o reformaram; mas o filho do primeiro Manoel Theodoro, como possuidor actual da Fazenda (1819) persuadido da maior conveniencia pelo arrendamento das terras, em porções limitadas, demoliu o edificio.

"A maior parte do territorio he occupado por "Jacras", onde se cultiva a mandioca, o aipim, arroz, café, cacau, milho, feijão e outros legumes, assim como diversos arvoredos de fructos regulares cujos effeitos se conduzem á cidade por caminho mais prompto de terra que o do mar, havendo aliás dois portos de facil embarque e aptos para a voga de lanchas. Em muitas das mesmas "Jacras" teem seus proprietarios construido vistosos jardins e casas bellissimas de habitação, que pelo prospecto regular e grandeza podem-se dizer nobres."

Entre as grandes chacaras daquella região carioca estavam a Real Quinta da Boa Vista, a do Macaco que pertenceu á infanta D. Maria Thereza e foi depois de Dom Pedro I, e a do Rio Comprido, propriedade de Mitra, na encosta da Serra do Corcovado.

A do Macaco em 1831 foi avaliada em 280 contos de réis, somma notavel naquelle tempo, incluindo-se ahi a parcella de 130 contos correspondente á escravatura. Pertenceu depois a Imperatriz D. Amelia e abrangia enorme área.

Passando em revista alguns dos mais notados viajantes que visitaram o Rio de Janeiro, ou sobre elle escreveram, adduz Raffard diversos depoimentos valiosos a que, de accordo com os seus processos tumultuarios habituaes, não coordena.

Começa por fallar de Theodoro von Leithold, contemporaneo de Ludwig von Rango, a respeito de quem já nos referimos a proposito do Conde de Hogendorp. Deixou este viajante boas noticias sobre o nosso paiz.

"Theodor von Leithold (*Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro* — Berlim — 1820) informa, que já em 1819, numa distancia de oito horas da capital, na cidade do Rio de Janeiro, todos os terrenos de que havia podido dispor o Governo, tinham sido dados principalmente a Inglezes e Francezes. Elle mesmo solicitou identica concessão, pedindo conjuntamente o adiantamento da quantia de oito contos de réis, perfazendo então cerca de 12.000 thalers, afim de se dedicar ao cultivo do café, assim como outros muitos pediram e obtiveram, mas, demorando a solução almejada, resolveu regressar para a Allemanha, onde publicou o seu livro, assás interessante, e que o seria mais ainda se não contivesse queixas injustas, inspiradas, sem duvida, pelo despeito de não haver sido promptamente attendido."

Refere-se, depois, o nosso autor ao Dr. Lecesnes ou Lessesne, de quem Spix e Martius tambem falam com grandes gabos, dando novos pormenores sobre este francez, cujos ensinamentos tanto valeram ao progresso da cafeicultura brasileira.

"Um antigo cultivador da ilha de São Domingos (nas Antilhas), o Dr. Lecesnes era então o veterano dos plantadores de café nos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Cada qual, sem o menor constrangimento, ia lhe pedir conselhos a respeito deste arvoredo.

Foi um velho sempre em grande actividade na sua propriedade, onde se achava muito bem installado, a quatro horas distante da cidade. Tinha uma das filhas casadas com o sr. Kulchen, Vice-Consul da Russia no Rio de Janeiro."

"Spix e Martius confiaram o que acabamos de dizer acerca do Dr. Lecesne, ponderando mais que, dispondo de um terreno grande, nelle possuia 60.000 cafeeiros, geralmente de quatro a seis pés um do outro, incumbindo-se cada preto de 2.000 dessas arvores novas e só de 1.000 quando chegadas a quatro annos de idade.

Um allemão, o Sr. Duffles, tinha naquella época uma plantação de café entre Santa Cruz e Itaguahy.

Theodor von Leithold falla tambem do cafesal da Sra. Menezes, viuva de um antigo governador do Maranhão, cuja propriedade se achava a umas quatro horas da cidade, por traz de Catumby, após a Ponta do Cajú; assim como falla do cafesal do general Hogendorp, sito a duas horas da cidade e vendido a um inglez, mediante uma renda vitalicia e respectivo usufructo até o dia da sua morte, não necessitando preoccupar-se com a sorte de seu filho, tenente-coronel, rica-

mente casado na America do Norte. O estabelecimento de Hogendorp, em 1820, tinha 20'000 pés de café.

Disseram Spix e Martius (*Travels in Brasil in the years* 1877-1820. — Printed for Longmann, Hurt, Rees, Orme, Brown and Green — London — 1824) que Hogendorp vivia feliz no seu retiro, ao lado da plantação identica do Consul inglez Mr. Chamberlain. Recordava-se Leithold de ter visto o dito general em Koenigsberg (Prussia) depois de Wilna, official commandante desta praça. Já a 1 de janeiro de 1822, Maria Graham visitara o Conde Hogendorp, no seu *cattage* sobre a montanha ao lado do Corcovado.

Officier de fortune, servira Frederico da Prussia, depois sua patria, a Hollanda, na qualidade de governador de uma prte da ilha de Java, e posteriormente, como representante della perante uma das Côrtes da Allemanha. Achando-se a Hollanda annexada á França, passou-se para o serviço de Napoleão, com as divisas de coronel e, promovido a general, foi incumbido de missões importantes na Polonia e Hamburgo; depois, sendo exilado, veio acabar seus dias no Rio de Janeiro. Napoleão lhe deixou por testamento 5.000 libras esterlinas, mas o legatario falleceu sem o saber.

O imperador D. Pedro I, que o tinha soccorrido e mandado tratar, encarregou-se do enterro na Gamboa, onde foi sepultado por ser protestante. Consta que, ao vestil-o pela ultima vez, viu-se que o corpo delle se achava completamente *tatoué,* como o dos naturaes das *Eastern Island.*"

Trata depois o nosso autor do que chama livro e não passa, por assim dizer, senão da apropriação da obra do nosso Ayres do Casal: o volume de Henderson.

James Henderson, que esteve no Brasil em 1819, (*A History of the Brasil,* etc. — London — *Published by Longmann, Hurst, Rees, Osme, Brown and Green — Paternoster Row* — 1828) diz que a cultura do café era então quasi insignificante no Ceará, objecto de bastante attenção na provincia da Bahia, em Caramurú e perto dos Ilhéos; que, na provincia de São Paulo achava-se iniciada em Ubatuba; finalmente, na provincia do Rio, na zona extendendo-se desde Macahé até o Parahyba, tinham sido feitas algumas plantações nos arredores da bahia do Rio de Janeiro, em Itaborahy, Fragoso (na fazenda Mandioca do Sr. Langsdorf) e na Tijuca."

Esteve Maria Graham no Rio de Janeiro nos dias turbulentos que precederam á Independencia e, mais tarde, quando ainda agitados pelas luctas da Constituinte. A politica tomou-lhe mais a attenção do que o resto.

Apenas ao commercio do Maranhão dedicou umas paginas de tabellas. E se tal fez foi por causa de Lord Cochrane que acabava de alli arvorar a bandeira do Imperio e de commetter as violencias que sabemos.

Chegando ao Rio e indo visitar o valle das Laranjeiras, achou-o lindo, delle dando poetica descripção. A's quintas, que não eram ricas, mas geralmente muito bonitas, cercadas por sebes de accacias, enfeitavam os laranjaes e os pomares de outras fructas.

Por traz, pelas encostas das montanhas, subiam os cafesaes.

Indo ao Jardim Botanico, viu a viajante ingleza outros cafesaes tão entremeiados de laranjeiras, limoeiros e outras arvores que mais apresentavam o aspecto de moitas silvestres do que de culturas.

"Mas aqui a vegetação é tão luxuriante que até as arvores podadas e tratadas crescem como se fosse na floresta."

Indo passeiar a Santa Cruz, na fazenda imperial, descreve Mrs. Graham largamente as grandes lavouras e engenhos assucareiros encontrados pelo caminho.

Apreciou muito a installação do castello magestoso, foi a Itaguahy, e refere que, no grande dominio da Coroa, se plantava algum café.

Nelle viviam mais de mil e quinhentos escravos.

Referindo-se á cultura do chá, que alli introduzira D. João VI, por meio de agricultores chinezes especializados, conta Mrs. Grahan, que D. Pedro I pensava de modo diverso do de seu augusto pae: "era muito preferivel comprar chá e vender café." Assim, decahira muito a theicultura de Santa Cruz.

Devia ser pouco o cultivo do café na linha Rio de Janeiro-Santa Cruz. Pelo menos, pouco impressionou a viajante que fala largamente do da canna.

Há um trecho, porém, em que relata pittoresca scena, a venda feita, por negros escravos, em folga domingueira, de café, recentemente colhido, a compradores ambulantes. Continuando em seu sistema adverso a qualquer methodização, escreve Raffard esta ingenuidade:

"Lembramo-nos ter lido que, em 1821, havia uma plantação de café na Chacara da Cabeça, ao pé do Corcovado."

Esta reminiscencia, não fixada pelo distincto secretario perpetuo do Instituto Historico Brasileiro, refere-se a um trecho lido ainda em Mrs. Graham, ao falar da sua visita á Lagoa de Rodrigo de Freitas, onde, na varanda do presbiterio

de pequena capella de Nossa Senhora da Cabeça, realizou o mais agradavel pic-nic em companhia do cura Padre Manuel Gomes.

Atraz da casa parochial, avistou meia duzia de pequenas chacaras, numa baixada onde negros, de apparencia saudavel, trabalhavam em cafesaes e onde se via um enxame de crianças de todos os matizes entre o branco e o preto.

Recorrendo a outros autores estrangeiros, dá-nos Raffard ainda uteis achegas, como a seguinte, que é valiosa:

"J. Friedrich von Weech, no livro que publicou em 1828 (*Brasiliens Gegenwartiger Zustand und Colonial System-Hamburg vei Hoffmann und Campe*), ponderou que o finado Dr. Lecesne e Dr. Mook, assim como outros possuiam, na Tijuca, perto do Rio, plantações de café bastante grandes. Observa o autor que os cafeeiros produziam durante 30 annos, que no decimo quinto anno elles eram cortados rentes ao chão, após o que tornavam a crescer rapidamente para um segundo periodo de producção; que, nas terras boas, o arvoredo começava a produzir aos tres annos, cerca de 1|2 libra de grãos, no 4.º anno um pouco mais, e, no 5.º, dava uma libra cada pé, depois o rendimento não era mais igual: alguns cafeeiros forneciam até quatro e cinco libras cada um e outras ás vezes menos de uma libra.

A installação de uma fazenda de café, com 30 escravos comprados, bem como todo o material de importancia das despesas, durante cinco annos, sendo o terreno obtido graciosamente, demandava, apesar das pequenas receitas do 3.º ao 5.º anno, um capital em dinheiro de 10:784$200 fortes (160 réis valiam um franco n'aquelles tempos), somma paga ao cabo de 11 annos, deixando livres as terras, os 30 escravos, uns 40.000 pés de café, diversas construcções, os engenhos e instrumentos de trabalho, emquanto que as fazendas de rendas de canna de assucar se pagavam em quatro annos."

Uma libra (459 grs.) em média por arvore faria uma arroba por 32 cafeeiros ou um total de 32 arrobas por mil pés, producção muito baixa, como vemos, e só remuneradora graças ao trabalho servil.

Nas terras montanhosas da região fluminense, o rendimento do cafesal nos primeiros annos, chegava a ser de cincoenta arrobas por milheiro de arvores, excepcionalmente a sessenta.

O peor vinha a ser a pequena duração das arvores naquellas terras ingremes e sujeitas á erosão.

Relata ainda Raffard:

"Carl Seidler falla das arvores de café, altas e compactas, formando caminhos sombreados no jardim da Quinta Imperial da Boa Vista, em S. Christovão.

H. M. Brackenridge informa (*Voyage to South America — Baltimore* — 1819) que, perto da cidade do Rio, a principal cultura consistia, antes de 1819, em um hervaceo que se cortava diariamente e levava á cidade para a alimentação de numerosos animaes domesticos (era, sem duvida, uma das variedades de capim ainda hoje plantado). Cultivava-se tambem milho, café, laranjas e o rei das fructas — o ananaz."

Terminando a sua noticia, conta Raffard, sem indicar as fontes informativas:

"O café, entretanto, não se generalizou muito no Brasil até 1808, anno em que se produziu 960.000 libras, porém, em 1820, chegou-se á producção de 7.360.000 libras."

Assim seria a producção total de 1808, trinta mil arrobas, e a de 1820, duzentas e trinta mil arrobas; assim quasi se tornara oito vezes mais consideravel num periodo de 12 annos.

CAPITULO XXX

As primeiras lavouras no actual Districto Federal — Pesquisas de Geremario Dantas

No bom artigo de Geremario Dantas, publicado por occasião do segundo centenario do café no Brasil, occorrem excellentes notas sobre o inicio da propagação da cultura cafeeira nas vizinhanças da cidade do Rio de Janeiro.

Assim explica a propagação das lavouras:

"Extensas culturas foram a pouco e pouco cobrindo os morros da Gavea que circundam a Lagoa Rodrigue de Freitas e dahi e da chacara de Hoppman, passaram naturalmente para a Tijuca, e para Jacarépaguá, já então a cinco horas da cidade, onde, ainda hoje, em quasi toda a antiga sesmaria se encontram vestigios de carfezaes extinctos.

E Noronha Santos, tão profundo conhecedor das cousas cariocas, e investigador que inconfundivel escrupulo põe nas suas pesquisas, observa que o café foi em outros tempos das principaes plantações da cidade. Essa referencia é encontrada na quase unanimidade dos nossos compendios de corographia e ainda modernamente apparece o arrolamento dessa mesma cultura nos trabalhos de Veiga Cabral.

As chamadas florestas da Tijuca, constituindo em nossos dias apenas um capoeirão grosso, assim mesmo preservado do machado do carvoeiro por ser propriedade do governo da União, offerecem a cada passo signaes evidentes de que remotamente por todas aquellas serras foram cultivados vastos cafesaes.

Para os lados de Jacarépaguá, a impressão torna-se mais precisa e frequente. Sobretudo na Fazenda do Engenho da Serra, propriedade do dr. Joaquim José de Siqueira, actualmente retalhada em lotes e pequenos sitios; na floresta dos Tres Rios, onde prosperaram as lavouras, da familia Ruch, nos recantos de Cafundá, e do morro do Catanbo, Rio Pequeno e Serra do Barata, já então para as vertentes de Campo

Grande, não cessam os rastros da riqueza extincta. Entretanto, pude observar nesta ultima pesquisa na Serra do Rio da Prata do Cabuçú e na do Rio da Prata do Mendanha, até dobrar para os lados de Marapicú.

Hoje tudo são sombras e lembranças. Na floresta dos Tres Rios, lá está a velha casa senhorial, de sobrado, entre arvores seculares, propriedade da Inspectoria de Aguas, carcomida e esborcinada; a fazenda do Engenho da Serra, acachapada e colonial, com a sua ampla varanda de entrada, o vasto páteo empedrado, adquirida há pouco pelo dr. José Marianno (filho) que lhe está reavivando e reconstituindo a primitiva physionomia, tendo ao lado, á margem do caminho quasi intransitavel por onde, segundo alguns, devera ter passado, em 1710, Duclerc, na sua caminhada de Guaratiba para a cidade; os grandes muros descarnados, as traves apodrecidas, o telhado desabanado, tudo pedra e madeira de lei, tristes attestados de uma grandeza morta, aqui paióes que transbordaram de cereaes, alli a grande roda immovel, de dentes do poderoso engenho enferrujados, além esfarelando-se a valeta que escoava o rescaldo, acolá o armazem das pipas de aguardente.

No Catanho, em Cafundá, no Mendanha, dentro das capoeiras, dormem os alicerces das edificações demolidas ou desmoronadas... No Rio da Prata do Cabuçú, tambem vestigios do que se foi no Rio da Prata do Mendanha, lá estão, ao pé da montanha enorme, a casa branca e cuidada, o engenho ronceiro, a roda da farinha, a fabrica de melado e rapadura, o pequeno paiol de arroz, de farinha de mandioca, e ainda do café, graças ao carinho do sr. Antonio Cavalcanti de Albuquerque...

Infelizmente não me foi possivel conhecer com segurança o montante da producção daquellas culturas desapparecidas, porque nas estatisticas, englobam-se no mesmo computo toda a provincia do Rio de Janeiro, incluindo o municipio da Côrte.

Augusto Ramos, no seu exhaustivo trabalho sobre o café, escreve: "Foi nas proximidades da cidade do Rio de Janeiro que o cafeeiro encontrou condições algo favoraveis de desenvolvimento, na região denominada de "serra-abaixo", entre a Serra do Mar e o Oceano. Ainda ahi, entretanto, o clima não se revelou bastante apropriado, impellindo os lavradores para o plantio, isto é, para os terrenos situados a mais de 200 metros de altitude."

Após estas considerações e informes refere G. Dantas outros onde ha erronias hauridas em Augusto Ramos, Amaro

Cavalcante, Delgado de Carvalho, victimas que estes honestos autores foram de documentação exigua e de má qualidade.

Contestando as affirmativas de que o marquez de Lavradio haja sido um benemerito da cafeicultura refere-se o nosso autor aos relatorios ao Marquez dos tres mestres de campo dos terços milicianos ruraes, em que não ha a minima referencia ao café. Já os citámos em lugar opportuno.

Prossegue Geremario Dantas:

"Os padres jesuitas dedicaram-se principalmente ao plantio da canna de assucar e do arroz e á criação de gado nos campos de Santa Cruz e só após o confisco das suas vastissimas propriedades territoriaes além da referida fazenda de Santa Cruz, mais as de Engenho Velho, Engenho Novo, e S. Christovão, para só citar as que nos interessam, a cultura do café alastrou-se por assim dizer por toda a área que constituiu o Municipio Neutro e hoje é o Districto Federal. Na Gávea, na Tijuca, em Jacarépaguá, em Campo Grande e em Guaratiba existiram extensos cafesaes.

E' sobremodo notavel como essa cultura se generalizou por toda a cidade. Ainda agora, nas velhas chacaras de Botafogo, de Laranjeiras, do Rio Comprido, de Catumbí, de Conde de Bomfim, da Boca do Matto, no Meyer, de Inhauma, do Engenho Velho, já não falando em Jacarépaguá, Campo Grande e Guaratiba, por toda a parte se encontram velhos pés de café, muitos ainda produzindo, embora escassamente.

Praticou-se a lavoura exclusiva do café, não restando duvida de que elle foi plantado em todos os engenhos e se para muitos, a colheita nem sempre podia ser levada ao mercado pelo menos bastava fartamente ao consumo proprio.

Em principios e meiados do seculo passado, a safra carioca foi de molde a permittir uma razoavel exportação, principalmente em Guaratiba.

Não seria porém, opportuno reproduzir as estatisticas do tempo, em referencia ao movimento do porto do Rio de Janeiro, porquanto sabemos todos que por aqui se escoava toda a producção fluminense, do norte de S. Paulo, do Sul e da zona da Matta em Minas. Taes algarismos, consequentemente, nada representariam."

Os dados reproduzidos por G. Dantas é que são absolutamente falsos, assim aponta 110 saccos para a exportação de 1800 e 112 para 1813.

Ao pé da cidade do Rio criavam-se lavouras para a época muito consideraveis. Assim na chacara do *Portão Vermelho,* no Andarahy, fora o engenho primitivo de assucar substituido

por uma fazenda de café que chegou a dar 1.200 arrobas annuaes, o que permitte suppor a existencia de um cafesal de suas 30 a 40.000 arvores. O solo desta fazenda corresponde a grande zona, toda edificada, no bairro do Andarahy.

Excellente resenha lemos em Geremario Dantas sobre os primitivos lavradores coloniaes do café no territorio carioca.

"A lavoura do café afastou-se do littoral e foi penetrando cada vez mais o interior. A ausencia de conhecimentos agrarios, a falta de adubos quimicos e a tradição que se generalizou de que o café só dava em terra de matto, em terra "nova", além do crescimento natural das povoações foram restringindo as plantações ás fazendas e aos engenhos de Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba.

O café era cultivado em todas as chacaras, em todos os sitios, todos o plantavam "para, o gasto", mas em escala maior, com colheitas de centenas e milhares de arrobas, era cultivado nas velhas propriedades ruraes do municipio neutro. No Engenho Novo e Velho da Taquara, pelo commendador Francisco Pinto da Fonseca e mesmo por um filho do barão da Taquara, que todo o Rio conheceu por Francisco Filho, Cosme dos Reis, e anteriormente pelo juiz de orphãos Francisco Felix Barreto de Menezes; o Engenho d'Agua do visconde de Asseca, o Engenho da Serra, propriedade da familia de Aragão e depois do doutor Joaquim de Siqueira, Rio Grande, Vargem Pequena, Teixeira, Rio Pequeno, Curieira, lembrando os nomes de velhos agricultores, cujos descendentes são bastante conhecidos. Antonio de Serpa Pinto Junior, Paschoal Telles, Cosme dos Reis, Lino José dos Santos Dias, Antonio José de Abreu, João Figueira de Ornelas e tantos outros, todos em Jacarépaguá, inclusive, em escala menor, meu bisavô materno, Ludovico Telles Barbosa, tambem plantador de café, na sua situação da Covanca e depois no sitio do Campinho, onde fez essa cultura em todo o morro conhecido no logar como das Pedras, terrenos da antiga fazenda do Engenho de Fóra, pertencentes hoje a herdeiros do referido barão da Taquara, que tambem possuia cafesaes na fazenda do Pau da Fome e mais o capitão Joaquim Firmino, no Picapau; a familia de Ignacio Botelho, na Banca Velha; Manoel Cardino de Castro, nos Teixeira; o capitão José Claudio, no reconcavo da Covanca...

Em Campo Grande, o plantio era tambem notavel, na fazendas do Bangú, e do Viegas, da Paciencia, do Juarí, das Baratas, uma no Realengo e a outra em Campo Grande, propriamente dito, do Guandú do Sena, do Pedregoso, de Pal-

mares, do Rio da Prata, do Cabuçú, do Rio da Prata do Mendanha, de Capoeiras, do Lamarão, dos Coqueiros, do Prata, do Mendanha etc., sendo a ultima de que já bastante nos occupámos, de tão alto o inconfundivel relevo na historia da cultura de café em nosso paiz.

Desses engenhos e fazendas chegam até nós os nomes de velhas familias locaes: Moraes, Freire Ribeiro, Ursula Martins, Suzano, Antunes, Garcia Leal, Marianna Nunes de Souza, Anna Maria de Jesus, Cardoso, Paiva Dantas, Francisco Caetano de Oliveira Braga, Labre, Sant'Anna, Freire Allemão, etc. etc. São todos proprietarios e lavradores ruraes.

A Fazenda do Preto, hoje chamada de dona Julia, pertenceu a Felisbino de Oliveira, ascendente dos irmãos Piragibes, entre os quaes o desembargador Vicente Piragibe, deputado Mario Piragibe e o professor José Piragibe.

Na serra do Rio da Prata, de Cabuçú, o capitão José Luiz Dantas, meu bisavô, pelo lado paterno, possuiu vastos cafesaes que, em meados do seculo passado, abandonou para se dedicar á cultura da canna de assucar e ao fabrico de aguardente, na fazenda da Cachoeira do Cabuçú.

Em Guaratiba, as plantações eram muito mais extensas, salientando-se a da Fazenda do Curumarim ou Cumarim ou Crumariz, este ultimo está em Noronha Santos, ou ainda Curumarim Grande, de propriedade de Manoel de Campos e depois de Jacintho Barbosa, com perto de 100 alqueires paulistas plantados; de Cachamorra, de Francisco Alves Teixeira, de Itapuca, do Morgado, de Curumarim, de João Caldeira, de Alvarenga, com 30 alqueires cultivados de café, de Piabas, da Familia Fonseca, do Rio do Mundo, da Barra da Bica de Cantagalo, do Consumado do Desterro, de Magarça, da Ilha do Catimbeu de Fóra, do Engenho da Pedra, da Grota Funda do Matto Alto, de Santa Clara, do Sacco da Cova da Onça, da Vargem Grande etc. etc."

Depois de historiar a decadencia profunda da lavoura cafeira nas terras carioca e sua quasi extincção conclue Geremario Dantas:

"O certo e incontrastavel é que em terras cariocas, dentro da cidade do Rio de Janeiro, se formou o primeiro nucleo de mudas e sementes que, sahindo serra acima e ganhando os vargedos do Parahyba, inundaram o territorio fluminense, Minas, São Paulo, Espirito Santo, Bahia, Paraná e Santa Catharina, dessa prodigiosa e incommensuravel grandeza, que é o nosso orgulho e nossa mais alta e mais ponderavel força economica perante o mundo e em face de nós mesmos."

CAPITULO XXXI

Apparecimento do café no planalto fluminense — Pau Grande, notavel latifundio tradicional — O desbravamento do districto vassourense.

Latifundio dos mais notaveis da velha lavoura cafeeira fluminense vem a ser a antiquissima fazenda do Pau Grande, que data do segundo quartel do século XVIII.

Nella se produziu muito assucar. Passou, depois, de 1815 (?), a constituir grande centro cafeeiro, para depois vir a ser uma das maiores lavouras brasileiras da rubiacea, tendo chegado a produzir mais de sessenta mil arrobas.

Na preciosa *Memoria da Fundação de Vassouras* (do inicio do povoamento á criação da villa), da autoria de José Mattoso Maia Forte, farta informação se encontra, para a historia desta propriedade, que, em meiados do segundo Imperio, attingiu verdadeira fama em todo o paiz.

E' a monographia do Dr. Mattoso Maia Forte um destes trabalhos em que palpita a consciencia do autor, o zelo com que o emprehendeu e o levou a cabo, a intelligencia e a honestidade com que o alicerçou e documentou.

Assim, seja este escriptor, tão probo quanto senhor do assumpto versado, seguido por quantos escrevam monographias municipaes, cousa de que tanto carecemos ainda.

Referindo-se ao estabelecimento de Garcia Rodrigues Paes na Parahyba do Sul, em torno da qual obtivera dezeseis sesmarias para si e seus doze filhos, refere-se M. Forte aos trabalhos do inclyto sertanista, empenhado no rasgamento do Caminho Novo das Minas Geraes. Tal empresa ao Rio de Janeiro haveria de trazer prodigioso alento e, afinal, determinar-lhe aquelle progresso extraordinario e rapido, como emporio commercial, de onde se originariam os direitos incontrastaveis sobre a cidade do Salvador a merecer os fóros de capital do Brasil.

Escreve o historiador fluminense a lembrar a grande obra do glorioso filho de Fernão Dias Paes:

"Emprehendimento formidavel esse, de rasgar extensa trilha atravez do sertão, abatendo arvores seculares, improvisando pontes sobre ribeirões e rios, quando os não podia vadear, até os cumes da Cordilheira do Mar; transpor este immenso paredão em uma das suas bocainas, e, em declives, ora mais ou menos suaves, acompanhando o curso das aguas vertentes, chegar á planicie de Iguassú, tambem cortada por numerosos rios, e attingir, finalmente, São Sebastião do Rio de Janeiro, após centena e meia de kilometros!

Mas a commettimentos taes já o sertanista se habituara desde quando, com o pae, em 1674, partira a caminho das Minas, em busca da prata de Sabarabuçú e da Serra das Esmeraldas, na viagem que devia ser fatal á vida e á fortuna de Fernão Dias. Nem lhe desencorajara o animo a lembrança das rudes jornadas de então, penetrando nas mattas virgens da terra do ouro, da prata e das pedras preciosas; nem o espectro da fome e a imagem do pae, morrendo na floresta, presa das febres palustres, o fariam desistir da empresa.

A ella votou esforço proprio, cabedaes do seu patrimonio, escravos que possuia; e, se não a concluiu inteiramente, deixou, pelo menos, a trilha que guiaria os que vieram depois delle devassar os sertões fluminenses.

A' margem do caminho, só transitavel depois de 1705, e acabado depois de 1724, por Bernardo Soares de Proença, levantaram-se os primeiros ranchos para pouso das tropas e dos tropeiros ao pôr do Sol, ao termo de cada jornada: esteios apanhados da derrubada da estrada, sustentavam uma cobertura de sapé, tabôa ou de folhas de coqueiro, o que houvesse mais á mão; casas sem dono, que pertenciam, por uma noite, ao primeiro occupante.

Vieram, depois, construcções tão rusticas, porém menos desabrigadas: os ranchos foram, então, de taipa, um engradamento de cipós ou de bambús, emboçados de tabatinga, quando havia proximo, ou mesmo de terra. Em torno delles. semeava o dono milho para sustento das "tropas" de muares, dispensando-as de augmentarem a carga com a ração dos animaes. Para o commercio com os tropeiros não tardou o plantio de canna para o fabrico do assucar grosso e da aguardente com que os viandantes matariam a sêde, durante as longas travessias ao sol e á chuva.

Assim se foi tornando conhecido e povoado o sertão, "cujos habitantes avultavam em pouco tempo", tornando ne-

cessario que o bispo Dom Frei Francisco de São Jeronymo désse á capella mandada erigir por Garcia Rodrigues Paes, sob a invocação da Conceição da Santa Virgem e dos Apostolos São Pedro e São Paulo, a categoria de curato, o que occorreu em 1719."

Explica Maia Forte a causa desta directriz, a insegurança de outros traçados mais a oéste, por motivo da existencia de tribus ferozes e avultadas de Purys, dominadoras das duas margens do Parahyba.

Descendo dos pousos de Garcia Paes, os viajantes embrenhavam-se no sertão em demanda de São Sebastião do Rio de Janeiro, pelo caminho que o sertanista abrira.

Mais natural fôra que pedestres e cavalleiros, senhores de engenhos, conductores de ouro e tropeiros, vindos das Minas, acompanhando o curso do Parahybana, até sua foz no Parahyba, ou antes della, subissem pela margem direita deste rio até á confluencia do Pirahy, e, beirando este, attingissem mais rapidamente a baixada sem necessidade de vencerem os obstaculos da travessia das serras, que, desde as proximidades da Parahyba do Sul, se vão alteando até ás cristas da Cordilheira do Mar (Viuva, Bôa Vista, Sant'Anna, Couto, etc.), que fórma o enorme semi-circulo da baixada, envolvendo a bahia de Guanabara.

Mas, para tal percurso menos pontilhado de obstaculos naturaes, preciso fôra que os viajantes, portadores, na descida, de metaes e pedras preciosas, e, no regresso, de custosas sedas, mercadorias finas, tecidos, calçados e mantimentos varios, não encontrassem outros mais temiveis como as hordas dos indios coroados, que, occupando as terras marginaes do Parahyba e as altas, comprehendidas entre este rio e o rio Preto dos actuaes municipios de Valença e Santa Thereza, faziam frequentes incursões nas terras proximas da margem direita do grande rio fluminense, cujos povoadores viviam, por esta razão, em continuo sobressalto.

Assim, deixavam os viajantes a margem direita do Parahyba, onde Garcia Paes tinha "uma venda e bastante ranchos", fronteiros á sua casa de residencia, na margem opposta, "cercada de larguissimas roçarias", e seguiam para os logares que foram sendo conhecidos, no correr dos tempos, por Cavarú ou Caburú, Pau Grande, Roça do Alferes e Marcos da Costa, fazendo adeante deste ponto a descida para a baixada, provavelmente na direcção dos rios Pilar, Inhomirim e Iguassú, se preferiam partir dahi em canoas, ou na direcção da Pavuna, se queriam seguir pelo "caminho de terra".

E não foi senão a travessia pelo sertão que deu, no principio do seculo XVIII e até depois de metade do seculo XIX, mas antes que as locomotivas rasgassem as lombadas da Cordilheira do Mar a importancia de que desfructou o interior das futuras villas do Paty do Alferes e Vassouras, travessia que, com maiores ou menores variantes, se restabeleceu em parte no traçado da antiga Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil (hoje Linha Auxiliar da E. F. Central do Brasil), onde ainda se encontravam as primitivas e seculares denominações de Cavarú, Taboões, Pau Grande e Paty do Alferes."

Esta trilha viria a ser uma das grandes vias do café. Duas estradas principaes assignalava o ajudante engenheiro João Jorge Lobo, em seu mappa, de 1778, ligando o Rio de Janeiro ao hinterland o caminho para S. Paulo por Itajahy, S. João Marcos, etc., o das Minas Geraes, cujos marcos principaes eram a capella e Porto de Nossa Senhora da Estrella, a Freguezia do Alferes, Pau Grande, Cabuçú, Vargem.

A' margem direita do Piabanha, ficava o "largo sertão occupado por indios brabos", onde o cartographo deixou largo claro para indicar a ignorancia dos accidentes geographicos daquella vasta área.

Vinte e tres annos mais tarde, em 1801, portanto, nova carta traçava ou, antes, "elevava", como no tempo se dizia, e accrescentada de novos informes, o Sargento Mor Manuel Vieira Leão. A este engenheiro notaveis serviços deve a cartographia fluminense. Esta reedição de sua *Carta Geographica da Capitania do Rio de Janeiro,* elle a offereceu, muito reverentemente, ao Muyto Reverendo Snr. D. Antonio Roiz de Aguiar, Dignissimo Secretario do Exmo. Revmo. Snr. Bispo Diocesano e Reitor do Seminario Episcopal do Rio de Janeiro.

Incomparavelmente mais rica de pormenores do que a de Lobo, assignala ao longo da estrada de Garcia Rodrigues Paes muito maior numero de signaes da civilização nas séries dos arraiaes e pousos nomeados.

Da Estrella para o Norte, vemos Manga Larga, Freguezia de Jesus Maria José do Alferes, Pau Grande, Cabuçú, Vargem e Guarda do Parahyba. D'ahi a estrada se encaminhava para o Registro do Parahybuna, primeiro ponto attingido do territorio mineiro.

Se é exacto que a grande área limitada pelos Orgãos e seus contrafortes, o Piabanha e o Parahyba, e, entrando por Minas Geraes a dentro, ainda é assignalada por *Sertão occupado por varias nações dos indios bravos,* vemos uma série

de povoadozinhos mais a léste, á ourela desse sertão, na directriz da antiga Estrada de Ferro Grão Pará.

Apurou Maia Forte que os nomes de sesmeiros mais antigos do hinterland fluminense, futuro, nucleo principal da cultura cafeeira, são os do capitão Francisco Tavares e do almoxarife da Real Fazenda no Rio de Janeiro, Marcos da Costa da Fonseca Castello Branco.

Este Marcos da Costa tem o nome indelevelmente ligado á toponymia fluminense. Já em 1708 possuia terras ao longo do Caminho Novo das Minas. Francisco Tavares era sesmeiro da zona do Pau Grande, nome que já surge nos documentos em 1712. Outro sesmeiro antigo é o capitão José Mendes de Carvalho afazendado ao pé da Serra da Manga Larga, em 1716.

Vendeu a sua sesmaria em 1735 a Francisco Gomes Ribeiro, que desde 1716 se sabe que vivia naquella zona.

Escreve Maia Forte:

"Em 1750, Manoel Gomes Ribeiro e Francisco Gomes Ribeiro, que se achavam estabelecidos com bastantes lavouras em Páo Grande, juntamente com Antonio da Costa Araujo, todos possuidores de uma fazenda no referido caminho e paragem, a vizinhança de propriedade do coronel Fernando da Silva, declarando haverem cultivado terras que corriam para as bandas de Inhomirim (proximas, portanto, da serra divisoria entre os municipios de Vassouras e Petropolis), das quaes se consideravam possuidores, alargaram suas propriedades, obtendo, em 12 de Setembro de 1758, nova sesmaria de uma legua em quadro, nos fundos de sua fazenda.

Outras sesmarias com indicação de serem situadas em Páo Grande, foram tambem concedidas: ao alferes de ordenanças Leonardo Cardoso da Silva, accrescimos, em Novembro de 1749; a Antonio dos Santos Maia, em 29 de Outubro de 1750; a Manoel da Costa Araujo, em 12 de Setembro de 1758; a João Martins Pereira, em 27 de Outubro de 1777; e a João Rodrigues da Cruz, em 10 de Dezembro de 1777.

Na zona da Roça do Alferes e Paty encontramos como senhores das sesmarias mais antigas: Antonio Vaz Gago (2 de Junho de 1709); João de Moraes e João de Godoy (13 de Agosto de 1743); Francisco Rodrigues Manso (em Pindobas, 11 de Novembro de 1777); Ignacio de Souza Werneck (22 de Março de 1798); Luiz da Silva França (18 de Novembro de 1799); Francisco Peixoto de Lacerda (6 de Julho de 1790), e Manoel de Azevedo Ramos (13) em 1805.

Páo Grande e suas redondezas concentraram, como se

acabou de ver, e durante alguns annos, a importancia agricola da região.

Estavam estabelecidos ahi os Gomes Ribeiro, que possuiam grandes extensões de terras e escravatura bastante para os mistéres das suas lavouras, como o disseram nas suas petições de sesmarias.

Com uma das filhas de um desses Gomes Ribeiro, D. Francisca Ribeiro, casara-se José Rodrigues da Cruz, que, por morte de sua esposa e em virtude da adjudicação de bens feita no inventario para solução de dividas do casal, ficára senhor dos seguintes immoveis: duas terças partes das terras, casas de vivenda do Páo Grande e da Rocinha (tambem chamada Rocinha do Governo), com seus marmeleiros, bens esses que comprara aos herdeiros do tenente Marcos Gomes Ribeiro e a Manoel Gomes Ribeiro, em 1780; uma sesmaria que lhe fôra adjudicada na execução que movera contra José da Silva, seu devedor; e uma sesmaria no Páo Grande, obtida em 1786.

Da outra terça parte da fazenda de Páo Grande, por compra feita a Isabel Borges Teixeira em 1779, eram proprietarios o tenente Antonio Ribeiro de Avellar e sua mulher D. Antonia Maria da Conceição e Antonio dos Santos e sua mulher Francisca Maria da Conceição. A ambos os casaes pertenciam tambem todas as bemfeitorias de Páo Grande, escravos, o gado vaccum, cavallar e muar ahi existente.

Possuiam tambem Avellar e Santos um trapiche no porto da Estrella. Com estes bens, a que deram o valor de ...... 51:176$578, constituiram elles com José Rodrigues da Cruz uma sociedade para exploração industrial e agricola em Páo Grande.

Santos e Avellar são, sem duvida, os dois commerciantes do Rio de Janeiro aos quaes, segundo Saint Hilaire, se associara Rodrigues da Cruz, fornecendo os capitaes precisos.

Intelligente e laborioso, Rodrigues da Cruz preparou seus cannaviaes, accrescentou-lhes roças de milho, feijão e mandioca; fez pastos, installou o engenho para o fabrico de assucar e aguardente, o moinho para o fubá e a engenhoca para o preparo da farinha de mandioca. Feijão, fubá e farinha se figuravam nos repastos dos senhores de engenho, eram a base da alimentação da escravatura. Os cannaviaes forneciam abundante materia prima e as demais lavouras augmentavam os lucros da exploração agricola.

Rodrigues da Cruz fôra, ao que parece, o unico senhor de terras que soubera captar as simpathias dos indios coroados,

que o visitavam em sua fazenda, sendo por elle obsequiados com a aguardente produzida na sua distillaria. Por humanidade ou por instincto de defesa, preferindo tel-os por amigos e tratal-os como inimigos, Rodrigues da Cruz provou que se interessava pela sorte dos selvagens.

Morrendo um dos seus socios ou por outro motivo, dissolveu-se a sociedade e Rodrigues da Cruz foi fundar uma outra fazenda em Ubá, a curta distancia do Parahyba, em terras dominadas pelos seus vizinhos os coroados. E dedicou-se, como o fizera em Páo Grande, á cultura da canna, que já lhe era tão conhecida tanto quanto os segredos, se é que os havia, do fabrico do assucar e da aguardente.

Em 1798 animou-se Rodrigues da Cruz a solicitar o auxilio da Corôa para o aldeiamento dos indios a cuja colonização se dedicava com os recursos naturaes e os pecuniarios de que dispunha. Neste proposito, muito o auxiliou o capitão João Rodrigues Pereira de Almeida, seu sobrinho, e ambos foram causa directa da edificação, em 1808, no local em que se fundou a cidade de Valença, da capella de Nossa Senhora da Gloria.

Pereira de Almeida, fazendeiro em Ubá, na vizinhança de seu tio, era, sem duvida, homem de posses, tambem commerciante no Rio de Janeiro, de cuja Junta do Commercio fez parte entre outros annos, nos de 1811 e 1812. Foi mais tarde agraciado por D. Pedro I com o titulo de barão de Ubá.

Saint Hilaire fez sua primeira viagem pelo sertão do Brasil em companhia de Pereira de Almeida, do Rio de Janeiro a Ubá, e a elle se refere em seus livros com palavras de gratidão pelas facilidades que lhe proporcionou em suas excursões pelo interior do paiz. Mais de uma vez o sábio francez voltou á fazenda onde descansava de suas jornadas.

E, como elle, outros scientistas, tiveram occasião de passar por Ubá, onde a hospitalidade de Pereira de Almeida se tornara proverbial.

Ubá é ainda uma valiosa propriedade sita no 3.º districto do actual municipio de Vassouras e pertence á Companhia Centros Pastoris do Brasil, que a augmentou com terras adjacentes, possuindo um grande estabelecimento de criação de gado e usina para o beneficiamento do leite e fabrico de lacticinios.

Quanto á magnifica fazenda de Páo Grande, dissolvida a sociedade, foi ella ter ás mãos de Luiz Gomes Ribeiro de Avellar, e este abastado lavrador fez construir, entre 1797 e 1810, o edificio principal do latifundio, que, como Saint Hi-

laire e Ribeyrolles mais tarde viram, ainda hoje existe e pode vel-o quem percorre o trecho da Linha Auxiliar nessa zona.

Cada uma das alas lateraes tem oito janellas de frente e foram todas guarnecidas de gradis de ferro importados da Europa, como informa Saint Hilaire.

Ao centro das duas alas, ergue-se a capella onde se celebravam os officios religiosos a que assistiam não só os membros da familia do fazendeiro como os das circumvizinhanças, que não podiam arcar com os onus de manter um capellão. Em frente á residencia senhorial construiram-se o engenho e suas dependencias e as casas de morada do pessoal do serviço, senzalas, etc.

Fallecendo Antonio Ribeiro de Avellar, a fazenda coube a Joaquim Ribeiro de Avellar, que se tornou abastado fazendeiro e foi agraciado com o titulo de barão de Capivary por D. Pedro II. A propriedade passou para as mãos de seu filho de igual nome, o visconde de Ubá, cabendo por morte deste a seus filhos, o Dr. Antonio Ribeiro Velho de Avellar, o coronel Joaquim Ribeiro de Avellar e a baroneza de Murutiba, D. Maria José de Avellar Tosta, fallecida recentemente.

E' Páo Grande um dos immoveis ruraes que se conservam há mais de um seculo no patrimonio da mesma familia e nella, mantendo-se a tradição, se cultiva a canna, como o fizeram seus primitivos senhores."

Magnifico resumo traçou o historiador fluminense tão versado nas particularidades de sua terra natal, das vicissitudes de uma das mais notaveis fazendas brasileiras e uma das mais antigas e assignaladas lavouras cafeeiras.

Possue o Pau Grande notavel archivo, precioso repositorio de elementos para a historia economica do Brasil. Não o manipulámos mas delle conseguimos alguns adminuculos sobremaneira interessantes e valiosos.

Devemo-los á gentileza do saudoso amigo Dr. Antonio Velho Ribeiro de Avellar, o cavalheiro finissimo que foi o penultimo proprietario da grande fazenda.

Varias vezes convidou-nos este fidalgo fazendeiro — que tanto herdara de seu pae, o Visconde de Ubá, a finura do trato — a que fossemos deitar os olhos aos livros seculares de sua fazenda. Nunca pudemos realizar este desejo.

Certo dia mandou-nos o Dr. Velho de Avellar — amigo de nossa familia como herdeiro de amizade fraterna de seu avô Barão do Capivary ao Barão de Vassouras — alguns apontamentos colhidos em seu archivo.

Era para animar-nos a que fossemos ao Pau Grande, escrevia do modo mais gentil.

São estes os apontamentos de que nos vamos valer divulgando dados que nos parecem jámais ter vindo a lume, sobre a economia de uma grande propriedade agricola fluminense de cima da serra em fins do seculo XVIII. São estas as notas do Dr. Antonio Velho de Avellar.

Resumo das contas apresentadas por Luiz Gomes Ribeiro, socio da sua sogra, D. Antonia Maria da Conceição (viuva, desde 1794, de Antonio Ribeiro de Avellar) relativas á sua gerencia da fazenda de Pau Grande, de 1797 a 1810.

Receita:

38.731 arrobas e dez libras de assucar a 1$816, preço medio arroba	70:371$492
1.178 pipas e 1 medida de aguardente a .... 30$030, preço medio da pipa	35:373$957
Assucar, aguardente, cereaes, etc., vendidos na fazenda	14:766$779
	120:512$228

Despesa em:

1797 —	6:771$131	
1798 —	8:255$114	
1799 —	15:352$917	
1800 —	5:206$559	
1801 —	4:082$304	
1802 —	5:140$685	
1803 —	3:547$088	
1804 —	15:077$816	
1805 —	6:954$554	
1806 —	2:940$430	
1807 —	2:832$960	
1808 —	4:734$284	
1809 —	2:374$497	
1810 —	4:254$999	87:525$338
	Saldo	32:986$890

Indice precioso este. Até 1810 não chegara o plantio do café a uma zona onde dentro em pouco assumiria preponderancia tamanha supplantando a canna, quasi por completo.

São ainda do Dr. Antonio Ribeiro os seguintes informes do mesmo periodo de 1797 a 1810.

NOTA DE ALGUNS PREÇOS NAS CONTAS

Jornaes:

	rs.	rs.	rs.
Derrubador	160	240	260
Falquejador		320	
Serrador		320	
Carpinteiro		360	480
Marcineiro		480	
Pedreiro..		560	640
Mestre de Engenho. ..		1$000	

Generos:

Milho alq. — 200 rs. — 240 — 260 — 280 rs. — 320 — 440 — 480 — 640 rs.
Feijão alq. — 400 — 480 — 600 — 640 rs.
Arroz alq. — 600 — 620.
Farinha de mandioca alq. — 640 — 800.
Farinha de trigo alq. — 1$600 — 1$920 — 2$240.
Sal alq. — $800.
Carne secca — $800.
Chá — 2$560.
Bacalhau a 4$800.

Animaes:

Bois — 5$200 — 5$800 — 6$000 — 6$400 — 6$600 — 8$000 — 10$000 — 8$500 — 9$000 — 11$000 — 13$000.
Cavallos — 16$000 — 32$000 — 38$400 — 51$200 — 55$000.
Bestas novas — 9$000 — 18$000.
Bestas de sella — 50$000 — 55$000.
Bestas mansas — 30$000.
Gallinhas — 120 rs. — 160 rs.
Frangos — 80 rs. — 100 rs.

Como vemos, houve alta continua de preços, indice de positivo progresso da região onde a população se ia aden-

sando. O café alli surgira depois de 1800 ao que parece, contou-nos o Dr. Antonio Ribeiro.

A titulo de curiosidade mandou-nos ainda o saudoso amigo algumas verbas curiosas das despesas geraes da fazenda.

Em 1804, quer nos parecer, começou a ampliação da velha morada dos fazendeiros agora assolarada numa das maiores *casas grandes* da capitania. Punham-se-lhe saccadas em 1808 as grades de ferro compradas em Lisboa notavel luxo para tão atrazados tempos e tão rusticos logares.

1797 — 24 de Setembro — Aluguel de uma barca para conducção de encommendas quando vim ver a fazenda — 1$920.

27 de Dezembro — Dinheiro ao Vigario João Alz de Barros de enterros, baptisados e desobrigas — 2$880.

1798 — 20 de Dezembro — Idem, idem — 21$520.

1799 — 22 de Abril — Idem, idem — 55$400.

1804 — 31 de Dezembro — Dinheiro ao Vigario Joaquim José Pereira Furtado, de enterros, baptisados e desobrigas nos annos de 1800 — 1801 — 1802 — 1803 — 1804 — 178$400.

1806 — 9 de Setembro — Dinheiro ao Vigario para dizer a Missa de Natal — 6$400.

1803 — 6 de Fevereiro — 1 a de café — 1$280.

1803 — 6 de Fevereiro 1, ½ a de café — 1$920.

1808 — 8 de Abril — Duas pedras de moinho — 25$600.

1801 — 30 de Dezembro — 177 alq. de milho ao Dizimeiro Mel. Xavier — 70$800.

23, 1|2 de feijão — 10$200.

1804 — 31 de Dezembro — Ao Dizimeiro de mantimentos em 1797 a 1799 — 400$000.

Em 1800 a 1802 — 400$000.

Com a nova propriedade — 4:776$822.

1808 — 26 de Dezembro — Dezoito grades de ferro, despacho em Lisboa, etc. — 447$562.

1798 — 20 de Dezembro — Caldeira de cobre 14 a e 188 a 520 — 242$320.

1800 — 30 de Dezembro — 8 a e 25$000 de ferro Suecia a 10$000 o al. — 20$390.

1800 — 30 de Dezembro — 10 a e 26$000 de ferro Biscaia a 10$000 o al. — 72$080.

1804 — Janeiro — 2 qqs. 1 a e 25$000 de ferro Angola 8 1 500 o al. — 19$257.

CAPITULO XXXII

Fundação de Vassouras — O Barão de Ayuruoca, extraordinario propulsionador da lavoura cafeeira

Commentando com a mais farta documentação obtida pela pesquisa acurada e exigente, os factos do povoamento fluminense de serra acima, lembra Maia Forte como se deu o apossamento de um territorio que, mais tarde, tomaria immensa importancia no conjuncto da propagação da lavoura cafeeira: o de Vassouras.

Fôra a estrada de Garcia Rodrigues Paes, pelo centro da região, desde as serras até a "Parahyba Nova" (Parahyba do Sul), o eixo em torno do qual se agruparam os primeiros desbravadores do sertão. Delle partia o ramal para Ubá, terminando nas terras de Rodrigues da Cruz; a, seguir, as necessidades locaes fizeram com que se abrisse novo caminho, que serviria, mais tarde, para a futura estrada do Commercio, na mesma zona.

O povoamento foi, deste modo, se estendendo das bases de Paty, Pau Grande e Sacra Familia, para a margem direita do Parahyba.

Começam alli a apparecer as primeiras sesmarias, como José Francisco Tavares e Joaquim Dias da Rosa (1781), Pedro e José Gomes Leal (1785), etc., etc.

Em geral, tinham testadas sobre a Parahyba.

A 5 de outubro de 1782, foi concedida a Francisco Rodrigues Alves e seu socio, Luiz Homem de Azevedo, no sertão chamado de Sant'Anna de Matta Dentro por detraz do Morro Azul, a sesmaria de Vassouras e Rio Bonito.

Foi Francisco Rodrigues o primeiro cultivador da zona e a elle se deve o prosaico nome imposto ao pequeno nucleo que, em meiados do seculo XIX, seria a capital do café brasileiro. Proveio tal denominação de uma evocação de ordem botanica, da abundancia da vassoura, padrão de primeira ordem daquellas terras uberrimas, cujo grande defeito era o ele-

vado angulo de declive de suas montanhas, ainda em matta virgem.

De Francisco Rodrigues Alves procederam numerosos grandes fazendeiros, cujos nomes figuram com destaque nos nossos fastos cafeeiros, como sejam os tres Barões e a Viscondessa de Santa Justa, o Barão de Santa Fé, Commendador Jacintho Alves Barbosa, etc.

Explicando como se processou o apossamento, além do rio Parahyba, escreve Maia Forte:

"O aldeamento dos indios, além do Parahyba, e sua sujeição, proporcionaram a creação e o desenvolvimento de N. S. da Gloria de Valença, bem como das terras que se lhe seguiam, além do rio Preto, já na capitania de Minas.

Era o curso do ribeirão das Mortes, que orientava as "tropas" vindas de N. S. da Gloria de Valença para Sacra Familia, ganhando dahi ou as antigas estradas, na direcção de Iguassú, ou o talho, que já começava a ser trilhado, para o rancho dos "Mendes" e Rodeio, na direcção da serra dos Macacos, para se dirigirem, já na planicie, rumo de Itaguahy.

Contava a freguezia, em 1814, 119 fogos com mais de 700 habitantes, exclusive os indios aldeados.

Vinham por esse lado viajantes e tropas das zonas mineiras, na direcção das proximidades de Juparaná (antiga estação de Desengano), para fazerem, rio acima, a travessia para a margem direita do Parahyba, indo ter ás vizinhanças do riacho das Mortes, na actual estação "Barão de Vassouras", evitando o percurso mais longo que lhes offerecia o caminho do Commercio.

A travessia de uma para outra margem do Parahyba fazia-se lentamente, em improvisadas "barcas de passagem", especie de balsas ou jangadas, carregadas de mercadorias e de animaes que não atravessavam a nado, e em canôas.

Os tripulantes das balsas e canôas, escravos ou indios domesticados, armados de compridas varas, que tocavam o fundo do rio, dirigiam-nas para um ponto sempre distante do de desembarque, dando o preciso desconto do rumo, segundo a maior ou menor correnteza do rio.

Este vagaroso meio de travessia teve seu fim com a construcção de uma primeira ponte, que se arruinou exigindo a de uma nova, pelo anno de 1821, e da qual se encarregou Custodio Ferreira Leite, depois barão de Ayuruoca, já nessa época com raizes no arraial de Vassouras.

Custodio Ferreira Leite não foi apenas um homem emprehendedor em Minas Geraes, capitania do seu nascimento.

Seu animo de homem nascido para o trabalho, fel-o emprehendedor de muita obra util, que se fez na capitania do Rio de Janeiro.

A obras publicas, á construcção de templos com donativos proprios e angariados entre sua numerosa parentela e amizades, ligou seu nome, digno da benemerencia com que D. Pedro II galardoou sua honrada velhice. Possuidor de terras em Barra Mansa, um de seus primeiros povoadores alli estabeleceu parte de sua familia.

Entre as obras a que dedicou sua actividade, figura a construcção da estrada da Policia, que partia de Iguassú e ia terminar na margem direita do rio Parahyba, atravessando uma parte consideravel do territorio ainda nessa época sujeito á jurisdicção da villa de Paty do Alferes, na freguezia de Sacra Familia.

Foi elle quem encaminhou para o nascente arraial de Vassouras, mais ou menos em 1820, os passos de seu sobrinho Francisco José Teixeira Leite, o futuro barão de Vassouras, cuja familia havia de ser um dos principaes factores do progresso local."

Sobre os primordios de Vassouras, sigamos mais uma vez o douto escriptor fluminense, de quem tanto nos temos valido.

"Não encontramos, em nenhuma bibliotheca do Rio de Janeiro, pública ou particular, uma Memoria do Desembargador Siqueira, nem a vemos mencionada no catalogo da exposição de Historia do Brasil, não obstante sabermos que data do anno de 1852."

Escreveu-a o Desembargador Alexandre Joaquim de Siqueira, que tão bella reputação deixou como magistrado e chefe de policia do Rio de Janeiro e cujo retrato figura na galeria de Sisson como o de um dos brasileiros notaveis de seu tempo.

"Os primeiros povoadores de Vassouras foram José Ignacio Corrêa Tavares, Luiz Homem de Azevedo, Pedro Gomes Leal e Francisco Ruiz da Silva, os quaes em 1782 e 1787, entraram para os vastos sertões que então se estendiam até o Rio Preto, divisa destes com a provincia de Minas; derribarão mattas e levantarão casas de vivenda, o primeiro no local onde é hoje a fazenda do Barão do Tinguá; o segundo, no sitio hoje chamado Madruga, a um quarto de legua de distancia da villa, para o lado de N. E.; o terceiro, no lugar chamado Matadouro, onde mora hoje seu filho, José Gomes de Assumpção; e o quarto, finalmente, no logar chamado Enge-

nho do José Corrêa, onde mora Manoel de Menezes, pouco distante de Madruga. Isto sei por ouvir a Eleuterio Rois Barbosa, filho de Francisco Rois da Silva, e que tambem contou-me que, em 1792, seu pae cultivava (formaes palavras) uma horta de cafeseiros, os quaes produzirão o fructo apenas indispensavel para o uso da familia."

Verificou Maia Forte, pelos documentos do Archivo Nacional, que o Desembargador se equivocou: o nome do sesmeiro era Francisco Roiz Alves.

Assim teria entrado o cafeeiro nas terras vassourenses, em 1792, de accordo com a informação de Eleuterio Rodrigues Barbosa. E' possivel que este se haja enganado em affirmar tal data, mas parece-nos aceitavel que o primeiro plantio da rubiacea haja sido realmente anterior aos começos do seculo XIX.

Assim, ao tempo que se iniciava a lavoura cafeeira em Rezende, principiava tambem em Vassouras.

Commenta Mattoso Maia Forte:

"O primeiro historiador local serviu-se, como elle proprio escreveu, da tradição oral, transmittida por um dos filhos de Francisco Rodrigues Alves, cujas terras situou nas proximidades do Madruga, e, assim, mencionou aquelles quatro como os primeiros povoadores de Vassouras.

Nas suas referencias, o Dr. Alexandre Joaquim de Siqueira trata de um filho de Pedro Gomes Leal, de nome José Gomes Leal, vizinhos da fazenda do Secretario, e da fazenda Dentro, isso em 1852. Já em 1855, não encontramos aquelle nome no alludido registo de terras, mas os de: Vicente Gomes Leal, com terras no Ribeirão; viuva e herdeiros de Manoel Gomes Leal, visnihos da fazenda do Secretario, e da fazenda que pertencia em 1855 ao Dr. Manoel Ignacio de Figueiredo Jayme.

Assumpção, dono de uma fazenda em Matto Dentro, da qual eram vizinhos Ambrozio de Souza Lima, João Gomes de Assumpção, Francisco Gomes Leal e José Joaquim Botelho, e Ignacio Gomes de Assumpção dono de outra fazenda tambem em Matto Dentro.

Seriam estes Assumpção da mesma familia de José Gomes Assumpção?

E' ainda objecto de duvida a origem da denominação de Vassouras, dada ao arraial. O Dr. Rodolpho Leite Ribeiro diz que quem lha deu foi Francisco Rodrigues Alves. Milliet de Saint Adolphe informa no *Diccionario Geographico do Brasil,* que, no principio do seculo XIX, o sitio onde estava

assentada a villa era um despovoado, coberto de matto e de um arbusto de que no Brasil fazem vassouras.

Ribeyrolles, no *Brasil Pittoresco,* diz que Vassouras "era um deserto; mattos virgens cobriam, ensombreavam os picos dos montes que a encerravam e, em baixo, nas varzeas, vegetavam as capoeiras, arbustos rachiticos, de que se faziam vassouras no Brasil e de que o municipio e a cidade tiraram o nome."

Moreira Pinto escreveu no seu *Diccionario Geographico*: "A respeito do nome da cidade, consta que ahi morava um homem que fazia vassouras de fibras de palmitos e as vendia aos tropeiros que por ahi transitavam."

Nenhuma das explicações é, por si só, bastante satisfatoria. Em varios pontos do Estado, senão do Brasil, ainda hoje se encontram arbustos de que se fazem vassouras, bem como coqueiros cujas fibras se prestam ao fabrico de vassouras grosseiras.

O certo é que já em 1822 havia uma fazenda denominada "Vassouras" ou "Bassouras", como vimos em documento do archivo da Camara da villa de Paty, e da qual era proprietario José de Freitas.

Francisco de Almeida Paz, que era sitiante ou arrendatario de uma porção de terras da fazenda de "Bassouras", queixara-se á Camara de que José de Freitas queria pôl-o fóra das terras sem lhe dar uma indemnização pelas bemfeitorias que ahi possuia.

— A abundancia da "vassourinha" foi notada por Charles Ribeyrolles em uma de suas passagens pela zona situada nas margens do Parahyba. Recordo-me de que, registando essa circunstancia, disse ter curado uma picada de insecto na mão com a mucillagem da "sida carpinifolia", que é a "vassourinha."

Com os subsidios da *Memoria Historica* do Desembargador Siqueira e a farta documentação do Archivo Nacional, procurou Maia Forte esclarecer a situação do local onde em 1833 se erigira a villa de Vassouras, indicando as propriedades agricolas da região.

"Foi talvez através destas que se estabeleceu o transito dos tropeiros que desciam da vizinha freguezia de N. S. da Gloria de Valença e iam por Paty do Alferes ou por Sacra Familia para as estradas que terminavam no Rio de Janeiro.

Um dos pontos do caminho entre o Parayba e Sacra Familia, constituiu primeiramente um simples pouso, o berço

do arraial que, dentro de alguns annos, seria a villa de Vassouras.

As tropas que iam e vinham, criaram ahi relações de pequeno commercio, um commercio muito primitivo, é certo, mas cuja existencia foi dando ao sitio o aspecto de um arraial.

Nos arredores deste já se transformavam as sesmarias em propriedades menores, com a sub-divisão das terras, formando-se novas fazendas."

Merece Custodio Ferreira Leite, Barão de Ayuruoca, por carta imperial de 14 de março de 1855, que o leitor se detenha um pouco sobre a sua nobre individualidade. Foi dos mais antigos e mais notaveis pioneiros da cafeicultura nas mattas do Rio e de Minas. Por ella se apaixonou e de sua propaganda nasceram numerosas fazendas. Sobre elle ha pequena noticia biographica da lavra do conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, impressa na Revista do Instituto Histórico Brasileiro (tomo 34). E Sisson o inseriu na sua galeria de brasileiros illustres lithographando-lhe o retrato a que acompanha o camoneano *chorou-te toda a terra que pisaste,* distico admiravelmente escolhido para qualificar a actuação do civilizador e do philanthropo a cuja vida se queria qualificar.

Filho do portuguez sargento-mór José Leite Ribeiro (1723-1801), grande minerador de ouro do Rio das Mortes e da brasileira Escolastica Maria de Jesus Moraes (1745-1823), nascera na fazenda de seus paes á margem do Rio das Mortes, a 3 de dezembro de 1782.

Seu avô materno, o portuguez sargento-mór Lourenço Corrêa Sardinha (+ 1747), era tambem grande afazendado da comarca do Rio das Mortes, e sua avó Maria de Assumpção Moraes (1721-1763), filha de paulistas.

Eram estes Antonio Vieira de Moraes, minerador do Rio Grande, perto do Turvo, residente em 1736 em São Miguel de Cajurú e fallecido antes de 1753, e Anna Pires de Oliveira, tambem fallecida antes de 1753.

Por esta Anna Pires de Oliveira provinha o Barão de Ayuruoca dos primeiros povoadores vicentinos, vindo a ser decimo neto de João Ramalho e Antonio Rodrigues, João Pires o Gago, Garcia Rodrigues, Gaspar Affonso, Jorge Ferreira, Antonio Fernandes, Fernão Paes, Gonçalo Camacho, etc. Assim, pelas mulheres dos dois primeiros, igualmente descendia de Tibiriçá e Pequeroby, os dois famosos maioraes cuja progenie abrahamica comprehende milhões de brasileiros de hoje.

Ao encetar o seu estudo, declara Fernandes Pinheiro do biographado cujo perfil entendera retraçar:

"Não foi o protagonista da nossa tosca narrativa um denodado guerreiro, que com a espada gravasse o seu nome nos disticos nacionaes, um sábio, que com suas lucubrações alargasse o circulo dos conhecimentos humanos, um missionario, que estendesse os horizontes da fé; mas um honrado lavrador, sincero patriota, providencia dos pobres, energico agente da civilização e do progresso.

Quem ha ahi nas tres provincias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes, que nunca ouvisse fallar no coronel Custodio Ferreira Leite, condecorado na sua velhice com o titulo de barão de Ayuruoca? Quem ha que não refira algum acto de beneficencia por elle praticado?

Quantas familias não foram por elle amparadas, quantas dissenções domesticas, pela sua legitima ascendencia terminadas?

Não registará, portanto, esta revista em suas paginas a biographia d'um homem obcsuro, ou d'algum desses enfatuados, que nenhum vestigio, senão os da vaidade e do orgulho deixaram de sua passagem pelo mundo."

Homem feliz o Sargento-Mór José Leite Ribeiro! Prosperara em bens de fortuna e vira crescer em torno de si numerosa progenie de homens fortes, saudaveis, rectos, energicos, operosissimos, para quem era o trabalho verdadeira religião.

De sua csaa de S. João d'El Rey, onde habitualmente assistia, viu os filhos ganhar o mundo como agentes disseminadores da civilização e do progresso do Brasil.

Minerador de ouro até os seus ultimos dias, socio a principio de seu irmão Manuel, e depois do capitão Francisco José Teixeira, portuguez como elle (+ 1787), pae do futuro Barão de Itambé (1780-1866), tivera José Leite Ribeiro importantes lavras e enriquecera bastante.

Como quasi de regra geral, nas velhas familias do Brasil de antanho, de seu casal nascera larga prole: dez varões e quatro senhoras.

Destes quatorze filhos, doze deixaram descendencia enorme, que abrange, certamente, hoje, mais de dez mil fluminenses, mineiros e paulistas.

Dos dez filhos do Sargento-Mór, quem mais destaque alcançou foi Custodio, sexto dos varões.

Em sua alma palpitavam os gostos e a paixão dos antepassados paulistas.

Mal deixara a adolescencia, emprehendeu largas jornadas, não só pelo Brasil, como pelo sul do Continente, chegando em suas peregrinações a attingir terras onde muito raramente deviam ter apparecido brasileiros: as do Pacifico, pois, segundo tradição de familia, visitou o Chile e o Perú.

"Desde a mais tenra infancia revelou a maior perspicacia e talento, que fructuosamente seriam aproveitados, se a escassez das luzes, que alumiavam o Brasil colonial, maximé no interior duma provincia central, lhe permittissem, dedicando-se ás letras, seguir a sua vocação.

Mal dissimulando esta primeira contrariedade, partiu o jovem Custodio com seus irmãos para as margens do Rio Preto, afim de entregar-se á lucrativa industria da mineração. Ou porque as variadas emoções, que semelhante occupação offerecia, não bastassem á sua actividade, ou por qualquer outro motivo, o certo é que deixou o nosso heróe o seu paiz natal, e, como curioso observador, percorreu essas provincias sul-americanas, que então pertenciam á Hespanha, e que constituem hoje outros tantos Estados independentes. Peregrinando por estranhos climas, sentiu pungil-o o espinho da saudade, e abandonando projectos de mais longinquas viagens, volveu aos patrios lares.

Ao voltar ao Brasil encontrava Custodio Leite Ribeiro o inicio do surto cafeeiro e immediatamente lhe comprehendera o enorme alcance e futuro.

Desde então, de corpo e alma dedicou-se á propagação da cultura cafeeira.

Seu irmão Joaquim Leite Ribeiro (1772-1808) e seu grande amigo, fôra outro enthusiasta do café, mas fallecera na flor dos annos, quando já prosperara notavelmente em seus negocios.

E' o que confirma o seguinte trecho de Fernandes Pinheiro. O seu lugar estava de ante-mão marcado: necessitavam duas provincias limitrophes do Rio de Janeiro e de Minas d'um homem assaz dedicado aos seus interesses, para pol-as em communicação facil e segura, por meio de estradas e de pontes. Genio emprehendedor, o capitão-mór (posto que, em sua mocidade, lhe fôra conferido) não trepidava em se embrenhar pelos sertões, ainda nessa época povoados por selvagens, atravessar a nado caudalosos rios, expôr seus dias á sanha das feras.

Abrir fazendas era para o capitão-mór Custodio Leite negocio da maior facilidade, e no que sentia summa satisfação. Amplamente ganharam com isso seus amigos e protegidos,

e mais duma personagem deveu a origem de sua fortuna á magnanimidade do distincto mineiro."

Incitando os irmãos a que o acompanhassem, trouxe-os Ayuruoca de suas terras pobres de pecuaria para as mattas do Rio de Janeiro e a de Minas onde a floresta ia cahindo sob os golpes dos machadeiros, para dar lugar aos cafesaes. Seis de seus irmãos, José, Antonio, Manuel, Anastacio, Francisco, Floriano, acompanharam-n'o ou imitaram-n'o, afazendando-se em Conservatoria, Valença Barra Mansa, Mar de Hespanha, onde, dentro em breve, o café os opulentaria.

Em torno da velha mãe ficára o irmão que a carreira tornava mais sedentario, o Padre João Ferreira Leite.

Extranho desinteresse animava o grande pioneiro do café. Escreve o Conego Fernandes Pinheiro:

"Se com semelhantes disposições só dos seus interesses curasse, seria o maior millionario da nossa terra; esquecia-se porém Custodio Leite de si para só se lembrar dos outros, preferindo a satisfação de fazer bem ás positivas vantagens da colossal riqueza.

Compensada era essa obrigação pela posse da maior popularidade; comprehende-se, pois, de que auxilio fôra elle aos fautores da nossa emancipação politica. Quando com imparcialidade fôr um dia escripta a historia da independencia, quando se distribuir a cada um dos agentes o lugar, que lhe compete, estamos convencidos, que o nome do capitão-mór Custodio Ferreira Leite apparecerá coroado pela aureola do civismo.

Na ausencia de mais veridicos dados, sirva-nos de thermometro de seus relevantes serviços a estima, com que o honrava o fundador do imperio, agraciando-o com a commenda da Ordem de Christo, com a patente de coronel de milicias, e distinguindo-o com a sua particular amizade.

Sua proverbial modestia, o cuidado que tinha em occultar seus serviços, colloca-nos na impossibilidade de seguir par e passo essa bemfazeja existencia. Permitta sua honrada memoria que lhe exprobremos tal desapego, que defraudou a biographia brasileira de numerosos lances de patriotismo que de exemplo e edificação serviriam aos vindouros."

Falando dos serviços publicos do Barão de Ayuruoca, continúa o seu biographo:

"Incumbido pelo governo, abriu o coronel Custodio a estrada chamada da Policia, que do municipio de Iguassú se dirige á provincia de Minas; mandou fazer os aterrados do

Engenho do Brejo, e por muitos annos administrou os trabalhos das estradas de Sapucaia e do Feijão Crú (Leopoldina).

A proposito de Sapucaia, cumpre não esquecer o generoso donativo que á nossa provincia fez este benemerito cidadão, offertando-lhe a estrada, que a expensas suas mandára fazer desde Magé até Sapucaia, assim como a ponte lançada sobre o rio Parahyba, no trajecto dessa estrada, cedendo gratuitamente o privilegio, que por muitos annos lhe fôra outorgado.

Com seus auxilios pecuniarios, e com o producto das subscripções por elle agenciadas, erigiram-se ou repararam-se as matrizes da Barra-Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatoria, Valença, Sapucaia, e Mar de Hespanha. Nesta ultima villa, construiu elle a casa da Camara, com prejuizo de algumas dezenas de contos, concluindo pouco antes do seu passamento um formoso e vasto edificio, onde hoje se acha estabelecido o Collegio Brandão."

Estas diversas vias foram outras tantas arterias por onde a cultura cafeeira encontrou facilidades notaveis para o seu incremento.

Em 1841, o illustre botanico inglez Jorge Gardner, percorreu a estrada que Ayuruoca estava abrindo, de Piedade a Magé, atravez dos Orgãos e de admiraveis florestas virgens, a Sapucaia e Minas Geraes.

Já em 1837, o conhecera em Piedade, onde edificava um hotel. Começara por abrir á sua custa a estrada que, a seu vêr, seria um grande escoadouro para os productos da Matta de Minas. Censurou-lhe não haver tomado um engenheiro para a fixação do traçado desta via de penetração, economia mal entendida de onde resultariam sérios inconvenientes. Vira-o depois muitas vezes em casa de um inglez, Mr. March, que no planalto do Theresopolis, actual, criava equinos e plantava hortaliças.

Chegando ao Porto d'Anta, á margem do Parahyba, resolveu visital-o em sua fazenda da Barra do Louriçal em Mar de Hespanha. Depois de percorrer a mais bella e romantica floresta, povoadissima de simios e aves, chegou á casa do coronel Custodio Leite, que estava ausente, mas cujo filho recebeu os hospedes muito generosamente.

Era uma propriedade muito bonita e produzia dez mil arrobas de café annuaes. No dia seguinte, foi o botanico visitar a fazenda do irmão de seu hospede, o capitão Francisco Leite Ribeiro, a cerca de dez kilometros, mais ao norte. Não

menos attencioso foi e mostrou ao illustre visitante tudo o que havia digno de vista em sua propriedade.

"Era homem alto, magro, e embora já consideravelmente avançado em annos, revelava aspecto activo e vivaz."

Enganava-se Gardner, pois o seu hospedeiro apenas contava então 61 annos de idade.

Casado com Thereza Maria Vidal, filha de José Vidal Barbosa, era pae de Joaquim Vidal Leite Ribeiro, barão de Itamarandiba, grande fazendeiro e capitalista (1818-1883).

Relatou Francisco Leite Ribeiro a Gardner que, em sua primeira mocidade, fôra simples minerador de ouro; angariara alguns recursos, e assim adquirira matta virgem perto das terras do irmão que transformára em cafesal. Colhia agora onze mil arrobas annuaes e passava por ser um dos mais ricos, senão mesmo o mais rico fazendeiro de Mar de Hespanha. Tambem fabricava assucar, queijos e aguardente.

Fez o possivel para reter a Gardner, mas este, urgido pelo tempo, não pôde attender ao tão generoso convite, partindo para Porto Novo do Cunha.

Enthusiasta da cultura cafeeira, a que procurou com afinco melhorar, já o dissemos, fez o Barão de Ayuruoca com que além de seus irmãos muitos sobrinhos seus, legitimos e por affinidade, além de primos, emigrassem das terras de Minas para as do valle do Parahyba.

Entre estes, a seu primo José Bento Ferreira da Silva Guimarães (1798-1842), afazendado em Barra Mansa e casado com uma sua sobrinha. A este muito valeu, assim como a mulher quando viuva, como que a lhe servir de Pae.

Verificando quanto seus sobrinhos os irmãos Teixeira Leite, filhos de sua Irmã, futura baroneza de Itambé, eram energicos e intelligentes fel-os desde a adolescencia emigrar para as terras cafeeiras.

Assim, já em 1820, como relata Mattoso Maia Forte, apparecia em Vassouras com os dois mais velhos delles, José Eugenio (nascido em 1802), e Francisco José (nascido em 1804). Alli se estabeleceram como ainda seus irmãos João Evangelista, Carlos, Antonio Carlos, Joaquim José e Custodio, a quem caberia tão notavel papel nos fastos da lavoura cafeeira e da viação ferrea do Brasil, como instigadores da construcção da Estrada de Ferro Dom Pedro II.

O mais alto elogio faz Fernandes Pinheiro ao barão de Ayuruoca.

"Verdadeiro homem d'acção, não abandonára o coronel Custodio o cultivo da sua intelligencia; e quanto lhe permit-

tiam as innumeras occupações da vida positiva, entregava-se á leitura dos bons livros, preferindo os tratados elementares d'agricultura e d'industria rural. Assim introduziu elle varios melhoramentos na cultura do café, cabendo-lhe outrossim, a gloria de haver iniciado a da batata de Demerara nos municipios do Mar de Hespanha e Leopoldina.

Liberal por convicções e ordeiro por principios, era o coronel Custodio dedicado amigo do regimen politico que nos rege, e desde a aurora do systema constitucional exerceu differentes cargos electivos nos lugares de sua residencia. Afastava-o, porém, do primeiro plano seu natural acanhamento, a ponto que, gozando da privança dos marquezes de Lages, Valença e Paraná, nunca quiz sahir da sua modesta posição. A's reiteradas instancias do ultimo dos tres marquezes, aceitou elle o titulo de barão, com que de ha muito queria galardoal-o a munificencia imperial. Foi ainda impellido por seus amigos, que se decidiu a tomar assento na assembléa provincial de Minas. Nessa pleiade de tão bellas intelligencias, nesse congresso de tão esperançosos talentos, era a velha experiencia do barão de Ayuruoca ouvida com respeito, e o seu alvitre não poucas vezes seguido."

No archivo do Museu Paulista, no espolio documental do Marquez de Valença, doado pela neta deste, a illustre senhora D. Lydia de Souza Rezende, existem varias cartas de Ayuruoca ao Marquez de Valença, trocando ideias acerca de projectos de utilidade publica, obras de benemerencia e questões relativas á cultura cafeeira.

Prossegue Fernandes Pinheiro:

"Grandiosos planos de melhoramentos materiaes volvia em sua mente, quando no dia 17 de Novembro de 1859 soou a sua derradeira hora. Rodeado dos entes que na terra lhe eram mais caros, expirou o barão de Ayuruoca na sua fazenda da Barra do Louriçal, termo da villa do Mar de Hespanha, victima d'uma congestão cerebral.

Acreditareis, leitor, que esse abastado fazendeiro, que nos ultimos dias de sua existencia devera fruir uma fortuna de alguns milhares de contos de réis, como aconteceu a alguns de seus irmãos, morresse pobre e onerado de dividas?! — O luxo e loucas prodigalidades terão talvez dissipado seus thesouros, me direis vós. — Enganais-vos; o coronel Custodio (como o povo se obstinava em chamal-o) era duma simplicidade espartana; em sua vasta habitação, mediocremente alfaiada, occupava elle o mais pobre aposento; sua mesa, porém, era franca

aos viandantes, seu tecto abrigava com generosa hospitalidade o extraviado e nocturno peregrino.

Nos dias de sua opulencia nunca ninguem recorreu debalde ao seu cofre, e as lagrimas da viuva e do orphão não raro foram enxugadas por suas caritativas mãos. Juntai a isso, que novo Job, foram pelo Senhor postas á prova a sua paciencia e fé religiosa; destruindo seus cafesaes uma horrivel chuva de pedra, que por alguns annos privou-o de suas copiosas colheitas; a ingratidão de alguns entes perversos, que, abusando da magnanimidade do seu coração, extorquiram-lhe avultadas sommas, e tereis a explicação da ruina dessa gigantesca fortuna, cujos restos serão apenas sufficientes para satisfazer aos seus credores.

Quem visse o barão de Ayuruoca sempre em viagem, com o chapéu repleto de papeis, trajando com a maior simplicidade, diria que era um desses modernos industrialistas, ou eternos empresarios, que buscam privilegios ou accionistas para sonhadas companhias, cuja unica utilidade só por elles póde ser comprehendida. Nada disso, o que arrojava o venerando ancião através das chuvas torrenciaes e dos ardores da canicula, caminhando a deshoras por nossas invias estradas, eram alheios negocios, interesses de parentes, amigos e conhecidos. Era uma especie de procurador geral, quasi que diriamos um Ashaverus da caridade.

Completaremos este mal traçado esboço com dois passos de sua vida, que nos foram relatados por testemunhas oculares.

Costumava o barão pousar em suas peregrinações numa pobre casa situada á beira da estrada, onde era sempre bem vindo o anjo da consolação. Aconteceu que um dia achou a familia debulhada em pranto, triste e abatido seu chefe. Perguntando a causa de semelhante melancolia, soube que por atrazos de seu mesquinho negocio devera o dono da casa soffrer penhora no pouco que nella havia exposto, ficando sua mulher e filhos á mendicidade. Ouvindo isto, montou o barão a cavallo, e poucas horas depois voltou, trazendo as letras por elle pagas, que graciosamente entregou a uma das crianças, cujos brincos mais o distrahiam de suas sérias cogitações.

Ainda mais caracteristico é o seguinte facto:

Atravessava o nosso heróe o campo de uma fazenda quando um cavalleiro, sahindo-lhe ao encontro, rogou-lhe encarecidamente que se encaminhasse á proxima situação de sua mãe, que muito desejava falar-lhe. Como de costume, rendeu-se o barão a essa supplica, e chegando ao lugar enontrou-se com a affliçãо duma triste viuva, a quem um ávido genro obrigava a vender

os ultimos escravos, para entregar-lhe a legitima de sua mulher. Já nessa época achava-se desmoronada a fortuna do barão d'Ayuruoca e os seus compromissos eram consideraveis. Avalie, portanto, o leitor a dôr, que traspassaria aquella grande alma, vendo-se na rigorosa necessidade de pela primeira vez, em a sua longa vida, negar-se a um acto de beneficiencia. Negou-se, pois, á viuva anuir ao que pedia.

Chegando a esta capital, abrilhantou-lhe o espirito uma inspiração celeste. Lembrou-se elle, que nunca jogava, de comprar um bilhete de loteria para a viuva, e o anjo da beneficencia, tomando a fórma da menina que extrahia os bilhetes, fez com que nesse numero sahisse a sorte grande. Transportado de jubilo, olvida-se o barão dos negocios que o traziam ao Rio de Janeiro, põe-se em viagem, apeia-se na pobre habitação da desconsolada viuva, integralmente entrega-lhe o dinheiro, que em seu nome recebera, e montando de novo a cavallo, subtrahe-se aos agradecimentos dessa familia, a quem dest'arte felicitara.

A vista destes e doutros tocantes quadros, que nos narram os que tiveram a ventura de conhecel-o, concordareis comnosco, benevolo leitor, que a divisa heraldica do barão d'Ayuruoca deverá ser esta expressão do Evangelho — *"Pertransivit benefaciendo."*

Longos annos perdurou a memoria da philantropia de Custodio Ferreira Leite no seio das communidades que lhe haviam conhecido as acções.

E numerosas portas se abriram a desconhecidos e generoso agasalho se lhes fez mediante a simples apresentação das credenciaes do parentesco proximo ou já remoto com o barão de Ayuruoca, a quem chorou toda a terra que pisara.

CAPITULO XXXIII

Apparecimento das principaes lavouras em São João Marcos

Da fazenda do Capão, na baixada fluminense, foram levadas sementes de café para a do Padre Couto, em Campo Alegre, depois de Rezende, reza a tradição. Ahi se desenvolveu immenso a cafeicultura.

De permeio havia um districto onde teria o mais notavel desenvolvimento, o de São João Marcos.

Acompanhemos, porém, a monographia do sanjoannense que com desvelo estudou os fastos de sua terra: Luiz Ascendino Dantas.

"Com a abertura dos caminhos pelos povoadores de S. Paulo em direcção a Minas Geraes, descobriram elles a Parahyba Nova, localizando-se no sitio de Campo Alegre (Rezende), onde o coronel Simão da Cunha Gago, em busca de fortuna, juntamente com o Padre Felippe Teixeira Pinto, se estabelecera.

Desbravada a serra de Itaguahy pelo lado do Sul, com a abertura de caminhos em seguimento, pela praia de Mangaratiba, para a floresta virgem, outros povoadores do territorio foram se localizando num sitio distante do Campo Alegre para mais de 10 leguas no logar onde o rio da Cachoeira forma uma pequena quéda. Ahi João Machado Pereira assentou sua fazenda, por ficar mais perto do porto do mar e da metropole, e por serem os terrenos de uberrima fertilidade, por esse tempo já corria o nome de Parahyba Nova, por aquella região, em contraposição a Parahyba do Sul, fundada em 1763, por Garcia Rodrigues Paes Leme com a fundação de sua capella á margem do Parahybuna.

Começaram as sesmarias a ser distribuidas ao longo da estrada S. Paulo-Rio, cabendo a primeira, em 1739, a José Tavares de Siqueira, irmão do illustre abbade provincial benedictino e chronista das primeiras éras de S. Paulo: Frei Gaspar da Madre de Deus. Trazia elle grandes boiadas dos

campos de Curityba para as vender em S. Paulo e no Rio de Janeiro. E nos arredores de São João Marcos as fazia descansar.

"E nesse rincão de verdejantes macissos de lindas arvores, cujas flores silvestre espalhavam aroma inebriante, fundou João Machado Pereira sua capella em 1739, tendo por padroeiro São João Marcos", continua L. Dantas. O districto com esse nome se communicou rápido com todo o territorio que se ia povoando naquella fertilissima região desconhecida.

Affirma Luiz Dantas que a cultura cafeeira começou em S. João Marcos, neste mesmo anno de 1739, e graças ás instigações de João Alberto de Castel Branco. Pavoroso anachronismo e inexactidão.

Mas adeante, porém, se contradiz deslocando a data para 1770, o que tambem é errado, visto como em 1768, o chanceller se retirou para Portugal, nomeado que fôra por Pombal para o Conselho Ultramarino.

Em 1811 calculava-se a sua população em 4.600 almas, tendo o districto dois engenhos de assucar e quatro de aguardente.

Assim é bem pouco o que Luiz Ascendino Dantas nos conta dos primordios da lavoura em seu municipio natal, onde a cafeicultura tão notavel veio a ser.

No mappa de João Jorge Lobo, datado de 1778, já figura São João Marcos no caminho do Rio de Janeiro a São Paulo, onde se assignalam, além de Itaguahy a Guarda do Pouso Frio e das Caveiras, que precedem á freguezia ribeirinha do Ribeirão das Lages. Seguindo-se-lhes Vigr.ª (Vigararia?) e a Guarda do Coutinho.

"Certão montuoso", escreve-se na parte do mappa onde o cartographo representou o territorio entre São João Marcos e a Serra do Mar. Decorridos 23 annos, vemos na carta do Sargento-Mór Manuel Vieira Leão, mais vestigios de civilização no districto, onde se assignalam arraiaes ou cousa que valha. E tambem se vê o traçado de uma estrada de internação que, partindo da freguezia marcense, vae á Guarda da Juruoca e atravessando Pirahy, o ribeirão do Bananal, o rio Barreiro, fenece em Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, hoje Rezende.

Não ha signal de trilha procurando ligação com a estrada do oeste que de N. S. de Belem galgava a Serra em direcção a Sacra Familia, mas existe o assignalamento de outro caminho para o Norte, em direcção ás fazendolas de Manuel Correia e João Baptista Feijó, á margem do Pirahy e do capitão

Antonio Pinto de Almeida no local onde exactamente se localizou muito mais tarde a Barra do Pirahy. Além Parahyba não ha vestigio de mais moradores na região fluminense comprehendida entre o grande rio, o Parahyba, o Rio Preto e a Serra da Mantiqueira.

Em 1817 era a região de São João Marcos assás selvatica ainda e pouco cultivada, conforme o depoimento de Spix e Martius.

A Itaguahy chegaram os dois celebres naturalistas á tarde de 12 de setembro de 1817, depois de terem percorrido lugares lindos, cuja vegetação se mostrava simplesmente progidiosa. Aos dois grandes jornadeadores immenso agradou a situação de Itaguahy; acharam-na bellissima, dominada por uma igreja, no alto de um morro e junto a um grande lago, onde o numero de pernaltas de numerosas especies era simplesmente espantoso. Cousa que aos eminentes viajantes divertiu muito foi o encontro com grande pica-pau, que os acompanhou pertinazmente. Parecia furioso com sua presença e soltava descompassados pios de raiva.

Hospedaram-se Spix e Martius num grande engenho de assucar e tiveram um "estouro" da sua burrada, agora muito mais grave nas suas consequencias. Uma das mulas fugidas carregou a caixa dos apparelhos de meteorologia; quando novamente capturada, tudo se achava no mais deploravel estado. Felizmente tinham os viajantes tomado a precaução de mandar para São Paulo, via Santos, uma boa provisão de instrumentos de physica. Não fôra assim e não teriam podido angariar novos, pois no Brasil, daquelle tempo, muito difficil era a alguem adquiril-os, mesmo no Rio de Janeiro.

Sahindo de Itaguahy, em direcção ao planalto, encontraram os viajantes, á raiz da Serra, a fazenda de um hollandez, certo Sr. Duffles, que possuia grandes plantações de canna e café, muito rendosas; pois explorava uma terra fertilissima. Que logares lindos os daquella fazenda, paraiso do botanico e do zoólogo!

Cresceram bastante ali as collecções dos dois amigos, que não perdiam tempo, e tiveram forçada parada, devido ainda á dispersão de sua tropa. Puderam os arrieiros apanhar todos os animaes, que vieram, porém, com as cangalhas arrebentadas.

Começou a subida da Serra do Mar. Que caminho! Que buracos e atoleiros! Em muitos foi preciso, e penosamente, estivar os passos.

Afinal, depois de algumas horas de immenso trabalho,

attingiu a caravana o alto das montanhas e os naturalistas, deslumbrados, longamente se detiveram a contemplar um dos mais admiraveis scenarios do Universo, declaram-no. Que vista! Que panorama, sobre a baixada de Santa Cruz e a enorme bahia de Sepetiba e a Marambaia!

Com que pesar abandonaram aquelle espectaculo estupendo! Continuou o caminho ingreme num valle bem regado e deserto, pelo qual se chegava a um arraial miseravel. Toda aquella região era um verdadeiro eden de naturalistas, riquissima em myrtaceas, orchideas, rubiaceas, scytamineas; abundantissima em aves e insectos.

Attingiram depois Spix e Martius a fazenda de Santa Rosa, situada a mil metros acima do nivel do mar, dependencia da fazenda real de Santa Cruz. Alli havia um feitor e uma turma de escravos a cortar madeiras de lei. De Santa Rosa em deante, ainda mais difficultoso se tornou o vencimento da Serra no asperrimo caminho de cabras, ingreme como raros, que cortava a matta virgem, luxuriantissima, de uma garganta apertada.

Deserto absoluto era aquella natureza selvatica.

Sahidos do desfiladeiro, entraram os naturalistas numa especie de chapada, vendo ao longe a pequena mancha da aldeiola, que era São João Marcos. Causou-lhes surpresa avistar tambem uma fazenda de grandes bemfeitorias e com ares de abandonada. Passando através de extensissimo samambaial, onde os fetos attingiam enormes dimensões, chegaram os viandantes ao Retiro, pauperrima fazendola, perto de São João Marcos, onde tiveram de dormir ao relento, ouvindo formidavel concerto nocturno de "grillos, cigarras, urús e bacuraus". Milhões e milhões de vagalumes esvoaçavam e no firmamento negro as estrellas do hemispherio meridional brilhavam como carbunculos accesos. Espectaculo prodigioso, o daquella noite, que os dois naturalistas europeus contemplavam deslumbrados.

Continuava a subida, agora sob densa chuvarada, até uma altitude superior a mil metros. O caminho peorava ainda, se tal fosse possivel. Não havia, em parte alguma, o menor vestigio de calçadas, ainda menos de pontes. Tremedaes insondaveis surgiam, perigosissimos.

Mas os encantos da natureza nova empolgavam a cada passo os dois naturalistas collaboradores. Causou-lhes a maior surpresa a musicalidade extraordinaria do canto de certas aves grandes e feias, que andavam aos bandos e cujas notas extremas apanhavam grande extensão da escala. Annotaram os dois amigos uma reflexão plausivel: não teriam sido as aves, com

a influencia do seu canto, as inspiradoras da escala musical humana?

Outra maravilha daquella região, a florescencia espantosamente bella de grande arbusto que já tinham visto figurai nos quadros de Nicolau Antonio Taunay, pintados na Tijuca. Suas propriedades corantes mais tarde haveria Vauquelin de as utilisar na "cochonilha vegetal."

Chegou a caravana ao Pirahy, rio invadeavel. Foi preciso descarregar a tropa e fazer os animaes atravessar a correnteza a nado. Querendo passar a cavallo, quasi se afogou um dos membros da comitiva, o pintor Ender.

Foi um dos mais penosos este trecho do caminho de São Paulo ao Rio de Janeiro, as quatro leguas do Retiro á Fazenda dos Negros, onde os naturalistas pernoitaram. Ahi foi um de seus companheiros mordido por uma caranguejeira e tratado com carvão em braza sobre a picada. Estavam os escravos da fazenda a divertir-se num samba barulhentissimo, de que amargamente se queixam os scientistas e de cujos instrumentos musicaes (?) e choreographicos dão a descripção.

Deste dia em deante tornou-se a viagem sobremodo incommoda, devido ás continuas e pesadas chuvaradas, causadoras de extrema humidade, cerração e frio. E o peor era que o material já colleccionado se deteriorava immenso, invadido por uma série de mofos e bolores cujo apparecimento desolava os naturalistas. Peoravam as estradas, ou antes as veredas, e assim se perdeu muito tempo.

Perto da freguezia do Bananal notaram Spix e Martius que a região tinha mais civilizado facies; havia grandes roças de milho e as casas dos sitiantes pareciam bem menos desconfortaveis. Derrubava-se activamente a matta e os milharaes indefectiveis dos nossos devastadores de florestas começavam a cobrir os valles.

Abundavam os colonos recem estabelecidos naquellas bandas, sobretudo nas vizinhanças de Morro Formoso.

Alguns europeus tentavam a cultura do linho e do algodão.

Cinco annos mais tarde immenso se desenvolveria a lavoura do café pela região.

Voltando de S. Paulo ao Rio de Janeiro, em 1822, notou Saint Hilaire que a medida que se approximava da capitania do Rio de Janeiro augmentavam notavelmente as lavouras cafeeiras.

Deixando Bananal a 26 de abril de 1822 encaminhou-se ao Rancho dos Negros, onde passou a noite seguinte.

Assim descreve as terras atravessadas:

"Região montanhosa, principalmente na vizinhança do rancho onde passamos a noite; caminho muitas vezes difficil; mattas virgens. Desde o logar chamado Rancho Grande, vêm-se muitos terrenos cultivados, e outros que, outróra cultivados, offerecem hoje immensas capoeiras. Os ranchos multiplicam-se e são mais ou menos tão grandes quanto os da estrada do Rio de Janeiro a Villa Rica. Aquelle a que chamam Rancho Grande não podia ter nome mais adequado porque incontestavelmente é o maior dos que vi desde que estou no Brasil. E' coberto de telhas, bem conservado, alto acima do solo e cercado de balaustrada.

O dono é um homem immensamente rico possuidor do mais importante cafesal da redondeza. Por um rancho soffrivel que se encontra ha, no minimo, dez no mais deploravel estado. Os proprietarios se alugam, com a venda contigua por preços muito altos e pouco se lhes dá que nelles chova por todos os cantos. Tenho quasi tanto medo da chuva quando estou num rancho, do que quando fóra. E' verdadeiramente inconcebivel que o governo não tome alguma providencia a tal respeito e tão pouco do que tanto interessa ao commercio a ponto de nem proporcionar aos que transportam mercadorias pelas mais frequentadas estradas, logares onde as possam abrigar á noite, sem temer que a chuva as avarie."

Chegando á barranca do Pirahy grande difficuldade teve o naturalista em transpor, pois sobre ella só havia uma ponte muito reles e só para pedestres.

A tal proposito denuncia o grande botanico uma fraude attribuida ao Intendente de Policia Paulo Fernandes, graças ao qual a fronteira paulista alli fôra largamente recuada.

"Quem supporia que em tão frequentada estrada, taes obstaculos pudessem ser encontrados quase identicos aos que cincoenta annos depois da descoberta do paiz existiam! Eis o que me narraram a tal respeito.

Desde ha muito era o Pirahy, fronteira das capitanias de São Paulo e Rio de Janeiro, contaram-me que o trecho do caminho que hoje percorremos se achava então muito bem mantido. Fizera-se o projecto de mudar a actual estrada; deste modo evitar-se-iam muitos morros. Já se havia construido até uma ponte excellente no logar em que deveria desembocar o caminho.

Mas este não passaria pela aldeia de S. João Marcos. Os moradores desta villa receiosos de com isto virem a perder

cotizaram-se, affirmaram-me, e deram tres mil cruzados ao Intendente, de Policia, o fallecido Paulo Fernandes.

Este que não podia exercer inspecção alguma nos caminhos da capitania de S. Paulo, imaginou mudar os limites desta ultima e transportal-os para dentre Rancho Grande e o Pirahy, desviando-os por meio de uma linha imaginaria e quasi que impossivel de se fixar em região tão cheia de mattas virgens quanto esta.

A vista de tal foram a ponte e o caminho novo abandonados e continuou-se a passar perto de S. João Marcos. Não tenho outro abonador deste caso além de um anonymo, mas é certo que o abandono da ponte, recem-construida, tão util, torna-o muito crivel."

Realmente pelo menos em 1792 era o Pirahy a fronteira entre as duas capitanias, como o documenta o grande e fidedigno mappa da Capitania de S. Paulo, por Antonio Roiz Montesinho.

A 30 de abril e do pouso de Mathias Ramos escrevia o grande viajante:

"Sempre montanhas cobertas de mattas virgens no meio das quaes não é raro verem-se cafesaes. Passamos por muitas fazendas importantes. As bemfeitorias nellas estão construidas com alguma regularidade. A casa do fazendeiro é pouco elevada e só tem o rez do chão, mas este amplo e ventilado por grande numero de janellas.

A legua e meia do rancho onde ficamos á noite, a estrada passa perto da cidade de S. João Marcos. Fui visital-a e embora lá estivesse sómente alguns momentos posso della dar idéia sufficiente, pois não é mais importante que as nossas menores aldeias. Fica situada numa baixada entre duas montanhas cobertas de matta virgem, capoeiras e cafesaes.

São as casas pequenas, baixas e bem feitas. Ficam as principaes enfileiradas em torno de uma praça bem grande em que construiram a matriz. Esta é grande, tem quatro altares além da capella-mór e está ornamentada com bastante gosto.

São as redondezas de S. João Marcos afamadas pela grande quantidade de café que produzem. Depois do logar chamado Arraial existem dois caminhos que logo se encontram. Meu tropeiro quiz tomar o menos frequentado e viemos pousar num rancho que depende de enorme fazenda cujo proprietario passa por muito rico.

Apenas começara a trabalhar que um soldado de policia apresentou-se no rancho a informar-se de onde vinha eu. Res-

pondi-lhe que de S. Paulo. Disse-me que ali fora destacado para receber a mulher de José Bonifacio de Andrada, ministro de Estado, a quem o marido diariamente esperava. Este soldado contou-me que era de Minas. Aconteceu que eu conhecera varios de seus parentes e assim conversamos muito tempo. Como todos os mineiros, gaba muito e não sem razão a hospitalidade e os costumes de sua terra e só fala com desprezo dos lavradores da capitania do Rio de Janeiro, a quem tal virtude é extranha.

Accrescentou entretanto que o dono da fazenda onde nos achavamos, differia neste ponto de seus compatriotas, e animou-me a ir vel-o. Vesti-me e quando chegamos á casa, o soldado mandou um negro dizer ao patrão, que eu lhe vinha fazer uma visita. Emquanto esperavamos cahiu horrivel chuva; esperei que passasse e como o fazendeiro não apparecesse aproveitei a primeira estadia para voltar ao meu rancho, muito aborrecido, por assim ter esperdiçado o tempo.

Referindo-se as lavouras de Rezende que aliás não conheceu, escreve Saint Hilaire.

"Proprietarios da redondeza desta villa possuem quarenta, sessenta e oitenta e até cem mil pés de café. Pelo preço do genero devem estes fazendeiros ganhar sommas enormes. Perguntei ao francez a quem encontrei hontem, em que empregavam o dinheiro. "O Sr. póde ver, respondeu-me, que não é construindo boas casas e mobiliando-as. Comem arroz e feijão. Vestuario tambem lhes custa pouco, nada gastam tambem com a educação dos filhos que se entorpecem na ignorancia, são inteiramente alheios aos prazeres da convivencia mas é o café o que lhes traz dinheiro. Não se póde colher café senão com negros; é pois comprando negros que gastam todas as rendas e o augmento da fortuna se presta muito mais para lhes satisfazer a vaidade do que para lhes augmentar o conforto."

"Considerando-se tudo quanto disse vê-se no emtanto que não tem luxo algum em suas casas, nada lhes provando a riqueza.

Mas é impossivel que não se saiba na zona quantos negros possuem e quanto café. Empertigam-se, satisfazem ás instigações intimas e vivem contentes comquanto não diffiram realmente senão pela vangloria da fama, dos pobres que vegetam a pequena distancia de suas casas.

Prosseguindo a marcha para a capital do Reino do Brasil conta Saint Hilaire que se retirou sem ter realizado o pagamento das visitas do fazendeiro e do militar.

No rancho da Venda do Toledo avistou-se com um lote

de negros e negras novos que um feitor conduzia a uma fazenda vizinha de Rezende.

"Todos elles usavam roupa nova e as mulheres tinham para vestir-se uma coberta de panno azul. Trajavam camisa de algodão e saia de cor, os homens punham carapuça de lã vermelha, camisa e calção de algodão grosso. Hontem ao anoitecer estenderam esteiras no chão e deitaram-se uns ao lado dos outros, envoltos nos cobertores. Esta manhã receberam todos uma ração de feijão com farinha, cozida com carne secca.

A chuva estragara um pouco o começo do caminho, mas logo encontramos terra mais secca e socada. Num espaço de legua e meia, não fizemos senão descer e subir. Mas no logar chamado Roça del Rey, começamos a subir a serra propriamente dita, isto é, a montanha mais alta que a estrada atravessa, aquella que do outro lado se encontra com uma planicie banhada pelo mar, vencemos cerca de cinco quartos de legua para alcançar o cume da montanha e neste espaço o caminho é bello, bem traçado e margeado por varios ranchos."

Era horrivel a estrada e como chovesse muito, o que arriscara damnificar muito as collecções, resolveu o naturalista permanecer na Venda do Toledo onde passou tres dias (de 1 a 3 de maio) esperando melhor tempo.

Estavam os rios então crescidissimos e seu capataz avisou-o de que o Rio Teixeira dava vau com agua pelo pescoço!

Exasperado, escrevia Saint Hilaire:

"Será concebivel que, a 18 leguas de uma capital populosa, e em estrada extremamente frequentada, fique alguem preso, um dia inteiro, quando chove? E isto porque a administração se descuida de fazer uma calçada que, provavelmente, não terá trinta pés?

Está o Brasil cortado por uma infinidade de caminhos que se concertam muito pouco e muito mal, e sobretudo nas vizinhanças do Rio de Janeiro. Assim, num paiz em que seria tão importante fornecer o commercio, fazem-no extremamente difficultoso. Ninguem se occupa, de modo algum, em tornar as estradas transitaveis e cobram-se impostos formidaveis á passagem dos rios. Cobram-se até onze patacas por um passaporte e assim por deante. Apesar da enchente do ribeirão, várias tropas vindas de Minas e S. Paulo, continuaram a caminhar, carregadas de toucinho e fumo.

A agua não faz mal algum a maior parte destas mercadorias e quanto ao fumo, "que importa, diziam os tropeiros, esteja molhado? pesará mais!" Outras tropas vinham do Rio

de Janeiro com saccos de sal; preferiam molhal-o a perder um dia e fazer augmento de despesas."

Indignou-o sobremaneira o furto de uma de suas bestas de cangalha. Conseguiu rehavel-a com uma perda de 24 horas:

Amargamente annota:

"No Rio de Janeiro e arredores, principalmente, são os vendeiros os receptadores de roubos, feitos pelos escravos, e se houvesse no paiz algum policiamento seus agentes precisariam ter os olhos sempre abertos sobre os mulatos das vendas ou seus caixeiros.

Da Venda do Toledo a Itaguahy não conta Saint Hilaire que haja visto cafesal algum.

CAPITULO XXXIV

Ayres do Casal e sua Corografia brasilica — A memoria do Visconde de Araruama

Quem poderá acaso gabar-se de conhecer as coisas de nossa terra se acaso jámais deitou os olhos a esse primeiro tratado de geographia brasileira, impresso em 1817, e tão notavel para o tempo de sua publicação?

Corographia Brazilica ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brasil, composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissimo, por hum presbitero secular do grão Priorado do Crato, eis o titulo do primeiro tratado de geographia brasileira por ordem chronologica, e que, ao seu autor, o tão conhecido Padre Manuel Ayres do Casal, immortalizaria.

Bem pouco se sabe de seu benemerito autor; nem sequer se seria portuguez ou brasileiro. Ha tambem duvidas sobre o anno de seu nascimento, que alguns fixam em 1754. Conhece-se, porém, o millesimo de sua morte, 1821.

Na parte geral, pela qual se enceta a *Corografia brazilica,* consagra Ayres do Casal umas tantas paginas á phytologia brasileira, sobremodo desordenadas na apresentação das principaes plantas brasileiras. Assim, depois de se referir ao pau brasil, passa á quina-quina, ao algodoeiro, ao mozés, "de cinzas boas para a lixivia do sabão", para depois tratar do cafeeiro ou cafezeiro, seguindo-se-lhe immediatamente o *tinguy,* destinado a envenenar peixes, a *gerema, tababuya, calumby,* etc.

Descrevendo o café, notícia o chorographo: "oriundo da Arabia, tem admiravelmente prosperado nos terrenos fortes e frescos do paiz.

"He um arbusto ramoso, com as folhas oppostas, lizas, pontuadas, em ambas as extremidades e maiores do que as do loureiro. A flor he branca, inteiriça, tubuloza na parte inferior e fendida em cinco laminas pontudas na superior, outros tantos estamos pegados ao angulo das divizões, e hum pistillo pegado ao recepetaculo.

O fructo he uma bage com forma de cereja preza por um pediculo grosso e curtissimo. He fecundissimo: e toma muito maior crescimento quando plantado á sombra de arvores grandes; mas o fructo dos que estão expostos ao sol he de melhor qualidade."

Sobre a lavoura cafeeira do Rio de Janeiro incomparavelmente mais notavel que as demais do Brasil, dá o bom Ayres do Casal, assaz abundantes informes.

"O cafezeiro naturalizado no governo do Conde de Bobadella por diligencia d'um Magistrado, tem se multiplicado prodigiosamente, e enriquecido muita gente."

Tratando do districto da Parahyba Nova, e o actual sudoeste do Estado fluminense, comprehendendo os municipios da Barra Mansa, Rezende, Parahyba, São João Marcos, etc., affirma Ayres do Casal: "o café e o assucar sam a riqueza do paiz. A geada impede o plantio do trigo e do algodão que em poucas partes prosperam."

Falando de Rezende, refere-lhe o primitivo nome de Campo Alegre, e nota: "Café e assucar são as exportações de seus abastados moradores." Sobre São João Marcos, escreve: "seus habitantes recolhem prodigiosa quantidade de café e algum assucar."

Passando a cuidar de Valença, nada refere sobre café, cultura depois tão notavel alli; apenas conta que era uma aldeia consideravel, de quatro hordas de indios christianisados, os purys, ararys, pittás e xumettós.

De S. João de Itaborahy relata: povoação consideravel, feijão, farinha, assucar fazem a riqueza de seus habitantes, que tambem recolhem algum arroz, milho e café.

De S. Gonçalo, affirma: "Seus habitantes recolhem grande quantidade de farinha, feijão e milho, cujos superfluos como o café, assucar e aguardente, introduzem no paiz muito dinheiro."

Magé, villa mediocre, com titulo de condado e algum commercio, localizada em sitio aprazivel, dotada de magnifica igreja parochial e abastada de pescado exportava grande quantidade de farinha, milho, feijão, algum assucar e arroz e pouco café.

A legua e quarto da villa estava a freguezia da Ajuda, com trato de terras sobremodo fertil e cujos habitantes preferiam a cultura de mandioca, arroz e café á das cannas de assucar, exportando tambem lenha.

A duas leguas de Magé ficava S. Nicolau de Suruhy, em trato de terras bem cultivado. Seus habitantes eram lavra-

dores de farinha, arroz e café, porém a sua principal riqueza provinha de bananas, "que introduziam annualmente ao paiz, acima de setenta mil cruzados, cifra realmente notavel para o tempo.

"A independencia deste abastado povo he devida aos laboriosos braços dos Brancos, que excedem ainda que pouco aos dos negros."

Nas freguezias da Guia, da Piedade, do Porto da Estrella, não menciona o chorographo o café entre os productos.

Mas em Maricá, villa ainda pequena, mas ornada com a melhor vegetação da Capitania, excepção feita da da capital, havia assucar, cereaes e algum café.

Em Cabo Frio não existia café, apenas farinha e outros mantimentos; decahira muito a cultura de anil, assim como a producção da cochonilha, esta por causa da fraude de alguns quatro ou cinco maus vassallos, que mereciam ser castigados pelo prejuizo feito á Nação.

De José Carneiro da Silva, primeiro visconde de Araruama, macahéense (1788-1864) homem de instrucção, para o tempo, elevada, notavel intelligencia, oriundo da mais velha aristocracia territorial da baixada da fóz do Parahyba, os senhores da fazenda de Quissaman, corre interessante: *Memoria topographica e historica sobre os campos dos Guaytacazes, com uma breve noticia de suas producções e commercio, offerecida ao muito alto e poderoso Rei Dom João VI,* por um natural do paiz", obra impressa em 1819, no Rio de Janeiro e na Impressão Régia, com licença de Sua Magestade.

Foi reimpressa em 1907, por seu descendente, José Julião Carneiro da Silva, que lhe annexou novidades, da lavra do Barão do Monte do Cedro, filho do autor.

Deste se conta que, ledor infatigavel, adquirira notavel erudição. Foi verdadeiro civilizador da zona macahéense. Depois da descripção topographica dos Campos dos Goytacazes, traz o volumezinho do Visconde de Araruama uma sumula da historia dos Campos dos Goytacazes, suas producções e commercio.

Assim se refere á industria assucareira:

"O assucar é o genero favorito do paiz. A terra que fica entre a lagôa Feia e o rio Parahyba e pelas margens do Muriahé, quasi toda é mui fertil para as cannas; tambem nesta parte é onde ha a maior parte de engenhos e fazendas, as quaes se tocão umas ás outras.

Até o anno de 1769, haviam entre grandes e pequenos, a que chamam engenhocas, 55; e deste anno até o de 1778 le-

vantaram-se 113; e deste até o 1783, 110, que completam o numero de 278, e agora existem quasi 400."

Gabando a fertilidade do solo, declarava o futuro Visconde: "Aqui se experimenta outra singularidade, que é de fazer-se assucar todos os mezes do anno. E' certo que se tira maior rendimento nos mezes de Junho, Julho, Agosto e Setembro, mas muitos acham ser grandeza o moer todo o anno.

O alto preço que tem chegado o assucar tem sido a causa do abandono das outras culturas. A causa porém do assucar deste paiz não ter melhor reputação é que não existe, geralmente, cuidado na fabricação, contentando-se em fazerem em grande quantidade.

Tambem os negociantes, ajuntando varias qualidades de assucar, dos que vão comprando, ou recebendo em pagamento, os vão encaixando e muitas vezes mal secco, e pouco seccado, o que faz depreciar o genero."

O algodão, outróra abundante, desapparecera praticamente, o milho e o feijão rendiam duzentos aquelle, cem, este, por um.

Mas deante do progresso dos cannaviaes não se exportavam mais. A farinha de mandioca podia dar immenso. Para isto era o solo optimo, mas delle ninguem se occupava, vindo de S. Matheus e Caravellas.

O arroz, que produzia cincoenta por um, tambem era pouco cultivado, por não offerecer conveniencia. Do fumo, só se obtinha pouco, apenas para o consumo regional. Não se cogitava do cacau e da coxonilha, nem do trigo que, no emtanto, dava bem, assim como o anil.

Falando do café, escrevia o autor da *Memoria*:

"O café dá muito bem, e o terreno que se acha entre o rio Macahé e a lagôa Feia é onde elle se cultiva mais; e a sua exportação anda por mais de 2.000 arrobas annualmente, sem fazer menção do que se consome no paiz, que é bastante; por estar esta bebida muito introduzida."

CAPITULO XXXV

Varios depoimentos xenobibliographicos — Hippolyto Taunay e Ferdinand Denis. Uma colonia de aristocratas fazendeiros de café na Tijuca — Palavras de Chamberlain

Em 1822, sahia em Paris de casa de Nevpeu, livreiro editor, ou mero impressor, do *Passage des Panoramas,* uma obra de pequeno formato, constante de seis volumes illustrados: *Le Brésil ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume.*

Eram seus autores Hippolyto Maria Taunay (1793-1864), correspondente do Museu de Historia Natural de Paris e Ferdinand Denis, (1798-1890), mais tarde tão celebre como brasilophilo e brasilologo, membro do Athenée des Sciences, Lettres e Arts de Paris.

Toda a inconographia da obra, dil-o o frontespicio, era devida a H. Taunay, que desenhára por si, e *d'aprés nature,* assim como copiara as principaes peças iconographicas relativas ao nosso paiz.

Lealmente declaram os autores, quanto se valeram de Casal e das obras dos grandes viajantes. Sua obra é mediocre, valendo apenas como instrumento de vulgarização. Tornou-se, porém, muito rara e merca-se, hoje, por elevado preço. A parte correspondente ás generalidades da flora trazem a mesma desordem que já assignalámos na *Corographia Brazilica.*

Do jacarandá passam os autores á quina, ao urucú, á castanha do Pará, ao cacaueiro e á jaboticabeira, á mandioca (!) da ipecacuanha ao gengibre! etc. E não se falla do cafeeiro!

Nas generalidades zoologicas reina a mesma balburdia. No tomo II consagrado ao sul do Brasil, referem-se os autores á tentativa de cultura do chá no Jardim Botanico fluminense.

Depois de descrever a cidade capital do Brasil e os costumes caracteristicos de seus habitantes, dá-nos Hippolyto

Taunay uma noticia interessante para nosso escopo, porque se refere a uma das primeiras plantações de café do Brasil, uma das mais proximas da capital do paiz: a que pertencera a seu Pae.

"Um passeio que fizemos pouco tempo depois de nossa chegada sob o patrocinio do governo visou a cascata da Tijuca, cinco ou seis leguas afastada da cidade. Forneceram-nos alguns cavallos e um guia: Cedo, pela manhã, sahimos da cidade maravilhados com a belleza dos arredores. Os vegetaes são de um vigor de formas e cores de que não se faz ideia nas zonas temperadas. Pelo meio dia, quando nenhum vapor abranda os objectos, as folhas das arvores parecem de um metal brilhante, pintado de um verde forte e envernizado.

Só depois de uma hora de marcha attingimos á serra da Boa Vista, que vencemos por caminho, que começava a ser traçado, e depois por lugares pedregosos e atulhados de rochedos. Almoçámos numa venda pertencente a uns hespanhoes e immediatamente continuámos o caminho.

Chegados ao planalto geral, tivemos a vista da bahia da cidade do Rio, que se apresentava á nossa frente como um mappa topographico: no centro desta vasta planicie cortada por aguas, terrenos em plena cultura e casas emmolduradas por um horizonte de montanhas. No centro um rochedo isolado em forma pyramidal. Alli fica a casa de campo do Intendente Geral da Policia. Achavamo-nos então perto de logar onde se despenha uma cascata chamada *Boavista;* não a visitamos então; foi depois comprada por meu pae e dois de meus irmãos que lá dirigem uma plantação de café.

Direi aqui algumas palavras sobre a cultura do café, no Brasil. Os lugares montanhosos lhe convindo, o valle da Tijuca offerece esta primeira condição.

Ahi cresce de uma qualidade que seria igual á da ilha de Bourbon se o manipulassem convenientemente por occasião do descascamento. Ao cabo de tres annos dá meia colheita, e, depois do quinto e sexto anno, está em pleno vigor; sua duração é maior do que nas Antilhas, porque no Brasil não ha os terriveis furacões que assolam, de tempos em tempos, estas ultimas. Não se vêm ainda grandes propriedades como as de São Domingos; a maioria dos cultivadores mostram moderação muito philosophica apenas colhem os productos de cinco a seis mil pés, o que lhes permitte viver confortavelmente com as familias, não mais se esforçando por augmentar as rendas.

Na maioria das propriedades que se encontram no caminho da Cascata da Tijuca, cultivam-se ainda mandioca, milho,

arroz e feijão; mas só para o consumo dos negros, cuja comida consiste em carne secca cosida com feijão e farinha de mandioca.

A sobremesa compõe-se de bananas e café, tonico que substitue com vantagem o vinho, reparando-lhes as forças exhaustas pelo trabalho.

Encontram-se, continuamente, nos caminhos, negros levando á cabeça cestos de carvão, ou conduzindo mulas carregadas deste combustivel. A primeira especulação que faz o comprador de um sitio neste valle, ainda coberto de matta virgem, é reduzir a carvão, para vendel-o na cidade, as arvores derrubadas dentre em breve substituidas pelo cafesal.

O velho general Hogindorff (sic), diversas vezes governador nos dois hemispherios, é agora, como elle proprio diz, o ermitão e carvoeiro do cimo do Corcovado.

Como são magestosas essas mattas primitivas, atravez das quaes só se póde abrir caminho cortando, aqui e acolá, a machado, os cipós de todas as qualidades, que as cercam e ostentam as flores exoticas sobre os mais altos cimos!

Aqui, a arvore de ouro torna-se de uma amarello de assafrão no tempo de seu adorno; mais longe, estão as que se revestem de uma libré violetta.

Raras palmeiras são vistas nessas solidões; a cultura as multiplica nos arredores das cidades, ainda que menos no Rio do que no norte do Brasil."

Naquella época havia muito café na serra da Tijuca. Chegados á Cascata Grande, cujas bellezas exalta, continua Hippolyto Taunay:

"Acabado o almoço, percorremos, durante uma hora ou duas, os caminhos que rodeavam a cachoeira.

Nossos olhares mergulharam ao longe, na planicie da Tijuca, cheia de moradias e cujas culturas são mais cuidadas que nas montanhas.

Os cafesaes, as bananeiras de grandes folhas, as laranjeiras vistosas e as mangueiras de folhas escuras, são as principaes arvores.

Todas essas propriedades são separadas umas das outras por cercas vivas de arbustos da familia das mimosas, cheias de flores que perfumam o ar, na estação propria.

O valle da Tijuca é um dos mais ferteis da terra; deveria, perto do mar, ser a séde de uma cidade cuja existencia e fortificação muito uteis se mostrariam para impedir o desembarque de tropas que uma potencia agressiva poderia tentar, pois, tendo uma vez pé no paiz, sómente a cinco leguas do Rio, uma

expedição deste genero, poderia, volteando pelas montanhas, vir atacar a capital, sem que o estado quasi inexpugnavel da bahia do Rio poudesse a esta garantir."

Falando da carestia da vida no Rio, dizem Taunay-Denis que tudo alli se mostrava simplesmente exorbitante, casas, roupas, viveres, allegações certamente exageradas quanto á ultima parte.

Era o padrão do custo de vida dez vezes o de Paris!

Muitos francezes prosperavam no commercio como logistas de miudezas e armarinho, alfaiates, marceneiros e padeiros.

"O ramo de industria que offereceria maiores vantagens é, no emtanto, o mais desprezado: a agricultura. E, no emtanto, os lucros que póde dar em dez annos será fornecer como renda o que se applicou como capital no primeiro anno: o café, sobretudo, não exige grandes dispendios e os seus proventos são dos mais consideraveis."

Tratando das producções nos arredores de São Paulo, accrescentam os autores que alli se faziam colheitas de trigo, centeio, milho, arroz, mandioca, batatas doces, café, canna e tabaco.

Poucos informes valiosos traz a obra de Taunay-Denis. Refere ainda que, em Sergipe, os cafeeiros, que tanto rendiam no Rio de Janeiro e na Bahia, quasi nenhum lucro davam.

Falando de seus ascendentes, cultivadores de café na Tijuca, escreveu o Visconde de Taunay:

"Minha familia, logo depois da chegada, comprou, por instigação, um tanto imperiosa, de meu tio Carlos, o sitio, da Cascatinha da Tijuca, e lá se foi estabelecer, a principio em um rancho de palha e depois na casinha, que ainda existe, formando-se alli uma colonia franceza da mais alta gerarchia.

Acima da queda do rio Maracanã, a baroneza Rouan; logo em baixo, a gente Taunay, pae, mãe e cinco filhos; adiante, á sahida da garganta, o principe de Montbéliard e conde de Scey, o conde de Gestas, Mme. de Roquefeuil e outros, que começaram, com algum exito, a plantar café, a colhe-lo, e a mandá-lo ao mercado, muito embora as continuas chuvas, que, a todos os emigrados, como que propositalmente amofinavam.

Naquella apertada habitação da Cascatinha da Tijuca, morreu, em 1824, tão repentina quão suavemente, meu tio avô Augusto Taunay.

Da phase cafeeira da Cascatinha Taunay, existe documento interessante na obra de Mauricio Rugendas.

A' extrema esquerda, no primeiro plano, vê-se um pe-

daço da casa dos artistas, em cujo terreiro um escravo se occupa em esparramar o café amontoado sobre pannos e empunha um rodo. A seu lado, uma preta acocorada, como que está a descascar o café numa gamela.

No fundo do quadro, vê-se a Cascatinha Taunay e notase a presença do artista, que pinta aquella bella paisagem.

Cantando a gloria solar na terra guanabarina, clama Theodoro Taunay, em seus *Idylios brasileiros*:

A estivum solis splendorem aurora reduxit.
Caesareae tuba jam cecinit praetoria villae
Phoebigenas fructus atque aurea mala per aequor
Agrestes vectant cimbae, propé littus, ad urbem;
Brasilusque Afrisque sonat clamantibus aether.

O seu irmão Felix Emilio assim os traduziu:

L'aurore embrase l'air des flammes de l'été
Le palais de César a dejá répété
Du clairon matinal le belliqueux hommage.
Les pirogues des champs, glissant prés du rivage
Portent vers la cité les fruits de l'E'quateur
Et les noirs á grands cris reprennent leur labeur

Da propriedade da Cascatinha dizia Theodoro Taunay:

Brasilius Gallusque, duo concordibus annis
Maturi juvenes, ibant; quos propter, aquarum
Diva parens (urbem nemoroso et monte secula)
Rauci stridebat regali in carcere saxi:

E seu irmão assim lhe verteria os versos:

Dans les bois qu'embellit la naiade sauvage
Un jour, deux jeunes gens, muris tous deux par l'age
Brésilien et Français, suivaient le doux gazon
L'onde au sein du granit, sa royale prison,
Murmurait auprés d'eux, se hatant vers la ville.

O album admiravel das *Views and costumes of the city and Neighbourhood of Rio de Janeiro* (*London*, 1822) de Chamberlain vem a ser um dos mais preciosos numeros da xeno-bibliographia brasileira, sabem-no todos. E dos mais caros.

A' prancha *Tijuca mountains* acompanha texto que traz informes sobre a cultura de café.

A' base da serra estava a aldeiola de Indrahy (sic) ligada á cidade por boa estrada. Lá moravam opulentos negociantes brasileiros em chacaras, havendo uma fabrica de papel e uma estamparia de algodão mas de pouco rendimento.

"Grande parte deste districto montanhoso da Tijuca, explica o articulista inglez, é propriedade do Visconde de Asseca, que, comtudo, auferia pequenos proventos desta propriedade e consideravel, até ultimamente, quando varios tratos de terra foram cultivados por emigrados europeus, sobretudo francezes, que plantaram consideraveis lavouras de café. O solo e o clima alli são especialmente aptos a tal fim.

E' a Tijuca a Cintra do Brasil e seus habitantes gozam de muito fresco quando o resto da cidade se acha suffocada de calor.

Na obra de Chamberlain encontram-se outras referencias mas muito escassas á cultura cafeeira.

Falando da chacara *Bragança,* situada nas vizinhanças de Villa Real da Praia Grande e doada ao almirante Sir Sidney Smith por D. João VI, diz o nosso autor que a maior parte do solo de propriedade da chacara era esteril, embora alli produzissem abundantemente o café e muitos dos fructos tropicaes.

Possuia Chamberlain, aliás, uma lavoura de café, sobre o Corcovado e num nivel elevado acima do mar. A ella se referem Spix e Martius.

CAPITULO XXXVI

Primeiros depoimentos sobre o café em terras paulistas — Marcellino Cleto, o Marechal Arouche — Dados estatisticos de Daniel P. Müller

Tanto há a fazer, ainda, em materia de coordenação documentaria neste nosso Brasil, em via de organização, que, mesmo a proposito das mais importantes questões politicas, economicas, sociaes, existem enormes obscuridades que, de prompto, não podem ser removidas por falta de bibliographia adequada.

E isto, a proposito de pontos essenciaes, frequentemente.

Foi, por exemplo, o que se verificou, ao se realizarem as tão patrioticas festas da commemoração do segundo centenario da introducção do cafeeiro — festas cujo êxito sobrepujou tudo quanto se podia esperar e serviram de ensejo a uma demonstração magnifica de solidariedade brasileira.

Dentre as commemorações que se impunham, uma havia de capital destaque: a placa bronzea da Bolsa de Café de Santos, rememorando o inicio da exportação cafeeira paulista para a Europa.

Quando começaria a correr o debilissimo filete destinado a se converter no enorme caudal economico que hoje se despenha pelas encostas da majestosa Paranapiacaba em demanda do mar? Quando haviam sido os primordios dessa formidavel energia acquisitiva que é o grande esteio da vitalidade brasileira e a grande razão de ser do nosso cambio internacional?

Ao debatermos, na commissão organizadora da exposição, de 1927, a escolha do millesimo a inscrever-se, na placa de Santos, verificámos todos os que compunhamos tal junta: não havia fonte a que recorressemos para a solução do caso.

Tão grande a insufficiencia de transportes que, houve quem pensasse fosse 1845 o milesimo assignalador de tal data. Neste anno começaram as exportações a se fazer, regu-

larmente, para o Norte da Europa, por intermedio da Casa Theodoro Wille.

Objectivamos que contra semelhante hypothese havia documento formalmente anulatorio e preciso, ao alcance de todos: *O Ensino Estatistico* do benemerito Daniel Pedro Müller. E realmente, este livro precioso informa que a exportação paulista, no exercicio de 1835-1836 fôra de quasi cento e cincoenta mil saccas (588.136 arrobas das quaes 76.336 sahidas de Santos!

Recorremos, então, á série dos *Documentos Interessanets* em busca da existencia de papeis referentes á exportação de café por Santos. Nelles encontramos um, datado de 1787.

Era tão diminuta a porção do genero exportado que pouco antes deste millesimo deve ter se encetado a exportação. Talvez pelos annos de 1790. O proprio Piza publicou um documento relativo a uma remessa de café, colhido nos arredores de São Paulo, em 1795, e feita por despacho particular para Lisboa, pelo Marechal Arouche a seu irmão, o erudito Diogo Ordonhes, como adiante veremos.

Bem inspirados andaram, pois, os doutores Rogerio de Camargo e Sylvio Polacco acceitando a data de 1797, e fazendo-a inscrever na placa commemorativa da Bolsa de Santos.

Documentos insophismaveis, nos autorizam a crer que a partir de 1797 jamais deixou de se dar a exportação paulista de café, quiçá, porém, com intermittencias maiores e menores.

São da mais autorizada procedencia, provêm ainda do Marechal Müller, o benemerito e inesquecivel patriarcha da Estatistica em terras de São Paulo. Foram notas que confiou a Spix e Martius, os seus hospedes illustres da primeira semana de janeiro de 1818.

Segundo os documentos do Archivo do Estado, impressos por Antonio de Toledo Piza, sabemos que, em 1797, sahiram de Santos para Lisboa tres navios carregando 1.924 arrobas.

De 1798, sempre segundo Piza, apenas sabemos que do grande porto sahiu um navio com 31 arrobas. Mas é muito possivel que mais um, ou mesmo mais dois, tambem tenham levado café.

De 1799 a 1800 nada conhecemos, mas é natural que houvesse prosseguido a exportação, regularmente, a vista do documento que vamos expor.

E' um quadro muito pormenorizado da exportação pauilsta organizada por Müller, a pedido, provavelmente dos dois celebres naturalistas.

Abrange o periodo de 1801 e 1807, um heptennio, portanto.

Por elle sabemos que as quantidades de café sahidas por Santos foram, em:

1801 de	132 arrobas
1802 de	116 "
1803 de	675 "
1804 de	243 "
1805 de	954 "
1806 de	1.060 "
1807 de	1.270 "

Quanto aos preços medios, por arroba, vigoraram os seguintes (incluindo-se ahi os informes divulgados por Piza):

1797	3$200
1798	3$200
1799	3$200
1800	—
1801	3$000
1802	2$000
1803	2$400
1804	3$000
1805	4$000
1806	4$000
1807	3$900

O coefficiente exigido pela correlação das capacidades acquisitivas, em principios do seculo XIX e hoje, deve ser de vinte no minimo embora seja difficil fixal-o. Por ahi se vê quanto a lavoura de café, feita com braços servis, devia deixar enorme margem aos que a ella se dedicavam, naquella época em que começava a ser *Brasiliae fulcrum*.

Em sua assaz enfadonha "Dissertação a respeito da Capitania de S. Paulo, sua decadencia, e meios de restabelecel-a", obra concluida a 25 de outubro de 1782, e inserta nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, toca o ouvidor Marcelino Pereira Cleto, mais tarde celebrizado pela parte que tomou no julgamento da Inconfidencia Mineira, — em uma serie de pontos relativos á economia da circumscripção paulista.

Ha em tal "Dissertação" informes algum tanto valiosos para o estudo da nossa historia economica.

Tratando da agricultura em S. Paulo, escreve o magistardo:

"A Capitania de S. Paulo consta de hua extensa Marinha, que, ao Norte, principia na Villa do Salvador de Ubatuba, e ao Sul confina com a de S. Francisco.

Toda essa Marinha hé cercada de hüa aspera Serra, e depois della ficão as terras aspera Serra, nas quaes entra a Cidade de S. Paulo, hoje cabeça da Capitania. Assim a Marinha, como as terras de Serra acima, são muito fructiferas.

Na Marinha especialmente ao Norte, desde Ubatuba até Conceição de Itanhanhen produz bem a Cana de Assucar e Arros: igualmente póde dar o Café, o Anil, produz mais a farinha de Mandioca, milho, feijão e algodão mas não tambem; porque em muitos annos prejudicão a estas plantas as chuvas que são frequentes em toda a Marinha."

"Da Conceição de Itanhahen até S. Francisco todos estes generos produsem, porém, parece mais propria a farinha de Mandioca e, dos Pontos que se comprehendem neste Districto sahem todos os annos bastantes embarcações carregadas de farinha para a Vila e Praça de Santos na mesma Capitania para o Rio de Janeiro, para a Capitania do Espirito Santo, Bahia e até algüas ocasiões para o Rio Grande."

"Nas terras do Sertão, ou Serra acima, produs bem o Milho, feijão e soffrivelmente a Cana de Assucar, Mandioca, annil, trigo sendo que nestes ultimos generos pouco se cuida, e os Paulistas se applicão mais a creação de animaes e com effeito, dellas sahe muito gado e toucinho.

Em Coritiba, que fica para lá da Serra, que cobre Pernágoá, erão algum dia famosas as suas fasendas de gado, hoje porem estão menos rendosas, tanto pelos direitos que se inovarão sobre os animaes da sua producção, como por se ter adiantado em toda a Capitania, esta Creação; tambem nella se produs excellente trigo, em que mais algüa, que no resto da Capitania.

"A Villa de Itú e das terras de Serra acima hé muito inferior em qualidade ao da Marinha, não tem boa graã, não adoça tanto, por melhor que seja, disem, que embarcado se deteriora e arruina nas Caixas, condusido para a Marinha, sem embargo de ser dificultosa a sua condução sempre nella se vende mais barato, que o assucar produsido na mesma Marinha pelo que só hé proprio para o gasto da mesma Capitania."

Levavam os agricultores da Marinha enorme vantagem aos de serra acima.

"A agricultura na Capitania de S. Paulo e em outra qualquer da America sempre foi mais lucrosa na Marinha, que nas terras de Sertão ou seja dos generos, que se consomem na America mesmo, ou dos que se transportão para Europa: Os primeiros aqui mesmo tem mais valor; que nas terras de Serra acima; porque por meio da navegação, se lhes dá nas terras desta Costa especialmente Cidade do Rio de Janeiro, facil consumo, e com utilidade. Os segundos ainda a fazem mayor em rasão da mesma navegação e commercio para a Europa".

"Não succede o mesmo nas terras de Serra acima; porque, além do que nellas se consome, tudo o mais tem difficultosa sahida.

Só em cargas se póde fazer a conducção dos generos, que sobejão, para a Marinha, ou para terem nella consumo, ou para se embarcarem para outra parte, e para esta mesma conducção, em cargas ha difficuldade, por ser em toda a parte aspero o caminho, que divide a Marinha do Sertão.

Este mesmo transporte dos generos, que produz a agricultura nas terras de Serra acima, em cargas para a Marinha, por si só pouca conta podia fazer aos Agricultores porem como são obrigados a mandarem buscar á Marinha, principalmente ao Porto da Villa de Santos, as cargas de sal, fazenda secca e molhada, se hão de trazer as suas tropas devoluto, nellas condusem o feijão, milho, toucinho, gallinhas, e tudo o mais, e desta maneira vem tambem o assucar da Villa de Itú porque do outro modo igualmente não faria muita conta sem embargo de ser genero mais precioso."

Muito mais rica era a Marinha então do que a zona serrana. Pagava aquella de dizimos reaes 15:804$000 e esta 25:696$000.

Mas a região do planalto era incomparavelmente mais populosa e sua população "não por virtude, mas por necessidade", tinha outra actividade que não a littoranea, a quem a riqueza oceanica tornara pouco amante do trabalho."

Prossegue o Dr. Cleto: "Dividindo-se a Capitania de S. Paulo em Marinha e Sertão, ou terras de Serra acima, separa-se a Marinha do Sertão por hua aspera Serra, da qual até o mar a latitude do terreno hé de duas, tres, quatro e o muito e rarissimas vezes, até dez leguas, computado este terreno com todo o mais de Serra acima, não equivale nem á decima parte: pois si ainda nestes territorios os dizimos da Marinha rendem 15:804$000, andando os de toda a

Capitania em 41:500$000, hé pela razão de ser a agricultura na Marinha mais lucrosa."

Ao ver do Ouvidor deviam as terras littoraneas cuidar de agricultura "a mais nos generos que se navegão para a Europa, porque com estes se augmentam as Rendas Reaes pelo que pagão as Alfandegas de sahida e entrada". E, revelando o seu descortinozinho, lembrava que nas terras serranas, alem do que fosse necessario para a conservação e alimento dos povoadores, devia-se promover "aquelle ramo de agricultura que fosse mais facil exportação", assim como anil, café, seda (sic).

Este apologista da agricultura da seda (?) explicava que em troca de taes productos trariam as tropas serra acima. "O Sal, a fazenda secca e molhados."

Assim, já se cogitava do plantio do café nas terras do Planalto, neste anno de 1782.

Queria o Dr. Cleto a transferencia da Capital de S. Paulo para Santos. Ficasse em S. Paulo o bispo e um ouvidor, porque entre as mais altas autoridades, a civil e a ecclesiastica, constantemente havia "parcialidades, sempre prejudiciaes ao serviço de Sua Magestade e aos Povos."

Uma das razões que mais impunha tal mudança era o pessimo Caminho do Mar, de quem diz o nosso autor horrores.

Não relata o Dr. Cleto se já sahia café dos portos paulistas. Quer-nos parecer que não, pois nas tabelas annexas ao seu trabalho, na relação de impostos pagos pelos diversos generos exportados, mencionando-se varios artigos miudos, como cascas de mangue, paus de mangue, toucinho, taboado e até gallinhas nenhuma allusão se faz ao café.

A phrase acima citada de que a marinha "podia dar café" é indice seguro de que ainda se não promovera o plantio da rubiacea.

Escrevendo ao Ministro Martinho de Mello e Castro, de Santos, e a 20 de agosto de 1787, dizia o Juiz de Fóra José Antonio Appolinario da Silveira quanto a villa se achava em profunda decadencia e quanto elle se esforçaria para promover em seu districto o incremento da lavoura, sobretudo a cafeeira.

"Não se apagam da minha lembrança os artigos de que Vossa Excellencia me incumbiu a respeito da utilidade desta Villa, e de interesse da Real Fazenda.

Ella se vê gemer debaixo do peso de uma total moleza, e envolta entre amontuadas ruinas.

O motivo desta desordem é a falta de individuos, pois

sendo proprio desta Praça um Regimento, que lhe dava valor, tanto para o giro do dinheiro, como para a habitação das casas, o retiraram para São Paulo, dando isto causa a que a Villa vá na maior decadencia tanto em pobreza, como em se hirem os edificios, deitando uns sobre os outros pelos continuados estragos; não querendo, nem podendo seus donos cuidar na sua reedificação, uns obrigados na indigencia, outros motivados da nenhuma utilidade que delles se lhes segue."

"O maior motivo da desconsolação deste povo é a preoccupação de que Vossa Excellencia abandona esta terra, apesar de eu lhe protestar mil vezes o animo de Vossa Excellencia, e a falsidade com que se lhe fez tal exposição: que só fazendo-lhe Vossa Excellencia ver por algum modo o contrario, é que elle mudará de systema."

Nesta Villa pode florescer o negocio, o que seria de grande utilidade á Real Fazenda, á Capitania e ás minas de Goyazes e Cuyabá. O seu porto é o melhor que por cá se considera, porem para isto se faria necessario que os Senhores Generaes que vem governar esta Capitania, nisto se interessassem.

As minhas forças são poucas ou nenhumas, mas taes quaes são todas se empenham a animar os lavradores desta terra a que a cultivem, já em café, arroz, algodão, e no mais de que elle é capaz; elles como dotados de boa razão abraçam o que lhes exponho, e tanto, que a instancias minhas um lavrador plantou no mez de junho, mil e tantos pés de café, e outro quasi outra tanta porção. Emfim, Excellentissimo Senhor, não me descuido do que devo á minha obrigação e á recommendação de Vossa Excellencia."

Assim ao que parece os primeiros cafesaes de Santos devem datar le 1787.

No segundo semestre de 1788 escrevia o futuro Marechal José Arouche de Toledo Rendon as suas "Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na capitania de São Paulo".

Já se refere, embora incidente e summariamente, ás lavouras de café da marinha e mesmo de serra acima.

"Na Marinha toda e em algumas villas de serra acima todos os generos podem exportar-se e nas que são mais distantes ha alguns que têm facil extracção para muitas partes e que se não exportam pela falta que ha: v. g. o anil, o café, o algodão, quer seja em rama, em panno e ainda os toucinhos que tem exportação, para as capitanias e alguns para a Europa."

Era o Marechal Arouche homem de real intelligencia e cultura como tanto demonstram os seus variados escriptos. Conhecia muito bem as coisas de São Paulo e do Brasil.

As suas "Reflexões" têm, porem, mediocre valor. Nellas occorre acirrada diatribe contra os habitantes da marinha e uma noticia curiosa sobre a enorme passarada que havia nos arredores de São Paulo. Passarada esta que o autor entendia ser devastada ou pelo menos desbastada.

Bem diverso neste particular de seu irmão, o desembargador ornithologo, primeiro naturalista nascido em terras de São Paulo: Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, o traductor da famosa epistola anchietana sobre as coisas da fauna de São Vicente.

"Os passaros de bico redondo que são as *araras, papagaios, maitacas, maracanans, araguarys, tiribas e periquitos*, etc., ao mesmo tempo em que o milho está maduro não se sustentam de outra coisa. Todos vêm com os seus olhos o estrago que o publico padece por causa destas aves.

Succede, ás vezes, que se o lavrador não é diligente, não chega a colher a roça, porque elles a comem toda, o que succede ordinariamente aos que plantam tarde porque então toda a multidão concorre para essas roças; mas pode-se dizer que, em regra, estas aves comem a quarta parte das roças e isto faz um prejuizo de muitos mil alqueires.

Deve-se por todo o cuidado em extinguir uns passaros que comem a quarta parte do pão de uma capitania inteira.

Em muitas cidades de Portugal consta que os lavradores são obrigados a trazer annualmente certo numero de cabeças de pardaes ao Conselho debaixo de certas penas: entretanto, aquellas avesinhas não fazem a decima parte do damno que faz um papagaio ou uma maitaca.

Por isso, será de grande utilidade que os corregedores deixem provimentos em cada uma das camaras para que os lavradores dêm certo numero de bicos. Isto já lembrou louvavelmente a Camara de Parnahyba, mas esta só, nada pode fazer e é preciso que a perseguição seja em toda a parte.

Os velhos que têm por um crime de primeira cabeça a innovação de qualquer coisa, que seus paes não fizeram, dizem que esse será um trabalho superfluo porque a multidão é muito grande e que por mais que se mate se não conhece diminuição alguma.

Se estes pythagoricos se dignassem usar da razão natural que Deus lhes deu, achariam que em centenas de milhões de passaros que ha em toda a Capitania, matando anualmente 500

se não pode achar diminuição, mas acharão igualmente que esses 500 mortos já não fariam mais damno nem produziriam filhos.

As colheitas duram noventa dias: uma ave destas come diariamente pelo menos uma espiga e as 500 que eu supponho mortas, comeriam 45.000 espigas, que são 180 alqueires.

Assim, lucra-se para o publico os 180 alqueires; no anno seguinte será o dobro, e isto sem falar nos filhos, pois é sabido que esses passaros vivem aos casaes e como cada casal produz annualmente dois filhos, já se vê quanto se avança cada anno nestas pequenas matanças."

Sobremodo propenso ás coisas de agricultura é de crer que já neste anno de 1788, em que redigia as suas *Reflexões*, tivesse o futuro Marechal José Arouche de Toledo Rendon um cafesal assáz extenso em sua chacara dos arredores de S. Paulo.

Escreve Antonio de Toledo Piza na *Revista do Instituto Historico de São Paulo* (tomo V):

"Era o marechal largamente abastado e geria os avultados bens e os de seis irmãs solteiras. Possuiam ellas, á margem direita do Tieté, uma propriedade agricola de valor: o sitio da "Casa Verde", hoje um dos bairros novos da nossa Capital, e numerosa escravatura. Erram, por este motivo, chamadas as "Mocinhas da Casa Verde."

Nesta pequena fazenda, além dos generos alimenticios, faziam cultivar o cafeeiro, colhendo "café bastante para o consumo da familia e para presente aos parentes e amigos."

Escrevendo Rendon, de São Paulo, a 26 de fevereiro de 1794, a seu irmão o illustre bibliophilo e erudito (além de magistrado integro) o então ouvidor Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, naquella época em Lisboa, dizia-lhe: "Neste mesmo navio (uma corveta cujo capitão se chamava Piedade e estava a zarpar de Santos) vae um caixote de café da Casa Verde. Estamos a espera dos "*Santos Martyres* e do navio dos Freire, segundo diz a praça de Santos."

Este navio citado pelo futuro Marechal tinha o nome estrambotico completo de "Santos Martyres, triumpho do mar" e seu capitão era um tal José Baptista Pinto. Empregava-se na carreira de Santos a Lisboa, e delle conhecemos um manifesto de carga, datado de 1797, e pelo qual se vê que embarcou no porto paulista 470 arrobas de café destinados a Lisboa.

Continuando a sua missiva ao irmão, escrevia Arouche:

"Esta corveta, em poucos dias carrega, pois a praça de Santos está atacada de generos de embarque.

Eu podia nella mandar o resto do vosso dinheiro em algodões, que o capitão queria levar na camara e elles se acham promptos. Comtudo, não o faço, visto que vós tanto desconfiastes, da corveta, não só em razão do barco, como por causa dos francezes" (Sc. dos cruzeiros e corsarios de francezes então em guerra com Portugal).

Portanto como elles se acham promptos (isto é, os algodões) podeis ficar certo de que hão de ir no primeiro navio que sair, que ha de ser um dos dois que se esperam e vós, se quizerdes, podeis segurar, para o que com esta irá a conta."

Era bem incerta a navegação naquelles annos torvos de universal conflagração, em que os reis todos se colligaram para esmagar a revolução franceza e Arouche escrevia ao irmão:

"Creio que já lá está a salvamento o navio "*Cysne*" que bom cuidado me dá a mim e mais a José Antonio. Se os generos estiverem ainda com o valor que vós informaes a José Antonio, não perderemos o trabalho e lucrareis na partida de couros que foram por vossa conta."

CAPITULO XXXVII

Depoimentos varios — O plagiario Manuel Cardoso de Abreu — Lacerda de Almeida — O anonymo do Museu Britannico — Bernardo de Lorena — Os mappas de carga dos navios — Propagação do café no São Paulo setecentista

Poucos velhacos neste mundo houve da força de Manuel Cardoso de Abreu (1750-1804), o plagiario de Fr. Gaspar da Madre de Deus, cuja biographia de aventureiro e contrabandista, sertanejo, esboçámos em nossos *Escriptores coloniaes.*

Era sobremodo intelligente porém, e o seu *Divertimento admiravel para os historiadores observarem as machinas do mundo,* datado de 1783 traz muitos informes curiosos, e por vezes valiosos sobre a capitania de São Paulo. E' uma resenha muito interessante dos principaes aspectos da região paulista e do sertão matto-grossense.

No capitulo treze lêm-se *Noticias particulares da cidade de São Paulo, na extensão da sua capitania, nome das povoações e negociações dos seus habitadores."*

Viviam os paulistanos do commercio, sobretudo tropeiro, affirma.

As villas do Norte de São Paulo eram todas muito pobres: a maior parte miseraveis porque os seus effeitos, que são os mantimentos, apenas dão para vestirem e comerem o sal, vendendo uns na mesma cidade (S. Paulo) e outros para o Rio de Janeiro e tambem aos passageiros, e por esta forma nada poder alar aquelles moradores.

"Os moradores das villas de Jundiahy, São João de Atibaia e Mogy-Mirim e das freguezias de Juquery e Jaguary, que estão na estrada de Goyazes, tambem vivem na mesma miseria, vendendo os seus effeitos na dita cidade e aos passageiros."

Na Marinha havia menos pobreza.

"Os Moradores da beira-mar, como são os das villas de

S. Sebastião e Ubatuba; vivem de fumos, pesca e aguas ardentes, que vendem á cidade do Rio de Janeiro para se remediarem na forma dos mais. Os moradores da villa de Santos são mais abastados em razão de ser este o porto de mar onde se desembarcam as fazendas que vem do Rio de Janeiro para a capitania e minas de Cuyabá e Matto Grosso. Juntamente alli se acha o districto do sal, onde forçosamente se vae buscar, e é distante esta villa da cidade de São Paulo dez leguas — 4 de mar e 6 de caminho de terra."

São Vicente, Itanhahen, Iguape, Cananéa vegetavam miseravelmente explorando a pesca, alguma farinha de mandioca e madeira, cujo negocio lhes dava apenas para comer e vestir.

A gente de Paranaguá era mais abastada, por causa de suas faisqueiras de ouro.

"Os moradores das villas de Parnahyba e Ytú e freguezia de Araçariguama, que estão na estrada que vae desta cidade ao porto de Cuyabá, vivem de fabricas de assucar, de criar seus animaes cavallares e vaccuns e de pannos de algodão e por isso são mais remediados, como tambem os da freguezia de Araraytaguaba, pela razão de ser o porto de commercio das ditas minas do Cuyabá, e muito miseraveis os moradores das freguezias da Cutia, S. Roque, Santo Amaro e outras aldeias dos suburbios da cidade de S. Paulo."

Sorocaba é que se apresentava menos sem recursos.

"Os moradores da villa de Itapetininga, distantes della dez leguas, vivem de criar os seus animaes e de tirar algum ouro das faisqueiras e vender mantimentos aos tropeiros, porém, com tal tenuidade, que não dá augmento.

Itapetininga era muito pobre, assim como Faxina, cujos habitantes iam faiscar ouro em Apiahy, Iapó (hoje Castro), Lapa, viviam pobrissimas. Vegetavam os curytibanos na quasi miseria que já fôra a de seus avós.

Os de Lages mostravam-se mais abastados por causa de sua criação de tropas que iam para Sorocaba e São Paulo.

Entendia Cardoso de Abreu que se remediaria á pobreza da capitania de São Paulo acoroçoando as plantações de fumo em larga escala.

Não fala uma só palavra do café e da possibilidade do seu surto.

Ha assim concordancia entre as suas palavras e as do Ouvidor Cleto, quanto a ausencia de qualquer plantação de rubiacea no mesmo millesimo de 1783.

A 31 de dezembro de 1788, chegava a Nossa Senhora

Mãe dos Homens de Araraytaguaba (que dentro em breves annos seria Porto Feliz) o illustre astronomo e viajante paulista, Dr. Francisco José de Lacerda de Almeida, sahido de Vista Bella de Matto Grosso a 13 de setembro anterior. E alli vindo do Alto Rio Negro!

Passando pelo Forte do Principe da Beira, encontrára café plantado. Naquelle ermo, á margem do Guaporé e coração do continente!

Falando das cercanias do famoso presidio, escreve:

"As terras dão com usura os legumes, o arroz, a canna, de que se faz optimo assucar; o milho, que reduzido a farinha, serve de pão, e com elle se cevão os muitos porcos, que ha, de muito sabor; o café; o anil, que naturalmente nasce; a laranja, que por muito doce causa sede, e cujas arvores em todo o anno têm flor, fructo verde, e maduro; a banana bem como em outras partes da nossa America, a excepção das partes mais Austraes, em que a geada as não deixa produzir, e das quaes a especie chamada banana da terra, sendo assada antes da sua perfeita maturação, póde supprir a falta do pão; o mamão, a mangaba, fruta que me deve paixão, e que, estando perfeitamente madura, e sem lesão de ter sido pisada, é mimosa, saborosa, aromatica, e no estado natural muito melhor, que sendo reduzida a doce."

Dahi em diante nenhuma outra referencia ao café encontramos no *Diario* do illustre itinerante, cuja vida terminaria em Africa, como é sabido.

A 8 de janeiro de 1789 deixava o Dr. Lacerda a famosa villa das Monções, em direcção a S. Paulo, onde chegou a 10.

Na sua relação de viagem por terra paulista não há uma unica allusão ao café que já começava a apparecer no planalto, comtudo.

Janeiro, 8, 9 e 10 — Demorei-me nesta Freguezia (Araraytaguaba) até o dia 8, á espera de bom tempo para poder determinar a sua posição, mas as chuvas m'o impediram; e temendo que por ser o tempo proprio dellas ficassem as estradas em peior estado, me puz em marcha pelo caminho da terra, e estrada direita, e passei pela populosa e grande villa de Ytú, em cujo districto se faz a maior parte do assucar, que se gasta em São Paulo e se exporta, pois a qualidade do terreno assim o permitte, porque nos mezes de Junho, Julho e Agosto, cahindo muita geada em grande parte da Capitania de São Paulo, e nas circumvizinhanças desta cidade, destruindo os canaveaes, e os vegetaes, que lhe não resistem, o territorio

desta Villa é livre della ou pelo menos cae tão pouca que não causa prejuizo.

Este phenomeno é sómente devido á natureza daquelle terreno porque a differença do nivel entre esta Villa e a cidade de São Paulo será consideravel, não tem montes para que a cerquem, e dista de São Paulo vinte leguas, pouco mais, ou menos."

Enganava-se o scientista explorador. Mais de duzentos metros é o desnivel dos dois pontos.

Continuando, escrevia.

"Cheguei á cidade de São Paulo no dia 10 pelas quatro horas da tarde, tendo vindo por toda esta estrada com grande satisfação do meu espirito, pelo muito que é aprazivel todo aquelle terreno, cheio de regatos, e de moradores, todos lavradores, dois dos quaes me hospedaram magnificamente, nas duas noites que pousei no caminho.

Viveriam estes homens na maior felicidade se chegassem a persuadir-se que realmente são felizes, pois têm a dita de respirarem um ar doce, os campos sustentam as suas vaccas, e animaes de carga e dão boa relva para os de estrebaria, que são muito bons, e bem arrendados, por ser esta a sua paixão dominante.

As terras produzem abundantemente tudo que lhes é necessario, não só para terem as suas familias na abundancia como para o negocio; a laranja, o limão doce, e azedo, e a lima, é tanta que, por não terem consummo, apodrecem debaixo das arvores, e assim á proporção o mais.

E' pobre sómente o preguiçoso, porque não faltam terras para quem as quer cultivar e na posse desta consiste a maior riqueza principalmente sendo (como são) tão ferteis: comtudo a muitos que a cultivam ouvi queixarem-se da pobreza, porque não tinham com que sustentar o luxo e a vaidade, dois inimigos do socego do nosso espirito e da nossa felicidade.

E' o que os francezes chamam falar com a moderação do *sage*.

"A côr rubicunda da maior parte dos habitantes da Capitania (á excepção dos de beira mar), a fecundidade das mulheres, o augmento sensivel dos colonos, e a robustez provam muito bem a bondade do clima.

O trigo, que se faz um ramo consideravel do commercio para as nossas Minas Geraes, Goyaz, Cuyabá, Mato Grosso, a boa producção das fructas de Portugal, que têm sido transportadas, e as do paiz, os legumes, as raizes, a carne de vacca e de porco, em nada inferior á de Portugal, a innumeravel

multidão de aves, o assucar, o leite, o queijo, a hortalissa, produzida sem maior amanho, fazem ser aquelle paiz dos melhores do mundo."

Dando arrhas do seu espirito de loyalism e ao patriotismo regional concluia o astronomo:

"Porém, o que o faz mais celebre e famigerado é a fidelidade e respeitoso amor, que os seus colonos têm ao seu Soberano, e a seus amigos; a sua hospitalidade, liberalidade, candura, ingenuidade, brio, honra, e valor nas acções militares, em que se tem achado; os importantes serviços feitos ao Estado, entranhando-se por aquelles immensos sertões sem outra bagagem mais que a polvora e a bala, sem outro rumo mais que o do accaso, descobrindo nelles todas as minas de ouro e pedrarias que possuimos, e que tanto tem enriquecido aos seus posteriores, ficando elles e seus descendentes pobres."

"Este é o caracter dos paulistas, inteiramente desfigurado por todos os historiadores, que, discorrendo por todo mundo, no mesmo tempo que estão encerrados nos seus gabinetes, tendo por verdadeiras as noticias dadas pelos émulos e rivaes, os capitulam por barbaros, como se o valor, a resolução e intrepidez dependessem da barbaridade, e não de animos honrados e ambiciosos de glorias."

No codice n. 13.981 dos *Manuscriptos Addicionaes do Museu Britannico* "Papeles tocantes al Perú y Brasil", encontrou Oliveira Lima um documento de 1792, anonymo: *Capitania de São Paulo e Ouvidores pertencentes á Relação do Rio de Janeiro,* que lhe parece sensivelmente obra de Frei José Marianno da Conceição Velloso, o celebre botanico, autor da *Flora Fluminensis.*

Pensamos que tal attribuição é filha da perspicacia. Basta considerarmos a allusão que no escripto em questão se faz á obra rarissima de Antonil, parcialmente reeditada por Velloso, *Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas.*

Não encontrámos referencia alguma ao cultivo do café em terras de São Paulo, naquella data de 1792, embora traga o documento algumas informações interessantes sobre a producção paulista.

"O Clima desta Capital hé como o de Espanha, abundante de searas, vinhas, pomares e flores, além de outros fructos do Brasil que produz com a mesma perfeição, pelo que serve como de armazem ordinario o Porto de Santos onde vam muitas embarcações carregar de copiosos mantimentos para diversas partes.

Aqui se achou o modo de fazer o assucar, achando-se pri-

meiro as cannas delle, planta que inundou utilissimamente a nova Lusitania.

De Lisboa vão alguns navios ao Porto de Santos, levando sal e fazendas para aquella praça, sendo Marginal as carregações compostas das mesmas que se Note remettem para o Rio de Janeiro.

Alguns destes navios vem em direitura para Lisboa, carregados de farinhas de mandioca, toucinhos, legumes, etc., porém isto o fazem algumas curvetas.

Os navios que são mayores voltam com algumas farinhas para Pernambuco e Maranhão a receberem a carga que podem alcançar por não ser este Porto e Santos de grande commercio, e só apenas para huma, até duas curvetas.

As medidas na Villa de Santos são iguaes ás do Rio de Janeiro.

Toucinhos e carnes de porco que dessem de sima da serra, aonde está a Cidade de São Paulo, compram-se a 600 rs. e 800 rs. a arroba.

Farinha de mandioca. Marmelladas."

De café nem signal ainda, apesar de já haver naquelle tempo pequeninos cafesaes nas cercanias de Santos.

Cinco annos mais tarde, em 1797, portanto, passava o Capitão General Bernardo José de Lorena, as redeas do governo de S. Paulo a Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, o Pilatos.

No relatorio em que lhe expunha a situação de seu governo, instruia o successor de diversas particularidades sobre a agricultura e o commercio paulista e contava-lhe que em Santos havia muito café e da melhor qualidade.

"A Agricultura acha-se em hum progresso muito grande, de sorte que se póde dizer que se acabou a preguiça de que geralmente era accusada a Capitania de S. Paulo.

Só a Villa de Ytú faz mais de cincoenta mil arrobas de assucar por anno e vae em augmento. Da Freguezia de Ararytaguaba, da nova Povoação de Piracicaba, da Villa de Sorocaba, da Freguezia das Campinas, o termo de Villa de Jundiahy sahe presentemente muito assucar.

Na Villa de S. Sebastião, e sua Ilha, e na Ubatuba, fabrica-se muito excellente assucar, e aguas ardentes de bom conceito, por toda a Marinha e principalmente em Paranaguá ha uma producção infinita do melhor arroz goma. Ha em toda a Capitania muita coirama, bastante algodão e anil, na Villa de Santos muito café... e da melhor qualidade. O esta-

belecimento do Commercio he hum grande remedio contra a preguiça."

Havendo a agricultura paulista tomado este desenvolvimento que o satrapa allegava, era natural que, como reflexo, prosperasse o commercio.

"A cabotagem, era o Commercio que aqui se fazia por mar até o anno de 1789. Presentemente, acha-se o commercio do Porto de Santos para a Europa estabelecido, como he notorio, e como tenho feito presentemente a Sua Magestade, pelos Mappas das Cargas dos Navios remettidos pela Secretaria de Estado; parece-me que podem presentemente carregar em Santos doze Navios por ano.

Tem sido necessarias muitas providencias para evitar a sahida dos effeitos de Commercio com a Europa, para o Rio de Janeiro (havendo aqui pelo costume em que estavam os negociantes de S. Paulo de merecerem menos este nome, do que o de caixeiros dos do Rio).

Acham-se encarregados das Ordens necessarias o Dr. Juiz de Fóra da Villa de Santos, Sebastião Luiz Tinoco da Silva, pelo que pertence á Comarca de S. Paulo, tem-se conduzido excellentemente esse Ministro, e delle se póde V. Ex. informar com toda a individuação, e o Sargento Mór da Comarca de Parnagoá, Francisco José Monteiro, pelo que pertence a esta, official do melhor conceito.

Antigamente, todos os effeitos que sahiam para o Rio de Janeiro, devendo pagar Dizima na Alfandega, ali pagavam, e satisfaziam na de Santos com as Guias. Hoje, succede pelo contrario, fica aqui o dinheiro e vae para lá o papel: está em costume não sahirem effeitos de Commercio com a Europa para outro Porto da America, sem licença do Capitão General para assim se facilitar mais a Carga dos Navios.

O mesmo General ha de attender algum caso de necessidade das outras Capitanias."

Documentos valiosos para a historia do café em São Paulo vêm a ser os manifestos de navios que de Santos largavam para Lisboa, em éras coloniaes, a que já nos referimos.

Destes "mappas de carga", como no tempo se dizia, os mais velhos que conhecemos são os do anno de 1797.

Assim, por exemplo, o do navio "Nossa Senhora da Oliveira", do capitão Felix Carneiro dos Santos, carregado com assucar, arroz, couros, taboas, miudezas e café, — cem saccas com quatrocentas e duas arrobas.

No mesmo anno, singrou de Santos para a Europa o

"Santos Martyres, Triumpho do Mar", barco de estrambotico nome, cujo capitão vinha a ser João Baptista Pinto. Além dos generos acima citados, transportou ainda sola, anil e gomma.

Carregou 470 arrobas de café em 93 saccos e um caixote. O "Nossa Senhora da Canna Verde", de que era capitão José da Silva Margana dos Santos, partiu, em Janeiro de 1797, levando 52 arrobas de café, apenas e além dos generos mais citados, alanados e aguardente. Em 1797, partiu o "Nossa Senhora do Carmo Leão" (sic), capitão Francisco Thomaz da Silveira, levando 31 arrobas em 7 saccos.

Assim, em 1797, sahiram de Santos para Portugal 1.924 arrobas de café. Tão avultada esta exportação, que suppomos tenha correspondido a um verdadeiro esvasiamento de stock accumulado, visto como, em principios do seculo XIX, as remessas do grão foram muito limitadas em relação a este despacho de 1797.

Não conhecemos outros informes sobre a exportação setecentista.

De 1801 ha o manifesto da corveta "Santissimo Sacramento", de que era capitão João Baptista Ferraro, que apenas carregou 132 arrobas. De 1802 está publicado o do navio "São Caetano Augusto Constancia Valerosa" (sic!), cujo capitão era Camillo de Lellis. Apenas levou 15 arrobas.

São estes os informes que nos ministram os preciosos *Documentos Interessantes,* de Antonio Piza. Ha porém, no Archivo do Estado de São Paulo muitos outros papeis do mesmo genero, que ainda não vieram á impressão. Já tivemos o ensejo de os percorrer.

As cotações inscriptas nos manifestos são tambem dados valiosos. Aos tres carregamentos de 1797 atribuem o seguinte preço por arroba — 3$200 (N. S. da Oliveira, Santos Martyres da Canna Verde). O de 1798 e "Carmo Leão" valia tambem 3$200 por arroba. O de 1801 ("Santissimo Sacramento"), 3$000. De 1801 a 1802, grande baixa ao producto. Valia 2$400 a arroba embarcada no "São Caetano".

Como naquelle tempo houvesse embarque directo de São Sebastião e Ubatuba, mais tarde prohibido pelo Governador Franca e Horta, poder-se-ia suppôr que em fins do seculo XVIII, partissem do littoral paulista em demanda de Lisboa um milhar de arrobas de café, talvez.

Exportação maior que a fluminense contemporanea, portanto, o que não parece possivel e denuncia, provavelmente, a defeituosidade das estatisticas do Rio de Janeiro.

As cotações, nos millesimos a que nos referimos, mostram-nos quanto o grão, em fins do seculo XVIII, era muitissimo mais caro do que hoje.

Tres mil e duzentos réis, preço da arroba em 1797, tinham tanta capacidade acquisitiva quanto cem mil réis hoje. A titulo de curiosidade, demos ainda os preços de alguns generos de exportação.

Do assucar se vendiam quatro typos: fino, redondo, branco e mascavo. Por arroba, valiam, em 1797, 2$400, 1$900, 1$600 e 1$300, e, em 1802, 1$600, 1$200, $900 e $800, preços em baixa forte, portanto.

O arroz fluctuava muito, de $900 em 1797, para $600 em 1801, 1$600 em 1802. Os couros baixaram de 2$240 em 1797 a 1$600 em 1801. Valia o algodão 4$000 em 1801.

Pagava-se a pipa de aguardente, em 1797, a 36$000, preço enormemente remunerador.

Na memoria apresentada em 1802, ao Capitão-General de S. Paulo, Antonio José da Franca e Horta, pelo seu antecessor Antonio Manoel de Mello e Castro e Mendonça, o conhecido "Pilatos" — assim chamado, como nos relatou Martim Francisco, porque tinha o cacoete, de, a cada momento, estalar os ossos dos dedos, sestro attribuido, ao que parece, ao famoso prefeito do Pretorio — nessa memoria ha interessante conceito previsor, a proposito da cultura incipiente do café em S. Paulo.

"A navegação do porto de Santos para o de Lisboa ha de ser sempre diminuta, emquanto a cultura do café e do algodão não chegar ao seu maior auge, pois estes generos são os que offerecem huma carga que, por ser especialmente mais leve, hé mais apropriada para os altos das embarcações."

Depois de relatar que a exportação paulista de então apenas fornecia carga para doze navios, contava Mello e Castro que, no chamado "norte paulista", na estrada que conduzia ao Rio de Janeiro, se principiavam as plantações de café.

Fôra a exportação de assucar paulista, em 1797, de 88.435 arrobas.

Em sua monographia sobre o historico do café em São Paulo, commemorativa da passagem do segundo centenario da introducção do cafeeiro no Brasil, affirma Paulo Rangel Pestana que a mais remota referencia á cultura da rubiacea no territorio paulista é a do relatorio de Bernardo José de Lorena, acima citado.

Ha engano evidente desse distincto autor, á vista dos documentos que já apresentámos. Assim como quanto a outra

supposição sua, e infundada, de que o cafesal santista haja começado em 1789, quando vimos que, já em 1782, se cultivava a planta abyssinia nos arredores da villa de Braz Cubas.

Documento tambem mais antigo do que o apontador por Paulo Pestana, é o que Antonio Piza publicou em sua biographia do Marechal Arouche, o paulista illustre, que foi o primeiro Director da Faculdade de Direito de S. Paulo (Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. V, pag. 106). Por elle se vê que, nos arredores da cidade de S. Paulo, havia pelo menos uma pequena plantação de cafeeiros, em 1794, como atraz ficou dito.

Falando dos primordios do café em São Paulo, escreveu, em 1872, o distincto botanico brasileiro, Joaquim Corrêa de Mello, filho de Campinas:

"Na cidade de S. Paulo (e provavelmente em toda a provincia), (sic) até os dois primeiros terços do seculo passado, o café não era conhecido senão como medicamento, e como tal receitado aos enfermos.

Só se encontrava nas boticas.

Um pouco mais tarde, algumas pessoas eram por elle apaixonadas. E o reverendo padre Manoel José, homem instruido e que tinha conhecimentos medicos, não só o receitava, como medicamento, mas até o preconizava como meio hygienico, louvando seu excellente sabor e qualidade, procurava estabelecel-o como bebida quotidiana.

Conseguiu isto em muitas casas em que era relacionado. Então, todo o café que se encontrava era importado."

Não nos diz o botanico campineiro quem seria este padre Manoel José, ardoroso propagandista do licor arabico. Como referia uma tradição oral, ignorava, provavelmente, o nome todo desse sacerdote instruido e senhor de conhecimentos medicos. Quando teria elle desenvolvido a sua propaganda?

E' o que não sabemos.

Em fevereiro de 1777, entre os 127 sacerdotes seculares da diocese de São Paulo, nenhum havia que se chamasse Manoel José. Nem tão pouco entre os quatorze ordenandos deste anno. Assim é possivel que o clerigo propagandista do café seja posterior a este millesimo, como data de ordenação ou da affiliação á diocese de S. Paulo.

Acaso terá elle sido o conego Manoel José Vaz? Doutor em canones pela Universidade de Coimbra, vigario da vara da Comarca ecclesiastica da cidade de S. Paulo, quando a cidade teve o seu primeiro diocesano, Dom Bernardo Rodrigues

Nogueira, foi quem, como procurador do prelado, tomou posse do bispado.

Passava por eximio pregador e tinha grande reputação de illustrado, havendo, de 1765 a 1769, governado a diocese paulista como vigario capitular *sede vacante*, por fallecimento do bispo Dom Antonio da Madre de Deus Galrão. Em 1769, demittiu-se por enfermo. Retirou-se para Portuga,l desistindo de seu canonicato paulistano no Regio Tribunal da Mesa de Coneciencia e Ordens. Foi residir perto de Aveiro, sua terra natal, provavelmente. Alli falleceu, em 1777.

Será elle o padre Manoel José, de quem fala Corrêa de Mello, o grande propagandista, precursor do café em São Paulo? E' possivel.

De João Manso Pereira, natural de Minas Geraes, nascido antes de 1750 e fallecido em 1820, com mais de setenta annos de idade, no Rio de Janeiro, onde fôra professor régio de gramatica latina, conta-se que do mundo desappareceu coberto de notavel nomeada, na capital brasileira e no paiz, como sabedor e educador.

Delle diz Sacramento Blake:

"Estudou no Seminario da Lapa; conhecia o grego e o hebraico; era muito versado nas sciencias naturaes e foi, pelo governo, encarregado da analyse do ferro de Ipanema.

Essas sciencias estudou elle em seu gabinete, tornando-se uma notabilidade, quanto era possivel sel-o no Brasil, colonia peada pelo egoismo da metropole.

Fabricou varios productos, como vinho, assucar, aguardente distillada da raiz de sapé, camapheus de barro do paiz, etc. Offereceu ao vice-rei Luiz de Vasconcellos uma mesa, só por elle trabalhada, onde se viam representados, em ouro e em diversas côres, a bahia do Rio de Janeiro e suas ilhas.

A D. João VI offereceu um apparelho e uma caixa para sabão de barba, de fina porcellana, como a da India, que elle sabia imitar, assim como o charão, feita com argila da ilha do Governador.

Fez tambem os bustos de Dona Maria I e de seu esposo, os quaes foram enviados para Lisboa, e ahi admirados. Na phrase do Dr. Macedo, "foi uma aguia, a que faltou espaço; foi um genio, a que faltaram recursos e condições favoraveis para elevar-se á altura de suas faculdades."

Teve grandes relações com Fr. José Marianno da Conceição Velloso, que imprimiu a sua *Carta sobre a nitreira artificial estabelecida na villa de Santos*, e outros trabalhos menores.

Em 1798, publicava-se, em Lisboa, a sua *Memoria sobre o methodo economico de transportar para Portugal a aguardente do Brasil com grande proveito dos fabricantes e commerciantes.*

Declarava-se Manso Pereira *professor emerito de grammatica no Rio de Janeiro, actualmente empregado por Sua Magestade em exames mineralogicos na capitania de S. Paulo,* na folha de rosto de um opusculo que se gabava de alta honra: da Impressão por ordem de Sua Magestade. Em dedicatoria, sobremodo cortezã, dizia que esrevera o trabalho ao pé das fragosidades do Ivyraçoiaba (a montanha do Ipanema).

Nelle recommendava que aos brasileiros se incitasse o fabrico da cachaça de milho.

"O milho dá maravilhosamente nalguns paizes, como neste de S. Paulo, em que, presentemente, me acho. Fóra da criação dos porcos, cujas carnes, e toucinhos vão vender ao Rio de Janeiro, não sei que utilidade tirão os habitantes desta Capitania das sobras daquelle grão."

Comtudo, é certo, e elles não ignoram, que com elle se pode fazer excellente aguardente. Mas, cuidão que isto não pode vir a ser um grande ramo de Commercio. E a razão talvez, é porque ainda não appareceu quem levantasse uma Engenhoca, para fazer Aguardente de milho, e de outras cousas fóra da canna.

Bem desejo ter a eloquencia de um Cicero para persuadir a algum Lavrador, que não tenha horror a novidade, nem tema a investida, e matracas dos seus vizinhos, que levante a sua Engenhoca de Aguardente de milho: que ajunte ao malte, ou mosto delle, para que seja maior o rendimento, alguma porção de assucar mascavado ou de melaço, ou de rapadura, ou de mel de abelhas, ou do succo das cannas."

Referencia curiosa ahi se encontra: queria o nosso Manso Pereira que se plantasse café, mas só para aromatizar a aguardente de milho, para tanto podendo-se tambem, utilizar outras fructas, como a jaboticaba, a guabiroba, etc.

"Não só podem servir para a Aguardente, mas ainda, pela sua prodigiosa doçura, estão desafiando a curiosidade do Lavrador para dellas fazer um Vinho generoso, e não estar comprando a peso de dinheiro uma cousa que de Vinho nada mais tem que a côr, damnificando com esta degenerada bebida a sua saude; pois o melhor ingrediente, que ha para embaraçar o azedume dos vinhos é um veneno e por desgraça são bem poucos os que não sabem qual elle seja."

Um estorvo terrivel: a abundancia enorme de formigas,

impedindo a criação de laranjaes que elle, Manso, queria ver prosperar.

"Bem desejo ver augmentado o numero dos pomares da laranja. Tenho a certeza que cada libra do legitimo oleo essencial de sua flor ha de dar de lucro ao Lavrador de duas doblas para cima. E, além disto, o Vinho, e Aguardente do seu fructo, não são motivos sufficientes para que os Paulistas, que nunca tiveram horror aos tigres, onças, giboiaçus, e outros monstros horriveis, "hajam agora de se deixar vencer das formigas que diariamente destroem as suas plantações!".

"Hade hum vil insecto privar aos homens da encantadora vista de hum pomar! Certamente, ainda não vi cousa mais bella do que as soberbas laranjeiras desta terra, nem arvores mais fecundas. E posto que a doçura do seu fructo não seja comparavel com a doçura do de outros paizes, comtudo, basta que o lavrador o converta em Aguardente, tal qual aqui me fez ver o meu General, e a transporte para Portugal.

Eu não lhe posso segurar grandes utilidades, porque ainda não fiz a experiencia; mas o que lhe posso affirmar he que este seu genero ha de criar ranço, como succede ao toucinho, e jámais a arroba de espirito ha de baixar ao vil preço de oitocentos réis, como muitas vezes acontece aos toucinhos, que estes estimaveis Cidadãos levão para o Rio de Janeiro."

A aguardente era genero de producção o mais recommendavel, sobretudo depois do fracasso de cochonilha, causado pela trapaça de um falsificador no tempo do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos.

"Que vantagens não promettera no Rio de Janeiro a cultura da cochonilha no Vice-Reinado do Illustrissimo Vasconcellos! "Comtudo, o Chimico Infernal, que descobrira o meio de a falsificar por meio da farinha de páo, não só se não enriquecera, a si, com esta infame trapaça; mas ainda fizera que de todo cahisse, e talvez para sempre, esta preciosa cultura, de que o Publico já hia recebendo tanta utilidade."

Pelo contrario, as Aguardentes de Parati sempre forão e ainda são procuradas com preferencia a todas as outras. E porque razão não ha de succeder o mesmo ás de S. Paulo, sendo a sua canna muito doce, o seu clima mais fresco, e por isso apto para huma melhor e mais bem dirigida fermentação do vinho della!".

E sobretudo se se a aromatisasse o café! Sublime descoberta!

Poucos homens, entre parenthesis, deve ter havido tão

vaidosos e tão auteologiosos quanto este professor regio de grammatica latina, naturalista e inventor.

A sua correspondencia com o Capitão General de São Paulo, Antonio Manuel de Mello Castro de Mendonça, é verdadeiramente monumental, em materia de demonstrações de louvor em bocca propria.

Gaba-se tanto, e de tantos serviços e trabalhos, da valia das invenções, talento, desinteresse pelo real serviço, e importancia variada dos prestimos, que chega a ser enternecedor, como, por exemplo, se deprehende da carta de 10 de Julho de 1797.

CAPITULO XXXVIII

Novos informes de principios do seculo XIX — John Mawe — Monsenhor Pizarro — Velloso de Oliveira, Souza Chichorro, Gustavo Beyer, Spix e Martius, José Bonifacio.

De John Mawe (1764-1829), naturalista inglez, a biographia é relativamente escassa. Sabe-se que estudou bastante as "sciencias amaveis", especializando-se, porém, em mineralogia. Ainda, como *violon d'Ingres,* tratava de malocologia, interessando-se, sobretudo, pelos moluscos terrestres.

Estabelecendo-se em Londres, como negociante de mineraes e objectos da curiosidade, ganhou muito dinheiro, criando fama de bom naturalista, o que lhe valeu a eleição a diversos cenaculos scientificos, prestigiosos, quer da Inglaterra quer de outros paizes europeus.

Estreou-se, em 1800, com uma *Mineralogia do condado de Derby,* sua região natal, e, em 1804, resolveu ir ao Rio da Prata para fins commerciaes.

Em Montevidéo soffreu assaz longo encarceramento e desterro nas terras centraes do Uruguay. Complicando-se a situação em 1807, com o assalto mallogrado dos inglezes do General Whitelocke a Buenos Aires, a quem, aliás, acompanhára, resolveu percorrer o Brasil. Foi, pois, a Santa Catharina e a Santos, onde desembarcou, seguindo por terra a São Paulo, para visitar a exploração aurifera do Jaraguá, de que ouvira grandes gabos e de onde trouxe a mais completa desillusão.

Voltou a Santos, seguiu pela costa a Sepetiba, indo, então, dahi ao Rio de Janeiro, onde mereceu o melhor acolhimento por parte do Principe Regente, Dom João.

Conseguiu, facto pasmoso! licença para visitar as jazidas auriferas de Minas Geraes e o Districto Diamantino, o que realizou de 1808 a 1810. Voltando á Inglaterra, imprimiu, em 1812, conhecida obra: *Travels in the interior of Brasil particulary in the gold and diamond district of that Country.*

Assim se exprime o douto Rodolpho Garcia acerca deste livro tão citado:

"Quando appareceu o livro de John Mawe, o facto constituiu quasi um acontecimento mirifico.

A Familia Real Portugueza já havia emigrado para o Brasil, sob a vigilante protecção dos Inglezes. Fora Mawe agraciado com a permissão especial de visitar o districto diamantino, depois de ter percorrido as provincias de Santa Catharina. S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geraes, de 1807 a 1810.

Seu livro é especialmente estimavel sob o aspecto dos costumes e da capacidade productiva das minas, no periodo da decadencia da mineração; mas deixa-nos a impressão bem nitida de que o mineralogista foi a Minas Geraes tratar de seus interesses antes do que investigar o que fosse digno de attenção para servir á illustração publica.

No que respeita á Geographia, o viajante inglez claudicou amplamente, mudando cursos de rios e indicando cidades que jámais existiram como tambem quanto á Historia, citando personagens de simples fantasia.

Por ordem do Conde de Linhares, Mawe organizou, em 1809, uma lista das madeiras que produz o Districto de Cantagallo, inserta em seu livro.

Os *Travels in the interior of Brasil* tiveram traducção franceza por Eyriés (Paris, 1816), e diversas edições inglezas. A versão portugueza ficou por concluir."

Realmente, a toponymia de Mawe é, por vezes, já não mais estapafurdia, mas até grotesca de tal modo nella se estropiam os nossos nomes.

Basta lembrar que escreve *San Omar* por *Santo Amaro! Cuberon* por *Cubatão*. *Zabola* por *Cebolas*. *Goyavas* por *Goyaz! Groupus* por *Garoupas!* etc.

E quando passa aos nomes communs occorrem os mesmos disparates, numerosos, como por exemplo, *mirabandas* por *maribondos, corvinha* por *"corguinho"*, etc.

E interessante é notar-se que os seus erros ainda foram aggravados na traducção franceza de Eyriès. Realmente muitos dos taes nomes portuguezes graphara-os Mawe segundo a prosodia ingleza e o traductor não deu attenção a esta circumstancia. Assim encontramos palavras escriptas do modo por vezes mais engraçado como *Boogra* (por bugre) cangaca, etc., etc.

Logo depois de publicada a obra de Mawe, soffreu vio-

lento ataque por parte de critico illustre. Eschwege, que lhe arrazou a parte geologica entre outras arremetidas.

A chorographia brasilica do nosso Mawe corre frequentemente parelhas com a sua prosodia portugueza.

Chegando a Santos, vindo do Sul, passou pelos Alcatrazes, onde viu furibunda arrebentação.

Causou-lhe a villa de Braz Cubas boa impressão. Porto optimo, logar muito bonito, assaz bom casario, população de commerciantes, retalhistas e artifices. Local insalubre, porém. Davam as cercanias, muito, excellente arroz, que passava pelo melhor do Brasil. Suas bananas tambem tinham boa fama.

Exportava Santos, para o Rio Grande e o Prata, grande parte do assucar, café, rhum, arroz, farinha, anil de que precisavam, e importava do Sul couros e sebo, recambiadas para a Europa.

Queixa-se e muito o nosso mineralogista da absoluta inhospitalidade dos santistas. Não havia estalagem alguma na villa, onde não encontrou tecto que o abrigasse ao desembarcar!

Assim partiu para o *Cuberon* (Cubatão), onde chegou ás duas da madrugada.

Gaba immenso os trabalhos do vencimento da Serra e a paizagem do planalto.

Descansou numa estalagem, a meio caminho entre São Paulo e Santos. Era assaz boa e mantida por um official miliciano.

Alli tomou pela manhã café com leite e comeu gallinha.

De S. Paulo teve excellente impressão. Dahi em diante passou a louvar, e muito, os paulistas, a quem tece os mais arroubados elogios, em differentes pontos de seu livro.

Sobretudo depois que viajou em Minas Geraes e lá percebeu o que fôra a obra bandeirante.

Havia em S. Paulo enorme abundancia de viveres baratos, vegetaes e animaes. Mas os processos da lavoura, alli, eram por demais atrazados.

A base da riqueza agricola local residia na mandioca. As engenhocas de assucar tinham o mais rudimentar apparelhamento.

O milho, e outros cereaes, espantosamente produziam nas cercanias paulistanas: 150 por um vinha a ser a colheita normal. Facilmente se attingia á proporção de 200 por um.

Pouco anil fornecia o districto; o gado era criado ao Deus dará. Os lacticinios preparados com enorme desasseio. Queijos pessimos, portanto, a manteiga logo rançava.

Não havia grandes agricultores e sim pequenos proprietarios ruraes, que viviam no maior desconforto, em casas miseraveis, terreas, de chão batido, sujissimas.

As cozinhas se apresentavam immundas e a fumaça dos fogões rusticos, dos *poás,* invadia todos os commodos, aliás separados por tabiques barreados e jamais limpos. Assim todos estes casebres estavam revestidos do negro picuman, transportado da cozinha.

Frequentes se encontravam os pequenos cafesaes, cujas colheitas eram recolhidas aos paióes do modo mais absurdamente recommendavel, salvo quanto a uma ou outra fazendola rara, pertencente a cultivadores menos broncos.

"O café, o algodão, o milho, o feijão, são amontoados sob telheiros humidos e cobertos por couros. Metade se estraga e apodrece e o resto fica consideravelmente deteriorado, graças a uma negligencia que atinge ás raias da estupidez."

Da sua visita á mineração do Jaraguá teve Mawe pessima impressão.

Estavam as jazidas absolutamente esgotadas, "depois de haverem produzido immensos thesouros", dado este absolutamente falso que o nosso autor divulga.

Elogia o mineralogista o cardapio paulista de 1808. Pela manhã, tomava-se café com pão e manteiga, sendo bom o pão. Após o jantar voltava sempre o café, após lauta sobremesa de doces e pastelaria, "orgulho das mesas paulistas."

De S. Paulo regressou John Mawe a Santos, sempre muito grato aos paulistas, a quem tece largos elogios.

No porto de Braz Cubas esperava, agora, melhores apresentações do Capitão-General Governador da Capitania, para um juiz e um negociante. De ambos foi-lhe, porém, a recepção glacial.

O juiz, cujo nome o viajante não menciona, era nada menos do que Antonio Carlos de Andrada, unico magistrado existente então em Santos, cuja falta de hospitalidade seria verberavel, se não tivesse motivos sérios de justificação.

E' que justamente tanto elle como o irmão, Martim Francisco, estavam a ferro e a fogo com o Capitão-General Franca e Horta, numa luta tremenda que levaria ambos á presença do Principe Regente, pedindo-lhe a destituição do satrapa. Assim tomara provavelmente como acintosa, naturalmente, a apresentação do inglez, demonstração de um *sic jubeo* ante o qual reagia.

Precisou o nosso Mawe dormir no balcão de um boticario depois do que este lhe affirmou: seria trabalho perdido

procurar pousada em Santos, cujo feitio nada desembarcavam muitos indesejaveis.

Aliás justificado, pois o seu porto hospitaleiro era proverbial em toda a capitania!

Felix qui potuit... commentemos a explicar as causas da frieza glacial do Andrada... cousa de que Mawe não teve conhecimento.

No dia seguinte seguiu o mineralogista para o Rio de Janeiro, via Sepetiba, em grande canôa de voga.

Costa linda, mas quasi deserta. Em São Sebastião, logar de gente pobre e pouco industriosa, cultivava-se algum anil e fumo.

Na ilha plantava-se canna, que dava optima aguardente e cereaes.

Não nos fala o itinerante de cafesaes no littoral paulista. Foi vel-os em territorio fluminense, adiante de Santa Cruz

Não é coisa que abunde, nas preciosas *Memorias* de Monsenhor Pizarro, a cada passo citadas, a contribuição estatistica.

Alguns dados nellas occorrem, contudo, sobre a producção paulista, de 1801 a 1807.

Neste periodo, exportou a Capitania de São Paulo, para os portos do Reino, a saber Lisboa, Porto, Figueira da Foz e Madeira, um total de 852:450$880.

Em 1807 carregaram-se para os mesmos portos, e para os do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, São Francisco do Sul, Paraty e Ilha Grande, 95 embarcações, trnasportando effeitos no valor de .... 381:687$420. E o commercio terrestre para o Rio de Janeiro, Goyaz, Matto Grosso e Rio Grande do Sul, importou em 144:422$000, ou seja um total de 496:109$420 nos "effeitos" seguintes: assucar, aguardente, café, farinha de mandioca, e de trigo, trigo a granel, milho, congonha, toucinho, banha, rezes, cavallos, muares, porcos, gallinhas, couro, sal, vaquetas, anil, gomma, salitre, fumo, peças de beta, peças de cabo, madeiras, panno de algodão, fio de algodão, azeite de peixe, barbatanas, etc.

São Sebastião exportou em assucar, aguardente, arroz, feijão, café, farinha de mandioca, gomma, anil, fumo, mel, algodão, azeite de peixe, taboado, louça grossa, ceramica de olaria, 113:588$000.

De Iguape sairam, além do café, arroz, madeira, farinha de mandioca, peças de béta, peixe, cal e farinha de trigo, tudo no valor de 55991$700.

De Ubatuba partiram de productos similares, 19:597$970.

Cananéa, muito pobre, apenas exportou 4:934$970 em farinha de mandioca, taboado, couqueiras e algumas miudezas.

Pertenciam então a São Paulo os portos de Paranaguá, Antonina e Guaratuba, que exportaram, respectivamente. ....: 51:482$530, 40:140$100 e 2:937$600.

De Paranaguá sahiram couros e sola, sal, madeiras, matte, café, béta, farinha de mandioca e de trigo, toucinho, peixe.

Antonina, além destes generos, destacou-se pela aguardente, matte, arroz.

Guaratuba tambem deu café e gomma.

Curiosissimo, porém, que Pizarro nada diga da exportação de Santos! Nem uma só palavra!

Em 1807 havia na capitania de São Paulo 458 engenhos de assucar e aguardente, 36 de arroz e 601 de anil.

Observa Paulo Pestana, judiciosamente, que os informes de Monsenhor Pizarro indicam a propagação da cultura da rubiacea pela marinha paulista antes de se dar o surto da lavoura do planalto partida da fronteira fluminense.

Na sua *Memoria sobre os melhoramentos da Provincia de São Paulo applicavel em grande parte ás provincias do Brasil,* o esclarecido observador Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, mais tarde conselheiro de Estado, desembargador e chanceller da Relação do Maranhão, suggeria a Sua Magestade Fidelissima mil e um meios tendentes a augmentar os recursos economicos de sua provincia, isto em 1810.

E' uma monographia extensa e noticiosa. Nella apenas se lê uma referencia ligeira ao café, que São Paulo poderia produzir ao lado do "assucar, aguardente, fumo, cacau, baunilha, pimenta da India, carnes de porco, farinha de mandioca, algodão em rama e tecido, moveis para servirem de ornato ás casas e madeiras de construcção".

Era homem intelligente e cheio de idéias adiantadas para o seu tempo.

Em sua *Memoria sobre a agricultura no Brasil,* dedicada a Pedro I, ainda Principe Regente, lembrou-lhe iniciativas excellentes, como o fomento da immigração européa, o ensino de processos modernos de agricultura, a instituição da pequena propriedade, a introducção de bons reproductores, distribuição de terras aos militares, nas vizinhanças das guarnições fixas, a criação de camellos para o Nordeste, etc....

Como se vê: algumas idéias optimas e boas e outras fantasistas e por demais influenciadas por inspirações européas ainda inadaptaveis ao paiz.

O que nas vizinhanças de 1822 alli encarecia vinha a ser a cultura do linho e canhamo.

Em pouco tempo daria lucro liquido annual de cinco a seis milhões de cruzados, o que hoje equivaleria a uns 50.000 contos de réis.

Nascido em 1755, em Ystad, pequena cidade sueca, e filho de um medico, doutorou-se Gustavo Beyer em medicina, na Universidade de Lund. Contractado para o serviço da armada de sua patria, onde alcançou o posto de physico-mór, viajou bastante. Esteve em Marrocos, nos paizes ibericos e do norte da Europa. E tornou-se popular entre os compatriotas pelo ardor da propaganda em pról da vaccina jeneriana.

Nomeado consul geral portuguez na Suecia, exonerou-se do serviço militar e partiu para o Brasil, onde passou um anno, de 1812 a 1813.

Durante a sua estada aqui, percorreu especialmente a Capitania de S. Paulo, deixando-nos impressões que Alberto Lofgren traduziu e publicou.

Ao viajante escandinavo não movera a curiosidade scientifica nem o méro amor ás peregrinações dilatadas, ao emprehender a travessia do Atlantico.

Ao Brasil viera, exclusivamente, para rehaver dez mil cruzados que lhe devia o seu compatriota Hedberg, que elle proprio fizera nomear para a fabrica de ferro de Ipanema, quando o governo de D. João VI mandára contractar na Suecia um mestre de forjas, conta-nos Oliveira Lima.

Homem deshonesto, praticou Hedberg muitas irregularidades que o fizeram demittir-se e substituir por Frederico Guilherme de Varnhagen.

Pagou, comtudo, os dez mil cruzados ao medico compatriota, motivo pelo qual deixou Beyer o nosso paiz perfeitamente impressionado com quanto vira. "Não ha como uma divida cobrada, para tudo fazer vêr côr de rosa", commenta espirituosamente o erudito autor de *D. João VI*.

No *Pluto Brasiliensis*, relata Eschwege que Beyer se fizera fiador de Hedberg perante os seus numerosos credores suecos para que o improvisado forjador pudesse partir para o Brasil e refazer a fortuna.

Nada de muita demasia de escrupulos tinham ambos, ao que parece.

Relatando, minuciosamente, o que no Ipanema conseguira,

mostrou o illustre geologo allemão quanto abusara o sueco da boa fé do governo portuguez.

Commentando esta narativa, chama Calogeras velhaco ao mestre fundidor, accusando o viajante escandinavo de parceria em suas tramoias.

Fossem quaes fossem os motivos da viagem do Dr. Gustavo Beyer ao Brasil, nem por isso deixam os seus depoimentos de ser "os de um homem fino e culto, interessado em quanto examina e em quanto admira."

Veio o medico sueco encontrar os ultimos dos nossos annos coloniaes, circunstancia que as suas palavras revestem de pittoresco synchronismo.

E dada a escassez das apreciações estrangeiras sobre a nossa vida colonial, são as suas declarações, a nosso vêr, de summo interesse, tanto mais quanto nos parecem cheias de franqueza, muito embora por vezes inçadas de graves deslises, como aquelles em que sobre o Rio de Janeiro incidiu e lhe foram arguidos pelo douto Vieira Fazenda.

Partindo do Rio, em companhia de um jovem russo, o conde Nicolau von Pahlen, "moço amavel e estudioso, excellente literato e muito viajado" — parente do plenipotenciario moscovita junto á côrte portugueza, e provavelmente do celebre assassino do czar Paulo I — chegou Beyer a Santos, no dia 13 de março de 1813.

Viajando, muito confortavelmente aliás, pela costa, viu em São Sebastião grandes mandiocaes e cannaviaes, em roda de lindas casas de agricultores.

Demorou-se alguns dias na Ilha dos Porcos, para alli assistir a uma festa de casamento, admirando-se da profusão dos viveres do brodio.

"Fazendo a conta do que se matava aqui, diariamente, em bois, vitellas e porcos e toda a sorte de aves, junto com a quantidade de fructas, café, cachaça, assucar e arroz, acreditar-se-ia facilmente que essa gente estava esperando a hospedagem de um batalhão inteiro."

Parece que ainda não havia cafesaes importantes no littoral paulista ou que estes não se avistavam do mar.

Ao convento franciscano de São Sebastião rodeava grande pomar de coqueiros, laranjeiras e bananeiras.

Tratando do commercio de Santos, não menciona o sueco o café.

"Santos é uma cidade pequena, de 4.000 habitantes, tem forte commercio com a America Hespanhola e exporta para

a Europa pelo Rio de Janeiro, grande quantidade de assucar e arroz, que é considerado o melhor do Brasil."

Nos arredores de São Paulo atravessou bonitas plantações de canna e mandioca.

Indo da capital paulista a Itú e Sorocaba, não nos conta Beyer se viu cafesaes pelo caminho. E' que provavelmente vinham a ser insignificantes.

"Mais longe e antes de se chegar á cidade de Itú, o terreno é cultivado e todos os campos são ornados com plantações de canna e ao pé de cada rio encontram-se engenhos e alambiques, movidos por agua. Os valles estão cheios de gado e a satisfação e o bem-estar caracterizam tudo. Itú tem bonita cathedral e na qual ha bons quadros da historia da Igreja."

"Viajando pelos arredores de Itú é impossivel não se notar que toda a gente da classe baixa tem os dentes incisivos perdidos, pelo uso constante da canna de assucar, que sem cessar chupa e conserva na bocca em pedaços de algumas pollegadas.

Quer em casa, quer fóra della, não a larga, e é possivel que esta tambem seja a causa de haver aqui mais gente gorda do que em outros logares.

A classe superior gosta igualmente de doce, pelo que recebeu a alcunha "mel de tanque", isto é, o melhor melado produzido na fabricação do assucar. Os proprios bois e burros tambem participam da mesma inclinação. Encontram-se elles, tal qual seus conductores, mastigando canna. E' um refresco para todos durante o calor."

Nota pittoresca: no Salto de Itú toda a elevada potencia hydraulica do Tietê era então utilizada para mover um unico monjolo!

Indo ao Ipanema, achou Beyer que a exploração do ferro não podia dar compensadores lucros. E a este respeito, relata que já em São Paulo começava a exploração remuneradora do café, assucar e couros.

Em visão prophetica, que lhe abona a lucidez do descortinio, escreve Beyer, gabando a excellencia das terras de São Paulo:

"Além da posição favoravel e salubre, São Paulo conta em si mesmo em abundancia tudo quanto é necessario para o bem-estar e póde-se ter a certeza de que onde existem necessidades é isso devido á falta de vontade para trabalhar, e não de occasião para ganhar e adquirir todas as commodidades da vida.

Tudo alli ha por preços reduzidos, com excepção de rou-

pas, para ambos os sexos, por ser artigo de importação, apesar do paiz produzir lã e algodão em abundancia. Quando São Paulo comprehender a utilidade das fabricas e chegar o tempo da sua installação, esta capitania terá dentro de si mesma tudo quanto é preciso para ser independente de todas as mais!

Por 60$000 se adquire perto de São Paulo uma propriedade agricola produzindo em abundancia hortaliças, frutas, lacticinios, aves e gado, prestando-se ainda á cultura da canna, do algodão, dos cereaes, da uva, da mandioca, e do café."

Verdadeira terra da promissão, pois a capitania de São Paulo.

A 14 de julho de 1817, ancorava no porto do Rio de Janeiro, a fragata da marinha de guerra de Sua Magestade Apostolica "Austria". Nella haviam viajado dois jovens naturalistas, fadados á maior celebridade e chamados a prestar ás sciencias naturaes, e ao Brasil, os maiores serviços: os Drs. João Baptista von Spix e Carlos Frederico Philippe von Martius, que o rei de Baviera, Maximiliano José I, enviava em missão scientifica ao nosso paiz.

Não ha quem conheça um pouco das coisas da nossa terra e a quem sejam extranhos estes nomes immortaes. Viveu Spix muito menos do que o companheiro, e assim sua obra é muito menor do que a delle, mas nem por isso deixa de ser uma das mais eminentes realizadas por naturalistas de todos os tempos.

Martius, este ligou imperecivelmente o nome a um dos maiores monumentos naturalisticos do seculo XIX, a "Flora Brasiliensis", como todos sabem. E outros estudos o consagraram como um dos mais illustres conhecedores da ethnographia e philologia americana, de seu tempo.

Até hoje (e isto não nos abona os creditos culturaes) está para ser traduzida em portuguez a relação da viagem dos dois inseparaveis e eminentes amigos, a não ser quanto ao trecho relativo á sua excursão pela Bahia, devido ao Sr. Prof. Pirajá da Silva e a dois outros muito menores, por João Vetter e pelo Dr. Edmur de Souza Queiroz e relativos aos capitulos attinentes a S. Paulo.

Felizmente, teve o Instituto Historico Brasileiro, por iniciativa de Max Fleiuss, a inspiração de promover a traducção integral da famosa *Reise* dos dois grandes naturalistas, confiando-a á proficiencia de sua digna bibliothecaria, a Exma. Sra. D. Lucia Furquim Lahmeyer, a traductora de Handelmann, agora em vesperas de concluir a enorme tarefa de verter os volumosissimos infolio dos dois grandes scientistas.

A 6 de dezembro de 1817, sahiram elles do Rio de Janeiro, rumando para S. Paulo, por Santa Cruz e Itaguahy, onde viram grandes cafesaes e cannaviaes pertencentes a um Sr. Duffles, hollandez, que explorava terras fertilissimas.

Não passaram por São João Marcos, mas estiveram em Bananal, onde viram immensa derrubada de esplendida matta virgem para o amanho do solo destinado a cafesaes.

São José do Barreiro, não passava de minusculo arraial, mas Areas já era bastante consideravel cercada de fazendas de café e plantações novas.

Teria Lorena suas quarenta casas quando muito e bastante lavoura de fumo, assim como Guaratinguetá, que lhe era incomparavelmente superior, tendo já certo ar civilizado com as suas casas de janellas envidraçadas.

Em ponto algum referem os dois sabios haver visto cafesaes no norte de S. Paulo, embora contem ter atravessado culturas da mandioca, fumo, cereaes, e em Taubaté, vinhedos.

Explicando porque era tão baixa a exportação paulista em 1817 escrevem Spix e Martius:

"Em comparação com o numero dos habitantes de São Paulo, a producção de generos coloniaes é aliás quasi que consideravelmente mais baixa do que nas provincias do Norte.

Alli em (S. Paulo), particularmente, não se dão muito bem o algodão e o café. Viceja, a canna soffrivelmente. No anno de 1808, contavam-se nada menos de 458 engenhos de assucar e 601 alambiques, para a fabricação de cachaça, a producção de muitos desses engenhos, porém, limita-se a supprir as proprias necessidades domesticas. Pequenos alambiques acham-se na maior parte das 190 fazendas de criar — emquanto as suas terras permittem o cultivo da canna.

Mais ou menos a metade da producção da capitania consome-se nella mesma, exportando-se a outra metade. Café, assucar, fumo, chifres de boi, sêbo, etc., seguem para a Europa, via Santos ou via Rio de Janeiro.

O cultivo da mandioca não é muito frequente; mais assiduo o do milho. Os habitantes não julgam saudavel a farinha de mandioca, tal qual os habitantes do Norte pensam da farinha de milho. Para o Rio de Janeiro exportam-se bastante milho e outros generos alimenticios para o consumo ali; para o Rio Grande do Sul, Montevidéo e Buenos Aires, assucar e aguardente; para Pernambuco, Ceará e Maranhão, principalmente carne secca; Goyaz e Matto Grosso recebem ainda sal e ferro, além de outros productos estrangeiros.

O unico porto da provincia, em communicação directa

com o Porto, Lisboa e as ilhas portuguezas, é Santos. Embora distante da capital de S. Paulo 12 legoas só as altas montanhas da Serra do Mar fazem que se eleve tal distancia quasi a 50 milhas. O caminho do Cubatão, como se denomina esta parte da serra, attinge em alguns pontos á altura de 3.000 pés e mais acima do nivel do mar, e tem fortes declives, sendo a passagem praticavel só para mulas.

Apesar dos melhoramentos executados pelo governador geral França e Horta, é necessario dividir todas as cargas em volumes pequenos para transportal-as em ambas as direcções. Para fornecer á capital um sino de igreja ou uma peça de artilharia torna-se mistér o gasto de uma somma extraordinaria em força e dinheiro."

O bispo D. Matheus de Abreu Pereira tinha pequena criação de bicho de seda. Auguravam os naturalistas grande futuro á sericicultura em S. Paulo, assim como á industria da cochonilha, mal e á da vide e da oliveira.

Deixando S. Paulo foram Spix e Martius a Ipanema, por São Roque e Sorocaba. Da villa das feiras seguiram em direcção a Porto Feliz, de onde passaram a Itú, Jundiahy e Atibaia, onde passaram ao territorio mineiro.

Em parte alguma se referem á cultura do café nesta extensa jornada, mencionando, porém, a existencia de cannaviaes, roças de cereaes e alguns vinhedos, sobretudo perto de Sorocaba e Itú.

Causou-lhes excellentes impressão o espectaculo civilizado das vizinhanças de Itú "a agradavel vista do valle do Tietê já completamente limpo de matta virgem e plantado de canna de assucar, feijão, milho e vinhedos."

CAPITULO XXXIX

A plantação de Santos Prado em Jundiahy — Depoimentos de Martim Francisco I — As exportações totaes de São Paulo em principios do esculo XIX e as quotas das de café — Primeiras plantações de Campinas.

Citando a Joaquim Corrêa de Mello em seu escripto sobre os primordios do café em Campinas, diz Paulo Pestana: "Mal chegado á cidade de São Paulo, em Junho de 1797, o Governador Castro Mendonça dirigiu suas vistas para o café, recommendado por Lorena" (Bernardo de).

Brindou com algumas sementes ao seu amigo sargento-mór Raymundo Alves dos Santos Prado Leme, paulista pertenente a vários troncos de apurada nobreza e homem de grande cultivo literário.

Taes sementes foram plantadas pelo sargento-mór no quintal de sua residencia, em Jundiahy.

Deram origem a um arbusto que forneceu nucleo de sementes para as primeiras plantações de Campinas."

Não é exactamente isto o que diz Corrêa de Mello, cujas palavras são as seguintes:

"O primeiro individuo (q. d. cafeeiro) que existiu no municipio de Jundiahy, do qual fazia então parte o territorio de Campinas, foi plantado em 17 pelo sargento-mór Raymundo Alvares dos Santos Prado, que obteve alguns fructos do seu amigo, capitão-general Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça, governador da então capitania de São Paulo.

Este governador os havia trazido por curiosidade ou para seu uso. E tendo sido plantados no quintal da casa em que residia o mencionado sargento-mór Santos Prado, produziram um individuo que era, por sua raridade, visitado como objecto de curiosidade. Consta que esse individuo durou até bem poucos annos: e é muito provavel que todos ou pelo menos a maior parte dos cafeeiros do municipio de Campinas pro-

venham das sementes e mudas produzidas por elle, pois que é certo ter sido o primeiro nascido ao oeste desta provincia."

Assim não precisa o botanico campineiro o millesimo que P. Pestana, abeberado não sabemos em que documento, affirma ter sido 1797, quando podia tambem ser 1798 ou 1799.

Tambem não sabemos porque chama a este pioneiro da cafeicultura no oeste de São Paulo, Sargento-Mór Raymundo Alves dos Santos Prado Leme, personagem bem conhecido dos que estudam a historia paulista.

Corrêa de Mello, muito acertadamente, lhe dá o nome de Raymundo Alvares dos Santos Prado.

Assim o designa tambem Silva Leme, com a sua grande autoridade (vol. II, 231, da *Genealogia Paulistana*). E' bem exacto, comtudo, que Santos Prado (fallecido em 1823) figura no titulo Lemes. Mas isto não nos autoriza a ir contra a affirmação do botanico e do linhagista, sabendo-se como se sabe quanto são variaveis os nomes de familia entre a gente de origem lusa.

Raymundo Alvares dos Santos Prado Leme foi um dos filhos do sargento-mór e seu filho, neto portanto, do plantador de café em Jundiahy. Alferes era o primeiro e capitão o segundo (cf. Silva Leme, 2, 233 e 234).

Há pois, manifesto engano de Paulo Pestana na attribuição do nome Leme ao sargento-mór.

Depoimento valioso para a historia do desenvolvimento da lavoura cafeeira no oeste de São Paulo é o de Martim Francisco I.

Sahindo de São Paulo para Sorocaba a 26 de Janeiro de 1803, encontrou o mais moço dos membros da "trindade eterna de heroismo e gloria", no dizer do verso grandiloquo de Fagundes Varella, "já algum café no termo de Parnahyba." Ali se admirou de "não ver introduzida a cultura do anil, sendo este arbusto silvestre e em tanta qualidade."

De Parnahyba foi o Andrada a Monteserrate, perto de Jundiahy, avistando plantações abundantes de milho, feijão, algodão e fumo.

A' medida que se approximava de Itú, augmentava a cultura da graminea saccharifera, ajuntando-se a do café, a que os ituanos se iam applicando com toda a força.

Havia no territorio de Itú, brevemente "Fidelissima", 134 engenhos que fabricavam perto de cem mil arrobas de assucar. Crescia a villa e prosperava notavelmente, sendo então uma das de mais cultura e mais reditos para a corôa.

Já contava para cima de 8.000 habitantes e "ia sempre

em crescimento, não só pela concorrencia dos homens das outras villas, attrahidos pela fertilidade do terreno, como tambem pela abundancia de casamentos."

E a tal proposito annotava o futuro ministro da Fazenda em 1822 esta phrase curiosa e pittoresca "o furor de casar é tal em Ytú que até casam homens e mulheres aleijados."

Em torno de Sorocaba viu o então "Inspector das minas e mattas, e naturalista da Capitania de São Paulo", milho, feijão, algodão, pouco café, e alguma canna de assucar, de que havia doze engenhos. No districto de Porto Feliz, visitado em março do mesmo 1802, teve Martim Francisco o ensejo de ver uma lavoura de café incipiente.

Assim não é crivel que se em 1802 se plantava café "com toda a força", em 1814 não merecesse tal lavoura a honra da citação do secretario geral da Capitania, Chichorro da Gama, personagem que deixou o nome ligado a conhecido movimento politico em 1824 de iniciativa sua.

Nelle se pedia a D. Pedro I que se proclamasse soberano absoluto.

Muito antes de Campinas então Villa de São Carlos, que mais tarde seria o eldorado dos lavradores da rubiacea, em terras de São Paulo, se ensaiava pois, em diversos pontos a cultura da planta ethiopica.

Foram estes os totaes da exportação paulista, para a Europa no septennio de 1801 a 1807:

1801	21:235$100
1802	66:555$000
1803	76:282$640
1804	189:969$140
1805	273:930$000
1806	195:460$140
1807	299:020$060

Transcrevamos porém os quadros fornecidos por Daniel Pedro Muller a Spix e Martius e por estes insertos em sua monumental *Viagem ao Brasil*:

	1801 DOIS NAVIOS PARA LISBOA		1802 DOIS NAVIOS PARA LISBOA	
	Totaes	*Valores*	*Totaes*	*Valores*
Assucar (arrobas) . .	13.359	19:141$200	39.760	60:015$500
Aguardente (pipas). .	—	—	12	480$000
Café (arrobas). . . .	132	396$000	116	230$400
Arroz (alqueires) . .	60	79$500	396	537$600
Couros crús (por peça)	297	208$400	480	480$000
Couros curtidos (por peça).	—	—	—	—
Farinha de mandioca (alqueire). . . .	—	—	120	84$400
Madeira	—	280$000	—	128$000
Algodão	160	640$000	—	—
Miudezas	—	400$000	—	600$000
Totaes	—	21:235$000	—	66:555$000

Em 1803 a cifra mais avultada attingiu a exportação da capitania:

1803

Productos	*Tres navios para Lisboa* — *Totaes*	*Valores*
Assucar (arrobas).	39.470	60:171$400
Aguardente (pipas).	36	1:440$000
Café (arrobas)	675	1:625$000
Arroz (alqueires).	813	2:018$000
Couros crús (por peça)	5.620	88:038$240
Couros curtidos	50	75$000
Farinha de mandioca (alqueires).	270	198$000
Madeira.	—	100$000
Algodão	—	278$000
Miudezas	—	2:648$000
Totaes		76:282$640

Subiu immenso a exportação paulista de 1804 em diante, mais de 150 por cento. Novos artigos entraram em scena

como o sebo, o anil, o polvilho, o salitre, os chifres como se póde ver do quadro immediato.

De 1804 a 1805, foi então o salto immenso correspondendo a exportação, deste ultimo anno, a tres vezes a de 1801, mais de quatro vezes a de 1802, tres vezes e meia a de 1803, quasi vez e meia a de 1804. Seria isto uma consequencia da concentração do commercio em Santos, segundo determinara o capitão-general França e Horta, dahi nascendo mais rigorosa estatistica? Talvez...

Verdade é que augmentou extraordinariamente a exportação fiscalizada:

1804

Quatro navios para Lisboa

Productos	*Totaes*	*Valores*
Assucar	63.533	141:944$480
Aguardente	46	2:300$000
Café	1.243	3:725$270
Arroz	9.543	10:000$110
Farinha de mandioca	450	270$000
Sebo (arroba)	176	281$600
Couros crús	8.686	17:372$000
Couros semi-curtidos	—	—
Couros curtidos	600	960$000
Anil (arrobas)	46	1:029$000
Polvilho (arrobas)	620	508$680
Salitre (arrobas)	84	1:680$000
Madeiras	—	351$000
Algodão	—	60$000
Banha	—	—
Pelles	—	—
Chifres	2.300	69$000
Miudezas, artigos diversos	—	418$000
Totaes		189:696$140

1805

Quatro navios para Lisboa, dois para o Porto, um para Madeira, um para Figueira

Productos	*Totaes*	*Valores*
Assucar	93.024	196:254$200
Aguardente	53	2:363$800
Café	954	3:729$220
Arroz	14.694	33:208$440
Farinha de mandioca	4.330	2:781$700
Sebo (arrobas)	247	350$000
Couros crús	15.277	26:543$790
Couros semi-curtidos	100	112$000
Couros curtidos	—	—
Anil (arrobas)	9	216$000
Polvilho	1.124	1:213$380
Salitre (arrobas)	58	1:160$000
Madeira	—	557$750
Algodão	44	140$800
Banha	210	268$800
Pelles	1.133	913$000
Chifres	3.910	181$500
Miudezas, artigos diversos	—	3:916$160
Totaes		273:930$540

Já em terras de São Paulo não se estava mais naquelle terrivel periodo de estagnação, desanimo e pobreza, senão quasi miseria, que o Morgado de Matheus viera em 1765 encontrar, ao se reencetar a vida autonoma da capitania dos bandeirantes, tão cruel, tão injusta, tão clamorosamente maltratada por D. João V, que, em 1748, a supprimira do rol das circunscripções brasileiras.

Era este estado de summo depauperamento que o fazia escrever melancolicamente a Oeiras, futuro Pombal, contandolhe, que quasi não havia quem quizesse vir a Santos:

— Para que? diziam os capitães. Não existia alli o que carregar!

Fazia-se em Portugal deploravel idéia da pobreza das terras paulistas.

"Não havia ainda em Lisboa noticia de haver com effeito (mercadorias exportaveis) na capitania de São Paulo, como até agora assim foi". Corriam os duros annos do recolhimento da phenix ás suas cinzas da tão feliz e conhecida comparação de Washington Luis.

Examinemos agora os dados que dizem respeito ao biennio de 1806 a 1807, e oriundos da mesma fonte. Nelles se nota um decrescimo sensivel de 1805 a 1806, de quasi 33 por cento! Mas, já o anno de 1807 se mostra bem mais animado, embora a cifra dos negocios ainda não houvesse attingido a de 1803. Verificou-se recuperação assaz valiosa sobre os totaes do anno anterior.

1806

Tres navios para Lisboa e quatro para o Porto

Productos	*Totaes*	*Valores*
Assucar (arrobas)	59.600	103:227$200
Aguardente (pipas)	16	576$000
Café (arrobas)	1.060	4:240$000
Arroz (alqueres)	23.420	39:293$000
Farinha de mandioca (alqueires)	630	416$000
Farinha de trigo (alqueire)	—	—
Carne salgada	—	—
Sebo (arrobas)	1.150	2:416$000
Couros crús (peças)	17.962	33:948$000
Couros curtidos (peças)	1.000	1:000$000
Couros semi-curtidos (peças)	320	320$000
Pelles (peças)	269	269$000
Anil (arrobas)	155	3:915$300
Quinino (arrobas)	—	—
Polvilho (arrobas)	220	221$400
Salitre (arrobas)	24	480$000
Madeira	—	300$000
Algodão (arrobas)	20	102$400
Banha (arrobas)	705	1:480$500
Chifres (peças)	1.730	309$200
Miudezas, artigos diversos	—	2:940$000
Totaes		195:400$140

1807

Cinco navios para Lisboa, quatro para o Porto e um para a Madeira

Productos	*Totaes*	*Valores*
Assucar (arrobas)	52.210	80:732$900
Aguardente (pipas)	40	1:400$000
Café (arrobas)	1.270	4:895$850
Arroz (alqueires)	25.010	45:618$240
Farinha de mandioca (alqueires) .	1.720	1:062$400
Farinha de trigo (alqueires).. ..	594	816$000
Carnes salgadas	555	3:552$000
Sebo (arrobas)..	1.580	2:528$000
Couros crús (peças)	30.673	52:389$480
Couros curtidos (peças)	—	—
Couros semi-curtidos (peças) . .	333	333$000
Pelles (peças)	200	150$000
Anil (arrobas)	126	2:319$030
Quinino	706	15:786$160
Polvilho (arrobas)	232	185$600
Salitre (arrobas)	32	640$000
Madeiras	—	1:408$000
Algodão (arrobas)	—	—
Banha	1.540	1:141$600
Chifres (peças).	24.500	931$090
Miudezas	—	5:124$800
Total		220:020$060

Assim as cifras da exportação cafeeira em São Paulo, foram no septennio acima citado (1801-1807):

Em 1801	396$000
Em 1802	230$400
Em 1803	1:625$000
Em 1804	3:725$270
Em 1805	3:729$220
Em 1806	4:240$000
Em 1807	4:895$850

Representam estas cifras porcentagens ainda muito baixas em relação ao total das exportações paulistas mas como vemos se avolumaram bastante de 1802 a 1807, tornando-se vinte vezes maiores, signal de que vinham chegando as novas lavouras provocadas pelos preços convidativos das cotações do genero.

E' preciso, porém, attender a outra hypothese a saber que as exportações de Santos se tenham incrementado e, muito, graças á despotica medida do então Governador, e Capitão General da Capitania Antonio José da Franca e Horta. Forçava elle a concentração de todo o commercio exportador no porto principal de São Paulo.

Assim é muito provavel que nas cifras acima citadas se inclua o valor da producção do littoral norte da capitania, sobretudo São Sebastião e Ubatuba, por onde vinha alastrando o cafesal, ainda não devastado pela hemileia.

"Em Campinas, affirma Correia de Mello, o primeiro que em sua chacara fez pequena plantação de cafeseiros foi o Tenente Antonio Francisco de Andrade, quem por certo, fazia uso do café, porquanto cerca de anno de 1807 ou 1809, de sua chacara era trazido para a cidade o café em cerejas.

Aqui era despolpado e secco ao sol, estendido na rua em frente á casa de sua residencia, sita na rua do Rosario, esquina da de Barreto Leme e depois seccado ás mãos em pilões.

Este pequeno cafesal, tendo o dito Tenente Andrade com os seus oito ou dez filhos marchado voluntariamente para as guerras do Sul, ficou por isto abandonado e anniquilou-se."

E' provavel que haja ahi occorrido um destes desvios a cada passo nascidos da deturpação da tradição oral.

E que o plantador deste cafesal abandonado não haja sido o "Tenente" Antonio Francisco de Andrade. O Sargento Mór Antonio Francisco de Andrade não tinha aliás nem dez nem oito filhos e sim, apenas, cinco, dos quaes tres militares milicianos, e dois ecclesiasticos.

Em seu estudo sobre a cultura do café no oeste paulista, affirma Persio Pacheco e Silva, e, com toda a razão, que foi Campinas a primeira terra do poente de São Paulo em que a rubiacea surgiu, em cultura racional.

Com toda a propriedade de termos e conceitos, assim se exprime o distincto autor paulista, cuja autoridade em assumptos cafeeiros é sobremodo acatada:

"Finda a época das explorações e conquistas, os exploradores e conquistadores, filhos de São Paulo voltaram de

novo a seus lares nos velhos povoados de onde tinham partido.

Ahi, cansadas, já pouco ferteis e quasi que abandonadas, desde os tempos da descoberta das minas, as terras desses logares já não podiam attrahir, já não offereciam vantagens aos que vinham vindo, nem elementos de iniciativa aos que quizessem, por ventura, trocar a vida aventureira a que se tinham affeito, tão vária e cheia de emoções e perigos, pela quietude laboriosa do agricultor, de vida geographicamente limitada.

Assim, pois, aos filhos dos recem-vindos foi que coube o buscar noutras paragens, novas terras, portanto, mais ferteis onde assentassem seus lares e suas lavouras.

Que região, que zona os attrahia agora, senão aquella em que se achava o *Pouso das Campinas,* esse mesmo pouso e região que, outróra indifferentes, guiados por outros ideaes tantas vezes atravessaram elles pela estrada de Minas e Goyaz, quando abalavam de São Paulo, sertanistas destemidos, entregues a suas longinquas peregrinações!

Agora o valle ubere do Atibaia recebe em seu seio a muitos delles, em meados do seculo XVIII" — valle coberto pela floresta densa do "Matto-Grosso", então valhacouto de foragidos e de facinoras.

Releiamos o que diz, a esse respeito, o saudoso e benemerito Doutor Ricardo Gumbleton Daunt (1818-1892), em suas *Reminiscencias*:

"Assim veio da Cutia, o Capitão José de Camargo Paes, que havia servido com seus filhos (entre os quaes o capitão mór Floriano) e mais parentes; o padre Joaquim Duarte; o Capitão Francisco de Paulo Camargo, estes ultimos de Ytú; De Parnahyba, já esterilisada com o longo plantio do algodão, o depois Capitão-mór João Francisco de Andrade, o pae do Sr. José Fernandes de Abreu e muitos outros.

"Do lado de São Paulo, entre outros o Capitão Raposo, João Monteiro, Alferes Antonio José de Mattos, etc. etc.

"De Santo Amaro os paes do Sr. Reginaldo de Moraes e outros muitos; de São João de Atibaia, de Minas Geraes muitos e sobretudo artistas habeis.

"Entre os paulistas que se estabeleceram em Campinas nos fins do seculo XVIII destaca-se o vulto notavel de Pedro Gonçalves Meira, ytuano, que, tendo-se illustrado por viagens ao sertão e residencia em Matto Grosso (então mais adiantado do que São Paulo) foi attrahido á nascente povoação como offerecendo campo á sua actividade emprehendedora."

Foi lá, nessa região de sólo feracissimo e clima ameno, que alguns desses fundadores iniciaram, com os seus descendentes, em principios do seculo passado, a cultura que dentre em breve iria constituir a fortuna de São Paulo tal como o ouro que, descoberto por seus maiores, enriquecera outróra o Brasil e a Metropole.

Esquecer os nomes desses iniciadores que já pertencem á Historia? Como?".

CAPITULO XL

Os primeiros cafesaes de Campinas — Commentarios de Persio Pacheco e Silva — Depoimentos de Souza Chichorro — Dados Estatisticos de Eschwege

Continuando a historiar os primordios da lavoura cafeeira em Campinas, seu municipio natal, escrevia, em 1872, Joaquim Corrêa de Mello, o distincto botanico paulista que tanto estudou a nossa flora — e a quem Dom Pedro II prestou a mais honrosa homenagem quando da sua visita á rica cidade do oéste.

Em 1817, tendo o Capitão Francisco de Paulo Camargo ido ao Rio de Janeiro por occasião dos festejos que se faziam pelo casamento do principe Dom Pedro (depois Dom Pedro I, Imperador do Brasil), viu alli vender-se o "café limpo" a 8$000 ou 9$000 a arroba.

Induzido por este vantajoso preço e, além disso, instado pelo Conde de Arcos de quem era amigo — de volta para aqui não só plantou um "cafesal" que provavelmente ainda existe na fazenda ora pertencente ao tenente Barros Dias... mas ainda instou com seu parente e amigo, tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, para que fizesse igual plantação — o que de facto aconteceu.

Estes dois "cafesaes", porém, ainda foram abandonados: o primeiro, porque não tendo o consumo conservado o alto preço observado no Rio de Janeiro, julgou mais acertado continuar com a cultura da canna, e fabricação do assucar que então constituia a primeira industria do municipio, e o segundo por ser seu proprietario mal informado sobre o tratamento da planta que lhe disseram não vegetar bem sinão á sombra; preparando a terra para a plantação deixou ficar as arvores altas para produzirem o competente abrigo.

E disso resultou que tendo esta mesma fazenda passado ao poder do distincto cidadão e genro do tenente coronel Aranha, começou aquelle, ou porque o preço que alcançava o as-

sucar fosse extremamente baixo ou porque fosse mais audacioso e emprehendedor do que os seus municipes, a beneficiar e augmentar a plantação feita por difficuldade attenta a grande quantidade de mudas que deviam existir no velho "cafesal".

Esta tentativa felizmente teve um optimo êxito. O Sr. Egydio começou logo a colher, preparar e exportar "café", que alcançava bom preço no mercado.

A' vista do resultado obtido por este senhor, ás instancias do cirurgião-mór Alvares Machado... "e attendendo ainda que o tratamento della exigia menor força de braços do que o da canna de assucar — os cidadãos José de Souza Campos e Bernardo J. de Sampaio, tambem em 1835 mais ou menos, começaram a extendel-a.

Como estes tambem tirassem excellentes resultados, os seus vizinhos e outros foram pouco a pouco abandonando as plantações de canna e substituindo-as pela de café — de sorte que nos annos de 1842 e 1843 já fizeram colheitas importantes. E' destas ultimas datas que começou a immensa riqueza e florescimento deste municipio que o deve ao pequeno fructo oriundo da Asia."

Commentando estes factos escreve Paulo R. Pestana no seu historico da lavoura cafeeira em S. Paulo (1922) a proposito do capitão Camargo, seu antepassado.

"O capitão-mór Francisco de Paula Camargo figura entre os primeiros povoadores de Campinas e exerceu o cargo de juiz de orphãos em Jundiahy.

Natural de Ytú, descendia do nobre sevilhano José Ortiz de Camargo, o famoso chefe do "partido hespanhol" que em 1640 tentou acclamar Amador Bueno "rei de São Paulo" e depois sustentou luta secular com a familia Pires.

Mercê do seu sangue azul fez amizade com o Conde dos Arcos, provavelmente quando este governou Goyaz. E isto motivou o convite para assistir o casamento do Principe Regente; o que lhe permittiu o examinar a futurosa lavoura cafeeira no Valle do Parahyba, caminho da Côrte.

Atravessando perigosa crise determinada pelas guerras napoleonicas, que restringiram o consumo europeu o café veio a depreciar-se a ponto de não compensar as despesas, especialmente com o difficultoso transporte até Santos. Desenganado, o capitão Camargo abandonou seu cafesal á semelhança dos cultivadores fluminenses. Julgou mais acertado continuar com a antiga lavoura de canna e o fabrico de assucar.

Passando a fazenda do tenente coronel Joaquim Aranha

ao poder de seu genro Francisco Egydio de Souza Aranha (Marquez de Tres Rios) começou este benemerito campineiro a restaurar a plantação de cafeeiros entregue ao abandono. Elevados os preços, viu elle coroado de êxito a tentativa; as colheitas foram augmentando e acharam mercado vantajoso, a ponto de levarem outros fazendeiros a imitar o exemplo".

Há ahi reparos a se fazer ao distincto autor. Não só o Ouvidor José Ortiz de Camargo não era de todo sevilhano e sim paulistano como não consta dos documentos que haja feito parte do grupo de hespanhoes acclamadores de Amador Bueno da Ribeira (em 1641 e não em 1640) bando este chefiado pelos genros do *Acclamado,* dois dos quatro irmãos Rendon, residentes em S. Paulo.

A unica fonte em que se mencionam os nomes aliás muito nossos conhecidos dos acclamadores de Amador Bueno, a *Nobiliarchia Paulistana* não traz referencia alguma a José Ortiz de Camargo, que como atraz dissemos não era castelhano e sim filho do hespanhol Jusepe de Camargo e da paulista Leonor Domingues, descendente de João Ramalho e de Tibiriçá mamaluco portanto.

Outro engano de P. Pestana é imaginar que Francisco Egydio de Souza Aranha haja sido o Marquez de Tres Rios, aliás Joaquim Egydio de Souza Aranha (1821 (?) — 1893).

Era Francisco o pae desse opulento titular, realmente genro de Joaquim Aranha de Camargo, a quem Silva Leme não chama Barreto como o faz Corrêa de Mello.

Mas é possivel que assim se appelidasse em lembrança de seu avô, sargento-mór Francisco Aranha Barreto, cujo nome tanto figura na historia militar paulista do seculo XVIII, sobretudo como commandante do sinistro presidio de Iguatemy em 1773, e da praça de Santos, posto em que falleceu, no anno de 1794.

O coronel Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do Marquez de Tres Rios e curitybano, diz Silva Leme, foi quem em Campinas iniciou o plantio do café juntamente com seu irmão o Padre Aranha tambem grande lavrador da rubiacea.

Sua viuva, D. Maria Luiza de Souza Aranha foi por D. Pedro II agraciada com o titulo de Baroneza de Campinas e mais tarde elevada a viscondessa do mesmo titulo, dias antes de fallecer, ao que parece.

Em sua excellente monographia *O café no Oeste de São Paulo,* explica Persio Pacheco e Silva como surgiram os primeiros cafesaes em terras de Campinas, transmittindo uma variante da versão narrada por Corrêa de Mello.

E enceta o seu depoimento pelos seguintes commentarios:

"Das interessantes notas de Monsenhor Pizarro conclue-se que a cultura cafeeira já adquirira certa importancia ao attingir o anno de 1817. Mais proximo de Rezende, o municipio de Areias, principal productor, exportava seu café para o Rio de Janeiro produzindo annualmente cada escravo 50 arrobas e vendendo-se a arroba á razão de 2$000.

Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté, produziam "muito café em suas terras". Jacarehy e Mogy das Cruzes tambem plantavam a promissora rubiacea mas em escala menor. No emtanto, para o lado fertilissimo e virgem do "Oeste", em Ytú, cultivava-se "pouco café" merecendo preferencia a canna.

Convem notar que, por esse tempo, já vicejavam cafeeiros no municipio da Capital, mais ou menos espalhados pelos sitios e chacaras. Saint Hilaire em 1819, faz menção delles em sua narrativa de viagem.

José Bonifacio, o Patriarcha, em sua "Viagem Mineralogica", realizada em 1826, informa por sua vez ter observado que na fazenda Jaraguá (perto do celebre morro) "os cafeeiros não prosperaram tão bem, muitas vezes morrendo com a geada."

Em 1825 o café ainda se apresentava como segundo artigo em nossa exportação por Santos, vindo em primeira linha o assucar. Effectivamente, sahiam desse porto, no anno indicado só 141.623 arrobas de café, no valor de 250:782$500. Mas a producção total da provincia devia orçar por 360.000 arrobas, valendo 637:200$000 (a 1$770 a arroba).

Muito interessante o episodio que o distincto autor paulista, verdadeira tradição viva das coisas de seu municipio e de São Paulo, em geral, relata.

Ouviu-o do ultimo filho sobrevivente do coronel Aranha, Antonio Egydio de Souza Aranha, irmão do Marquez de Tres Rios e genro do Visconde de Indaiatuba.

Assim escreve Persio Pacheco e Silva:

"Tambem se impõe que aqui narremos um facto ainda vivo na memoria de quem o ouviu do principal protagonista desses acontecimentos embora, varie, um tanto da fórma fixada pelas chronicas desses tempos memoraveis.

E' o seguinte:

— Surge o primeiro cafesal, plantado por Antonio Francisco de Andrade. Mas a vida agricola e sedentaria de uma geração não tinha ainda bastado para fixar o homem ao solo. O animo irrequieto e audaz dos descendentes dos Raposo

Tavares, Buenos, Castanhos Taques, Paes Leme e muitos outros, aos quaes deve o Brasil grande parte de seu territorio, vibra ainda em Andrade.

E' em 1817. Elle abandona o cafesal, antes mesmo das primeiras cargas que deva exportar, e lá se vae com seus 8 ou 10 filhos para o sul, empenhado nos azares da guerra.

Espirito mais clarividente, Francisco Egydio continua a cultivar com esmero a lavoura deixada por Joaquim Aranha Barreto de Camargo, seu sogro, e cujos beneficios em breve colherá.

Tambem resolveram partir para o sul Souza Campos e Francisco de Paula Camargo, demandando os sertões do Paraná; partem de facto passando porém propositadamente pela fazenda de Francisco Egydio, não só para delle se despedirem como tambem para que lhes desse informações das paragens do sul.

No correr da palestra veio Francisco Egydio a mostrar-lhes a conta de venda das primeiras remessas de seu café, conta que acabava de receber. Seduzidos então pelos avultados lucros contidos nessa conta, e já convencidos pelo amigo, de que grandes eram as vantagens de semelhante cultura, que fazem elles — mandam proprios a alcançar e fazer voltar os cargueiros que tinham seguido adiante e voltam resolutos e firmes se entregam então á cultura do café.

Esse facto nos foi narrado pelo proprio filho de Francisco Egydio, — respeitavel ancião que já conta os seus 80 annos de idade.

Assim narrado diverge um tanto de como o expoz o notavel botanico Corrêa de Mello, em cujo testemunho tambem nos baseamos, divergencia que não informa a inteira fé por nós depositada no primeiro, testemunha auricular que o ouvira do proprio pae."

"Mas teria sido Jundiahy a primeira terra do oeste paulista que viu brotar em seu solo o primeiro pé de café? indaga Pacheco e Silva.

"Nem Barbosa Rodrigues diz o anno em que o café foi plantado em Rezende e em Areias, nem Corrêa de Mello o em que o foi em Jundiahy. Quanto ao segundo, já se viu que esse anno póde ser 1797, em que chegou a S. Paulo o seu novo governador Castro Mendonça.

Antes dessa data é que absolutamente não póde ter sido, tratando-se de Jundiahy.

Tratando-se, porém, de Areias, norte do Estado, e dada que a *primeira* colheita jámais poderá ter sido anterior a essa

plantação do café naquella cidade paulista jámais poderá ter sido anterior a essa data, visto que os cafés de Areias provieram dos de Mendanha, por meio de sementes."

Divergimos do modo de pensar do distincto autor.

O cafesal do oeste de São Paulo deve provavelmente ter provindo de Santos, onde, como já vimos, antes de 1790 havia chacaras com plantações maiores e menores.

Sobremodo criteriosos estes commentarios de P. Pacheco e Silva:

"Mas será mesmo o anno de 1792 aquelle em que foi plantado no solo paulista a primeira semente do seu primeiro pé de café? Ha razões para suppor que não. Com effeito, dados os meios deficientes de communicação social daquella época, a imitação só poderia ter vingado depois de vulgarizados os bons resultados dessa nova cultura, isto é — os lucros da venda interna e externa do café.

Ora, da primeira colheita (1792) até 1800, toda a *exportação* que houve (B. Rodrigues) não passou de cincoenta saccas, verdadeira bagatella para um prazo de oito annos.

Estes informes de Barbosa Rodrigues são, aliás falsos, notemol-o de passagem.

Desses dados se infere que, durante os oito annos que decorreram de 1792 a 1800, o augmento *annual* (exportação) não passou de 10 saccas ou 600 kilos; mas é evidente que isso só se refere a dos cafés consumidos in loco por nós mesmos, certamente que a cifra da producção seria bem maior."

Só no decennio seguinte (1810-1820) é que se vae encontrar uma cifra já citavel de exportação — 309.059 saccas, o que dá a media de 20.966 saccas por anno, media que nada é se a compararmos ao desenvolvimento que a exportação foi tomando depois.

Taes medidas, aliás, não podem ser a expressão exacta, concreta, da verdade porque todos sabem que cada anno havia mais um pouco de café e mais um pouco de exportação; e por isso essas medidas só têm valor subjectivo de uma representação mental.

Mas *producção* é uma coisa, e *exportação* outra.

Tinhamos, pois, o consumo *interno,* porque tão bem e tão depressa nos adaptámos um ao outro, nós ao café e o café a nós, que, dentro de pouco tempo, já era ella a nossa bebida; e como tinhamos esse consumo, nos parece que, em falta de documentos, não será exaggerado dar para entrada do café em São Paulo uma data que possa ter legitimamente sustentada como a mais aceitavel nas actuaes condições nebulosas que

rodeiam o facto; porque se, de um lado, temos a autoridade de um Corrêa de Mello, que faz a coisa coincidir com a chegada do Capitão-General Castro Mendonça (1797), tambem de outro lado está a autoridade de um Barbosa Rodrigues, que dá o café em Mendanha em 1780, de onde partiram sementes para Areias da Capitania de São Paulo."

Barbosa Rodrigues, convem lembral-o, nada mais fazia do que repetir a Freire Allemão.

"Essa data legitimamente sustentavel como a hypothese seria:

1790 — Entrada do Café em Areias, dez annos depois de cultivado em Mendanha, no caso de ter alli frutificado durante este decennio (Dado o uso interno da bebida, dez annos não parecem pouco tempo para essa viagem, apesar das deficiencias de communicação social por falta de meios de transporte).

Neste caso, seria Areias o unico ponto de entrada do café em São Paulo.

Mas ainda ha cabimento para outra hypothese mesmo relativa a Areias; a seguinte:

1797 — Cinco annos depois da primeira colheita de Mendanha é o café plantado em Areias (Aqui caberia e agora com muito mais força do que ficou dito entre parenthese).

No primeiro caso (1790) a porta de entrada foi Areias; no segundo, tanto o foi Areias como Jundiahy: — o café entrou em São Paulo, simultaneamente, por duas portas.

Certo, convem tirar a limpo as possibilidades das duas hypotheses formuladas sobre as bases indicadas por Barbosa Rodrigues — coisa que não nos foi dado fazer por falta de documentos.

Seja, porém, como for, está fóra de duvida que os cafés de Campinas procederam de Jundiahy.

Se Jundiahy teve a primazia da primeira semente germinada no Oeste, nem por isto deixará Campinas de ser a verdadeira porta de entrada do café no occidente de São Paulo — porque foi em suas terras que a maravilhosa rubiacea tomou pé e folego, se constituiu em verdadeira cultura industria, e de lá se desdobrou triumphante, seguindo o caminho do sol, em sua grande marcha para o poente".

A 8 de dezembro de 1814, ao tomar posse o capitão general, conde da Palma, do governo paulista recebeu das mãos do secretario do mesmo governo, Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho e Souza Chichorro, uma *Memoria em que se*

mostra o estado economico e politico da capitania de São Paulo.

Tratando da "força interna da capitania, a saber, da agricultura e artes de que resulta o commercio", começa Chichorro por dizer que em São Paulo todas as tuberosas viviam muito bem.

Havia tambem bastante trigo e as vinhas davam sufficientemente, produzindo algum vinho, muito mediocre, aliás.

Traçando um quadro geral das producções paulistas, informa o secretario do governo:

"A agricultura das villas do norte consiste em muito milho com que se criam infinidade de aves e porcos, que, vivos e mortos, vão vender aos portos de mar, fumos, café e algum assucar e arroz.

A das villas de Itú, Porto Feliz, São Carlos, Jundiahy e Parnahyba consiste principalmente no assucar, e aguardente, e o mesmo acontece nas villas da marinha ao norte e tambem plantam muito café, farinha de mandioca, arroz e fumo:

As villas do sul, de serra acima, traficam em gados, e em trigos; a de Apiahy, porem e a freguezia de Paranapanema dão algum ouro, muito pouco, de maneira que nem chega o seu quinto para as despesas da casa da fundição d'esta cidade: as villas da marinha ao sul negociam em grande quantidade de arroz, e em madeiras, e dão exportação, e importação ao generos das villas do sul de serra acima."

Apontava Chichorro a deficiencia dos informes estatisticos que haviam surprehendido Eschwege e explicava-os pela inopia intellectual dos informadores.

"Não tenho feito ainda um calculo da exportação e importação d'esta capitania, nem ao certo se pode fazer, porque os capitães móres incumbidos de darem conta das de suas villas, não têm os necessarios conhecimentos para bem cumprirem esta diligencia; além d'isto, confundem a exportação que sahe de uma das villas para outras, e o mesmo digo da importação.

Era necessario providenciar-se para que os administradores dos registros do interior, ou portos seccos, remettessem á secretaria do governo a relação de todos os generos importados e exportados, "assim como se remete dos portos de mar; porém, como todos estes registros são arrematados, não querem os contratadores ter semelhante trabalho, nem mesmo lhes faz conta; antes d'isso, o calculo da importação, e exportação será sempre fallivel; pelo que resulta das relações da importação, e exportação maritima vê-se que a importação é muito maior do que a exportação."

A receita da capitania fôra calculada, para 1814, em 176:976$885 e a despesa em 174:995$634.

Para o acervo de nossa deficientissima estatistica colonial a pequena memoria de Eschwege inserta no tomo I de seu valioso *Journal von Brasilien* vem a ser realmente preciosa: *Einige statistiche Tabellen uber die Capitanie von S. Paulo.*

Publicou-a em 1818 e declara que obteve os dados divulgados graças a um obsequio do Conde da Barca, pouco antes de fallecer este illustre ministro de Dom João VI. Completou-a graças a apontamentos de seu amigo e compatriota o Sargento Mór de Engenheiros Frederico Guilherme de Varnhagen.

A publicação destas tabellas se deveu ao Dr. F. J. Vertuch, Conselheiro de Legação do Grão Ducado de Saxe Weimar, em sua collectanea *Neue Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen zur Erweitenung der Erd und Wolkerkunde.*

Com toda a lealdade previne o illustre geologo aos seus leitores que nos dados por elle apresentados ha algumas discordancias dignas de reparo. Attribue o facto ás deficiencias dos informes fornecidos ao ministro cujo fallecimento prematuro o impedira de conseguir melhores esclarecimentos.

São estes os dados demographicos de Eschwege discriminados por comarcas.

Assim a capitania contava 209.219 almas das quaes:
Homens — 104.002.
Mulheres — 105.217.
Brancos — 112.965 ou 54 % da população.
Mestiços — 54.701 ou 26,14 % da população.
Pretos 41.553 ou 19,86 % da população.

A porcentagem de escravos vinha a ser relativamente pequena em confronto com as de outras zonas como a fluminense, a bahiana e pernambucana. Havia 48.250 captivos ou sejam 23 % do total da população da capitania. Mostra-se a estatistica completamente omissa em relação aos indios de raça pura, a respeito dos quaes não se menciona hypothese alguma.

Era notavel, entre os brancos, o excesso das mulheres sobre os homens, mais de dez por cento, lembrava Eschwege, sendo porém, perfeitamente explicavel a predominancia dos homens entre os pretos em virtude da importação africana constar sobretudo de elementos masculinos.

A população servil da capitania compunha-se de 15.603 homens e 13.097 mulheres.

O total dos fogos, no territorio paulista, era de 2.625 o que dava uma media de oito moradores por casa. Mas a media

devia ser computada em 10, por fogo, na comarca de S. Paulo e 6 nas outras duas.

	S. Paulo	*Paranaguá*	*Ytú*
Brancos	67.096	19.349	26.520
Mestiços livres	24.609	8.641	10.803
Mestiços escravos	6.403	2.230	1.915
Pretos livres.	2.337	942	672
Pretos escravos	22.297	4.843	10.462

Havia pois na comarca de S. Paulo 122.742 habitantes destribuidos por uma cidade, 19 villas e 12.460 fogos; na de Paranaguá 36.105 em nove villas e 6.002 fogos; na de Ytú 50.372 em 8 villas e 7.688 fogos.

Por comarca era este o quadro do elemento servil.

	Livres	*Escravos*
S. Paulo	94.042	28.700
Ytú	37.995	12.377
Curityba	28.932	7.273

Assim as porcentagens vinham a ser nas tres comarcas:

S. Paulo	23,3
Ytú	24,6
Paranaguá	20,1

A maior porcentagem da comarca de Ytú se explicava pelo facto de que era ella a região de maior lavoura assucareira.

Realizando a resenha das differentes villas da capitania diz Eschwege que Mogy das Cruzes, Jacarehy, S. José, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Cunha e S. Luiz "tinham como principal commercio o café, algodão, assucar, aguardente, fumo, porcos e bovinos. No valle do Tieté, Jundiahy, São Carlos (Campinas), Porto Feliz, Ytú, Mogy Mi-

rim, Mogy Guassú, negociavam em café, milho e sobretudo assucar.

Sorocaba, Itapetininga, Itapeva, Apiahy, as villas hoje paranaenses de Castro, Curityba, Lapa, produziam gado e milho.

As da marinha: S. Sebastião, Villa Bella, Santos, São Vicente, Itanhahen, Iguape, Cananéa, Paranaguá, davam fumo, café, assucar e acima de tudo arroz.

Em 1808 havia em toda a capitania 190 fazendas exclusivas de creação, 458 engenhos de assucar, 601 de aguardente, 32 fabricas de anil e 36 moinhos de arroz.

Assim se discriminava pela Tabella VI da obra de Eschwege a producção paulista:

Café (arrobas)	4.867
Assucar (arrobas)	122.993
Aguardente (pipas)	2.521
Oleo de peixe (pipas)	179
Milho (alqueires)	723.989
Feijão (alqueires)	59.160
Arroz (alqueires)	120.860
Toucinho (arrobas)	24.376
Fumo (arrobas)..	9.596
Anil (arrobas)..	129
Algodão (arrobas)	54.222
Farinha de milho (arrobas).	5.050
Farinha de mandioca (arrobas). ..	111.460
Peixe (arrobas)	100
Bovinos (cabeças).	17.933
Suinos (cabeças).	16.545
Ovinos (cabeças)..	1.249
Muares (cabeças)	7.504
Equinos (cabeças)	5.330
Couros (unidades)	1.300

Haviam sido estes os preços dos artigos:

	Rs.
Café (por arroba)	2$200
Assucar redondo (por arroba)	1$600
Assucar mascavado (por arroba)	1$280
Aguardente (por pipa)	40$000
Oleo (por pipa)	5$200

Farinha de milho (por arroba)	$960
Farinha de mandioca (por alquere).. ..	$560
Milho (por alqueire)..	$240
Feijão (por alqueire).	$480
Arroz (por alqueire).	$960
Toucinho (por arroba)	1$280
Peixe (por arroba)	5$000
Fumo da costa (por arroba)	2$000
Id. do planalto (por arroba)	$960
Anil (por arroba)..	$720
Algodão (por arroba)	1$600
Suinos (por cabeça)	2$000
Bovinos (por cabeça)	2$000
Equinos (por cabeça).	4$000
Muares (por cabeça).	7$000
Ovinos (por cabeça)..	1$280
Couros (por unidade)	$780

O commercio total da Capitania, em 1813, segundo a Tabella VII de Eschwege assim se discriminava por artigos de exportação:

Café (arrobas)	9.223
Assucar (arrobas)	578.657
Aguardente (pipas)	1.214
Azeite de peixe (pipas)	180
Farinha de milho (arrobas).	6.044
Milho (alqueires)	23.758
Feijão (alqueires)	6.739
Arroz (alqueires)	38.518
Toucinho (arrobas)	19.990
Doces em conserva (arrobas).	142
Queijos (duzias)	344
Matte (alqueires)	963
Fumo (arrobas)	7.018
Anil (arrobas)	3
Couros (unidades)	1.074
Cal	18
Polvilho (alqueires)	24
Algodão bruto (arrobas)	1.224
Pannos de algodão (fardos)	66
Riscados (fardos)	4.634
Embiras (amarrados)	40
Rezes	1.402

Madeiras Rs.	4:604$060
Miudezas	1:606$300

Para as diversas praças do Reino e do Brasil o movimento commercial se traduzia pelas seguintes cifras:

Os principaes artigos de importação haviam sido vinho, aguardente de uva, cerveja, sal, chá, bacalhau, cera, manteiga, varque, panno, chapéos, escravos, chumbo, ferro, aço, cobre, ferragens, vidros, louça, productos pharmaceuticos e chimicos, presuntos.

As despesas da capitania vinham a ser as seguintes:

Folha militar	72:088$994
Folha civil	20:728$398
Folha ecclesiastica	24:324$320
	117:141$612

O Capitão General Governador vencia 4:800$000 annuaes; o Bispo 2:000$000.

Havia de ordenanças dois corpos de artilharia, tres de cavallaria e seis de infantaria com um total de 7.257 milicianos arregimentados. A tropa de linha estava quasi toda ausente nas campanhas do Sul para onde seguira a Legião Paulista.

A magistratura da capitania, composta de tres ouvidores e tres juizes de fora absorvia 3:199$998; o correio que contava tres funccionarios: 880$000; a Real casa da moeda, com nove empregados: 1:845$600; a alfandega com oito, ... 1:600$000; a Secretaria de Estado com Secretario e dois amanuenses, 1:056$000; as repartições da Real Fazenda com seu Intendente e sete assistentes do conselho, guarda livros, 6 escripturarios, 14 amanuenses, porteiro e continuos apresentavam vultoso funccionalismo que exigia uma despesa de .... 5:590$000.

Para	*Exportação*	*Importação*
Lisboa	2:635$200	—
Porto..	49:907$600	53:270$900
Rio de Janeiro	536:006$600	646:584$928
Bahia	13:042$880	24:362$560
Pernambuco..	5:085$000	15:500$800
Rio Grande do Sul.. ..	34:420$880	6:604$800
Rio da Prata..	25:844$680	3:870$680
Cabo Verde	—	9:033$600
Cotinguiba.	—	6:876$760
Total.	666:942$840	766:105$028

A instrucção publica, com os seus tres mestres de theologia, philosophia e rethorica, os seus professores de latim e doze de primeiras letras absorviam 4:200$000 annuaes; o almoxarifado régio com os seus funccionarios, 600$000.

Taes as principaes verbas do orçamento da capitania.

As guerras do Sul haviam onerado muito o erario paulista cujos cofres subsidiavam as tropas da capitania, em campanha com os hespanhoes, taes como a Legião Paulista, com os seus 1.600 homens e o Regimento de cavallaria das Minas Geraes, que tambem marchara para o theatro da guerra. A estas tropas em pé de guerra pagava o erario paulista. O orçamento provincial da guerra, que em tempo de paz devia ser de 41:223$408 subira em 1813 a rs. 178:130$369! Assim mesmo menos do que o previsto que fora de rs. 208:181$912.

Para fazer face a esta despesa enorme haviam sido majorado alguns impostos. E outros creados. A receita orçada em 158:338$590 rs. attingira a 182:754$054 mas houvera ahi um excesso ficticio de arrecadação de renda extraordinaria 14:270$644 naturalmente de dinheiro tomado emprestado e a creação de uma taxa de emolumentos que rendera 4:564$364.

Sobre a exportação do assucar, do café se lançava um im-

posto, sob a denominação de subsidio literario, orçado em 7:838$000 rendera mais do dobro: 15:792$677.

Destinava-se á manutenção de novas escolas primarias mas, diz Eschwege, fora todo elle empregado em outros fins totalmente diversos da instrucção.

Nas observações exaradas no fim da sua memoria, declara o geologo que os dados a elle fornecidos eram muito contradictorios, ás vezes e até, em certas occasiões inaceitaveis.

Vejamos o que textualmente escreve:

Comparando-se as tabellas da producção e da exportação, verificam-se, não só muitas inverosimilhanças, como tambem contradicções. Tocarei apenas nos pontos principaes: por exemplo, no artigo assucar, a producção indicada é de 122.993 arrobas e a exportação dá 578.657 arrobas.

E' de tal modo enorme a differneça que, ou devemos crer na existencia de grandes stocks de annos antecedentes, ou (o que é mais provavel), trata-se de dados falsos dos fabricantes para a redução do dizimo devido.

Artigo toucinho — Produziram-se 24.376 arrobas e sahiram 19.990; portanto, toda a população da Capitania se contentou com o consumo de 4.386 arrobas, o que é impossivel, a vista da quantidade extraordinaria de toucinho usada no Brasil, em todas as refeições, deveria montar a producção pelo menos a 300.000 arrobas, o que presuppõe a creação de cem mil cabeças de porcos, o que não corresponde igualmente com o numero inscripto na lista de producção.

Café tambem é exportado tanto quanto se colhe. A exportação de gado vaccum parece-me demasiado pequena.

Os cavallos e mulas ficaram inteiramente esquecidos na lista de exportação, apesar de constituirem um dos ramos mais importantes da Capitania, como se deprehende da declaração dos meios direitos de Curityba, que renderam mais de 25 contos de réis no mesmo anno.

Comprehende-se, pelo que antes se disse, que a comparação da exportação com a importação não póde ser igualmente correcta, e o balanço contra a Capitania deve ter sido muito exagerado. Deste modo, teriam os habitantes, em pouco tempo, que mendigar.

Nesta tabella tambem se encontra uma contradicção relativa ao artigo *Sal,* á vista dos dados da Tabella V (das finanças) no artigo *Cruzados de Sal.* Renderam perto de 22 contos, quando, pelos quadros da importação de sal, apenas poderiam ter dado 15 contos.

CAPITULO XLI

Depoimentos de Luiz d'Alincourt Ayres do Casal, Monsenhor Pizarro Saint Hilaire

Pouco, ou antes, muito pouco, se sabe do distincto official de engenheiros que foi Luiz d'Alincourt. Nascido em Portugal, e em 1787, veio, em 1809, para o Brasil, como segundo tenente aggregado. Alumno da Academia Militar, nella se graduou engenheiro, após brilhantes estudos. Teve numerosas commissões e importantes: na Bahia (1816), Pernambuco (1818) Matto Grosso (1822-1830), Espirito Santo (1831), onde, segundo parece, falleceu.

Publicou diversas memorias sobre a chorographia do Brasil e assumptos militares, seis das quaes impressas na *Revista do Instituto Historico Brasileiro.*

Grande autoridade sobre coisas de Matto Grosso, na opinião de Leverger, recolhem-se de seus escriptos valiosas informações. Delle diz Machado de Oliveira: "era um official muito intelligente".

Notas biographicas suas só conhecemos os ligeiros "*Apontamentos*" de Xavier de Brito e uma ephemeride das *Datas matto grossenses,* de Estevam de Mendonça.

Morreu major de engenheiros, e na força da idade.

Das suas obras, é talvez a mais interessante e valiosa a *Memoria sobre a viagem do porto de Santos á cidade de Cuyabá,* jornada que, em 1818, realizou. Imprimiu-a em 1825, em folheto, hoje muito raro.

A ella se refere Saint Hilaire, numerosas vezes e elogiosamente. Traz diversas informações curiosas sobre a vida paulista, de ha um seculo e de que ha escassez, em semelhante época.

Referindo-se ao commercio do porto de Santos, exprimiu-se Luiz d'Alincourt:

"As producções, que descem dos estabelecimentos centraes, para sahirem a barra, são assucar, algodão, tecidos do

mesmo, toucinhos, aguardentes, café, courama, fumo e carnes chamadas ensacadas; estes generos são transportados, em sumacas, a outras. Provincias, com especialidade ás do Rio de Janeiro e Bahia.

Os estrangeiros levão d'aqui assucar, algodão, café e courama. Os principaes effeitos de importação vêm a ser o ferro, o aço, o sal, as fazendas seccas e vinhos, e, além destes, em mais ou menos quantidade, todos os que a Europa produz, e costumão ser exportados para o Brasil d'aqui sobem a abastecer São Paulo, e as mais povoações da Provincia, que, não obstante sua fertilidade, e relativamente á abundancia dos generos, que estão em Santos, não são baratos nesta Villa, e a razão he porque a maior parte d'elles, sendo d'antemão destinados a outros lugares, não se vendem e nem se demorão na terra.

He de lastimar-se que, sendo esta Villa huma das mais antigas do Brasil, collocada tão vantajosamente para o commercio, com hum excellente porto, em huma das mais povoadas e melhores Provincias do Brasil, esteja ainda tão pouco adiantada! A natureza, madrasta em outros pontos do Globo, que a arte tornou vantajosos, se prodigalizou aqui, porém, taes vantagens têm sido pouco aproveitadas."

Seguindo de São Paulo para o interior, deixou d'Alincourt a seguinte nota sobre a freguezia de Nossa Senhora do O', nas cercanias da capital paulista.

"As habitantes desta Freguezia cultivão a canna d'assucar para extrahirem aguardente, o que forma o principal ramo do seu negocio; colhem café, mandioca e algodão; plantão milho e legumes quanto baste para o seu consumo."

E, realmente, nos arredores de São Paulo, de terras muito mediocremente ferteis, as de Nossa Senhora do O', sobremaneira se avantajam ás dos demais districtos.

De Jundiahy, onde não viu vestigio algum de cultura cafeeira, escreveu o Sargento do Real Corpo de Engenheiros.

"He esta villa pouco povoada, porque grande numero de seus moradores se applicão á cultura das terras; principalmente no tempo dos roçados para as plantações; e outros sahem por camaradas, e arreeiros das diversas tropas; que alli se arranjão do preciso, para seguirem jornada; e em que se empregão, todos os annos, de oitocentos a mil bestas, o que forma hum util ramo de negocio destes habitantes.

O assucar, aguardente, toucinho, são os principaes generos de exportação; colhe-se milho em quantidade, arroz, legumes de varias qualidades, e especialmente feijão: fazem fari-

nha de mandioca; plantão algum trigo, e crião gado vaccum e cavallar.

Ha no Termo perto de quarenta engenhos, entrando neste numero os de aguardente situados pela maior parte na serra de Japi, cinco leguas distantes, que corre do Nordeste ao Sudoeste, e fica ao Sueste da Villa: he o melhor local de todo o Termo para produzir cana".

Do progresso de Campinas fala Alincourt admirado:

"De setembro de 1818 até o principio de 1823 cresceu consideravelmente em propriedades: o negocio he ahi grande; a cada passo encontrão-se armazens de tudo quanto se precisa, algumas lojas de bebidas e hum bilhar; notão-se muitas casas acabadas de fresco, e outras a construir-se; os habitantes tratão-se com muito luxo, e gosto em seus vestuarios, finalmente já não merece o nome de pequena Villa."

Não começara ainda porém a phase da cultura cafeeira que traria enorme riqueza á Villa de São Carlos ainda não cidade de Campinas.

"O assucar, faz o primeiro, e mais consideravel ramo de exportação que monta a cem mil arrobas por anno; a aguardente o segundo; abunda em milho, feijão, arroz, capados, e outros generos, de que, depois de deduzido o preciso para consumo do paiz, o restante que monta a quantidade não pequena, vai abastecer S. Paulo, Itú e Sorocaba.

Tem muito boas fructas: como figos, uvas, limões doces, limas, pecegos, laranjas, jabuticabas, melões, melancias, ananazes, algumas silvestres, e o terreno he apropriado para a cultura de muitas outras, se não obstasse a isso a incuria dos habitantes. A escravatura forma o principal ramo de importação, depois o sal, ferro, aço, gado, e outros generos em menor quantidade."

"Todo o terreno de Campinas he optimo para a plantação da cana; de maneira que, ha doze annos, a esta parte, tem se conhecido hum augmento consideravel na exportação do assucar.

O lugar chamado Anhumas tem a primasia entre os mais para a dita plantação; basta dizer-se que, ha perto de sessenta annos, que recebe a planta, sem que tenha sido preciso deixar-a de Cayena; comtudo fazem mais uso desta ultima, que se o terreno em descanso, por se não conhecer o menor abatimento na producção; tal he a sua força!

Tem o terreno todo de Campinas a grande vantagem de não ser minado pelas formigas, que são fataes ás plantações, em outros muitos lugares da Provincia.

Ha no termo desta Villa sessenta engenhos, contando o do fabrico de aguardente; quinze dos quaes são movidos por agoa; e outros muitos se podem levantar por esta maneira commoda — O principal senhor d'engenho he o Coronel de Milicias Luiz Antonio de Souza (Macedo Queiroz) morador em S. Paulo, homem ajudado pela fortuna de hum modo espantoso, e que possue huma das mais solidas casas do Brasil; só elle, em Campinas, tem dezesseis engenhos, hum dos quaes lhe rendeu em 1817, nove contos de réis; a sua colheita annual não desce de trinta mil arrobas d'assucar, e a renda da sua casa anda em oitenta mil cruzados.

Além desta, existem outras de bons fundos. A do Coronel Francisco Antonio de Souza anda de dez a doze mil arrobas, em cinco engenhos, quatro dos quaes são proprios. A do Sargento Mór Floriano de Camargo Penteado chega a oito mil arrobas, em dois engenhos. A do Capitão Theodoro Ferraz Leite de tres a quatro mil e outras muitas deste lote: de maneira que se podem regular vinte engenhos a tres mil arrobas cada hum.

O terreno he proprio, tanto para a cana miuda, como para a de Cayena comtudo fazem mais uso desta ultima, que chega a dez, e doze palmos d'alto. Apezar do grande numero de arrobas d'assucar, que se extrahem de Campinas, a cultura deste fertillissimo e delicioso paiz deve reputar-se nascente; anda ha legoas e legoas de terreno inteiramente coberto de matto virgem; e o mesmo se vê em muitas sesmarias, que deixão de ser cultivadas, pela falta de forças de seus donos.

São grandes as proporções que tem S. Carlos para ser huma Villa opulenta: além de admiravel posição, que occupa, e da fertilidade do terreno; respira-se alli hum ar puro, goza-se de hum clima sadio e de bellas aguas; e finalmente ainda se não tem conhecido huma só molestia endemica. Contrastava Mogy Mirim com a sua vizinha Campinas; vivia pobremente ao lado da opulenta limitrophe meridional.

"Os seus habitantes plantão arroz, trigo, milho e feijão; mas as colheitas escassamente chegam para o consumo local" de maneira que os annos de esterilidade fazem immediatamente sentir a fome ao geral do povo.

O algodão fez em outro tempo o principal commercio deste povo, porém, ha alguns annos a esta parte, tem diminuido muito, por causa das repetidas geadas. Hoje, exporta-se algum assucar, e aguardente, gado vaccum e bestas muares.

Os engenhos deste Termo não chegão a trinta, contando as fabricas de aguardente; não existe huma só casa de bons

fundos, e as mais notaveis apenas contão tres mil arrobas d'assucar por anno; a importação consiste em sal, ferro, fazendas, e outros generos de diminuta quantidade e tambem alguns escravos."

Era Casa Branca mais insignificante ainda:

"O lugar de Nossa Senhora das Dores da Casa Branca consta de um largo rectangular, ornado com pequenas casas cobertas de palha, e com huma Igreja no fim do mesmo largo, ainda por acabar, de que he padroeira Nossa Senhora das Dores; ha mais algumas casas fóra do largo, collocadas avulsamente.

Foi erecto em Freguezia, ha quatro annos; a gente he bisonha e desconfiada, o sitio saudavel e alegre; as aguas boas, hum comprido valle coberto d'arvoredo semi circunda o lugar e a elle vão dar outros menores igualmente cobertos, cuja variedade forma huma agradavel perspectiva. Estes povos colhem algodão, milho, feijão, e algum trigo; plantão cannas d'assucar; porém o forte do seu negocio consta de gado vaccum e capados."

Da Franca escrevia o illustre itinerante:

"Os habitantes deste lugar são industriosos, e trabalhadores; fazem diversos tecidos de algodão; boas toalhas, colchas, e cobertores; fabricação pano azul de lã muito soffrivel; chapéos; alguma polvora e até já tem feito espingardas; a sua principal exportação consta de gado vaccum, porcos e algodão que levão a Minas; plantão milho, feijão e outros legumes para consumo do paiz.

Farinha Podre, hoje Uberaba, despontava então, com suas casinhas de palha habitadas por quinhentas pessoas de confissão apenas. Dalli dizia Alincourt:

"O principal negocio desta gente consiste em gado e capados — e planta legumes, milho e algodão. Aqui tem-se refugiado muitos criminosos, e em geral este povo he de tal sorte desconfiado, que logo que se approxima alguma comitiva, retira-se para o matto, e só de noite vem a espreitar o que se passa alli."

Assim desde o O', nas cercanias de São Paulo, não se avistára Alincourt, ao que parece, com um só cafesal na longa travessia até Goyaz. Nesta capitania, em Meia Ponte, encontrou novamente a presença da rubiacea. Desses goyanos de Meia Ponte escreve:

"Os habitantes são abastados de carne, e peixe, colhem milho, trigo e legumes, mandioca, tabaco, algodão, e algum café; crião gado vaccum e capados; fabricão tecidos d'algodão,

e mesmo alguns de lã; daqui se exporta grande copia de generos para a Capital, e he este o lugar de toda a Provincia, onde melhor se cuida na Agricultura.

As tropas dos Negociantes de Cuyabá, e Goyaz, nelle se refazem do preciso para descerem ás Provincias de S. Paulo, de toda a Provincia, onde melhor se cuida no Rio de Janeiro, e Bahia.

O genero mais consideravel, que se exporta, he o algodão; e deve-se confessar, que o Tenente Coronel Commandante Joaquim Alves de Oliveira he o author do augmento deste lucroso ramo de commercio, pelos desvelos e cuidados, que tem posto na cultura da planta, animando e ajudando os cultivadores, e reputando bem todo o algodão d'aquelles, que não tem meios de o exportar por sua conta."

Era um homem de notaveis predicados este Coronel Oliveira e delle só disseram bem diversos viajantes illustres como Saint Hilaire, Pohl e Castelnau:

"Aos seus escravos prohibe a mineração, a que he mui opposto, continua Alincourt, mostrando-lhes o lucro do seu trabalho nos dias de folga, com os promptos pagamentos, que não só tem feito a fortuna de sua casa, que vai crescendo todos os dias, mas até a de Meia Ponte, que bastantemente decahia (confissão geral do proprio povo): o arranjo, e administração da sua grandeza, e engenho he admiravel, como he igualmente a boa ordem, e policia, em que tem posto os seus escravos, fazendo-os casar, dando a cada hum sua casa, que vai edificando simetricamente; o que torna o sitio do engenho huma elegante povoação; alli tambem se fabrica tudo quanto he preciso para o vestuario dos mesmos escravos; emfim de hum Genio creador, e bemfazejo, e muitas casas do Arraial lhe devem a existencia; os generos principaes de importação vem a ser o sal, ferro, aço, fazendas e escravos."

Deste civilizador notavel de tão longinquo sertão são unanimes os applausos.

Cunha Mattos, em sua afamada *Corographia Goyana* tambem se refere com elevados gabos a tão prestante cidadão, verdadeiro coordenador benemerito das forças da civilização nos tão longinquos páramos onde actuavam os seus exemplos e ensinamentos.

Os depoimentos de Luiz d'Alicourt, minuciosos e honestos, demonstram, flagrantemente a ausencia de cafesaes no oeste paulista, em 1818.

O temor da geada era o grande freio dos agricultores. Descrevendo, em 1822, as 36 villas da Provincia Paulopo-

litana, diz Monsenhor Pizarro que, em São Miguel das Areias, com as suas freguezias do Senhor Bom Jesus do Bananal, e São João de Queluz tinha clima bom, terreno mui fertil, especailmente em café que d'ahi se exportava por caminho de terra para o Rio de Janeiro, onde se vendia a 2$000 réis cada arroba, dava um jornal de 100$000 annuaes a cada escravo em conformidade do calculo medio dos lavradores.

Nossa Senhora da Piedade de Lorena era igualmente fertil em café em cujo genero consistia a principal agricultura dos habitantes.

Santo Antonio de Guaratinguetá, em seu territorio, produzia todo e qualquer genero de planta e muito bem a cana e o café.

Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, em producções, tinha as mesmas qualidades que a antecedente.

São Francisco das Chagas de Taubaté, ou Itabaté, além dos mais generos das villas antecedentes que se exportavam por Paraty, Ubatuba e São Sebastião, criava abundante gado para o consumo do Rio de Janeiro.

São José do Parahyba tinha terras ferteis mas lavoura mesquinha, porque habitada pela maior parte por Indios a quem a ambição não estimulava ao trabalho.

Nossa Senhora da Conceição de Jacarehy exportava por São Sebastião e por Santos abundante "caffé e fumo" e por terra muita porcada.

Sant'Anna e Mogy das Cruzes "em seu terreno bem menos fertil, exportava algum café e algodão em rama e tecido e porcos."

A cidade de São Paulo, cujo territorio é o menos fertil de toda a provincia, ergue-se em local lindissimo.

De Sorocaba, Itapetinga, Faxina, Jundiahy, Mogy Mirim, Atibaia, Bragança, Apiahy, nada diz acerca de café, assim como de São Carlos (Campinas).

Itú exportava para Santos muito assucar e aguardente, mas pouca quantidade de café.

Ubatuba tambem produzia o grão arabico, o que não se diz de São Vicente, Itanhaen, Iguape e Cananeia, nem de Paranaguá, Antonina, Lapa e Guaratuba.

E' bem pouco o que Ayres de Casal conta da lavoura paulista, pelos annos em que redigiu a sua *Corographia brasilica.*

Tratando da cidade de São Paulo e das diversas villas paulistas, escrevia:

"São Paulo: As laranjas não são tão boas e as arvores que as produzem queimam-se nos annos de muita geada, o

mesmo acontece ao cafeeiro, á bananeira, ás mandiocas e á canna de assucar.

Santos: He entreposto de grande quantidade de assucar, aguardente, tecidos de algodão, café, courama, toucinho, que se exporta.

Os invernos sempre mui chuvosos e são as colheitas do café e do arroz abundantes."

Não ha referencia á lavoura do café em Itanhaen, São Sebastião e Villa Bella. De Ubatuba se diz que seus habitantes eram muito cultivadores de mandioca, arroz e café. Não ha tambem menção do café para Mogy das Cruzes, Jacarehy, São José, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Areas, e nenhuma villa do Oeste paulista.

Falando das margens do Parahyba, affirma: todo o terreno d'hum e doutro lado deste rio desde a sua origem athé a embocadura he apropriado para cannas de assucar.

Em principios de 1822, sahiu Augusto de Saint Hilaire, do Rio de Janeiro, em direcção a Valença, dahi indo a Barbacena, São João d'El Rey, Ayuruoca e Baependy.

Descendo a Mantiqueira, attingiu as margens do Parahyba em Cachoeira. Foi a São Paulo, de onde voltou ao Rio de Janeiro, via Cachoeira-Bananal, São João Marcos e Itaguahy.

De seu relato de viagem tomemos algumas notas relativas ás lavouras, que avistou no percurso de São Paulo ao Rio de Janeiro.

"A região de Minas, que acabámos de percorrer, diz o grande naturalista, ao penetrar em territorio paulista, é muito mais alta do que aquella onde estamos actualmente. Se precisassemos de outra prova, haveriamos de a encontrar na differença das producções, pois o café e a canna não dão bem do outro lado da serra e são as plantas que deste lado se cultivam com o maior exito.

A 21 de março de 1822, escrevia de Cacheira:

"A canna de assucar e o café são os dois productos que mais se cultivam nesta comarca. Vêm-se engenhocas de assucar mesmo perto de casas que não indicam senão a indigencia. E' difficil encontrar-se algo mais bonito do que a posição do Porto da Cachoeira. Esta villa foi construida á beira do Parahyba, sobre o declive de uma colina, no alto da qual fica a Igreja.

Corre o rio com lentidão e majestade. A' esquerda da colina, onde se acha situada a villa, existe outra, coberta ainda de matta virgem, e, acima della, á beira do mesmo rio, algumas cabanas esparsas, entremeadas de cerrados grupos de ba-

naneiras e laranjeiras. Terceira collina eleva-se á esquerda do arraial. Era antigamente, como a primeira, coberta de matta, mas della se cortou parte. Substituiram-na por um engenho e plantações.

Quando se atravessa o Parahyba, avista-se em conjunto o que acabo de descrever, vê-se além disto, ao longo, a Serra da Mantiqueira, cortada por immensas florestas e a gente não se cansa de contemplar uma paisagem, que tem, ao mesmo tempo, algo de risonho e magestoso.

Cachoeira compõe-se apenas de uma dezena de casas e não passa de districto da villa de Lorena. Alli se encontram algumas lojas e varios ranchos. Os ferradores são bastante numerosos, seu trabalho tem muita reputação na região. E' Cachoeira lugar de passagem de todas as tropas, que ao Rio de Janeiro vão de Baependy e suas redondezas, carregadas de fumo, voltando cheias de sal.

Raro o dia em que não passam algumas pela Mantiqueira e, por conseguinte, pela Cachoeira. Só hontem, encontrámos tres ou quarto.

De Guaratinguetá e a 23 de março, annotava o botanico:

"Continuamos percorrendo região muito uniforme e geralmente arenosa. Até Lorena, situada a tres leguas de Cachoeira, o terreno, á direita da estrada, é baixo e pantanoso e não offerece, em geral, sinão vegetação bastante magra, semelhante á dos brejos da freguezia de Santo Antonio de Jacutinga.

A vegetação aqui é quasi a mesma, nas menores minucias. Tambem são o assucar, o café e a mandioca o que mais se cultiva por cá; o caminho, emfim, parece-se muito com aquelle que se atravessa para se ir do mar ás montanhas. A vista não é mais a dos campos, nada nella lembra a magestade das grandes mattas virgens; mas é a um tempo extenso e risonha e as montanhas, que de todos os lados limitam o horizonte, dão variedade á paisagem.

Fica a villa de Lorena situada á margem do Parahyba, á extremidade da região plana e pantanosa que acabo de descrever. Pouco avultada, apresenta, comtudo, risonha posição. Suas ruas são muito menos largas do que as das cidades e aldeias da capitania de Minas; ficam-lhe as casas apertadas umas ás outras. Em geral, não caiadas, pequenas, apenas têm um pavimento, mas são bem de aceio que agrada.

Durante muito tempo só existiam canoas para se atravessar o Rio, mas acabam de lançar uma balsa semelhante á da Cachoeira.

Aqui, o rio é um pouco menos largo do que nesta ultima villa e a vista do porto está muito longe de ser tão agradavel quanto alli; canoas descem de Mogy das Cruzes (sic) até aqui, trazendo taboas, toucinho e diversas mercadorias. Podem ainda descer até Lorena.

D'esta villa até alli a navegação já se torna difficil e abaixo desta aldeia fica cortada por frequentes catadupas.

Os viveres são em geral aqui vendidos por preços extremamente modicos; mas, a prova de quanto esta região é pouco cultivada, temol-a no facto de que a passagem da Legião de São Paulo foi sufficiente para a esfomear. As mercadorias estão actualmente muito raras e muito caras e não pudemos conseguir hoje nem milho, nem arroz, nem farinha.

Vêm-se varias lojas bem sortidas e, entre ellas, notei algumas de latoeiros, o que é muito raro na capitania de Minas.

Desde o logar de onde partimos, até aqui, vêm-se muitas casas, á direita e esquerda do caminho. Varias têm engenho de assucar e não existe uma unica de dois andares. A maioria assemelha-se ás dos mais pobres aggregados da capitania de Minas.

Todas as vezes que lhes deitei os olhos ao interior, vi uma rêde suspensa e algumas pessoas dentro. O uso da rêde, quasi desconhecido na capitania de Minas, é muito espalhado na de São Paulo, a exemplo dos habitos dos indios, outrora numerosos nesta região.

A mais ou menos meia legua de Guaratinguetá, começa a ser avistada a torre da sua igreja parochial. A' paisagem ainda embelezam algumas abertas sobre o Parahyba que serpea no campo.

Guaratinguetá fica situada a algumas centenas de passos do rio, numa colina de pequena altura, dominada por outras. Esta villazinha é muito mais comprida do que larga, suas ruas são estreitas, se as compararmos ás das cidades e aldeias da capitania de Minas. As casas, pequenas na maioria não são caiadas e só o réz do chão tem rotulas muito apertadas que, segundo o habito antigo, se levantam de alto a baixo, guarnecendo janellas e portas.

Vendas bem sortidas indicam que fazem algum commercio, mas como a maioria das casas hoje, que é dia util, estão fechadas, presume-se que pertençam a cultivadores que só as habitam nos domingos e dias de festa.

A região que atravessamos entre Guaratinguetá e Nossa Senhora da Apparecida, é muito risonha. A' esquerda, ficam

collinas, á direita, a estrada domina terrenos baixos e humidos, no meio dos quaes serpeia o Parahyba.

Não se vê uma casa que denuncie bem estar, mas passa-se sucessivamente diante de uma infinidade de casinholas, varias dellas vendolas. Um galho de *cactus opuntia,* suspenso na porta as assignala aos viandantes, como em varias provincias da França as tabernas se distinguem graças a um ramo de erva de passarinho, que lhes serve de assignalamento.

E' hoje domingo e uma multidão de pessoas concorre á missa.

Alguns homens a cavallo estavam regularmente vestidos. Encontrámos um numero bastante grande de mulheres montadas e muitas, mesmo, não estavam acompanhadas por homem algum.

A uma legua pequena de Guaratinguetá, passamos em frente á capela de Nossa Senhora da Apparecida. A imagem que alli se adora passa por milagrosa e goza de grande reputação, não só na região, como nas partes mais longinquas do Brasil.

CAPITULO XLII

As primeiras lavouras de café em Minas Geraes

Com alguma differença de prazo, em relação ás lavouras do Rio de Janeiro, começaram as plantações cafeeiras a surgir no sólo mineiro. Era natural que assim fosse, separado da costa como está por dilatado trato de terras montanhosas, cobertas, geralmente, ainda, de espessa floresta, venciveis por estreitas e quasi impervias veredas, transitaveis apenas por pedestres, cavalleiros e rebanhos e a custa de penoso jornadear.

No volume *Minas e o bicentenario do cafeeiro no Brasil,* publicação da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Geraes, collectanea de artigos e estudos publicada em 1929, querem os seus redactores attribuir a Frei José Marianno da Conceição Velloso, como agente propagador da lavoura cafeeira no Brasil, uma actuação que elle de todo não teve, já o deixamos bem assignalado.

Basta que lembremos que em seu *O Fazendeiro do Brasil* nem uma unica vez fala o illustre botanico da lavoura do café no Brasil! Isto já em 1798!

E' extraordinario que os redactores da collectanea mineira tomem como ponto de partida, a dar-lhes ares de documento historico, as fantasias ingenuas de Azambuja Susano, que, aliás, jámais pretendeu fosse o seu *Capitão Silvestre e Frei Velloso* mais que um romancete.

O bairrismo excessivo que encheu o Brasil de patriunculas levou os organizadores da collectanea a passar por cima de tudo para só enxergarem na glorificação de Fr. Velloso o facto de ser mineiro.

Como se preciso fosse ainda accrescer á grande gloria do autor da *Flora fluminensis* e patriarcha da nossa bibliographia agronomica e cafeeira!

Tal o enthusiasmo regionalista que no artigo *Sabio patrono nascido em Minas* se aventa até a hypothese de haver o

immortal franciscano provocado o apparecimento das lavouras da rubiacea no Espirito Santo, S. Paulo, Minas e Goyaz!

Aliás surgem nestas paginas cousas archi rebatidas como seja a possibilidade de ter havido café na Bahia já no seculo XVI, transportado por navegadores lusitanos!

Como prova da existencia da cafeicultura em Minas no terceiro quartel do seculo XVIII, abona-se o autor na opinião do commandante Henrique Silva, que allega a existencia de lavouras em Goyaz em 1774.

Mas este artigo do commandante Silva encerra um acervo de erros crassos. Fala-nos no bispo do Rio de Janeiro *Joaquim Bruno,* (sic!) prelado que debalde procuraremos no catalogo dos antistites fluminenses, fala-nos no monge belga Molke que nunca foi frade, etc., etc. Opportunamente veremos quaes os depoimentos das mais altas e antigas autoridades historicas goyanas a proposito da cafeicultura.

As primeiras lavouras mineiras devem ter principiado nos ultimos annos do seculo XVIII. Vemos na memoria a que alludimos uma affirmação neste sentido, reproduzida de um autor natural do Triangulo Mineiro, José Manuel da Silva e Oliveira. Affirma este escriptor que, em 1800, o districto do Desemboque, situado entre Araxá e Sacramento, produzia café para o consumo local, sendo que, em 1809, era consideravel esta producção.

Justificando o seu modo de ver, acerca da actuação de Frei Velloso, diz o Dr. Socrates Alvim, partindo de nova premissa e a mais discutivel, a do commandante Silva.

"De modo que as sementes de café chegadas no seculo XVIII a Goyaz devem ter passado por Minas. Porque haveriam de tentar tão longe essa cultura sem experimental-a antes, ou, ao mesmo tempo, a meia distancia do littoral?

Há outra razão muito acceitavel em favor da hypothese que admittimos, de terem sido enviadas sementes de café á Capitania de Minas em 1774, por occasião da memoravel iniciativa de frei Velloso.

E' que, nascido em Minas, devia o grande botanico terse lembrado de sua terra natal no momento em que cuidava da implantação de uma industria nova, destinada a supprir as deficiencias do trabalho minerador, que começava a decair."

Este "começava", observemol-o, entre parentheses, bem pouco representa a verdade historica:

"Andava, por aquelle tempo, o sabio franciscano a estudar o processo pratico de purificação do salitre, a que nos referimos.

Seu espirito não se alheiara de modo algum das cousas economicas da Capitania de Minas. Temos prova documental da entrada do café em Minas ainda no seculo XVIII, como veremos mais adeante.

O que pretendemos com a hypothese aqui defendida é apenas fixar a época dessa entrada no alludido anno de 1774, atribuindo á frei José Mariano da Conceição Velloso, a iniciativa felicissima da introducção do café em Minas Geraes. Frei Velloso previu o anniquilamento da immensa riqueza que tanto celebrizara sua terra natal e teve a inspiração salvadora de indicar-lhe, no café, um succedaneo capaz de restaurar a abundancia perdida e proporcionar á nacionalidade futura mais grandiosas possibilidades."

Para reforço de suas affirmações adduz o Dr. Alvim uma carta régia colleccionada no Archivo Publico Mineiro.

"O Principe regente Nosso Senhor he servido que V. Sª. mande todos os annos dés Arrobas do milhor Caffé, mais escolhido, mais assessonado, e conduzido com todo o resguardo que possa haver nessa Capitania, com o Sobrescripto — Para S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor seu Serviço particular — vindo encarregado o Mestre, ou Commandante da embarcação que o trouxer de o hir mesmo apresentar logo no Real Palacio apenas chegar; e vindo tambem distribuido em Caxoens de duas Arrobas, cada hum. Ds. Ge. a V. S. Palacio de Queluz em 2 de março de 1800. D. Rodrigo de Souza Coutinho." Pelo Principe Regente A Bernardo José de Souza Lorena. Do seu Conselho, Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes. (Livro 291, fls. 9; Cartas Regias e Avisos, Archivo Publico Mineiro).

A este *achilles*, a este argumento irrespondivel, como os nossos velhos chronistas diziam, appõe o Dr. Alvim os seguintes commentarios:

"O documento historico acima reproduzido prova cabalmente:

1.º — que em 1800 a Capitania de Minas já colhia café; 2.º que o café produzido em suas terras era o melhor da época, merecendo a preferencia do Principe Regente da Metropole.

Dahi decorrem igualmente duas conclusões; isto é, que o café entrou em Minas antes de 1800, e que o meio agricola mineiro é excellente para essa cultura.

Não podiamos offerecer prova mais concludente em relação á excellencia do nosso café nos tempos passados. A sua magnifica classificação nos tempos presentes, confirma-se todos os dias no grande entreposto commercial de Santos."

Demonstram estas palavras que o Dr. Alvim bem pouca pratica deve ter do manuseio da documentação archival da Colonia.

Chega á conclusão simplista de que o Principe Regente considerava o café mineiro o melhor do Brasil!

Julga que a carta regia foi exclusivamente endereçada ao governo das Minas Geraes. Ignora que é apenas, que não passa de uma via das muitas que se endereçaram aos diversos governos do Brasil. Não era senão uma circular.

Nas mesmas phrases a recebeu o governo do Rio de Janeiro, como se póde ver das *Publicações do Archivo Nacional*, e o de S. Paulo. E certamente tambem a recebeu o governo da Bahia quasi o apostamos.

Os primeiros dados positivos da producção mineira do café provem do quadro que o illustre Eschwege fez inserir nas *Memorias Economicas da Academia Real de Sciencia de Lisboa* e a *Revista do Archivo Publico Mineiro* reproduziu no seu tomo IV á pagina 749.

Adeante transcrevemos como um dos preciosos documentos da velha estatistica colonial brasileira.

Em 1819 das lavouras de Minas apenas se exportavam 9.707 arrobas de café das quaes 9.256 oriundas de Mathias Barbosa, 95 por cento do total, portanto.

Nos ultimos annos coloniaes cresceu rapidamente esta exportação no dizer do Dr. Aristoteles Alvim.

Foi em 1820 de 15.400 arrobas
1821 " 22.000 "
1822 " 28.900 "

o que mostra a extensão tomada pelas lavouras novas, acoroçoadas pela alta do genero.

Com verdadeira superioridade de vistas e como resultado de acurado trabalho, escreve o Dr. Daniel de Carvalho em seu substancioso estudo *Como, quando e onde começou a cultura do café em Minas.*

"Até o terceiro quartel do seculo XVIII não era o café cultivado na capitania de Minas.

Por volta de 1775, isto é quando entraram a produzir os cafeeiros plantados na chacara dos Barbadinhos, e em outras chacaras dos arredores do Rio de Janeiro, começou a ser o café plantado nos quintaes de Minas, e já em 1780 apparece menção da sua existencia entre outras fructas, na cidade de

Marianna, conforme se vê na Memoria Historica da Capitania de Minas Geraes. (Rev. do Arch. Pub. Min. vol. II, p. 439).

A cultura foi introduzida pelo caminho novo "aberto pelo guarda-mór Garcia Rodrigues Paes atravez da serra do Mar e da Mantiqueira, estando em erro os que suppõem as primeiras culturas estabelecidas no sul de Minas em Jacuhy, Ayuruoca, Baependy e Santa Rita do Sapucahy.

Tão generalizado está esse erro, estampado officialmente no livro "Aspectos da Economia Rural Brasileira", publicação da Directoria do Serviço de Inspecção e Fomento Agricola do Ministerio da Agricultura, 1922, e reproduzido pelo Dr. Augusto Ramos, no seu substancioso trabalho — "O Café no Brasil e no estrangeiro", 1923 e, por isso, constantemente repetido na imprensa, que resolvemos investigar a origem do engano.

Parece-nos que o equivoco procede da falsa interpretação de uma passagem de Saint Hilaire, no seu livro — "Voyage aux sources du Rio de S. Francisco e dans la Province de Goyaz", 1837, pag. 7, em que elle se refere á exportação do café "du midi de la province de Minas".

Mas, evidentemente, o sul de Minas alli mencionado e cuja exportação concorrera para augmentar a importancia do "caminho novo" era a região da antiga Matta mineira, os municipios de Juiz de Fóra, Rio Preto, S. José d'Além Parahyba, Mar de Hespanha, Leopoldina e outros do valle do Parahyba.

Tão recente é a cultura do café nos valles dos rios Verde e Sapucahy, que o Almanak Sul Mineiro de 1874 declara: "E' plantado por emquanto quasi que só para o consumo local, nos municipios vizinhos ás provincias de São Paulo e Rio, principalmente em Pouso Alegre e Jaguary, ha immensas plantações e já se faz desse genero alguma exportação.

Se em 1874 ainda era incipiente a exportação de café do Sul de Minas, como admittir que no começo do seculo XIX já concorria para augmentar o movimento do "caminho novo"?

Aliás, o proprio Saint-Hilaire, na sua viagem, passou por Ayuruoca, e não menciona a existencia de café ali.

Baependy começou a cultivar café em tempos bem mais proximos e sempre pouco café. (Rev. cit. vol. II, pag. 246).

Até 1826, pelo menos, não havia cultura de café em Santa Rita do Sapucahy, nem em S. Gonçalo, Santa Catharina, Douradinho, Sant'Anna do Sapucahy, Patrocinio das Caldas, Ouro Fino, Camandacaia, Jaguarão, Pouso Alegre, e Itajubá, conforme se vê na memoria historica da Campanha em 1826. (Rev. cit. vol. 1.° pag. 626).

Em Jacuhy tambem não data de muitos annos a cultura que foi para alli levada da Mococa sómente depois que o café irradiou de Campinas para os municipios mais distantes do centro paulista.

Os documentos e chronicas das ultimas decadas do seculo XVIII confirmam a tradição de que, havendo intenso trafego diario de Minas com o Rio de Janeiro por meio do "caminho novo" que vinha desembocar no Porto da Estrella, apenas principiaram a dar os cafeeiros das chacaras do Rio de Janeiro, logo levaram os tropeiros e viandantes algumas sementes da rubiacea para os pomares dos ricos mineradores, deixando, comtudo, pelos pousos do caminho algumas bagas da preciosa planta exotica.

Na propagação da cultura não é licito desconhecer o papel relevante desses obscuros obreiros da nossa grandeza economica em outros tempos, os tropeiros e que ainda são hoje, em largos tractos da nossa terra, os transportadores communs das mercadorias, das noticias, das idéias de todas as coisas novas para o interior do paiz.

O certo é que John Mawe, nas suas viagens ao interior do Brasil, particularmente aos districtos de ouro e dos diamantes, em 1809-1810 encontra na fazenda da Mantiqueira "cafeeiros antigamente plantados", observa nas cercanias da Barra do Campo que a geada tinha destruido todas as bananeiras e atacado os cafeeiros"; almoça adeante num dos pousos, "café e ovos", e, ao chegar á Villa Rica (Ouro Preto), recebe de presente café, doces, queijo e bom pão."

Indo visitar a fazenda da Barra, de propriedade do conde de Linhares, na comarca de Marianna, fica encantado com o sitio, e, fugindo á seccura da sua descripção, narra poeticamente: "Depois do jantar fui passear no jardim onde o cafeeiro se assemelhava no seu canto a uma arvore coberta de neve."

As fazendas da Barra e do Crasto eram modelos de organização e haviam pertencido ao mestre de campo Mathias Barbosa da Silva.

Ainda hoje a fazenda do Crasto occupa o primeiro logar entre as propriedades agricolas de Marianna, mas a cultura do café desappareceu inteiramente.

Prosseguindo a sua viagem Mawe, na comarca de Minas Novas, encontrou bem desenvolvida a cultura do algodão e incipiente a da canna de assucar e do café, de que já se fazia exportação, apesar da distancia do Rio e da portagem do Parahybuna.

Nesse tempo fazia-se o transporte em lombo de burro, á razão de nove arrobas ou cerca de trezentas libras, por animal, custando cada carga de Minas Novas ao Rio de Janeiro cerca de seis libras esterlinas, ao Tejuco (Diamantina), 2 libras e a Villa (Ouro Preto) tres libras.

Tambem em S. João del Rey, Mawe viu cultura de café, de que já se mandava um pouco para o Rio de Janeiro.

Finalmente, no quadro do estado, da sociedade e da classe media que se occupa das minas e da agricultura, descreve o viajante inglez uma propriedade typica com a sua casa barreada pobremente guarnecida "onde porém, não falta uma cafeteira com pequeno numero de chicaras."

Não padece duvida que em 1808 já a Capitania de Minas exportava café para o Rio de Janeiro, não só pelas informações acima referidas como pela enumeração que o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos faz, neste anno, dos artigos de exportação da Capitania, a saber: — algodões, cafés, assucares, fumos, solas, couros, queijos, e toucinhos (Rev. cit. vol. VI, pag. 838).

Poucos annos mais tarde, o Barão de Eschwege, nas "Noticias e Reflexões estatisticas, sobre a Provincia de Minas Geraes" (Rev. cit., vol. IV, pag. 741) enumera o café como cultura usual e informa que os cafeeiros florescem em janeiro e fevereiro e, por segunda vez, nos mezes de maio e junho, amadurecendo desde o mez de setembro até janeiro.

Assim como a descoberta das minas e a abertura do "caminho novo", se reflectem no desenvolvimento do Rio de Janeiro, o progresso desta cidade com o estabelecimento da Côrte Portugueza, por sua vez, influe decisivamente nos destinos da terra montanheza, abrindo um largo mercado aos productos da sua agricultura e pecuaria.

Em 1820, segundo Oliveira Martins "os progressos da Provincia de Minas admiravam os observadores. O algodão em rama e tecido, o café, os couros, o tabaco, as carnes ensacadas do viveiro pecuario do Brasil central desciam ao Rio, carregando, em viagens successivas duas mil bestas."

E o calculo do numero de muares empregados no transporte está muito abaixo da realidade.

O algodão occupava, então, o primeiro logar na exportação, mas de 1829, a 1830 cede o logar ao café que de 9.700 arrobas passa a figurar nos registros de saida com a cifra de 81.400 arrobas ou 1.221.000 kilos, ao passo que o algodão desce das alturas de 99.000 arrobas para 7.000 apenas."

Lucidamente expõe, sustenta e prova o brilhante escriptor

mineiro a these de que a cultura do café nasceu e desenvolveu-se sem amparo official.

Teimava este provocar a theicultura mas viu todos os esforços baldados.

Expressivamente lembra o Dr. Daniel de Carvalho:

"Em Minas se reproduziu com fidelidade o mesmo phenomeno observado em relação ao Brasil: — emquanto os poderes publicos se esforçavam por incrementar diversas culturas alienigenas, especialmente o chá, o café entrou, deitou raizes e se alastrou pelo territorio mineiro, sem nenhum bafejo governamental, ao passo que o chá não conseguiu conservar o seu logar apezar de merecer os mimos e carinhos dos relatorios e das "Fallas" ao Conselho da Provincia.

O chá fôra vencido pela força irresistivel da onda invasora do café, que, encontrando no seio da terra e no coração do povo condições favoraveis ao seu desenvolvimento, desdenha o amparo e, por si só, rompe galhardamente pelas nossas montanhas a dentro, abrindo novas e largas perspectivas á civilização brasileira."

Não ha no escripto do Dr. Daniel de Carvalho a minima allusão á fantasiosa interferencia de Frei Velloso. Nem tão pouco deixou se levar Hildebrando de Magalhães a aceitar semelhante balela quer em sua *Historia do café* quer em seus *Subsidios para a historia do café em Minas Geraes*.

Nesta ultima memoria lemos:

"No sul de Minas, entrou o cafeeiro, sem duvida, ainda em fins do seculo XVIII. Do *norte* paulistano, para onde ingressara pela fronteira fluminense, deve ter o arbusto attingido ao solo montanhez, naquella região. Por Jacuhy, Ayuruoca, Baependy, Santa Rita do Sapucahy, ou outro qualquer rincão sul-mineiro, haveria de vir o cafeeiro da terra dos bandeirantes (do valle do Rio Parahyba do Sul, sua linha de expansão) para a terra do ouro. Ao Triangulo, de igual sorte, chegaria o café pela mesma época.

Affirma-se que Sacramento, bem como outros povoados dali, já em 1800 procriavam o genero para consumo proprio, e que em 1809 era o producto sufficiente para exportar-se destinado a Santos, com o qual mantinha a localidade transacções commerciaes. Segundo um relatorio de Antonio Paulino de Abreu, por 1825 já a producção do Triangulo era abundante.

Em principios do seculo XIX, expandia-se o cafeeiro por diversos sitios da *zona da Matta;* e tambem, pouco a pouco, pelo sul de Minas.

Da mesma forma que em S. Paulo — as culturas intensivas alli não haveriam de encetar-se senão uns quarenta annos depois. Ha a observar, porém, que muito antes disso já existia café, ali, em quantidade sufficiente para attrahir a attenção dos escriptores.

Frei Claudio da Conceição, no tomo X do seu "Gabinete historico" — cuja edição inicial é de Lisboa, 1819 e que, portanto, deve ter sido elaborado alguns annos atraz, asseverou a respeito da capitania:

"He fertil de todo o genero de grãos, a capitania abasta de poucos tempos a esta parte de caffé, do qual se faz lucrosa exportação para os portos da beira-mar e para os da Europa."

Por 1830, já o café se havia fixado até mesmo em municipios da *zona da Matta,* que ficam mais para o interior.

Ha por parte do distincto autor engano a corrigir quando logo depois declara que a exportação mineira em 1818 foi de 1.221.000 kilos quando na realidade não attingiu a 150.000.

Vejamos nos relatos de viajantes de principios do seculo XIX, o que viram dos cafesaes mineiros, corroborando assim as conclusões exactas do Dr. Daniel de Carvalho.

Vamos analisar um depoimento que até hoje jamais vimos invocado, o *Diario de uma Viagem do Rio de Janeiro a Villa Rica na capitania de Minas Geraes no anno de* 1811 memoria da lavra do grande patriarcha de nossa geologia — Eschwege.

Sahido a 5 de julho desse anno da capital brasileira para a Estrella, viajando pelo Inhomirim acima só avistou Eschwege mandiocaes e cannaviaes.

Falando da Estrella e dos seus hospedes habituaes, os tropeiros que vinham de Minas, diz o geologo que as tropas destes almocreves transportavam em geral queijos, toucinho e algodão.

Foi o itinerario do barão teuto Inhomirim, Pilar, Corrego Secco, Olaria, Samambaia, Padre Corrêa. Nas terras deste viu pela primeira vez, serra acima, lindo e vasto pomar, o que possuia o eclesiastico celebre nos fastos da região petropolitana.

De Corrêas foi Eschwege ter ao Sumidouro, grande fazenda rodeada de espessas mattas, onde havia enorme quantidade de guaribas, ou monos berradores. Atravessou diversas fazendas grandes, mas a unica que o impressionou veio a ser a do Secretario.

Em parte alguma viu lavouras de café.

Entrando em Minas por Parahybuna e passando por Ma-

thias Barbosa e Juiz de Fóra, encontrou Eschwege numerosas tropas carregando sal, geralmente as que iam para o centro toucinho e algodão as que se encaminhavam para a costa.

Na fazenda do Juiz de Fóra teve o viajante a impressão de bastante decadencia do estabelecimento.

Hospedaria muito suja alli havia.

Encontrou os escravos a debulhar milho. Apreciou o geologo muito a situação aprazivel de Juiz de Fóra na primeira planicie, ligou deste nome que elle avistou desde a sahida da Estrella. Perto do Chapeu d'Uvas viu Eschwege laranjaes e bananaes. Dahi em deante por Barbacena, Carandahy, Queluz, Mattosinhos e Villa Rica, nada viu o geologo em materia de plantações que o impressionasse. E' bom notar que a agricultura parece tel-o sempre mediocremente interessado.

CAPITULO XLIII

Dados estatisticos de Eschwege — O café no Triangulo Mineiro — Depoimentos de Saint Hilaire

Nas *Noticias e reflexões estatisticas a respeito da provincia de Minas Geraes*, por Guilherme, Barão de Eschwege, que correspondem a diversos annos até 1821, quasi nada existe sobre o café.

Ha um quadro interessante, porém, e muito valioso que abrange o periodo de julho de 1818 a julho de 1819. Por elle se vê que neste exercicio a exportação do café mineiro foi de 9.739 arrobas, num total de 29:217$000, ou seja uma média de 3$000 por arroba, quando o total da exportação mineira fôra de 896:176$885, quer dizer, pouco mais de 3 %.

As principaes procedencias eram:

Caminho Novo (Mathias Barbosa)	9.256
Rio Preto	42
Porto do Cunha..	151
Presidio do Rio Preto	258
Barra do Pomba	—
Mantiqueira	—
Jaguary (por S. Paulo)	—
Campanha de Toledo (por São Paulo) .	—
Itajubá (por S. Paulo)	—
Sapucahymirim (por S. Paulo)	—
Malhada	32
Rio Pardo	—
Sant'Anna do Rio das Velhas	—

Sobre os dados de diversos pontos não tivera o autor informação.

Principaes productos:

Gado vaccum	248:244$000
Porcos..	90:507$000
Bestas	90:725$000
Queijos	79:470$000
Fumo	70:389$000
Algodão em rama	58:876$000
Assucar	45:688$000
Algodão tecido	58:876$000
Cavallos	30:570$000
Arroz, feijão e milho	450$000
Mineraes uma insignificancia.	

O total das mulas de carga era de 45.862.
A importancia fôra de 182:651$130.

Sal	115:605$000
Fazendas	21:000$000
Peixe salgado..	5:133$000
Vinho	6:268$000
Vinagre	1:610$000
Azeite	5:889$000
Farinha de trigo	1:600$000

Eram estes os totaes demographicos aceitos pelo eminente geologo para a capitania de Minas:

População livre	332.226
População escrava	181.882
Total	514.108

A respeito da lavoura da rubiacea apenas traz uma nota sobremodo secca:

"Os cafeeiros florecem em janeiro e fevereiro e segunda vez em maio e junho e amadurecem desde setembro até janeiro.

Historiando a introducção da lavoura cafeeira no Triangulo Mineiro, escreve o Dr. Hildebrando de Araujo Pontes:

"E' certo que ao raiar da aurora do seculo XIX, já existia plantação de café no Triangulo Mineiro..

A mais antiga referencia a respeito desta rubiacea, aqui, é feita pelo coronel José Manoel da Silva e Oliveira, em a

sua "Segunda Memoria do Principio da Povoação e julgado de Desembóque, em 1804."

Enumerando os productos da agricultura do Julgado, dizia: "Com maior abundancia produz milho, feijão, arroz, mamona e algodão; com menor, trigo, centeio, cevada, café e canna e mandioca".

Linhas abaixo, referindo-se ao "Commercio", prosseguia: "Vão para o porto de Santos (distante 112 legoas), assucar, café, e algodão. Trazendo daquelles generos da Europa". A este tempo o café na Comarca do Novo Sul ou Julgado do Desembóque, já era até objecto de exportação para o porto de Santos, embora fosse a producção "em menor abundancia" relativamente a outros generos.

Não padece duvida que a cultura do café dahi por diante incrementou-se.

Isso deprehende-se das "*Reflexões sobre a necessidade de alguns reparos na Comarca*", que o juiz de direito de Paracatú (cuja alçada ntão abrangia o Triangulo), apresentou, em data de 25 de fevereiro de 1824 ao Presidente da Provincia, dr. Antonio Paulino Limpo de Abreu. Vejamos:

"O clima do Desembóque é analogo ao do Araxá, os habitantes são geralmente activos e trabalhadores, porém mais atilados, e a razão desta differença consiste, segundo entendo, em que as pessoas emigradas e que se estabeleceram neste sertão, erão mais sensatas e instruidas.

"A exportação faz-se do mesmo modo e deve-se accrescentar que a *plantação do café tem prosperado muito e enriquecido aos que se têm applicado a este genero de cultura.*"

Emquanto a léste do Julgado o plantio do cafeeiro se desenvolvia, a oeste era elle inteiramente desconhecido até 1820. Pois, só então foi que, segundo ha annos asseverou-me o venerando capitão Manoel Joaquim da Silva Prata, de saudosa memoria, seu pae, Joaquim José da Silva, iniciou a cultura do café na Fazenda do "Burity", da freguezia de Santo Antonio e São Sebastião de Uberaba.

Em principios daquelle anno os irmãos Joaquim da Silva e João José da Silva, naturaes de Tamanduá (Itapecerica), em viagem para o Novo Sul, compraram, nas immediações do arraial de Uberaba, ao sertanista João Baptista de Siqueira e sua mulher d. Barbara Rodrigues Pires e outras, diversas leguas de terras, em seguida regressaram ao Tamanduá, de onde, sem demora, trouxeram suas familias e escravos para as fazendas do Novo Sul.

Joaquim ficou com as terras mais orientaes, onde está a sesmaria das "Alagoas".

A legua de terras do "Burity" fôra comprada por "um forno de torrar farinha, uma libra de polvora e outra de chumbo de caça."

Tão baratas eram, então, alli, as terras! E não foram sómente essas que, na região, se venderam a tão infimo preço, pois pouco além, antes da freguezia do Fructal então ainda inexistente, o Ajudante Pedro Gonçalves da Silva "vendeu algumas leguas de terras por um casal de leitões."

O "Burity" e as terras adjacentes, que pertenciam a Joaquim José da Silva, chrismaram-se mais tarde por *Fazenda da Prata.*

E foi nessa fazenda da freguezia de Santo Antonio e São Sebastião de Uberaba que o tamanduaense Joaquim José da Silva plantou os primeiros cafeeiros do oeste do Triangulo, em 1820.

Essa cultura foi diminutissima. Escondida lá a um canto da estrada que de Uberaba levava aos confins occidentaes do Triangulo, passou ignorada do Padre Antonio José da Silva, vigario de Uberaba, quando, entre os annos de 1824 a 1826, escreveu a sua *Historia Topographica da freguezia de Uberaba, vulgo Farinha Podre.* Do contrario a teria citado nesse minucioso trabalho, em que diz: "He o paiz composto de lindas e extensissimas campinas, de muitos mattos, que produzem abundantemente milho, feijão, arroz cará, batata, canna, algodão, mandioca e anil, como em parte alguma se tem visto, sem que os lavradores sintão o pezo de muito trabalho; por isso que as capinas são muito favoraveis."

Passou egualmente desapercebida ao Padre Leandro Rabello Peixoto e Castro, na informação que, em 2 de outubro de 1827, deu ao dr. José Teixeira de Vasconcellos, sobre a *preciosidade do Territorio da Farinha Pôdre*, quando de volta do Campo Bello do Rio Verde (Do Prata) a Mattosinhos, citado pelo tenente-coronel Antonio Borges Sampaio, em o seu interessante *"Esboço historico sobre o Sertão da Farinha Pôdre, actual Triangulo Mineiro."*

Nessa narrativa o Padre Leandro cita todas as plantas culturaes do Triangulo, excepto o café.

Não resta duvida que Araxá e Patrocinio, municipios vizinhos ao do Desembóque, tiveram antes que Uberaba, a cultura do café em pequena escala. Prova isso a existencia de cafeeiros seculares em quasi todos os quintaes das casas da

cidade, plantados, — o que é interessante — em terrenos de campo.

Em razão da fraca população do Triangulo e a grande distancia dos centros consumidores do paiz, a cultura do café foi sem importancia, posto que já, em 1824, conforme informava o juiz de direito de Paracatú, ia enriquecendo aos que della se occupavam.

No segundo semestre de 1816 fez Saint Hilaire a sua primeira excursão pelo interior do Brasil, indo do Rio de Janeiro ás margens do Parahyba visitar a fazenda do commendador João Rodrigues Pereira de Almeida, futuro Barão de Ubá, a 12 de outubro de 1828.

Sahindo do Rio foi, por mar, ao fundo da Guanabara, depois a Iguassú e á Raiz da Serra.

Vencidos os Orgãos viu num valle, que vertia para o Parahyba, algumas fazendolas onde se cultivavam milho, café e canna. Chegou depois ao grande engenho do Pau Grande, onde a producção do assucar era notavel, pertencente a Pereira de Almeida. Percorreu as grandes florestas dos arredores e visitou os Coroados do Rio Bonito, perto de Ubá.

A 7 de dezembro do mesmo anno, reencetou a viagem, agora sob largo plano, em companhia do Barão de Langsdorff e do jovem estudante brasileiro Antonio Ildefonso Gomes, de quem era grande amigo.

Sahiu do Rio por Inhauma, Irajá e Iguassú, Raiz da Serra e voltou a Ubá. Na baixada fluminense só viu engenhos de assucar; não fala uma só vez de cafesaes.

De Ubá foi a Parahyba e Parahybuna, sem tambem se avistar com lavouras de café.

Em interessante artigo *O Café em Petropolis,* constante da edição bicentenario do *O Jornal,* em 1927, lembra Alcindo Sodré que nos tempos coloniaes não medravam os cafesaes na actual região petropolitana.

Saint Hilaire em 1816, seguindo a Estrada dos Mineiros, embarcado na Côrte, veio ter ao porto da Estrella, que lhe parecera "o de maior movimento" de todos os pontos por elle percorridos em nosso paiz.

Na raiz da serra de Petropolis encontrou a Fazenda da Mandioca, propriedade do barão de Langsdorff, que com trabalhadores europeus, ensaiava a cultura do café ao lado da de varios cereaes. Subindo a serra pela antiga estrada de lages soltas, passou pelo Corrego Secco e, seguindo a margem direita do Piabanha, atravez Itamaraty e Samambaia, foi ter ao padre Corrêa, e assim exprimiu a sua impressão: "Após os

marmeleiros estão os pecegueiros que vi com fructas maduras. O aspecto de um vale tão bem cultivado, no meio das montanhas agrestes e selvagens que o cercam, tem alguma coisa de surprehendente, que encanta. O padre Corrêa gosa no Rio de grande fama pelos seus conhecimentos em agricultura. Aproveitou-se da temperatura moderada da serra para cultivar grande numero de plantas de origem européa."

Por esses recanto, veio a passar John Mawe, o primeiro estrangeiro que escreveu sobre o Brasil, com permissão e auxilio de D. João VI, para visital-o pelo interior, na zona das minas diamantiferas.

Em Corrêas, o viajante surprehendeu grande numero de escravos que se entregavam aos serviços de pequena industria de ferraduras, e celebrou a existencia de enorme figueira, onde repousaria mais tarde o brigadeiro Cunha Mattos, quando, em 1823, seguia para Goyaz, onde devia assumir o commando das armas.

"Nesses sitios, porém, não fôra visto café, nem é possivel que alli elle conseguisse produzir, dada a natureza e situação do terreno. Entretanto, esta é a região de Petropolis, onde se desenvolveu depois o nucleo de população colonizadora, que veio justificar a criação do novo municipio com a annexação successiva de seus actuaes districtos cafeeiros que são: Pedro do Rio e São José do Rio Preto.

O primeiro, parte da freguezia de Cebolas, pertencia ao municipio de Parahyba do Sul, e o segundo, inicialmente ligado a Cantagallo, esteve com Parahyba e Sapucaia, antes de vir para Petropolis.

Em 1816, penetrando em Minas, seguiu Saint Hilaire, do Registro do Parahybuna a Mathias Barbosa, Juiz de Fóra, Chapeu d'Uvas e Barbacena.

Falando da producção mineira, escreve phrases que têm sido repetidissimas.

"Não só esta provincia é rica de diamantes e pedras preciosas, de minas de ouro, ferro e chumbo, como de gordas pastagens, bellas florestas, territorio fertil de accordo com os lugares e a altitude pode produzir vinho, assucar, café, algodão, canhamo, mandioca, trigo e centeio, mangas, pecegos, figos e bananas.

Se há paiz que poderá algum dia dispensar o resto do mundo, será esta provincia de Minas, quando seus recursos incontaveis forem valorizados por população menos fraca do que a que hoje tem."

Adeante de Juiz de Fóra teve Saint Hilaire um encontro

muito pittoresco com um casal de africanos encontrados num milharal perto de seu miseravel casebre.

E' interessante percorrer a sua narrativa, documento precioso para a historia da escravidão do Brasil.

Continuando a viagem para o Norte, passou Saint Hilaire por Barbacena e Queluz e chegou a Villa Rica, logar fastidioso, onde não havia um só passeio publico, nenhum club ou gabinete de leitura soffrivel. Os estrangeiros alli nem tinham o recurso de uma hospedaria aceitavel. Tambem lá não se via um só "café soffrivel", prova de que se não havia cafés aceitaveis, pelo menos já em Ouro Preto havia cafés publicos em 1816.

De Villa Rica foi o botanico a Marianna, Cattas Altas, Itajurú, ao Caraça, Itabira do Matto Dentro e Villa do Principe (Serro Frio).

Não viu em parte alguma lavouras cafeeiras, mas em diversos lugares percebeu a existencia de cafeeiros isolados ou em grupos, com bananeiras e laranjeiras, como em Tapanhuacanga, perto de Serro Frio.

Desta localidade gaba muito a polidez e cordealidade dos habitantes mas deplora que nella não haja nem bibliothecas e passeios publicos, nem gabinetes literarios e cafés.

Do Serro Frio foi o botanico a Peçanha. Na fazenda do Guarda-Mór Antonio Feliciano plantavam-se o trigo e o milho, feijão, canna, algodão, mamona e café.

Havia outros pequenos trigaes pela redondeza, assim como algodoaes e cafesaes, todos mal plantados e alinhados.

No Peçanha visitou Saint Hilaire os botocudos, que lhe pareceram identicos aos coroados da Capitania do Rio de Janeiro. Deste districto se encaminhou para Minas Novas.

Em Rio Vermelho, viu cafesaes muito viçosos, mas a lavoura alli não ia por deante, porque o café não dava mais de 1.200 por arroba, preço que não deixava margem de lucro ao productor.

Vindo do Rio de Janeiro, entrou Saint Hilaire em Minas pelo Rio Preto, via Valença, em fevereiro de 1819. Foi a São João d'El Rey, dahi ás nascentes do S. Francisco, Formiga e Piumhy, Araxá e Paracatú, de onde se encaminhou ás terras goyanas.

Fala longamente das producções da enorme região atravessada, onde jamais parece ter encontrado lavouras de café.

A 26 de janeiro de 1819 partia Saint Hilaire do Rio de Janeiro para uma grande jornada de tres annos pelas capita-

nias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, Goyaz, S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Em torno do Porto de Estrella declara que havia alguma lavoura de café.

Falando da velha estrada de Garcia Rodrigues Paes observa que ella se movimentára bastante depois que começára o plantio do algodão em Minas Novas e se encentára a exportação do café "du midi de la province des Mins."

Este "midi", como inilludivelmente demonstrou o Dr. Daniel de Carvalho, não é certamente o chamado actualmente *Sul de Minas*. Era o sul da capitania limitrophe da do Rio de Janeiro, a actual Matta das Minas.

Esta exportação em 1819, declara Saint Hilaire, datava apenas de pequeno numero de annos.

Deixando o Caminho Velho das Minas seguiu o botanico pelo "caminho da terra" e passando por Ubá, logar de reminiscencias caras, continuou em direcção a Valença e S. João d'El Rey.

A's margens do Parahyba perto de Ubá havia cannaviaes, mandiocaes, cafesaes. Disse-lhe um lavrador que os cafeeiros soffriam muito com a geada alli frequente.

Valença não passava ainda de miserável aldeia de mesquinhas vendolas onde quasi só se vendia cachaça.

Era facil deduzir-se que começavam então a se desbravar as terras do districto ao qual a estrada attrahia os habitantes.

Contra a asserção do Sr. H. Silva levanta-se tambem a de Saint Hilaire quando na sua *Voyage aux sources du rio de São Francisco e dans la province de Goyaz,* ao tratar da cultura das terras, declara que na Comarca do Sul a terra produzia muitos cereaes, assucar, algodão, fumo e café.

A tal proposito affirma: "La culture du caféier dans la province de Goyaz est tres nouvelle (1819) il y reussit á merveille et produit des grains de tres bon goút."

CAPITULO XLIV

Os primeiros cafesaes de Santa Catharina

Falando dos primordios do café em S. Catharina escreve o Snr. Alvaro Tavares da Cunha Mello, na edição centenaria d'*O Jornal.*

"O café foi plantado em Santa Catharina, á primeira vez, em 1786, por iniciativa official. As sementes oriundas da Provincia (sic), de São Paulo, foram levadas pelo então governador provincial de Santa Catharina, Teixeira Omen. O anno de 1786, foi o ultimo dessa intelligente administração. O seu successor Teixeira Pinto (sic), com as mesmas qualidades de administrador, viu, porém, na nova lavoura uma preciosa e promissora fonte de energias e, assim, para estimular o seu desenvolvimento, passou a adquirir toda a producção da provincia ao preço elevado de 640 reis por libra."

"Espalhado rapidamente, chegou a sua cultura a ter certa importancia. Em 23 annos, Santa Catharina já produzia 260 quintaes de café em coco."

"A planta se aclimou perfeitamente e a terra não podia ser melhor.

O café ahi produzido é tão bom quanto os chamados cafés suaves ou cafés finos da Colombia."

"O padre Araujo Marcondes, em sua conhecida monographia "O café", publicada em 1896, observa que os terrenos pedregosos e arenosos produzem café mais aromatico que as terras roxas. Assim é que em S. Sebastião do Paraiso o terreno da cidade e das chacaras adjacentes é arenoso, e produz café muito aromatico, tanto que os fazendeiros trocam, para gasto, os seus cafés com o da cidade."

"Assim tambem em Santa Catharina, as terras da ilha e as dos municipios do littoral são em sua maioria arenosas determinando muitas vezes a necessidade de misturar argila colhida á distancia para solidificar a chapa de rodagem das estradas e caminhos construidos nessa região.

Revelada desde logo a boa qualidade do café foi augmentando o numero de seus cultivadores.

Os municipios mais antigos, como Florianopolis, Porto Bello, São José, Laguna, que são ainda hoje os principaes centros cafeeiros do Estado, attestam o desenvolvimento que alcançou essa cultura no seculo passado.

A frequencia da navegação para o Prata e a proximidade levaram até lá a fama do café cultivado no territorio da provincia, e, pouco depois, conhecido o preparo da preciosa bebida, foi elle largamente exportado para o Uruguay.

Essa prosperidade durou até que, por motivos de ordem diversa se viu a industria cafeeira relegada para logar secundario na economia de Santa Catharina."

Contra a asserção do Snr. Cunha Mello levanta-se a de uma autoridade muito maior e mais antiga, a de Paulo José Miguel de Brito que em 1816 escrevia:

"Aos dois benemeritos Vice-Reis (Marquez de Lavradio e Luiz de Vasconcellos e Souza) deve a Capitania a plantação do café, e mormente ao segundo, que neste e outros objectos de utilidade publica foi coadjuvado pelo incansavel e zeloso Governador José Pereira Pinto, cujo governo durou desde 7 de junho de 1786 até 17 de janeiro de 1791, periodo este, em que se fizerão na Capitania muitas coisas uteis, e em que assaz se promoveu a agricultura e industria: a Capitania produz hoje muito e bom café, mas a sua cultura e amanhos ainda estão muito atrazados. Se, em 1809, Santa Catharina produzia 260 quintaes de café em côco, como diz o Snr. Cunha Mello, ou sejam 1.040 arrobas, os seus dados estão em desaccordo flagrante com os de Paulo de Brito, que são officiaes, e para 1810 davam 15.159 arrobas. Mesmo que o Snr. Mello se refira a quintaes metricos teremos apenas 2.532 arrobas. Ora, não é crivel que em um anno haja sextuplicado a producção. Assim é de crer que o collaborador d'*O Jornal* tenha sido mal informado.

Vejamos agora alguns depoimentos sobre o desenvolvimento da lavoura cafeeira em Santa Catharina que, realmente creada pelo governador Teixeira Omen, no dizer acatadissimo de Lucas A. Boiteux, chegou em 1812 a ser notavel produzindo 12.592 arrobas, parcella importantissima no computo da exportação brasileira da época; muito mais do dobro do que então sahia por Santos.

Em 1803 comprou Adão de Krusenstern em sua celebre viagem de circumnavegação, a libra de café no Desterro a 130 rs. preço pelo qual tambem se vendia a de assucar, o que

daria a arroba a quasi 4.200, no varejo, preço muito elevado para a época, dada a capacidade aquisitiva damoeda, no tempo.

Causaram taes valores real admiração ao navegante. Pelo preço de uma arroba de café se comprariam 10 novilhos, 20 porcos e 400 gallinhas!

A 11 de setembro de 1807 deixou John Mawe Buenos Aires em direcção ao porto de Desterro, onde só ancorou a 29 seguinte!

Deslumbrante impressão lhe causou o grandioso panorama catharinense. Gostou muitissimo tambem do Desterro, bem construida cidadesinha de seus cinco a seis mil habitantes, onde havia gente muito amavel e civilizada, muito mais do que a do Rio da Prata.

Produzia a ilha, cereaes, optimo café, assucar, anil, laranjas que talvez fossem as melhores do mundo.

Indo ao Continente á bella aldeia de São José, muito apreciou o mineralogista, o risonho valle da Picada, cheio de laranjaes e cafesaes.

Entre os cultivadores destacava-se um Snr. Caldouin, que collecionava insectos. Possuia uma testada em Barra Grossa, de quatrocentos pés de marinha (133 metros approximadamente) sobre mil cruzados ou quatrocentos mil reis.

Ao norte de São José tambem avistou Mawe as mesmas culturas.

Na obra de Martius, *Reise in Brasilien* e na *Memoria Politica sobre a capitania de Santa Catharina,* de Paulo José Miguel de Brito encontramos duas preciosas tabellas sobre o commercio de Santa Catharina para os annos de 1810 e 1812, referindo-se a de Martius ao ultimo dos dois millessimos.

Façamos um confronto entre ambas começando por publicar a de 1810.

Generos	*Quantidades produzidas*	*Exportação*
Farinha (alqueires)	243.659	71.487
Feijão (alqueires)	12.212	6.872
Milho (alqueires)	5.643	1.702
Favas (alqueires)	129	45
Trigo (alqueires)	3.613	1.793
Cevada (alqueires)	27	—
Amendoim (alqueires)	488	240
Algodão (arrobas)	6.547	832
Assucar (arrobas)	3.366	1.224

Fumo (arrobas)	353	128
Canhamo (arrobas)	5	5
Linho (arrobas)..	6.128	5.352
Café (arrobas)..	15.192	13.208
Arroz (arrobas)	56.526	36.632
Gomma (arrobas)	112	44
Gravatá (arrobas)	65	29
Peixe salgado (arrobas)	5.245	4.160
Peixe secco (arrobas)	11.953	5.039
Aguardente (medidas)	33.287	25.287
Melado (medidas)..	8.115	7.407
Bettas de Imbé (duzias)	41	38
Id. pequenos (dz.)	33	21
Taboado (duzias)	2.915	2.415
Couros (centos)	553	315
Atanados (centos)	721	197
Cebolas (resteas)	13.741	9.212
Alhos (resteas)..	14.946	9.654

A tabella de Martius dá o seguinte: (1812)

Aguardente (pipas) exportadas	63.241	51.320
Algodão (arrobas)..	2.250	737
Alhos (alqueires)	16.506	11.622
Arroz (arrobas)	18.723	13.191
Assucar (arrobas)	712	380
Imbê (betas grandes, duzias)	141	127
Idem (betas pequenas, duzias)	235	224
Café (arrobas)..	12.592	3.756
Canhamo (arrobas)	5	5
Couros de boi (arrobas)	35.900	22.900
Favas (alqueires)	327	167
Farinha de mandioca (alqueires) . ..	388.361	228.131
Feijão (alqueires)	9.832	3.192
Polvilho (arrobas)	18	18
Gravatá (fios de arrobas)	118	21
Linho (arrobas).	1.798	1.521
Taboado (duzias)	2.552	2.312
Melado (pipas)..	7.118	4.126
Amendoim (alqueires)	872	551
Milho (alqueires)	16.969	9.121
Peixe salgado (arrobas)	377	226
Peixe salgado (amarrados)	9.985	3.520
Cebolas (alqueires)	10.472	5.947

Cevada (alqueires)	20	5
Fumo (arrobas)	165	151
Trigo (alqueires)	3.365	747

Segundo Martius, ainda, eram estes os valores da producção catharinense em 1812:

Aguardente	3:292$000
Algodão	4:716$800
Alhos	1:859$520
Arroz	24:326$720
Assucar	2:188$800
Imbê	478$000
Café	35:052$800
Canhamo	39$000
Couros de boi	29:312$000
Favas	80$160
Farinha de mandioca	127:753$360
Feijão	1:276$800
Polvilho	64$800
Gravatá..	84$000
Linho	—
Taboado	5:086$400
Melado	1:435$000
Amendoim	330$600
Milho	2:189$040
Peixe salgado	8:170$000
Cebolas	1:189$400
Cevada	5$000
Fumo	724$800
Trigo	821$700
Somma toda esta producção Rs.	248:476$700

Na tabella de Paulo Brito para 1810 a exportação era avaliada em 188.257 cruzados, ou sejam Rs.: 75:302$800.

Quer-nos parecer, pois, que houve: da parte de Brito um lapso de memoria ou um descuido qualquer. Para justificar o nosso ponto de vista recorramos ao indice que nos póde dar o café.

Em 1810, o café exportado por S. Catharina, diz elle, chegou a 15.192 arrobas. Ora, em 1810 o preço do café oscillou entre 3.300 e 3.000 réis por arroba no Rio de Janeiro. Digamos que em Santa Catharina a media fosse de 2.500

réis. Daria isso para a produção local exportada 33:120$000 ou 83000 cruzados, ou seja quasi a metade do valor da exportação!

A farinha de mandioca exportada em 1812, foi á base média de quasi 500 rs. por alqueire. Ora, em 1810, exportou a capitania 71.487 alqueires, digamos a cruzado. Só ahi temos 30 contos de réis ou sejam 75.000 cruzados.

Sommemos estas duas parcellas, temos mais de 157.000 cruzados, digamos 150.000. Assim, restam 38.000 cruzados para o resto da producção catharinense, onde avultam 36.000 alqueires de arroz, o que é inadmissivel!

Assim pensam os que os dados de Brito sejam expressos em réis e não em cruzados. Cotejando as duas tabellas, temos, para Santa Catharina:

	1810	1812
Produção	160:775$800	248:476$000
Consumo local	85:472$000	
Exportação	75:303$800	

Não estiveram Spix e Martius em Santa Catharina, como é geralmente sabido. Os numeros que reproduziram obtiveram-nos no Rio de Janeiro.

Referem-se ao "commercio da Ilha de S. Catharina", enganando-se, provavelmente, pois pensamos que os seus dados se reportam a toda a capitania. E realmente o cotejo dos seus quadros com os de Paulo de Brito nos levam a assim pensar.

Senão vejamos, comparando os que dizem respeito á população:

	Brito (1810)	*Martius* (1812)
Homens brancos	11.173	11.495
Mulheres brancas	12.507	13.311
Escravos	4.633	4.905
Escravas	2.570	2.573
Libertos	293	312
Libertas	358	358

Assim, temos para 1810 — 16.099 homens e 15.435 mulheres, ou sejam 31.534 almas e não 30.339, como, erradamente, sommou Paulo de Brito.

Segundo Martius (ap. *O Patriota,* de 1814, dois annos mais tarde), o total da população da ilha era de 33.049, o que é toda.

Aliás escrevendo a sua obra em 1816 contesta Brito ao articulista do *Patriota,* attribuindo em 1810 um total de 12.483 almas á população da Ilha de S. Catharina em suas quatro freguezias.

Falando das producções de S. Catharina em 1816 escrevia Paulo de Brito:

"Das sementes cereaes, como o trigo, o milho de todas as qualidades, a cevada, o centeio, a producção he abundantissima, e muito mais das leguminosas, como são o feijão, a fava, ervilha, e outras. He extrema a producção da mandioca, que constitue a base principal do sustento de quasi todos os habitantes. A cana de assucar, o café, o algodão, o tabaco, são vulgares e abundantes em toda a Capitania: o anil he copiosissimo, e a terra inutilmente o reproduz todos os annos, sendo geralmente desprezada esta planta, que tantos interesses podia dar! Os linhos, gallego donzello e canhamo; a batata, o mendoim, as cebolas, e os alhos são vegetaes da maior producção.

Tanto a agricultura como a industria e commercio da capitania eram muito atrazadas.

Havia por exemplo enorme falta de animaes domesticos. Tanto o Marquez de Lavradio como o Luiz Vasconcellos muito haviam feito em prol da propagação da cochonilha. Mas debalde.

Em 1817 escrevia Ayres do Casal da lavoura catharinense. "Mandioca, e linho são os principaes objectos da agricultura quasi geralmente exercitada por homens brancos, que tambem cultivam milho, arroz, café, legumes, canna d'assucar e algum algodão que não é de boa qualidade."

Viajando em 1820 de Norte a Sul pela costa de S. Catharina, encontrou Saint Hilaire mandioca, arrozaes em torno de S. Francisco. Pouco milho, pouca canna e de qualidade mediocre, pouco café para consumo interno. Do lindo São Francisco, ao admiravel Itapocoroy viu alguma mandioca. Embarcou na Armação indo ao Desterro sempre por mar.

A ilha de S. Catharina devia contar então seus 14.000 habitantes; tinha como principaes produções mandioca, arroz e feijão.

O quadro de exportação do Desterro era o seguinte, para 1820.

Farinha de mandioca (alqueires)	100.000
Aguardente (pipas)	100
Panno de algodão (varas)	4 a 5.000
Riscados (varas)..	3 a 4.000
Café (arrobas) de 400	a 500

O total da exportação regulava 200 contos de réis annuaes. Sahiam ainda um pouco de assucar, polvilho, muitos alhos e cebolas. Tomavam os catharinenses muito café de que a terra produzia optima qualidade.

Em 1822 não se referia Lesson ao café de S. Catharina que não menciona entre as producções locaes. Não havia então no Desterro uma só hospedaria nem um unico café publico.

CAPITULO XLV

Velhos processos e velhas machinas beneficiadoras — O pilão — O monjolo simples e o monjolo de rabo — O carretão ou ribas — O pilão hydraulico

Aos olhos dos primeiros lavradores de café surgiu logo a difficuldade do preparo e beneficiamento do seu producto, que se de longe não exigia o vultuoso apparelhamento indispensavel á manipulação do assucar, nem por isto deixava de ser bastante pesado para as suas posses de pequenos agricultores. "Do que padece o assucar desde o seu nascimento na canna até sahir do "Brasil" é dos mais interessantes e curiosos capitulos daquelle livro essencial das nossas letras historicas e que vem a ser a *Cultura,* de Antonil.

Muito menos "padecia" e "padece" o café; muito menor numero de manipulações como todos sabem. Apenas o descascamento, operação essencial, ao passo que a graminea saccharifera, após a moagem, tem o seu caldo coado e purificado para, depois de cozido e evaporado, ir a purgar, mascavar, seccar, e encaixar, segundo nos ensina o bom jesuita.

O café, com a casca mediocremente adherente ao grão, requer operações muito mais rapidas e summarias, parece dispensavel relembral-o.

Este descascamento foi, por muito tempo, realizado a braço, nos pilões communs, para maior desespero dos infelizes escravos, que em tal mister se empregavam, trabalho rude e penoso, a corroborar o velho proverbio de que o Brasil era inferno de negros.

Conta-se que, tambem, nos primeiros annos, se procedia, como para o feijão, á batida, á vara, nas tulhas, onde os captivos trabalhavam no meio de infernal poeirada.

E ainda há a tradicção de que os primeiros lavradores, para fazer render o serviço, muito moroso dos pilões individuaes e da malhação á vara, mandavam a boiada passar nos terreiros, por sobre o café secco.

E, como o chão de taes terreiros fosse de terra e naquelles tempos longinquos, poucos ainda tivessem recursos para os fazerem lageados, ficava em geral o grão extraordinariamente sujo e encardido além de contrahir certo gosto terroso, denunciado pelos autores antigos, como, por exemplo, John Mawe.

Lavava-se, pois, toda a carga, prolongadamente, para a separar da terra e procedia-se á sua seccagem.

Assim, ficava prompta para seguir para o mar.

Quem, na Europa, a sorver a sua chicara de café, imaginaria estar a engulir uma decocção de producto submettido, inicialmente, a tão bruto e pouco asseiado processo? Tambem, o que olhos não vêm...

E, assim, seguia o nosso rico café mar em fóra, a angariar elementos para a civilização da terra de Santa Cruz.

Coffea, Brasiliae fulcrum!

Nos annos em que o café, invadindo as encostas da serra maritima, ia arrazando, deante da sua marcha invencivel, aquella admiravel floresta do vale de Parahyba, cuja queima, em 1840, arrancava a Gardner, illustre botanico inglez, verdadeiros gritos de revolta e desespero naquelles annos longinquos, em que o Brasil adquiria novo e preciosissimo elemento de prosperidade, nova mercadoria de procura intensa, seu magno esteio economico ainda hoje, e razão primordial do seu intercambio monetario, muito longe se estava ainda das machinas de beneficiamento que aos commerciantes fornece perfeita série de typos uniformes, no seu polimento e brunimento, orgulho de machinario moderno.

A primeira machina que descascou café foi o utilissimo e modesto monjolo "antiquissimo", probo e paciente instrumento, "maço de fartança, como lhe chama Alberto Rangel, cujo som igual, perenne e compassado canto gemente de moageiro, de certo modo embala o tedio e a insipidez da roça."

Vê-se, no emtanto, alvo de chacota; querem os lusitanophobos, de hontem e de hoje, seja a mais elevada demonstração da inventividade portugueza! Fortes toleirões! nem siquer é portuguez!

Demonstra-lhe Varnhagen a procedencia chineza, e Alberto Rangel nelle quer até encarnar o symbolo de uma das metades do Brasil.

Representa o Sul, como a bolandeira o Norte, o emblema

da banda da patria onde existem a agua permanente e o desnivel forte."

Emigrou para Portugal com os bronzes e os xarões, as sedas e a porcellana de Macau, de Shangai e de Nankin. Mas foi no Brasil que se acclimou, embora sem encontrar guarida para o seu nome nos grandes lexicos portuguezes de antanho.

Aos viajantes estrangeiros do Brasil prendeu a attenção curiosa. Saint Hilaire viu-o poeticamente enquadrado de laranjeiras e avencas nas devezas da Mantiqueira. John Mawe mineralogista de profissão, dignou-se desenhal-o numa gravura mediocre.

E é corrente, entre os velhos paulistas, uma anecdota relativa ao quinau que um estudante de meados do seculo passado "pregou" em um dos mais famosos lentes de mecanica applicada de toda sábia Germania.

Gabava-se o "magister" de conhecer os mais rudes e primitivos mecanismos do Universo, e o moço de S. Paulo "embatucou-o", mostrando-lhe que ignorava a existencia do nosso monjolo marralheiro.

Que bello hymno lhe entôa Alberto Rangel nas paginas iniciaes do seu "Quando o Brasil amanhecia", mixto encantador de sinceridade e "persiflage" delicada.

"Triturando as macahubas, pulverizando o milho ou descascando o arroz, o apparelho é lição corriqueira á moral sertaneja."

"Exemplifica a modestia, o labor e a eternidade."

"Quanta poesia se desprende desse malho e desse gral, com a melopéa brusca: Chouan-pong! a pelar a cangica no fundo do grotão! Tem o som raspado, mysterioso e cavo de aldraba na ponta chumbada de uma socava, a gravidade melancolisante dos pendulos e a serventia boçal dos africanos."

Merecia um desafio entre cantadores, dos bons, e as odes dos poetas laureados. "O regato tenta afogar o madeiro prestante, mas este se defende, dando uma simples descahida de hombros. Tronco intelligente, viga prestadia e, sobretudo, complacente, rejeita o quanto lhe entornam na queixada e, desta fórma, nunca se estanca a sêde que o instabiliza.

Deram-lhe o nome depreciativo de preguiça, sem lhe reconhecer a proveitosa lentidão, fruto divino do seu dote de incançavel."

"Representa o passado e a perseverança, conta as horas por igual, meia noite é um despejo e uma pancada, a amassar o pão nosso de cada dia, com as currupiras e caaporas tranquinando-lhe na gangorra."

E, continuando o lindo dithyrambo á velha machina leal, accrescenta o autor do "Inferno Verde."

A "haste" marruaz oscilla na "tranqueta" ou cavilha da "virgem" ou "pasmado". Ajuda-a na descambada do balanço e contrapeso do 'macaco". A agua preenche a cavidade do "cocho" que a rejeita para o receptaculo nomeado do "inferno". A "mão" firme na malheta da "munheca", tomba a estrondar, pulverizando o cereal do bojo do pilão.

Afim de se deter o monjolo no movimento alternativo especam-n'o com a "estronca". Ahi está toda a nomenclatura e manobra da alavanca do primeiro genero que tem uma ducha por potencia e dansa em batecum de bombo a seu passo de marcha cadenciada e soturna."

Mistral cantou um poema ás cento e tantas peças da charrua, e ainda não houve brasileiro que poetasse sobre as nove ou dez das partes do monjolo."

E por ahi continua o illustre escriptor, numa série de considerandos deliciosamente enunciados, para terminar numa apostrophe, perfeito remate de tão bellas paginas: "Como tudo mais, passarás!"

Transformam-te para melhor numa roda Pelton! — Qual será teu ultimo avatar, martelão de páu rombo e certeiro, indesregravel e sonoro?"

A's glorias do monjolo, juntamos uma, ainda agora: o seu papel na industria da preparação do café. E' mais um florão de triumpho a recordar o seu passado immenso, carregado de seculos, mais um titulo á benemerencia dos brasileiros que sabem as coisas do Brasil e a quem a excellente reconstrucção do quadro de Norfini existente no Museu Paulista, recorda uma época já distante.

E a mero titulo de curiosidade, apontamos mais um termo á nomenclatura da honestissima machina; á manobra alternativa "gangorral" de sua haste. Dá-se-lhe, em alguns municipios do Oeste de São Paulo, o nome pittoresco de "coximpim", dizendo, por exemplo: "está meio em falso o "coximpim" deste monjolo; é preciso acertal-o."

Senão apenas dará uma fracção do seu admiravel, de seu immenso rendimento mecanico quinze por cento!

II

A curiosa machina primitiva que é o monjolo de rabo, hoje abandonada, e quasi, sinão inteiramente, ignorada pelos

nossos contemporaneos, já representou passo vencido á frente na industria do beneficiamento do café.

Quando a "preciosa rubiacea" do famoso super-chavão nacional, talvez o mais celebre e espalhado dos innumeros que correm pelos nossos Brasis, quando a preciosa rubiacea começou a ser cultivada nos districtos centraes do paiz, como lembrámos, para obter o descascamento do grão.

Muitos productores houve que, para a operação primordial da separação da casca e do grão appellaram, como acabamos de contar, para os serviços do modesto, humilde, incançavel e paciente monjolo, a velha e lerda machina de invenção chineza, tão antiga quanto o *chaduf* egypcio, talvez.

Se por um lado tem o pilão hydraulico de celeste invenção, um rendimento util minimo, é por outro a expressão mecanica da cordura, da complacencia, da obstinação, no trabalho, da paciencia, da submissão aos maus tratos, da robustez e da eterna promptidão para o serviço.

Poço legitimo de virtudes, o humilde monjolo encerra no intimo de seus madeiros toscos a alma extactica, soffredora e mystica do bonzo, seu provavel inventor. Pois, é machina que se desengonça de meio seculo em meio seculo! Qual outra neste particular lhe levará a palma?

A questão é de se a fazer com determinadas madeiras! Só pede isto... Em Campinas, em priscas éras, reza a tradição, deram-lhe um appendice caudal, de pittoresco aspecto, e tiraram-lhe o propulsor hydraulico, substituindo-o por motor animado.

Era este um cavallinho a virar á roda, pobrezinho! na mais enfarante e tediosa das fainas repisadas e neurasthenizantes, movendo um braço de almanjarra que ia, successivamente, fazendo cahir sobre os côxos dos pilões a bateria conjugada dos monjolos de rabo.

E' o que illustra um quadro da collecção do Museu Paulista, reconstituição de A. Norfini, o pintor italiano de bellas qualidades, que se nacionalizou fundamente, delle existindo magnificos documentos de nossos aspectos coloniaes, transportados para uma série de lindas acquarellas.

Assim reconstituiu diversas feições da velha industria do café, e com a maior felicidade.

Quiçá esteja o negrinho que collocou em seu quadro, encarregando-o de manter a uniformização da marcha do pobre cavallicoque, fadado a incuravel neurasthenia, quiçá esteja o moleque a philosophar sobre a natureza das suas funcções.

E no intimo, a bemdizer o Altissimo, recordando a phrase

profunda de melancolica philosophia de seu velho parceiro africano: "A coisa "mais melhor" que Deus botou no mundo, não foi fumo, nem cachaça, nem mulher: foi cavallo, porque sinão branco montava em nossa cacunda, de relho e espora."

III

A "preciosa rubiacea" do chavão mais espalhado de nossa terra, excepção feita talvez de dois outros referentes á corographia brasilica "do Amazonas ao Prata, do Oyapok ao Chuy" — a preciosissima rubiacea, como devia ser chamada, sem a qual o Brasil não teria cambio, e andaria pobre como Angola, sem ter como manipular um grande artigo de exigencia universal, a preciosissima rubiacea — superlativemol-a que o merece — tem fructos que não são de entrega immediata ao consumo, como succede ás maçãs e ás peras, é desnecessario recordal-o.

Exigem uma série de operações beneficiatorias, longas e até certo ponto complicadas, desde que aos paladares da immensa maioria de seus apreciadores desgosta a torrefação simultanea do seu grão e casca, o que não succede a diversos povos.

Quando começou a invadir as lombadas da serra maritima e a fazer ruir a admiravel floresta que cobria o Rio de Janeiro e o norte de São Paulo, exigia penosissimo esforço de descascamento á mão, para menor gaudio dos pobres diabos dos africanos recem-despejados em nossas plagas pelos navios negreiros e dia a dia mais numerosos nas aguas guanabarinas e adjacentes.

A inventividade do tempo, nas nossas terras brasileiras, não era das mais consideraveis. Recorreu a lavoura da fava arabica ao monjolo, e este descascou muitos e muitos milhares de arrobas, que os europeus cada dia mais apreciavam, a começar pelos francezes, que tinham a peito desmentir o famoso dito *soi disant* de autoria da marqueza de Sevigné: — "Racine passara comme le café..."

Cassandra *manquée* a celebre epistolographa... Associou o nome do autor da Phedra ao gosto pelo moka. Subsistem ambos. Apenas augmentou "um poucochinho" o numero dos sorvedores fanaticos da infusão arabica e diminuiu, tambem, um poucochito, o computo dos que se extasiam ante o "Sonho de Athalia" e a "Narrativa de Theramene", declamados com aquella monotonia berradoura, que estruge no ambiente se-

cular da Comedia Franceza, respeitadora das tradições do Grande Seculo e do Rei Sol.

Mas como nos vamos afastando do beneficio do café! Pular do monjolo aos espectaculos da casa de Talma, da Rachel, de Mounet Sully! Voltemos ao café, cousa de nossa casa.

Do monjolo, como vimos, passou-se ao monjolo de rabo, sublime invenção de algum mecanico que em si sentia, quiçá a inspiração de um Watt ou de um Arkwright, mas que a rudeza do ambiente suffocou.

Já se caminhara assaz, desde que no desespero de descascar o café, haviam os fazendeiros dos primeiros annos mandado batel-o a vara, como se faz com o feijão. E soltar a boiada por cima dos grãos seccos...

Assim, pois, se havia progredido bastante, lançando mão do monjolo e, sobretudo, do seu aperfeiçoado congenere, dotado de bello e pittoresco appendice caudal.

Surgiu, então, a era do "carretão", como lhe chamavam os povos do Oeste de São Paulo, ou do "ribas", como no norte de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, foi appellidado ou ainda *ripes,* como em outras zonas o intitulavam.

Que revolução no machinario do café, trouxe esta almanjarra! Que salto na senda do progresso! Era a velha roca das boas velhas substituida pelo tear Jacquard.

Na calha central attritavam por escorregamento lentissimo regulado pelo tardo passo dos ruminantes, outro chavão consagrado este "tardo passo!"; attritavam duas immensas rodas de cabreuva, pesadissimas, sobre o café em coco.

Esmagavam-se as cascas, e dahi sahia infernal poeira, dizem-no os macrobios contemporaneos da engenhoca, invadindo guelas e pulmões dos pobres negrinhos que, empoleirados sobre o eixo das rodas, dirigiam as juntas pacientes, condemnados a um "perpetum mobile", que, si era prolongado, vinha, comtudo, a ser bem agitado.

O bom quadro "O Carretão", existente no Museu Paulista e de autoria de Norfini, foi feito "d'aprés nature" na fazenda dos srs. Coronel Eliziario Penteado e Irmão, em Campinas, onde existia immenso carretão perfeitamente conservado.

E' veneravel! Basta dizer que teve carreira prolongada; data quiçá de 1830, trabalhou talvez seus oitenta annos, e forneceu mais de um milhão de arrobas para a sustentação do cambio do Brasil e o avantajamento de nossa balança commercial. Pouco é que não foi... muito foi o que fez.

"Coffea Brasiliae Fulcrum"... não o esqueçamos.

Generosamente o offereceram os seus proprietarios ao Museu Paulista, onde se installou definitivamente, aureolado pela gloria de optimo servidor do paiz, a descansar pacificamente de tanta lida penosa, de tanta poeira que levantou, conscio de que serviu á grandeza de nossa terra, singela mas effectivamente.

"Com o correr dos tempos, escreve a grande autoridade de Augusto Ramos, o ripes ou carretão modificou-se. A transmissão do movimento passou a ser feita por baixo e por cima, e a força propulsora antigamente animada foi substituida pela hydraulica, accionadora de um eixo horizontal terminado por um rodete que se engranzava na roda dentada movimentadora do eixo vertical, impulsionador a seu turno das grandes rodas esmagadoras do café. Mas isto só deveria ocorrer lá pelos meiados do seculo dezenove.

IV

Continuava a rubiacea a levar a morte á selva multi-secular dos valles do Parahyba e do Tieté. Ante a sua investida rolavam vencidas, aos golpes dos machadeiros, as immensas perobas, as colossaes braúnas, os gigantescos jequitibás, as pluricentenares cabreuvas, cujos cernes frequentemente contemporaneos de Colombo e de Cabral, lambidos pelo fogo, iriam lentamente apodrecer nas roças onde se enfileiravam, perfilados, os cafeeiros na soberbia da primeira mocidade, eugenia conferida pela terra virgem e as condições climatericas ideaes para o seu vicejamento perfeito.

Augmentavam as lavouras. E os monjolos, os monjolos de rabo e os carretões não venciam as colheitas.

Foi então que os lavradores, para poupar a negrada, pensaram no beneficio mecanico do café, obtido por intermedio do motor hydraulico.

O pilão se lhes afigurava o *nec plus ultra,* em materia de mechanismo efficiente; o pilão commum, o velho pilão dos mineradores de ouro que a competencia do illustre Eschwege introduzira no territorio mineiro, nas lavras auriferas, de Congonhas do Campo, do Coronel Romualdo Monteiro de Barros, futuro Barão de Paraopeba.

E, assim, sob este modelo vetusto, se fizeram verdadeiras cathedraes de madeira, tão toscas quanto brutaes, com aquelles lenhos immensos, que a matta offerecia aos milheiros.

Nada mais simples do que tal machina: uma roda hydrau-

lica conjugada a um rodete dentado, transmittia o movimento a outra grande roda dentada com que se engranzava.

Era ella que punha em andamento um eixo armado de aspas, cuja rotação transformava o movimento circular continuo em rectilineo alternativo, aproveitado para se alçarem e soltarem as mãos dos pilões.

Estas, ferradas na ponta, cahiam sobre o cocho, onde o café se depositava e onde, em breve, estava em condições de ser ventilado!

Estupendo machinismo! glorificador excelso do attrito do escorregamento! relicario de resistencias passivas! como que punha o ponto de honra em aproveitar o minimo da energia motora que lhe era fornecida.

Mas, era esta enorme e de graça, e o material de fabricação da machina não tinha preço.

Escravos carapinas, que fazenda não os tinha? e a despesa era só da ferragem. E depois ia tudo tão devagarinho naquelles bons tempos! O importante vinha a ser que o café sahisse com bom typo e, sob este ponto de vista, nada havia a exprobrar ao bom pilão.

Existe no Museu Paulista um dos mais bellos especimens deste apparelho beneficiador ancestral.

Consta de um lenho de seus 40 centimetros de diametro e seus cinco metros de comprido, que põe em acção seis mãos ferradas.

A armação que supporta o megadendrico eixo e os cochos é constituida pelo travejamento de enormes madeiros.

A roda impulsionadora dispõe de engrenagem bem feita, que engranza com o rodete, movido pelo motor hydraulico. Nada mais simples, nem nada mais tosco!

Pertencia esta machina ao Major Manoel de Freitas Novaes, de Cruzeiro, que em seu tempo foi dos maiores lavradores, não só de São Paulo como do Brasil e chefe politico de grande prestigio no norte paulista.

Homem conhecidissimo pela fidalguia do trato, a generosidade da hospedagem, a largueza da vida, professava verdadeira veneração pela pessoa de D. Pedro II, que frequentemente esteve em sua fazenda.

De seu neto e homonymo, verdadeiro prototypo do cavalheirismo e fidalguia da nossa aristocracia rural, uma das mais distinctas figuras dentre a jovem officialidade de nosso exercito e heroicamente tombado no Campo da Honra, em 1932, pelejando por São Paulo, veio ao Museu Paulista esta machina archeana que hoje descansa na casa das tradições paulistas

cercada pela veneração que conquistou com os seus 80 annos de ininterrupto trabalho pela civilização do Brasil, a descascar mais de um milhão de arrobas de café de bom typo.

Ao se desmontar para o transporte, verificou-se quanto os nabos dos seus montantes eram immensos, verdadeiros pylonos de impenetravel brauna, essencia rarissima senão desapparecida de São Paulo.

Rijos como ferro e intactos em sua constituição inalteravel, em nada os modificou o enterramento quasi secular...

CAPITULO XLVI

Os primeiros processos de beneficiamento do café — Os methodos das Antilhas

Nem de longe exige o café, como tanto é sabido, para a sua entrega ao consumidor, aquella série de manipulações reclamadas por alguns outros productos das grandes culturas mundiaes.

Podem ser até estas operações reduzidas á maxima simplificação cifrar-se ao emprego do mais rudimentar dos apparelhos do vulgarissimo pilão; velho como a Humanidade.

Todo o café consumido pela Europa, nos primeiros seculos de sua carreira de adaptabilidade do sabor aos paladares occidentaes não soffreu, certamente por parte de seus productores arabes outro preparo que não fosse o pilamento após a secca.

E é o que ainda se faz em muitas zonas do Brasil e do Globo.

Ainda, há bem pouco, pôde o Dr. Rogerio de Camargo surprehender e photographar no interior da Bahia uma scena de primitividade e de rusticidade deliciosa para os tempos que correm, relativa á preparação do café a se remetter dos portos bahianos aos do extrangeiro.

Numerosas mulheres reunem-se em grupos de duas e tres, em torno de pilões de madeira e de cocho profundo, alçando e deixando cahir pesadas mãos tambem de madeira que manejam em conjugação de esforços.

E o rythmo da operação lhes é dado por um malandro sanfonista, sentado sobre uma pedra abrigado a boa sombra. Destende e encurta a caixa de foles da fanhosa harmonica.

O que se perde em tempo, com este processo arabico ou antes abexim, semi-millenar, anterior, a chegada de Pero de Covilhã ás terras dos negus já não é compativel, em meiados do seculo XVIII com as exigencias da concurrencia commercial instigando os productores a fornecer o grão cada vez mais ba-

rato e mais bem preparado á vista do alargamento das plantações da rubiacea. Embora os cultivadores antilhanos, pioneiros da lavoura cafeeira, dispuzessem da barateza do braço escravo, logo se impoz á sua consideração e á dos inventores quanto se teria a lucrar com a introducção de machinas destinadas a substituir o pilão braçal por coisa mais rápida e sobretudo mais efficiente.

Muito embora ainda não se corresse o encarniçado pareo actual em pról da obtenção de typos cada vez mais apurados e nem o commercio por sombra cogitasse de ligar importancia ao *noli me tangere* moderno dos defeitos do grão, já havia e isto era fatal, os cafés de bom e mau aspecto. Dahi o interesse pela manipulação mecanica cada vez mais perfeita do café destinado aos grandes emporios consumidores.

Em 1875 publicava em Londres o Doutor Benjamin Moseley, medico, o seu *Treatise on the history property and effects of Coffee,* que em pouco tempo obteve cinco edições inglezas, tres francezas, duas italianas e uma allemã.

Referindo-se a este livro dizia o nosso illustre Frei Velloso: em seu "Fazendeiro do Brasil": "Talvez não se tenha contribuido ao augmento do moderno uso da fragante baga tanto quanto fez esta obra cujo author nos seus conhecimentos medicos, estimaveis instrucções, assim singularmente instructivas como delectaveis, não tem igual.

Os grangeiros do café devem maior obrigação ao doutor Moseley do que talvez imaginavam: porque elle augmentou a consummação do café universalmente e introduziu esta deliciosa e util bebida em lugares, onde, antes rara vez se ouvia seu nome."

Reportando-se á excellencia da obra de Moseley, em sua *History of West Indies,* lembrava Bryan Edwards quanto os apaixonados do café na Europa se queixavam immenso da inferioridade do producto antilhano sobre o de Moka.

"Os apaixonados do Café se tem queixado muito da inferioridade, do que produzem as Indias Occidentaes, ao de Moca. Não ha duvida alguma, que a maior parte das queixas, formadas contra elle, com que o publico se diverte, são nascidas da affectação. Ao mesmo tempo que esta imputação não he inteiramente destituida de fundamento, visto ser o café das Indias Occidentaes, pela maior parte, bebido dentro dos 14 mezes, depois de colhido da ravore; e que o delicado do seu sabor, se realça com a idade, o que não deixa de confessar sinceramente o Lavrador de Café, mais jactancioso sobre o que recolhe de suas possessões.

Mas a objecção, de que o café he inferior ao da India Oriental por ser huma producção mais grosseira de huma casta de arvore de menos valor não merece outra refutação mais do que a circunstancia referida pelo celebre Jardineiro Mr. Miller, "que as plantas trazidas das Indias Occidentaes, e creadas em Inglaterra nas estufas, produzirão muito bem as suas bagas, as quaes em tempo proporcionado forão julgadas exceder ao melhor de Moka, que se pode descobrir na Grã-Bretanha" he pois evidente que toda a differença provem do terreno, clima, modo de o preparar e idade."

Na obra de Bryan Edwards se descrevem os methodos de beneficiamento das Indias Occidentaes em fins do seculo XVIII.

E' muito interessante conhecel-os.

"Logo que a baga tenha adquirido uma cor vermelha na arvore se suppõe estar em ponto de madureza ou de vez sufficiente a ser colhida. Cada hum dos pretos destinados a esta occupação se prevê de um taleigo, ou sacco de panno grosso com hum arco em a boca para o conservar aberto.

Este se suspende em o pescoço do apanhador, que o vai despejando em huma alcofa, e, sendo cuidadoso, pode apanhar tres alqueires por dia, mas a não ser, bom será que o obrigue; porque, neste caso, misturará huma grande quantidade de fructo verde com o maduro. A practica usada he colhel-o na arvore em tres estações de madureza. Cem alqueires, ainda com polpa, tirados de fresco da arvore, rendem mil arrateis de Café vendavel.

Aqui se usa de dois methodos de preparar, e seccar o grão, ou caroço. O 1.º he estender o Café novo ao Sol em taboleiros com cinco pollegadas quasi de altura, ou em huma terraça batida, ou plataforma de madeira, com a polpa em abaga, a qual em poucos dias fermenta, e se descarrega a si mesma de huma humidade muito azeda e se deixa do Café neste estado, até que esteja perfeitamente secco, o que, correndo o tempo bem, se conseguirá em 3 semanas. Separão-se ao depois as cascas dos grãos, ou por hum engenho de descascar, que daqui a pouco se descreverá, ou mais frequentemente pizando-o em pilões grandes de madeira com mãos. O café, assim preparado, pesa 4 por cento menos, do que o preparado com polpa."

O 2.º modo he apartar-lhe a polpa immediatamente, que se tira da arvore. Executa-se isto por meio de hum engenho de descarnar, que consta de hum rollo encanado, e horizontal, comprido de 18 pollegadas e 8 de largo. Volta-se este rollo

por huma manivella, e trabalha contra huma taboa larga movediça, a qual, conchegando-se muito as cracas, ou encanos dos rollos, embaraça que as bagas passem inteiras.

O Engenho se entretem por huma vasilha de madeira inclinada, por cuja abertura as bagas cahem, ou resvallão no Engenho, e he regulada pelo pendor, ou declividade de huma taboa vertical inclinada. Por esta simples maquina hum preto descarna hum alqueire de Café em hum minuto. A polpa, e o grão, envolto ainda na sua aralha, a pellicula, interior, cahem juntamente. Passa-se então tudo por peneiras de arame, onde se lhe separa a polpa das sementes, e estas se vão immediatamente estender, ao Sol, para se seccarem.

Dividem-se as opiniões acerca destes dois methodos de preparar o Café entre os Lavradores. O ultimo he tão proveitoso, como expedito; mas não duvido que o primeiro haja de dar hum Café, de melhor sabor, attendendo-se que a fermentação occupa sempre algum lugar, quando o fructo crú se põem amontoado ou nas plataformas, poupando-se mais a despeza de huma casa. O café azul esverdeado, que na America se reputa pelo melhor, he olhado por causa da sua cor, pelos Negociantes de Londres, como tendo hum signal de não ter sido sufficientemente preparado. De ambos os methodos se pode ter hum Café muito bom, com tanto que se lhe permitta o soccorro da idade, que o faz muito melhor.

Até aqui expuz somente o Engenho de descarnar: restanos ainda a operação de o estonar, ou de lhe tirar a aralha, tona que veste immediatamente o grão e existe ainda ao depois de se lhe despejar da polpa. Esta se executa por huma maquina, que pode ao mesmo tempo esbulhallo da polpa secca, no caso de se ter admittido na sua preparação o primeiro methodo, o que se ia muito mais expedito, do que pelo pilão, e suas mãos.

O Engenho de estonar consta de hum eixo perpendicular, rodeado em alguma distancia por hum vaso de madeira redondo, em que se põem o Café; e quasi hum pé acima do nivel da superficie do vaso commumente estão quatro braços horizontaes, ou vassoiras encaixados no eixo, o que se faz com jungidas na extremidade.

Os rollos que são de hum pezo consideravel, movendo-se a roda no vaso, este não, e amolgão as aralhas do Café o que he bastante para serem aventadas pela joeira, ainda que lhe haja de ficar alguma porção por aventar. Quando se vê sufficientemente estonado, se tira fóra do vaso e se põem na joeira, na qual lhe tira toda a graiņça da aralha, e as que, não forão

estonadas, se escolhem nas joeiras, e se tornão a lançar no Engenho, o qual pode alimpar mil e 500 arrateis de Café por dia.

Uma vez sahido o café de tal engenho de estonar, havia lavradores que o submettiam á secca violenta o que o autor reprovava.

Aqui se dá outro modo de preparar o Café com a polpa, e sem ella por meio de estufas. Este he practicado por mui poucos Lavradores; porque em primeiro lugar requer hum grande, e custoso apparelho: em segundo porque a fumaça dá hum cheiro desagradavel ao grão. Não sei que esta asserção seja verdadeira, mas sim que não ha coisa alguma, como o Café, que tenha a propriedade de apanhar mais o gosto e cheiro de tudo quanto se lhe poser ao pé.

E por esta mesma razão he de grande consequencia este ponto, em que se deve cuidar, quando se embarcar Café para Europa, não o pondo em parte alguma do navio, em que possa receber efluvios de qualquer outra carga, que trouxerem a frete.

As sementes do Café (diz Mr. Mosely) são notavelmente arriscadas a embeber-se das exhalações de outros corpos; e por este motivo sujeitas a apanhar hum tal gosto, que lhe he inteiramente estranho, e desagradavel. A agua ardente de cana, (Rum) posta junto ao Café, dentro em pouco tempo lhe communica tanto aos seus grãos, que summamente arruina o seu gosto. Qualquer carga da pimenta da India (diz Miller) embarcada com o Café, em poucos dias o despoja do seu gosto

Monereau em seu *Traité sur la culture du café,* tambem traduzido por Frei Velloso, livro XVIII, conta-nos como se processava o beneficiamento nas Antilhas, sobretudo em Haiti cujo producto era inferior ao da Martinica a ponto mesmo de cahir em desprezo.

Era provavelmente do mesmo teor a série das operações de beneficiamento dos primeiros annos da nossa lavoura no Brasil, onde tão tardiamente começou o reinado do café.

São muito interessantes os pormenores que sobre tal assumpto fornece acerca das bemfeitorias, as operações da manipulação do grão, os cuidados pela saúde dos escravos, etc.

Disposição na casa do Engenho.

Estando os cestos cheios, cada negro carrega o seu, e o despeja em especie de separações em forma de cofres praticados em os lados da casa e qualquer destes pode conter maior

quantidade de Café do que os pretos podem apanhar diariamente.

A noite fechada, ao depois da reza, se dispõem o numero de pretos necessarios para o passarem pelo Engenho. Bastão 7 e todas as noites ou serões, devem ser revesados ou substituidos por outro tantos, e no entretanto aquelles vão ás suas senzallas, dispor a comida, para os que ficão no trabalho de maneira que, estando este acabado, a achem feita totalmente.

As mulheres são ordinariamente incumbidas desta segunda parte. Desta sorte nenhum poderia queixar-se; e o trabalho se reparte redondamente de modo, que, em menos de hora e meia, toda a colheita do dia he passada pelo Engenho; e nisto consiste o trabalho peor de toda esta grangearia.

Como se passa o Café pelo Engenho.

Determinão-se dois pretos, para voltarem o Engenho da parte do rolo grande, e o terceiro, sómente da parte do pequeno. O 1.º, como o mais grosseiro, tem duas manivellas, e o pequeno só tem huma. Ha hum quarto escravo, posto no alto da tremonha, para dar de comer ao Engenho, e lhe vai botando o Café á medida que elle o vae engullindo.

Ainda se dá outro de mais e he o 5.º, o qual se põe por diante do Engenho, e recebe as cerejas cahidas em terra, as quaes elle tem cuidado de apartar com hum pequeno rodo, por ser preciso repassallas ainda outra vez, para as purgar dos restos dos Cafés escapados aos cylindros ou rolos. O resto dos dois negros, hum se occupa em lavar o Café á tremonha, e o outro a encher o cesto, que o 1.º ha de levar. Estes dois revezão de tempos em tempos os que estão no rolo grande, para descançarem, romando alternativamente o lugar, dos que entrão em seu lugar nos rolos, enchendo, e descarregando na tremonha.

O Café naturalmente se cobre de hum succo summamente glutinoso de maneira tal, que, ainda espremendo-se muito pouco, deixa a sua polpa com precipitação.

Este effeito fazem os rolos, junto dos quaes confusamente cahem polpa, e caroço sobre a peneira, especie de crivo feito de malhas de arame, em feição de gaiolas, proporcionadas á grossura do Café, o qual regulado pelo movimento da peneira, e do seu proprio grude, cahe atravez das malhas, emquanto o mesmo movimento favorecido por alguma inclinação que se dá á peneira, aremessa diante de si as cerejas, que sendo muito grossas para poder passar atravez das malhas,

cahem successivamente sobre o pequeno rolo, e estas cerejas passadas por hum e por outro cahem ao pé do Engenho pelo movimento da pequena peneira, da qual o pequeno rolo, tambem he provido.

Advertencias que se devem fazer.

Ao depois de algumas voltas do Engenho, cumpre examinar, se o Café está no seu ponto. Se o Engenho estiver muito apertado, o Café se esmaga precebendo-se logo pelo pergaminho, que se levantaria em escamas.

Este he hum signal certissimo de que o rolo está muito junto das gengivas da peça movediça; neste caso se haja de parar hum pouco, para lhe dar abertura por meio de cunhas de pau, que estão nas extremidades da peça movediça, e que servem de apertar, e de alargar o Engenho, conforme for necessario. Deve-se observar isto todas as vezes, que se pozer no Engenho; porque o Café não he sempre da mesma grossura.

Quando se tem achado hum ponto fixo, se continua o trabalho até que a caixa do Engenho esteja cheia, então se pára, e se vasa nas bacias, coches ou barricas, de que se usa. Assim se prossegue até o fim. Feito isto se repassão os mesmos fructos segunda vez, para acabar de os purgar do resto do Café, que ficou pegado, então se abre huma pequena porta, practicada defronte do Engenho, por onde as cerejas passão, quando cahem e que os negros arremessão a quatro passos de distancia, pelos não incommodar.

Deixa-se deste modo o Café toda a noite em bacia, mediante a qual se despega com facilidade da sua gomma, o que o dispõem muito melhor para a lavagem. Esta se faz á claridade da Lua ou á Luz de hum facho, huma hora antes de amanhecer.

O edificio do Engenho deve ser construido junto de algum ribeiro, para evitar a multiplicação de trabalhos; e se sirva então de num tanque de cantaria, podendo ser, no qual com hum rodo ou pá, se mexa para lhe despegar a parte visguenta. Alguns usão de huma especie de cocho, ou canoa; e aquelles, que não tem alguma das duas, se servem de se estar a mudar muitas vezes."

Adverte o autor quanto a insalubridade das operações do beneficiamento podia ser funesta á escravatura dos fazendeiros.

"Como todos somos interessados na conservação dos nossos escravos, e de que elles gozem de huma saude vigorosa,

tanto quanto está em nosso poder, he preciso ser cuidadoso de os defender das injurias do ar. As estações das colheitas são muito chuvosas, e mui cheias de orvalhos; por isso não ha Cafeseiro algum que não esteja ensopado até ás 8 e ás 9 horas do dia. Ora, sendo notorio que os escravos principião este trabalho ás 5 horas da manhã, serão todos os dias molhados, como os patos, o que não póde deixar de gerar diversas molestias perigosas, ou arriscadas, cujas consequencias podem vir a ser muito sérias. Para remediar estas sortes de inconvenientes, temos cuidado de os prover a todos (assim negros e negras) de boas casacas de panno grosso feitas na Bavaria, isto he dobrando-as nos peitos, e sobre as quaes pode a agua correr mas não penetrar. O que lhes serve de preservativo contra os catharros, defluxos e frialdades, a que elles são muito sujeitos, sem esta precaução.

Os engenhos dão hum trabalho, que lhes faz correr o suor em bicas; e se estando quentes, sahirem fóra, não escrupulizarão beber hum copo de agua, logo que a encontrem. Nada mais precisão para hum defluxo de peito. Para acautelar este accidente, dai-lhe hum bom copo de agua ardente da terra de que elles são muito amigos: com isto elles se vão contentes, e pelo maior interesse não beberão agua depois; pelo receio de não diminuir o ardor do licor, que os satisfaz, e que neste caso lhe he hum remedio soberano.

No tempo da colheita se necessita de toda a gente. Então não ha hum que seja demais. Hum escravo de menos no espaço de 15 dias sómente, faz hum objecto de 12 barris de Café em fructos, (que podem dar 200 arrateis de Café limpo) de menos pela ausencia de hum só escravo. Que será quando faltarem muitos? O café não espera pela nossa commodidade para amadurecer: segue sempre seu trilho. As chuvas o derribão, as correntezas os arrastão e levão após de si: e tudo isto he perda.

Precisa-se consequentemente aproveitar estes momentos preciosos. E por isso desprezar os escravos em taes apertos; desviallos tão desacertadamente não pode fazer conta alguma ao Granjeiro: seria fazer muito mal ao serviço. Ora, longe de os desviar deve diminuir a metade dos domesticos. Logo, que o Café estiver recolhido no armazem, estará seguro: emquanto porém estiver na arvore, estará sempre arriscado. Assim todo o Grangeiro sábio e avisado, que conhece os interesses, evita quanto pode tudo, o que se oppõe ao adiantamento da sua colheita."

Taes os conselhos e advertencias que Frei Velloso minis-

trava ao grangeiro da lavoura incipiente do café em seu paiz annexando ás memorias traduzidas de francezes e inglezes as estampas que as illustravam, reproduzindo a feição do machinario rude onde se preparava o grão arabico.

E foram estas estampas que aos brasileiros trouxeram a suggestão dos primeiros apparelhos para o beneficiamento do café a machina.

Mas tudo isto occorreria muito lentamente.

Indice

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

CAPITULO XVI

CAPITULO XVII

CAPITULO XVIII

CAPITULO XIX

CAPITULO XX

CAPITULO XXI

CAPITULO XXII

CAPITULO XXIII

CAPITULO XXIV

CAPITULO XXV

CAPITULO XXVI

CAPITULO XXVII

CAPITULO XXVIII

CAPITULO XXIX

CAPITULO XXX

CAPITULO XXXI

CAPITULO XXXII

CAPITULO XXXIII

CAPITULO XXXIV

CAPITULO XXXV

CAPITULO XXXVI

CAPITULO XXXVII

CAPITULO XXXVIII

CAPITULO XXXIX

CAPITULO XL

CAPITULO XLI

CAPITULO XLII

CAPITULO XLIII

CAPITULO XLIV

CAPITULO XLV

CAPITULO XLVI

Impresso nas Officinas Graphicas dos IRMÃOS PONGETTI — Rio de Janeiro